UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

PRISCILA HELENA BELPIEDE SIMÕES

Processos comunicacionais em instituições de ensino superior: o caso UniRadial - Estácio

São Paulo

2010

PRISCILA HELENA BELPIEDE SIMÕES

Processos Comunicacionais em Instituições de Ensino Superior: o caso UniRadial - Estácio

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Interfaces Sociais da Comunicação
Linha de pesquisa: Educomunicação
Orientador: Prof. Dr. Adilson O. Citelli

São Paulo

2010

Nome: SIMÕES, Priscila Helena Belpiede

Título: Processos comunicacionais em instituições educativas de nível superior: o caso do Centro Universitário Radial - Estácio

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Interfaces Sociais da Comunicação
Linha de pesquisa: Educomunicação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a)_____Instituição:_____
Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a)_____Instituição:_____
Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a)_____Instituição:_____
Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a)_____Instituição:_____
Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a)_____Instituição:_____
Julgamento:_____ Assinatura:_____

Ao Fabiano, Ana e André, pelos diferentes tipos de amor, carinho, inspiração e sentido que cada um dá para mim e para a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Meu sincero agradecimento ao Professor Dr. Adilson Odair Citelli, cuja orientação cuidadosa, paciente e sempre prestativa foi fundamental para que eu conseguisse chegar a esta versão final.

Quero agradecer também à Professora Dra. Maria Aparecida Baccega e ao Professor Dr. Nilson Machado, de quem recebi valiosas sugestões e críticas na qualificação desta tese, que trouxeram novas abordagens para a continuidade da pesquisa.

A elaboração desta tese foi estimulante, mas ainda assim difícil e um processo até mesmo doloroso. Nada disso teria sido possível sem o apoio, estímulo e auxílio de meu marido, Fabiano Andrade Curi. Ele foi um atento e paciente leitor e revisor deste trabalho, em todas as suas fases, sempre contribuindo com sugestões, dicas, críticas e indicações bibliográficas. Mas mais do que isso, minha grande dívida com Fabiano está na sua determinação de não me permitir desistir nunca.

Gostaria de agradecer também ao meu pai, Waldocyr Simões, que conseguiu fazer comigo aquilo que eu espero ser capaz de um dia fazer com os meus filhos: me ensinou pelo seu exemplo de vida as dificuldades, os prazeres e o valor do estudo de forma geral e de um trabalho desta natureza em particular.

Tenho uma profunda dívida para com Ibrahim David Curi Neto, ex-mantenedor do Centro Universitário Radial, que meu deu grandes oportunidades profissionais quando eu era bastante jovem e permitiu que eu realizasse o estudo de caso na instituição que era sua no início do meu doutorado e já não era mais quando eu terminei. Ao longo de anos de convívio, Ibrahim foi uma fonte de inspiração, um professor e um amigo. Sem ter tido a experiência profissional dentro desta instituição de ensino e a convivência com ele, provavelmente jamais teria desenvolvido este trabalho.

Agradeço ainda Adelia Franceschini, Danilo e Cristina pela ajuda nas entrevistas em profundidade e Maria Lúcia Rossi, por ter me auxiliado emocionalmente em momentos muito difíceis, que coincidiram com a elaboração propriamente dita da tese. Obrigada também a todos que participaram, ainda que indiretamente, deste trabalho: minha mãe, minha sogra, familiares, amigos, colegas de trabalho. Márcia Dias Pereira e Cleide de Oliveira Batista merecem uma menção especial, pois construíram para mim uma rede de suporte doméstica que me permitiu ficar quase que totalmente dedicada à redação final desta tese nos últimos meses.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizandos ou participantes de cursos universitários; se alunos de escola de primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito em troca.

Paulo Freire

RESUMO

Em uma sociedade fortemente marcada pelos meios de comunicação e pelas transformações impostas pelo fenômeno da globalização, o setor educacional também passa por desafios e mudanças profundas. No Brasil, especialmente nos últimos 15 anos, o ensino superior viveu um período de enorme expansão, com a abertura de instituições de ensino, oferta de cursos em diferentes modalidades e o ingresso de um contingente da população que até então estava excluído das universidades. A maior parte das matrículas está concentrada em cursos noturnos oferecidos por instituições de ensino particulares, muitas delas configuradas como grandes grupos educacionais, com caráter marcadamente mercantil. Este trabalho se propõe a investigar o perfil sócio-econômico e cultural dos alunos de uma dessas instituições, seu universo de representações simbólicas, bem como o consumo e uso que fazem das mídias. Tem como objetivo, ainda, avaliar a correlação entre as mudanças nos padrões sociais dos estudantes e transformações em relação ao consumo de mídia e às formas de acesso à informação e ao conhecimento. O recorte escolhido para fixar essas questões se realiza dentro dos limites da perspectiva comunicação-cultura-educação. O estudo de caso foi realizado no Centro Universitário Radial, pertencente ao grupo Estácio Participações. Além de utilizar números do IBGE, MEC e outros centros de pesquisa, aplicamos uma pesquisa de campo com dois procedimentos: um formulário com questões de múltipla escolha foi respondido por 2.263 alunos e realizamos entrevistas em profundidade, individuais, com dez estudantes. Os resultados apontam que o aluno da UniRadial-Estácio é claramente oriundo das classes populares, reside em áreas periféricas da região metropolitana de São Paulo e reconfigura parte de sua identidade a partir de seu ingresso no ensino superior e do valor simbólico que tal fato tem para ele e sua família, especialmente por pertencer à primeira geração, em seu âmbito familiar, que teve acesso a um curso superior. Ele mantém uma relação paradoxal com a instituição de ensino em questão, que envolve valor de troca e utilitário, mas não se esgota na dimensão do consumo. É também um estudante imerso na sociedade contemporânea, marcada pela forte presença da mídia. Sendo assim, ele consome veículos de comunicação impressa, lê livros, assiste televisão, mas principalmente e, sobretudo, utiliza a internet como meio de comunicação, socialização e veículo de acesso à informação e ao conhecimento. No que tange à instituição de ensino, verificamos que ela incorporou, de algumas formas, o uso da tecnologia e dos meios de comunicação em suas práticas pedagógicas. No entanto, essa incorporação se deu dentro de um contexto meramente operatório, instrumental ou então – especificamente quando tratamos das aulas a distância via *web* – dentro de uma lógica mercantil. Tal uso provoca forte rejeição nos estudantes o que demonstra que as relações do uso da tecnologia e/ou meios de comunicação dentro e fora do ambiente escolar não são nada mecânicas ou automáticas. Isto é, não é porque o estudante utiliza com frequência determinada mídia, que sua mera inclusão no contexto educacional se fará eficaz do ponto de vista do ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino superior, ensino privado, comunicação e educação, consumo, identidade, cultura, mídias, internet.

ABSTRACT

In a society strongly marked by the media and the changes wrought by globalization, the education sector is also undergoing profound changes and challenges. In Brazil, especially in the last 15 years, higher education experienced a period of huge expansion with the opening of educational institutions, offering courses in different modalities and the entry of a contingent of people who previously were excluded from universities. Most enrollment is concentrated in evening courses offered by private educational institutions, many of them set to large educational groups, with markedly mercantile character. This work aims to investigate the socio-economic and cultural profile of students of a higher education institution, their universe of symbolic representations, and the consumption and use they make of the media. The research wants also to evaluate the correlation between changes in social patterns of students and changes in relation to consumption of media and forms of access to information and knowledge. The questions are analyzed within the limits of a perspective which involves education-culture-communication. The case study was conducted in the Centro Universitário Radial, belonging to the group Estácio Participações. Besides using figures from the IBGE, MEC and other research centers, we apply a field survey with two procedures: a form with multiple choice questions was answered by 2263 students and we also conducted interviews, individually, with ten students. The results indicate that the students' UniRadial-Estácio are clearly coming from the lower classes, living in peripheral areas of metropolitan São Paulo and reconfigure part of their identity from their entry to higher education and the symbolic value that this fact has to them and their families, especially for belonging to the first generation in their family relations, which had access to a university. They maintain a paradoxical relationship with the institution in question, which involves exchange value and utility, but is not limited in the realm of consumption. It is also a student immersed in contemporary society, marked by a strong media presence. Thus, they consume the media printed, read books, watch television, but primarily and above all use the internet as a means of communication, socialization and vehicle access to information and knowledge. Regarding the educational institution, we found that it incorporated in some ways, the use of technology and media in their teaching practice. However, this incorporation took place within a context merely operative, instrumental or so - especially when we deal with distance education via web - in a market logic. Such use leads to strong rejection among students which demonstrates that the relationship of technology or media use inside and outside of school is nothing mechanical or automatic. That is, not because the student often uses certain media, that its mere inclusion in the educational context will make it effective from the point of view of teaching and learning.

Key words: Higher education, private education, communication and education, consumption, identity, culture, media, internet.

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E FIGURAS

Gráficos

Gráfico 1 Estimativa dos investimentos do Ministério da Educação nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil.....48

Gráfico 2 Estimativa do crescimento do número de vagas nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil.....49

Gráfico 3 Matrículas projetadas em cursos noturnos de graduação presencial nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil.....50

Gráfico 4 Projeção do número de cursos noturnos nas universidades federais na graduação presencial com a adoção do Reuni – Brasil.....50

Gráfico 5 Estimativa do acréscimo de docentes nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil.....51

Gráfico 6 Número de matrículas no ensino superior em 2004 – Brasil e outros países.....69

Gráfico 7 PIB per capita versus taxa de escolarização bruta – Brasil e outros países....69

Gráfico 8 Taxa bruta de matrícula no ensino superior em 2004 – Brasil e outros países.....69

Gráfico 9 Evolução do número de instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008.....70

Gráfico 10 Distribuição percentual das instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 2008.....71

Gráfico 11 Distribuição do número de Instituições de ensino superior, segundo o número de alunos matriculados – Brasil – 2007.....71

Gráfico 12 Distribuição do número de instituições de ensino superior, segundo a organização acadêmica – Brasil – 2008.....72

Gráfico 13 Evolução do número de matrículas no ensino superior (presencial + EAD), segundo a categoria administrativa – Brasil – 1997 a 2008.....75

Gráfico 14 Evolução do número de matrículas no ensino superior presencial, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008.....75

Gráfico 15 Distribuição das matrículas no ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 2008.....76

Gráfico 16 Evolução das matrículas, segundo a modalidade de ensino – Brasil – 2002 a 2008.....88

Gráfico 17 Distribuição das matrículas, segundo a modalidade de ensino – Brasil – 2008.....89

Gráfico 18 Evolução das matrículas no Ensino a Distância – Brasil – 2000 a 2008.....89

Gráfico 19 Distribuição da população brasileira por classes econômicas – Brasil – 2005 a 2009.....90

Gráfico 20 Comparativo gráfico do perfil de renda do estudante do ensino superior privado – Brasil – 2004 e 2008.....112

Gráfico 21 Evolução do valor médio das mensalidades no ensino superior privado – Brasil – 1999 a 2009.....115

Gráfico 22 Renda própria dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....117

Gráfico 23 Renda familiar dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....117

Gráfico 24 Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que exercem alguma atividade remunerada – 2008.....119

Gráfico 25 Jornada de trabalho dos alunos da UniRadial-Estácio que exercem alguma atividade remunerada – 2008.....119

Gráfico 26 Como os alunos da UniRadial-Estácio se mantêm durante o curso – 2008.....120

Gráfico 27 Participação dos alunos da UniRadial-Estácio na vida econômica familiar – 2008.....121

Gráfico 28 Evolução das matrículas no turno noturno – Brasil – 1996 a 2008.....122

Gráfico 29 Faixa etária dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....123

Gráfico 30 Categoria administrativa das escolas de ensino médio cursadas pelos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....124

Gráfico 31 Modalidade de ensino médio cursado pelos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....125

Gráfico 32 Evolução da taxa de evasão no ensino superior – Brasil – 2000 a 2008.....125

Gráfico 33 Escolaridade dos pais dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....126

Gráfico 34 Aumento salarial para trabalhadores com diploma superior – Brasil e outros países.....130

Gráfico 35 Motivos que levaram os alunos a escolher a UniRadial-Estácio – 2008.....155

Gráfico 36 Onde residem os alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....159

Gráfico 37 Principais locais de acesso de usuários de internet – Brasil – 2005 e 2008...176

Gráfico 38 Finalidades de acesso de usuários de internet – Brasil – 2005 e 2008.....177

Gráfico 39 Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que possui computador em casa – 2008.....178

Gráfico 40 Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que usa computador – 2008.....180

Gráfico 41 Onde os alunos da UniRadial-Estácio usam computador – 2008.....181

Gráfico 42 Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que tem acesso à internet – 2008.....181

Gráfico 43 Finalidades de acesso de alunos da UniRadial-Estácio ao usar a internet – 2008.....183

Gráfico 44 Portais nos quais os alunos da UniRadial-Estácio navegam na internet – 2008.....186

Gráfico 45 Tempo de navegação na internet, por dia, dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....187

Gráfico 46 Meio mais utilizado pelos alunos da UniRadial-Estácio para se manterem informados – 2008.....191

Gráfico 47 Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que tem o hábito de ler notícias na internet – 2008.....196

Gráfico 48 Tipo de programação preferida na TV dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....197

Gráfico 49 Frequência com que os alunos da UniRadial-Estácio lêem jornais e revistas – 2008.....197

Gráfico 50 Quantos livros os alunos da UniRadial-Estácio leram nos últimos 12 meses – 2008.....199

Tabelas

Tabela 1 Número de instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 2006 a 2008.....63

Tabela 2 Evolução do número de instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008.....70

Tabela 3 Ranking dos principais grupos do ensino superior privado no Brasil – 2008.....74

Tabela 4 Evolução do número de matrículas no ensino superior presencial, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008.....76

Tabela 5 Comparativo do número de alunos, em cursos presenciais, segundo a organização acadêmica – Brasil – 2000 e 2008.....85

Tabela 6 Evolução das matrículas, segundo a modalidade de ensino – Brasil – 2002 a 2008.....88

Tabela 7 Investimentos do setor público e faturamento do setor privado nos diferentes níveis de ensino – Brasil – 2004.....94

Tabela 8 Número de alunos participantes da pesquisa quantitativa do estudo de caso, por campus.....101

Tabela 9 Número de alunos participantes da pesquisa quantitativa do estudo de caso, por curso.....101

Tabela 10 Alunos participantes da pesquisa qualitativa do estudo de caso, por idade, gênero, curso, campus e semestre.....103

Tabela 11 Comparativo do perfil de renda do estudante do ensino superior privado – Brasil – 2004 e 2008.....112

Tabela 12 Comparativo da classificação econômica do estudante do ensino superior privado – Brasil – 2004 e 2008.....114

Tabela 13 Evolução das matrículas no turno noturno – Brasil – 1996 a 2008.....122

Tabela 14 Acesso à internet por unidade da federação – Brasil – 2005 e 2008.....175

Tabela 15 As atividades de lazer preferidas dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008.....195

Figuras

Figura 1 Foto da fachada da casa do Entrevistado 1.....160

Figura 2 Foto da fachada dacasa do Entrevistado 2.....161

Figura 3 Foto da fachada dacasa do Entrevistado 6.....161

Figura 4 Foto do corredor de acesso à casa do Entrevistado 10.....162

Figura 5 Foto da entrada da casa do Entrevistado 10.....162

Figura 6 Foto do Entrevistado 1 com o computador em sua casa.....180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Banco Interamericano para o Desenvolvimento
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BM	Banco Mundial
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPC	Conceito Preliminar de Curso
EAD	Ensino a distância
Enade	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FMI	Fundo Monetário Internacionao
FPA	Fundação Padre Anchieta
Fundap	Fundação do Desenvolvimento Administrativo Paulista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDESP	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
IES	Instituição de Ensino Superior
IGC	Índice Geral de Cursos
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério de Educação
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
PAC	Plano de Aceleração do Crescimento
PIA	População em Idade Ativa
PNE	Plano Nacional de Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Prouni	Programa Universidade para Todos
Rais	Relação Anual de Informações Sociais
Reuni	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
Saresp	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
UAB	Sistema Universidade Aberta do Brasil
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

SUMÁRIO

Introdução..... 15

Capítulo 1 – Contornos da sociedade contemporânea: globalização e transformações na esfera da comunicação..... 22

Capítulo 2 – Mudanças recentes no ensino superior brasileiro..... 41

2.1. As crises e transformações no setor público.....44

2.2. As crises e transformações no setor privado.....58

2.3. Raízes históricas e a atual configuração do ensino superior no Brasil.....63

2.4. Novas modalidades de ensino e ascensão social no Brasil.....86

Capítulo 3 – O perfil dos novos alunos: o caso do Centro Universitário Radial-Estácio..... 98

3.1. Educação, consumo e identidade.....132

3.2. Os lugares e não-lugares na metrópole.....155

Capítulo 4 – Comunicação, educação e os hábitos dos alunos em relação ao uso e consumo de mídia..... 164

Capítulo 5 – Práticas pedagógicas e o encontro entre Comunicação e Educação..... 206

5.1. Internet e EAD na UniRadial-Estácio.....216

Conclusão..... 229

Referências Bibliográficas..... 232

Anexos..... 239

Introdução

Ao longo de século XX, sobretudo a partir da segunda metade, o sistema de ensino escolar brasileiro passou por transformações motivadas por alterações no modelo de desenvolvimento adotado pelo país, por pressões de organismos financeiros internacionais e, principalmente, pela mobilização social em torno do direito à educação.

Marcadas por diferenças de natureza ideológica, tensões e conflitos de interesses entre diferentes segmentos, estas alterações resultaram na ampliação do acesso das camadas populares à escola pública no ensino básico, de um lado, e na forte expansão do ensino superior privado, de outro. O predomínio do setor particular na educação superior tem sido caracterizado por intensa polêmica no que se refere à qualidade do ensino ofertado pela maioria das instituições, assim como pela discussão em relação ao acesso, democratização e equidade referentes às universidades e faculdades, tanto públicas quanto particulares.

Segundo dados do Censo do Ensino Superior[1], realizado pelo MEC/Inep, em 2008, dos 5,8 milhões de alunos na graduação, cerca de 4,2 milhões (73%) estavam estudando em instituições privadas. Os outros 1,6 milhão (27%) dividiam-se em faculdades ou universidades municipais, estaduais e federais.

Em 1980, as matrículas na educação superior no Brasil somavam 1,3 milhão de alunos. Até a virada do milênio, conforme dados do Censo, tal número quase dobraria, atingindo 2,6 milhões de matriculados. Considerando-se a última estatística disponível (2008), há 5.808.017 estudantes matriculados. Ou seja, tomando somente o intervalo de oito anos, entre 2000 e 2008, houve um aumento de 125% das matrículas.

Os números do Inep demonstram também que a expansão do ensino superior se deu com maior intensidade no período noturno. Além de ser o segmento que mais cresce, o ensino superior privado também é o que mais oferece vagas no período noturno. Isso quer dizer que, provavelmente, é o

[1] O Censo da Educação Superior é realizado anualmente pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão do Ministério da Educação. A edição de 2008 foi feita com base em informações coletadas entre os dias 25 de março e 12 de junho de 2009, mas com dados referentes ao ano anterior.

setor que mais atrai alunos trabalhadores, que só têm possibilidade de estudar à noite, financiando o próprio curso com o salário que obtêm do trabalho que exercem durante o dia. Ou seja, trata-se de estudantes de baixa renda.

Esse enorme crescimento do ensino superior brasileiro se deu ao mesmo tempo em que se consolidava aquela que alguns teóricos chamam de "sociedade da informação". Ainda que o termo esteja carregado de certo lugar comum, o conceito, que será tratado no primeiro capítulo deste trabalho, é demarcador de um certo estágio do desenvolvimento dos instrumentos de produção. Segundo Citelli (2001), esta sociedade possui alcance transterritorial, capacidade de redução do tempo de tráfego das ocorrências, permanência e imaterialidade.

A sociedade contemporânea apresenta acelerado desenvolvimento tecnológico, alta intensidade de reformulação de processos, mudanças sociais e econômicas profundas e rápidas, variedade e instabilidade de conjunturas. É também marcada pelo fenômeno da globalização, que põe em copresença as questões mais diversas, que antes eram trabalhadas em espaços geográficos e conceituais distintos, reconfigura o papel do Estado e desloca também as identidades pessoais. Dessa forma, são solicitados novos desempenhos, reajustes frequentes de atitudes e comportamentos, flexibilidade de percepção, novas articulações de capacidades intelectuais, afetivas e sociais. Há também uma ampliação de acesso e de circulação de informações e do conhecimento[2].

[2] Embora em outro momento desta tese iremos discutir com mais vagar diferentes concepções de conhecimento, cabe já esclarecer que, ao utilizar os termos "conhecimento" e "informação" estamos trabalhando com o conceito cunhado por Nilson Machado (2000) a partir da pirâmide informacional elaborada por Jéquier e Dedijer (1987). De acordo com Machado (2000), na base da pirâmide estão os dados (qualitativos ou quantitativos). Um nível acima localizam-se as informações. Para que os dados transformem-se em informações é necessário pessoas interessadas, que os organizem e lhes atribuam significado. Dessa forma, informações já são dados analisados, processados, inicialmente articulados, constituindo um segundo nível da pirâmide. O nível seguinte é o do conhecimento, que está relacionado à compreensão e à construção de significados. Ou seja, o nível do conhecimento tem a ver com a capacidade de estabelecer conexões entre elementos informacionais aparentemente desconexos, processar informações, analisá-las, relacioná-las, armazená-las, avaliá-las segundo critérios de relevância, organizá-las em sistemas, teorias. Finalmente no topo da pirâmide está o nível da inteligência. Este último nível representa a competência para administrar conhecimentos disponíveis, construir novos conhecimentos, administrar dados ou informações disponíveis, organizar-se para produzir novos dados e informações, sempre em razão de uma ação intencional tendo em vista a realização de um projeto. Ou seja, a inteligência encontra-se diretamente associada à capacidade de ter projetos; a partir deles, dados, informações, conhecimentos são mobilizados ou produzidos. É nesse sentido que podemos dizer que a inteligência é aquilo que define o ser humano, já que diversos animais criam ou produzem muitas coisas (teia, mel, etc.), mas não elaboram projetos. O processo cognitivo, de acordo com o autor, caracteriza-se

De acordo com Braga e Calazans (2001) o sistema escolar, embora longamente sistematizado e experimentado, encontra-se, durante todo o século XX, em períodos de grandes mudanças, solicitadas não só pelos avanços tecnológicos, pela acessibilidade geral das tecnologias de registro de som e imagem, pela informatização acelerada dos processos e pelo aparecimento das redes telemáticas, mas também pela situação econômico-social e cultural da sociedade contemporânea e pelos novos ritmos ditados por ela. A escola sofre ao mesmo tempo a concorrência e a fascinação da comunicação social geral.

No mundo "informacional" e globalizado no qual vivemos, a comunicação não só permeia todo o espaço social e cultural como é colocada como algo que é o próprio cerne da sociedade contemporânea. Na era dos *desktops*, *laptops*, dispositivos eletrônicos e celulares que cabem na palma da mão, todos interligados em redes telemáticas e também com a consolidação e expansão da internet, formam-se verdadeiros ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos. Nesses ecossistemas, novos meios, como a internet, não substituem os antigos, como a televisão. Eles coexistem, combinados às diversas tecnologias videoeletrônicas e digitais, conformando ou não convergências em sentido estrito (OROZCO GÓMEZ, 2006).

Essas mudanças no campo da comunicação exigem também desenvolver novas teorias e práticas no campo da Educação. Citelli (2000) afirma que a familiaridade com os recursos comunicacionais e com as mensagens emitidas por eles – frequentemente voláteis e fragmentadas – gera nas crianças e jovens adultos um novo *sensorium*, ou seja, uma nova forma de apreensão e convivência com os eventos, informações e até mesmo com o conhecimento.

Nesse contexto, os nexos comunicação-educação começam a ser tratados como objetos de estudos acadêmicos e experiências aplicadas em escolas, visto que as "escolas paralelas" pressionam as instituições educativas, requisitando práticas e visões diferenciadas do que é tradicionalmente realizado nesses ambientes (CITELLI, 2000).

---

por um movimento de ir-e-vir entre os diversos níveis da pirâmide. O conhecimento, na perspectiva de Machado (2000) é concebido como uma rede de significados em um espaço de representações.

As profundas modificações políticas, econômicas, sociais e tecnológicas da sociedade contemporânea provocaram, entre outras consequências, importantes transformações também no sistema educacional, no lugar social ocupado pela escola e também nas concepções de conhecimento. Orozco Gómez (2006) afirma que determinados critérios que enquadram o conhecimento, tanto do ponto de vista da produção quanto de circulação e consumo, estão se dissolvendo.

Além disso, nesta sociedade, o conhecimento transforma-se também em um elemento estratégico nas disputas e concorrências entre empresas e até mesmo entre países na lógica neoliberal. Aparici (1999) ressalta que a escola é forçada a operar com critérios baseados em competitividade, rendimento e rentabilidade para ser adequada aos planejamentos economicistas que caracterizam o mercado mundial. O predomínio desses critérios sobre outros traz a um segundo plano os aspectos sociais, culturais e humanos, levando as instituições escolares a buscarem um tipo de formação que resultaria em indivíduos competitivos, eficazes e rentáveis.

O conhecimento passa também a ser um bem de consumo desejado pelas classes populares. Nesse contexto, fica claro que o ensino – e em especial o ensino superior – transforma-se em importante elemento de ascensão social.

Além do plano objetivo, ou seja, aquele em que a ascensão social pode ser numericamente comprovada no que se refere a aumento de emprego ou renda ligado aos anos de escolaridade, há também um plano simbólico, altamente significativo, relacionado ao ingresso no ensino superior.

Diante dessas questões, faremos aqui um estudo de caso em uma instituição de ensino privada da cidade de São Paulo: o Centro Universitário Radial, que faz parte do grupo Estácio Participações. A “problemática” a ser levantada aqui está ligada ao perfil desses alunos e em que medida este perfil dita hábitos de consumo de mídia e formas de acesso à informação e ao conhecimento. Esse trabalho se propõe a realizar uma investigação sobre as questões culturais, educacionais e do universo da comunicação e representações simbólicas que cercam esses estudantes, na chamada “sociedade da informação” e da globalização. O recorte escolhido para fixar tais questões é o campo da intersecção da Comunicação e da Educação.

A pergunta sobre quem é, de fato, este aluno ainda parece estar em aberto, bem como sua cultura, hábitos, sonhos, desejos e se ele traz consigo novas formas de aprender e ver o mundo, influenciadas, também, pelo consumo de mídia que faz. Nesse contexto, é possível repensar as práticas educativas em função do perfil, da cultura e, ainda, dos hábitos de consumo de mídia dos estudantes. Evidentemente que tais perguntas e suas respostas estarão restritas à amostra escolhida para este trabalho e não abrangem a totalidade dos estudantes brasileiros matriculados em diferentes instituições de ensino superior no país.

A proposta aqui é que este estudo se afaste do moralismo ou do culturalismo que enxergam no popular algo menor e alienador ou então belo, quando autêntico. O fundamental é sua representatividade sociocultural. Como atesta Martín-Barbero (2001, p. 117), o importante é saber como são as estratégias com as quais as classes populares filtram e reorganizam o que decorre da cultura hegemônica e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica.

Este trabalho identifica o surgimento de um determinado tipo de aluno nas instituições de ensino superior privadas. Aluno esse que tem carências no que se refere à sua formação e tem, também, demandas, tanto do ponto de vista social quanto simbólico. Esta pesquisa poderia trazer contribuições, em futuros estudos, para a construção de mecanismos educativas estreitamente ligados ao universo da comunicação, de modo a lidar com as carências e demandas com estudantes de perfil similar.

No primeiro capítulo faremos uma análise de alguns pontos da sociedade contemporânea, considerando as transformações estruturais provocadas pelo fenômeno da globalização, não apenas do ponto de vista econômico, mas principalmente cultural, que a caracterizam como uma sociedade complexa e dialética, impregnada por uma “nova cultura”, centrada nas tecnologias da informação e intensificada pelo aparecimento e consolidação das redes telemáticas e da emergência de dispositivos móveis. Esses fenômenos provocam transformações no sistema social como um todo, assim como nas organizações que fazem parte dele, como as instituições de ensino e também nos indivíduos.

No segundo capítulo iremos apresentar a atual configuração da educação superior brasileira, destacando algumas de suas raízes históricas. Ainda nesse espaço, iremos relacionar as reformas de Estado com as mais recentes mudanças ocorridas no ensino superior, bem como o papel que os órgãos multilaterais (OMC, BM, FMI, etc.) tiveram nessas transformações. Destacaremos as diferenciações entre o ensino público e o privado, em suas crises e alterações e trataremos também da entrada nesse segmento de um número muito maior de alunos do que o existente há pouco mais de uma década e que estiveram historicamente excluídos do ensino superior.

No capítulo 3 será feita uma análise deste "novo aluno" a partir de dados referentes à sua renda, renda familiar, moradia, expectativas, escolaridade própria anterior e escolaridade dos pais. Serão abordados também seus hábitos de consumo, cabendo uma reflexão sobre o consumo do próprio curso superior, um bem que é ao mesmo tempo cultural, simbólico, mas também se materializa em um diploma que tem importância essencial para a inserção e manutenção dos estudantes no mercado de trabalho e para sua ascensão social. A análise desse perfil será feita a partir de uma pesquisa de campo com alunos do Centro Universitário Radial, instituição de ensino privada que pertence ao grupo Estácio Participações, uma das maiores redes de educação superior particular do país, em número de alunos matriculados. Os dados da pesquisa de campo serão combinados a outros mais gerais, coletados pelo Inep/MEC, pelo IBGE e por pesquisas aplicadas por institutos e consultorias especializas no Ensino Superior, como a Hoper Estudos de Mercado.

A pesquisa de campo realizada na instituição em tela se desdobra em dois procedimentos. O primeiro, consiste em sua parte quantitativa, na qual foram aplicados formulários com questões de múltipla escolha a 2.263 alunos que estavam se matriculando na instituição em janeiro de 2008. Eram ingressantes de 21 cursos de graduação, estudantes de seis campi, dos períodos diurno e noturno. O segundo procedimento consistiu em entrevistas em profundidade, não diretivas, gravadas, feitas com dez estudantes, a fim de colher dados qualitativos desses alunos e aprofundar questões que surgiram no questionário quantitativo. As entrevistas foram realizadas nas residências dos alunos, com base em um roteiro pré-estabelecido. Fizemos, ainda,

registros fotográficos dos estudantes em suas casas, da fachada de suas residências, de seus locais de estudo.

Parte do resultado dos dois procedimentos de coleta está no capítulo três e outra parte compõe o quarto capítulo. O terceiro capítulo circunscreve o estudante em um determinado quadro no que tange aos aspectos sócio-econômicos, como também de mecanismos de representação e de seu universo simbólico. Pondera, ainda, acerca das relações dialéticas e paradoxais que envolvem questões de identidade e de consumo relacionadas ao ingresso no ensino superior. Já o quarto capítulo concentra-se nos hábitos, usos e consumo de mídia dos estudantes, bem como nas formas de acesso à informação e ao conhecimento.

Finalmente, no quinto e último capítulo, a partir de todo o perfil e análise realizados nas partes anteriores a esta, questionamos de que forma os hábitos de consumo e uso de mídia desses estudantes rebate nas práticas educativas vigentes na instituição em que estão estudando. Procuramos verificar se seu perfil cultural, social e de consumo de mídia e tecnologia encontra ressonância nas atividades acadêmicas realizadas na UniRadial-Estácio. Verificaremos como a instituição faz uso dos meios de comunicação e nas novas tecnologias de informação, especialmente nos que se refere às práticas do ensino a distância, no sentido de questionar se as relações entre a Comunicação e Educação podem permitir algum “ganho” para este aluno. Acreditamos que a partir de tal reflexão, esta e outras instituições de ensino superior têm a possibilidade de reoganizar suas práticas lançando mão de recursos comunicacionais e midiáticos ou reavaliar o uso que já fazem deles.

Capítulo 1

Contornos da sociedade contemporânea: globalização e transformações na esfera da comunicação

O objetivo deste capítulo é analisar alguns aspectos da sociedade contemporânea, a fim de debater sob quais formas e foros culturais esta sociedade é vivida, vivenciada, socialmente percebida e praticada. Para tanto, serão consideradas as transformações estruturais provocadas pelo fenômeno da globalização, não só do ponto de vista econômico, mas principalmente cultural, que a torna complexa e dialética, impregnada por uma cultura centrada nas tecnologias da informação e intensificada pela emergência das redes telemáticas e de novas tecnologias de comunicação, especialmente os dispositivos móveis, como celulares e *netbooks*. Esses fenômenos provocam mudanças no nível macro (sistema social como um todo), no nível micro (incluindo aí as organizações e instituições escolares brasileiras) e no ser humano, individualmente.

Nesse contexto, cabe lembrar as reflexões que Agnes Heller (2000) faz das relações entre indivíduo e sociedade e entre indivíduo e grupo. Segundo a autora, a individualidade humana não é simplesmente uma “singularidade”, já que todo homem é individual-particular e, ao mesmo tempo, um ente humano-genérico. O humano-genérico é representado para o indivíduo como algo dado fora de si mesmo, primeiramente através da comunidade e, em um segundo momento, também por meio dos costumes e das exigências morais da sociedade em seu conjunto.

> O homem torna-se indivíduo na medida em que produz uma síntese em seu Eu, em que transforma conscientemente os objetivos e aspirações sociais em objetivos e aspirações particulares de si mesmo e em que, desse modo, “socializa” sua particularidade. (HELLER, 2000, p. 80)

Daí o fato de as mudanças sociais estruturais que serão discutidas a seguir refletirem tanto no âmbito social mais amplo como também nos indivíduos em particular.

Desde meados da década de 1980, o termo “globalização” se tornou largamente utilizado, adquirindo a aura de um novo paradigma. Ele aparece com frequência nos meios de comunicação, no mundo dos negócios, em círculos financeiros e intelectuais, refletindo uma percepção de que as novas tecnologias de comunicação “encolheram” o mundo e de que nas últimas décadas – especialmente após o colapso da União Soviética e da consolidação mundial do neoliberalismo – houve um rápido e crescente movimento de interdependência política e econômica entre as nações. Todos esses processos juntos parecem deixar confusa a rigorosa separação que havia até então entre as questões internas e externas, o campo nacional e internacional, o local e o global.

Entretanto, o uso comum do termo dificilmente dá conta de seus múltiplos significados e diferentes abordagens. Como afirmam Held e McGrew (2001), não existe uma definição única e universalmente aceita para a globalização:

> Como acontece com todos os conceitos nucleares das ciências sociais, seu sentido exato é contestável. A globalização tem sido diversamente concebida como ação a distância (quando os atos dos agentes sociais de um lugar podem ter consequências significativas para “terceiros distantes”); como compressão espaço-temporal (numa referência ao modo como a comunicação eletrônica instantânea vem desgastando as limitações da distância e do tempo na organização e na interação sociais); como interdependência acelerada (entendida como a intensificação do entrelaçamento entre economias e sociedades nacionais, de tal modo que os acontecimentos de um país têm impacto direto em outros); como um mundo em processo de encolhimento (erosão das fronteiras e das barreiras geográficas à atividade socioeconômica); e, entre outros conceitos, como integração global, reordenação das relações de poder inter-regionais, consciência da situação global e intensificação da interligação inter-regional. (HELD; McGREW, 2001, p. 11)

De acordo com McGREW (1996), o conceito se refere a uma multiplicidade de ligações e interconexões que transcendem os Estados-Nações (e, por implicação, suas sociedades) que compõem o moderno sistema político, econômico e cultural da maior parte do mundo.

Santos (2005b) chega até mesmo a afirmar que o termo só deveria ser utilizado no plural, uma vez que, aquilo que habitualmente designamos por

globalização são, na realidade, conjuntos diferenciados de relações sociais e estas, por sua vez, dão origem a diferentes fenômenos de globalização. Na tentativa de fugir das abstrações redutoras na análise do fenômeno da globalização, Santos (2005b) propõe o conceito de “sistema mundial em transição”, já que coexistem atualmente o sistema mundial velho, em processo de profunda transformação, e um conjunto de realidades emergentes. De acordo com ele, esse sistema é constituído por três constelações de práticas coletivas: as práticas interestatais, as práticas capitalistas globais e as práticas sociais e culturais transnacionais – profundamente entrelaçadas segundo dinâmicas indeterminadas.

Entre os estudiosos do assunto, dois autores deram contribuições particularmente importantes à reflexão sobre o tema: Anthony Giddens e David Harvey. Ambos enfatizam que as relações de tempo e espaço foram alteradas pela nova conjuntura. Giddens (1990) considera a globalização uma das consequências mais visíveis da modernidade, uma vez que o fenômeno envolve uma profunda reordenação do tempo e do espaço na vida social – aquilo a que o autor se refere como “*time-space distanciation*”. Seu argumento é de que, hoje em dia, as relações e interações sociais não dependem de uma presença física simultânea em um local específico. Por exemplo, os empregos de mineiros escoceses podem estar mais sujeitos às decisões acerca do preço do carvão tomadas por companhias de carvão australianas ou sul-americanas no mercado global do que às decisões imediatas locais. Basta ver o que ocorreu com a crise econômica mundial de 2008-2009: alguns milhares de mutuários que não conseguiram pagar suas hipotecas nos Estados Unidos quase quebraram a economia global. Ou ainda mais recentemente, pudemos também observar como um fenômeno natural ocorrido em um ponto localizado do planeta, afeta, economicamente, diversos outros locais. A erupção do vulcão Eyjafjallajokull na Islândia, em abril de 2010, praticamente fechou o espaço aéreo Europeu. Após oito dias de erupções, a Nissan declarou que estava suspendendo temporariamente a produção de carros em suas fábricas no Japão por falta de peças que viriam da Irlanda. Na Coréia do Sul, a Samsung e a LG não conseguiram embarcar 200 mil celulares para seus destinos, deixando de ganhar US$ 30 milhões, enquanto que a maior produtora de peixe do mundo, a norueguesa Marine Harvest anunciou no mesmo dia que

reduziria a produção de salmão, já que não tinha como exportar o peixe. Ou seja, a globalização recombina no tempo e no espaço as relações sociais retiradas de seu contexto e interação locais.

Harvey (1990) também concebe a globalização como uma expressão da mudança em relação ao tempo e espaço. Por meio do termo "*time-space compression*", ele enfatiza o colapso das antigas relações que estabelecíamos com o tempo e o espaço em função das pressões surgidas com as mudanças econômicas e tecnológicas. Para ele, a "aldeia global" atual, entretanto, não é o produto de um processo exponencial linear da compressão do tempo e do espaço, mas sim um resultado de processos históricos descontínuos, de fases permeadas também por crises e reestruturações do capitalismo, o que envolve um aceleramento dos processos econômicos e sociais.

> Nas últimas décadas, nós estamos experimentando uma intensa fase de "compressão do tempo e do espaço" que teve um impacto desorientador nas práticas político-econômicas, no equilíbrio do poder de classe, assim como na vida social e cultural. (HARVEY, 1990, p. 284, tradução livre).

O fenômeno é intensificado pela emergência das redes telemáticas e de novas tecnologias de comunicação, especialmente as tecnologias móveis, como telefones celulares, *smart phones*, *palm tops* e *lap tops*. Como diz Beck:

> A vida dos indivíduos deixou de ser uma vida presa a um lugar, uma vida de residência estabelecida. É uma vida "para viagem" (no sentido direto e no sentido figurado), uma vida nômade, uma vida no automóvel, no avião, na estrada, ou no telefone, na Internet; é uma vida transnacional, impregnada e sustentada pelos *mass media*. Estas tecnologias representam meios cotidianos de superação do tempo e do espaço. Elas recusam o afastamento, estabelecem a proximidade entre as distâncias e a distância entre as proximidades – ausência na contiguidade. (BECK, 1999, p. 136)

Lemos (2007) afirma que o atual estágio de desenvolvimento das mídias, sua mobilidade e as novas formas comunicacionais estão reconfigurando os espaços urbanos e tornando as cidades mais complexas. O autor diz que as cidades sempre foram fluxo, troca, deslocamento, desenraizamento e desterritorializações (das relações sociais, das informações

e dos territórios). O que torna o momento atual particular é a hegemonia de um conjunto de redes telemáticas que passam a integrar, e mesmo comandar, as diversas teias que constituem o espaço urbano e as diferentes formas de vínculo social que daí emergem.

Segundo Lemos (2006, 2007), essa configuração dá origem a um outro tipo de cidade e de território: as cibercidades, ou seja, as cidades onde as infra-estruturas de comunicação e informação já são uma realidade e as práticas advindas delas forjam uma nova urbanidade. As redes informáticas – e especialmente as tecnologias sem fio – transformam nossa relação com o espaço e reconfiguram as práticas sociais. O autor destaca também que as redes telemáticas sem fio criam novas formas de mobilidade, possibilitando zonas de conexão permanente, ubíquas: os territórios informacionais.

Os territórios informacionais seriam uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. De acordo com Lemos (2007), ele é o "espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e espaço físico." É a interface das redes telemáticas e das redes físicas das cidades – ruas, cafés, pontos de ônibus, metrôs, hotéis, praças, etc. Um exemplo de um território informacional é o lugar de acesso sem fio em um parque por redes *Wi-Fi*. Ele é distinto do espaço físico parque e do espaço eletrônico internet. Ao acessar a internet por essa rede *Wi-Fi*, o usuário está em um território informacional imbricado no território físico (e político, cultural, imaginário, etc.) do parque, e no espaço das redes telemáticas. A mobilidade passa a ser, então, uma mobilidade por fluxos de informação, por territórios informacionais, que altera e modifica a mobilidade pelos espaços físicos da cidade, como a possibilidade de acesso, produção e circulação de informação em tempo real.

Lemos (2007) enumera alguns exemplos de projetos utilizando tecnologias móveis, como o "*mobotag.connecting your city with mobile tags*"[3], que mostram novas formas de criar sentido, apropriar, compreender e criar vivências no espaço das cidades contemporâneas. Ou seja, os recursos de comunicação sem fio não são apenas ferramentas, mas aquilo que Castells

[3] Neste projeto, disponível em <http://turbulence.org/Works/mobotag> qualquer pessoa pode anexar informação por meio do envio de e-mails, mandando textos, fotos, vídeos ou sons da cidade de Nova Iorque. Lemos (2007) afirma que trata-se de apropriação do espaço por "anotação eletrônica", criando um "lugar", no meio do "vazio"de sentido do espaço urbano, que é cada vez mais impessoal, frio e racionalizado.

chama de “condições ambientais que tornam possíveis novas maneiras de ser... e novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos culturais.”

Santos (2005b) também afirma que as telecomunicações são cada vez mais a infra-estrutura física de um tempo-espaço emergente: o tempo-espaço eletrônico, o ciber-espaço ou o tempo-espaço instantâneo. O autor adverte que esse novo tempo-espaço – das redes metropolitanas e dos cibernódulos – está transformando-se no palco dos poderes globais, afastando, ainda mais, a velha geografia do poder centrada em torno do Estado e do seu tempo-espaço.

Santos (2005b) adverte que algumas análises, ao concentrarem-se nas características dominantes da globalização, podem passar a falsa ideia de que ela é um processo linear e consensual, quando, na realidade, trata-se de “um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro; e mesmo no interior do campo hegemônico há divisões mais ou menos significativas.” Segundo McGrew (1996), várias oposições binárias são normalmente associadas à discussão e análise da globalização. As mais comuns são: universalização versus particularização; homogeneização versus diferenciação; integração versus fragmentação; centralização versus descentralização e justaposição versus sincretismo.

A globalização gera, portanto, simultaneamente, exclusão e inclusão, convergência e divergência, ordem e desordem. Essas tendências contraditórias estão no centro deste fenômeno, um processo que é dialético por definição, de natureza até mesmo paradoxal e, sem dúvida nenhuma, complexa.

Faz parte também do fenômeno da globalização o aparecimento de uma nova forma de capitalismo, já chamado, por diferentes autores, de “capitalismo tardio”, “capitalismo desorganizado” ou “capitalismo transnacional”.

> A intensificação tecnomidiática atravessa, articula e condiciona o atual estágio do capitalismo, cujo pilar de sustentação é a capacidade de acumulação financeira numa economia de interconexões eletrônicas. O sistema tecnológico incorpora à lógica hegemônica a sua vocação expansiva, ancorada na contínua integração de fluxos de informação de altíssima

> velocidade, a um custo decrescente, e tendo por escopo a comercialização globalizada. (MORAES, 2006, p. 34)

Kellner (1989) introduz o conceito de “tecnocapitalismo” para descrever uma configuração de sociedade capitalista em que o conhecimento técnico e científico, informatização, automatização do trabalho e tecnologias inteligentes desempenham um papel no processo de produção similar ao da força de trabalho humano, da mecanização do processo de trabalho e das máquinas nos primórdios do capitalismo. O mesmo autor argumenta que é impossível teorizar a globalização sem abordar a reestruturação do capitalismo, já que o processo envolve o declínio do Estado e o aumento do poder de mercado, acompanhado pela força crescente de corporações transnacionais globalizadas e pela força decrescente dos Estados-nações e suas instituições.

Como afirmou Milton Santos (2000), a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Talvez os agentes mais visíveis dessa nova forma de capitalismo global sejam as corporações transnacionais, que geram hoje “uma duplicidade de poderes, com a preponderância desses poderes supranacionais sobre os governos nacionais.” (JAMESON , 2001).

Certamente, as empresas transnacionais de mídia ocupam lugar de destaque nessa conjuntura:

> Cerca de cinquenta empresas como essas são responsáveis pela imensa maioria da produção de programas de TV, além de serem as donas de canais de transmissão por cabo e de sistemas de cabo e satélite; publicação de livros, publicação de revistas e produção de música. (WILLIAMS; BIERNAZKI, 2000, p. 49)

Cabe ressaltar, também, que várias dessas grandes corporações, como a Disney e a Time Warner, já ultrapassaram a marca de 50% de sua receita advinda de fora da sede de seus países.

Tamanha força e poder concentrado nas mãos desses poucos grupos transnacionais de mídia levam à criação daquilo que Ianni (2002) chama de “o príncipe eletrônico”, ou seja, as categorias fundamentais da política – hegemonia e soberania – passam a ser exercidas pela mídia.

> Já não se trata mais apenas do “quarto poder”, do qual se começou a falar no século XIX. Trata-se de um desenvolvimento novo, intenso e generalizado, abrangente e predominante, da mídia no âmbito de tudo o que se refere à Política. Um predomínio que desafia os clássicos poderes legislativo, executivo e judiciário, assim como o partido político, o sindicato, o movimento social e a corrente de opinião pública. (IANNI, 2002. p.51)

Desse modo, estamos diante de transformações complexas na sociedade, determinadas, em grande parte, pela evolução do próprio sistema dos meios de comunicação. Esses meios acabam por determinar a linguagem das instituições políticas “clássicas”. Embora ressalte que o “príncipe eletrônico” não é homogêneo nem monolítico, Ianni (2002) chama a atenção para o fato de que essa nova categoria expressa principalmente a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder dominantes, tanto em escala nacional, quanto regional e mundial, habitualmente articulados.

Além disso, esses grandes conglomerados da mídia estariam diminuindo o poder de atuação dos Estados nacionais, ou mesmo reconfigurando seu papel, uma vez que o Estado-nação, no processo de globalização está longe de desaparecer, mas perdeu sua centralidade tradicional enquanto unidade privilegiada de iniciativa econômica, social e política (SANTOS, 2005b).

Um dos pontos de maior controvérsia, nos debates sobre a globalização, é a questão do papel do Estado. Já foi apontado por uns como uma entidade obsoleta, em vias de extinção, dada a sua fragilidade na capacidade para organizar e regular a vida social. Entretanto, para outros, continua a ser a entidade política central, até mesmo porque a própria institucionalidade da globalização – das agências multilaterais à desregulação da economia – é criada pelos Estados nacionais. Santos (2005b) adverte que as posições opostas não dão conta das atuais transformações que são, de fato, contraditórias e incluem tanto processos de estatização como de desestatização sem precedentes em períodos anteriores. O autor identifica três tendências na transformação do poder do Estado: um certo esvaziamento do aparelho do Estado nacional, ao qual ele denomina *desnacionalização do Estado*; a *internacionalização do Estado nacional* e a *de-estatização* dos regimes políticos, traduzida na transição de um modelo de regulação social e econômica ancorado no papel central do Estado para um outro fixado em

parcerias e outras formas de associação entre organizações governamentais, para-governamentais e não-governamentais, nas quais o aparelho de Estado aparece como um par com tarefas de coordenação.

A crise econômica mundial de 2008-2009, bem como a que está ocorrendo recentemente na Comunidade Europeia por conta das dívidas da Grécia, demonstram, no entanto, o quão central ainda é a figura do Estado, que fez, em muitos países, uma série de intervenções para minimizar os efeitos dos colapsos econômicos.

De qualquer forma, tanto a temática do processo de enfraquecimento do papel do Estado quanto o processo migratório em vigor hoje no mundo articulam-se com outra, igualmente central: a globalização estimula a procura por novas identidades, desafiando as tradicionais ideologias integradoras que definiam até há pouco tempo as fronteiras da comunidade política nacional. Segundo Stuart Hall (1999), as identidades culturais, especialmente a nacional, estão deixando de ser fixas para assumir um caráter de transição, entre diferentes posições.

Hall (1999) afirma que o sujeito fruto da globalização é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito assume identidades diferentes em diversos momentos, muitas vezes até contraditórias. A identidade pode mudar de acordo e com a forma como o sujeito é interpelado, isto é, os indivíduos vivem agora uma integração parcial e precária das múltiplas dimensões que os conformam.

A globalização ocupa, então, um papel importante nos deslocamentos das identidades. Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos. Se antes a identidade era constituída de raízes, costumes e territórios, agora também fazem parte dela migrações e mobilidades, redes e fluxos, instantaneidade e fluidez. (MARTÍN BABERO, 2006).

Naomi Klein (2008) também corrobora essa visão, ao demonstrar que a globalização acelera os processos de desenraizamento e inscreve as identidades nas lógicas dos fluxos. Evidentemente que esse deslocamento identitário não significa que não existem mais identidades locais. Episódios

como o de Sarajevo e Kosovo e outros de nacionalismos, xenofobia e fundamentalismos religiosos demonstram até o contrário.

> Mas o revival identitário apresenta um caráter especialmente ambíguo e até contraditório, pois nele não é só a revanche de identidades negadas ou não reconhecidas que fala; também aí abre-se caminho às vozes alçadas contra velhas exclusões. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 63)

Como acredita Martín-Barbero (2006, p. 54), “dois processos estão transformando radicalmente a lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades.” O autor afirma que os processos de globalização econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais, de gênero, de idade – e, com isso, reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, bem como as possibilidades de convivência no nacional e no local.

As considerações acima parecem deixar claro que, embora o discurso da globalização possa realmente servir aos interesses de poderosas forças sociais e nações hegemônicas ocidentais, não é possível reduzir o fenômeno da globalização como sinônimo de imperialismo ocidental ou como uma construção puramente ideológica. A globalização reflete mudanças estruturais na organização social contemporânea, inclusive no campo cultural e não há como reduzi-la a uma lógica puramente econômica ou tecnológica. Santos (2005b) argumenta que este é um fenômeno multifacetado, com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo.

Isso posto, fica claro que o fenômeno da globalização tem ramificações culturais, embora, como apontam Santos (2005b) e Beck (1999), nos debates acerca da globalização exista uma forte tendência para reduzi-la às suas dimensões meramente econômicas. Nas discussões sobre as ramificações culturais do fenômeno da globalização, Renato Ortiz (1998) deu importantes contribuições. Ele afirma que a globalização cria uma cultura “internacional-popular”, que se contrapõe à ideia de cultura nacional, embora não chegue a matá-la.

A contraposição entre cultura global e nacional é largamente discutida nos debates sobre globalização. Santos (2005b) argumenta que a

intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital, trabalho, pessoas, ideias e informação originou convergências, isomorfismos e hibridizações entre as diferentes culturas nacionais. Apesar de sua importância, o autor ressalta que esses processos estão longe de conduzirem a uma cultura global homogênea e uniformizada.

Beck (1999) cunhou o termo “glocalização”, que está se tornando cada vez mais utilizado, para dar conta da interdependência e interpenetração entre o global e o local. Segundo o autor, a tese de uma convergência linear e crescente dos conteúdos culturais e das informações em meio ao contexto das tendências de concentração no mercado mundial falsifica os paradoxos, ambiguidades e o processo dialético da globalização cultural. De acordo com Beck (1999), a globalização não é automática, unilateral e unidimensional, trata-se muito mais de uma nova consideração do elemento local. Isso não significa apenas des-localização, mas também re-localização, o que, por sua vez também não representa automaticamente o renascimento da cultural local. Na realidade o que ocorre é a transformação do quadro referencial em que o significado da cultura local deve provar sua validade. Daí o conceito de “glocalização”, já que o local e o global não se excluem. Ao contrário: o local deve ser compreendido como um aspecto do global. Beck vai além, propondo o exame empírico das formas da presença da glocalização, já que o grau, a densidade e a escala da globalização/localização podem e devem ser questionadas e investigadas em diferentes contextos e lugares.

A literatura sobre o tema dos anos 80 e início dos anos 90 concentrava-se muito na oposição global-local. A bibliografia mais recente considera o processo de globalização numa triangulação entre Estado nacional, economia global e localidades estratégicas.

Como afirma Canclini (2003), o que se costuma chamar de globalização apresenta-se como um conjunto de processos de homogeneização e, ao mesmo tempo, de fragmentação articulada do mundo que reordenam as diferenças e desigualdades sem suprimi-las.

> Como a globalização não consiste na disponibilidade de todos para todos, nem na possibilidade generalizada de entrar em todos os lugares, é impossível entendê-la sem os dramas da interculturalidade e da exclusão, sem as agressões ou auto-

> defesas cruéis do racismo e as disputas, amplificadas em escala mundial, para marcar a diferença entre o outro que escolhemos e o vizinho compulsório. (CANCLINI, 2003, p. 46)

De acordo com Canclini (2003) a segregação é o reverso "necessário" das integrações e a desigualdade limita as promessas da comunicação, mas o autor ressalta que o imaginário se impõe como um componente da globalização. Ortiz (1998) enfatiza o processo pelo qual são forjadas outras referências culturais – que não as nacionais – de modo que possamos mergulhar numa esfera de lembranças mundializadas, ressaltando o aspecto simbólico da desterritorialização provocada pela globalização.

> [...] a mundialização não se sustenta apenas no avanço tecnológico. Há um universo habitado por objetos compartilhados em grande escala. São eles que constituem nossa paisagem, mobiliando nosso meio ambiente. As corporações transnacionais, com seus produtos mundializados e suas marcas facilmente identificáveis, balizam o espaço mundial, [...] mapeiam nossa familiaridade. (ORTIZ, 1998, p. 107)

Ortiz (1998) ressalta que não só os objetos, mas também as referências culturais que o compõem, devem desenraizar-se. A publicidade acaba criando uma ressemantização de significados, calcados não mais na nacionalidade e sim em uma distinção social no mercado consumidor. É o que se passa, por exemplo, com o Velho Oeste, que deixa de ser americano e passa a pertencer a um domínio comum, distante da territorialidade dos Estados Unidos. Justamente por passar por esse processo é que essa imagem se torna mundialmente inteligível. "Sua eficácia reside em algo que lhe é anterior, uma educação, temática e visual, propiciada pelo cinema, televisão, histórias em quadrinhos, literatura, que divulgou uma imagem verossímil do que seria o faroeste" (ORTIZ, 1998, p. 116).

O autor destaca também que o consumo e a memória nacional se entrelaçam e que, portanto, ao se mundializar, o consumo configura um tipo de relação identitária específica, pois são forjadas referências culturais mundializadas. Ou seja, no contexto da globalização o consumo – e especialmente o consumo cultural – passa a ser um sistema de valores, com função de integração grupal e de controle social.

Neste sentido, a mídia e as corporações transnacionais transformam-se em instâncias de socialização de determinada cultura, desempenhando as funções pedagógicas similares a que a escola possuía no processo de construção nacional. São essas corporações e a mídia que fornecem aos homens referências culturais para suas identidades na sociedade globalizada.

De acordo com Santos (2005b), a "imaginação pós-eletrônica", combinada com a desterritorialização provocada pelas migrações, torna possível a criação de universos simbólicos transnacionais, "comunidades de sentimento", partilhas de gostos, prazeres e aspirações. Nesse sentido, é interessante observar que na rede social virtual que mais se popularizou no Brasil nos últimos anos, o Orkut, tão importante quanto fazer e cultivar amigos, socializar informações, vídeos e fotografias com eles, é também crucial fazer parte de "comunidades". Na maioria delas não há nenhum tipo de discussão aprofundada sobre os temas que lhes deram origem, mas simplesmente fazer parte da comunidade "Eu amo Seinfeld" ou "Eu odeio telemarketing" ou "O Natal me deprime" constituem pílulas identitárias no mosaico da Internet. É verdade que há também, além do sentimento de pertencimento, a celebração da publicidade da intimidade. No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais. Como afirma Bauman (2008), os "confessionários eletrônicos portáteis" que equipam as mãos dos adolescentes alimentam uma sociedade que, cada vez mais, elimina a fronteira entre o privado e o público, transformando o ato de expor publicamente o privado em uma virtude. Mas esta talvez seja mais uma forma de construir novas identidades e também de interação social.

De acordo com Braga e Calazans (2001), a midiatização da sociedade traz não apenas novas substâncias (imagem, som, virtualidade), ampliação de atingimento e aceleração de processos, mas principalmente uma diversificação e complexidade de interações sociais através dos meios de comunicação: "as pessoas se socializam também através dessas interações e desenvolvem assim competências para interagir no ambiente social quase invevitavelmente mediatizado." (p. 154)

Gianni Vattimo (1992) também reafirma que um fator determinante nesse processo é o advento da sociedade da comunicação. Vattimo (1992)

argumenta que o papel desempenhado pelos *mass media* foi fundamental no nascimento dessa sociedade. A intensificação dos fenômenos comunicativos, o aumento da circulação de informações e até mesmo a simultaneidade das coberturas televisivas “ao vivo” são, de acordo com Vattimo, o próprio centro e sentido do processo de modernização e não apenas mais um aspecto entre outros. Segundo ele, as tecnologias da comunicação indicam o caráter essencial desta sociedade, pois são elas que dominam e modelam o mundo em que vivemos.

Mais do que isso, como destaca Orozco Gómez (2006), criam-se verdadeiros ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos a partir da coexistência de todos os meios de comunicação, velhos e novos, combinados às diversas tecnologias videoeletrônicas e digitais, conformando ou não convergências em sentido estrito.

Não estamos com tal postura caindo em um determinismo tecnológico. O que muda, de acordo com Orozco Gómez (2006), não é o potencial tecnológico das últimas tecnologias, mas sim a extensa *presença* das mídias e tecnologias nascidas na modernidade. Até porque, como afirma Canclini (2003), a tecnologia teve um papel facilitador.

> Os novos fluxos comunicacionais informatizados geraram processos globais ao se associarem a grandes concentrações de capitais industriais e financeiros, com a flexibilização e eliminação de restrições e controles nacionais que limitavam as transações internacionais. Também foi preciso que os movimentos fronteiriços de tecnologias, bens e finanças fossem acompanhados por uma intensificação de fluxos migratórios e turísticos que favorecem a aquisição de línguas e imaginários multiculturais. Nessas condições é possível ... construir produtos simbólicos globais, sem ancoragem nacionais específicas, ou com várias ao mesmo tempo, como os filmes de Steven Spielberg, os *videogames* e a *world music*. (CANCLINI, 2003, p. 42 e 43)

O ecossistema comunicativo das mídias e das novas tecnologias de comunicação e informação, notadamente o computador e a internet, intensificam vigorosamente esse processo. É o que declara Martín-Barbero (2006, p.54) quando diz que a revolução tecnológica não apenas introduz em nossas sociedades uma quantidade inusitada de máquinas, mas sim, um “novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e

as formas de produção e distribuição dos bens e serviços.” Ou seja, a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para transformar-se em estrutural. Bauman (2008) alerta que a palavra “rede” está rapidamente substituindo o termo “sociedade”, tanto no discurso das ciências sociais quanto na linguagem popular.

Ianni (1994) aponta que esta sociedade global apresenta desafios empíricos e metodológicos ou históricos e teóricos que exigem novos conceitos, categorias e interpretações das ciências sociais, cujo paradigma clássico foi constituído com base na reflexão sobre a sociedade nacional. Isso porque a sociedade global não é simplesmente uma extensão quantitativa e qualitativa da sociedade nacional. Ianni (1994) argumenta que ela se constitui como uma realidade nova, original, ainda desconhecida e portanto carente de interpretações. Ou seja, para pensar a sociedade global, não basta adaptar o que se sabe sobre a sociedade nacional. As noções não se transferem de forma fácil e muito menos automática.

Vattimo (1992) diz que a realidade é mais o resultado do cruzamento das múltiplas imagens, interpretações e reconstruções que os veículos de comunicação de massa distribuem. Nesse sentido, a sociedade da comunicação abriria caminho para um ideal de emancipação que teria como base a oscilação, a pluralidade e o próprio desgaste do “princípio de realidade”.

De acordo com Lopes (2001b), então, estamos vivendo um momento particular para os estudiosos de comunicação, uma vez que ela é colocada como aquilo que caracteriza e dá sentido à própria sociedade contemporânea.

Conforme atesta Moreno (1999), a comunicação é vista como um supertema da sociedade contemporânea, uma vez que as tecnologias, os meios, “o comunicacional”, permeia todos os espaços do mundo da vida: o social, o cultural e o cotidiano. Para Orozco Gómez (2006), na sociedade contemporânea estamos nos defrontando com novas condições do conhecimento, que provocam “desordenamentos”, mudanças, rupturas e recomposições, especialmente no âmbito da comunicação social. Estes processos e esta outra racionalidade se diferenciam mais das anteriores por se basearem em

> lógicas distintas, que no campo da comunicação social se mostram mais sensoriais que racionais e que incluem sobretudo a primazia dos sentidos da audição e da visão como redutos de legitimidade daquilo que se percebe cada vez mais virtual e multissensorialmente, mas que supõe uma distância. (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 83)

O autor destaca que essas rupturas provocam uma série de "destempos", já que a rapidez do desenvolvimento tecnológico não acompanha sua assimilação cultural, que supõem ajustes e processos de aprendizagem significativos por parte dos atores sociais[4]. De acordo com ele, um exemplo de destempo é aquele que ocorre entre o ecossistema comunicativo e a escola, os sistemas educativos e a educação em geral, que vão ficando para trás.

As transições na esfera da comunicação social, entrelaçadas com as mudanças sem precedentes no âmbito tecnológico, aliadas a outras mediações, segundo Orozco Gómez (2006, p. 83), estão contribuindo de maneira contundente para que vivamos "mais que em uma época de grandes mudanças, numa grande mudança de época."

Castells (2006) defende que a "era da informação" é a nossa era: um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitante, mas não causadora, com a emergência de uma estrutura social em rede, em todos os âmbitos da atividade humana, e com interdependência global desta atividade.

Não há dúvida de que, neste cenário, o setor das comunicações assume um papel central. O telefone, o fax, o jornal, a televisão, o rádio e, cada vez mais, o computador/internet contribuem enormemente para moldar essa nova sociedade. De acordo com Pierre Lévy (1993), as "tecnologias da inteligência" trouxeram um vasto leque de assuntos e problemas à sociedade, assim como uma nova forma de operá-los e cifrá-los do ponto de vista conceitual. Nas palavras de Orozco Gómez:

---

[4] Martin-Barbero (1997) usa a palavra castelhana "destempos" para identificar as anacronias e as diferentes relações com o tempo, evidenciando a dinâmica que marca a multidimensionalidade do tempo, uma vez que toda sociedade convive com formações culturais *arcaicas*, *residuais* e *emergentes*. As *arcaicas* celebram um passado que já nada tem a ver com o presente; as *residuais* referem-se àquele passado que está vivo, que configura nossa memória como grupo e as *emergentes* almejam o futuro, inovam e experimentam. Essas diversas temporalidades não apenas se contrapõem, mas também se justapõem e se modificam dialeticamente.

> As mediações visuais e digitais invadem e desgastam os modos ilustrados, orais e escritos de percepção, apropriação, produção e circulação de saberes, conhecimentos, juízos, opiniões e noções, incidindo também numa transformação desenfreada de alguns usos sociais do percebido, apropriado e (re)produzido pelos atores sociais. (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.92)

A sociedade contemporânea traz, portanto, desafios significativos para o campo educacional, em termos da consecução de sua função social. Considerando a necessária articulação entre a sociedade e seus sistemas educacionais, é fácil perceber que quaisquer modificações em um dos pólos repercute necessariamente sobre o outro. Braga e Calazans (2001) argumentam que novas formas de sociedade fazem surgir novos problemas, estimulam novos agentes e novas percepções sobre o papel dos participantes da aventura educacional.

As profundas modificações políticas, econômicas e sociais descritas acima provocaram, entre outras consequências, importantes transformações também no sistema educacional. Conforme afirma Orozco Gómez (2006), estamos assistindo à dissolução de alguns critérios, tanto de produção quanto de circulação e consumo, que enquadram o conhecimento.

De acordo com Martín-Barbero (2006) a atual configuração social colocou em crise as três grandes instituições que constituíam a fonte do sentido coletivo de vida e da construção identitária: o trabalho, a política e a escola.

Aparici (1999) atesta que a relação entre os primeiros sinais de globalização e o contexto educativo é anterior até mesmo à atual globalização. Ela começa a se desenvolver nos séculos XVIII e XIX, quando as potências coloniais transferiram e impuseram seus sistemas educativos a outros países. Assim, as colônias, mesmo depois de terem se tornado independentes, mantiveram seus currículos à imagem e semelhança do modelo francês, inglês ou espanhol.

Entretanto, o autor destaca que as novas formas de globalização diferenciam-se pela pressão que organizações econômicas distintas exercem em diferentes Estados, “com a finalidade de levá-los a reduzir gastos em educação e serviços sociais”.

Faz parte desse contexto, de acordo com Aparici (1999), a ideia cada vez mais divulgada de que a privatização dos espaços públicos seria a solução para qualquer problema.

> É por isso que se pretende privatizar tudo, inclusive a educação ou os serviços vinculados a ela(...) A educação, na perspectiva da nova ordem econômica mundial, é considerada como uma fonte de gasto. Exigem-se da escola critérios baseados em competitividade, rendimentos e rentabilidade para adequá-la aos planejamentos economicistas que caracterizam o mercado mundial. (APARICI, 1999, p. 58)

Ou seja, nesta sociedade, o conhecimento é visto como um elemento estratégico na competitividade neoliberal, um bem econômico fundamental, motor do desenvolvimento. Ele passa a ser pressuposto básico para a competição num cenário mundializado e de uso intensivo da tecnologia. Carnoy (2003) destaca que a globalização exerce um real impacto sobre a organização do trabalho e a atividade profissional, demandando trabalhadores mais polivalentes com elevado grau de qualificação. Tal situação se traduz por uma pressão no sentido de elevar o nível médio de instrução da população economicamente ativa e permitir que, mais facilmente, os adultos retornem à escola para adquirirem novas competências. Ele também enfatiza que a elevação de renda dos funcionários mais qualificados suscita o aumento do número de pessoas interessadas em ingressar na universidade.

Como o conhecimento que vem com atestado é aquele obtido na escola, este é um espaço cada vez mais valorizado. Tem maiores chances de obter um emprego quem passa mais tempo nos bancos escolares e tem maiores chances de ganhar um bom salário aquele que consegue chegar a (e concluir) um curso superior.

Na lógica capitalista mundializada, os trabalhadores mais qualificados também podem contribuir para atrair capitais de financiamento globalizados que desempenham um papel cada vez mais importante na economia mundial.

Entretanto, a mesma lógica neoliberal prega um Estado cada vez menos presente na sociedade. Basta ver a onda de privatizações que tomou conta do Brasil durante o governo Fernando Henrique Cardoso. E essa ausência estatal sente-se também no âmbito escolar. Yarzábal (2000) relata que em toda a América Latina, “as universidades públicas perderam grande parte do espaço

que ocupavam no seio das sociedades latinoamericanas e esse fato está estreitamente vinculado com o novo papel designado ao Estado pela conjuntura política e econômica da região.”

Ou seja, enquanto o conhecimento e a escolaridade adquirem cada vez mais importância, impulsionando as pessoas a estudarem; os fundos públicos destinados às universidades públicas e as vagas ofertadas por elas não crescem na mesma proporção, conforme iremos demonstrar no capítulo seguinte deste trabalho. No Brasil, o resultado da combinação desses fatores não poderia ser outro: a explosão do ensino superior particular, especialmente nas duas últimas décadas, com um crescimento de instituições de ensino com um perfil assumidamente mercantil. É o que será analisado no capítulo a seguir.

Capítulo 2
Mudanças recentes no ensino superior brasileiro

Nesta parte do trabalho faremos uma retrospectiva das principais mudanças recentes ocorridas no ensino superior brasileiro, relacionando as reformas de Estado com as reformas educacionais, especialmente aquelas que aconteceram durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Caberá destacar também o papel desempenhado pelos órgãos internacionais multilaterais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI) nas políticas educacionais voltadas ao ensino superior do país. Destacaremos as diferenciações entre o setor público e o privado e, principalmente, as mudanças pelas quais passou o ensino superior particular nos últimos 15 anos, enfatizando a entrada nesse segmento de um número muito maior de alunos do que há uma década; alunos esses que estiveram historicamente excluídos do nível superior. Este capítulo é também permeado por tabelas e dados estatísticos, muitos deles oriundos do Censo do Ensino Superior, realizado pelo Inep/MEC.

Anualmente, o Inep realiza a coleta de dados sobre a educação superior, com o objetivo de oferecer informações detalhadas sobre a situação atual e as grandes tendências do setor, tanto à comunidade acadêmica quanto à sociedade em geral. O censo da educação superior reúne informações sobre as instituições de ensino superior, seus cursos de graduação presencial ou a distância, cursos sequenciais, vagas oferecidas, inscrições, matrículas, ingressantes e concluintes, além de dados sobre docentes, nas diferentes formas de organização acadêmica e categoria administrativa. Por meio de um questionário eletrônico, as instituições de ensino superior (IES) respondem sobre sua estrutura e cursos. Posteriormente, o Inep realiza rotinas de análise na base de dados do censo para verificar a consistência das informações. Após essa fase de conferência, o censo é finalizado. Os dados são, então, divulgados e a sinopse estatística é publicada, não podendo mais haver alteração nas informações, pois passam a ser estatísticas oficiais. Muitos desses dados oficiais serão analisados nas páginas a seguir.

Poucos hoje teriam a coragem de negar que o ensino superior brasileiro está passando por profundas transformações, especialmente nas últimas duas décadas. No entanto, qualificar essas mudanças é o que parece mais complexo. Para começar, é difícil chegar a um acordo sobre o próprio significado do termo "ensino superior". Como afirma Dias Sobrinho (2003, p. 99):

> Educação superior é uma expressão de conteúdo um tanto elástico que engloba um sub-sistema posterior ao nível médio e que comporta um leque de instituições educacionais, diferenciadas quanto à natureza jurídica, mantenedoras, qualidade, história, tamanho, áreas de atuação, vocação, função etc.

Schwartzman (1990-91) também destaca que a coexistência de objetivos tão diferentes mostrou que as instituições denominadas "universidades" tiveram, através do espaço e do tempo, propósitos e características totalmente distintos e se habituaram a conviver com grandes contradições entre o que proclamavam fazer e o que faziam na prática.

Dentro desse universo amplo e diferenciado, há de se tomar cuidado com as afirmações sobre "o" ensino superior, uma vez que nem tudo o que se diz sobre o sistema de universidades federais mantido pela União, por exemplo, vale para as universidades estaduais paulistas e, muito menos, para o também diversificado cenário de instituições particulares.

O setor privado – principalmente o mercantil – e o setor público têm dinâmicas, estruturas organizacionais, finalidades, culturas e objetivos diferentes. Como afirma Nunes (2007), "a taxonomia institucional existente ignora as importantes fronteiras que separam e caracterizam um setor mercantil, em contraste com o setor público, ou com o setor verdadeiramente comunitário e sem fins lucrativos".

O governo classifica as instituições de ensino superior (IES) conforme dois critérios: organização acadêmica e categoria administrativa. A organização acadêmica refere-se à estruturação das instituições, distinguindo os seguintes tipos: universidades, centros universitários, centros federais de educação tecnológica, faculdades e institutos ou escolas superiores. Tais tipos podem ser reunidos em dois grupos: as instituições universitárias, que reúnem universidades e centros universitários; e as instituições não universitárias,

englobando os demais. Quanto à categoria administrativa, existem dois grupos básicos, cada qual com subdivisões: instituições públicas e privadas. As públicas são classificadas em instituições federais, estaduais ou municipais, dependendo da instância de governo a qual estejam vinculadas. As privadas dividem-se em comunitárias, confessionais, filantrópicas e particulares, sendo que as três primeiras referem-se a IES mantidas por instituições sem fins lucrativos. Já as particulares incluem tanto as IES vinculadas a mantenedoras com fins lucrativos, que seriam particulares em sentido estrito, quanto as mantidas por entidades sem fins lucrativos, mas que não se enquadram no tipo filantrópico.

Em relação à questão da lucratividade, as IES podem ser dispostas em um contínuo que varia entre dois pólos. De um lado, estão as instituições estritamente de mercado, ou seja, voltadas à obtenção de lucro a ser distribuído entre seus proprietários (investidores) e que se mantêm a partir de recursos privados conseguidos pela oferta de seus serviços. Do outro, estão as públicas e as não lucrativas em sentido estrito, isto é, as instituições que dependem de recursos públicos, diretos ou indiretos (renúncias fiscais) ou de doações privadas, para efetivarem suas atividades educacionais. Entre esses dois extremos, há variantes, como instituições que são remuneradas pela oferta dos seus serviços (ensino pago), que obtêm recursos públicos diretos ou indiretos, mas que renunciam à lucratividade, reinvestindo os recursos excedentes em suas atividades educacionais. Este é o caso de diversas IES públicas municipais no Brasil.

As instituições de ensino superior não-lucrativas, de maneira geral, gozam benefícios fiscais e dependem da doação de recursos de pessoas físicas e jurídicas. Já as universidades e faculdades estritamente lucrativas, além não terem acesso a recursos públicos diretos[5], extraem sua sustentabilidade da oferta de seus serviços, apoiando-se em seus investidores privados, que se mantêm como acionistas, desde que assegurada sua lucratividade.

[5] Atualmente, mesmo as faculdades estritamente lucrativas podem ter acesso a recursos públicos de maneira indireta, por meio de benefícios fiscais, se aderirem ao Programa Universidade para Todos (ProUni), como será explicado mais adiante neste trabalho.

Outra diferença está centrada nos modelos administrativos das instituições. A gestão das IES lucrativas baseia-se em práticas de mercado existentes em outros ramos da economia, não se diferenciando de regras administrativas adotadas em entidades não educacionais. Já as não-lucrativas geralmente têm gestão compartilhada, sendo caracterizadas por processos decisórios baseados em órgãos colegiados.

Ainda no campo das generalizações, poderíamos afirmar que, do ponto de vista educacional, as não-lucrativas buscam prestígio institucional, produção de conhecimento mesmo se não aplicado a fins práticos, concentrando-se na formação acadêmica de seus discentes e no desenvolvimento das carreiras de seus docentes, os quais possuem influência institucional significativa. Já as lucrativas têm ensino aplicado e fortemente influenciado pelo mercado, tanto no que se refere à formação acadêmica de seus alunos, quanto à seleção de seus docentes[6].

O quadro acima sugere que a grande linha divisória do setor está entre instituições de ensino superior públicas e as privadas. No entanto, essa aparente uniformidade entre o setor público como um todo e entre o setor privado como um todo não corresponde à realidade.

2.1 As crises e transformações no setor público

Em provocativo artigo em que diagnostica as diversas crises presentes nas universidades públicas federais, Dilvo Ristoff (2003) deixa isso bem claro. Ele afirma existirem quatro crises pelas quais a universidade pública está passando e que a deixam dividida: crise de identidade, crise de elitismo, crise de modelo e crise financeira.

A crise de identidade estaria ligada às diversas "universidades" que ocupam o mesmo campus, mas que vivem em mundos totalmente distintos. O autor ressalta que nas universidades federais co-existem hoje a Universidade

[6] Para aprofundar a discussão dos traços típicos que distinguem as entidades lucrativas das não-lucrativas, ver Richard S. Ruch, **Higher Ed, Inc.: The Rise of the For-Profit University**, John's Hopkins Press, 2001. O mesmo tema aparece em Karuna Chanana, "Between the Public and the Private: Indian Academics in Transition" In Meek, V. Lynn e Suwanwela, Charas, **Higher Education, Research, and Knowledge in the Ásia-Pacific Region,** Palgrave-Macmillan, NY, 2006.

do MEC (Unimec), a Universidade da Capes e do CNPq (UNICC) e a Universidade das Fundações de Apoio (UFA).

A Unimec é a universidade do ensino da graduação; tem salas de aula espartanas e laboratórios e bibliotecas desatualizados. Suas aulas cada vez mais são ministradas por professores substitutos e estagiários de docência, com salários baixos e defasados. Essa universidade imagina-se pública, grande e gratuita.

A UNICC tem seus interesses voltados para os mestrados e doutorados, bolsas de produtividade em pesquisa, laboratórios e estudos avançados. Seus professores têm os salários complementados pelas bolsas do CNPq, dos projetos de extensão e das consultorias. Muitas vezes têm programas com orçamentos maiores do que o da própria unidade de ensino a que pertencem. Na UNICC quanto mais alunos se formam nos mestrados e doutorados e quanto maior o número de publicações, maiores são os recursos, bolsas e verbas. Essa universidade imagina-se de elite, pequena e catedrática.

Já na Universidade das Fundações de Apoio (UFA) multiplicam-se as especializações, os mestrados fora de sede, os cursos à distância, as consultorias, as prestações de serviços, etc. Tudo, é claro, pago. Os professores, aqui, estão satisfeitos, pois têm complementos salariais muito mais elevados do que os próprios salários. Eles justificam suas ações dizendo que a Unimec paga pouco e que a UNICC dá mais status que dinheiro. Segundo o autor, essa universidade usa o público para tornar-se cada vez mais privada e lucrativa (RISTOFF, 2003). Nos últimos anos, como aponta Silva, Gonzalez e Brugier (2008), algumas associações de docentes das universidades públicas vêm realizando investigações e denúncias a respeito da ação das fundações, considerada uma “privatização por dentro”. Na primeira versão do Anteprojeto de Reforma Universitária, de 6 de dezembro de 2004, aparecia o “descredenciamento automático” de todas as fundações de apoio ligadas às universidades públicas federais. Após sucessivas versões e mudanças no anteprojeto – que até hoje tramita no Congresso Nacional sem ter sido aprovado – o tema foi retirado. O assunto acabou sendo regulamentado pela Portaria Interministerial nº 3.185, de 14 de setembro de 2004, que determina que as fundações devam ser registradas e credenciadas pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e pela

Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia. Vale ressaltar que o próprio Ministério da Educação reconhece que as fundações de direito privado atuantes nas universidades federais acabam por colaborar para o seu processo de privatização. Diz o texto que apresenta o anteprojeto de Reforma Universitária: "esse processo de privatização interno se faz muitas vezes via fundações de direito privado que nem sempre se submetem aos controles das instâncias superiores de deliberação acadêmica. Esse processo, embora contraditório como espaço público, avançou também nas instituições federais de ensino superior em consequência das políticas restritivas de financiamento da pesquisa, do engessamento da administração pública e da redução dos salários dos docentes" (MEC, 2005). Ou seja, fica claro que o governo brasileiro reconhece nas fundações um instrumento de privatização do ensino público, mas optou por mantê-las e regulamentar suas atividades (SILVA; GONZALEZ; BRUGIER, 2008)[7].

Entre 2003, ano da análise de Ristoff e 2010, algumas mudanças significativas ocorreram no ensino superior público, especialmente no que tange às universidades federais. Como será demonstrado mais adiante, o governo Lula, ao contrário de seu antecessor, promoveu um programa de ampliação não apenas do número de universidades federais, como também de vagas e cursos naquelas já existentes, com crescimento também de recursos financeiros destinados a elas. Com isso, provavelmente a Unimec deu um salto qualitativo, mas não significa que, de maneira geral, as categorias criadas por Ristoff perderam atualidade.

A segunda crise que abate as universidades públicas federais apontada por Ristoff (2003) diz respeito ao elitismo, já que o país, de acordo com o autor, continua concebendo a universidade como coisa para um pequeno e seleto grupo. O autor aponta que hoje as já excludentes universidades públicas elitizam-se ainda mais e forçam populações inteiras a buscarem nas universidades privadas e pagas o seu único refúgio.

[7] A presença das chamadas fundações de apoio vem sendo bastante discutida pelos movimentos docentes das universidades públicas. Associaçõs como a Adusp (Associação dos Docentes da USP), Adunesp (Associação dos Docentes da Unesp) e Adunicamp (Associação dos Docentes da Unicamp) disponibilizam, em seus sites, materiais que debatem largamente o assunto.

A crise assinalada por Ristoff está diretamente relacionada ao já antigo debate que contrapõe a excelência versus a equidade na educação superior e sua relação com o ensino particular ou público, gratuito ou não. No seio dessa discussão tem se tornado cada vez mais comum a requisição de que o ensino seja pago nos cursos superiores públicos brasileiros, mas é impossível falar sobre o tema sem a devida articulação com as escolas, também do governo, de ensino básico. Concordamos com Citelli (2000, p. 90) no sentido de que o tema deve ser visto pela ótica da reorientação e qualificação das escolas públicas de nível médio. O autor afirma que situar o debate em torno da questão da gratuidade ou não do ensino superior é retirá-la de seu verdadeiro lugar, contribuindo, no final das contas, com a perpetuação dos desníveis entre os sistemas que regem as escolas médias do Brasil.

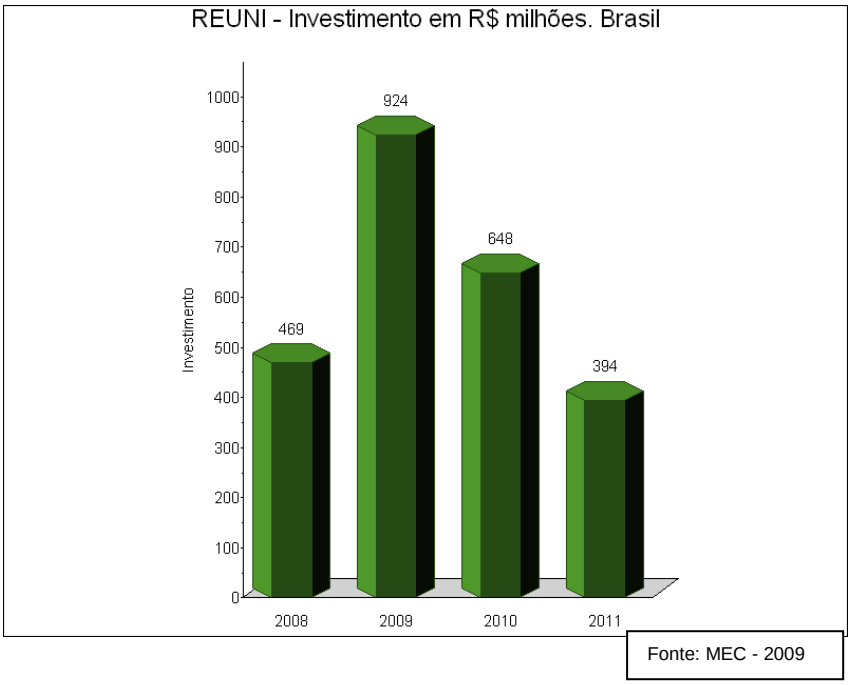
De acordo com Walker e da Silva (2006, p. 121), nos Estados Unidos há dois debates que perduram há mais de um século: um, “em banho maria”, se é “melhor educar um número pequeno de pessoas a um padrão muito elevado ou estender as oportunidades educacionais muito mais amplamente” e o outro, se “os esforços no sentido de matricular e educar estudantes de um amplo leque de origens [...] ameaçam as verdades educacionais estabelecidas e os costumes sociais.” Os autores afirmam que, no Brasil, ironicamente, seria o ensino público e gratuito (as melhores universidades federais e as estaduais de algumas Unidades da Federação, como São Paulo) o principal encarregado de oferecer “excelência”; enquanto as instituições de ensino superior particulares se encarregariam de ampliar a oferta, sendo estimuladas a promover a equidade mediante programas como o ProUni.

A discussão do papel das universidades e da distribuição das matrículas nos pólos público/privado articula-se com um novo elemento que faz parte da análise das universidades federais: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras, conhecido como Reuni. Instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, o Reuni é uma das ações integrantes ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e, de acordo com documentos oficiais do governo, foi instituído “em reconhecimento ao papel estratégico das universidades – em especial do setor

público – para o desenvolvimento econômico e social."[8] É um programa que tem como objetivo expandir, de forma significativa, as vagas para estudantes de graduação no sistema federal de ensino superior, especialmente as do período noturno e nos cursos de formação de professores.

A princípio o projeto foi apresentado para todas as 53 instituições federais, que tinham a autonomia de aderir ou não ao Reuni. Todas aderiram, enviando ao Ministério da Educação planos de expansão e reestruturação. O Programa prevê a liberação de verba do MEC para que os planos sejam executados. A verba inicial de R$ 250 milhões foi liberada pelo MEC, que prometeu liberar mais R$ 2 bilhões até 2012. De acordo com o Governo Federal, esse é o valor inicial de investimento do programa para viabilizar a ampliação de estrutura física e a aquisição de equipamentos necessários para cumprir as metas que as universidades federais se propuseram. Muitos críticos do Reuni duvidam da liberação desse orçamento, uma vez que o decreto 6096/2007, em seu artigo 3º, no 3º§ diz que "o atendimento dos planos é condicionado à capacidade orçamentária e operacional do Ministério da Educação". O Gráfico 1 ilustra os investimentos previstos pelo MEC.

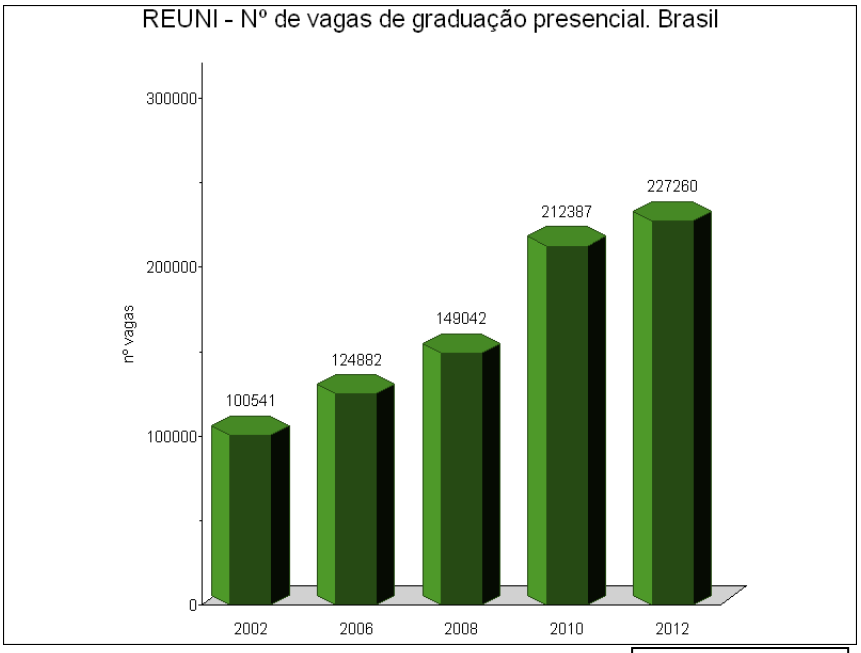
Gráfico 1: Estimativa dos investimentos do Ministério da Educação nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil



[8] Os textos oficiais do Reuni citados aqui foram retirados do site <http://reuni.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2009.

Uma das principais metas do Reuni é expandir o número de vagas nas instituições públicas. Ao final de cinco anos, a meta é que 300 mil novas vagas tenham sido disponibilizadas, conforme ilustra o Gráfico 2.

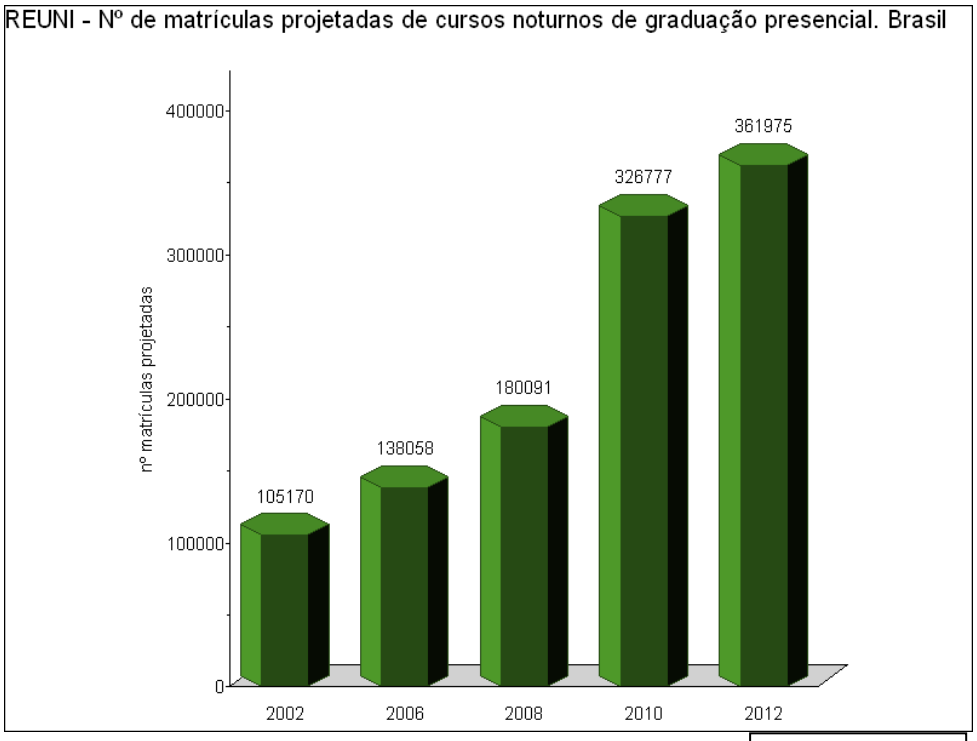
Gráfico 2: Estimativa do crescimento do número de vagas nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil



Fonte: MEC - 2009

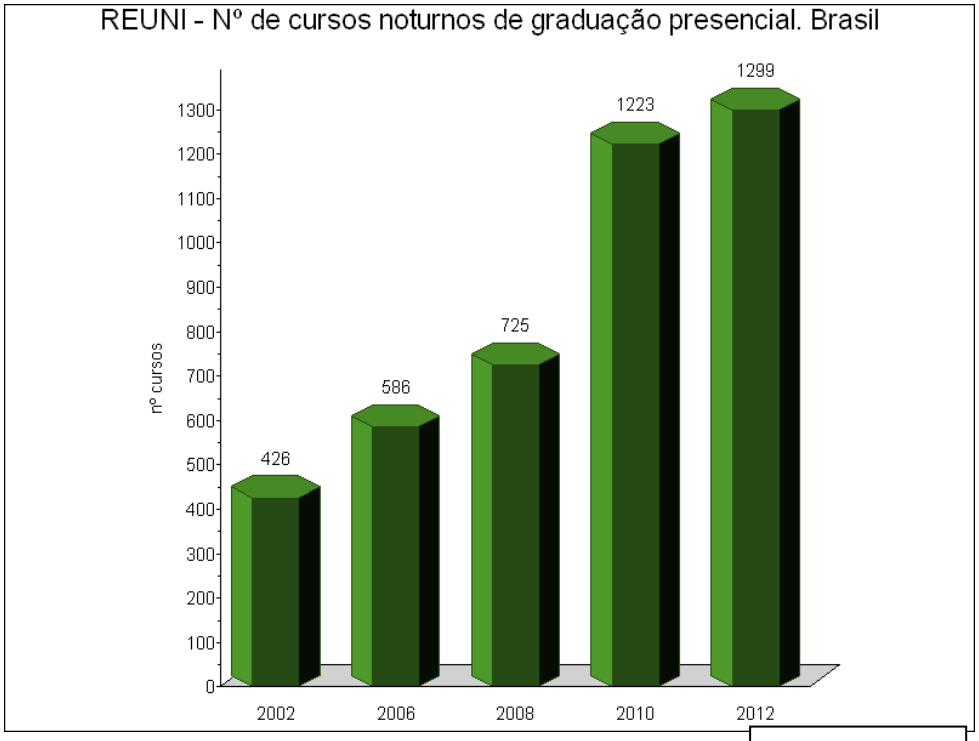
Evidentemente que o aumento de vagas deve resultar também em um acréscimo no número de alunos matriculados. Em 2007, o número de matrículas nas universidades federais era de 133 mil. De acordo com o gráfico 3, é possível verificar que o MEC faz projeções ambiciosas. Somente nos cursos noturnos, o número de matrículas projetadas com a adoção do Reuni para 2012 é 361.965. Se considerarmos que a quantidade de alunos que estudavam à noite nas federais em 2002 era de 105.170, estamos falando de um crescimento de 243% nas matrículas noturnas em um intervalo de 10 anos. Claro que, para que essas matrículas possam ocorrer, é necessário haver também um aumento no número de cursos ofertados no período noturno. A projeção do MEC prevê, neste caso, um crescimento da ordem de 205%, passando de 426 cursos para 1299 em 2012. É o que demonstra o Gráfico 4.

Gráfico 3: Matrículas projetadas em cursos noturnos de graduação presencial nas universidades federais com a adoção do Reuni – Brasil



Fonte: MEC - 2009

Gráfico 4: Projeção do número de cursos noturnos nas universidades federais na graduação presencial com a adoção do Reuni – Brasil

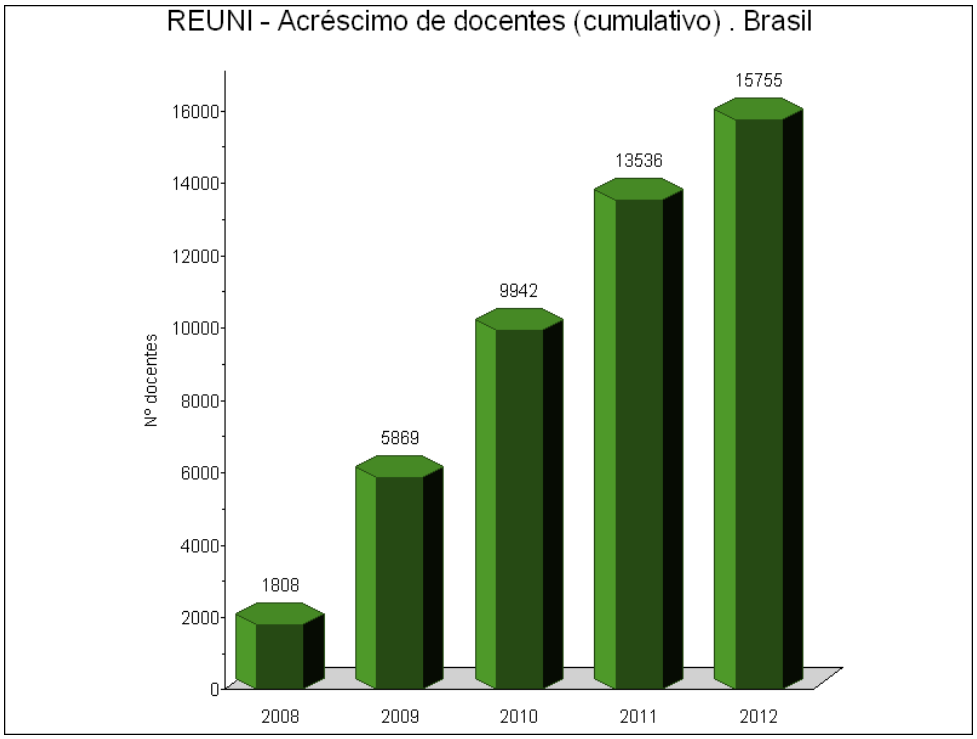


Fonte: MEC - 2009

Outro objetivo do Reuni é que a taxa de conclusão média de cursos de graduação chegue a 90%, diminuindo assim o número de evasão das universidades federais, que hoje chega a 40%. Uma das medidas que ajudaria a cumprir essa meta de redução da evasão é justamente o aumento de cursos noturnos, para democratizar o acesso à universidade.

O programa também estabelece metas relacionadas aos docentes das federais. Embora haja previsão de contratação de novos professores (vide Gráfico 5), o Reuni pretende atingir uma proporção de 18 alunos por professor, sendo que hoje um professor atende dez alunos.

Gráfico 5: Estimativa do acréscimo de docentes nas universidades federais com a adoção do Reuni - Brasil



Fonte: MEC - 2009

De acordo com textos oficiais do governo, todas essas medidas do Reuni, teriam a finalidade de “retomar o crescimento do ensino superior público, criando um programa multidimensional e, ao mesmo tempo, acadêmico, político e estratégico.” Ainda segundo o próprio governo, os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2008 e prevista para concluir-se em 2012, e pela oportunidade de

implementar nas universidades federais uma reestruturação acadêmica com significativa inovação.

Segundo documentos do Ministério da Educação, seria possível caracterizar e qualificar as três etapas da expansão recente das universidades federais brasileiras a partir de três ciclos: o primeiro ciclo, que compreende o período de 2003 a 2006, teria se caracterizado por uma expansão para o interior, com a criação de dez novas universidades federais em diversas regiões do país; o segundo ciclo, que se refere o período de 2007 a 2012, é aquele alavancado pelo Reuni, pois se caracteriza por expansão com reestruturação, com a adesão da totalidade das instituições federais de ensino superior ao programa. Este segundo ciclo também se caracteriza pela consolidação e implantação de 95 campi universitários e pela ampliação do número de vagas, especialmente no período noturno. O terceiro ciclo refere-se a uma expansão com ênfase nas interfaces internacionais, com a criação de universidades voltadas à integração e cooperação internacional sob a liderança brasileira. É o caso da criação ou implantação das: Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), sediada em Foz do Iguaçu (PR); Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sediada em Santarém (PA); Universidade Luso-Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção (CE) e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sediada em Chapecó (SC).

O Reuni constituiria, portanto, a segunda etapa do Programa de Expansão da Educação Superior Pública, iniciado em 2003, no primeiro mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ainda de acordo com o governo, o Reuni tem como objetivos, metas e diretrizes gerais:

- Criar condições (aporte de recursos) para a ampliação do acesso e da permanência na educação superior;
- Aumentar a qualidade do ensino por meio da inovação e adequação acadêmicas com a articulação entre graduação, pós-graduação e educação básica, profissional e tecnológica;
- Melhorar o aproveitamento dos recursos humanos e da infra-estrutura física das universidades federais;

- Elevar, de forma gradual, a taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para 90% e atingir a taxa da relação aluno/professor em cursos presenciais de graduação igual a 18;
- Aumentar em 20%, pelo menos, as matrículas nos cursos de graduação;
- Estabelecer o prazo de cinco anos, a contar do início de cada plano, para o cumprimento das metas estabelecidas pelas instituições federais de ensino superior.

Dessa forma, o governo anuncia que a qualidade almejada para o ensino superior passa a se concretizar a partir da adesão das universidades federais ao programa e às suas diretrizes, explicitadas em seis dimensões: ampliação da oferta da educação superior pública, reestruturação acadêmico-curricular, renovação pedagógica da educação superior, mobilidade intra e interinstitucional, compromisso social da instituição e suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação.

No site oficial do programa (www.reuni.gov.br) há um texto que diz: "A expansão e a reestruturação são necessidades prementes da educação superior pública do país. Expandir, pelo fato de que, em média nacional, apenas cerca de 12% dos jovens brasileiros, entre 18 e 24 anos têm acesso à universidade e reestruturar como forma de garantir as respostas acadêmicas, políticas e estratégicas aos novos desafios do Século XXI, quais sejam:

- Adequar academicamente a universidade em seus aspectos qualitativo (essência e estrutura) e quantitativo (expansão da oferta) às novas demandas e aos novos papéis e contextos globais advindos da sociedade do conhecimento que se fortalece cada vez mais neste início de século;
- Definir, a partir do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, uma política pública federal de educação superior;
- Formar, estrategicamente, mão-de-obra qualificada para as necessidades sociais, econômicas e ecológicas nacionais do novo ciclo de crescimento e desenvolvimento que se expressa atualmente no país;

- Produzir conhecimento científico, tecnológico e de inovação para inserir o país, com soberania, na nova ordem mundial do conhecimento que se estabelece do Século XXI."

No mesmo sítio eletrônico, estão listados os seis desafios do Reuni:

1. Redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno;
2. Ampliação da mobilidade estudantil, com a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre instituições, cursos e programas de educação superior;
3. Revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem, buscando a constante elevação da qualidade;
4. Diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltadas à profissionalização precoce e especializada;
5. Ampliação de políticas de inclusão e assistência estudantil;
6. Articulação da graduação com a pós-graduação e da educação superior com a educação básica.

Não há um modelo único de organização acadêmica, curricular ou pedagógica para apresentação de propostas ao Reuni. No entanto, todas as propostas encaminhadas devem contemplar um aumento mínimo de 20% nas matrículas de graduação projetadas para a universidade, além de atender as demais diretrizes do programa.

Em termos de Diretrizes, os documentos oficiais do governo, listam seis itens:

1. Ampliação da Oferta de Educação Superior Pública. Isso se daria pelo aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno; redução das taxas de evasão; e ocupação de vagas ociosas.

2. Reestruturação Acadêmico-Curricular. As instituições que aderirem ao Reuni são obrigadas a fazer uma revisão de sua estrutura acadêmica. A ideia aqui, embora não haja um modelo pronto, é reorganizar os cursos de

graduação; induzir as universidades federais a diversificar suas modalidades de graduação, “preferencialmente com superação da profissionalização precoce e especializada”. As diretrizes do Programa também citam a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos; e previsão de modelos de transição, quando for o caso.

3. Renovação Pedagógica da Educação Superior. A ideia aqui é promover uma articulação da educação superior com a educação básica, profissional e tecnológica, o que pode envolver a atualização de metodologias (e tecnologias) de ensino-aprendizagem. É preciso prever também programas de capacitação pedagógica, no caso de implementação de um novo modelo.

4. Mobilidade Intra e Inter-Institucional. A ideia aqui – tomando como modelo o processo de Bologna, que envolveu os países membros da Comunidade Européia – é promover ampla mobilidade estudantil, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre cursos e programas, e entre instituições de educação superior.

5. Compromisso Social da Instituição. Esse compromisso pode ser traduzido por meio de políticas de inclusão; programas de assistência estudantil; e políticas de extensão universitária.

6. Suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo da graduação. O Programa pretende promover uma articulação da graduação com a pós-graduação, ou seja, uma expansão qualitativa e/ou quantitativa da pós-graduação, orientada para a renovação pedagógica da educação superior.

Em linhas gerais, as diretrizes do Reuni parecem inquestionáveis. Afinal de contas, ampliar a presença do ensino superior público, reduzir a evasão, oferecer mais vagas, facilitar a composição de novos currículos, entre outras, são proposições louváveis e que merecem a atenção dos dirigentes e do corpo de docentes, discentes e técnicos administrativos das universidades federais. O que muitos críticos ao programa rebateram é que a reforma pretendida parece mais orientada a melhorar índices sobre a realidade acadêmica, do que a realidade acadêmica propriamente dita.

É difícil discordar da necessidade de se reestruturar o ensino superior púbico, de se evitar a evasão desenfreada, de se ocupar as vagas ociosas, de

se ampliar a oferta de vagas, notadamente no turno noturno. Evidentemente há uma responsabilidade que cabe às universidades federais neste processo de revisão da estrutura acadêmica e de atualização das metodologias de ensino. O que cabe ser discutido é se as metas do Programa estão adequadas às ferramentas disponibilizadas para o seu cumprimento, para que não caiamos simplesmente na redefinição da função da Universidade. Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil, por exemplo, são objetivos que exigem significativo investimento. É um alvo possível de se atingir apenas melhor aproveitando a estrutura física e os recursos humanos existentes? Esses recursos já não estariam há muito tempo defasados?

O decreto que instituiu o Reuni é fruto do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, que tem como escopo a duplicação da oferta de vagas no ensino público superior. Como o Plano de Reestruturação não pode estar descontextualizado do Plano de Aceleração do Crescimento – PAC, que prevê, para os próximos dez anos, uma significativa limitação na expansão das folhas de pagamentos, não permitindo aumento superior a 1,5% por ano, o objetivo do Reuni se revela, no mínimo, preocupante.

> Nesta hora percebemos que o aparentemente inquestionável objetivo do Reuni de ampliar o acesso e a permanência na educação superior se dará pelo muitíssimo questionável "melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais". Duplicar a oferta de vagas e aumentar, pelo menos em 50%, o número de concluintes, a partir de um incremento de apenas 20% das atuais verbas de custeio e pessoal (excluídos os inativos!) é a indicação sub-reptícia de que a reestruturação proposta pelo Decreto Nº. 6.096 cobra uma subutilização dos recursos existentes nas Universidades Federais e aponta somente dois caminhos para o cumprimento de sua meta global: a aprovação automática ou a certificação por etapas de formação (MARIZ, 2007).

Ou seja, as recriminações apontam que reduzir a evasão transferindo evadidos de um bacharelado mais exigente para um mais fácil, ou encurtar a duração de um curso antes que os alunos vão embora, não parecem ser, exatamente, soluções de base, mas sim artifícios cosméticos, simplesmente para ter dinheiro em caixa. Verbas são necessárias para a melhoria da qualidade do ensino que hoje é ofertado nas universidades federais, mas

muitos críticos ao programa afirmam que o Reuni é uma forma de mesada que será dada, por cinco anos, “na medida da elaboração e apresentação dos respectivos planos de reestruturação” e do “cumprimento das metas fixadas pela instituição, em atendimento aos objetivos do Programa”.

As objeções foram muitas também em relação ao prazo dado para que as instituições enviassem seus planos de reestruturação – para muitos, uma forma velada de não permitir que as discussões passassem por todas as instâncias e colegiados universitários.

> Ao condicionar a apresentação imediata de projetos, ao encaminhamento orçamentário, o executivo praticamente impôs um paradigma – as universidades federais devem seguir o exemplo das universidades particulares: oferecendo cursos acessíveis aos alunos egressos do ensino médio público, aprovando de uma forma ou de outra a maioria desses alunos; contratando mais professores em tempo parcial e com menos qualificação; buscando financiamento no sistema produtivo através da prestação de serviços; e assimilando os campi universitários ao espaço urbano, descaracterizando-os assim como entidades autônomas. (BRAGA, 2007)

O debate por trás das críticas do Reuni refere-se a qual modelo de universidade pública está sendo perseguido pelo Estado brasileiro. Segundo Chauí (2001), podemos identificar três tipos de universidades: a *funcional*, a *de resultados*, e a *operacional*, todas acompanhando as sucessivas mudanças do capital. A *funcional*, dos anos 70, foi aquela voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho durante o período do “milagre econômico” brasileiro. A *de resultados*, dos anos 80, correspondeu ao processo conservador de abertura política e, além de manter as características da etapa anterior, foi marcada pela expansão crescente das instituições de ensino superior particulares e pela introdução da ideia de parceria entre a universidade pública e as empresas privadas. A universidade operacional, produto do neoliberalismo dos anos 90, na verdade uma organização social, além de se adaptar ao mercado, centra-se em si mesma, constituindo-se em uma estrutura de gestão e arbitragem de contratos. Apesar de estar “virada para dentro de si mesma”, está, nas palavras da autora “perdida de si mesma”. Isso porque ela está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional. Tudo indica que o Reuni é mais um

elemento a sedimentar o conceito de universidade operacional trazido por Chauí, especificamente no âmbito das universidades federais.

2.2 As crises e transformações no setor privado

Já nas instituições particulares a crise é de outra natureza. Um dos problemas a ser enfrentado por essas faculdades e universidades, como afirma Sastre (2006) é o consenso estabelecido de que houve uma proliferação de instituições privadas de baixa qualidade. Ou seja, há aí uma crise de legitimidade. Outra questão, levantada pelo mesmo autor é que as universidades privadas vivem um período de crise e expansão ao mesmo tempo. Elas estão sendo testadas pelas leis de mercado, pelos fluxos de oferta e demanda de vagas, pela guerra de preços interinstitucional, pela capacidade econômica de sua clientela e também pelas expectativas que esses mesmos alunos têm a respeito da formação de nível superior.

De acordo com ele, no entanto, a maior crise da universidade particular é a de legitimidade, uma vez que ela foi representada pela elite intelectual do país como tudo o que a universidade não deveria ser. Ela é a antítese do ideal de universidade e suscita questionamentos interessantes.

> Cabe perguntar então se a universidade privada se tornou ilegítima por que ela incorporou plena e universalmente as características das universidades chamadas funcionais ou operacionais ou por que a representação do que deveria ser uma “verdadeira universidade” torna insuportável o contexto real, político, social, econômico e cultural em que as universidades reais se desenvolvem, tanto quanto o efeito que tudo isto tem sobre a estrutura própria das universidades? (SASTRE, 2006, p. 13)

O autor questiona se o desejo de alcançar a universidade ideal não acaba homogeneizando um panorama que na realidade é bastante heterogêneo e também generalizando negatividades que, na prática, são elementos que desafiam a realidade de qualquer instituição, seja ela pública ou privada.

Mas além da crise de legitimidade, as IES particulares estão tendo de lidar com problemas bastante concretos que ameaçam sua continuidade. Uma

dessas questões é: como dar conta de um crescimento acelerado no setor, marcado por reduções drásticas de custos e preços, com problemas sérios de financiamento, uma crescente inadimplência, taxas elevadas de ociosidade e matrículas cada vez mais reduzidas? Nas escolas privadas, os problemas estão mais concentrados na gestão das instituições, que precisam rapidamente passar de um modelo familiar e "caseiro" para uma administração profissional, que permita sobreviver em um ambiente de concorrência extrema, às vezes até mesmo predatória.

Além disso, está ocorrendo um fenômeno recente no Brasil que é a criação de grupos educacionais gigantes, que atuam como redes nacionais. Boa parte deles foi impulsionada pelo dinheiro que recentemente captaram na Bolsa de Valores ao abrirem seu capital. A primeira instituição a seguir este caminho foi o grupo Anhanguera, que se preparou durante três anos para chegar à Bovespa e foi a primeira instituição de ensino da América Latina a se transformar em uma empresa de capital aberto com ações negociadas na Bolsa. Fundada em Leme, no interior paulista, em 1994, pela família Carbonari e pelo professor José Luis Poli, a participação de fundos e a entrada na Bovespa valorizaram o patrimônio do grupo, que era avaliado em R$ 1,7 bilhão. Em março de 2007, atingiu R$ 3 bilhões.

Seis meses após a abertura de capital, a Anhanguera havia captado R$ 512 milhões na Bolsa. Outros grupos educacionais seguiram o mesmo caminho, como o Kroton, a Estácio Participações e o COC, do interior paulista. O Kroton, da rede mineira Pitágoras, conseguiu R$ 479 milhões. A Estácio Participações, controladora da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro, e de outras faculdades e centros universitários espalhados pelo Brasil, embolsou R$ 447 milhões.

O efeito dessa onda de dinheiro novo nas IES privadas por meio da Bolsa de Valores deve ser a concentração de mercado. Anhanguera, Kroton e Estácio já figuram entre os maiores grupos brasileiros. Só a Estácio, em 2009, tinha cerca de 201 mil alunos (195 mil presenciais e 6 mil matriculados em cursos a distância)[9]. Quanto mais aplicadores atrair, mais as faculdades e universidades terão de apresentar resultados financeiros satisfatórios. Em

[9] Dado referente ao terceiro trimestre de 2009, disponível no site <www.estacioparticipacoes.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2010.

geral, a forma mais fácil de crescer é adquirir ou se fundir a um concorrente. Resultado: a abertura de capital vai levar necessariamente à consolidação de gigantes do ensino superior.

Os números de crescimento da base de alunos da Anhanguera demonstram o fenômeno da concentração no setor. Desde que abriu seu capital, no início de 2007, a Anhanguera cresceu 915% em termos de alunos matriculados. As instituições pertencentes ao grupo Anhanguera concentravam pouco mais de 25 mil alunos, distribuídos em 18 campi. Em 2009, o número de alunos já era da ordem de 253 mil, sendo 143,8 mil presenciais e 109,8 mil à distância[10]. Evidentemente este salto só foi possível por meio da aquisição de outras instituições de ensino.

Outro elemento novo que está alterando o quadro das instituições particulares no Brasil é o desembarque dos grupos internacionais. Enquanto está ainda tramitando no Congresso Nacional um projeto de Reforma Universitária que limitaria a participação do capital estrangeiro em instituições de ensino em, no máximo, 30%, os grupos estrangeiros não param de chegar. O primeiro deles foi a Laureate, que em 2005 comprou 51% da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. O grupo, que está presente em 18 países com mais de 300 mil estudantes matriculados no mundo todo, continuou crescendo no Brasil, sempre por meio de aquisições com participações majoritárias em universidades. Em 2007 comprou a Universidade Potiguar, do Rio Grande do Norte e também a Business School São Paulo. Em 2008 adquiriu a UniNorte, do Amazonas e a Esade, do Rio Grande do Sul. Mas a Laureate não está sozinha. Em novembro de 2006, o grupo americano de universidades Whitney comprou, por R$ 23,5 milhões, pouco mais de 50% das Faculdades Jorge Amado, na Bahia. Em junho de 2008, a imprensa noticiou que o grupo norte-americano de educação Apollo, controlador de uma das maiores instituições de ensino superior dos Estados Unidos, a Universidade de Phoenix, estaria negociando a aquisição da Universidade Paulista (Unip) e de outras 46 faculdades do grupo Objetivo, todas pertencentes ao empresário João Carlos Di Gênio. O negócio não se concretizou, embora ambas as partes tenham tornado pública a oferta de R$ 2,5 bilhões da Apollo.

---

[10] Dado referente ao terceiro trimestre de 2009, disponível no site <www.unianhanguera.edu.br/ri/>. Acesso em: 20 fev. 2010.

Em março de 2009, o grupo norte-americano DeVry comprou 69% da Fanor (Faculdades do Nordeste), que possuía 10,4 mil alunos em cinco unidades em Salvador e Fortaleza. A DeVry é uma instituição educacional de capital aberto, com ações negociadas na Bolsa de Nova York, com cerca de 100 mil alunos matriculados, entre cursos presenciais e a distância. O negócio foi anunciado como a primeira aposta de expansão internacional feita pela DeVry, que até então tinha seus negócios concentrados nos Estados Unidos e apenas uma pequena operação no Canadá. A declaração feita à imprensa na época da compra da faculdade brasileira pelo vice-presidente para desenvolvimento e planejamento da DeVry é ilustrativa sobre as motivações dos estrangeiros em investir no setor no Brasil: "Nos últimos anos, olhamos países do mundo todo para avaliar onde faria sentido investir e concluímos pelo Brasil", afirmou John Roselli. "Enquanto nos Estados Unidos 65% dos estudantes vão para a faculdade, no Brasil apenas 20% chegam lá. Além disso, há uma classe média crescente." O executivo também deixou claro que a crise econômica de 2009 e a desaceleração econômica não preocupavam o grupo. "Não nos interessa o que acontecerá em dois ou três anos, estamos olhando os próximos 20, 40 anos", afirmou Roselli[11].

Um fator ligado a esse crescimento é a chegada de fundos de investimentos no setor educacional, os chamados *private equities*. Em março de 2010, a rede mineira Kroton Educacional fechou o maior negócio da história do setor no Brasil: a compra da rede de ensino Iuni, do empresário Altamiro Galindo, por R$ 422 milhões. Foi o primeiro grande movimento desde que o fundo Advent entrou no controle da Kroton, em junho de 2009, ao comprar metade da *holding* que controla a companhia. Em apenas nove meses, a Kroton, com 42,2 mil alunos, saiu da oitava para a quarta posição no ranking dos maiores grupos educacionais do ensino superior do país (por número de alunos matriculados).

O salto quase instantâneo é fruto do estilo agressivo dos fundos de participação em empresas (*private equity*). A entrada da Advent no setor reforça uma tendência iniciada pelo Pátria Investimentos sete anos atrás, quando o fundo comprou parte da Anhanguera Educacional. Hoje, entre os

[11] Matéria publicada no Jornal *Valor Econômico* em 11/03/2009, na Editoria Empresas e Tecnologia.

cinco maiores grupos educacionais privados do Brasil, quatro estão ligados a fundos de *private equity*.

Por enquanto, a única exceção é a Unip, do empresário João Carlos Di Genio. Não por falta de tentativa dos fundos. Além da Advent e do Pátria, a Estácio Participações tem como sócio a GP Investimentos e a americana Laureate tem como acionista o fundo KKR, um dos maiores do mundo.

A presença e crescimento desses gigantes do ensino superior privado – sejam de capital nacional ou estrangeiro – colocam em cheque a sobrevivência das instituições particulares de pequeno porte, que começam a ter dificuldades em competir com os grandes grupos. Com estruturas administrativas precárias, pouca verba para financiar seu crescimento e divulgar suas campanhas publicitárias e sem ganhos de escala, as instituições pequenas tendem a desaparecer ou a serem engolidas pelas redes com abrangência nacional. Os dados do Censo do Ensino Superior dos dois últimos anos (2007 e 2008) já demonstram a tendência da consolidação do setor. Conforme a Tabela 1 aponta, em 2007, o crescimento do número de instituições de ensino superior foi de apenas 0,5% (em relação a 2006). Em 2008, embora o número de alunos matriculados tenha sido 10% acima ao do ano anterior, pela primeira vez o número de instituições decresceu, inclusive em relação ao ensino público, representando uma diminuição de 29 instituições em relação ao ano de 2007, conforme é possível observar na Tabela 1. Houve uma inversão da tendência, observada até o ano de 2007, de aumento do número de IES. Tal diminuição pode ser explicada pela integração de instituições, por fusão ou compra, que também vem sendo registrada nos últimos anos. A queda de 12,3% no número de Instituições Federais de Ensino é explicada pela criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia a partir da fusão de Centros Federais de Educação Tecnológica, em muitos casos. A única parte do país onde se verificou um acréscimo no número de IES foi a região Nordeste, com dez instituições a mais do que em 2007. Cabe ressaltar que o declínio no número das IES, assim como em 2007, não se refletiu na oferta de vagas, número de ingressos, matrículas e concluintes, que mantiveram um crescimento semelhante aos dos anos anteriores como se constatará mais adiante neste capítulo.

Tabela 1: Número de instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 2006 a 2008

	2006	2007	2008
Brasil (total)	**2.270**	**2.281**	**2.252**
IES Privadas	2.022	2.032	2.016
IES Federais	105	106	93
IES Estaduais	83	82	82
IES Municipais	60	61	61

Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

2.3 Raízes históricas e a atual configuração do ensino superior no Brasil

Tanto a crise de elitismo das universidades públicas como a crise de gestão no setor privado têm raízes históricas e estreita ligação com as transformações pelas quais o ensino superior brasileiro vem passando, especialmente desde o início da década de 1990.

A educação superior no país é um fenômeno histórico recente. No Brasil Colônia, o ensino superior era ministrado em colégios jesuítas, que se restringiam aos cursos de Filosofia e Teologia. Com a expulsão dos jesuítas de Portugal, em 1759, os conventos franciscanos passaram a assumir este papel, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Mas a rigor, o ensino superior só desembarcou no país junto com a família real portuguesa, em 1808. A necessidade de se organizar a Corte, formando quadros administrativos na então Colônia, foi o que levou ao surgimento dos primeiros cursos superiores. Os conventos passaram a ser responsáveis somente pela formação clerical e criaram-se as instituições estatais de ensino superior, germes das atualmente existentes Universidades Federais do Rio de Janeiro e da Bahia (CUNHA, 1985).

Uma característica marcante nesse processo de estruturação do setor que se manteve até o século seguinte foi a ascendência do governo central sobre as províncias (e posteriormente estados) e sobre as iniciativas particulares. As chamadas escolas ou faculdades livres precisavam ser equiparadas, por ato do governo, às oficiais, para que pudessem usufruir de prerrogativas como a concessão de grau superior. Nesse sentido, o formato de estruturação da educação superior, foi derivado do governo federal.

Após a independência, o Império reforçou e multiplicou esse modelo. Em 1889, ano da Proclamação da República, todo o ensino superior no país era

estatal, centralmente mantido e controlado. Mas dada sua matriz ideológica, liberal e positivista, os governos republicanos legitimaram o ensino superior não federal (ou seja, estadual e privado) em igualdade de condições com o federal, mediante o mecanismo de reconhecimento dos cursos. Dessa forma, o registro de diplomas profissionais deveria ser feito nas repartições federais competentes, uma vez que os cursos já tivessem sido reconhecidos e seus currículos tinham de ser iguais aos das instituições federais.

A segunda característica no percurso histórico do ensino superior brasileiro foi a de ter nascido para a formação e reprodução de elites. Inicialmente, em função das necessidades da burocracia civil e militar, foram criados os cursos de medicina, direito e engenharia, as chamadas profissões imperiais. Esse caráter elitista também refletia os baixos níveis de escolaridade da população brasileira. Apenas ao longo do século XX, especialmente na segunda metade, é que a educação superior expandiu-se para os segmentos médios da população, fenômeno facilitado pela ascensão das corporações e pela regulamentação das profissões vinculadas à educação superior.

A presença de oligarquias na criação das universidades, e os diversos acordos realizados entre o poder federativo e os estados, são apontados como intimamente relacionados aos diversos caminhos trilhados pelas universidades brasileiras desde a sua criação. Para grande parte dos historiadores, a instauração de muitas universidades significou o desvio de recursos financeiros para os estados, local de prestígio político e de emprego para os filhos das elites.

A terceira característica foi a opção pela estruturação da educação a partir de faculdades e escolas isoladas, instituições criadas por agentes privados, confessionais e/ou empresariais, conforme a demanda não atendida pelo setor público. O ensino universitário iniciou-se apenas a partir da década de 1930, fortalecendo-se nos anos 60, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 e a Reforma de 1968. Na segunda metade do século XX, começou a se desenhar um quadro onde o formato universitário era predominante nos setores públicos federal e estaduais, e as faculdades isoladas e integradas eram predominantes no setor privado.

A tentativa de transformação da educação superior de um sistema elitista para um massificado começou a se construir na década de 1960. Nesse

período, o Conselho Federal de Educação pôs fim ao processo de federalização de estabelecimentos de ensino e afrouxou as normas para criação de cursos, ampliação de vagas e concessão do *status* universitário. Além disso, o governo soltou um pacote de subsídios, seja na forma de transferência de recursos financeiros ou, indiretamente, pelo crédito educativo (CUNHA, 1991).

Também foi durante o regime militar que as universidades públicas desenvolveram-se. Nesse período o governo construiu diversos campi, instituiu o trabalho docente em tempo integral, criou a pós-graduação articulada à carreira dos professores e proveu linhas de financiamento à pesquisa científica e tecnológica.

Aliás, a postura do governo militar brasileiro diante da universidade pública representa um paradoxo original. Embora tenha havido perseguição feroz a professores ou até mesmo a departamentos inteiros que representavam uma oposição ao regime, a ditadura militar brasileira foi uma das poucas que, de fato, desenvolveu uma política para o ensino superior. Nesse sentido houve uma diferença notável entre as ditaduras do Chile, Argentina e Uruguai, onde os militares desmantelaram as universidades públicas. Parte fundamental disto se deve ao ideal de criar um “Brasil-potência”. Em função desse projeto, alguns setores do governo brasileiro articularam-se com dirigentes e representantes da comunidade científica e universitária para definir políticas para a modernização da universidade pública e da pesquisa científica e tecnológica. (TRINDADE, 2001).

Por causa de todas essas medidas, entre o início dos anos 60 e o final dos anos 70 o número de estudantes universitários passou de cerca de algumas centenas de milhares a um milhão e meio, com aumentos correspondentes no número de instituições e professores. Esta expansão coincidiu, como já foi dito, com a reforma universitária de 1968, que pretendeu implantar no Brasil o modelo organizacional e institucional das *research universities* norte-americanas. O resultado foi a intensificação da estratificação entre as instituições de ensino superior no país, assim como dentro das instituições: de um lado, os cursos mais prestigiados das universidades públicas, atraindo os melhores estudantes, desenvolvendo pesquisa e pós-graduação, e conseguindo verbas de agências de financiamento dentro e fora

do país; do outro, as faculdades e carreiras menos prestigiadas, localizadas quase sempre em escolas particulares e isoladas, atraindo estudantes menos qualificados, sem pesquisa, sem instalações adequadas e sem recursos. Em parte, esta polarização se deu na forma do contraste entre instituições públicas e privadas; mas existem suficientes exceções, assim como variações dentro de cada instituição, para sugerir que esta polarização não é absoluta.

Ou seja, embora tenha havido essa enorme expansão no ensino superior nos anos 70, ele continuou tão elitista quanto sempre. Ainda hoje o sistema brasileiro continua a ser elitizado, a despeito da frequentemente criticada rápida expansão do setor que ocorreu nos últimos anos. Em 1908, segundo dados do Anuário Estatístico do Brasil, havia 6.735 estudantes matriculados em instituições de educação superior. No ano de 1960, esse total somava 93.202 alunos, um incremento de 1.284% em pouco mais de cinco décadas. Vinte anos depois, em 1980, as matrículas na educação superior somavam 1.377.286, um aumento de 1.378% no período. Até a virada do milênio, conforme dados do Inep/MEC, tal número quase dobraria, atingindo 2.622.073 matriculados no ano de 2000. Considerando-se a última estatística disponível (Censo da Educação Superior de 2008 do Inep/MEC), há 5.808.017 estudantes de ensino superior, ou seja, em cem anos o total de matrículas é 862 vezes maior.

A despeito desses números significativos, o Brasil ainda ocupa uma posição tímida em relação a outros países quando se comparam os números relativos a adultos brasileiros portadores de diploma superior. A taxa de escolarização líquida no ensino superior brasileiro hoje é de 11%. Ela expressa a razão do total de estudantes com idades correspondentes ao nível de educação onde se inserem sobre o total da população na mesma faixa etária. Ou seja, somente 11% dos jovens brasileiros que têm entre 18 e 24 anos de idade estão matriculados em cursos superiores. Com esse patamar, podemos dizer que o país está ainda se aproximando do limite inferior do que se classifica como sendo um ensino superior massificado. Conforme categorização de Martin Trow, os sistemas educacionais são considerados de elite se a taxa de escolarização líquida for inferior a 15%. Massificados são

aqueles que variam entre 15% e 33% (um terço). Acima disso, são classificados como universais.[12]

A média para os países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)[13] aproxima-se dos 25% do total da população adulta com educação superior. Ao final do século XX o Brasil possuía pouco mais de 6% da população adulta com educação superior. No mesmo período, o Canadá, por exemplo, contava com cerca de 40% de todos os adultos com educação superior. Hoje, o país teria de duplicar o número de alunos de nível superior para conseguir chegar ao patamar da Argentina, Chile e Peru, comparando-se o número de estudantes inscritos no ensino superior com o total da população em idade escolar, de 18 a 24 anos de idade.

Para tentar sanar o problema, em 2001 o governo sancionou o Plano Nacional de Educação (PNE), sob a forma da Lei nº 10.172. O PNE, no entanto, demonstrou ser muito mais uma carta de intenções do que um plano efetivo. Ali o governo estabeleceu metas, mas em nenhum momento explicitou como o país conseguiria alcançá-las e como seria financiado este crescimento. Uma das metas do PNE era alcançar, até 2010, o percentual de 30% da população entre 18 e 24 anos matriculados em cursos superiores. Caso tal número fosse atingido, o país iria se inserir no grupo de sistemas massificados e próximo ao seu limite superior (33%), ou seja, na fronteira com o grupo de países classificados como detentores de sistemas universais, mas o ano de 2010 chegou e estamos em torno de 11% em termos de escolaridade líquida, ou 13% de bruta[14].

Os resultados oficiais das metas do PNE só serão divulgados oficialmente em 2011, mas por números preliminares anunciados pelo governo e pela análise dos dados do último censo disponível (2008), é evidente que as

---

[12] Sobre a categorização, ver Martin Trow, *Problems in the transition from elite to mass higher education*, trabalho apresentado na Conferência sobre Educação Superior de Massa, realizada pela OECD, em 1975.

[13] A OCDE, também conhecida como "clube dos ricos", é uma organização constituída de 30 países membros que se reúnem para comparar experiências no que tange políticas públicas, buscando identificar práticas governamentais bem sucedidas. Além disso, também coordenam suas políticas domésticas e externas. O Brasil não faz parte da OCDE.

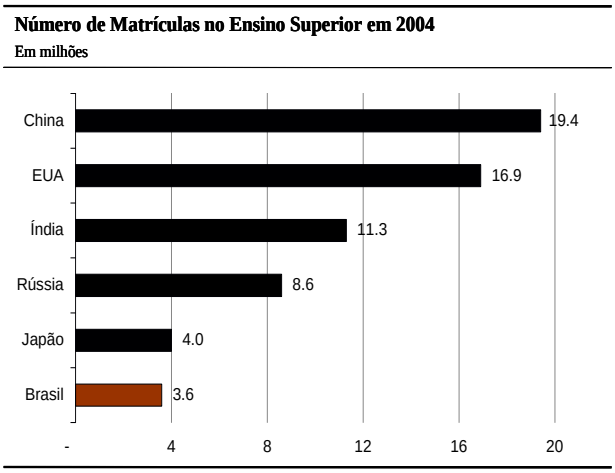
[14] A taxa de escolaridade líquida expressa a razão do total de estudantes entre 18 e 24 anos sobre o total da população na mesma faixa etária. Já a taxa de escolaridade bruta permite que se compare o total de matrícula no ensino superior com a população de 18 a 24 anos. No Brasil, a taxa bruta é maior do que a líquida em função da distorção "idade-série". Há uma quantidade grande de universitários mais velhos, deslocados do patamar de referência considerado em estudos mundiais, que é a faixa entre 18 e 24 anos. Segundo o Censo do Inep/MEC de 2006, mais de 40% dos estudantes matriculados no ensino superior têm mais do que 24 anos.

metas não foram atingidas. Antes de divulgar os resultados deste, o país já discute um novo PNE, que estabeleceria as diretrizes e novas metas para toda a educação brasileira para o período de 2011 a 2020.

Os números da UNESCO divergem das estatísticas do Inep/MEC. De acordo com os critérios da UNESCO, em 2004, o país contava com aproximadamente 3,6 milhões de alunos matriculados no ensino superior, embora dados do MEC indiquem que o número de alunos matriculados fosse de 4,2 milhões no mesmo período.

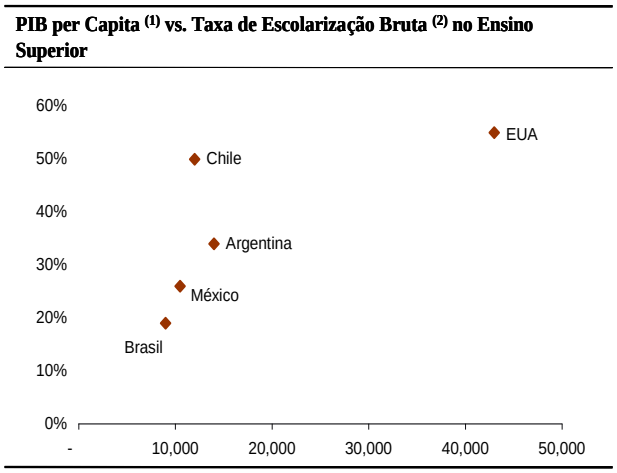
Pelos dados da UNESCO, o Brasil teria 20% dos jovens em idade de cursar Ensino Superior matriculados, conforme aponta o Gráfico 8. Mas de qualquer forma, o índice é pífio mesmo se compararmos a outros países emergentes. Segundo definições e dados da própria UNESCO, este índice chega a 43% no Chile e 61% na Argentina, conforme ilustra o Gráfico 8. Quando o país é comparado com as outras potências em desenvolvimento que compõem o BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), vemos também o quanto seus índices são pequenos, ainda que o Gráfico 6 traga o número absoluto de alunos matriculados. O ideal é analisar os dados do Gráfico 6 em conjunto com os do Gráfico 8, uma vez que o número absoluto de alunos em cursos superiores isoladamente não quer dizer muita coisa, já que países mais populosos, como a China e Índia, certamente terão números maiores. Mas a taxa bruta (Gráfico 8) coloca a comparação em pé de igualdade.

Gráfico 6: Número de matrículas no ensino superior em 2004



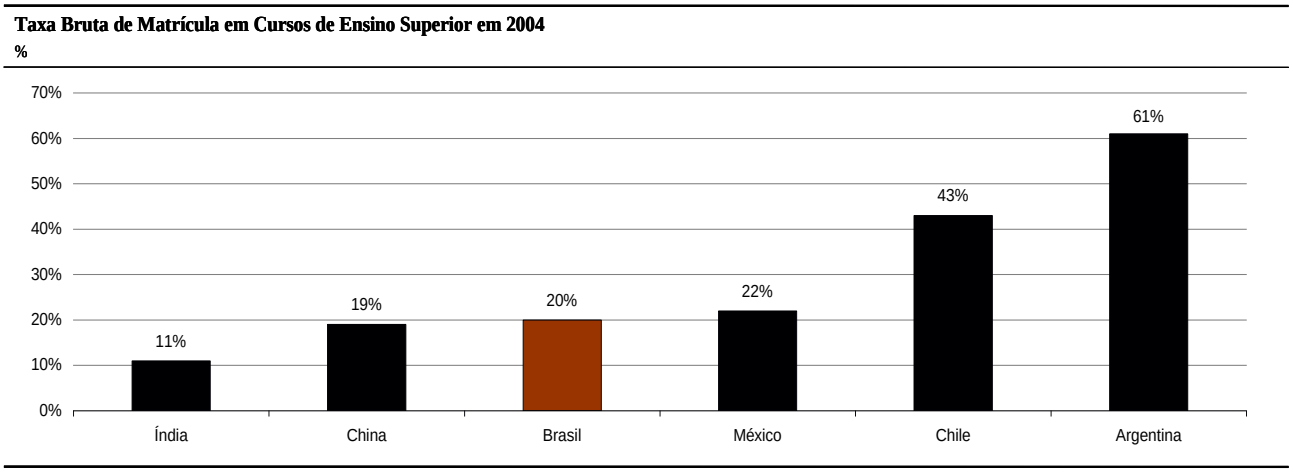
Fonte: The Global Education Digest 2006 (UNESCO)

Gráfico 7: PIB per capita vs taxa de escolarização bruta no ensino superior



Fonte: MEC, IBGE/PNAD, FMI, Hoper Educacional

(1) Poder de paridade de compra em 2006
(2) Matrículas totais / população em idade ideal (18-24 anos) em 2005



Fonte: The Global Education Digest, 2006 (UNESCO)

Gráfico 8: Taxa bruta de matrícula de ensino superior em 2004 – Brasil e outros países

Ou seja, o crescimento que ocorreu no país nos últimos anos ainda é largamente insuficiente para colocar o Brasil em patamares razoáveis em termos de escolaridade no nível superior em um cenário comparativo global. De qualquer maneira, não é um crescimento pequeno, especialmente nas últimas duas décadas. Entre 1980 e 2008, o total de instituições de ensino superior passou de 882 para 2.252, um crescimento de 158%. Do total de 2.281 IES, 249 são públicas, o que representa 11% do total de instituições existentes e 2.032 privadas, o que representa 89% do total de IES existentes. Isso quer dizer que de cada dez IES credenciadas, nove são privadas. No

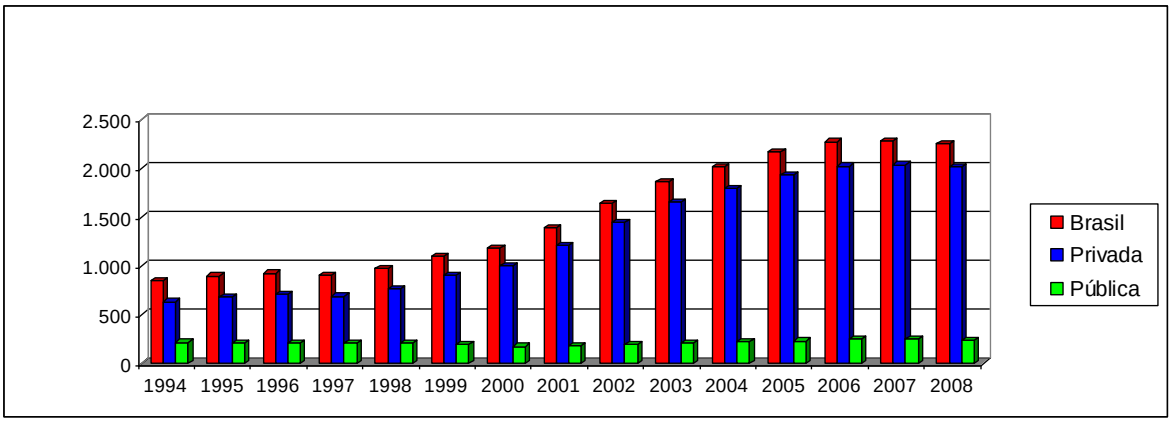
período de 1980 a 2008, o incremento das instituições públicas foi de apenas 24,5% (eram 200), taxa bem inferior aos 198% das privadas (havia 682). A Tabela 2 e o Gráfico 9 mostram o crescimento ano a ano, considerando apenas o período mais recente: entre 1994 e 2007. O Gráfico 10 demonstra a distribuição percentual das instituições de ensino por categoria administrativa, ilustrando que do total das faculdades, centros universitários e universidades existentes em 2008 no Brasil, 90% são particulares e apenas 10% são públicas.

Tabela 2: Evolução do número de instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil	851	894	922	900	973	1.097	1.180	1.391	1.637	1.859	2.013	2.165	2.270	2.281	2.252
Privada	633	684	711	689	764	905	1.004	1.208	1.442	1.652	1.789	1.934	2.022	2.032	2.016
Pública	218	210	211	211	209	192	176	183	195	207	224	231	248	249	236

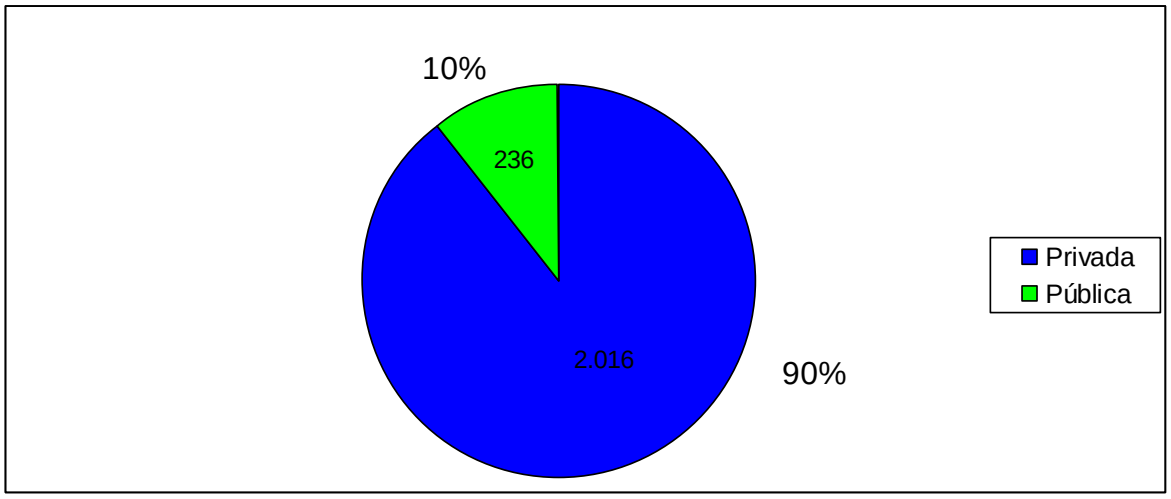
Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Gráfico 9: Evolução do número de instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

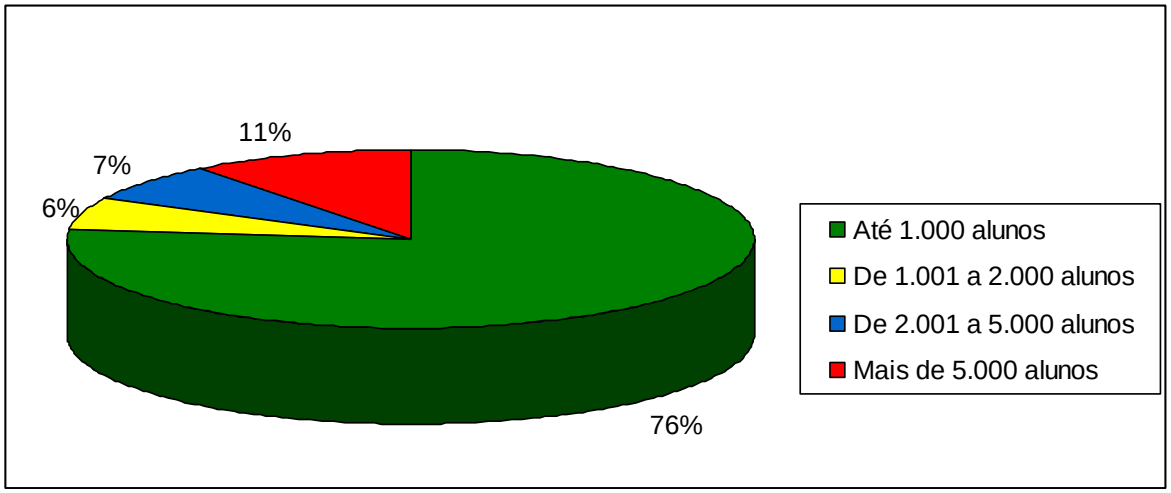
Gráfico 10: Distribuição percentual das instituições de ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

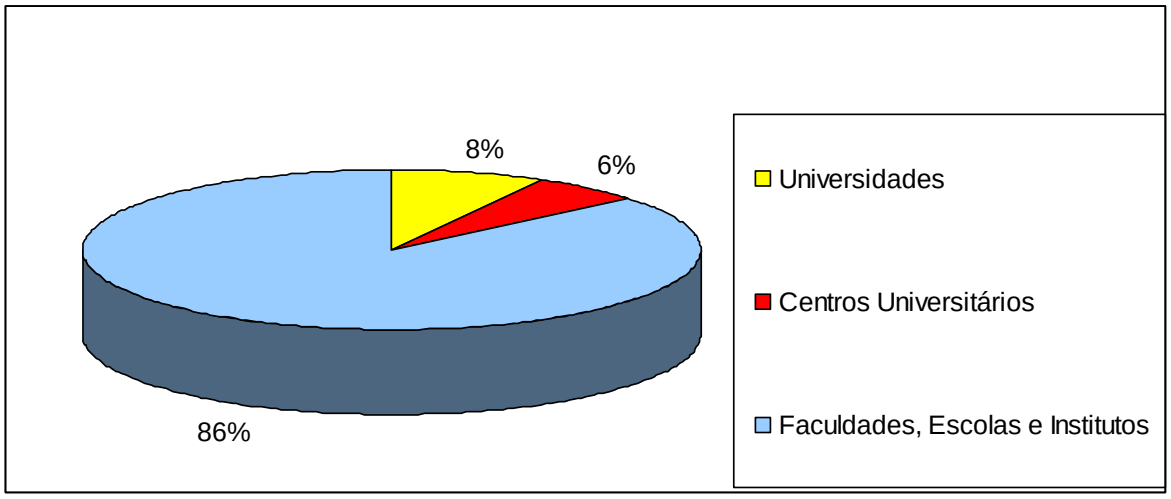
Cabe ressaltar também que o aumento do número de vagas em instituições privadas de Ensino Superior no Brasil nos últimos dez anos foi resultado da proliferação de instituições de pequeno porte. O mercado brasileiro de educação superior é atualmente bastante fragmentado, tanto no que se refere ao porte das instituições em número de alunos matriculados, como também à quantidade de faculdades isoladas, conforme é possível constatar pelos Gráficos 11 e 12, abaixo.

Gráfico 11: Distribuição do número de Instituições de ensino superior, segundo o número de alunos matriculados – Brasil – 2007



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2007

Gráfico 12: Distribuição do número de instituições de ensino superior, segundo a organização acadêmica – Brasil – 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Os dados do cadastro da educação superior do Inep revelam que em 2008 havia no Brasil 2.252 instituições de educação superior com autorização de funcionamento. Deste total, 2.016 instituições são privadas. De acordo com a Tabela 3, em 2008, as 17 maiores instituições privadas de Ensino Superior (em termos de faturamento) representavam apenas cerca de 1% do total de instituições existentes, mas elas abocanhavam quase 27,4 % do mercado em termos de matrículas (1.069.000 alunos). Essas 17 maiores particulares têm uma média de 63 mil alunos matriculados cada uma, enquanto as outras 1.999 instituições privadas (responsáveis por 53% do total de alunos matriculados) apresentavam uma média de 1.370 mil alunos.

No entanto, seguindo a tendência mundial, como já foi dito aqui, esse quadro deve se alterar em direção a uma consolidação do setor. As entidades de Ensino Superior de maior porte apresentam algumas vantagens competitivas importantes em relação às instituições menores, sendo as principais a maior facilidade de atrair talentos para o corpo docente e discente, ganhos de escala, redução de custos oriunda da centralização operacional e administrativa e maior facilidade no acesso a capital para financiar investimentos. Com o aumento da concorrência e a queda na rentabilidade média, as instituições vão correr ainda mais atrás da possibilidade de economia em escala. E como começar uma faculdade do zero pode levar até dois anos, em função dos processos exigidos pelo Ministério da Educação, a aquisição é

a forma mais rápida de crescer. De acordo com a consultoria Hoper, especializada no ensino superior, o processo de consolidação já começou. Dados da Hoper apontam que atualmente, em 2010, os 15 maiores grupos concentram cerca de 30% dos alunos do ensino superior. Há cinco anos, o porcentual não alcançava 20%. Os dados oficiais mais recentes são de 2008 e estão ilustrados na Tabela 3, abaixo.

Pelas contas da Hoper, o setor pode movimentar US$ 2,5 bilhões nos próximos dois anos em fusões e aquisições. Com o fim das grandes compras, a briga vai ser agora pelas instituições de médio porte, em cidades de médio porte. Embora a concentração tenha aumentado nos últimos anos, este ainda é um mercado altamente pulverizado. A Unip e a Estácio Participações rivalizam a primeira posição, como a maior instituição em número de alunos matriculados. Como o mercado está bastante dinâmico, com aquisições ocorrendo a todo o momento, e os números oficiais do Inep/MEC são divulgados sempre com dois anos de atraso, é difícil saber hoje qual é a maior instituição do país. Segue abaixo tabela com as maiores instituições de Ensino Superior privadas no Brasil, da Análise Setorial do Ensino Superior Privado de 2009 realizada pela Hoper Estudos de Mercado, com base nos dados do Censo de 2008, realizado pelo Inep/MEC.

Tabela 3: Ranking dos principais grupos do ensino superior privado no Brasil – 2008

Posição no Ranking (por faturamento)	Nome do Grupo	Faturamento 2008 E (receita líquida em R$ milhões)	Estimativa de Alunos na Graduação Presencial (em milhares)	Participação no Mercado (market share)
	Total do Setor de Ensino Superior Privado	**24.100**	**3.900**	**100%**
1	Di Gênio (UNIP + holding de 41 faculdades)	1.012	197	5,1%
2	Estácio Participações	980	207	5,3%
3	Anhanguera Educacional	654	130	3,3%
4	Laureate International	425	73	1,9%
5	Universidade Nove de Julho - Uninove	366	92	2,4%
6	SEB (Coc)	289	9	0,2%
7	IUNI EDUCACIONAL	284	46	1,2%
8	Kroton (Faculdade Pitágoras)	280	43	1,1%
9	Grupo UNICSUL (Universidade Cruzeiro do Sul)	276	32	0,8%
10	Grupo Anima (Unimonte, Una e UniBH)	254	39	1,0%
11	Grupo UNIVERSO (Universidade Salgado de Oliveira)	235	53	1,4%
12	Grupo UNIBAN (Universidade Bandeirante)	226	70	1,8%
13	UB Participações	120	17	0,4%
14	Grupo Universitário Maurício de Nassau	115	24	0,6%
15	Grupo IBMEC (Faculdades Veris)	110	11	0,3%
16	Grupo Splice	102	14	0,4%
17	Fanor (DeVry)	80	12	0,3%
	Total	**5.808**	**1.069**	**27,4%**

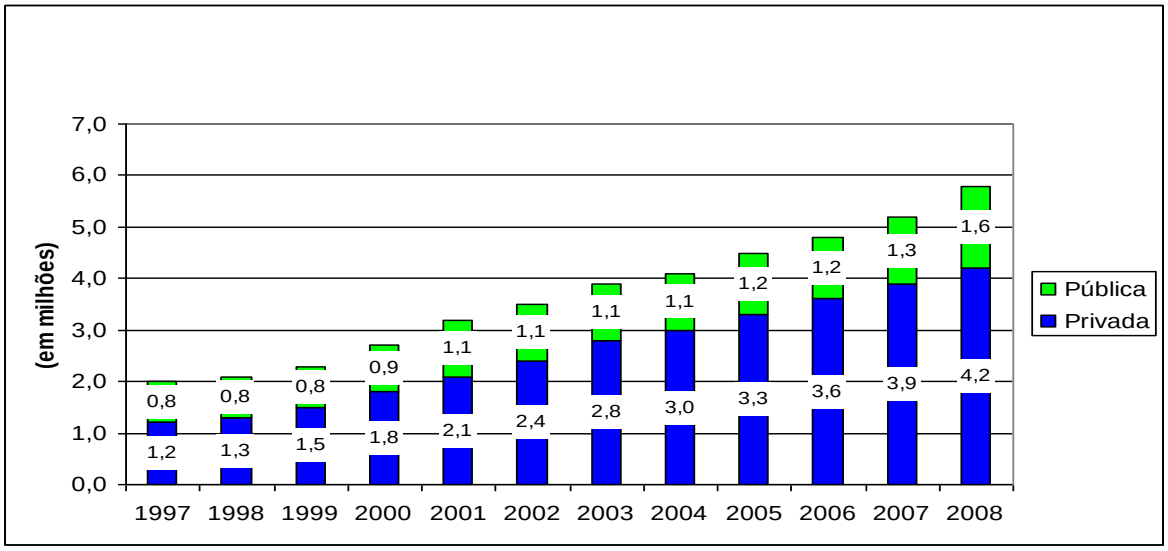
Fonte: Hoper Estudos de Mercado – Análise Setorial do Ensino Superior Privado – Brasil – 2009

Embora o maior ritmo de aumento de instituições ter ocorrido no setor privado, isso não aconteceu de forma linear. Tomando por referência o ano de 1994, quando existiam 633 IES privadas, houve um decréscimo de 7% em relação a 1980. A década de 80 foi um período de estagnação do setor. Além de não haver incentivos governamentais, fatores macro-econômicos ligados à inflação, desemprego e baixo crescimento da economia como um todo também tiveram sua influência neste quadro. De fato, o grande salto no desenvolvimento do setor privado transcorreu no período posterior a 1997, fase que se seguiu à promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. As matrículas cresceram de 1,8 milhão para 5,8 milhões de 1995 a 2008.

A maior parte deste crescimento se deveu às IES particulares que ascenderam de 60% do total de alunos matriculados em 1997 para 73% em 2008. (Fonte: Inep/MEC). No período entre 1980 e 2005, o incremento de matriculados no setor privado foi de 268%, quase o dobro da taxa verificada no setor público (142%). Fazendo uma separação por fases, observa-se uma

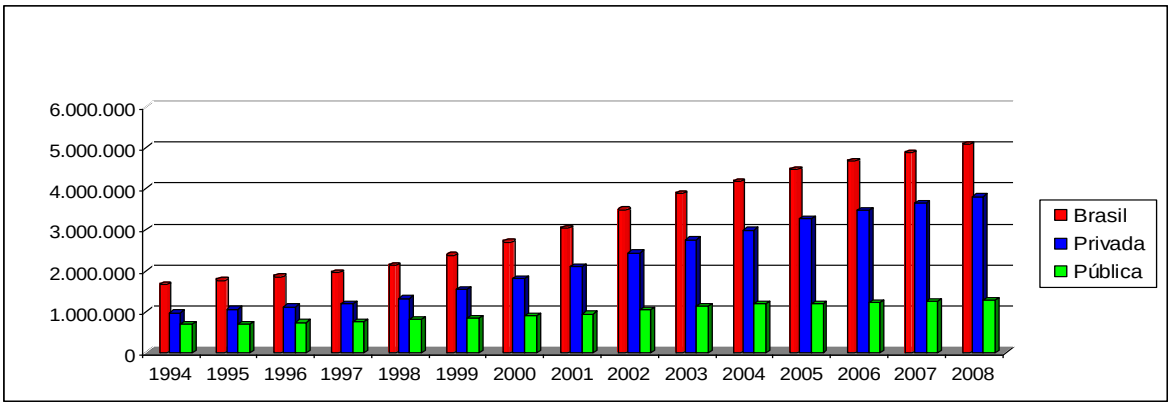
diferença marcante. Entre 1980 e 1994, nas instituições particulares, considerando-se apenas o ensino presencial, houve um aumento de apenas 10% (de 885.054 a 970.584), enquanto na fase recente (1994-2008), o crescimento foi de 292%.

Gráfico 13: Evolução de matrículas no ensino superior (presencial + EAD), segundo a categoria administrativa – Brasil – 1997 a 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Gráfico 14: Evolução do número de matrículas no ensino superior presencial, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008



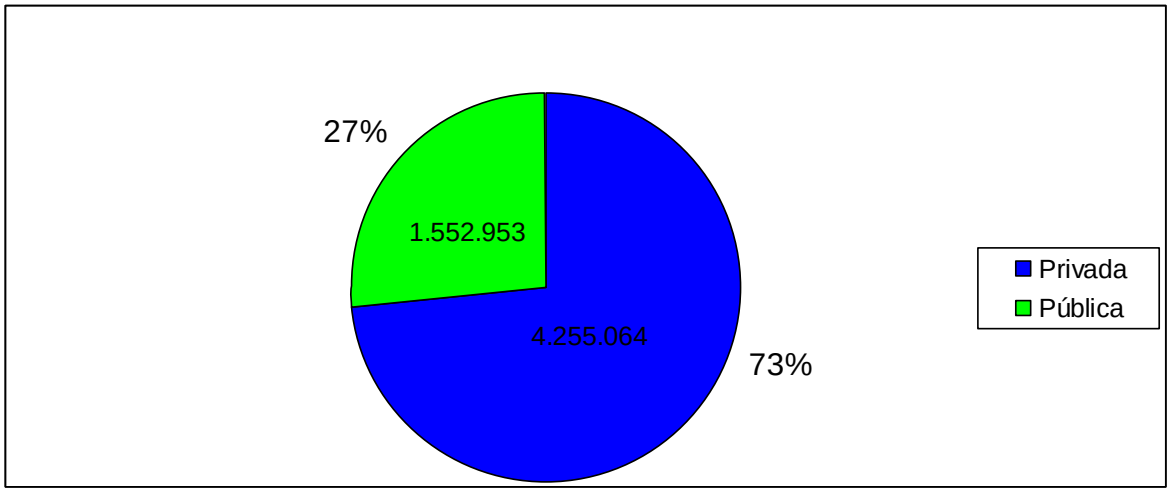
Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Tabela 4: Evolução do número de matrículas no ensino superior presencial, segundo a categoria administrativa – Brasil – 1994 a 2008

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil	1.661.034	1.759.703	1.848.529	1.945.615	2.125.958	2.369.945	2.694.245	3.030.754	3.479.913	3.887.771	4.163.733	4.453.156	4.676.646	4.880.381	5.080.056
Privada	970.584	1.059.163	1.113.102	1.186.433	1.321.229	1.537.923	1.807.219	2.091.529	2.428.258	2.750.652	2.985.405	3.260.967	3.467.342	3.639.413	3.806.091
Pública	690.450	700.540	735.427	759.182	804.729	832.022	887.026	939.225	1.051.655	1.137.119	1.178.328	1.192.189	1.209.304	1.240.968	1.273.965

Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Gráfico 15: Distribuição das matrículas no ensino superior, segundo a categoria administrativa – Brasil – 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Comparando as respectivas taxas de crescimento do número de instituições de educação superior e dos estudantes nelas matriculados, constata-se que a destes últimos foi maior, especialmente no que se refere às IES privadas (189% versus 268%). Controlando-se ambas as taxas pelas fases intermediárias, conclui-se que mesmo havendo uma diminuição de 7% no número de instituições privadas entre 1980 e 1994, o total de matriculados aumentou em 10%.

Tal fato explica-se por uma mudança de tendência quanto ao porte das IES privadas. Ao final da década de 1980, especialmente após a Constituição de 1988, cresceu o interesse de mantenedores privados em constituir universidades, instituições de maior porte, que se organizam a partir da reunião de escolas e faculdades, ou seja, instituições antes contabilizadas isoladamente passam a integrar um novo tipo institucional. Esse fenômeno

aumentou após a LDB de 1996 e sua regulamentação, quando foi criado, por Decreto, um novo tipo de instituição de ensino, os centros universitários, que passaram a gozar de certas prerrogativas de autonomia, como facilidade para a abertura de vagas e cursos sem autorização prévia do MEC. Até então, esses eram “privilégios” a que somente as universidades tinham acesso.

Essa expansão foi incentivada pelo governo Fernando Henrique Cardoso, sob a batuta do ministro Paulo Renato Souza. A gestão Paulo Renato no Ministério da Educação desburocratizou uma parte do processo pelo qual as instituições de ensino particular tinham de passar cada vez que pretendiam abrir um novo curso, ou seja, passou a vigorar uma política oficial em que havia maior facilidade para criação de cursos e credenciamento de instituições isoladas. Com todos esses ingredientes somados, chega-se ao crescimento vigoroso registrado na fase recente: 161% a mais de matriculados após a LDB (1997 a 2008).

Esse crescimento está atrelado à reforma educacional que foi realizada durante o governo Fernando Henrique Cardoso. É importante ressaltar que não existe reforma educacional neutra. Qualquer reforma educacional é sempre parte integrante de um projeto mais abrangente de reforma do Estado. A reforma universitária de 1968, por exemplo, foi feita sob a égide do Ato Institucional nº 5 e do Decreto nº 477, tendo como pano de fundo o Relatório Meira Mattos (1968). Conforme relata Chauí (2001), o Relatório Meira Mattos propõe uma reforma com objetivos práticos e pragmáticos, que sejam “instrumento de aceleração do desenvolvimento, instrumento do progresso social e da expansão de oportunidades, vinculando educação aos imperativos do progresso técnico, econômico e social do país.”. Nesse contexto, segundo Chauí (2001, p. 48), a universidade foi reformada para “erradicar a possibilidade de contestação interna e externa e para atender às demandas de ascensão e prestígio sociais de uma classe média que apoiara o golpe de 64 e reclamava sua recompensa.”

Já a reforma educacional iniciada no governo Fernando Henrique Cardoso é um dos braços das reformas mais gerais do Estado, na lógica neoliberal. De acordo com Chauí (2001) o chamado neoliberalismo corresponde ao momento em que entra em crise o Estado de Bem-Estar, de estilo keynesiano e social-democrata, no qual a gestão dos fundos públicos era

feita pelo Estado como parceiro e regulador econômico, que operava a partir da ideia e da prática de planejamento econômico e da redistribuição da renda por meio dos benefícios sociais conquistados pelas lutas sindicais e populares dos anos 1930-1940. O neoliberalismo surge no início dos anos 1970, quando aconteceu uma situação no regime capitalista até então sem precedentes: baixas taxas de crescimento econômico e altas taxas de inflação, isto é, a estagflação. A receita neoliberal começa a pregar, então, o afastamento do Estado da regulação da economia, deixando que o mercado, com sua racionalidade própria, operasse a desregulação necessária. Essa "desregulação" se traduz em abolição dos investimentos estatais na produção, abolição do controle estatal sobre o fluxo financeiro, legislação antigreve e intenso programa de privatização. Esse modelo econômico acaba por incentivar a especulação financeira ao invés dos investimentos na produção e passa a tratar o dinheiro como moeda, ao invés de considerá-lo mercadoria universal. Daí a utilização dos termos monetarismo e capitalismo pós-industrial. (CHAUÍ, 2001)

Neste modelo neoliberal, ainda de acordo com Chauí (2001), tanto o desemprego quanto a terceirização tornam-se estruturais; a ciência e a tecnologia transformam-se em forças produtivas e a presença estatal é rejeitada não apenas no mercado, mas também nas políticas sociais, de forma que também se torna estrutural a privatização tanto de empresas quanto de serviços públicos. Finalmente, faz parte do quadro a redução do Estado nacional a um órgão de negociação e barganha nas operações do capital destinando ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial (BM) o papel de ordenamento econômico, jurídico e político planetário, cuja doutrina concentra-se na estabilidade econômica e no corte do déficit público.

Nesse cenário e dentro dessa moldura ideológica é que ocorreram as reformas do Estado no Brasil nos anos 1990 e, subjacente a isso, a reforma do sistema educativo. Até porque, como afirma Chauí (2001, p. 35): "a universidade é uma *instituição social*. Isso significa que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada."

Definida como racionalizadora e modernizadora, a Reforma do Estado visava a organização de um modelo estatal gerencial. Para isso, criou-se um arcabouço legal e discursivo e um ministério específico: o Ministério da Administração e Reforma do Estado, sob o comando do ministro Luiz Carlos Bresser Pereira. Muito resumidamente, o objetivo macro da reforma consistia na redução do papel do Estado, reorganizando os serviços não-exclusivos do estado ou competitivos. O eixo do programa visou transformar os serviços não essenciais do Estado em "organizações sociais", de modo que a maior parte ou a totalidade delas pudessem passar por um processo de privatização. Nesses serviços estão incluídas a educação, a saúde, a cultura, as utilidades públicas. Ou seja, nesse contexto, reformar significou transferir para o setor privado as atividades que pudessem ser controladas pelo mercado.

O fracasso do modelo neoliberal ficou bastante evidente na crise econômica mundial de 2008-2009, que gerou grandes intervenções do Estado em diferentes setores da economia em diversos países do mundo, notadamente nos Estados Unidos, que foram o epicentro do problema. No que se refere ao ensino superior, particularmente, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva adotou uma postura ambígua. Não houve uma exata linha de continuidade em relação à gestão anterior, mas também não podemos afirmar que aconteceram rupturas estruturais nas políticas referentes ao ensino superior. Lula certamente injetou mais dinheiro nas universidades federais, ainda que sob a égide do Reuni e também promoveu uma expansão do setor público, com a abertura de novas instituições de ensino, como já foi dito aqui. Mas ainda assim, não promoveu mudanças estruturais dentro do arcabouço legal, avaliativo e operacional no que tange ao sistema de ensino superior. Do ponto de vista regulatório, criou uma microregulação na tentativa de "dificultar a vida" das IES privadas, mas quando olhamos os números evolutivos dos Censos no período do governo Lula, não há nenhuma grande inversão de tendência. Aliás, foi durante esta administração que os gigantes da iniciativa privada se estruturaram e também abriram seu capital na bolsa de valores. O ProUni, uma das vitrines do governo na área educacional, não deixa de ser um incentivo federal à iniciativa privada. Não houve tampouco esforço do governo para que o Congresso aprovasse o projeto de Reforma Universitária enviado para a Câmara dos Deputados em 2004. Recentemente, o próprio ministro da

educação, Fernando Haddad, afirmou publicamente que o projeto da Reforma já estava datado e defasado.

As reformas do estado e da educação praticadas pelo governo Fernando Henrique Cardoso foram bastante alinhadas às diretrizes das organizações multilaterais, como FMI, BM e OMC. Os tentáculos dos organismos internacionais multilaterais abrangem diversos setores. Santos (2005b) afirma que na área da justiça e do direito, as agências de cooperação e assistência internacional e o BM, FMI e Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BID) estão protagonizando um fenômeno no sentido de promover nos países semiperiféricos e periféricos profundas reformas jurídicas e judiciais que tornem possível a criação de uma institucionalidade jurídica e judicial eficiente e adaptada ao novo modelo de desenvolvimento, ancorado na prioridade do mercado e das relações mercantis entre cidadãos e agentes econômicos. Para este objetivo têm sido canalizadas vultosas doações e empréstimos sem qualquer precedente quando comparadas com as políticas de cooperação, modernização e de desenvolvimento doa anos sessenta e setenta.

O mesmo autor argumenta que a globalização econômica é sustentada pelo consenso econômico neoliberal cujas três principais inovações institucionais são: restrições drásticas à regulação estatal da economia; novos direitos de propriedade internacional para investidores estrangeiros, inventores e criadores de inovações susceptíveis de serem objeto de propriedade intelectual; subordinação dos Estados nacionais às agências multilaterais tais como o Banco Mundial, FMI e a OMC.

Como afirma Castro, M. C. (2005), hoje, o FMI é o pilar do sistema financeiro internacional, atuando em conjunto com o Banco Mundial e outras instituições congêneres como Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a OMC. O FMI é o grande moldador das políticas econômicas, enquanto as outras organizações se encarregam de pautar outras políticas públicas, de forma complementar e coerente.

Silva, Gonzalez e Brugier (2008) destacam que o setor de serviços é uma das áreas de interesse da OMC e a educação é entendida pela instituição como um dos serviços comercializáveis. A própria classificação é controversa, pois tanto na perspectiva do BM como da OMC a educação é encarada como a

prestação (pública ou privada) de um serviço e não como um direito de todos à transmissão e troca de saberes, culturas e valores.

> O fechamento na visão tecnicista das mudanças tecnológicas dificulta o entendimento dos avanços culturais inerentes ao caráter estruturante da informação, entendida como novo "recurso intelectual", novo "capital cognitivo", após ser introduzida em todos os setores da vida. Esta perspectiva instrumental explica na prática como hoje em dia a Organização Mundial do Comércio (OMC) pode classificar a "cultura" na nomenclatura dos "serviços" e reivindicar prerrogativas a respeito. (Mattelart, 2006, p. 235)

A Constituição Federal do Brasil de 1988 estipula em seu artigo 205 que "educação [é um] direito de todos e dever do Estado e da família." Como argumentam Silva, Gonzalez e Brugier (2008) a concepção da educação como um direito conflita com a da OMC, que enxerga a educação como um serviço e defende a ideia de que as necessidades básicas dos cidadãos seriam supridas de forma mais eficiente pelas instituições privadas, em função dos mecanismos de mercado. O setor privado incentivaria a competição e diminuiria a burocracia e a inércia supostamente inerentes ao sistema público.

Nessa perspectiva, há uma correlação entre sistema educativo e sistema de mercado, entre escola e empresa, entre pais ou alunos e consumidores de serviços, entre relações pedagógicas e relações de insumo-produto, entre aprendizagem e produto, esquecendo aspectos essenciais próprios da realidade educativa (SILVA; GONZALES; BRUGIER, 2008).

Até mesmo os mecanismos de avaliação do ensino superior hoje estão neste escopo. Como afirma Dias Sobrinho (2002), nenhuma avaliação é neutra. Todas elas afirmam determinados valores, implicam escolhas de prioridades, seleção de indicadores, limitação do objeto e tudo isso se cumpre segundo hierarquias axiológicas. Segundo o autor, não se pode entender as controvérsias no campo da avaliação como se fossem de caráter técnico; as disputas são tensões geradas por diferentes concepções sobre educação superior e sobre sociedade e a construção do futuro (DIAS SOBRINHO, 2002, p. 118). O mesmo autor destaca que, em geral, a avaliação preconizada pelos organismos internacionais e assumida pelos governos nacionais julga a educação a partir dos valores predominantemente economicistas da eficiência

e produtividade, proclamando a melhoria da qualidade segundo a racionalidade do mercado.

Nos últimos anos, no Brasil, principalmente na educação básica, vimos a emergência da avaliação dos professores e alunos por critérios de produtividade, oferecendo, inclusive, bônus e prêmios aos considerados mais produtivos, em total sintonia com as políticas recomendadas pelo Banco Mundial, FMI e OMC. Em 2009, por exemplo, o governo do estado de São Paulo instituiu um programa de premiação para professores, diretores e funcionários de escolas que atingiram suas metas de desempenho. O bônus leva em conta o Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP), índice calculado com base nas taxas de aprovação, repetência, evasão e as notas dos estudantes no Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), uma prova aplicada todos os anos para alunos 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio. Professores, diretores e funcionários que trabalham em escolas cujos alunos atingiram as metas de desempenho estipuladas pela Secretaria da Educação recebem até 2,4 salários. Quem trabalha em escolas que superaram as metas recebem até 2,9 salários. Para receber, o professor precisa trabalhar dois terços do ano letivo. A cada falta que ele registra, um valor é descontado do bônus. Neste ano de 2010, por exemplo, o bônus por desempenho na rede estadual será pago a 176,5 mil professores. A medida é defendida pelo governo como estímulo ao funcionalismo público por premiar o esforço individual.

No ensino superior, embora com critérios totalmente distintos, a avaliação que a Capes faz dos programas de mestrado e doutorado também adota critérios de eficiência e produtividade. Coelho (2003) ataca o modelo “produtivista” da avaliação da Capes, pois, segundo o autor, ela desqualifica o ensino, aumenta a distância entre ensino e pesquisa e legitima a hierarquização do trabalho docente, separando os professores pesquisadores daqueles que apenas ministram aulas. Evidentemente que o órgão faz um esforço para ampliar a produção científica no país, mas uma das críticas que também é feita ao modelo é de que a avaliação da Capes adota critérios que seriam mais adequados às Ciências Exatas e Biológicas, o que acaba por prejudicar as Ciências Humanas.

A avaliação que o Ministério da Educação faz nos cursos de graduação segue lógica similar, embora com indicadores também distintos na composição do Índice Geral de Cursos (IGC) e do Conceito Preliminar de Curso (CPC). Como afirma Dias Sobrinho (2002) avaliar, nesse caso, é sobretudo medir, comparar, controlar, numa perspectiva tecnológica e produtivista, cujo valor primordial no campo ideológico é a eficiência.

Chauí (2001) corrobora essa visão ao afirmar que a universidade, em lugar de criar os seus padrões e critérios próprios de avaliação, imita, e mal, os padrões da empresa privada e da lógica do mercado.

> Por mais paradoxal que pareça, [...] a universidade, que é responsável pela criação e invenção de métodos de pesquisa e de avaliação da realidade, até agora mostrou-se incapaz de criar os métodos e critérios da sua auto-avaliação, e imita muito mal os procedimentos adotados pelas empresas cuja lógica é diversa da lógica universitária. (CHAUÍ, 2001, p. 125)

Na prática, o que vemos é a aplicação dos preceitos dos organismos internacionais multilaterais, como FMI e OMC. Os mesmos órgãos recomendam, em termos de política educacional, a priorização do ensino primário – correspondente às séries iniciais do ensino fundamental. De acordo com Silva, Azzi e Bock (2008), o Banco Mundial se posiciona contra a cobrança de mensalidades nas escolas de nível primário, sob o argumento de que elas seriam um impeditivo à matrícula de alunos pobres, especialmente nos países em desenvolvimento. Mas preconiza que os investimentos no ensino superior sejam transferidos à educação primária. Ao centrar esforços no ensino fundamental, os demais níveis de ensino deveriam ser gradualmente transferidos à iniciativa privada. Um trecho de um documento do BM intitulado *Tendências do setor privado em desenvolvimento nos projetos de educação do Banco Mundial* explicita: "[...] fortalecer o papel do setor privado ao longo do tempo nos níveis não obrigatórios da educação liberará recursos públicos para serem utilizados no nível compulsório, primário."[15]

A reestruturação da educação superior implantada no governo Fernando Henrique Cardoso pautou-se, de um modo geral, pela diversificação e diferenciação das instituições e da oferta de cursos, pela expansão acelerada

[15] Banco Mundial. Trends in Private Sector Development. In **World Bank Education Projects**.

de vagas, especialmente nas IES particulares, pelo ajustamento das IES públicas a uma perspectiva gerencialista e produtivista e pela reconfiguração e implementação de um amplo sistema de avaliação, que ampliou a competição no sistema (DOURADO; OLIVEIRA; CATANI, 2003). O maior alicerce e também vitrine do sistema de avaliação foi o Exame Nacional de Cursos (ENC), conhecido como Provão. A mesma prova foi rebatizada de Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) no governo Lula, com pequenas alterações.

No que tange à política de diversificação e diferenciação da educação superior, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 teve papel fundamental. A LDB dispôs que a educação superior deveria ser ministrada em instituições com variados graus de abrangência ou especialização, sejam públicas ou privadas. Até a LDB, as IES podiam ser divididas em dois tipos básicos: instituições universitárias (universidades) e instituições não universitárias (faculdades, institutos e escolas integrados ou isolados). As universidades eram predomínio do setor público e as IES isoladas, do setor privado. Como foi dito aqui, a regulamentação da nova LDB gerou um novo tipo de instituição universitária: os centros universitários. Posteriormente, houve a classificação dos centros federais de educação tecnológica (CEFET) no mesmo nível dos centros universitários.

Pelas determinações legais da LDB de 1996, as universidades estão submetidas a fortes condicionantes – por exemplo, oferta de programas de pós-graduação *stricto sensu* – que lhes impõem uma estrutura mais onerosa, tendo como contrapartida algumas prerrogativas – além da abertura de cursos e campus em sua sede, a possibilidade de expansão para fora da sede, desde que no mesmo Estado. Já os centros universitários, embora tendo menos prerrogativas, possuem a possibilidade de abrirem cursos e vagas no município sede, sem estarem submetidos aos custos maiores das universidades. Os centros universitários foram definidos como instituições de ensino pluricurriculares, que abrangem uma ou mais áreas do conhecimento, “que se caracterizam pela excelência do ensino oferecido, comprovada pela qualificação do seu corpo docente e pelas condições de trabalho acadêmico”. Os centros universitários podem receber o privilégio da autonomia para criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior,

além de outras atribuições definidas em seu credenciamento pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Quase autônomos ou detentores de quase toda a autonomia universitária, os centros universitários ocupam o lugar, no discurso reformista oficial, da *universidade de ensino*, definida por oposição à *universidade de pesquisa*.

Como consequência desse quadro, boa parte da expansão recente da educação superior ocorreu em instituições universitárias que não são universidades. Em 1999, primeiro ano em que se registrou sua presença, os centros universitários somavam 34 instituições. Em 2005, já havia 114, 192% a mais. No período, as matrículas em centros universitários passaram de 160.977 a 674.927, um incremento de 319%. No mesmo período, os centros federais de educação tecnológica tiveram um crescimento de 1050% no número de instituições (de 16 a 184), e de 327% nas matrículas (de 19.484 a 83.219). Para efeitos comparativos, as universidades aumentaram seu total em 14% e suas matrículas em 52%. Mesmo no período mais recente, de 2000 a 2008, o fenômeno continua, conforme ilustra a Tabela 5, abaixo. Enquanto no ano 2000 as universidades matriculavam 67% do total de alunos, em 2008, respondiam por 52% do total. Já as faculdades, que em 2000 detinham 17% dos alunos, em 2008 passaram a ter quase 33% do total de alunos do ensino superior. Olhando as taxas de crescimento de cada modalidade de instituição, os centros universitários foram o tipo de organização que mais cresceu no período: 194,5%.

Tabela 5: Comparativo do número de alunos, em cursos presenciais, segundo a organização acadêmica – Brasil – 2000 e 2008

	2000		2008		
Tipo de IES	**nº de alunos**	**%**	**nº de alunos**	**%**	**Taxa de crescimento 2000-2008**
Universidades	1.806.989	67,07	2.685.628	52,86	48,5%
Centros Universitários	244.679	15,31	720.605	14,18	194,5%
Faculdades	642.577	17,06	1.673.823	32,94	160,5%
TOTAL	**2.694.245**	**100**	**5.080.056**	**100**	**74%**

Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2000 e 2008

2.4 Novas modalidades de ensino e ascensão social no Brasil

No processo de regulamentação da LDB, também foi dado um novo formato para os cursos superiores de tecnologia, que são cursos de graduação que conferem o diploma de tecnólogo, tendo, em média, duração menor do que a graduação tradicional (bacharelados e licenciaturas). Os cursos de graduação tecnológica também contribuíram para a expansão de matrículas, apesar das restrições das corporações profissionais, e das universidades federais que não os oferecem. Com a introdução desses cursos, começou no Brasil um fenômeno que já havia ocorrido em outros países, uma vez que formatos alternativos à graduação tradicional existem com sucesso em vários países do mundo. Boa parte do aumento das taxas de escolarização no plano internacional decorre desses tipos de cursos que visam a atender um perfil específico de alunos.

Embora já existam desde a década de 70 no Brasil, os cursos superiores de graduação tecnológica, até há pouco tempo, restringiam-se às áreas de informática e de setores ligados à automação e engenharia. Além disso, estavam concentrados quase que exclusivamente em instituições públicas, como os CEFETs. Após a regulamentação da LDB de 1996 eles foram praticamente ressuscitados e houve uma expansão desse segmento de ensino para os demais campos do saber, como a Comunicação, Gestão, etc.

Essa nova modalidade de ensino superior inspirou-se no modelo americano dos *Community Colleges*, cujos fundamentos refletem a flexibilidade da oferta de cursos em nível superior nos Estados Unidos. Os *Community Colleges* são instituições de ensino superior independentes, criadas pelos municípios, estados ou por entidades privadas, cuja principal característica é a oferta de cursos com, em média, dois anos de duração. São cursos cuja ênfase está na formação profissional, em contraposição à orientação acadêmica dos cursos superiores tradicionais, o que garantiria maior aderência ao mercado de trabalho. Entre outros atributos do *Community College*, aparecem como características fundamentais a flexibilidade organizacional e curricular, a adaptabilidade às novas demandas do mercado de trabalho, a permeabilidade às novas tecnologias do ensino e a integração com a comunidade na qual está inserido.

O fomento à ampliação dos cursos superiores de tecnologia no Brasil nos últimos anos partiu não só dos mantenedores das instituições privadas de ensino, que começaram a vislumbrar novos mercados, mas do próprio MEC, que via nessa modalidade de ensino a possibilidade de aumentar as taxas de escolaridade do ensino superior do Brasil. De acordo com Maria Helena Guimarães de Castro, ex-presidente do Inep, "os países que apresentam as taxas mais elevadas de escolarização de nível superior têm em média de 30 a 40% da oferta em cursos de curta duração, não universitários" (CASTRO, 2002, p. 30). É o caso do Canadá, Estados Unidos, Coréia do Sul, Inglaterra e Alemanha, de acordo com o anuário estatístico da Unesco de 1999. Como afirmou Maria Helena Guimarães de Castro:

> se o Brasil não entender que é preciso diversificar profundamente a oferta e, ao mesmo tempo, renovar os currículos, (...) dificilmente conseguiremos dar conta de uma demanda nova, com um perfil, do ponto de vista sociológico, totalmente distinto do perfil de aluno que tínhamos dez anos atrás. (CASTRO, 2002, p. 30-31)

No Brasil, as matrículas em cursos superiores de tecnologia são as que mais crescem. Entre 2002 e 2008, o crescimento nessa modalidade de ensino foi de 407% enquanto os cursos de graduação tradicionais (bacharelados e licenciaturas) tiveram um aumento no número de matrículas de 37% no mesmo período.

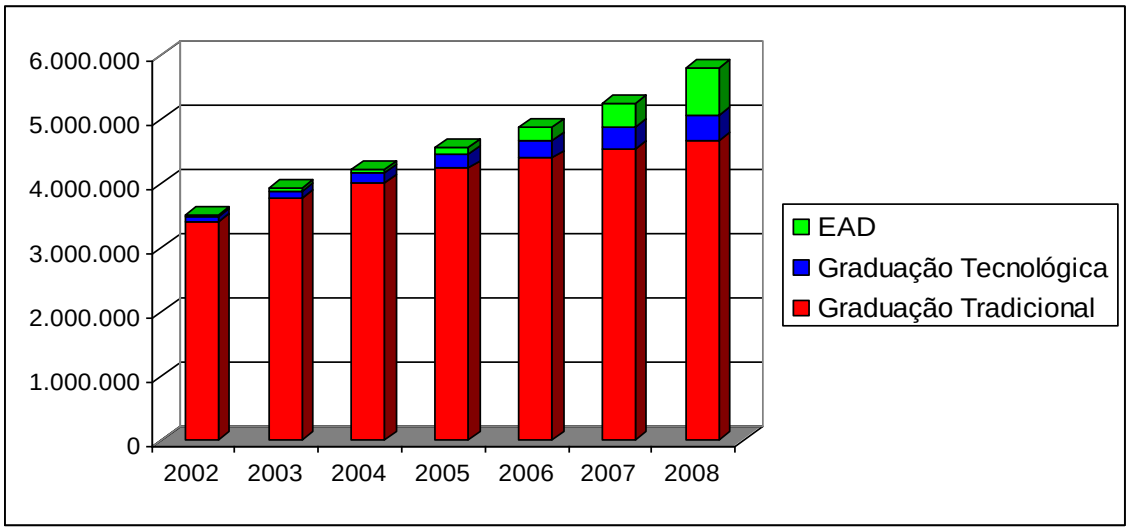
O que se observa em outros países, como os Estados Unidos, é que o perfil do alunado que demanda tal curso origina-se de segmentos menos favorecidos da população. Nos Estados Unidos e mesmo em países europeus e asiáticos, os cursos equivalentes à graduação tecnológica destinam-se a uma formação pós-secundária voltada para a inserção do estudante no mercado de trabalho, enquanto que os cursos tradicionais ficam responsáveis por uma formação acadêmica robusta, que conduz, por exemplo, a carreiras acadêmicas e científicas.

Tabela 6: Evolução das matrículas, segundo a modalidade de ensino Brasil – 2002 a 2008

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Graduação Tradicional	3.398.565	3.773.001	4.010.426	4.238.885	4.397.919	4.532.525	4.668.024
Graduação Tecnológica	81.348	114.770	153.307	214.271	278.727	347.856	412.032
EAD	40.714	49.911	59.611	114.642	206.752	369.766	727.961

Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

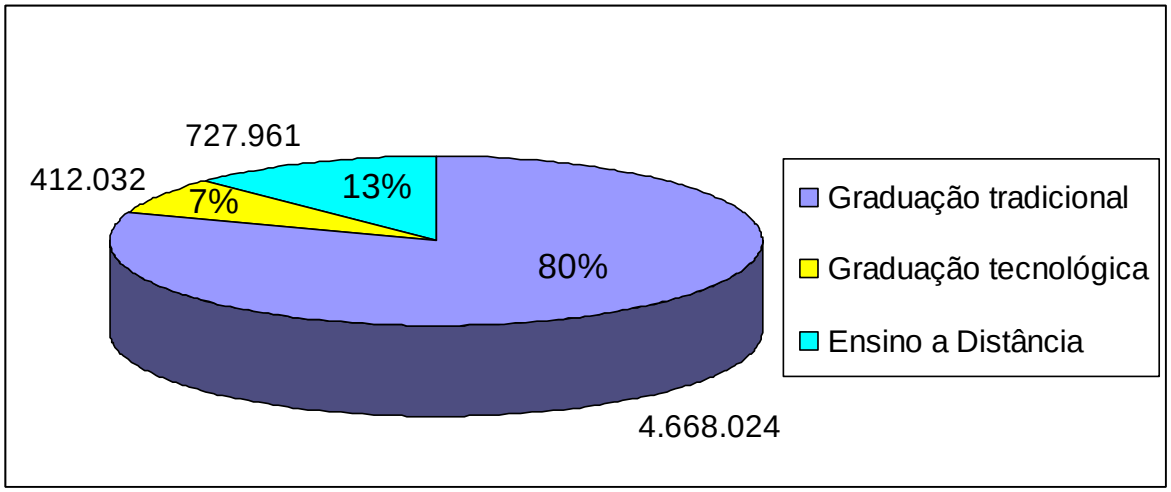
Gráfico 16: Evolução das matrículas, segundo a modalidade de ensino Brasil – 2002 a 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Embora o crescimento da graduação tecnológica seja expressivo nos últimos anos, é preciso ressaltar que o segmento ainda representa uma fatia muito pequena do total de alunos matriculados, apenas 7%, conforme ilustra o Gráfico 17.

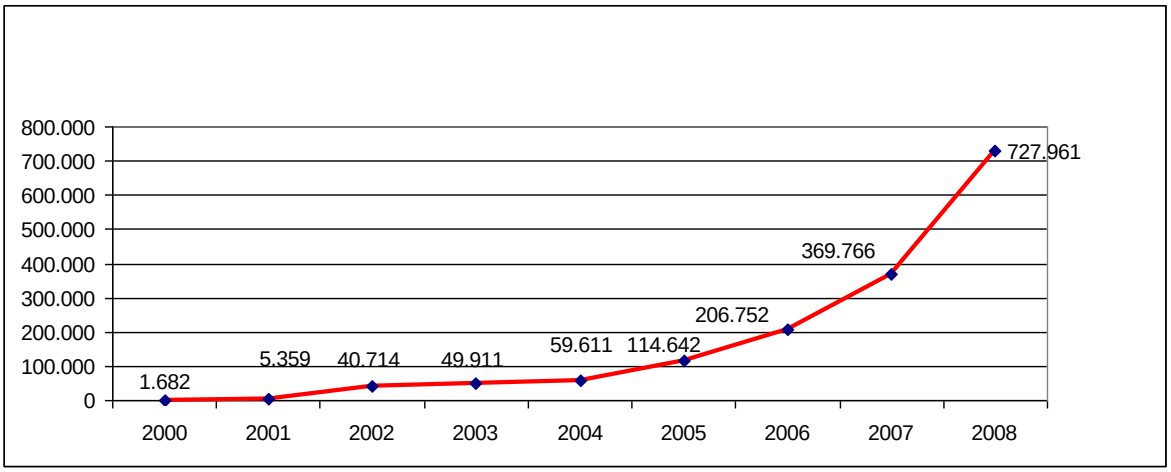
Gráfico 17: Distribuição das matrículas, segundo a modalidade de ensino Brasil – 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Como se pode observar tanto do Gráfico 17, quanto do Gráfico 18 outro fenômeno significativo no Brasil é o Ensino a distância (EAD), modalidade bastante recente no país e que já abrange 13% dos alunos matriculados no ensino superior. Entre 2007 e 2008, o número de alunos matriculados em cursos a distância quase dobrou, foi um crescimento de 97%, como se vê abaixo.

Gráfico 18: Evolução das matrículas no Ensino a Distância Brasil – 2000 a 2008



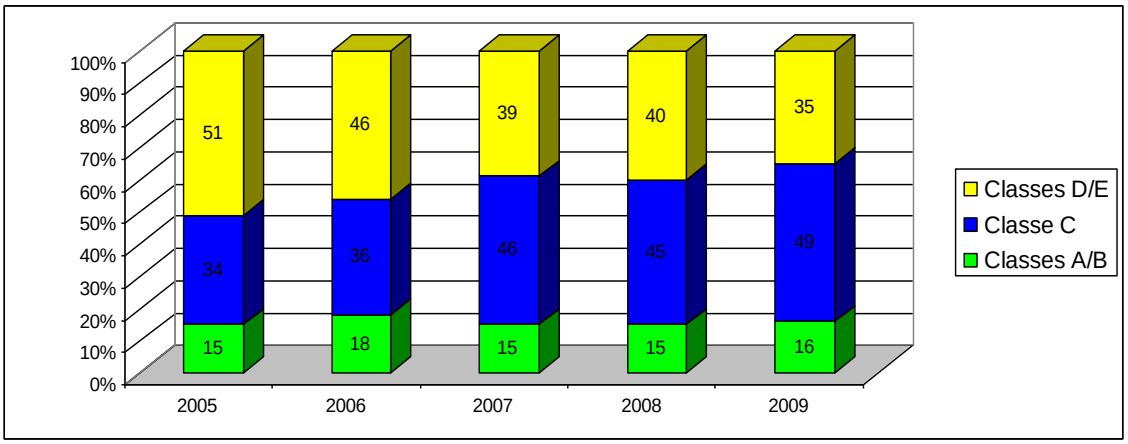
Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

O crescimento da EAD no país foi bastante impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, especialmente pela expansão da internet no

Brasil. De acordo com pesquisa do IBGE, o total de usuários de internet no país chegou a 56 milhões em 2008, com aumento de 75% ante 2005. A pesquisa do IBGE mostra que, embora no Brasil o percentual de pessoas com acesso à rede seja de apenas 34,8%, contra 74% na América do Norte e 52% na Europa, o país está acima da média mundial (25,6%) e da América Latina e Caribe (30,5%). O levantamento se refere à população com dez anos ou mais de idade e mostra que, em três anos (entre 2005 e 2008), 24 milhões de pessoas foram incluídas no acesso à *web* no Brasil.

É muito provável também que o crescimento do EAD esteja ligado à expansão da classe C nos últimos anos e facilidade de crédito, que acaba sendo utilizado também para a compra de computadores. Uma pesquisa intitulada *Observador Brasil 2010*, realizada pela financeira Cetelem, do grupo francês BNP Paribas, em parceria com o Instituto de Pesquisa Ipsos, revela que, em 2007 a classe C já constituía a maioria da população, com 46%, o que representa 86,2 milhões de pessoas, conforme ilustra o Gráfico 19[16].

Gráfico 19: Distribuição da população brasileira por classes econômicas[17] Brasil – 2005 a 2009



Fonte: Pesquisa *Observador Brasil 2010*feita pela Cetelem em parceria com o instituto de pesquisa Ipsos

[16] Informações retiradas das materias "Classe C já tem mais de um quarto do poder de consumo", publicada em 30/03/2008 no jornal O Estado de S. Paulo, na página B16 e "Classe C é a que mais se expande em 2009", publicada no jornal Folha de S. Paulo, na página do caderno Dinheiro.

[17] A divisão por classe nessa pesquisa seguiu o Critério de Classificação Econômica Brasil, fornecido pela Abep (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa). Esse critério é uma ferramenta utilizada pelos institutos de pesquisa para estimar o poder de compra e consumo das pessoas e das famílias urbanas do país. Nesse critério, não há a pretensão de classificar a população em "classes sociais", mas sim em "classes econômicas". O conceito leva em consideração a posse de bens, a quantidade de banheiros na casa e o nível educacional do chefe da família.

Conforme é possível observar pelo Gráfico 19, a expansão da classe C chegou a 15 pontos percentuais desde 2005, início da pesquisa, quando essa fatia da população representava 34% do total da população. Naquele ano, as classes A/B respondiam por 15% e as D/E, por 51%. Nos últimos cinco anos, esse estrato intermediário ganhou 30,15 milhões de pessoas, sendo 8,23 milhões entre 2008 e 2009. Já os segmentos D/E encolheram, perdendo 26,05 milhões desde 2005, dos quais 8,94 milhões no último ano. Somente de 2006 para 2007, a classe C cresceu o equivalente a duas vezes a população de Portugal, pois ingressam nela quase 20 milhões de pessoas.

Essa ascensão social teve como causas principais a expansão do crédito ao consumidor, decorrente do alongamento dos prazos; a maior oferta de financiamentos pelos bancos e financeiras; a redução dos juros; a queda dos preços dos bens de consumo duráveis; a redução do desemprego e o aumento da renda média; e os programas sociais do governo, que aumentaram a renda da base da pirâmide social. A pesquisa mostra que a classe tem várias aspirações de consumo que, em parte, já estão sendo realizadas. Entre elas, a compra de carro, eletrodomésticos, celulares e computadores.

A crise econômica mundial, que se iniciou no final de 2008 e se estendeu ao longo de 2009, atingiu principalmente a população de maior renda, dificultando o acesso e permanência nas classes econômicas mais altas, A e B, embora em 2008 também tenha havido uma retração de um ponto percentual na classe C. No entanto, já em 2009, 4% da população brasileira migrou das classes D e E para a classe C, como podemos obervar no Gráfico 19.

A mesma pesquisa aponta que entre 2008 e 2009, a renda familiar média mensal caiu nas classes A/B, de R$ 2.586 para R$ 2.533, mas subiu na C (de R$ 1.201 para R$ 1.276) e nas D/E (de R$ 650 para R$ 733). Os dados referentes à renda confirmam que a crise afetou mais o topo da pirâmide. Na média, a renda no país bateu recorde em 2009, atingindo o valor de R$ 1.285.

Pesquisa do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getulio Vargas (FGV) aponta que o país deve ter pelo menos mais cinco anos de ascensão social, com a entrada de 9,4 milhões de brasileiros nas classes A/B até 2014 e outros 26,6 milhões na C. Os critérios utilizados pela FGV diferem dos da Cetelem, por considerar também a renda mensal familiar. Uma das causas dessa mobilidade, na visão de Marcelo Neri, economista-chefe do CPS

da FGV, é o aumento da escolaridade da população aliado ao aquecimento do mercado de trabalho, o que inclui a expansão de vagas com carteira assinada.

A ascensão social da classe C não está ligada apenas ao crescimento do ensino a distância, mas tem também relação direta com a expansão de matrículas em todo o sistema verificada nos últimos anos. Diversas IES passaram a desenvolver estratégias específicas para atrair esse público de alunos. Entre essas táticas estão a localização de suas unidades – geralmente próximas de estações de metrô ou terminais de ônibus, posicionadas em pontos geográficos da cidade que sejam de fácil acesso para a população que vive nas áreas periféricas de cidades como São Paulo – , o valor de suas mensalidades, a oferta de cursos e até mesmo os projetos arquitetônicos de seus prédios. A Universidade Bandeirante (Uniban) é um exemplo típico de uma IES cujo objetivo é atrair alunos das classes populares. A instituição adquiriu "notoriedade" recentemente por conta da agressão que a aluna Geisy Arruda, estudante do campus de São Bernardo do Campo, sofreu por parte de outros estudantes por estar usando um vestido curto; agressão essa seguida da expulsão da aluna pela universidade. Mas a universidade se esforça, há vários anos, para ter sua imagem associada à "responsabilidade social", tema de seguidas campanhas publicitárias da Uniban. A "responsabilidade social" aqui é associada com a democratização de acesso ao ensino superior, tanto do ponto de vista geográfico quanto financeiro, uma vez que as mensalidades têm valores baixos, comparados com a média cobrada pela concorrência.

O crescimento de matrículas dos últimos anos também contou com o auxílio de programas de financiamento e incentivo, tanto por parte do Estado quanto da iniciativa privada, disponibilizados para viabilizar economicamente o acesso ao ensino superior para uma parcela maior da população. No momento, existem dois programas do governo destinados a este fim: o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Programa de Financiamento Estudantil (FIES).

O ProUni foi criado pela Medida Provisória nº 213/2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em

contrapartida, isenção de alguns tributos às IES que aderirem ao Programa. Ao fornecer isenções fiscais a instituições com fins lucrativos, o ProUni também desempenhou o papel de estimular o crescimento e o investimento privado no setor de educação superior, possibilitando que as instituições com fins lucrativos oferecessem cursos a preços competitivos comparados àqueles praticados por instituições filantrópicas e sem fins lucrativos. No seu primeiro processo seletivo, o ProUni ofereceu 112 mil bolsas em 1.142 instituições de ensino superior de todo o país. Nos próximos quatro anos, o programa deverá oferecer 400 mil novas bolsas de estudos.

O Programa de Financiamento Estudantil (FIES) é destinado a financiar a graduação no Ensino Superior de estudantes que não têm condições de arcar com os custos de sua formação e estejam regularmente matriculados em instituições não gratuitas, cadastradas no Programa e com avaliação positiva nos processos de avaliação conduzidos pelo MEC. O FIES oferece financiamento de até 75% dos encargos cobrados para estudantes matriculados em cursos considerados prioritários ou de até 50% das mensalidades dos estudantes dos demais cursos. Criado em 1999 para substituir Programa de Crédito Educativo (PCE/CREDUC), o FIES tem registrado uma participação cada vez maior das Instituições de Ensino Superior e dos estudantes do país. Os números disponíveis mais recentes do FIES apontam que existem 1.459 instituições de ensino cadastradas no programa, 2.080 campi em todo Brasil e quase 500 mil estudantes beneficiados. Segundo dados publicados pela Caixa Econômica Federal, órgão que gerenciava o programa até 2009, a aplicação de recursos é da ordem de R$ 4,6 bilhões entre contratações e renovações semestrais dos financiamentos desde a criação do FIES. A expectativa do governo Lula é que até 200 mil estudantes obtenham o financiamento em 2010. No ano de 2009, foram 35 mil. O MEC conta com o salto devido a mudanças na regra, que tornaram menos difícil o pagamento da dívida. Em 2010, o programa sofreu diversas alterações: uma delas foi a transferência de sua gestão, que saiu da Caixa para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), braço operacional do Ministério da Educação. Segundo o MEC, a administração mudou para que o aluno possa pedir financiamento em qualquer momento do ano. Até então, havia um período fixo para fazer as solicitações. O programa foi reformulado

porque havia bolsas não preenchidas (também caiu a taxa de juros e cresceu o prazo para pagamento da dívida). Os critérios eram considerados muito rígidos, o que desestimulava os alunos. Estudantes que contraíam o financiamento tinham problemas para pagar a dívida.

Mesmo com o expressivo aumento do FIES esperado pelo governo no ano de 2010, o aumento de vagas e cursos nas universidades federais com a implantação do REUNI e com a inauguração de novas universidades federais, os números deixam claro que o investimento público não tem conseguido atender a demanda crescente por serviços de educação superior no Brasil, abrindo espaço para uma participação cada vez maior da iniciativa privada no setor. O foco dos investimentos do Estado tem sido a promoção e disseminação do Ensino Básico, para o qual destina aproximadamente 80% de sua verba, ao passo que o Estado e o Governo Federal criam incentivos para estimular o investimento privado no setor de Ensino Superior. Enquanto a participação privada na educação básica no Brasil era de apenas 13% em 2005, a participação privada no Ensino Superior atingiu 73% no mesmo ano, segundo dados do censo escolar divulgados pelo INEP.

Tabela 7: Investimentos do setor público e faturamento do setor privado nos níveis de ensino – Brasil – 2004

Investimentos do Setor Público - 2004	R$ bilhões	%
Ensino Superior	18.4	23%
Ensino Fundamental	37.6	47%
Ensino Médio	10.4	13%
Ensino Infantil	6.4	8%
Ensino "EJA" (Jovens Adultos) (1)	7.2	9%
Total	**80.0**	**100%**

Fonte: MEC/INEP e Hoper Educacional

Faturamento do Setor Privado - 2004	R$ bilhões	%
Ensino Superior	15.1	42%
Ensino Fundamental	13.3	37%
Ensino Médio	4.7	13%
Ensino Infantil	2.9	8%
Total	**36.0**	**100%**

Fonte: MEC/INEP e Hoper Educacional

(1) Aulas oferecidos para alunos que não tiveram oportunidade de estudar na idade apropriada, ou que por algum motivo abandonou a escola antes de terminar a Educação Básica, ou para adultos ainda não alfabetizados.

Fica claro que a massificação do ensino superior no Brasil está sendo realizada pelo setor privado, ao contrário do que já ocorreu com a maioria dos demais países da América Latina, que massificou seu ensino pela via pública. Aliás, em termos internacionais, o Brasil é um dos casos singulares, por apresentar volume enorme de educação superior provida por entidades particulares independentes do Estado. Em um universo de 50 países membros e não-membros para os quais a OCDE disponibiliza dados sobre a configuração da educação superior, em apenas 11, além do Brasil, o

crescimento da educação superior tem sido suportado pelo setor privado. É importante registrar que na maioria desses países o processo, em seus primórdios, foi bastante semelhante ao que se observou no Brasil. O ponto de partida foi o enfraquecimento, ou mesmo esgotamento, da capacidade do Estado em prover a expansão do setor.

A Constituição Federal de 1988, à semelhança das que a antecederam, escolheu o mercado como forma possível de expansão da educação superior ao estabelecer que o "ensino é livre à iniciativa privada", desde que atenda às normas gerais da educação nacional e desde que seja autorizada e avaliada pelo Poder Público. Na realidade, desde a Constituição de 1937 o princípio de que a educação é livre à iniciativa privada vem sendo repetido nas Cartas brasileiras. Sendo assim, podemos afirmar que não apenas os planos de Reforma do Estado, como também a própria Constituição engendraram a natureza privatizante da educação superior brasileira. Ainda que não se possa apontar o momento preciso em que se deu a decisão de expandir o terceiro grau preponderantemente através do setor privado, os dados apontam para a materialidade de tal decisão. Há hoje um predomínio absoluto do setor privado no ensino superior, já que ele concentra 90% das instituições e 73% das matrículas (Censo 2008 Inep/MEC).

Toda a política regulatória, bem como os programas de financiamento, não deixam dúvida de que houve uma decisão do governo em escolher o setor privado como esteio e alavanca da expansão – e porque não dizer da massificação – do ensino superior brasileiro. Tal decisão gera um elevado nível de controvérsia que hoje circunda o setor.

Como a massificação dessa modalidade de ensino no Brasil está sendo realizada pelo setor privado não faltam acusações de que o processo está sendo governado pelo mercado, pelo processo de lucro, e, portanto, pode ameaçar a credibilidade do sistema de ensino superior no país.

Em um extremo, estão os que entendem existir uma contradição insanável entre os fins públicos da educação e os interesses privados dos proprietários das instituições privadas. Nesta perspectiva, seria inadmissível a existência de instituições privadas de fins lucrativos, e a própria existência de um setor privado é vista como questionável. A expansão do setor privado e sua natureza frequentemente empresarial são percebidas como uma

aberração que caberia limitar ou coibir, sendo no máximo tolerada como mal inevitável, mas nunca apoiada ou subvencionada.

No outro extremo estão os que defendem que as instituições privadas, sobretudo as de natureza confessional, religiosa e comunitária, desempenham função social relevante e deveriam ser subvencionadas com recursos públicos, que não deveriam ser limitados ao financiamento das instituições estatais. Finalmente, no setor mais claramente empresarial, predomina a busca de uma liberdade absoluta do setor privado, em que se considera como abusivos quaisquer atos do poder público que busquem garantir a qualidade e regular a provisão de serviços do setor.

No meio dos extremos, existem posições como a de Nunes (2007), que defende haver espaço para a atuação pública e também para a privada, desde que sejam reconhecidas e estimuladas as funções diferentes de cada uma dessas esferas:

> Caberia ao setor público a responsabilidade com os fundamentos da vida universitária e científica, através de suas mantidas (IES públicas), que não deveriam ser compelidas à participação no processo de massificação da educação superior, para que possam se dedicar à orientação disciplinar fundamentalmente acadêmica e científica, portanto universitárias no mais estrito sentido do termo. Caberia ao setor privado a oferta massificada de ensino de boa qualidade, adequadamente supervisionado e avaliado, sem que se esperasse dele dedicação ao avanço da ciência e a aderência a valores imateriais e históricos, dele esperando-se, contudo, a adequada atenção à formação profissional nas suas diferentes modalidades. (NUNES, 2007)

Segundo o autor, se houvesse o reconhecimento dessa divisão social do trabalho institucional, o país poderia beneficiar-se da possibilidade de investir nas universidades públicas, transformando-as em instituições de classe mundial, sem a necessária preocupação com a massificação do setor, que ficaria a cargo das instituições privadas.

O que podemos concluir deste capítulo é que, especialmente em sua história recente, o país optou por um modelo de expansão do ensino superior maciçamente sustentado pelo setor privado. Nesse período, grandes grupos educacionais com caráter fortemente mercantil se consolidaram no país, assim como o Brasil também passou a ser sede de instituições internacionais.

As duas últimas décadas foram marcadas por um crescimento acelerado em termos de matrículas de alunos, abertura de instituições e oferecimento de cursos, inclusive em modalidades que eram inexistentes ou insignificantes em termos estatísticos, como a graduação tecnológica. Há também o fenômeno relativamente recente do aumento do ensino a distância, facilitado pelas novas tecnologias da informação, especialmente o desenvolvimento da internet. Ambos os fatores estão, ainda, relacionados com a expansão da classe C no país. Tal expansão se materializa em milhares de alunos que passam a ingressar no sistema, que estavam excluídos dele até há poucos anos. Cabe investigar, então, quem é esse “novo aluno”, tanto do ponto de vista do perfil sócio-econômico, quanto do universo simbólico que o cerca, em especial no que tange ao ingresso no ensino superior. Isso é o que faremos no próximo capítulo, a partir de um estudo de caso realizado em um Centro Universitário da capital paulista.

Capítulo 3

O perfil dos novos alunos: o caso do Centro Universitário Radial-Estácio

Os dados apresentados no capítulo anterior referentes ao crescimento de matrículas e instituições de ensino nos últimos anos no Brasil deixam claro que há muito mais estudantes ingressando em cursos superiores no país do que há pouco mais de uma década. Mas quem são essas pessoas? Neste capítulo faremos uma análise do perfil desse aluno, no que diz respeito à renda própria, renda familiar, moradia, dados referentes à escolaridade anterior e escolaridade dos pais. Serão abordados também seus hábitos de consumo, cabendo reflexão sobre o consumo do próprio curso superior, um bem que é ao mesmo tempo cultural, simbólico, mas também se materializa em um diploma que tem importância essencial para a inserção e manutenção dos estudantes no mercado de trabalho e para sua ascensão social.

A análise do perfil desse novo aluno será feita utilizando dados coletados pelo Inep/MEC e pelo IBGE, combinadas a outras pesquisas aplicadas por institutos e consultorias especializas no Ensino Superior, como a Hoper Estudos de Mercado. Será também cumprida pelo estudo de caso que é objeto desta pesquisa, mediante levantamento realizado com alunos do Centro Universitário Radial, instituição de ensino privada que pertence ao grupo Estácio Participações, uma das maiores redes de educação superior particular do país, em número de alunos matriculados, como foi ilustrado no capítulo anterior.

Para a realização da análise do perfil deste aluno combinaremos duas técnicas de amostragem: a probabilística (baseada no tratamento estatístico e em métodos quantitativos de análise) e a não-probabilística (baseada na representatividade social, não-estatística e em tratamento dos dados qualitativos).

Como ressalta Lopes (2001a), a adesão a um determinado quadro teórico de referência também orienta a opção por determinados métodos de observação. Ou seja, esses métodos não são simples instrumentos e muito

menos neutros, mas, antes, “teorias em ato” (Bourdieu, 1998), isto é, cristalizações de enunciados teóricos.

Segundo Cervo e Bervian (1985), em seu sentido mais geral, o método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado. Ainda segundo os autores, o método não se inventa, depende do objeto de pesquisa.

Boudon (1971) afirma que, enquanto os métodos quantitativos podem ser analisados em um certo número de operações cuja natureza lógica é bem definida, o mesmo nem sempre acontece com os métodos qualitativos, quando as operações e procedimentos, nem sempre obedecem lógicas estritas e claramente definidas.

De acordo com Lopes (2001a), a Metodologia está no plano do paradigma, que nas Ciências Sociais fornece tanto modelos teóricos, como modelos metodológicos. Um paradigma é uma perspectiva teórico-metodológica, e uma problemática teórica traz consigo uma problemática metodológica, que são as estratégias usadas durante a investigação científica. Segundo a autora, a adesão a um determinado quadro teórico de referência está ligada à própria formulação do objeto de estudo, ainda que este não seja um processo consciente.

Lopes (2001a) argumenta que a função da teoria na pesquisa é ser o meio de ruptura epistemológico em face das pré-noções do senso comum. A teoria permeia todo o processo da pesquisa, está presente nos procedimentos de observação, na elaboração do problema a ser investigado e na elaboração do sistema de hipóteses.

A mesma autora defende que a teoria escolhida para lidar com determinado problema de investigação científica nunca está desvinculada da problemática empírica. Portanto, esta pesquisa encontra ressonâncias teóricas na perspectiva gramsciana e nos estudos sobre a recepção crítica, a cultura da cotidianidade ou o popular e o massivo, além dos conceitos formulados por Bourdieu (1998) a respeito do capital cultural, mas também sem descartar a perspectiva econômica presente no conceito frankfurtiano da indústria cultural e educacional, como veremos adiante.

Entretanto, conforme ressalta Lopes (2001a, p. 42-43), essas construções teóricas não podem ser vistas como “paradigmas alternativos”,

mas sim como reatualizações de um paradigma clássico – o marxista – à problemática da cultura e da comunicação contemporâneas.

A elaboração das hipóteses faz parte da construção do objeto científico. Sendo assim, elas necessitam estar ligadas conceitualmente à problemática da pesquisa. Como declara Lopes (2001a), as hipóteses são afirmações condicionais feitas no começo da pesquisa e podem, ao final dela, serem confirmadas ou rejeitadas (total ou parcialmente). Outra possibilidade é que novas hipóteses sejam formuladas no decorrer da pesquisa. O sistema de hipóteses estabelece a conexão entre a teoria e os fatos e funciona como um orientador/guia ao longo da pesquisa.

A hipótese central desta pesquisa está ligada à entrada de um contingente de novos alunos no ensino superior privado, nos últimos anos. Essa grupo seria composto por pessoas oriundas, em sua maioria, das classes populares, com características próprias no que diz respeito a dois aspectos fundamentais: sócio-econômico e cultural, o que envolve seu universo simbólico, seu mundo de representações. A hipótese central é que juntamente com as mudanças nos padrões sociais, houve também mudanças no padrão de consumo de mídia, bem como no acesso à informação e ao conhecimento.

Para delinear o perfil dos estudantes do ponto de vista cultural, o que inclui a análise do consumo de bens culturais e midiáticos, bem como o grau de entrada dessas "*commodities* simbólicos", utilizamos uma pesquisa de campo realizada no Centro Universitário Radial (UniRadial-Estácio).

É importante lembrar que os dados gerais, nacionais, são importantes no cruzamento entre o que será apontado como característica geral e que combina ou não com o que foi encontrado na pesquisa de campo realizada na referida instituição. Ou seja, a massa de dados dos alunos da pesquisa de campo não é um produto cuja especificidade se desloca do todo, mas está em relação direta com este todo. As informações sobre os estudantes brasileiros como um todo delineiam um cenário onde os alunos do estudo de caso em questão se movimentam, mas esse cenário pode ser "desdito", reformulado, a partir da coleta e análise das informações dos alunos da UniRadial-Estácio.

A pesquisa de campo realizada na instituição em tela se desdobra em dois procedimentos. O primeiro, consiste em sua parte quantitativa, na qual

foram aplicados formulários com questões de múltipla escolha a 2.263 alunos que estavam se matriculando na instituição em janeiro de 2008. Eram ingressantes de nove cursos de graduação tradicionais e 12 de tecnológicos, sendo que 476 (21%) deles são do período diurno e 1.787 (79%) do turno noturno. Do total de alunos da instituição, cerca de 85% estão matriculados em cursos noturnos e em torno de 15%, estudam durante o dia. Daí a opção nas entrevistas quantitativas por uma ampla maioria de estudantes do turno da noite.

Esses alunos pertencem a seis campi: três na zona sul de São Paulo (Jabaquara, Santo Amaro e Hípica), onde concentram-se a maior parte dos estudantes da UniRadial-Estácio, um na zona leste (Mooca), um na zona oeste (Pinheiros) e um em Santo André, na região do ABC paulista. Os 2.263 alunos que participaram da pesquisa estão distribuídos conforme as tabelas abaixo, em relação aos campi e cursos.

Tabela 8: Número de alunos participantes da pesquisa quantitativa do estudo de caso, por campus

Nº de alunos participantes da pesquisa	Percentual	Campus
205	9%	Jabaquara
788	35%	Santo Amaro
397	18%	Hípica
34	2%	Mooca
38	2%	Pinheiros
801	35%	Santo André
2.263	**100%**	**TOTAL**

Tabela 9: Número de alunos participantes da pesquisa quantitativa do estudo de caso, por curso

Nº de alunos participantes da pesquisa	Percentual	Curso
624	**28%**	**Graduação Tradicional**
136	6%	Administração
68	3%	Ciências Contábeis
121	5%	Direito
10	0,4%	Pedagogia
56	2%	Jornalismo
90	4%	Publicidade e Propaganda

8	0,4%	Educação Física
107	5%	Engenharia Elétrica
16	1%	Engenharia de Produção
12	1%	Engenharia Ambiental
1.639	**72%**	**Graduação Tecnológica**
73	3%	Redes de Computadores
63	3%	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
66	3%	Gestão da Tecnologia da Informação
284	13%	Marketing
346	15%	Logística
390	17%	Gestão em Recursos Humanos
137	6%	Gestão Financeira
138	6%	Comércio Exterior
12	1%	Processos Gerenciais
7	0,3%	Gestão Ambiental
93	4%	Automação Industrial
30	1%	Comunicação Institucional
2.263	**100%**	**TOTAL**

O segundo procedimento consistiu em entrevistas em profundidade, não diretivas, gravadas, feitas com dez estudantes da UniRadial-Estácio, a fim de colher dados qualitativos desses alunos e aprofundar questões que surgiram no questionário quantitativo. As entrevistas foram realizadas nas residências dos alunos, com base em um roteiro pré-estabelecido que encontra-se no anexo desta tese, a fim de obter dados qualitativos dos estudantes por meio da técnica de observação direta. Fizemos, ainda, registros fotográficos dos estudantes em suas casas, da fachada de suas residências, de seus locais de estudo. O combinado com os entrevistados é que eles não seriam identificados por seus nomes nesta pesquisa.

Para tais entrevistas ignoraram-se as variáveis de gênero, faixa etária e raça/etnia. Dos dez entrevistados, seis pertenciam ao sexo masculino e quatro, ao feminino. As idades variaram de 19 a 30 anos, como é possível observar na Tabela 10. Ao selecionar os alunos para as entrevistas procurou-se as características modais levantadas no grupo da pesquisa quantitativa. Define-se como modal, o perfil mais frequente dentro de um campo amostral, dessa forma sendo estatisticamente mais coerente na representação do

campo de pesquisa. Considerando que, na pesquisa quantitativa, o grupo mais representativo de estudantes estava concentrado na graduação tecnológica (72% dos alunos pesquisados), dos dez alunos entrevistados nas qualitativas, oito eram estudantes dessa modalidade de ensino e apenas dois da graduação tradicional. O mesmo raciocínio orientou a escolha dos cursos. Dessa forma, na pesquisa qualitativa foram entrevistados alunos de apenas três cursos: Gestão de Recursos Humanos (três entrevistados), Logística (cinco entrevistados) e Administração (dois entrevistados). Isso porque somente esses três cursos concentravam quase 40% dos alunos que responderam ao primeiro questionário. Na segunda fase da pesquisa foram entrevistados somente alunos do período noturno, uma vez que eles representavam 79% dos estudantes do primeiro questionário.

Apesar de terem sido selecionados alunos com o perfil modal do primeiro questionário, é importante ressaltar que não pretendemos afirmar que essa amostragem represente, estatisticamente, todos os alunos da UniRadial-Estácio e nem tampouco representam estudantes dos cursos superiores de outras instituições de ensino superior de São Paulo. Fica claro, portanto, que utilizaremos técnicas de amostragem não-probabilísticas, baseadas na representatividade social, não-estatística e em tratamento dos dados qualitativos.

Abaixo segue a relação de entrevistados na etapa qualitativa, com idade, sexo, curso e campus em que estudam e em que semestre estavam entre agosto e outubro de 2009, período em que foram realizadas as enquetes.

Tabela 10: Alunos participantes da pesquisa qualitativa do estudo de caso, por idade, gênero, curso, campus e semestre

Entrevistado	Idade	Sexo	Curso	Campus	Semestre
Entrevista 1	24	Masculino	Logística	Santo Amaro	2º
Entrevista 2	26	Masculino	Logística	Jabaquara	4º
Entrevista 3	22	Feminino	Gestão de Recursos Humanos	Santo Amaro	2º
Entrevista 4	23	Feminino	Gestão de Recursos Humanos	Santo André	1º
Entrevista 5	30	Feminino	Administração	Jabaquara	5º
Entrevista 6	25	Feminino	Gestão de Recursos Humanos	Santo Amaro	3º
Entrevista 7	20	Masculino	Logística	Santo André	3º

Entrevista 8	19	Masculino	Logística	Santo André	2º
Entrevista 9	27	Masculino	Logística	Santo Amaro	2º
Entrevista 10	20	Masculino	Administração	Jabaquara	1º

O objetivo da pesquisa qualitativa é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos e nesta tese serviu para aprofundamento dos significados imanentes dos estudantes de ensino superior já levantados na fase quantitativa.

> A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo, o fornecimento de uma "descrição detalhada" de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. (BAUER; GASKEL, 2002, p. 48)

Trata-se aqui de identificar os valores intangíveis que podem representar para este segmento tanto o acesso ao ensino superior, como principalmente a expectativa envolvida com a formação e sua projeção individual e social, tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal. Ou seja, qual é o papel simbólico que o curso superior representa em sua vida. Foi também objetivo das entrevistas qualitativas aprofundar questões relativas ao consumo de mídia e a utilização do computador e da internet como fonte de informação e conhecimento, tanto no âmbito escolar quanto fora dele.

Esta tese partiu de algumas hipóteses secundárias e um dos objetivos das duas etapas da pesquisa de campo (os questionários e as entrevistas) foi confrontá-las. São elas:

- Esse aluno é fortemente marcado por uma cultura audiovisual, cultura esta moldada pelos grandes produtores internacionais de bens culturais e midiáticos.
- Esses alunos têm precário "capital cultural" (no sentido que Bourdieu dá ao termo).

- Os hábitos, gostos e a “cultura” de modo geral dessa comunidade, frequentemente vinculada a produtos da indústria cultural, são constantemente ignorados nas práticas pedagógicas da instituição de ensino onde estudam, seja dentro da sala de aula ou fora dela.

A partir da investigação dessas hipóteses é possível refletir sobre a utilização de estratégias comunicacionais em instituições de ensino cujo perfil de aluno se encaixe nas hipóteses formuladas acima. A questão fundamental que permeia “o problema” a ser analisado neste trabalho é o do ingresso das classes populares em um território até então destinado somente à classe dominante: o ensino superior. Segundo o próprio MEC, a expansão do setor verificada na última década, se deve a dois motivos principais: o crescimento de concluintes do ensino médio e a incorporação de novos públicos, até então sem acesso ao ensino superior. É o que afirma Maria Helena Guimarães de Castro (2002, p. 23-24), ex-presidente do Inep:

> O ensino superior, hoje, enfrenta o desafio de receber um número maior de alunos. Alunos que historicamente estiveram excluídos, não só do ensino superior como também do ensino médio. [...] O número de concluintes do ensino fundamental cresceu 230% em menos de uma década e o número de concluintes do ensino médio cresceu 228% em apenas sete anos. É por essa razão que o ensino superior enfrenta o grande desafio de uma enorme expansão. [...] E a questão é como enfrentar a nova demanda, que é a demanda de uma população de baixa renda, crescentemente de baixa renda. Sabemos que a classe média e as classes A e B sempre tiveram acesso ao ensino superior e sempre aspiraram ingressar no ensino superior.

A educação, conforme já apontou Bourdieu (2008), é elemento importante na manutenção da hegemonia das classes dominantes e na reprodução de modelos socialmente vigentes. Em *A Reprodução*, lançado na França em 1970, Bourdieu e Passeron sistematizam as relações existentes entre o sistema de ensino e a ordem social, por meio da análise do sistema de ensino francês do final da década de 1960, descrevendo os mecanismos pelos quais a violência simbólica é exercida pela instituição escolar e seus agentes que, em geral, ignoram que contribuem para legitimá-la socialmente. Uma das formas do exercício dessa violência estava em atribuir à vítima do fracasso escolar a culpa exclusiva por ser vítima. Evidentemente que, ao utilizar tais

conceitos, é preciso lembrar-se do contexto de sua produção, tanto no tempo quanto no espaço – a França das décadas de 1960-70. Ainda assim, muitas das proposições teóricas do livro continuam pertinentes, como o conceito de capital, em suas diversas dimensões, inclusive o de capital cultural. Esses conceitos foram depois desdobrados e aprofundados em outros textos posteriores do próprio Bourdieu. O conceito de "capital cultural", desenvolvido pelo sociólogo francês para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais, procura relacionar o "sucesso escolar" com a distribuição do capital cultural entre as classes ou frações de classe. De acordo com Bourdieu, "é o nível cultural global familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança" cultural"[18]. O próprio autor afirma, entretanto, que tal fato não se restringe ao universo infantil e às séries elementares da educação. Ao contrário, as diferenças entre as taxas de êxito se manifestam com maior nitidez ainda nos graus mais elevados de escolaridade.

O fato de Bourdieu ter apontado que o sistema de ensino contribui para conservar as estruturas sociais não significa que o próprio autor defenda a reprodução em si, nem tampouco a compreenda como inevitável.

Entretanto, nos parece praticamente impossível que uma instituição de ensino superior como a UniRadial-Estácio, com as características que a compõem, tenha como objetivo uma atuação para além da reprodução e manutenção dos valores e modelos do *status quo*, que contribua para a construção de um discurso contra-hegemônico que preserve as referências simbólicas das classes populares. Ainda assim, ou até mesmo por causa disso, cabe aqui a investigação de como esse público estudantil das classes populares concorda ou discorda dos sistemas de valores envolvidos nessa questão; como ele cria (ou não) vínculos ou encontra algum tipo de identificação nesse mundo acadêmico, frequentemente tão distante de seus valores, sua cultura e seu modo de vida.

Como diz Martín-Barbero (1997), muito do que constitui as classes populares ou faz parte de sua vida é rechaçado pelo discurso da Cultura (com

[18] O conceito de "capital cultural" é amplamente desenvolvido por BOURDIEU em três artigos presentes no mesmo livro: "A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura", "O capital social – notas provisórias" e "Os três estados do capital cultural". In NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

C maiúsculo) e da *educação*, encontrando expressão na indústria cultural. Há que se descobrir, então, novas formas de participação e comunicação que falem o idioma dos alunos e que possam servir, assim, "de ponte entre a racionalidade expressivo-simbólica e a informativo-instrumental" (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 315). Ainda de acordo com o autor (1996), "a escola encarna e prolonga, como nenhuma outra instituição a comunicação do texto impresso." E certamente isso se dá com mais força ainda no ensino superior.

Assim, devemos nos questionar: é possível aproximar esses dois mundos que parecem tão distantes: o mundo da "alta cultura" educacional e o mundo da vida cultural desses alunos, que são das classes populares? Poderiam as novas tecnologias de informação e de acesso ao conhecimento contribuir nesse processo?

A busca dessas respostas é o que também orientou parte da metodologia adotada no trabalho, já que a cultura dos receptores é um elemento norteador na gestão comunicativa. E a cultura, na definição de Geertz (1973), são "sistemas entrelaçados de signos interpretáveis" em um determinado contexto. O conceito de cultura, na perspectiva de Geertz, é "essencialmente semiótico", uma vez que o comportamento humano é ação simbólica, é uma ação que significa. De acordo com o autor, "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu." A cultura são justamente essas teias e sua análise, ou melhor, a procura do significado dessas teias.

O relato antropológico nos ajudaria, então, a "ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido mais amplo, *conversar* com eles." Justamente por isso é que também foi adotada nesta pesquisa a entrevista em profundidade, realizada na casa dos estudantes, já que ela "... é sobre escutar. É sobre prestar atenção. É sobre estar aberto para ouvir o que as pessoas têm a dizer. [...] É sobre criar um ambiente confortável para as pessoas compartilharem." (KRUEGER; CASEY, p. 29)

Essas entrevistas também têm o objetivo de trazer à tona o universo de linguagem e valores dos alunos. De acordo com Citelli (2000, p. 123) "o educando, entendido como um sujeito em formação, possui uma história social

e cultural que lhe deixa marcas e comportamentos". São também essas marcas e comportamentos que pretendemos desvelar.

Nas entrevistas em profundidade, os dados são coletados de forma individual, de maneira exploratória, com roteiro elaborado para se extrair as informações, com técnicas projetivas ou de associações, em que se obtêm as percepções do entrevistado de maneira mais espontânea, sem que ele seja compelido a emitir seu parecer pessoal forçosamente.

> Fundamentalmente, em uma entrevista em profundidade bem feita, a cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe. Embora tais pontos de vista pessoais reflitam os resíduos ou memórias de conversações passadas, o entrevistado possui papel central no palco. É a sua construção pessoal do passado. No decurso de tal entrevista, é fascinante ouvir a narrativa em construção: alguns dos elementos são muito bem lembrados, mas detalhes e interpretações falados podem até mesmo surpreender o próprio entrevistado. (BAUER; GASKEL, 2002, p. 58)

De acordo com os autores, o método qualitativo se baseia nas teorias da Psicologia e Psicologia Social, sendo que suas técnicas foram apropriadas pela área de pesquisa para o maior entendimento em que se busca os porquês de algum comportamento específico.

A pesquisa qualitativa não possui tecnicamente uma amostra e nem representa, no sentido estatístico, uma população. Sua composição de entrevistados é chamada de *corpus*, que representa o grupo selecionado que se deseja estudar, elegendo-se o mais homogêneo possível em termos de características pessoais, demográficas, econômicas, para analisar-se a variabilidade de valores, crenças, comportamentos, dentro desse universo homogêneo. Logo, inversamente à pesquisa quantitativa, seus resultados são valiosos pela profundidade e composição minuciosa e não pela quantidade de entrevistas, sendo seu resultado tratado em relação à linguagem e respostas transcritas às abordagens do entrevistados, não se tendo nenhum número para apresentar ao final.

Os entrevistados, na etapa qualitativa desta pesquisa, foram abordados na porta dos campi onde estudam e escolhidos entre aqueles que se mostravam disponíveis, que tinham fluência verbal, dentro do universo já selecionado de cursos, descrito acima. Eles foram convidados a dar a

entrevista em suas residências, na data que fosse possível ter uma disponibilidade de duas a três horas para esta atividade e de modo que pudessem participar do estudo com toda a liberdade de expressão, longe de qualquer testemunha. As entrevistas foram gravadas e suas transcrições encontram-se no anexo deste trabalho.

Nas entrevistas, foram discutidos os temas de maneira livre, mas as perguntas seguiram um roteiro que contemplava os pontos que se desejava conhecer com profundidade, para se estabelecer uma dinâmica na qual as informações surgissem de maneira espontânea.

> Um ponto-chave que se deve ter em mente é que, permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada. Há duas razões para está afirmação. Primeiro, há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são resultados dos processos sociais. Neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas. Isto deve ser visto em uma série de entrevistas. (BAUER; GASKEL, 2002, p. 62)

Como afirma Lopes (2001a), é da adequação entre teoria, método e objeto concreto que emerge a primeira formulação da problemática de pesquisa e, portanto, do próprio objeto e dos resultados da investigação. A autora ressalta o fato de a ciência não lidar com o objeto percebido, mas sim com o construído. E é nesse sentido que “a teoria guia, seleciona e recorta o objeto real para constituí-lo em problema de pesquisa.”

Os dados estatísticos apresentados no capítulo anterior apontam muito claramente que este “novo aluno” está, em sua maioria, nas faculdades e universidades particulares. Foram essas as instituições que nasceram e crescerem nos últimos anos, abrigando os estudantes que, até alguns anos atrás, estavam fora do ensino superior. Como já apresentado, centros universitários e faculdades isoladas são os tipos de IES que mais cresceram de 1999 a 2008. Esses dois fatores também nortearam a escolha da instituição de ensino objeto da pesquisa de campo neste trabalho, uma vez que ela é um centro universitário particular. Mas mais do que isso, esta

escolha se deve ao fato de o Centro Universitário Radial (UniRadial-Estácio) ser o braço, em São Paulo, da Estácio Participações. Analisada isoladamente, a UniRadial-Estácio não é a maior e nem a mais conhecida faculdade particular de ensino na região metropolitana de São Paulo, mas cabe ressaltar que a UniRadial-Estácio, que nasceu como uma instituição familiar, foi adquirida em 2007 pela Estácio Participações para servir de plataforma de crescimento em São Paulo do grupo, cuja origem, principal universidade e sede fica no Rio de Janeiro. Conforme apontamos em capítulo anterior, além de ser uma das maiores rede de ensino privada no Brasil em número de alunos matriculados, a Estácio Participações, juntamente com a Universidade Paulista (Unip) e a Anhanguera Educacional, é praticamente um ícone que simboliza as grandes instituições particulares de ensino superior no país. De certo modo, portanto, a UniRadial-Estácio é representativa de um segmento que inclui várias outras instituições de ensino superior que atuam em São Paulo e demais capitais do Brasil que possuem características recorrentes, tais como a Universidade Bandeirante (Uniban), Universidade Paulista (Unip), Universidade Nove de Julho (Uninove), entre outras. Todas são grandes, no que se refere ao número de alunos matriculados, têm um perfil de aluno semelhante e são marcadas por um caráter comercial, no sentido de serem voltadas à obtenção do lucro e se manterem, quase exclusivamente, pela cobrança de mensalidade de seus alunos.

Segundo informações obtidas no site da instituição[19], em 30 de setembro de 2009, a Estácio Participações contava com aproximadamente 202 mil alunos de graduação matriculados e a sua rede de ensino era composta por duas universidades, dois centros universitários e 27 faculdades. Em conjunto, são 77 campi, sendo 37 no estado do Rio de Janeiro e 40 campi em outros 16 estados brasileiros. O grupo tem também uma universidade no Paraguai, com cerca de 2 mil alunos. A rede toda oferece cerca de 70 cursos de graduação, tanto tradicional quanto tecnológica, nas áreas de engenharia e tecnologia, saúde, ciências biológicas e sociais. Tem também cursos de pós-graduação *lato sensu*, cinco cursos de mestrado e um curso de doutorado, na área de direito.

[19] Dado referente ao quarto trimestre de 2009, disponível no site <www.estacioparticipacoes.com.br>. Acesso em: 29 mar. 2010.

A Faculdade de Direito Estácio de Sá – origem do grupo – foi criada em 1970, em uma pequena casa num bairro da zona norte do Rio de Janeiro, pelo juiz aposentado João Uchôa Cavalcanti Netto, hoje o principal acionista do grupo. Em 1972, a instituição se transformou em Faculdades Integradas Estácio de Sá, com a incorporação de novos cursos superiores e em 1988 adquiriu o status de Universidade.

Durante a década de 90, a instituição cresceu no Rio de Janeiro e em municípios do entorno da capital fluminense com uma estratégia baseada em localização e preço. Cobrando valores de mensalidades abaixo da média de mercado e abrindo unidades em diversos bairros da cidade, inclusive em regiões periféricas, dentro de favelas e de *shopping centers*, em pouco tempo transformou-se na maior instituição do Rio de Janeiro. A partir de 1998, começou sua expansão nacional com a criação de faculdades nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Ceará e Goiás.

Em julho de 2007, a Estácio Participações abriu seu capital na Bolsa de Valores. Um mês depois, adquiriu o Centro Universitário Radial (UniRadial), que funciona na capital do Estado de São Paulo. Em maio de 2008, o GP Investimentos, maior fundo de *private equity* do país, investiu R$ 259,3 milhões para comprar 20% de participação no grupo educacional, mas tendo direito a dividir a administração da instituição. Na prática, a instituição de ensino está sendo administrada pelo fundo de investimentos. Sob a gestão do GP, a expectativa é de que o grupo educacional siga o mesmo caminho de empresas como Submarino, ALL e Gafisa. A filosofia do GP é investir em companhias com forte potencial de valorização, incrementar os negócios e deixá-las embolsando um bom lucro. Na Gafisa, por exemplo, o fundo investiu US$ 78 milhões, que ao término de uma década se transformaram em US$ 500 milhões.

Em seu site, a Estácio Participações afirma possuir alunos que são, em sua maioria, jovens trabalhadores de média e média-baixa renda. Assim como ela, as demais instituições que pretendem crescer nos próximos anos também estão de olho nessa fatia da população.

De acordo com a Hoper Estudos de Mercado, as instituições privadas são responsáveis pela matrícula de mais de dois terços de todos os alunos

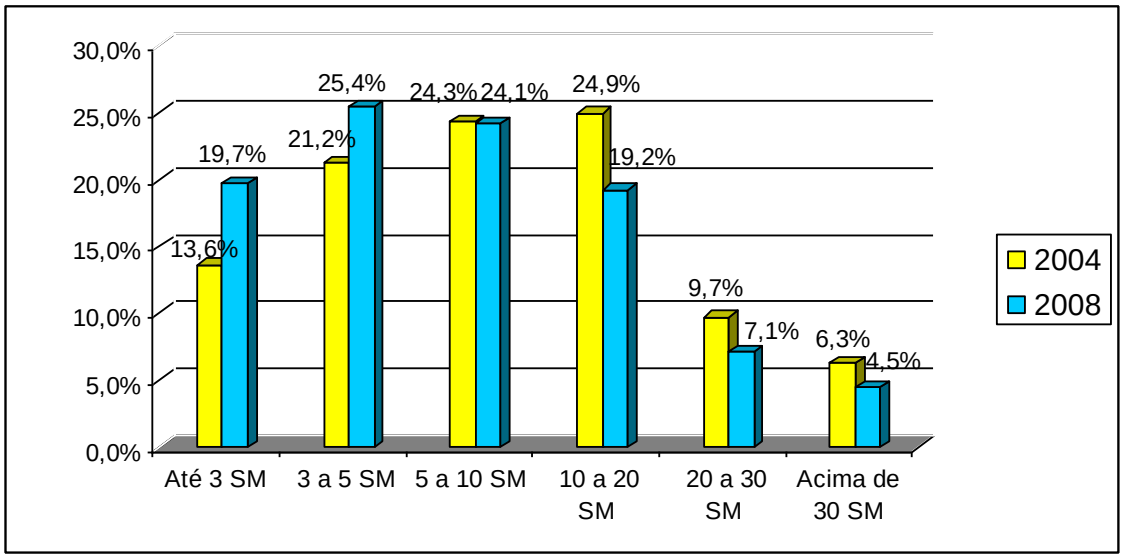
pertencentes à classe C no ensino superior brasileiro. Por meio de uma pesquisa com uma amostra de mais de 378 instituições de ensino nas cinco regiões do país foi determinada a renda familiar média do estudante universitário brasileiro em salários-mínimos, conforme ilustram a Tabela 11 e o Gráfico 18. O resultado da pesquisa da Hoper foi confrontado com os obtidos pelo Inep através dos questionários socioeconômicos respondidos pelos participantes dos Enades de 2006 a 2008.

Tabela 11: Comparativo do perfil de renda do estudante do ensino superior privado – Brasil – 2004 e 2008

Renda Familiar	2004		2008		
	Percentual	Total de alunos	Percentual	Total de alunos	Crescimento 2004/2008
Até 3 SM	13,6%	406.015	19,7%	749.228	84,5%
De 3 a 5 SM	21,2%	632.906	25,4%	966.010	52,6%
De 5 a 10 SM	24,3%	725.453	24,1%	916.568	26,3%
De 10 a 20 SM	24,9%	743.366	19,2%	730.212	-1,8%
De 20 a 30 SM	9,7%	289.584	7,1%	270.026	-6,8%
Acima de 30 SM	6,3%	188.081	4,5%	171.143	-9,0%
Total	**100%**	**2.985.405**	**100%**	**3.803.187**	**27,4**

Fonte: Hoper Estudos de Mercado

Gráfico 20: Comparativo gráfico do perfil de renda do estudante do ensino superior privado – Brasil – 2004 e 2008



Fonte: Hoper Estudos de Mercado

Os dados acima mostram um crescimento significativo no número de alunos com menor renda (até dez salários-mínimos), em contrapartida de um ligeiro declínio nas faixas de renda mais altas. O maior crescimento, da ordem de 84%, ocorreu no grupo de alunos com renda familiar até três salários-mínimos, impulsionados, muito provavelmente, pelo advento do ProUni.

O quadro da renda nos mostra também que 70% do alunado do setor de ensino superior privado concentra-se nas faixas de renda até 10 salários-mínimos. Considerando que a média de comprometimento de renda familiar com o ensino superior está em torno de 13% da renda, de acordo também com a pesquisa da Hoper Estudos de Mercado, podemos concluir facilmente onde está o maior obstáculo para ampliação da inserção da população de menor poder aquisitivo no ensino superior. Sabe-se que 50% dos brasileiros que se formam no ensino médio a cada ano, um grupo de cerca de 1 milhão de estudantes, está longe da sala de aula porque não conseguiu vaga numa faculdade pública e tampouco tem dinheiro para arcar com uma particular.

Apesar da grande demanda não atendida, há vagas não preenchidas, tanto no setor público quanto no privado. De acordo com o Censo do Inep de 2008, a taxa de ociosidade total no Brasil, ou seja, de vagas oferecidas e não preenchidas foi de 49,6%, o que representa 1.479.318 vagas. Dessas, 1.422.593 são do setor privado, que tem uma taxa de ociosidade de 54,6% e 36.725 do setor público, cuja taxa de ociosidade é de 10,7%. Em geral, as vagas não preenchidas nas instituições públicas se devem à falta de candidatos que atendam os requisitos mínimos de admissão, fenômeno concentrado em apenas algumas carreiras. Nas instituições privadas, que adotam critérios bem mais tolerantes para o ingresso, a razão é de outra natureza: além do aumento da concorrência e do esgotamento de alunos com poder aquisitivo suficiente para arcar com as mensalidades, muitas IES ampliam, artificialmente, o número de vagas solicitadas ao MEC, de modo que se pratique uma espécie de “reserva de mercado futuro”.

Na pesquisa da Hoper para determinar o perfil de renda do estudante do ensino superior privado, quando foi utilizado o Critério de Classificação Econômica Brasil, ferramenta empregada pelos institutos de pesquisa para estimar o poder de compra e consumo das pessoas e das famílias urbanas do

país, o resultado ficou muito semelhante à classificação pela renda familiar, como é possível observar pela Tabela 12.

Tabela 12: Comparativo da classificação econômica do estudante do ensino superior privado – Brasil – 2004 e 2008

Classe Econômica (Critério Brasil)	2004		2008		
	Percentual	Total de alunos	Percentual	Total de alunos	Crescimento 2004/2008
A1	8,9%	265.701	6,8%	258.617	-2,7%
A2	21,1%	629.920	16,5%	627.526	-0,4%
B1	27,4%	818.001	26,4%	1.004.040	22,7%
B2	20,6%	614.993	22,3%	848.111	37,9%
C1	14,5%	432.884	16,9%	642.739	48,5%
C2	3,9%	116.432	5,2%	197.766	69,9%
D	3,0%	89.562	4,6%	174.947	95,3%
E	0,6%	17.912	1,3%	49.441	176,0%
Total	**100%**	**2.985.405**	**100%**	**3.803.187**	**27,4%**

Fonte: Hoper Estudos de Mercado

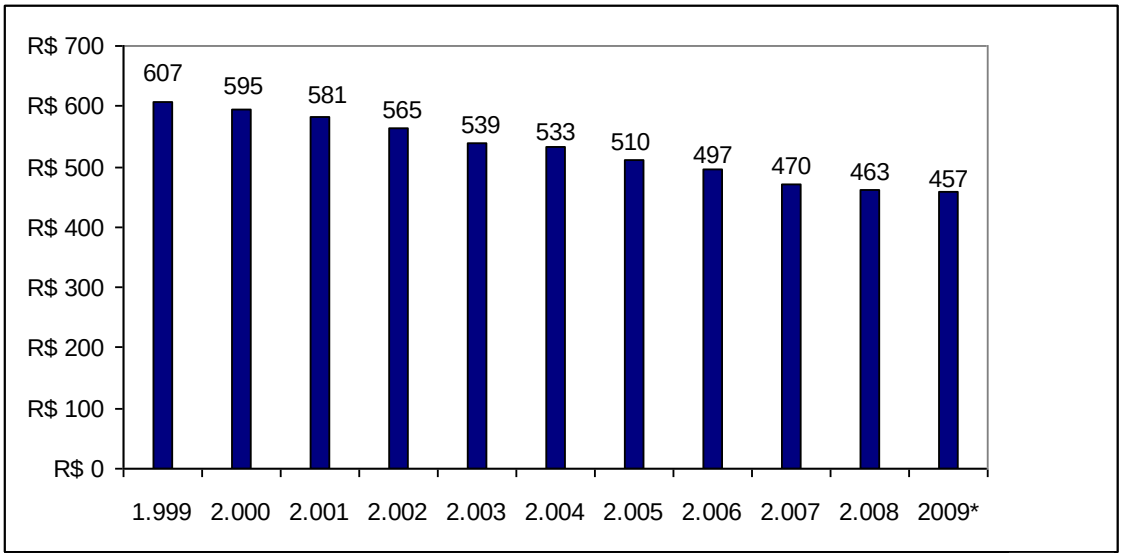
Pelo Critério Brasil, a classe A representa atualmente 23,3% do alunado do ensino superior privado no Brasil, mas já parou de crescer há quatro anos. A classe B, com 48,7% deste alunado, continua a maior representante do ensino superior privado, mas apresenta crescimento de 29,3% nos últimos quatro anos, bem inferior ao aumento da classe C, que cresceu 53% no mesmo período. A classe C atualmente representa 22,1% do alunado do ensino superior privado e a classe D apenas 4,6% do total de alunos, mas com crescimento de 95,3% nos últimos quatro anos. Se as taxas de crescimento forem mantidas na mesma proporção, no ano de 2012 já teremos mais pessoas das classes C e D no ensino superior privado do que os representantes das classes A e B.

De acordo com a Hoper Estudos de Mercado, o impacto do crescimento das classes C e D no ensino superior também pode ser observado na variação de participação de mercado (*market share*) das instituições de ensino. As IES que possuem valores de mensalidades mais baixos apresentam, em média, taxas de crescimento bem superiores às das IES com valores de mensalidades maiores.

Segundo a mesma consultoria, o crescimento do número de estudantes de baixa renda no ensino superior se deve aos seguintes fatores: (a) o valor

médio das mensalidades no setor privado caiu muito entre 1998 e 2008 (vide Gráfico 21, abaixo) e (b) o governo criou o ProUni, que vem beneficiando aproximadamente 100 mil estudantes por ano. Apesar disso, a pesquisa aponta que ainda existe um número muito grande de pessoas que concluem o ensino médio e não entram no ensino superior por falta de recursos (demanda latente), hoje em torno de 1 milhão de pessoas por ano. Já a diminuição do número absoluto de estudantes com renda superior a 10, 20 e 30 salários-mínimos pode ser explicada, em parte, pela significativa queda da taxa de natalidade nesse segmento da população. A previsão do IBGE aponta para uma redução ainda maior da taxa de natalidade nas classes econômicas A e B nos próximos dez anos.

Gráfico 21: Evolução do valor médio das mensalidades no ensino superior privado – Brasil – 1999 a 2009



*Estimativa

Fonte: Hoper Estudos de Mercado

O quadro no ensino superior privado contrasta com o perfil do estudante do ensino superior público. Em 2003, na Síntese dos Indicadores Sociais, o IBGE pesquisou, pela primeira vez, o perfil socioeconômico do universitário de instituições públicas. O resultado apontou que a maioria dos estudantes (60%) dessas instituições pertencia à camada dos 20% mais ricos da população brasileira. Entre os 20% mais pobres, apenas 3,4% estavam representados nas universidades públicas.

Cientes desses dados, as universidades públicas tomaram uma série de medidas nos últimos anos para reverter a situação. Enquanto a maior parte das universidades federais adotou um sistema de cotas para alunos oriundos da rede pública do ensino médio, a Universidade de São Paulo (USP) criou o Programa de Inclusão Social (Inclusp) em 2006, por meio do qual alunos que cursaram todo o ensino médio em escola pública podem obter inscrição gratuita para o vestibular e ter até 12% de bônus na nota da prova. Por conta do programa, em 2009, o número de alunos ingressantes provenientes da classe D superou a quantidade de calouros originários das classes A e B[20] na USP. Dos 10.557 aprovados no vestibular no início de 2009, 1.850 (17,52%) tinham renda familiar mensal entre dois e três salários-mínimos e 1.427 (13,52%), acima de dez.

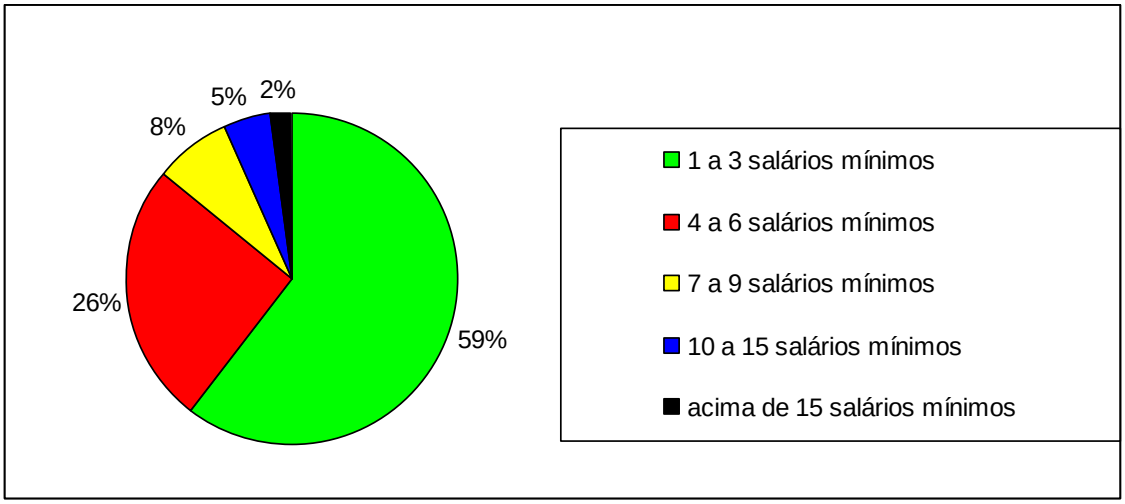
Mas mesmo com o programa, o percentual de alunos ingressantes na USP que cursaram todo o ensino médio no sistema público representou apenas 30,1% do total de ingressantes no início de 2009. Cabe ressaltar que o dado refere-se somente aos ingressantes e não ao total de alunos da universidade. Apenas a título de comparação, na UniRadial-Estácio, instituição de ensino que é objeto deste estudo de caso, 82% dos alunos pesquisados fizeram o ensino médio em escola pública.

A pesquisa quantitativa com os 2.263 alunos da UniRadial-Estácio demonstra que o perfil do aluno, do ponto de vista sócio-econômico, é coerente com o crescimento das classes sociais populares nas instituições particulares, em termos nacionais, já demonstrado acima. Há diversos dados levantados na pesquisa com os estudantes da instituição que demonstram que o alunado pertence justamente a essa fatia da sociedade que somente agora está ingressando no ensino superior.

Como é possível constatar nos Gráficos 22 e 23, os dados referentes à renda própria e renda familiar (em salários-mínimos) dos alunos indicam que 59% deles têm como renda própria até três salários-mínimos. No que se refere à renda familiar, 61% dos estudantes têm renda familiar até seis salários-mínimos. Os números confirmam que os alunos são, em sua maioria, originários das classes populares.

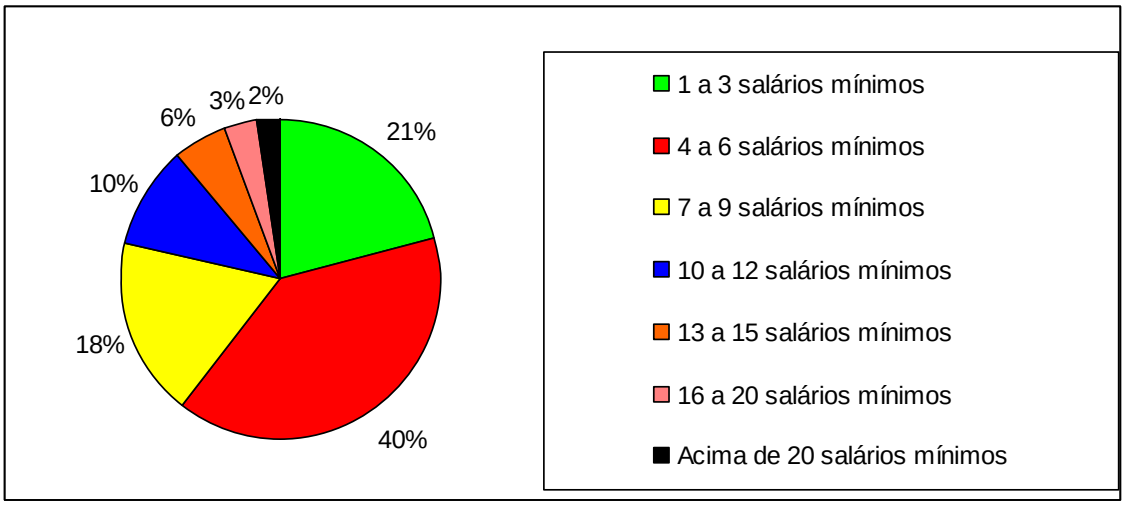
[20] Informações retiradas da matéria "Número de calouros de classe mais baixa supera elite na USP", publicada no jornal O Estado de S. Paulo em 11/09/2009.

Gráfico 22: Renda própria dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Gráfico 23: Renda familiar dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

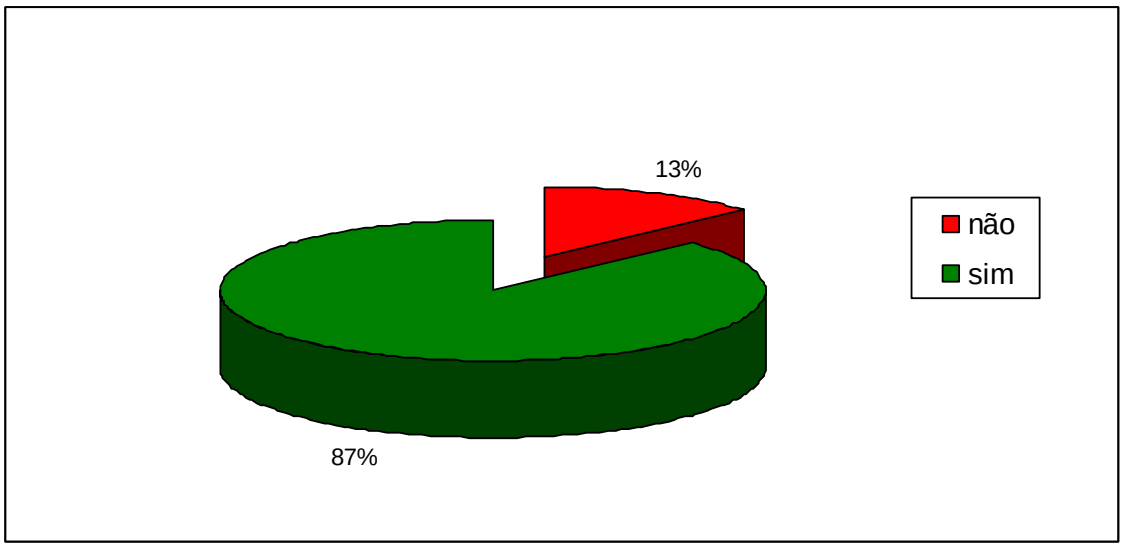
As dificuldades financeiras apareceram em diversos momentos nas entrevistas qualitativas, corroborando os dados da pesquisa quantitativa. Abaixo, declarações dos entrevistados:

> Separo o meu dízimo, aí o que eu faço? Eu tiro o dinheiro da condução, que é importante pra mim, tiro dinheiro, por exemplo, pra alguma outra coisa que eu tenho que fazer, pagar uma conta, no caso um cartão de crédito meu, mesmo, eu separo porque eu sei que aquilo ali eu não posso deixar de pagar, lógico. E aí o restante vai tudo pras contas. Em casa quem trabalha sou eu e minha

> mãe. Nós dois sustentamos a casa, como a minha mãe está com dificuldade em receber, ela é diarista, então eu que estou mantendo a casa, o pouco que eu tenho vai pagando as contas. (Entrevista 1)
>
> Meu salário vai pra gente pagar algumas dívidas que a gente adquiriu e a faculdade. Meu marido me ajuda muito porque só o meu salário não dá pra muita coisa. É basicamente isso: a faculdade, algumas coisas do dia-a-dia que você tem que comprar e algumas dívidas que a gente adquiriu. (Entrevista 4)
>
> A prioridade é a faculdade, não posso ter outros gastos por causa disso. Às vezes tenho que abrir mão de sair, viajar, não dá, ainda mais fazendo estágio, não dá. [...] Talvez por isso eu não tenha começado a faculdade antes, eu comprei o carro e não consegui manter os dois, acabei dando prioridade pro carro. Eu entrei na faculdade porque eu não tinha mais prestação do carro pra pagar. (Entrevista 5)
>
> Até que a parte financeira na minha casa não é ruim, porém, é contado. Então, eu procuro não explorar isso do meu pai e da minha mãe. No caso, eu trabalho, geralmente, para pagar minha faculdade e ajudar numa despesa, caso sobre alguma coisa. Vamos supor, conta de telefone, luz, conta de água. [...] O que mais pesa no meu orçamento é a faculdade. É R$ 350,00 por mês, então, é uma facada legal para o bolso. Ainda mais para pessoas jovens, que ainda não têm uma carreira fixa. (Entrevista 7)
>
> O salário é para estudar e pagar a moto. (Entrevista 8)
>
> A faculdade é uns 60% ou 70% das minhas contas, hoje. O resto eu divido entre uma coisa ou outra. Ajudo em casa, procuro ajudar com o pouco que tenho. (Entrevista 9)

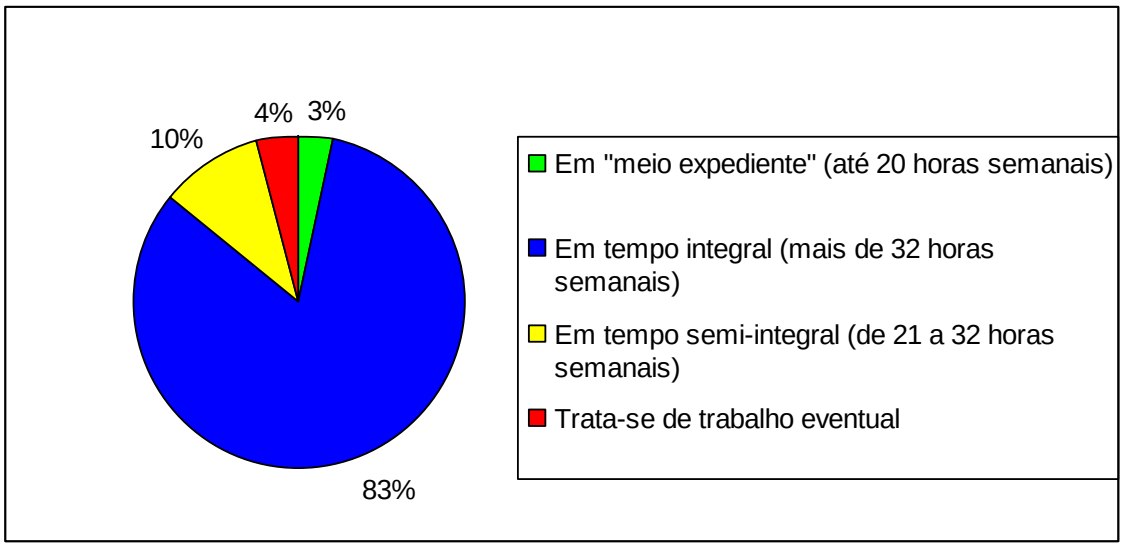
Um dos itens mais importantes apontado pela pesquisa na UniRadial-Estácio é a confirmação de que seu estudante é um aluno trabalhador. Ou seja, são pessoas que exercem outras atividades profissionais, pelas quais são remuneradas e também estudam. Somente 13% dos alunos não exercem atividade remunerada. Dos 87% dos alunos que trabalham, 83% trabalham período integral, como é possível observar nos Gráficos 24 e 25.

Gráfico 24: Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que exercem alguma atividade remunerada – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

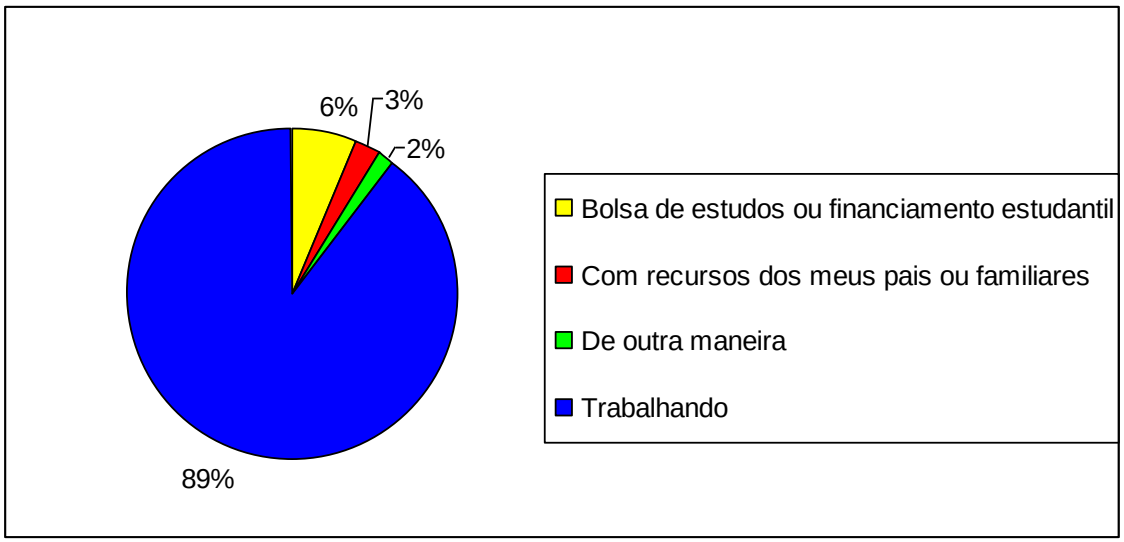
Gráfico 25: Jornada de trabalho dos alunos da UniRadial-Estácio que exercem alguma atividade remunerada – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

O trabalho também é importante para os estudantes da UniRadial-Estácio, como mostra o Gráfico 26, porque é por meio dele que a maior parte dos alunos (89%) pretende se manter durante o curso.

Gráfico 26: Como os alunos da UniRadial-Estácio se mantêm durante o curso – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

O binômio trabalho-estudo apareceu como algo marcante nas entrevistas, nas quais os alunos relatam um dia-a-dia difícil e cheio de sacrifícios para conseguir conciliar as duas atividades, o que, frequentemente, relega o estudo a um segundo plano. Alguns estudam no ônibus, no trajeto entre o trabalho e a faculdade. Outros encaixam um período de estudo no intervalo entre o final do expediente o início do horário das aulas. Abaixo, os depoimentos referentes ao tema:

> Eu levanto cedo, vou pra escola, dou algumas aulas, depois vou pra faculdade. Final de semana eu tento descansar um pouco [...] Eu acordo 05h30 da manhã, saio, trabalho, volto, vou pra faculdade e volto 23h30 da noite. [...] Não estudo pra prova. Não consigo estudar pra prova... porque acaba não dando tempo. Essa semana eu tive que apresentar um trabalho, um seminário, eu tive que ir vendo no ônibus. (Entrevista 1)

> Eu estudo mais no trabalho, porque eu trabalho das 7h30 da manhã às 17h18 da tarde. Então das 17h18 até umas 18h40, mais ou menos, eu fico estudando lá na empresa mesmo. (Entrevista 2)

> Como eu trabalho, é um pouco corrido pra mim e às vezes tem que fazer um trabalho, alguma coisa. Aí chego um pouco mais cedo e vou pra biblioteca fazer pesquisa. Lá tem computador, internet à vontade. [...] (Mas) é bem complicado, pelo fato de trabalhar. Tem a hora da faculdade que é das 19h às 22h30, mas a gente chega um pouco mais cedo, dá pra estudar um pouquinho melhor. Saio do meu serviço 17h30, então dá pra chegar na faculdade umas 18h. Das 18h às 19h dá pra eu estudar, fazer alguma coisa que tenho pra fazer

e final de semana tenho que arrumar um tempinho. Às vezes tenho que fazer um trabalho, então é mais ou menos isso. Já cheguei aqui da faculdade, ficar até 3 horas da manhã fazendo trabalho, dormir um pouquinho e ir trabalhar. (Entrevista 4)

É cansativo trabalhar o dia todo e ir pra faculdade depois. Às vezes eu não chego na hora, só no intervalo. (Entrevista 6)

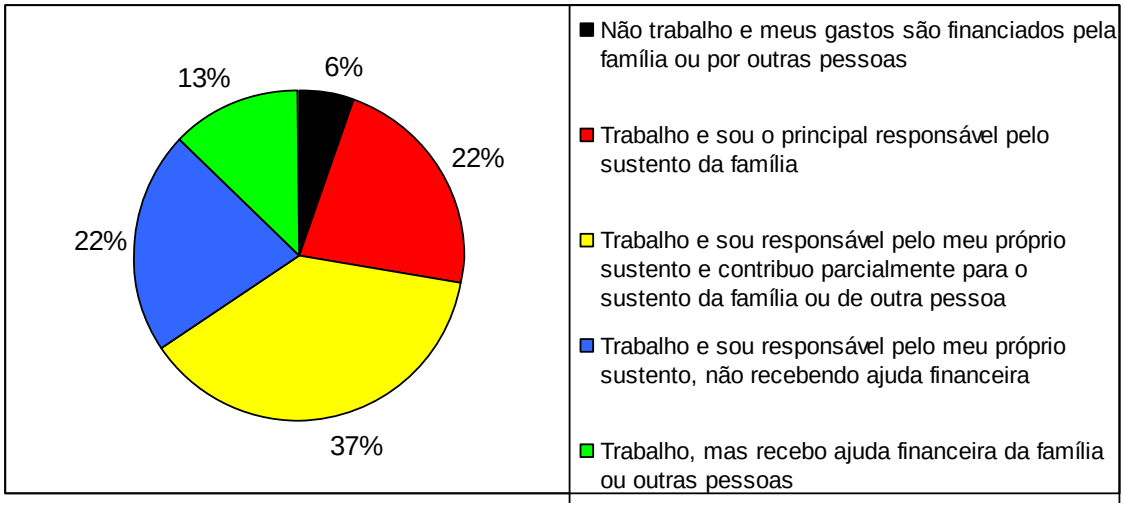
Eu gostaria que o dia tivesse 48 horas pra ter mais tempo pra fazer mais coisas. [...] Eu tenho que voltar rápido pra dormir, eu acordo 4h30 da manhã. (Entrevista 8)

Procuro estudar sempre aos sábados na parte da manhã. Todo sábado. Falta (tempo para estudar) no meio da semana. (Entrevista 9)

Olha, meu tempo de estudo mesmo é o da faculdade. Eu trabalho o dia inteiro, chega no final de semana é raro eu pegar alguma coisa que estou estudando. Eu procuro estudar no horário de almoço, no tempo que eu tenho quando eu saio do serviço, antes da faculdade. [...] É um pouco estressante. Fico muito carregado, tem que se esforçar, nada é fácil, tem que se esforçar pra estudar. (Entrevista 10)

Ainda no que se refere à questão laboral, cabe ressaltar que um percentual significativo dos estudantes (59%), não apenas necessita trabalhar para seu próprio sustento, como também é o principal responsável ou contribui parcialmente para o sustento da família, conforme também já havia referências nas entrevistas. Apenas 6% dos alunos não trabalham e têm os gastos financiados pela família ou por outras pessoas, como indica o Gráfico 27.

Gráfico 27: Participação dos alunos da UniRadial-Estácio na vida econômica familiar – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

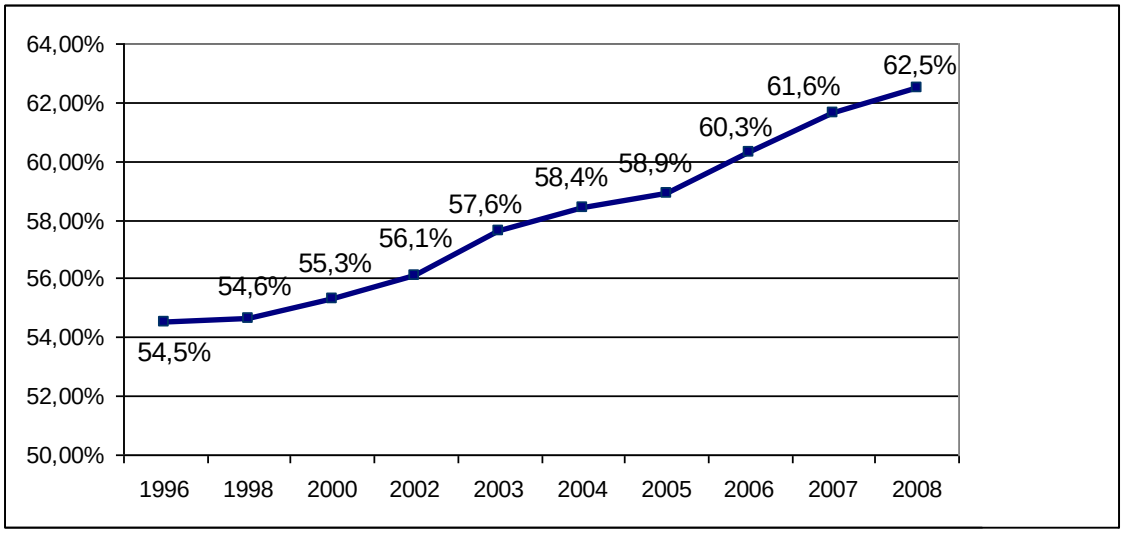
É importante destacar que a expansão no ensino superior como um todo se deu com maior intensidade no período noturno, conforme atestam a Tabela 13 o Gráfico 28, abaixo. O fato de o noturno concentrar 62,5% das matrículas nacionais é um forte indicativo de que o ensino superior hoje atrai mais alunos trabalhadores, que só têm possibilidade de estudar à noite, financiando o próprio curso com o salário que obtêm do trabalho que exercem durante o dia. Ou seja, estudantes de baixa renda. Com a implantação e consolidação do REUNI, essa tendência tende a aumentar, já que um dos objetivos do programa é expandir as vagas no período noturno também nas universidades federais. No entanto os números mostrados no gráfico abaixo ainda não são reflexo do REUNI, uma vez que o programa foi implantado somente em 2007.

Tabela 13: Evolução das matrículas no turno noturno – Brasil – 1996 a 2008

	1996	1998	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Número de alunos matriculados	906.522	1.020.526	1.175.367	1.510.338	2.003.755	2.270.653	2.454.348	2.677.755	3.009.533	3.179.613
% sobre o total de matriculados	54,50%	54,60%	55,30%	56,10%	57,60%	58,40%	58,90%	60,30%	61,60%	62,50%

Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Gráfico 28: Evolução das matrículas no turno noturno – Brasil – 1996 a 2008

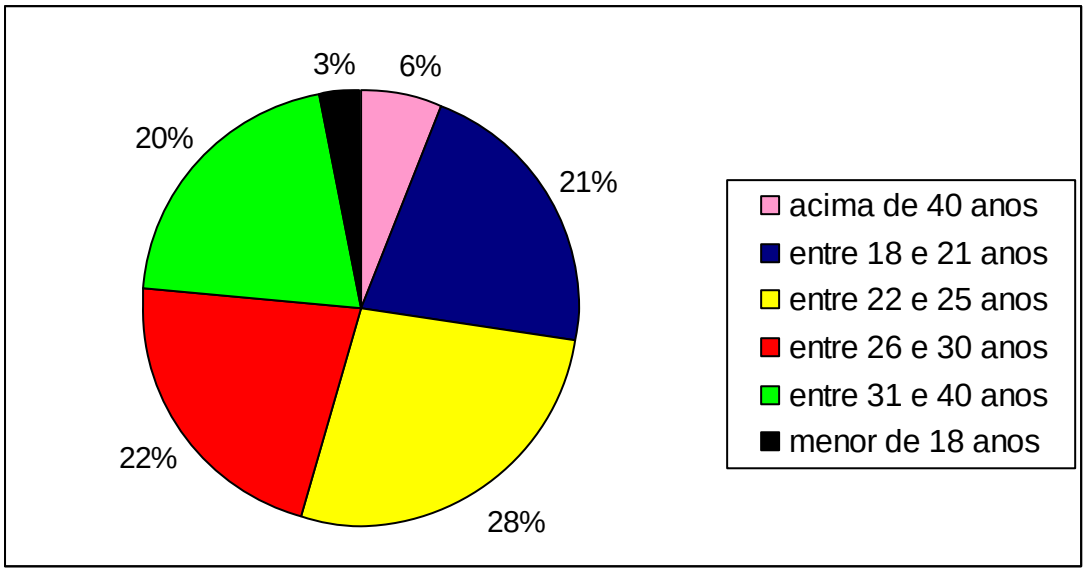


Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Em estudo realizado em agosto de 2002 a pedido do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), intitulado “O ensino superior privado como setor econômico”, Jacques e Simon Schwartzman apontam que o público das instituições particulares é distinto do das públicas, já que é composto por alunos mais velhos, com menos recursos financeiros, oriundos de cursos médios de pior qualidade e que entram nas instituições sem passar por um processo de seleção rigoroso. Os dados da pesquisa quantitativa feita na UniRadial-Estácio confirmam essas afirmações.

A pesquisa revela que a idade dos estudantes da UniRadial-Estácio é bastante avançada. Como já foi apontado neste estudo, a idade-padrão no ensino superior para o Ministério da Educação brasileiro e também para outras organizações internacionais que mensuram os índices de escolaridade de diversos países, é a faixa que vai dos 18 aos 24 anos. Entretanto, cerca de metade (52%) dos estudantes da UniRadial-Estácio têm até 25 anos de idade. Os demais (48%) estão acima desta faixa etária, como ilustra o gráfico abaixo. A relativamente elevada faixa etária também pode estar relacionada a questões econômicas, uma vez que boa parte desses estudantes, ao concluir o ensino médio, precisa primeiro arrumar um emprego, adquirir certo fôlego financeiro para, então, conseguir ingressar na faculdade e arcar com as mensalidades.

Gráfico 29: Faixa etária dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008

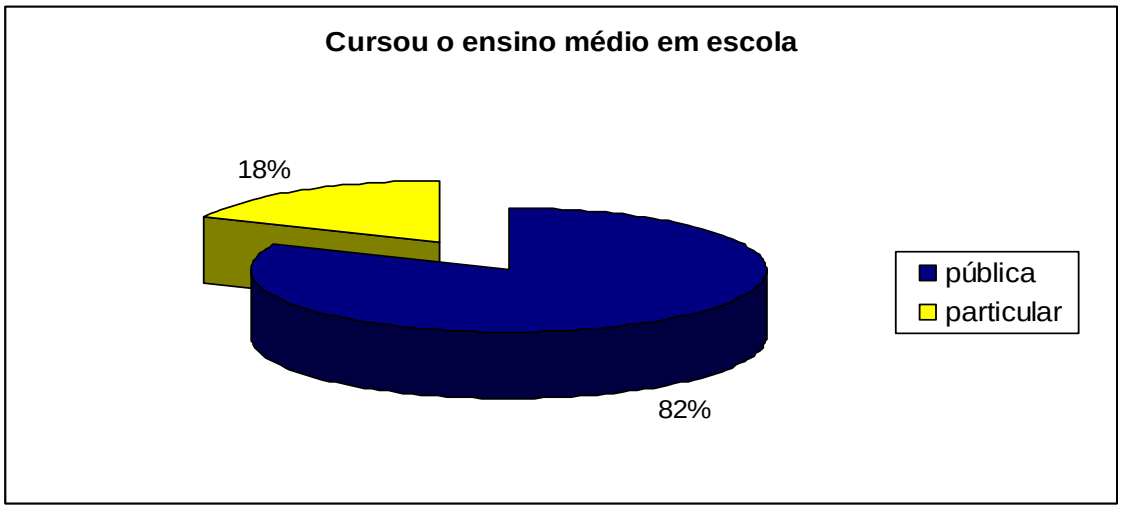


Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Em relação ao gênero, a pesquisa da UniRadial-Estácio mostra tendência um pouco diferente da média nacional. Enquanto os dados do Inep apontam quem em todo o Brasil as mulheres representam 54,6% dos alunos, na UniRadial-Estácio elas são 46% dos estudantes. O aumento do alunado feminino no país todo e também em outras etapas da escolaridade, como no ensino médio, também é destacado nas pesquisas do IBGE, que, a cada ano, demonstram que as mulheres permanecem mais anos na escola. O fato de nesta pesquisa na UniRadial-Estácio elas representarem somente 46% do aluno provavelmente está ligado ao grande número de alunos que participaram desta pesquisa serem dos cursos de Engenharia, de Informática e alguns cursos tecnológicos da áreas de gestão, como Logística, que tradicionalmente atraem mais homens do que mulheres. No país como um todo, somente os cursos de Administração, Direito e Pedagogia concentram 32,8% de todos os estudantes. Administração e Direito são cursos com leve predominância feminina e Pedagogia é um curso majoritariamente feminino.

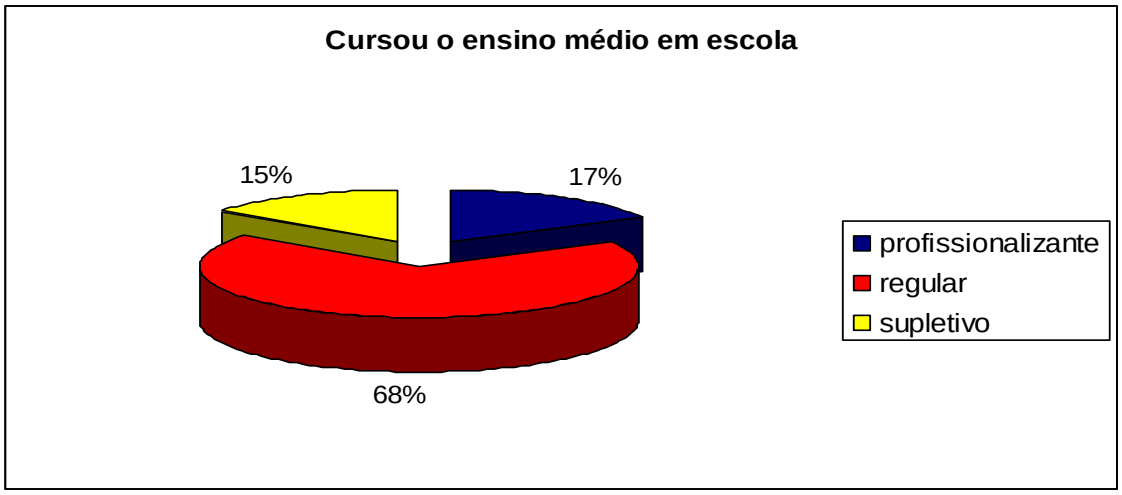
No que diz respeito à escolaridade anterior, o perfil dos alunos da UniRadial-Estácio também é coerente com aquele descrito por Schwartzman. Como podemos observar pelos gráficos abaixo, 82% dos alunos da instituição cursaram o ensino médio em instituições públicas e 32% fizeram o ensino médio em cursos profissionalizantes ou supletivo.

Gráfico 30: Categoria administrativa das escolas de ensino médio cursadas pelos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

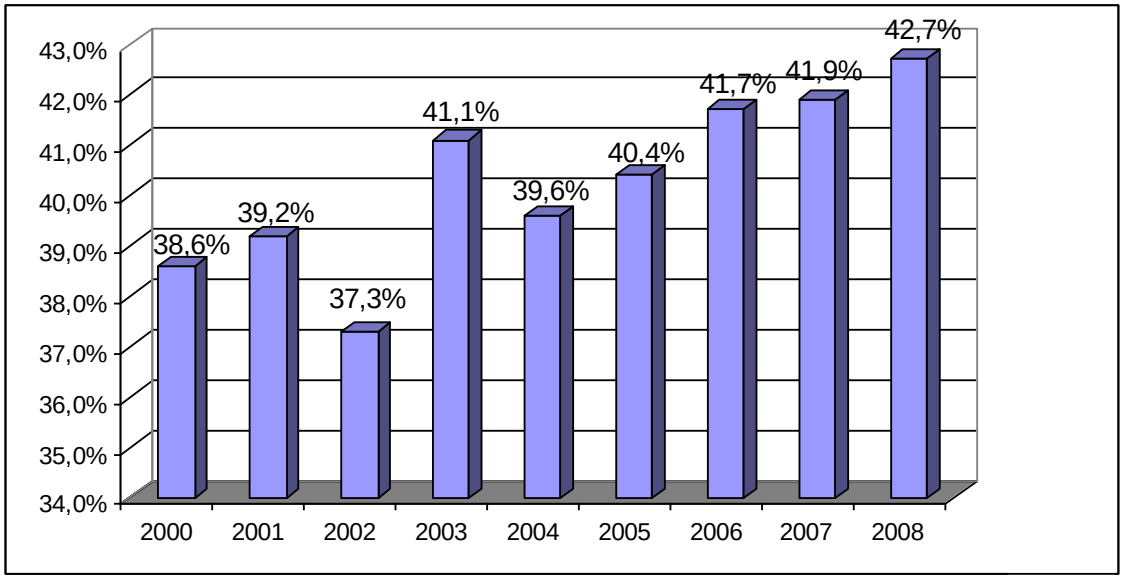
Gráfico 31: Modalidade de ensino médio cursada pelos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

O Brasil como um todo apresenta taxas crescentes de evasão, como é possível observar no Gráfico 32. Esse indicador nacional é outro elemento que pode estar ligado ao perfil sócio-econômico de boa parte dos alunos, uma vez que, nas instituições particulares, é grande o número de estudantes que desiste do curso por não ter condições de arcar com as mensalidades, material e outros custos relacionados ao curso escolhido.

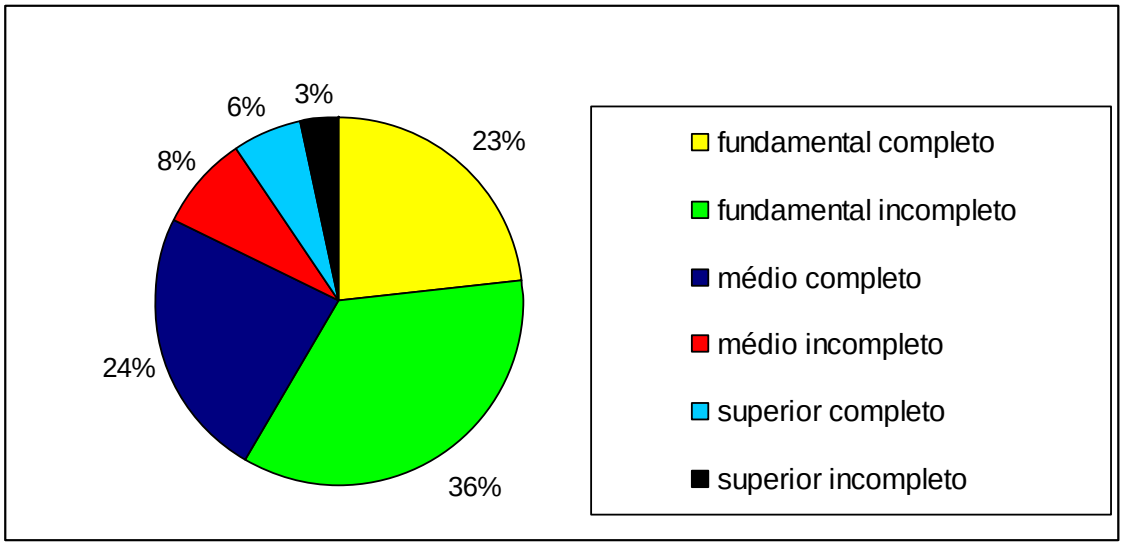
Gráfico 32: Evolução da taxa de evasão no ensino superior – Brasil – 2000 a 2008



Fonte: Inep/MEC – Censo do Ensino Superior 2008

Outro elemento indicativo da origem social dos alunos da UniRadial-Estácio está na escolaridade de seus pais. Ao analisar esses dados, conforme podemos observar no Gráfico 33, verificamos que tais estudantes, em suas famílias, pertencem à primeira geração que alcança o ensino superior. Somente 9% dos alunos têm pais com ensino superior (completo, 6% ou incompleto, 3%), o que significa que 91% dos pais e mães desses alunos não cursaram uma faculdade. Boa parte deles, nem sequer chegou ao ensino médio. Como se vê, a maioria dos alunos pesquisados (58%) tem pais e mães apenas com ensino fundamental (completo ou incompleto).

Gráfico 33: Escolaridade dos pais dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

O fato de essa ser a primeira geração a ingressar no ensino superior na família carrega alto valor simbólico, tanto para os alunos quanto para os familiares. Isso fica claro em trechos das entrevistas nos quais os alunos referem-se aos pais, quando indagados sobre o que representa para a família eles estarem na faculdade. Abaixo, as declarações:

> Eles acham super importante... meus familiares acham muito interessante a faculdade, uma coisa super interessante, mas devido às condições e tal acabam não fazendo o curso superior, mas demonstram incentivo... Dentre os meus familiares, em geral, sou um dos poucos que tem faculdade, então é supervalorizado. (Entrevista 1)

É uma questão de agrado que eu vejo na cara dos meus pais. Não vou dizer todos, mas a grande maioria, não pensa nos estudos. Eu vejo uma satisfação na cara dos meus pais, porque eles sabem: “Ele está estudando com o dinheiro dele, nem é com o meu dinheiro. Ele procurou”. Isso é uma satisfação que eu vejo estampada no rosto deles, eu não preciso nem perguntar. E se eles também não sentem, eu não sei, mas eles transmitem isso para mim. Isso é uma satisfação tanto para mim, quanto para os meus irmãos que também estão estudando, também estão no mesmo caminho. [...] Para o meu pai e para minha mãe, acho que é bem uma questão do sonho alcançado. Agora, para mim, é uma satisfação muito grande, porque eu tenho quase certeza de que nesse caminho eu vou me dar bem. E posso proporcionar também esse orgulho que eu vejo no meu pai e na minha mãe. Realmente, é uma coisa que cresce o espírito. (Entrevista 7)

Eu tenho um tio que está quase se formando em Direito. Nossa, está muito feliz! A minha família é muito grande e as únicas pessoas que faz (sic) faculdade é eu, minha irmã mais nova e meu tio. A minha família é muito grande, então a faculdade é uma coisa que está muito distante (para eles) e não é bem assim. A gente começa a fazer e todo mundo pergunta, nossa, legal! Creio eu que eles vejam isso como uma coisa muito distante e não é isso, está tão fácil, tão perto de você conseguir fazer. [...] Fazer faculdade não é tão distante, não é um sonho distante. Pode ser realizado e é muito legal, muito bom, te valoriza muito. E não só na questão profissional, mas pra você mesma, assim, estar fazendo uma faculdade, é muito bom, não é difícil. Lógico tem que ter um pouquinho de força de vontade, quem trabalha é mais complicado ainda, mas não é um sonho distante. Quem quer, pode correr atrás que consegue. (Entrevista 4)

Eu venho de família pobre, humilde e se eu estou aqui hoje é porque eles incentivaram, apoiaram. Eu tive uma base familiar muito boa, oportunidades de sair do eixo não foram poucas, mas graças a minha família eu continuei ali, faço uma faculdade hoje, já é um orgulho para eles. [...] (É uma) vitória. A minha família basicamente trabalha em um segmento só, que é lanchonete e padaria. Então, ter alguém saindo, ter alguém na família se formando, ampliando os horizontes, até acaba motivando o que vem depois. (Entrevista 9)

Como eu tenho uma filha, eu espero que ela possa fazer uma faculdade e que eu possa ajudar. Eu pretendo ajudar a minha esposa também, no ano que vem, a fazer uma faculdade. Ela está querendo fazer pedagogia. (Entrevista 2)

Meu irmão começou e não terminou porque ficou desempregado, então eu que comecei e só eu que faço, minha irmã também não está fazendo, pra eles é excelente, eles gostam de falar – minha filha está fazendo. (Entrevista 5)

Minha mãe acha que pra você conseguir fazer alguma coisa você tem que estudar. Ela é pedagoga então ela acha que tem que estudar. Pra minha mãe é o principal. (Entrevista 6)

Eles estão mais orgulhosos. Eu pretendo, com o meu esforço, alcançar meu sucesso profissional e a faculdade é o que vai estar ajudando nisso. (Entrevista 10)

Os depoimentos deixam claro que o curso superior é um valor, algo que destaca positivamente aquele estudante do seu próprio entorno familiar (*sou um dos poucos que tem faculdade, então é supervalorizado*; *esse orgulho que eu vejo no meu pai e na minha mãe*; *é uma vitória*; *eles gostam de falar – minha filha está fazendo*; *eles estão mais orgulhosos*). Há uma referência também sobre a possibilidade de "sair do eixo", que talvez signifique ir para os caminhos da marginalidade, da violência, que espreitam os alunos nos locais onde moram: a periferia de São Paulo, como será demonstrado adiante (*oportunidades de sair do eixo não foram poucas, mas graças a minha família eu continuei ali, faço uma faculdade hoje, já é um orgulho para eles*). É sabido que nas famílias das classes sociais mais altas, o filho fazer um curso superior é algo esperado, quase como uma continuidade natural após o ensino médio. Ao contrário disso, vemos nos depoimentos desses alunos que o ingresso em um curso superior, em seu âmbito familiar, representa um fator de superação. Enquanto em outros âmbitos sociais e familiares a diferenciação está em qual universidade o jovem cursará, aqui, apenas ingressar no ensino superior já é uma vitória, independente de qual seja a instituição de ensino.

Tanto os dados referentes à escolaridade própria dos alunos no ensino médio, quanto aqueles referentes à escolariade de seus pais relacionam-se ao seu precário "capital cultural":

> Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. (BOURDIEU, 1998, p. 41-42)

Bourdieu (1998) também afirma que, atrelado ao capital cultural está o fato dos estudantes residirem na capital ou na região provinciana, além do nível de escolaridade dos antepassados da primeira e da segunda geração.

O conceito de capital cultural, desenvolvido pelo sociólogo francês para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais, procura relacionar o "sucesso escolar" com a distribuição do capital cultural entre as classes ou frações de classe. De acordo com Bourdieu, "é o nível cultural global familiar que mantém a relação mais

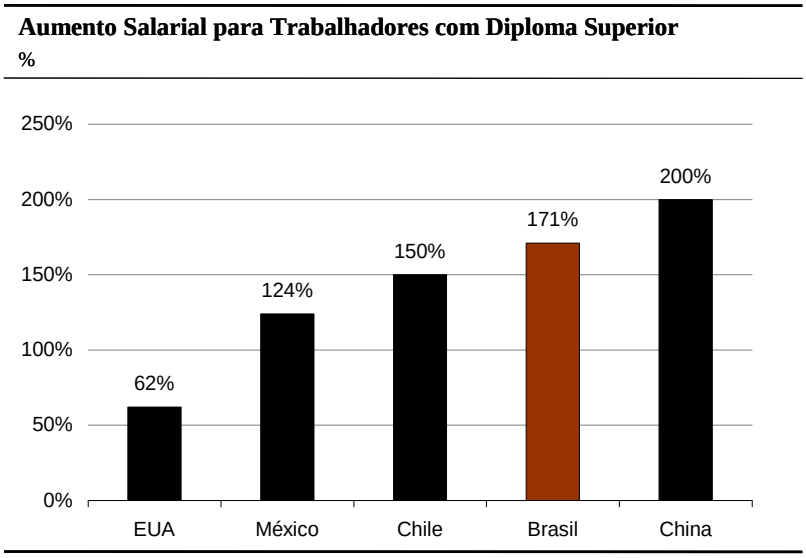
estreita com o êxito escolar da criança". Tomando como base o sistema escolar francês, o autor chega à conclusão que um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média. Isso se deve, em grande parte, ao chamado "capital cultural". As estatísticas não se aplicam facilmente ao contexto brasileiro, uma vez que, justamente pelo crescimento das instituições particulares com baixíssimo grau de seletividade, no Brasil o ingresso das classes populares no ensino superior está aumentando, como está sendo visto aqui. Ainda assim, esta realidade não invalida o conceito de capital cultural cunhado por Bourdieu.

O país está vivendo um momento em que uma fração maior das classes populares está tendo acesso ao ensino superior. Não podemos esquecer, porém, que o acesso não assegura necessariamente a obtenção dos mesmos resultados, uma vez que as competências escolares estão ancoradas nos estímulos familiares e dos grupos primários anteriores à escola, e nos ambientes de vivência concomitantes à situação de ensino, como demonstra Bourdieu (1998). Braga e Calazans (2001), relacionam essa questão aos processos de "seletividade", em que os mais "competentes" (leia-se: os que tiveram melhores oportunidades de origem) são direcionados aos ramos mais restritos e exigentes do sistema educacional, os demais ficam pelo caminho ou devem percorrer os ramos menos prestigiosos, ou seja, instituições de ensino como a UniRadial-Estácio.

Bourdieu distingue três estados do capital cultural: o estado incorporado, o estado objetivado e o estado institucionalizado. O capital cultural incorporado é aquele que "pertence" a quem o possui. Adquiri-lo é um trabalho pessoal, de investimento do sujeito sobre si mesmo e que leva tempo. Boa parte dele é investido pela família previamente à ação escolar. Já o capital cultural objetivado apresenta-se em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos. Ele é transmissível somente em sua materialidade, ou seja, no que diz respeito à propriedade jurídica, mas não no que concerne à condição da apropriação, isto é, a posse dos instrumentos que permitem desfrutar de um quadro, por exemplo. E o capital cultural institucionalizado objetiva-se sob a forma do diploma.

O diploma, que constitui o capital cultural institucionalizado, por sua vez, está diretamente relacionado, no Brasil, à busca por melhores oportunidades profissionais e por ascensão social. O crescimento econômico do país nos últimos anos fez aumentar, também, a busca por conhecimento e por mão-de-obra qualificada, o que tem impulsionado, consequentemente, a demanda por cursos de ensino superior. No Brasil, possuir um diploma superior causa um aumento salarial de 171% na renda média do indivíduo, segundo dados da Hoper Educacional. Nos Estados Unidos, o mesmo diploma ocasiona um aumento de salário da ordem de 62%. É o que mostra o Gráfico 34, abaixo.

Gráfico 34: Aumento salarial para trabalhadores com diploma superior – Brasil e outros países



Fonte: Hoper Educacional

No início dos anos 90, quem tinha ensino médio ganhava 70% a mais do que quem tinha 1º grau. Hoje essa diferença é de 45%. Em um momento em que a economia exige qualificação, quem tem mais anos de estudo, consegue aumentos mais expressivos de salário.

Os jovens, os mais vulneráveis para conseguir empregos em todo o mundo, enfrentam no Brasil uma situação particularmente difícil. O desemprego entre os 16 e 29 anos atinge quase 5 milhões de pessoas, o que representa 60% dos desocupados no país, conforme estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado em janeiro de 2010. Os números que constam do estudo “Juventude e políticas sociais no Brasil” chamam a atenção:

o desemprego atinge 22,6% entre os jovens de 15 a 17 anos; 16,7% de 18 a 24 anos e 9,5% para as pessoas entre 25 e 29 anos. Com esse quadro, o desemprego nessa faixa etária é três vezes maior do que entre adultos. Má qualidade do emprego também é outro destaque: cerca de 50% dos jovens entre 18 e 24 anos trabalham sem carteira assinada, assim como 30% da faixa entre 25 e 29 anos.

Ao interpretar os dados acima parece claro que as classes sociais populares, que estavam até pouco tempo atrás excluídas do ensino superior, estão em busca de uma ascensão social legítima que um diploma superior pode representar. Não há dúvida entre a relação da obtenção dos diplomas e o aumento salarial de quem os possui, bem como das taxas de emprego. Nas palavras de Claudio de Moura Castro (2005, p. 162), "os diplomados do ensino superior no Brasil têm uma taxa de desemprego que tende a ser cerca de um terço daquela observada para a força de trabalho como um todo".

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicilio (Pnad), de 2008, realizada pelo IBGE, o mercado de trabalho está se fechando para trabalhadores com menor nível de escolaridade. Os números mostram que subiu a demanda por mão de obra mais qualificada. A faixa de trabalhadores com 11 anos ou mais de escolaridade completa (o que significa possuir ao menos o ensino médio completo) cresceu acima de 70% entre 2001 e 2008. Trabalhadores com menos tempo de estudo vêm perdendo posição no total de pessoas ocupadas. Entre 1992 e 2006, o nível de escolaridade média aumentou na população em idade ativa (PIA): com 9 a 11 anos de estudo (de 14,8% em 1992 para 30% em 2006) e com 12 anos ou mais (de 7,1% para 12,9%). Também há maior valorização da escolaridade nos processos de contratação, bem como uma correlação positiva entre anos de estudo e taxa de participação no mercado de trabalho (Fonte: CEPAL[21], PNUD[22] e OIT[23]).

---

[21] A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) foi criada em 1948, pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC). Ela é uma das cinco comissões econômicas regionais da Organização das Nações Unidas (ONU). Foi criada para monitorar as políticas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico da região latino-americana, assessorar as ações encaminhadas para sua promoção e contribuir para reforçar as relações econômicas dos países da área, tanto entre si como com as demais nações do mundo.

[22] O PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) é outro órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo é promover o desenvolvimento e eliminar a pobreza no mundo. É

Esta é uma tendência que se confirma ano a ano nas pesquisas do IBGE desde 1992 e está relacionada ao atual estágio do capitalismo, descrito no primeiro capítulo deste trabalho. O "tecnocapitalismo" é marcado pelo conhecimento técnico e científico, informatização, automatização do trabalho e tecnologias inteligentes. Tal configuração introduz nas empresas novos métodos e tecnologias de produção e venda, que requerem empregados mais qualificados, com competência na comunicação oral e escrita, versatilidade, bom manejo da informática, capacidade para trabalhar em grupo, além dos conhecimentos específicos de sua área de atuação.

Os dados de 2008 da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), divulgados pelo Ministério do Trabalho confirmam a tendência. Eles mostram que, no mercado de trabalho formal do Brasil, a participação dos trabalhadores de menor instrução é declinante e a dos mais educados é ascendente. De 2007 para 2008, as oportunidades de emprego caíram 3,9% para os analfabetos; 3,2% para os que têm 4ª série incompleta; e 3% para os que completaram a 4ª série. No outro extremo, as oportunidades aumentaram 3% para os que têm ensino médio completo; 6,2% para os que têm ensino superior incompleto; e 7,4% para os que se diplomaram em instituições de ensino superior.

3.1. Educação, consumo e identidade

Nesse contexto, fica claro que o ensino – e em especial o ensino superior – passa a ser importante elemento de ascensão social. A relação da faculdade com a possibilidade de crescimento profissional e migração social foi destacada por todos os alunos entrevistados. Uma das alunas chega a usar literalmente a expressão "trampolim", afirmando que o curso universitário faz "você sair de um lugar para outro". Um estudante afirma que, com o curso, ele poderá galgar "degraus mais altos". As expressões estão claramente

---

conhecido por elaborar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), bem como por ser o organismo internacional que coordena o trabalho das demais agências, fundos e programas das Nações Unidas.

[23] A OIT (Organização Internacional do Trabalho) é uma agência Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo é promover a justiça social. É a única das agências do Sistema das Nações Unidas que tem estrutura tripartite, na qual os representantes dos empregadores e dos trabalhadores têm os mesmos direitos que os do governo.

associadas à ideia de “subir na vida”. Esse “outro lugar”, pelas declarações dos alunos, como se pode observar abaixo, é um local com mais opções e oportunidades profissionais. Há uma ligação clara entre faculdade / emprego melhor / salário mais alto / vida melhor. Abaixo, trechos das entrevistas que evidenciam isso:

> A faculdade viabiliza, ela te ajuda a chegar no caminho que você quer. [...] Pra mim a faculdade é tudo. Assim, se você quer ser alguma coisa na vida, a faculdade é uma das primeiras opções. [...] Se eu não tivesse feito a faculdade eu estaria, por exemplo, sendo estoquista (aluno já é formado em Matemática e dá aula em um colégio público, está cursando o segundo curso superior). [minha vida sem a faculdade não seria] Nada, nada. Nada, assim, em termos, eu não teria muita opção de profissão. Eu estaria enfrentando o mercado de trabalho sem experiência. [eu estaria exercendo] funções que não requer (sic) nenhum conhecimento, só precisa do trabalho manual, trabalho repetitivo e não que eu seja contra, mas não gosto desse tipo de trabalho. (Entrevista 1)
>
> Ela é mais um trampolim. Você sair de um lugar pra outro lugar. (Entrevista 6)
>
> No momento eu acho que é fundamental, a faculdade. Pra minha vida profissional vai ser muito importante, muda o meu currículo. Já vai melhorar bastante, aí eu posso tentar degraus mais altos. [...] Eu acho que se a pessoa não procurar estudar e melhorar na parte cultural fica complicado conseguir o que deseja. [...] Muita gente reclama da vida e não faz nada pra mudar. Tem que correr atrás dos objetivos e fazer faculdade, cursos, tudo é válido pra melhorar. (Entrevista 2)
>
> Quando o emprego é bom, as pessoas que vão contratá-la querem ver que você se esforça, que você está se desenvolvendo, estudando. Eu acho que eu vou conseguir, sim, um bom emprego. Melhor do que se eu não tivesse estudando. [...] Quando você faz faculdade ela já remete a você arrumar um bom emprego. Arrumando um bom emprego, você tem melhores condições financeiras. É uma coisa que traz a outra, faculdade, oportunidades de empregos melhores, ganhar melhor. [...] É muito importante porque te remete a outras coisas, oportunidades. A faculdade te abre muitas portas pra você conseguir emprego. Talvez hoje eu arrume emprego de R$ 400, mas eu sei que eu estudando, desenvolvendo, eu logo vou pra R$ 2 mil, R$ 3 mil, se eu realmente buscar e aplicar isso na minha vida. Tem gente que fala: “eu tenho ensino médio e ganho melhor que você”. Mas isso hoje, talvez amanhã, não. Essa é uma questão de oportunidade, mesmo. Eu penso muito assim. Eu penso no meu diploma como um valor. (Entrevista 3)
>
> Sem a faculdade, eu não teria muito leque de escolha. Eu teria que abraçar qualquer coisa que aparecesse no mercado. Não que seja uma coisa negativa ser lojista, ser atendente, ou alguma coisa do gênero, mas não é uma coisa que eu vou poder ter algum poder aquisitivo, ou ter abrangência no meu conhecimento. (Entrevista 7)
>
> Olha, diploma ajuda no currículo, mas tem que tomar cuidado. Não pode só se limitar a ele. Ele abre outras oportunidades. [...] um novo emprego, uma oportunidade melhor. Te dá mais segurança para procurar emprego porque até

> então, você trabalha para se formar. Depois que você se forma, você tenta coisa melhor. Você fala: “agora eu tô formado, isso não dá para mim.” (Entrevista 9)

> Com a faculdade que eu estou fazendo, me encontrar no mercado de trabalho, espero trabalhar na área administrativa de alguma empresa privada ou algum órgão público, como funcionário público, ter estabilidade. Eu tendo um serviço melhor, vou poder ajudar mais minha família, vou ajudar meus pais a saírem daqui pra um lugar mais apropriado. [...] Hoje em dia a maioria dos lugares costuma pedir nível superior e não tem como você disputar um cargo maior se você não tem nível superior, sem a faculdade, você não consegue encontrar um emprego de grande porte. (Entrevista 10)

Nessa ótica, o ensino transforma-se também em um bem de consumo a ser desejado pelas classes populares. E ele é um bem de consumo não apenas porque os alunos estão estudando em uma instituição que cobra mensalidades de seus estudantes, mas porque as relações aluno-faculdade também fazem parte da atual etapa do capital, na qual a mercadoria atinge a plenitude. Tudo se transforma em mercadoria. O prestígio que o ensino superior traz também é consumido como mercadoria. Todos habitam o mesmo espaço social conhecido como *mercado*.

Bauman (2008) afirma que o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. Segundo ele, isso foi alcançado graças à incorporação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço antes reservado aos indivíduos – esse espaço em que se estabelecem as ligações que conectam os seres humanos e se erguem as cercas que os separam.

De acordo com o autor, até mesmo os indivíduos estão remodelando a si mesmos como mercadorias, ou seja, como produtos capazes de obter atenção e atrair demanda e fregueses. Cita como exemplo os sites de relacionamento pessoal, no qual as pessoas evitam a imprevisibilidade de um encontro face a face e passam de um site para outro, assim como costumavam virar as páginas de um catálogo, em busca do parceiro ideal. Mas podemos extrapolar a noção também para o universo do “mercado de trabalho” no qual aqueles que estão lutando por um emprego tentam “se vender” para os empregadores, um processo no qual a vitrine é o currículo, um item citado por vários dos alunos

entrevistados, como podemos ver nas declarações acima. Martín-Barbero (2006) destaca que não só o valor, mas também o sentido do trabalho profissional passa a se vincular a uma criatividade e a uma flexibilidade atadas à lógica mercantil da competitividade que enlaça confusamente saber e rentabilidade.

Bauman (2008) defende a posição de que na sociedade de consumidores há um embaçamento, uma eliminação entre as coisas a serem escolhidas e os que as escolhem; as mercadorias e seus consumidores; as coisas a serem consumidas e os seres humanos que as consomem. Nesta sociedade, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria. A ânsia pela fama, pela exposição, que é marcante na sociedade contemporânea estaria ligada a este fator: tornar-se famoso é uma forma de se transformar em uma mercadoria notável, notada e cobiçada.

O fato de estarmos inseridos em uma sociedade de consumo não anula, necessariamente, o conceito de cidadania. Canclini (2008), afirma que existe um jogo complexo, em várias direções, entre ser cidadão e ser consumidor, especialmente quando levamos em consideração o consumo de educação. “Em algumas formas de expansão do consumo, como internet, ou com o aumento da escolaridade média e superior, criam-se melhores condições para que nós, consumidores, sejamos capazes de apreciar repertórios culturais e estéticos diversos.” (p. 28)

Nem sempre, como destaca Bauman (2008), a vida de consumo se refere à aquisição e posse, mas em vez disso, principalmente e acima de tudo, a *estar em movimento*. Ela envolve, segundo o autor, velocidade, excesso e desperdício e prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros. Nossas necessidades não podem ter fim. Somos impulsionados e/ou atraídos a procurar incessantemente por satisfação, mas também a temer o tipo de satisfação que nos faria interromper essa procura, porque, uma vez satisfeitos, não mais teríamos o que consumir.

Também o ensino já entrou nessa cadência. Existe, atualmente, uma pressão social já não mais apenas no sentido de “ter estudos”, mas de “voltar a estudar”. Como consequência, ocorre um processo de culpabilização quando as condições não o permitem. Manter-se “em formação” tornou-se um valor

social. As entrevistas com os estudantes deixam claro que todos pretendem continuar estudando e vinculam isso ao sucesso profissional futuro:

> Se eu não correr atrás do meu futuro nada vai ser concretizado... Todo mundo que me conhece sabe que eu quero ser engenheiro, todo mundo sabe que eu quero fazer engenharia e quero fazer 2, 3, 4, 5 faculdades. (Entrevisa 1)
>
> Eu pretendo fazer uma pós na área comercial. (Entrevista 3)
>
> Eu pretendo fazer outras coisas, estudar mais. Então, daqui a cinco anos eu ainda vou estar ralando muito, mas eu acho que esteja melhor.[...] Eu pretendo terminar, talvez fazer uma pós-graduação, trabalhar na área e pagar uma faculdade de quatro anos, que o ensino é melhor. (Entrevista 4)
>
> Eu pretendo fazer um curso de pós quando eu terminar a faculdade. Vou terminar e fazer uma pós em 2012. (Entrevista 5)
>
> Eu pretendo fazer inglês, eu já vi um monte de vagas que pedem inglês. Eu tô pensando em fazer depois que eu fizer a minha faculdade. Eu já estou pensando no curso que eu vou fazer depois, se vou fazer pós, outro curso. (Entrevista 6)
>
> Quero, realmente, continuar estudando. [...] Eu pretendo continuar só buscando meus ideais. Que é na área financeira, primeiramente. Depois, correndo atrás de mais cursos, que é o que eu pretendo fazer. [...] Se, realmente, eu quero me tornar um profissional, alguém que tenha um poder aquisitivo no futuro, não é só essa faculdade que vai poder me sustentar. Eu vou ter que fazer outros cursos. [...] um curso que eu, realmente, preciso fazer, é inglês. E me especializar, não só fazer faculdade. Antigamente, o nível de um profissional era ter uma faculdade, hoje, não. Hoje, tem que ter uma pós, ou algo elevado a uma pós. Porque a faculdade, hoje em dia, é como se fosse um segundo grau, porque tem muita gente para concorrer. Se você, realmente, é uma pessoa destacada, você tem que ter algo superior, não só um terceiro grau. (Entrevista 7)
>
> (Daqui a alguns anos pretendo estar com) meu curso na faculdade terminado e procurar uma especialização. Trabalhando e estudando, ter um algo a mais pra estudar, um curso a mais. Quero falar o inglês fluente. Tem que estudar bastante e pra isso tem que injetar dinheiro na faculdade. E pra se dar bem no futuro você tem que fazer bastante curso. (Entrevista 8)
>
> Eu pretendo continuar os estudos. Agora eu começo num dilema: não sei se eu faço outro curso, né? Por exemplo, um bacharelado em administração ou se eu faço pós em logística. [...] Terminar a faculdade para dar uma alavancada na minha vida profissional, né? E eu tenho que estudar mais, para tentar alavancar mais ainda, essa é a meta. A única coisa que ninguém leva de você é o seu conhecimento. É a única que você tem que ter: mais nível, o conhecimento. (Entrevista 9)
>
> Estou pensando em quando terminar minha faculdade de administração, tentar fazer MBA em Gestão Empresarial. (Entrevista 10)
>
> Pra mim fazer uma faculdade, hoje é... primeiro que eu estou realizando um sonho. Porque todo mundo sonha em estudar, fazer uma graduação. Eu acho

> que aumenta as minhas expectativas também, porque antes eu pensava em fazer a faculdade, ponto, parou. Agora, não, eu penso numa pós, me especializar. Porque eu vejo que quanto mais você se especializa, melhor você fica naquilo e vai melhor naquela área e abre mais portas. Quando você faz uma graduação se torna maior as oportunidades (sic). É o ensino médio, faculdade, pós e aí aumenta as oportunidades. (Entrevista 3)

Embora, como é possível observar nos depoimentos acima, todos queiram prosseguir nos estudos, alguns pensam em aprender inglês, alguns esperam fazer outros cursos de graduação e a maioria pretende fazer pós-graduação. Há gradações, entretanto, entre os diversos depoimentos. Enquanto para uma entrevistada "fazer uma faculdade é a realização de um sonho", outro aponta que "a faculdade, hoje em dia, é como se fosse um segundo grau", consciente de que a massificação do ensino superior faz com que um diploma superior não seja mais um grande diferencial em termos profissionais.

Essa temática articula-se com outra que é o fato de que, com a "obrigatoriedade" de estar em constante formação, a responsabilidade do processo passa a ser individual e não mais coletiva, social ou estatal. Transferir a responsabilidade do ensino ao setor privado está relacionado ao processo descrito por Bauman (2008, p. 16):

> a preocupação de garantir a "vendabilidade" da mão-de-obra em massa é deixada para homens e mulheres como indivíduos (por exemplo: transferindo os cursos da aquisição de habilidades profissionais para fundos privados – e pessoais), e estes são agora aconselhados por políticos e persuadidos por publicitários a usarem seus próprios recursos e bom senso para permanecerem no mercado, aumentarem seu valor mercadológico, ou pelo menos não o deixarem cair, e obterem o reconhecimento de potenciais compradores.

Fica claro como essa lógica da "vendabilidade" da mão-de-obra e a tentativa de aumentar seu valor mercadológico está incorporada nos estudantes, por trechos de seus depoimentos: *pra se dar bem no futuro você tem que fazer bastante curso*; *eu tenho que estudar mais, para tentar alavancar mais ainda, essa é a meta*; *eu já vi um monte de vagas que pedem inglês*. A necessidade da educação continuada foi apontada por Jacques Delors (1998), que coordenou o "Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional para o

Século XXI". A aprendizagem ao longo da vida, nessa perspectiva, visa a superação da visão da terminalidade que era atribuída aos cursos, em especial aos de graduação nas faculdades e universidades. A proposição manifestada por Delors apresenta para a educação uma aprendizagem ao longo de toda a vida assentada nos quatro já famosos pilares: *aprender a conhecer*; *aprender a fazer*; *aprender a viver juntos* e *aprender a ser*. As declarações dos alunos, no entanto, vão em direção a outro caminho: transparece a preocupação em manter-se no mercado de trabalho, aumentar seu valor como "produto" a ser vendido neste mercado.

Gruschka (2008) reitera o papel das universidades na mercadorização das pessoas, afirmando que escolas e universidades atuam há alguns anos na reorganização de um negócio que, por meio dos mais racionais procedimentos, produz e disponibiliza mercadorias de sucesso. As metas e os procedimentos de mercado são aplicados quase de forma pura: desenvolvimento de produto, *Total Quality Management*, *Controlling*/*Evaluation*, marketing, finanças pessoais, distribuição de produtos e recrutamento de recursos humanos; tudo isso no contexto concorrencial do mercado.

> Disso resultam surpreendentes analogias: estudantes universitários e escolas tornam-se clientes de um negócio e para eles, mediante pagamento (as taxas estudantis), serviços e produtos (certificados) são oferecidos. Cientistas e professores se transformam, de modo correspondente, em prestadores de serviços. A qualidade de seu trabalho é aferida pelos resultados que o negócio alcança: financiamento estatal corresponde a cada aluno matriculado[24], recursos privados, apoio financeiro específico para o desenvolvimento de projetos. Numa forma mais avançada desse mesmo processo, tanto o professor quanto o pesquisador tornam-se um *intrapreneur*, o responsável por suportar uma parte importante da carga que ele mesmo trouxe à escola e ao negócio, como um suplemento. Quem nesse processo pouco ou nada contribui para os resultados do negócio torna-se fator de desvalorização do empreendimento e deve ser defenestrado. (GRUSCHKA, 2008, p. 176)

Martín-Barbero (2006) afirma que as universidades nos países latino-americanos esforçam-se para se adaptar a uma lógica que coloca o mercado e

[24] O retrato feito pelo autor, alemão, não é de todo verdadeiro no caso brasileiro, onde o financiamento estatal, pelo menos no nível superior, não corresponde ao número de alunos matriculados, mas o quadro geral descrito tem pertinência também para o Brasil.

o desenvolvimento tecnológico na globalização socioeconômica e na mundialização da cultura. Não há, entretanto, “o menor esforço da parte delas de assumir como tarefa própria, estrutural e estratégica, o de formular e desenhar projetos sociais, a de pensar alternativas ao modelo hegemônico do mercado e da comunicação.” Se isso pode ser dito, de forma genérica, sobre a totalidade das instituições de ensino, o que dizer daquelas cuja finalidade é abertamente mercantil, com ações sendo comercializadas na Bolsa de Valores e “interesses dos acionistas” a serem resguardados acima de tudo, como é o caso da UniRadial-Estácio? É sabido que grandes corporações de capital aberto são bastante pressionadas por grupos de acionistas, investidores e outras instâncias que querem resultados financeiros. O objetivo passa a ser gerar lucro, “servir bem” os clientes e aumentar o preço das ações. Os novos donos exigem que instituições de ensino dêem taxas de lucros semelhantes a seus negócios em outros ramos da economia, como a indústria de alimentos e bebidas. Nessa perspectiva, educação é negócio, escola é empresa, aluno é cliente e gestão é entrega de resultado, especialmente financeiro.

O ideal da escola republicana, isto é, universal, democrática e igualitária, está sofrendo transformações funcionais, para a incorporação dos modelos econômicos de rentabilidade, de eficácia e de avaliação de resultados. Uma das consequências dessa transformação é a de reforçar os efeitos de seleção e de recolocar as desigualdades sociais na escola.

Canclini (2008) coloca que a educação foi cedendo autonomia ao diminuir a importância da escola pública e laica e crescer o ensino privado que, com frequência, subordina o processo educacional às aptidões de mercado e se preocupa mais em capacitar tecnicamente do que formar para aptidões culturais. “Em vez de formar profissionais e pesquisadores para uma sociedade do conhecimento, treina peritos disciplinados.” (p. 23)

O argumento é reiterado por Gruschka (2008) com a afirmação de que, ao mergulhar no mundo do consumo, a escola coloca a capacidade subjetiva de julgar dos alunos entre parênteses. “A materialidade do conhecimento é apenas adquirida de maneira funcional, não mais *apropriada*. Tudo deve correr de forma “rápida e agradável” e, por isso, jamais pode haver “profundidade”.” (p. 178)

Mas seria possível manipular o conhecimento como mercadoria? Para entrar nessa discussão é preciso, primeiro, distinguir informação e conhecimento, bem como as várias concepções possíveis sobre o conceito de conhecimento. A afirmação abaixo, de Moran (2000), é coerente com os conceitos já explicitados neste trabalho, cunhados por Nilson Machado (2000):

> Temos muitos dados, muitas informações disponíveis. Na informação, os dados estão organizados dentro de uma lógica, de um código, de uma estrutura determinada. Conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se. (MORAN, 2000, p.54)

Machado (2000) destaca que em outras épocas, se concebia o conhecimento como algo passível de acumulação. A metáfora que o autor utiliza é a de um balde, previamente existente em cada ser humano, talvez inicialmente vazio. O papel da escola, juntamente com a família e outros órgãos sociais da educação não-formal, seria encher este balde. Posteriormente, a concepção cartesiana tornou-se dominante. Ela visualizava o conhecimento como uma cadeia, uma corrente, na qual os elos deveriam ser construídos de forma linear e progressiva, em uma hierarquia que conduziria do mais simples ao mais complexo. O autor destaca que ainda hoje esta é a concepção hegemônica e está na base da estruturação formal dos sistemas de ensino, divididos em séries, suportando também a idéia de pré-requisitos.

Machado (2000), por sua vez, concebe o conhecimento como uma rede de significados em um espaço de representações. Nesse sentido, conhecer liga-se profundamente à ideia de significado. A compreensão do significado vem da análise, processamento, avaliação de relevância e pertinência das informações, muitas vezes desconexas.

Levando em consideração essa distinção entre informação e conhecimento, cabe ressaltar outro aspecto destacado por Machado (2004): o de que são muitas as expectativas mercantis que são boicotadas pelo caráter imaterial do conhecimento.

A primeira é que o conhecimento não tem prazo de validade, não é perecível. Embora seja recorrente nos dias de hoje o discurso de que o

conhecimento torna-se obsoleto a cada três ou quatro anos, Machado (2004) argumenta que a obsolescência está relacionada aos dados e informações, mas não ao verdadeiro conhecimento.

> Conhecimento pressupõe a teoria ou a visão que leva à compreensão, e não é possível conceber que, uma vez que tenhamos visto, deixemos de ver, mas apenas que nossa visão se transforme, que atualizemos nosso ponto de vista, o que é favorecido pelo uso, pela vivência, pela prática do conhecimento. (MACHADO, 2004, p. 28).

O segundo aspecto está relacionado à questão dos estoques, que, no regime capitalista, dita a flutuação dos preços das mercadorias. No entanto, quando falamos de conhecimento, o estoque perde o sentido. Se alguém possui determinado conhecimento e ensina outro, quem ensinou, não deixou de deter aquele conhecimento. Não há estoques vazios ou superlotados de conhecimento.

Machado (2004) também aponta para outros dois pontos problemáticos no tratamento do conhecimento como mercadoria: a questão da objetivação, uma vez que o conhecimento é sempre pessoal e também o aspecto da confiança mútua necessária entre os negociantes. Quando adquirimos um produto qualquer, digamos, um sapato, facilmente podemos averiguar a funcionalidade, beleza, a qualidade do material, etc. Com esses dados em mãos, em poucos minutos torna-se relativamente simples a decisão da compra e a avaliação do preço cobrado. No caso conhecimento, a própria natureza imaterial, intangível e até invisível do “produto” pressupõe que, sem a confiança mútua, não há negociação possível.

O que pode estar ocorrendo é aquilo que Kurz (2002) chama de “degradação do conhecimento”, pelo uso instrumental e mercantilizado das informações. “O primeiro e único mandamento do conhecimento reduzido diz: ele deve ser imediatamente aplicável no sistema de sinais dominante. O que está em questão é o ‘marketing da informação’ sobre ‘mercados da informação’. O conhecimento intelectual tem de ser encolhido para a condição de ‘informações’.” (KURZ, 2002).

De novo, aparece a confusão entre conhecimento e informação. É possível que quando tratemos da comercialização do conhecimento, estejamos

na verdade falando da comercialização de mera informação travestida de conhecimento.

Como afirma Moraes (2006) a prioridade comercial desborda em todos os estágios de produção, circulação e consumo de bens simbólicos. “A cultura está imersa na lógica do lucro que preside a expansão da forma-mercadoria a todos os campos da vida social.” Se essa informação é válida para a cultura, também o é para a educação.

Aqui temos, então, um paradoxo. Por um lado, fica claro que o conhecimento não se esgota em sua dimensão mercantil, mas por outro, não há dúvida que um número enorme de jovens e adultos está pagando para que possam obter, em troca, mais conhecimentos. Além disso, não há como negar que instituições de ensino como a UniRadial-Estácio estão subordinadas à lógica do mercado. Uma das perguntas feitas aos alunos pesquisados nas entrevistas qualitativas foi: “a faculdade é um bem de consumo, assim como outros que você possui ou pretende adquirir, como um carro, por exemplo?” Há respostas muito diferentes. Algumas revelam a dificuldade dos estudantes ao tratar do tema, revelando um paradoxo implícito (“é, mas não é”), outros colocam alguns dos pontos destacados por Machado (2004) e finalmente alguns encaram a relação sob a ótica mercantil, como um contrato de prestação de serviços no qual o aluno paga as mensalidades e recebe as aulas em troca.

> Não é um bem de consumo, é busca de conhecimento mesmo. É uma coisa que você começa, é tão difícil de começar, e quando você começa, você não quer parar mais. (A diferença que existe é que) um bem de consumo você pode pegar, vender, negociar, trocar. O conhecimento ninguém tira de você, é uma conquista. (Entrevista 5)

> Não acredito, não (que a faculdade seja um bem de consumo). É uma questão de investimentos[...]Você paga pra receber o conteúdo, mas de certa forma você acaba comprando sim, mas não que você compre a educação. Você compra o conteúdo ou alguma coisa. (Entrevista 1)

> Eu acho que a faculdade é um bem de consumo, mas diferente, por exemplo, de um carro. Eu acho que é até mais importante que o carro. O conhecimento ninguém tira de você e o carro pode ser roubado, você pode bater e o conhecimento ninguém tira de você. É uma coisa que vai ficar pra sempre na sua vida. Você pode sair da empresa hoje, mas o conhecimento você leva com você. Então a faculdade é um bem que você leva pra vida inteira. (Entrevista 2)

> É como se fosse um bem de consumo que nem todos conseguem dar o valor que deveria. No meu caso eu não gasto com a mensalidade [aluna é bolsista do ProUni], mas gasto com condução, material. Tem o tempo também que você tem que se dedicar. [...] A faculdade não te traz uma coisa imediata, não é como um carro que você compra hoje e amanha você é o tal. Talvez demore anos, talvez demore meses, semanas, mas vai ter um retorno. Então é importante estudar sim, é importante você ler, é importante você ouvir coisas que trazem crescimento. A gente tem que buscar o que faz a gente crescer e esse retorno não é imediato. (Entrevista 3)
>
> A gente compra um serviço, uma prestação de serviço pra você ter um novo nível de conhecimento. (Entrevista 6)
>
> Eu acho que é como um bem. Tanto que pessoas vendem um carro pra poder fazer faculdade. É um bem que você adquiriu, muito grande, assim. É como comprar um carro e até melhor porque aquilo você sempre vai ter e ninguém tira de você e um carro não, você bate, acabou o carro ou, sei lá, roubam e não acha mais. E o estudo não, o estudo é uma coisa que ninguém vai tirar de você. É realmente é um bem muito melhor que um carro. (Entrevista 4)
>
> A faculdade, eu vejo como necessidade, mas também vejo como meio de consumo. Nós estamos aprendendo, mas estamos pagando nosso diploma. Você aprender ou não, isso é uma coisa que só o seu diploma vai mostrar. O aprendizado você não está comprando. É que tem os dois lados da moeda, na verdade. Você tem que ir, porque você vai aprender, vai agregar alguma coisa. Mas você também está comprando o diploma, que é o que vai interessar quando você for ingressar num emprego. (Entrevista 7)
>
> Eu compro conhecimento. [...] (A gente) compra conhecimento, opções. Eu não estou comprando um curso de logística pra atuar nessa área. Eu estou comprando um novo modo de pensar. (Entrevista 8)
>
> Sim, claro (que a faculdade é um bem de consumo). Você paga para ter aula. Acho que é uma troca. Você paga o espaço, usa para aprender, não que você compra totalmente o conhecimento. Você usa o espaço, a professora... o resto... é correr atrás. A escola te dá no máximo 30%, os outros 70% tem que correr atrás (em relação ao conhecimento). (Entrevista 9)
>
> É um bem, é mais uma coisa que eu estou pagando. (Mas) é muito diferente (dos outros bens que eu tenho). A faculdade é o estudo que vai ser o meu futuro, minha bicicleta, o computador, não. Não vão me fazer falta. Pelo menos no momento, não. A faculdade vai fazer parte do meu futuro, é o meu melhor bem. Vai mudar a minha vida. (Entrevista 10)

O consumo do conhecimento na realidade está ligado a outra questão central: o que estes alunos buscam adquirir em seus cursos? Friedman (1999) destaca que o consumo, dentro dos limites do sistema mundial, é sempre um consumo de identidade, canalizado por uma negociação entre a autodefinição e uma série de possibilidades oferecidas pelo mercado capitalista.

Certamente, como foi dito, uma das buscas dos alunos está relacionada àquilo que Bourdieu chama de “capital cultural institucionalizado”.

> Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo, em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (BOURDIEU, 1998 C, p. 78)

Parece acertado dizer que a inflação de diplomas de cursos superiores que ocorreu no Brasil desde o início dos anos 1990 é uma busca também pela aquisição do “capital cultural institucionalizado”. Como afirma Bourdieu (1998), o diploma nada mais é do que produto da conversão de capital econômico em capital cultural, já que ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho.

Em recente entrevista concedida ao *Caderno Mais*, do jornal Folha de S. Paulo, em 18/04/2010 o historiador Eric Hobsbawm fala de como as relações de classe estão sendo reconfiguradas a partir do diploma. Ele afirma que está havendo uma divisão crescente gerada por um novo critério de classe: a aprovação em exames de escolas e universidades como critério de acesso a empregos. “Pode-se dizer que se trata de uma meritocracia, mas ela é medida, institucionalizada e mediada por sistemas de ensino. O que isso fez foi desviar a consciência de classe da oposição aos patrões para a oposição a representantes de alguma elite: intelectuais, elites liberais, pessoas que se erguem como superiores a nós.”

Há trechos das entrevistas em que os alunos fazem referência direta ao peso do diploma:

> A faculdade, eu acho uma questão muitíssimo importante. Por mais que, hoje em dia, um curso de faculdade não é como antigamente. Porque, hoje, realmente, praticamente, todos podem fazer uma faculdade. Porém, é a minha porta de entrada. É onde eu posso correr, realmente, progredir numa área. Você entra com o estudo, porque se você não tiver o diploma, independente de você saber ou não, infelizmente, ninguém quer saber. Você tem que mostrar o que você fez, o que você sabe por um papel. (Entrevista 7)

> Já valeu tanto a pena esse tempo todo, tanta gente que encontrei, amigos, acho que o diploma é só pra finalizar. Pra falar: “olha, parabéns, você terminou!”. É só pra finalizar mesmo, porque acho que depois de tudo que a gente aprendeu, acho que diploma nenhum vai ter importância. Pra finalizar, pra dizer que concluiu, uma documentação necessária. (Entrevista 5)

> Você também está comprando o diploma, que é o que vai interessar quando você for ingressar num emprego. (Entrevista 7)

> É mais a questão do que o mercado pede. A concorrência acaba sendo muito grande, então você começa ter várias solicitações. Na verdade, o profissional é aquele que trabalha e se desenvolve na área e a faculdade, no cargo, ela interfere mesmo no diploma. [...] Eu quero me ingressar na área pra poder ganhar mais, sei lá, subir de cargo. (Entrevista 4)

Além do caráter meramente utilitário, parece haver também uma questão identitária atrelada a esse novo consumo da educação superior no país. Como já citamos anteriormente, Hall (1999) argumenta que a globalização e as demais características da sociedade contemporânea – em especial as transformações no sentido de tempo e espaço – provocaram um deslocamento das identidades. Elas deixam de ser fixas para assumir diferentes posições em diferentes situações e contextos. Essa perspectiva parece fundamental ao analisarmos o que motiva o consumo tão intenso da educação superior atualmente no Brasil. Tão importante quanto almejar um diploma e, consequentemente, um emprego e ganhos salariais, o depoimento dos alunos torna evidente que eles assumem (ou almejam assumir) uma nova identidade ao ingressar no ensino superior. Além da busca por uma ascensão social legítima que um diploma superior pode representar, há também a busca por um outro sentimento de pertencimento, por uma outra identidade.

A questão identitária relaciona-se com o ensino em diversas camadas. Na mais básica está a geração de identificadores educacionais da população, em sua inserção na sociedade, relacionada ao conjunto dos níveis do sistema educacional (fundamental, médio, profissional, superior).

> As pessoas se inscrevem nos espaços sociais e são, aí, fortemente identificadas a partir de tais formações: “ter 1º grau”, “ter 2º grau”, “ser professor”, “ser médico”, “ser torneiro mecânico”, de algum modo *situam* e identificam o cidadão na sociedade. São portanto “títulos”, expressos nas certificações pertinentes emitidas pelo sistema educacional e formalmente

> institucionalizadas, como indicação de “legitimidade social” de seus portadores. (BRAGA; CALAZANS, p. 40)

Em outra camada, mais profunda, é possível que para boa parte dos alunos, possuir um diploma de um curso superior seja um fato altamente significativo do ponto de vista simbólico. Os anúncios publicitários das instituições de ensino que cresceram na última década justamente com o ingresso desses estudantes exploram esse universo simbólico. Um exemplo foi a campanha veiculada na televisão, rádio e jornal da Universidade Nove de Julho (Uninove) em 2006 e 2007, protagonizada por Bernardinho, técnico da seleção masculina de vôlei do Brasil. A Uninove, que está sediada na cidade de São Paulo, de acordo com dados da Hoper (Análise Setorial do Ensino Superior Privado do Brasil – 2009) é quinta maior instituição de ensino superior particular do Brasil. Seu faturamento em 2008 (receita líquida) foi de R$ 366 milhões, ano em que detinha 92 mil alunos matriculados. A escolha de Bernardinho para a campanha já é altamente simbólica, especialmente naquele período, uma vez que o treinador é quase um emblema de liderança e sucesso do Brasil. Desde que assumiu a seleção de vôlei, em 2001, chegou ao pódio em todas as 21 competições que disputou. Das 21 competições, ganhou 17, ficou em segundo lugar em 3 competições e em terceiro lugar em apenas uma. Tamanho êxito nas quadras levou Bernardinho a escrever um livro intitulado *Transformando Suor em Ouro* e hoje o técnico é muito requisitado por empresas para proferir “palestras de motivação”, nas quais aborda questões como trabalho em equipe, liderança, motivação e perseverança.

O filme da Uninove começa com uma jovem descendo as escadas rolantes de uma estação de metrô. Sua voz, em *off*, diz: “Não dá pra esperar mais. Eu preciso entrar na faculdade ainda esse ano, vai ser bom pra mim! Mas será que eu consigo? Trabalhar e estudar ao mesmo tempo… ai, é tudo tão difícil!”. Neste momento surge Bernardinho, que, dirigindo-se à garota, diz: “Você está louca? Está pensando o que da vida? Você é uma lutadora, uma batalhadora! Você nasceu para vencer! Vai estudar, sim! Vai passar de ano, vai entrar na Uninove, vai vencer na vida!”. Após a preleção de Bernardinho, entra a voz do narrador, em *off*: “Se você entende tudo isso, você também é

da geração 10. Geração 10 é aquela que tem meta, tem sonho, tem ideal. Que quer entrar na faculdade para crescer na vida e vencer na carreira. Geração 10 é a geração da Uninove". O Bernardinho torna a aparecer para a garota dizendo: "Não se entrega, não. Você tem valor! Eu sei que você vai chegar lá!". Logo após, a voz da jovem reaparece afirmando: "Pensando bem, eu vou fazer a minha inscrição é agora!", ao que o Bernardinho retruca: "Essa é a minha garota!". E o narrador conclui o filme com o slogan da instituição: "A Uninove é sempre 10!".

O filme é um exemplo claro do universo simbólico que circunda o ingresso desse contingente de alunos em cursos superiores. Expressões largamente utilizadas no dia-a-dia, cujo significado é vago, como "você vai chegar lá!", "crescer na vida", "vencer na vida", estão carregadas de significados simbólicos e passam a sensação de que, ao entrar na faculdade, o sujeito seria automaticamente alçado a um novo patamar em sua vida, ele passaria a pertencer a um novo lugar na sociedade. E elas são muito coincidentes com os depoimentos dos próprios alunos entrevistados na pesquisa qualitativa.

Como afirma Martín-Barbero (2006, p. 65), "a identidade não é o que é atribuído a alguém pelo fato de estar aglutinado num grupo – como na sociedade de castas – mas, sim, a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivídulo." As frases abaixo, extraídas das entrevistas com os alunos da UniRadial-Estácio, referentes ao papel que a faculdade tem na vida dos estudantes e às transformações pessoais pelas quais eles passaram após o ingresso no ensino superior, retratam isso.

Um dos alunos, fala literalmente em entrar em "um mundo diferente daquilo que eu convivia"; outro afirma que sua vida "ganhou muito mais prestígio" e ressalta o fato de que com o curso superior, teve a oportunidade de conviver com pessoas diferentes, de religiões diferentes, com ideias diferentes, algo que parece ter sido profundamente transformador e inédito em sua vida. A entrevistada 3 chega mesmo a afirmar que o curso superior modificou hábitos de seu consumo cultural, citando o programa de televisão "Pânico". Ela diz: "Você começa a olhar e pensa: não é pra mim. Você estudou, está fazendo faculdade e vendo isso. Remete àquela coisa de pessoa que não tem muita cultura. Quem faz faculdade tem cultura, então porque está assistindo isso?" É

interessante ressaltar a frase *quem faz faculdade tem cultura*, observando como os estudantes entendem o ensino superior como uma porta de entrada para um universo cultural que antes não fazia parte de sua vida. Outro afirma que, ao ingressar no curso superior, passa a ser "formador de opinião, "uma pessoa que as pessoas vão te seguir".

O entrevistado 7 afirma que se não estivesse fazendo faculdade, certamente estaria "fazendo alguma coisa errada", de novo uma referência implícita à marginalidade. Esse mesmo entrevistado praticamente reproduz (dois anos depois) os conceitos do comercial da Uninove ao afirmar: "a questão também é você poder ter um bom nome. Você ser reconhecido, não só como um moleque bacana, mas ser reconhecido assim: "O cara brigou, o cara lutou. O cara chegou lá e alcançou. E a família dele é uma família de bem. O cara é um cara de bem." Ou seja, ao "lutar" e conseguir fazer uma faculdade, não só ele, como sua família, passam a ser "uma família de bem". Ele ingressa em um novo lugar na sociedade, se não em um plano concreto, certamente no simbólico. As declarações dos alunos são reveladoras porque, como afirma Citelli (2000, p. 80 e 81), os discursos são gerados tendo em vista a existência de campos referenciais. De acordo com o autor, a família, os partidos, as igrejas, a escola são uma parte do conjunto referencial com o qual os sujeitos na linguagem "constroem sua sociabilidade, elaboram e refazem opiniões, montam e remontam conceitos". Abaixo, as declarações dos alunos sobre o tema:

> Esse mundo universitário o quanto é interessante, o quanto é bom, se eu soubesse tinha vindo antes, não teria perdido tempo. É um mundo diferente daquilo que eu convivia. (Entrevista 9)

> Eu era apenas uma peça. Eu não quero ser apenas uma peça do Lego, eu quero montar o Lego. Eu quero ajudar outras pessoas a enxergar isso também. (Entrevista 7)

> [a minha vida] ganhou muito mais prestigio. [...] Eu adoro a faculdade por causa disso, porque eu conheço pessoas diferentes. [...] na faculdade são pessoas diferentes, religiões diferentes, ideias diferentes, então isso faz você ter gosto pela coisa, faz você querer mais, querer conversar, discutir assuntos. Fiquei um ano sem estudar, que foi o ano passado. Eu senti falta de uma conversa mais interessante, porque às vezes você quer conversar sobre alguma coisa, o pessoal (aponta para a rua) vinha conversar uma coisa totalmente desconexa, fofoca, uma coisa ou outra sem sentido. Por exemplo, uma coisa mais interessante ou aprender numa conversa e aí eu senti falta da faculdade... é diferente você ter uma conversa com um pessoal que tem já uma opinião

formada, tem um conteúdo, que tem embasamento no assunto, do que uma pessoa que nunca fez faculdade ou nem terminou os estudos, não excluindo o pessoal, mas tem muita gente assim. (Entrevista 1)

Muitas coisas, no meu ponto de vista, mudaram. Por exemplo, quando eu não tinha faculdade, eu trabalhava tipo com aquela visão de cavalo, só enxerga pra frente. Não tinha muita visão espacial. Agora que eu estou terminando também a faculdade, eu tenho uma visão mais ampla [...] Depois da faculdade eu abri mais a mente. (Entrevista 2)

[a faculdade trouxe] crescimento pessoal, ver o mundo de outra forma. Nem tanto pelo dinheiro, mas você se sente bem dizendo que tem faculdade, uma pós. Eu corri atrás, eu estou procurando crescimento, você aprende a ver o mundo de um outro jeito. Eu fui apurando mais o meu gosto, se eu vejo uma coisa eu sei que não é bom. Eu sei que isso não é pra mim. [Por exemplo, o programa de TV] "Pânico". Você começa a olhar e pensa: não é pra mim. Você estudou, está fazendo faculdade e vendo isso. Remete àquela coisa de pessoa que não tem muita cultura. Quem faz faculdade tem cultura, então porque está assistindo isso? Eu já assisti e hoje não me sinto bem vendo aquilo. Eu penso, pôxa eu podia estar lendo um livro e não vendo isso, que não vai me trazer coisa alguma. (Entrevista 3)

Eu estou adorando, aprendi muita coisa. Eu não sei como seria (sem a faculdade), ia fazer falta tanto para o mercado, quanto para o pessoal. É muito bom fazer. O aprendizado que você tem, você aprende tanta coisa que nem imagina que é aplicado, que exista, embora eu estou só no primeiro semestre, mas eu já aprendi muita coisa. Isso te valoriza muito, não só a questão profissional, mas a questão pessoal valoriza muito. Você começa a pensar melhor na vida, fica melhor no seu dia-a-dia, melhora no que você faz, as tuas atitudes, eu creio que melhora muito. Eu não sei o que seria sem a faculdade, tanto que já estou pensando em outras. Então eu gostei, estou gostando. [...] Você vê muita coisa na faculdade, você está num ambiente ali onde tem tudo e você começa a aprender e a mudar por você mesma. Você começa a perceber as coisas que faz e tenta mudar um pouco sua maneira de falar, de agir, então você quer mudar o seu jeito de ser, sua forma de pensar. (Entrevista 4)

Quando você fala que está fazendo faculdade, as pessoas falam: "que legal!" A atitude é outra, é gostoso, é bom. Tanto na faculdade, quanto fora, as pessoas começam a te ver de forma diferente, ela trabalha, estuda, se esforça, com uma certa admiração. Muda também porque você acaba valorizando outras coisas. Você acaba sendo mais exigente em todos os sentidos, você tem um conhecimento maior, você acaba vendo e procurando outras formas, lugares, se valoriza mais e acaba sendo mais exigente. (Do ponto de vista) financeiro também muda bastante, você tem que passar a não comprar no momento porque a faculdade é prioridade. (Entrevista 5)

Você não está aprendendo a fazer algo só profissional, você também está abrindo sua cabeça para novas ideias, para dúvidas suas e de seus colegas. Então, talvez, eu não tivesse esse pensamento que eu tenho, hoje. Ou senão, poderia estar em maus lençóis, hoje. Mas eu creio que a faculdade me faria muita falta sim, tanto na área profissional, como pessoal. A faculdade me ajuda muito. Se eu for um jovem sem estudo, eu estaria fazendo alguma coisa de errada, com certeza. (Entrevista 7)

> A parte financeira é, realmente, importante, porque a gente luta para isso. O ser humano é o único animal que quer armazenar bem. Então, realmente, é muito bom você poder ter um poder aquisitivo. Mas a questão também é você poder ter um bom nome. Você ser reconhecido, não só como um moleque bacana, mas ser reconhecido assim: "O cara brigou, o cara lutou. O Cara chegou lá e alcançou. E a família dele é uma família de bem. O cara é um cara de bem." (Entrevista 7)
>
> A faculdade é muito bom, já falei pra muitas pessoas. Porque eu estava no colégio não tinha um pensamento aberto e agora na faculdade é mais aberto. Antes de eu cursar a logística na faculdade eu pensava de um jeito na firma, eu falava: "ah, vou fazer meu serviço de funcionário e pronto". Agora na faculdade eu estou tendo um outro pensamento, não sei se por causa do curso ou pela convivência das pessoas. O pensamento das outras pessoas, você se aprimora mais, vai sabendo mais. [...] Antes eu pensava, vou trabalhar pra sair, pra comprar roupa, meu carro, pra balada. Eu saía bastante e hoje eu não saio mais. Agora na faculdade eu vou batalhar, tentar ser um encarregado, ganhar um pouco mais e comprar meu carro, minha casa. Pensar no futuro. (Entrevista 8)
>
> [...] primeiro no aspecto do conhecimento. Aí você fala: "qual conhecimento?" Em tudo porque você vem na faculdade e você aprende não só na aula, você aprende em matéria de vida, você se relaciona assim bem com as pessoas mais velhas, pessoa que têm mais bagagem de vida, você não vem na faculdade para buscar um conhecimento literário, mas um conhecimento de vida também. (Entrevista 9)
>
> Significa ter um curso superior, ser formador de opinião. Se você tem o curso superior você tem que fazer por onde, as pessoas entenderem que aquilo fez a diferença na tua vida. E que você não é só mais um com diploma embaixo do braço. Tem muitos professores na faculdade que pregam isso, entendeu? Você tendo o curso superior na mão, você é um formador de opinião, uma pessoa que as pessoas vão te seguir. Eu tenho isso em mente. Na empresa mesmo eu vejo os operadores de máquinas, que procuram melhorar e eu dou a maior força, incentivo. Perguntam pra mim sobre o curso, sobre a faculdade, eu falo, pego um panfleto e levo. (Entrevista 2)

Canclini (1983) ressalta que qualquer prática é simultaneamente econômica e simbólica, já que atribuímos significado a ela. O consumo também comunica algo da nossa inserção social, ou do lugar ao qual aspiramos.

> Comprar um vestido ou transportar-se para o trabalho, duas práticas sócio-econômicas habituais, estão carregadas de sentido simbólico: o vestido ou o meio de transporte – além de seu valor de uso: cobrir-nos, transportar-nos – significam, de acordo com o tecido e o desenho do vestido, ou tendo em vista se utilizamos um ônibus ou um carro, e sua marca, que pertencemos a uma determinada classe social. As características da roupa ou do carro comunicam algo da nossa inserção social, ou do lugar ao qual aspiramos, do que queremos transmitir aos outros ao usá-los. (p. 30)

Da mesma forma, qualquer fato cultural possui sempre um nível sócio-econômico implícito. Economia e cultura caminham imbricadas uma na outra. Ora, se podemos dizer isso a respeito de um vestido, quais não seriam os significados simbólicos de ingressar em uma universidade?

De acordo com Raymond Williams (1992), os traços internos de um produto cultural devem ser analisados em relação às condições sociais de possibilidade de produção. São os conflitos sociais, as interações, as interrelações os fomentadores das características internas do produto cultural e são eles que são importantes, pois dão à análise do produto cultural uma real dimensão crítica.

Williams diz que a estrutura social está no produto e que, portanto, a forma não é gerada internamente, ela é a expressão das estruturações do vivido na experiência histórica. A cultura é erguida sempre como resposta ao *modo de vida* no qual seu autor encontra-se imerso. Ela é um tribunal de julgamento da qualidade dessa vida. Isso porque, para o autor, as práticas sociais e os hábitos mentais se misturam às formas de produção e de organização sócio-econômicas a ponto de estruturarem, em termos de sentido, a vida e suas experiências.

Se *cultura* é *um modo geral de vida*, fazer sua análise representa descrever as inter-relações entre as práticas de significações que articulam e organizam a vida social. Isto requer, portanto, uma interpretação capaz de dar conta das instituições que conformam o sistema de significações aos quais a cultura especificamente em estudo se faz realizar. A vida social se processa, na perspectiva de Williams, segundo um sistema organizado, onde não é possível separar, desmembrar, isolar o produto cultural. A cultura organiza valores e significados da sociedade, mas também institui outros valores e significados ao fazer isto. Por isso é necessário considerar as suas condições de produção e as relações com o mundo que produz. Williams (1992) pensa a cultura como indissociavelmente imbricada à política e à economia, numa totalidade contraditória, o que envolve questionar certas simplificações da metáfora da base e da superestrutura, e a correspondente ideia simplificadora da cultura apenas como reflexo de uma base socioeconômica.

Martín-Barbero (1997) reafirma a posição ao declarar que o consumo não é somente uma interiorização dos valores das outras classes, pois não se restringe à posse dos objetos, passa pelos *usos* que lhes são dados. Esses usos estão ligados à classe social, mas também à *competência cultural* dos diversos grupos, que atravessa as classes.

Ao contrário de Górz (2005) para quem o consumidor, forjado pela publicidade, "individual por definição, foi concebido desde a origem como o contrário do cidadão; como o antídoto da expressão coletiva de necessidades coletivas, contrário ao desejo de mudança social, à preocupação com o bem comum", para Canclini (1983) é possível estabelecer múltiplas conexões entre consumo e cidadania, ainda que elas não sejam nada mecânicas nem facilmente redutíveis à coerência dos paradigmas econômicos ou da sociologia política.

Em *Consumidores e Cidadãos*, o autor afirma que as pessoas hoje percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertenço e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. Para vincular o consumo com a cidadania, e vice-versa, é preciso desconstruir as concepções que julgam os comportamentos dos consumidores predominantemente irracionais e as que somente vêem os cidadãos atuando em função da racionalidade dos princípios ideológicos. Normalmente, o consumo é tratado como o lugar do suntuoso e do supérfluo, onde os impulsos primários dos indivíduos poderiam alinhar-se com estudos de mercado e táticas publicitárias. Por outro lado, reduz-se a cidadania a uma questão meramente política.

Canclini (1995) parte da hipótese de que, quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos com que nos integramos e nos distinguimos na sociedade, com que combinamos o pragmático e o aprazível. Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento.

É evidente que o arranjo neoliberal globalizado não dá a todos direitos iguais. Canclini (1995) deixa claro que muitas das novidades modernas aparecem para a maioria apenas como objetos de consumo, e para muitos apenas como espetáculo. O direito de ser cidadão, ou seja, de decidir como são produzidos, distribuídos e utilizados esses bens, se restringe novamente às elites.

No entanto, quando se reconhece que ao consumir também se pensa, se escolhe e re-elabora o sentido social, especialmente quando estamos tratando do consumo de cursos superiores, é preciso se analisar como esta área de apropriação de bens e signos intervém em formas mais ativas de participação do que aquelas que habitualmente recebem o rótulo de consumo. Como diz Canclini: "Em outros termos, devemos nos perguntar se ao consumir não estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadãos." Este parece ser o caso do "novo aluno" que chegou ao ensino superior brasileiro, pelo menos do universo aqui pesquisado.

Ainda que estejamos mergulhados em uma sociedade de consumo, como diz Bauman (2008), esses mercados estão necessariamente imersos em complexas matrizes políticas e culturais que conferem aos atos de consumo sua ressonância e importância específicas. "A questão que exige uma investigação mais atenta diz respeito *ao que* "queremos", "desejamos" e "almejamos" e *como* as substâncias de nossas vontades, desejos e anseios estão mudando no curso e em consequência da passagem ao consumismo." (Bauman, 2008, p.41)

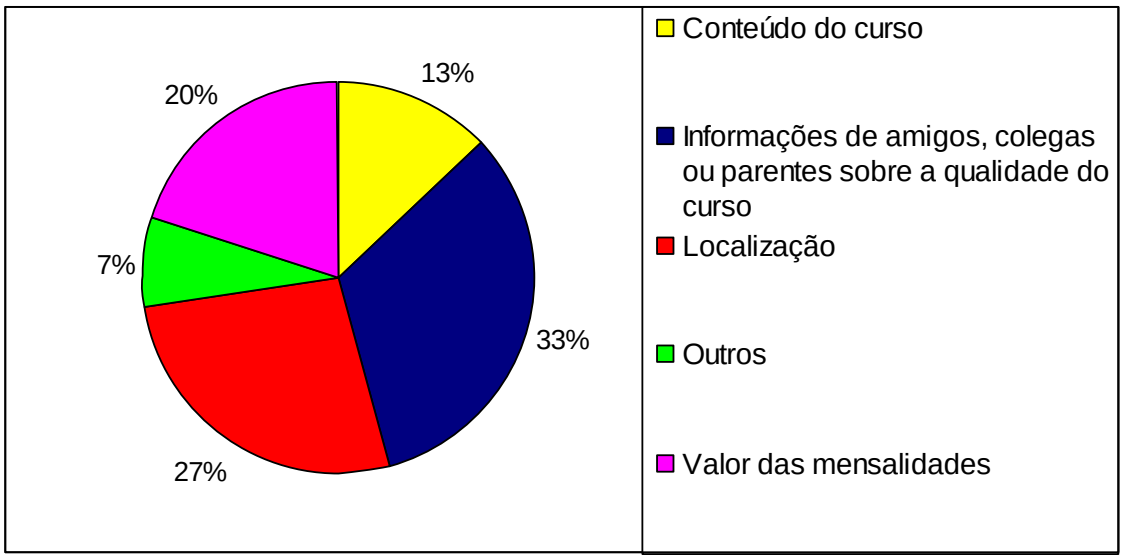
É curioso e até certo ponto contraditório o fato de os alunos relatarem um poder transformador em suas vidas tão grande relacionado ao ingresso no curso superior e mesmo assim todos serem quase unânimes ao afirmar que não possuem um vínculo afetivo com a instituição, que "não se identificam" com a UniRadial-Estácio. Ao mesmo tempo que valorizam muito o fato de estarem em um curso universitário, são bastante críticos em relação à instituição e aos seus problemas, como é possível verificar pelos depoimentos:

> Não me vejo vestindo a camisa da faculdade. Fiz Uniban, estou fazendo Radial num ano, depois posso ir pra USP. Eu me identifico com as pessoas, os colegas. [...] Eu não tenho um vínculo afetivo com a faculdade, uma ligação. Vou lá pra estudar. O fato de ter uma ligação forte com a faculdade, eu acho

> desnecessária. Se uma oferece um curso e a outra também pode oferecer o mesmo curso, talvez até melhor, então por que eu me ligar só nessa faculdade? O cara pode vir pra Radial ou ir pra outra, é indiferente. (Entrevista 1)
>
> Em geral, assim, eu gosto da faculdade. Mas o espaço físico dela eu acho pequeno, tem muitos alunos por sala. E a estrutura podia ser maior e melhor. No calor a gente sofre porque é muita gente junto. Tem ventilador e não dá pra refrigerar a sala inteira porque é muita gente. Algumas salas têm sistema de microfone, mas não são todas e aí os professores têm que gritar. (Entrevista 2)
>
> Quando era a UniRadial eu podia dizer que eu me identificava com a faculdade, porque eu gostava, quando entrou a Estácio senti uma diferença. Não sei se é porque a UniRadial já está aqui há muitos anos, você tem afinidade, eu não sei. Agora com a Estácio o número de alunos cresceu demais, os problemas cresceram demais. Tudo aumentou. Inclusive as aulas *online* entraram com a Estácio também. A UniRadial era minha cara, a Estácio... (Entrevista 5)
>
> Eu não me identifico com a faculdade. Eu pensei que era uma coisa maior. Eu imaginava uma coisa maior, coisas grandes. Uma faculdade uma coisa grande. São dois prédios pequenos. (Entrevista 6)
>
> Quando eu pensei em fazer faculdade, eu imaginava que era um monstro de sete cabeças, uma coisa de outro mundo. E também eu tinha a noção por filme, novela, era a noção que eu tinha. Então, era completamente diferente. Na minha sala, tem pessoas de 30 para cima. Na minha sala, eu sou o mais novo, de vinte anos. Então, você tem já um choque de mentes, ideias, assuntos. Então, realmente, esse foi o choque maior que eu tive. O restante, a estrutura, os professores, eu não tomei um choque tão grande. (Entrevista 7)
>
> Eu sou da UniRadial, que é da Estácio. A Estácio é a maior instituição de ensino superior do Brasil. Então, quando você vê a maior, a melhor, você pensa numa coisa de que você vai entrar lá e vai estar tudo perfeitinho, bonitinho, as cadeiras vão ser modernas, confortáveis. Mas não é tudo assim. Mas também, não é ruim. Não que ela seja ruim de estrutura, mas eu esperava uma coisa melhor. (Entrevista 7)

Bauman (2008) afirma que não se pode esperar dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir. A questão da “identificação” com a faculdade já começa na hora da escolha. É importante destacar que, para um percentual muito grande dos alunos os motivos de escolha da própria instituição de ensino são relacionados a elementos de conveniência (localização e preço) e não por questões qualitativas ou acadêmicas. Esse fato aparece tanto na pesquisa quantitativa, quanto nas entrevistas. No questionário, 20% dos estudantes afirmaram que foram estudar na instituição por conta do preço e 27% por causa da localização.

Gráfico 35: Motivos que levaram os alunos a escolher a UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

3.2. Os lugares e não-lugares na metrópole

Por mais paradoxal que seja, os depoimentos dos alunos sobre o papel da faculdade em suas vidas atestam que há uma sensação de pertencimento, uma relação identitária, mas ela parece ser de natureza distinta do que talvez tenha sido no passado, ou até mesmo daquela relação que estudantes de universidades públicas estabelecem com suas instituições de ensino. Uma universidade já pode ter sido uma parte importante do "território" descrito por Milton Santos (2000), isto é, "o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence". Os alunos faziam a instituição de ensino, que também faziam seus alunos, à maneira da célebre frase de Churchil: "primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem." Hoje, os espaços das universidades e faculdades, especialmente as particulares voltadas ao público de baixa renda, estão mais para os "não-lugares" definidos por Marc Auge (1994). Segundo o autor, os "não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais." (p.36). Cada vez mais, as IES assemelham-se a *shopping centers*. Cantinas e lanchonetes, por exemplo, dão lugar a "praças de alimentação", com

disposição arquitetônica, inclusive, praticamente idêntica a dos centros comerciais.

Mais do que apenas parecer-se com *shopping centers*, há diversas instituições de ensino que estão realmente se instalando em centros comerciais. A “matriz” da UniRadial, a Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, tem cinco unidades em centros de compras cariocas. Em São Paulo, há também quatro campi em centros comerciais, de outras instituições de ensino, como a UniSant’Anna, que mantém uma unidade no Shopping Aricanduva, na zona leste da cidade. Já há cinco estados brasileiros que possuem unidades de ensino em *shopping centers*. No Rio de Janeiro, são nove, em São Paulo, quatro e os estados de Rondônia, Rio Grande do Norte e Mato Grosso tem um campus cada um em *shopping centers*.

É importante destacar, como atesta Canclini (2003) que os *shopping centers*, apesar do nome, não são apenas centros de comércio. Em São Paulo, por exemplo, concentram muitas ofertas culturais. Com poucas ilhas de exceção, como é o caso das salas da Avenida Paulista, os cinemas da cidade hoje encontram-se majoritariamente nos *shopping centers*. Muitos deles também contam com salas de teatro, livrarias, lojas de discos, *videogames* e até mesmo espaço para exposições e/ou espetáculos. Canclini (2003) entende que, com segurança, higiene e projeto atraente, os *shoppings* fazem com que seus espaços transcendam sua finalidade comercial e sirvam para o encontro e a socialização, especialmente para os jovens. Tanto quanto ao consumo, associam-se ao passeio e à recreação.

> Os *circuitos* midiáticos ganham mais peso que os tradicionais *locais* na transmissão de informações e imaginários sobre a vida urbana e, em alguns casos, oferecem novas modalidades de encontro e reconhecimento, como [...] na reunião em *shoppings centers* que substituem parcialmente os antigos espaços de encontro e passeio. (CANCLINI, 2003, p. 159)

Ainda que os *shoppings centers* tenham transcendido sua finalidade unicamente comercial, eles são, por excelência o “lugar” de consumo, sem deixar de ser também o “não-lugar”, na concepção de Marc Auge (1994). Cinemas, teatros e livrarias lá presentes também estão no universo do consumo de bens culturais. Ao instalar um campus em um centro comercial,

portanto, a universidade institucionaliza, reafirma e situa como algo central a relação de consumo e de “valor de troca” estabelecida com seus alunos-clientes-consumidores. A escolha de um *shopping center* como local para estabelecer o campus não é apenas geográfica ou calcada em fundamentos do *marketing*. Revela também um determinado conceito de formação do aluno, bem como uma visão do conhecimento, que não pode ser outro senão aquele baseado em procedimentos reprodutivistas, ou a chamada “educação bancária”, para utilizar um termo cunhado por Paulo Freire (1971). É a educação que, como nos coloca Adorno, serve bem à razão instrumental. Considerados como consumidores, os alunos não são tratados como sujeitos de direitos, mas como indivíduos que expressam demandas em um contexto competitivo. Não é à toa, que, em seus depoimentos, os estudantes externam os paradoxos contidos na sua relação com a instituição. Enquanto existe, de fato, uma relação educacional, que em alguns aspectos boicota as expectativas mercantis (no dizer de Machado, 2004), há também, e mais fortemente engendrada, porque legitimada pela própria UniRadial-Estácio, diversos elementos no casamento entre os alunos e a instituição de ensino que navegam nos mares das relações puramente mercantis.

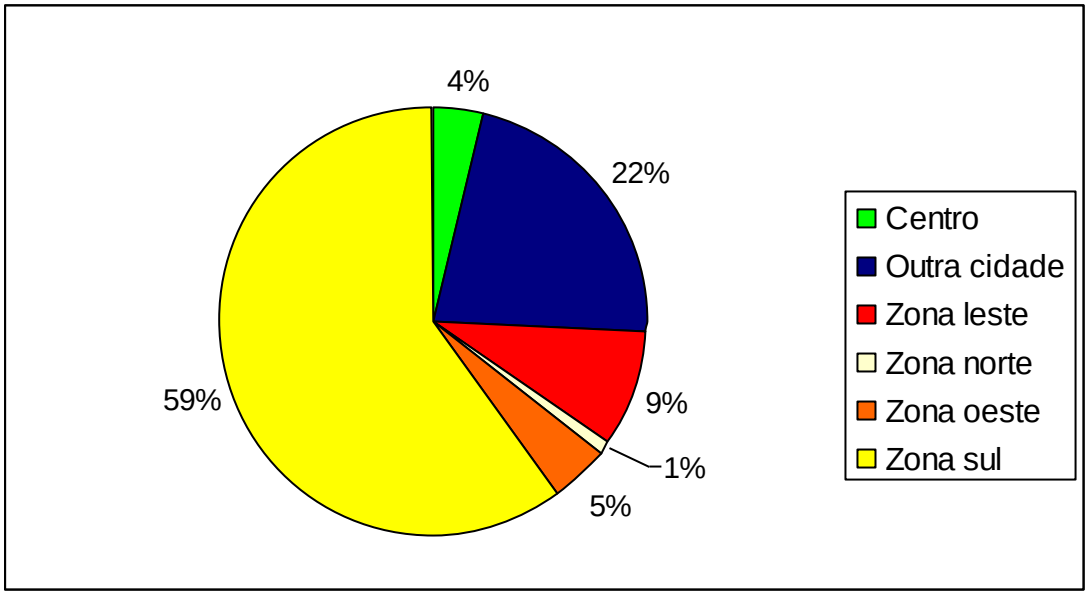
Certamente os circuitos de consumo também ajudam a consolidar novos modos de pertencimento, especialmente nas grandes cidades, como São Paulo. De acordo com Canclini (2003) é principalmente nas metrópoles que se articula o local com o nacional e com os movimentos globalizadores, uma vez que é lá que esses movimentos se manisfestam na indústria e nas finanças, nos serviços e nas comunicações. É lá também que se concentram informações e espetáculos internacionais, filiais de grandes redes estrangeiras, centros de gestão de capitais, inovações e imaginários globalizados. A que lugar eu pertenço? As cidades, e sobretudo as megacidades, como São Paulo, são lugares onde essa questão se torna intrigante, segundo o autor. Ou seja, espaços onde se apaga e se torna incerto o que antes se entendia por “lugar”. “São espaços de interação em que as identidades e os sentimentos de pertencimento são formados com recursos materiais e simbólicos de origem local, nacional e transnacional.” (CANCLINI, 2003, p. 153)

Canclini (2003) argumenta que São Paulo está no grupo de cidades que vive na tensão entre expressões da tradição e da modernização global. Tal

cisão cria, ao mesmo tempo, oportunidades de integração internacional e desigualdade, exclusão econômica e cultural. Esses problemas são especialmente gritantes em relação aos jovens, que têm sua incorporação ao mercado de trabalho dificultada pela desigualdade econômica e pela falta de preparo educacional, como já foi dito aqui. Também não podemos deixar de lembrar as diferenças nas formas de viver a cidade impostas pelas desigualdades sociais. Enquanto as classes mais ricas entricheiram-se em condomínios fechados, isolando-se da violência urbana por meio da privatização de espaços monitorados por sistemas de vigilância e segurança, restringindo a sociabilidade e os encontros indesejáveis, as classes que habitam a periferia vivem a cidade, o entorno e a vizinhança de outra forma. Canclini (2003) afirma que alguns estudos antropológicos recentes, ao comparar os modos de residência e os imaginários suscitados por várias zonas da cidade, demonstram que, enquanto os habitantes das periferias sentem "pertencer a", os que residem em áreas modernas (condomínios, loteamentos) dizem "morar em".

Na pesquisa quantitativa com os alunos da UniRadial-Estácio, verificou-se que a maioria dos estudantes reside na zona sul de São Paulo, onde está concentrada a maior parte das unidades da instituição, como se observa no Gráfico 36. Há também uma quantidade expressiva de alunos que residem em outras cidades. Isso se deve tanto ao fato de a pesquisa ter abrangido também a unidade de Santo André, localizada no ABC paulista, como também ao fato de muitos alunos viverem em municípios que na verdade são áreas periféricas de São Paulo, como Embu.

Gráfico 36: Onde residem os alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

De acordo com Canclini (2003), a globalização dinamiza as metrópoles, mas paradoxalmente, também acentua sua decomposição traduzida no crescimento da insegurança e violência, deterioração do tecido social e privatização do espaço público para proteger o privado e o individual, gerando novas formas de segregação. Isso porque o desenvolvimento cosmopolita favorecido pela globalização da economia e das comunicações não ocorre do mesmo modo em todas as áreas da cidade. Devemos entender a cidade aqui não apenas como o município, com suas fronteiras delimitadas. Nesse conceito, são abrangidas também as áreas periféricas e até mesmo os outros municípios da chamada Grande São Paulo.

Dos dez alunos entrevistados, oito viviam em áreas periféricas da cidade ou até mesmo regiões da periferia de outros municípios da região metropolitana de São Paulo. A periferia dos grandes centros urbanos, como o extremo sul da cidade de São Paulo, apresenta uma série de deficiências de infraestrutura urbana, equipamentos de saúde, educação e lazer. A ausência da atuação do Estado nessas regiões também oferece o risco do ingresso na marginalidade, uma saída “mais rápida” do estado de pobreza. Nenhum entrevistado fez menção direta a problemas ligados à violência, porém, alguns deles fizeram referências indiretas, implícitas, já mencionadas anteriormente.

Pelos locais em que moram, eles estão vulneráveis à violência e o ingresso em um curso superior também é um afastamento da marginalidade como opção de vida. As fotos das fachadas de suas residências demonstram que a maior parte deles vive em casas muito simples, com ausência de acabamento, que foram construídas em etapas.

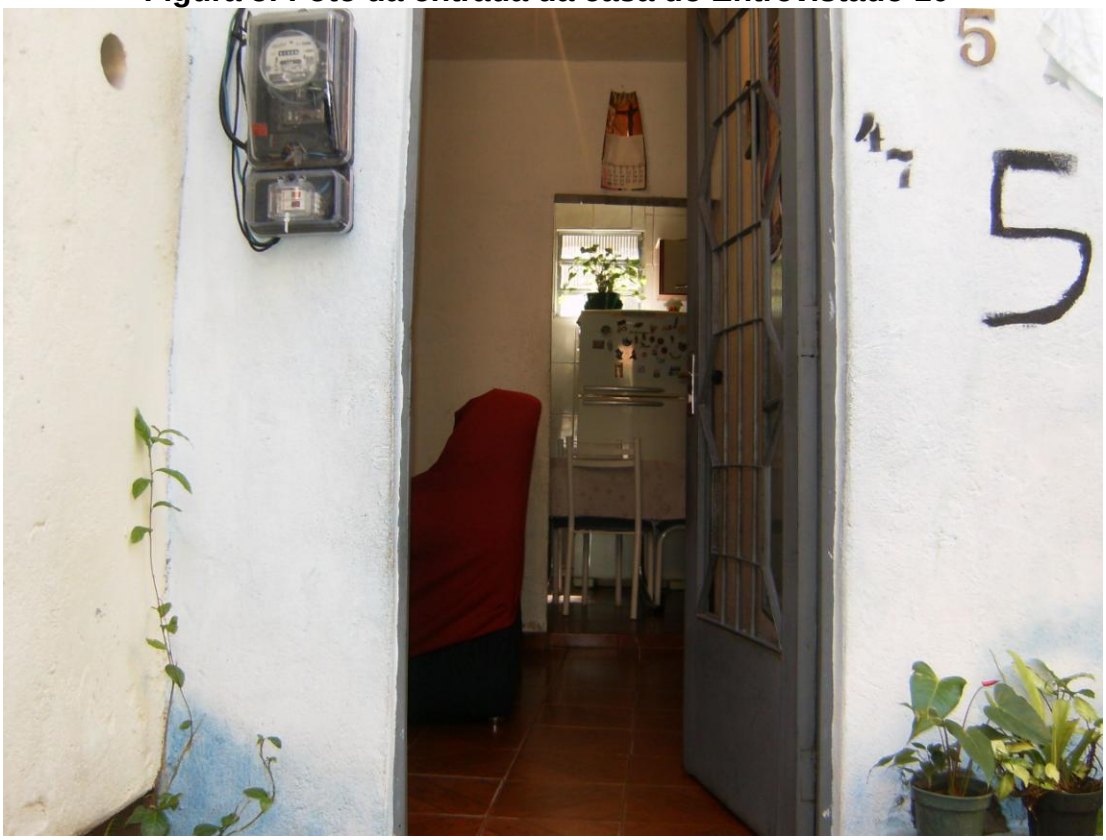
Figura 1: Foto da fachada da casa do Entrevistado 1

Figura 2: Foto da fachada da casa do Entrevistado 2

Figura 3: Foto da fachada da casa do Entrevistado 6

Figura 4: Foto do corredor de acesso à casa do Entrevistado 10

Figura 5: Foto da entrada da casa do Entrevistado 10



As observações feitas por Canclini (2003) em relação à cidade do México são perfeitamente adaptáveis a São Paulo. Ele destaca que a transformação da cidade de 3 milhões de habitantes na megalópole atual de mais de 18 milhões não induziu a criação de museus, livrarias, salas de espetáculos, parques e locais de lazer. De acordo com ele, o rádio, a televisão e as videolocadoras concentram a maioria das atividades de lazer, de tal forma que é principalmente nos meios de comunicação de massa que se desenvolve o espaço público para a população. Em São Paulo, nos últimos anos, houve também o fenômeno da proliferação de *lan-houses*, especialmente nas áreas periféricas da cidade, que atendem a uma demanda das classes mais pobres pelo acesso ao computador e à internet, fenômeno que será abordado no capítulo seguinte. O que se redistribuiu, tanto em São Paulo, como na cidade do México nas últimas décadas foram as redes de comunicação (imprensa, rádio, TV, vídeo, informática) e os *shopping centers*.

Justamente por esse motivo, no capítulo seguinte iremos analisar em relação ao grupo pesquisado como são seus hábitos de consumo de mídia, de maneira a verificar de que maneira esse aluno se conecta a esta sociedade midiatizada, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Conforme pudemos observar neste capítulo, o aluno da UniRadial-Estácio é claramente oriundo das classes populares e tem, como grande objetivo, migrar. Essa migração envolve uma ascensão social calcada em esforços pessoais, relações familiares, mas também, em grande medida, no diploma do curso superior.

Embora não possamos descartar por completo os conceitos de Bauman (2008) a respeito da sociedade do consumo, seria reducionista afirmar que a relação que o estudante em questão estabelece com a UniRadial-Estácio em particular e com o ensino superior de modo mais geral se esgota na dimensão do consumo. Há, claramente, também, alto valor simbólico nesta relação, hibridizado com valor de troca e utilitário. A migração em pauta não está circunscrita apenas a uma outra classe social, no sentido de conseguir possuir mais bens. Embora a questão financeira e material faça parte do quadro, o ensino superior é muito mais um passaporte para “ser” outra pessoa do que para “ter” mais posses. Há muitos depoimentos neste capítulo que corroboram esta conclusão.

Capítulo 4

Comunicação, Educação e os hábitos dos alunos em relação ao uso e consumo de mídia

No capítulo anterior, abordamos, em relação ao aluno pesquisado aqui, uma série de dados e análises no sentido de circunscrever o estudante em um determinado quadro no que tange aos aspectos sócio-econômicos, como também de mecanismos de representação e parte de seu universo simbólico. Ponderamos também as relações dialéticas e paradoxais que envolvem questões de identidade e de consumo relacionadas ao ingresso no ensino superior. Mas não podemos esquecer que esse aluno também está no interior da sociedade dos meios de comunicação.

Muniz Sodré (2007, p. 20) afirma que a sociedade midiatizada é um novo tipo de "sociedade do discurso", na qual o discurso controla retoricamente a sociedade como um todo, em tal escala que se constitui, ele próprio, numa esfera existencial particular. O autor cunha o termo *bios midiático*, para dar conta da configuração comunicativa da virtualização generalizada da existência. De acordo com ele, esse novo *bios* (a sociedade midiatizada) é, na verdade, a esfera existencial capaz de afetar as percepções e representações correntes da vida social.

Sendo assim, é bastante importante que, neste trabalho, seja investigada de que forma o aluno pertencente ao grupo que estamos pesquisando se conecta a esta sociedade midiatizada. Constataremos quais são seus hábitos de consumo de mídia e que usos faz dela. Este capítulo, portanto, concentra um dos problemas centrais da tese, que é a averiguação da hipótese de haver uma correlação entre as mudanças nos padrões sociais dos estudantes e mudanças no padrão de consumo de mídia e nas formas de acesso à informação e ao conhecimento. Verificaremos se este aluno utiliza com mais frequência mídias digitais para ter acesso à informação. A pergunta a ser respondida é: que marcas o aluno pesquisado aqui tem em relação aos hábitos midiáticos?

A análise proposta se realiza dentro dos limites da perspectiva comunicação-cultura-educação. Alinha-se com a proposta de Orofino (2005, p. 33), que

> entrelaça *estudos da mídia e mediações* à *educação escolar* com ênfase em uma perspectiva de *multiculturalismo crítico*, isto é: pensarmos o espaço ocupado pela mídia na relação com as demais dimensões constitutivas da cultura, dos sujeitos, das identidades e diferenças socioculturais.

Como já foi dito acima, no mundo globalizado e "informacional" no qual vivemos, a comunicação não só permeia todo o espaço social e cultural como é colocada como algo que é o próprio cerne da sociedade contemporânea. A comunicação ocupa um lugar estratégico na configuração dos novos modelos de sociedade. As mudanças por que passamos no campo da comunicação exigem, também, que sejam desenvolvidas novas teorias e práticas no campo da educação.

> Entendido o papel singular que os veículos de comunicação passaram a exercer no mundo contemporâneo, agora com o aporte dos novos meios disponibilizados pela informática, pelos sistemas digitais, pelas redes de computadores, e que orientam uma revolução nos diferentes âmbitos da cultura, da história, dos fluxos econômicos, das sociabilidades, etc., é compreensível que o tema da educação, particularmente no seu âmbito formal, tenha se recolocado numa perspectiva diferenciada e que requisita, de maneira crescente, o estreitamento dialógico com informações e conhecimentos gerados em fontes indiretamente escolares. (CITELLI, 2000, p. 137)

Citelli (2000) avalia que a familiaridade com os recursos comunicacionais e com as mensagens geradas por eles – frequentemente voláteis e fragmentadas – gera nas crianças, adolescentes e jovens adultos um novo *sensorium*, ou seja, uma nova forma de apreensão e convivência com os eventos, informações e até mesmo com o conhecimento.

Martín-Barbero (2006) também argumenta que a mediação tecnológica da comunicação reconfigura o lugar da cultura na sociedade, uma vez que ela remete a novos modos de percepção e linguagem, a novas sensibilidades e escritas.

> A tecnologia deslocaliza os saberes, modificando tanto o estatuto cognitivo quanto o institucional das condições do saber e as figuras da razão, o que está conduzindo a um forte apagamento de fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber experiente e experiência profana. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54-55)

A presença desses meios e das tecnologias da informação é tamanha – em especial da televisão em décadas passadas e da internet mais recentemente – que eles são vistos como "escolas paralelas sem licença para ensinar", acabando por se transformar em um grande desafio para a escola "com licença para ensinar" (OROZCO GÓMEZ, 1997).

Na interação verbal social, conforme afirma Citelli (2000), "a fala dos *media* entra em tensão com um conjunto de signos e linguagens que circulam nas mais diversas relações sociais e culturais", incluindo o ambiente escolar. Nesse contexto, os vínculos comunicação-educação passam a ser objeto de estudos acadêmicos e experiências aplicadas em escolas, visto que as "escolas paralelas" começam a pressionar as instituições educativas, requisitando práticas e visões diferenciadas do que sempre foi tradicionalmente realizado nesses ambientes. Começa a se delinear uma percepção de que se a escola continuar a dar as costas ao universo da comunicação, ela corre o risco de perder relevância educativa (CITELLI, 2000).

Isso não quer dizer, entretanto, que as instituições escolares devam utilizar o aparato comunicacional de forma meramente instrumental e tecnicista. Soares (1993) adverte que não basta comprar computadores e municiar nossas escolas com equipamentos e programas eletrônicos para inseri-las na "Era da Informação", uma vez que ela é essencialmente de natureza cultural e não pode ser reduzida a um problema de software.

> A Era da Informação, como expressão do progresso humano que incontestavelmente vem modificando hábitos e comportamentos grupais e organizacionais, exige dos planejadores e administradores de organizações – como as Instituições de Ensino Superior – uma séria reflexão sobre a adequação das formas como conduzem seus Institutos com as exigências do momento presente. (SOARES, 1999, p. 209-220.)

Raymond Williams (1992) destaca que “os conteúdos do ensino são o produto de uma seleção efetuada [pela escola] no seio da cultura”. A cultura aparece, então, como um “repertório” do qual se extrai o que interessa ao ensino. Por outro lado, a cultura é também “o princípio dinâmico, o impulso, o esquema gerador das escolhas do ensino”. Ocorrem, portanto, seleções “na cultura” e seleções “da cultura”. Como afirmam Braga e Calazans (2001) isso corresponde a uma negociação constante entre a escola e os mais diversos agentes sociais, em busca de equilíbrios, também perpetuamente refeitos, entre o que a sociedade solicita e o que o seu sistema educacional seleciona e propõe. É fácil perceber que tal estado de coisas sofre abalos com a entrada em cena das comunicações midiáticas – gerando outros insumos, desequilíbrios, novas necessidades e processos.

O campo da intersecção entre Educação e Comunicação é, por definição, um campo de diálogo, espaço para conhecimento crítico e criativo (Soares, 2001). Ele beneficia-se da teoria das mediações elaborada por Martín-Barbero (1997), que compreende a comunicação a partir do âmbito da cultura, já que as ambiências sociais e culturais marcam o vínculo da Comunicação nos contextos educacionais. Martín-Barbero usou o conceito de mediação para descentralizar a comunicação das mídias e assumir a cultura como mediação principal. Ele propõe que a cultura funciona como uma mediação fundamental entre os usuários e os meios e propõe considerar menos o problema dos meios em si, como fontes capazes de exercer o controle social e mais o das mediações sociais e culturais que circundam a experiência dos destinatários das mensagens. De acordo com o autor, na sociedade contemporânea, e especialmente nos países da América Latina, a comunicação está se transformando em um espaço estratégico a partir do qual se pode pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam esta sociedade. Nessa perspectiva, os processos de comunicação deixam de ser pensados a partir das disciplinas e dos meios e passam a ser considerados a partir da cultura, que se coloca no centro do cenário político e social. Sendo assim, o massivo não pode ser deixado de fora, pois nesta sociedade, ele é uma nova forma de sociabilidade, já que são de massa o sistema educativo, a organização das práticas religiosas, as formas de participação política etc. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 310).

O que forçou alguns estudiosos a mudar esse paradigma de análise do campo da comunicação foram as próprias transformações em andamento no mundo, que levaram a uma nova compreensão do problema da identidade e à redescoberta do popular. Isso é evidente nos estudos de Stuart Hall.

Tal perspectiva é fundamental em nossa pesquisa, uma vez que, conforme já analisamos, o ingresso no ensino superior tem alto valor simbólico para os alunos e suas famílias, constituindo-se parte de sua configuração identitária.

Essa questão está relacionada com a própria definição gramsciana do popular, que não se encontra em sua origem, mas em seu *uso*. Ou seja, é popular tudo aquilo que as classes subalternas adotarem, usarem e consumirem, mesmo que esses produtos não tenham sido criados *pelo* povo ou *para* o povo. "Gramsci tem uma visão não-aristocrática da cultura, [...] orientado por uma profunda preocupação com o vínculo entre a cultura e as grandes massas (e o modo de sentir dessas massas)." (GRUPPI, 1978, p. 69)

Justamente por isso estamos investigando aqui de que modo o ensino superior está sendo adotado e consumido por grupos sociais subalternos, bem como o que faz com que ele seja desejado por certos grupos sociais e o que é também que tais grupos "fazem" com ele.

O que está mudando nos estudos de comunicação – realizados no âmbito de todas as transformações, já apontadas neste trabalho, que estão ocorrendo na sociedades contemporânea – é a própria concepção que se tinha dos *sujeitos políticos*. Isso não anula, evidentemente, as relações de poder, mas valoriza de uma maneira profundamente nova a cultura e os meios de comunicação de massa (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 284).

O autor propõe um re-conhecimento do objeto, que segue a lógica da diferença, de verdades culturais e sujeitos sociais. A perspectiva posta por Martín-Barbero e pelos *cultural studies* continua questionando a dominação, a produção e o trabalho, mas o fazem a partir do outro lado: das brechas, do consumo e do prazer. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 288) E faz isso colocando a problemática da comunicação no campo da cultura, ao invés de tratá-la em termos dos estudos da recepção, de efeitos e reações. É uma linha de estudo centrada no receptor, mas não no sentido de investigar como o público (e especialmente as classes subalternas) *reage*, mas sim como ele

vive, uma vez que a experiência de vida dele passa, cada vez mais, pelo uso dos meios de comunicação. Nessa ótica, o próprio termo “recepção” não parece mais dar conta dessa complexa tarefa, daí a utilização do termo “mediação”. Como define Martín-Barbero (1997), o campo das mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade. Não está fora de foco, portanto, a análise de como a hegemonia trabalha, mas também são levadas em consideração as resistências que ela mobiliza, as réplicas das classes subalternas.

Orozco Gómez (2006) argumenta que atualmente estamos presenciando um jogo diferente dos pesos das mediações na comunicação social. Se antes as mediações institucionais próprias das diversas instituições sociais, às quais as audiências pertenciam, eram muito importantes na definição e orientação das produções de sentido, como a escola ou o Estado, por exemplo, agora essas instituições típicas da modernidade e do século passado perdem força. As mediações cognocitivas, como a própria capacidade de percepção, são alteradas devido às possibilidades tecnológicas de transmissão e consumo da informação e principalmente de imagens. Com a tecnologia audiovisual e a convergência tecnológica entre o digital e o televisivo, a percepção adquire dimensões insólitas. Segundo o autor, a percepção está no centro das transformações presentes e futuras, no âmbito da comunicação, cada vez mais estimulada pela mediação tecnológica.

> A representação midiática e a virtualidade continuam seu crescimento vertiginoso e se consolidam duplamente como produtos e processos, ao mesmo tempo como mediações privilegiadas para conhecer, sentir e gostar. (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 91)

A chamada “era da informação” também é marcada por uma multiplicidade de discursos e, de acordo com Baccega (2002), a comunicação funciona como uma espécie de “costura” que vincula e dá sentido a esses múltiplos discursos e a novos processos de socialização. Essa costura pode se dar em diversos ambientes, inclusive o ambiente educacional. Aqueles que tradicionalmente são chamados de “receptores” não podem ser tratados como meros “receptáculos” de informação. Ao contrário, são sujeitos sociais, que

constroem sentidos e reformulam discursos sociais por meio de um processo contínuo de metassignificação.

> A sociedade funciona no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se complementam: dessa dinâmica nascem os novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos outros e vão alterando seus próprios significados, nos momentos em que a materialidade do discurso-texto que circula é captada pelo enunciatário/receptor. Este lê/interpreta os discursos a partir do diálogo com os demais discursos sociais. [...] O universo de cada indivíduo é formado pelo diálogo desses discursos, nos quais seu cotidiano está inserido. E é a partir dessa materialidade discursiva que se constitui a subjetividade. Logo, a subjetividade nada mais é que o resultado da polifonia que cada indivíduo carrega. (BACCEGA, 2000-2001, p. 20)

Segundo Braga e Calazans (2001, p. 18), a mídia *põe em causa* modos habituais de "conversação social" – que se fazia e se faz dentro de outros espaços organizados de funcionamento social: política, educação, artes, economia, produção cultural, interações culturais – modificando-os.

De acordo com Baccega (2000-2001, p. 21), um dos grandes desafios da atualidade é justamente interpretar o mundo em que vivemos, já que é um mundo "construído pelos meios de comunicação", que selecionam o que iremos conhecer, os assuntos pautados para discussão e, ainda, o ponto de vista a partir do qual vamos compreender esses temas. Sendo assim, eles acabam por se constituir em educadores privilegiados, dividindo as funções que antes cabiam somente à escola. Daí o grande desafio do campo comunicação/educação.

Braga e Calazans (2001) dizem que, mesmo em níveis mais avançados de escolaridade, como o ensino superior e até a pós-graduação, a escola continua sendo um ambiente privilegiado de trocas, *construção de identidade*, descoberta de limites e potencialidades, desenvolvimento de interação intelectual e emocional (grifo nosso). No entanto, os mesmos autores argumentam que esse papel de destaque que a escola sempre teve na socialização e construção da identidade também está sendo erodido pela "diversificação de microculturas" característica da sociedade contemporânea, que geram experiências marcantes de identificação interpessoal e de

identidades “de escolha” (às vezes múltiplas para uma mesma pessoa) em contraste com identidades do tipo nacional, étnico/cultural ou mesmo de classe.

> Na medida em que estas inserções micro-culturais tornam-se principais fornecedores de “experiência de vida” e da construção de valores (éticos e interacionais) pode acontecer que os valores e experiências vivenciados na escola sejam percebidos como menos relevantes ou considerados mais abstratos. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 137)

Muito da interação e da socialização, é importante relembrar, ocorrem na sociedade contemporânea por meio de processos midiáticos – tanto no nível usuário-mídia, quanto das interações entre usuários em torno de produtos ou redes midiáticos, como a internet. Braga e Calazans (2001) acreditam que há uma forte tendência de – no seu conjunto – este tornar-se o principal espaço de socialização, construção de identidade e do estar no mundo. Orozco Gómez (2006) concorda com esse posicionamento, ao afirmar que a erosão das identidades tradicionais é uma consequência do jogo de mediações, entre as quais se destacam a midiática e a tecnológica.

De acordo com Bauman (2008), recauchutar identidades, descartar aquelas já construídas e experimentar outras é uma constante na sociedade de consumo e a internet oferece ainda mais oportunidades nesse sentido, muitas delas impossíveis de serem assumidas na “vida real”. Na vida virtual é possível tornar a identidade reconhecida sem de fato praticá-la.

Canclini (2008) também compartilha a visão de que a interatividade da internet desterriotorializa, pois os internautas têm facilidade para socializar-se a partir de posições indefinidas, inclusive simuladas, inventando identidades.

É justamente por esses motivos, inclusive alterando as formas de socialização e da construção da própria identidade, que devemos olhar para os meios de comunicação e especialmente para as redes telemáticas, como a internet, de um ângulo social e cultural, em oposição a uma postura tecnicista. Como afirma Orozco Gómez (2007, p. 212):

> As tecnologias da comunicação mais recentes devem ser entendidas em relação ao movimento das esferas sociais, culturais e políticas, e não apenas em termos de inovação técnica por si mesma. Não é o caráter instrumental o que traz a novidade; as peças relevantes das novas tecnologias são as

> possibilidades epistemológicas e perceptivas para construir novos conhecimentos.

De acordo com o autor, isso significaria considerar qualquer meio ou tecnologia audiovisual muito mais do que uma mera tela, mas sim uma "instituição, uma linguagem, uma estética, um formato industrial e uma epistemologia que contém uma lógica de produção, distribuição e consumo." (p. 213)

De maneira geral, o que vemos ainda bastante difundido no ambiente escolar, ao contrário disso, limita-se à crítica do midiático ou uma imitação canhestra de seu funcionamento ou até mesmo a tentativa de fingir sua inexistência. Apesar de a escola, como diz Citelli (2000, p. 83) ser também um espaço mediativo cada vez mais "cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamentos que marcam o mundo contemporâneio", Canclini (2008) entende que ela frusta-se pela persistência das desigualdades socioeconômicas e também porque as políticas culturais – e nós acrescentaríamos também as educacionais – se desdobram em um cenário pré-digital. Insiste em formar leitores de livros, enquanto a indústria está unindo as linguagens e combinando os espaços: ela produz livros e também áudio-livros, assim como *games* e filmes para o cinema, para o DVD, para o celular e para a internet. Não queremos aqui demonizar o livro. Evidentemente, é crucial que a escola forme bons leitores. Mas não é mais possível fazer de conta que o livro ainda seja o único – ou até mesmo o mais importante – repositório das informações e conhecimentos da humanidade.

Canclini (2008) fala do embaralhamento do campo do *leitor* e do *espectador* com o surgimento da figura do *internauta*, "um agente que lê, ouve e combina materiais diversos, procedentes da leitura e dos espetáculos" (CANCLINI, 2008, p. 22). De acordo com ele, essa integração de ações e linguagens redefiniu o lugar onde se aprendiam as principais habilidades – a escola – e a autonomia do campo educacional.

> A subordinação dos saberes orais e visuais à ordem habitual sofre atualmente uma erosão crescente e imprevista que se origina nos novos modos de produção e circulação de saberes e de novas escritas que emergem das novas tecnicidades,

> especialmente do computador e da Internet. (Martín-Barbero, 2006, p. 55)

Estas discussões sobre as interfaces entre Comunicação e Educação não são novas e podem abarcar diversos ângulos, tais como o uso de meios nos processos formais de ensino, presencial e a distância; o estudo para os meios em ambiente escolar, entendendo a lógica das tecnologias midiáticas em seus processos criativos, assim como também as questões políticas e econômicas dos sistemas midiáticos; entre outros. Como já dissemos, os dois campos também se aproximam devido à crescente centralidade da mídia, não apenas como processo comunicacional, mas também de produção de sentidos compartilháveis na sociedade contemporânea.

Mas o que torna a aproximação da comunicação e educação especialmente relevante neste momento histórico é o surgimento e a disseminação da informática de maneira geral e da internet e redes telemáticas em particular, que agora são acessíveis não só de computadores, mas também de celulares, *smartphones* e *netbooks*, dispositivos eletrônicos que cabem na palma da mão, mas com potencialidade de uso muito similar à de PCs.

A internet proporciona tanto a professores quanto alunos a possibilidade de entrar em contato com as mais novas informações, pesquisas, produções científicas do mundo todo, em todas as áreas. Ainda dá oportunidade de que alunos desenvolvam a auto-aprendizagem e a aprendizagem colaborativa a distância, a partir de computadores que estão nas bibliotecas, nas residências ou nos locais de trabalho. Também faz surgir novas formas de se construir o conhecimento ou de se elaborar trabalhos escolares e/ou científicos unindo som, imagens, filme, vídeo e textos. Possibilita, ainda, o contato entre alunos e professores e a orientação dos docentes não só nos momentos de aula, mas nos períodos “entre aulas”. Dá margem tanto para a realização de uma série de atividades entre professores e alunos síncronas e interativas, como *chats* ou vídeo-aulas ao vivo, uso de redes sociais quanto assíncronas, como fóruns, grupos de e-mail, vídeo-aulas gravadas e postagem de qualquer tipo de material. Tem o potencial de facilitar a passagem de um aluno passivo, que apenas “assiste aulas”, decora e repete os ensinamentos do professor para um estudante descobridor, transformador e produtor de conhecimento. Ou seja,

integra, em um só meio, possibilidades no uso educacional que antes estavam dispersas em diversos meios de comunicação e outras que são inéditas.

> O uso da Internet com critério pode tornar-se um instrumento significativo para o processo educativo em seu conjunto. Ela possibilita o uso de textos, sons, imagens e vídeo que subsidiam a produção do conhecimento. Além disso, a Internet propicia a criação de ambientes ricos, motivadores, interativos, colaborativos e cooperativos. (BEHRENS, 2000)

Essas questões adquirem ainda mais relevância quando olhamos os números relativos ao crescimento da internet no Brasil nos últimos anos. De acordo com pesquisa do IBGE, divulgada em dezembro de 2009[25], em apenas três anos, entre 2005 e 2008, 24 milhões de pessoas foram incluídas no acesso à *web* no país. O levantamento, feito com a população com dez anos ou mais de idade, mostra que o aumento no número de usuários ocorreu especialmente entre os mais pobres, menos escolarizados e nas regiões Norte e Nordeste do País. Dos 24 milhões que passaram a ter acesso à rede, 17 milhões tinham renda mensal de até dois salários mínimos, sendo que 10,6 milhões recebiam até um salário. O total de usuários chegou a 56 milhões em 2008, com aumento de 75% ante 2005. A Tabela 14 demonstra o avanço da internet no país, por unidade da federação, o que deixa claro ainda o quão desigual é o acesso à rede em diferentes regiões do país, mas ao mesmo tempo demonstra o impressionante crescimento do percentual da população que passou a acessar a *web* em apenas três anos.

[25] Informações retiradas da material "104 milhões ainda não têm acesso à internet", publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 12 de dezembro de 2009, no caderno de Economia, p. B10.

Tabela 14: Acesso à internet por unidade da federação – Brasil – 2005 e 2008

Percentual da população com 10 anos ou mais de idade		
	2005	**2008**
Brasil	**20,9**	**34,8**
Acre	14,2	29,4
Alagoas	7,6	17,8
Amapá	20,3	31,3
Amazonas	10,9	30,2
Bahia	13	26,9
Ceará	12,9	25,8
Distrito Federal	41,1	56,1
Espírito Santo	23,7	35,3
Goiás	18,9	35,2
Maranhão	7,7	20,2
Mato Grosso	18,3	33,8
Mato Grosso do Sul	22,5	39,2
Minas Gerais	18,8	33,1
Pará	10,7	23,9
Paraíba	12,4	26,4
Paraná	25,8	40,2
Pernambuco	13,6	25,6
Piauí	10,4	20,2
Rio de Janeiro	26,5	40,9
Rio Grande do Norte	12,9	29,9
Rio Grande do Sul	23,2	36,3
Rondônia	13,8	31
Roraima	13,6	35,3
Santa Catarina	29,4	40,2
São Paulo	29,9	43,9
Sergipe	12,6	29,3
Tocantis	14,3	31,3

Fonte: IBGE

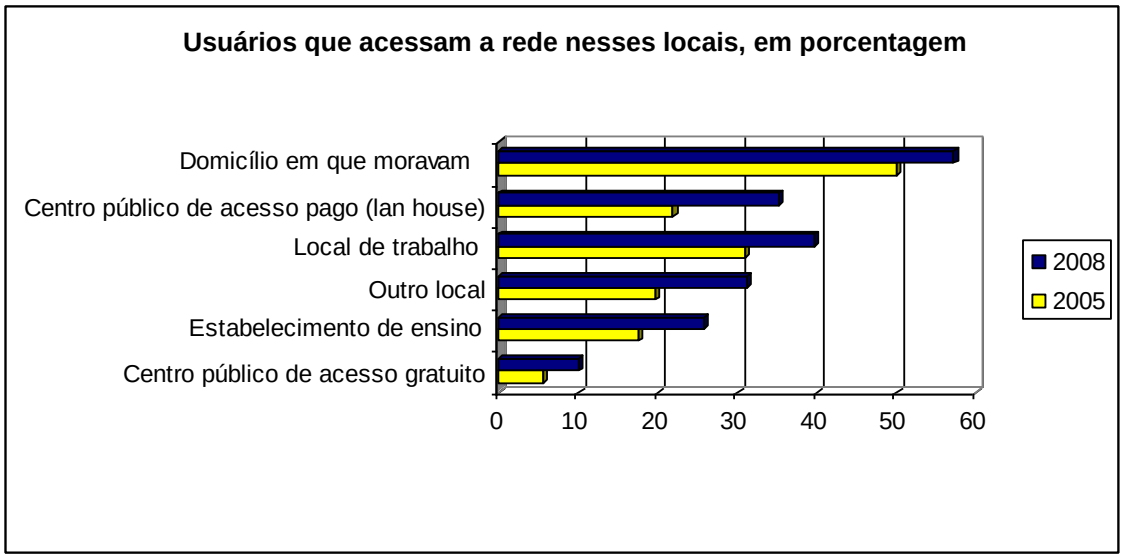
A mesma pesquisa demonstra que os domicílios (57,1%) e as *lan houses* (35,2%) são os lugares mais utilizados para o acesso à internet no Brasil. Em 2008, as *lan houses* ultrapassaram o local de trabalho (31%) como localidade de acesso (vide Gráfico 37).

O levantamento aponta que a “comunicação com outras pessoas”, o que significa troca de *e-mails* e acesso a *sites* de relacionamentos é o principal motivo apontado pelos usuários para navegarem na rede, repondendo por 83,2%. Em segundo lugar vem atividade de lazer (68,6%) e educação e aprendizado (65,9%).

A pesquisa demonstra que a população de 15 a 17 anos é a que mais acessa a internet no país e o número de usuários nessa faixa etária está em

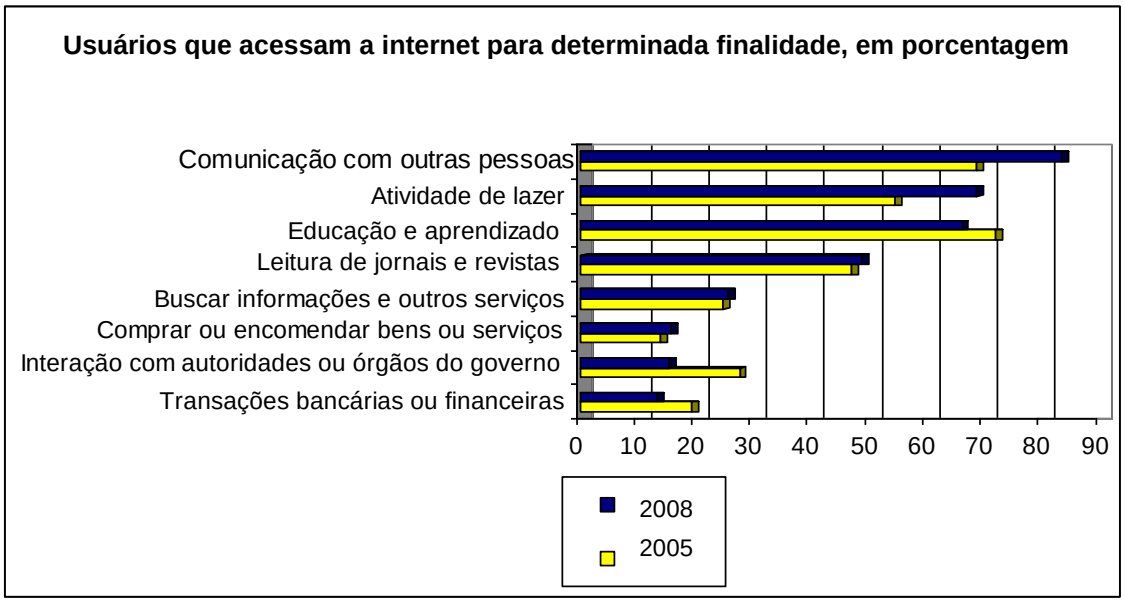
expansão. Em três anos, o percentual de internautas no total de pessoas nessa idade subiu de 33,7% para 62,9%. A partir dessa faixa, o percentual de usuários diminui com a idade, chegando a 11,2% no grupo das pessoas com 50 anos ou mais. A idade média dos usuários, que era de 28,1 anos em 2005, caiu para 27,6 anos em 2008. Isso explica o crescimento de atividades de lazer e comunicação com outras pessoas entre as principais finalidades de acesso e a diminuição de transações bancárias e interação com órgãos do governo, como é possível observar pelo Gráfico 38, abaixo.

Gráfico 37: Principais locais de acesso de usuários de internet – Brasil – 2005 e 2008



Fonte: IBGE

Gráfico 38: Finalidades de acesso de usuários de internet – Brasil – 2005 e 2008



Fonte: IBGE

Ao comparar os dados nacionais com aqueles levantados com a população do estudo de caso da UniRadial-Estácio, percebemos que o percentual de alunos com acesso à internet (89%) é muito maior do que a média nacional brasileira (34,8%) e bastante superior à média do estado de São Paulo (43,9%). No que se refere à presença dos meios áudiovisuais, não há dúvida que eles estão extremamente presentes no cotidiano desses alunos, seja por meio do cinema, do rádio, de aparelhos de MP3 (frequentemente o próprio celular ocupa esse papel), da televisão e da internet, como veremos adiante.

Em relação especificamente à internet, um dado interessante revelado na pesquisa é o acesso que a maioria absoluta dos alunos tem a computadores, seja em casa ou no trabalho. Não podemos esquecer que os estudantes moram e trabalham na região metropolitana de São Paulo, o maior centro urbano do país, no qual há um acesso mais fácil e amplo à rede. É importante lembrar que a pesquisa quantitativa foi feita no momento do ingresso na faculdade. Uma vez lá dentro, evidentemente que 100% dos alunos passam a ter acesso a computadores e à internet, disponível em qualquer laboratório de informática ou na biblioteca. Tal fato contradiz a presunção baseada no senso comum de que, por serem alunos de baixa

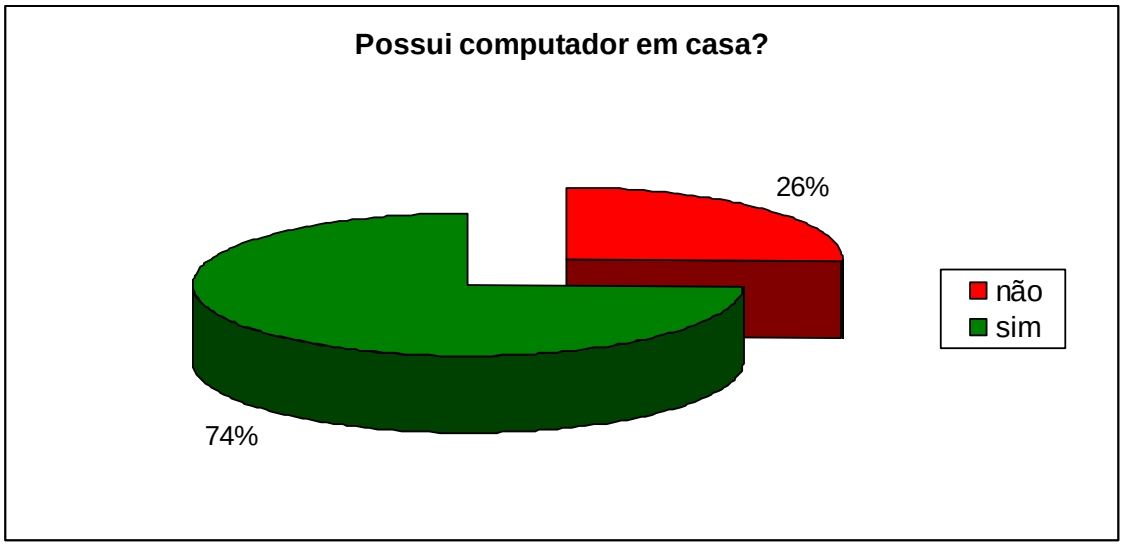
renda, não teriam acesso a computadores ou à internet. A pesquisa demonstrou que 74% dos alunos possui computador em casa, que 95% deles usa computador (se não em casa, no trabalho) e que 89% tem acesso à internet, como demonstram os gráficos abaixo.

Nas entrevistas qualitativas, ao questionar os alunos sobre hábitos e sonhos de consumo, os bens duráveis estão entre as aquisições que os entrevistados almejam. Casa própria, automóvel ou motocicleta (seja para troca ou aquisição) são os bens de consumo mais desejados. Mas quando perguntamos o que havia sido comprado de mais importante nos últimos tempos, dois entrevistados citaram o computador, conforme relatos abaixo:

> O que eu comprei de importante nos últimos tempos foi o computador, por causa da comodidade de não ter que ficar gastando dinheiro com lan house, não ficar dependendo de ninguém. (Entrevista 9)

> Eu não sou muito fixado em marca, roupa. Tanto que até minha mãe briga comigo, porque eu tenho roupa de dez anos atrás e não jogo fora. Eu sou muito mão de vaca. Essa parte eu não sou apegado. Recentemente, eu comprei meu computador e minha guitarra. O computador foi porque eu, realmente, necessitei. Quando eu comprei ele, eu comprei no intuito de ter a internet. Mas não deu para ficar (com a Internet) muito tempo. [O entrevistado mora em local que não tem acesso a internet discada, apenas via rádio ou celular, que custaria muito caro]. Mas, assim, ele é muito importante para mim. Eu vou na lan house, mas eu não imprimo lá. Porque senão sai muito caro para mim. Então, eu baixo tudo, coloco no pen drive, trago para a casa e imprimo, aqui, em casa. E sai muito mais barato. (Entrevista 7)

Gráfico 39: Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que possui computador em casa – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

O elevado percentual de estudantes com computadores em casa está relacionado a um fenômeno nacional. De acordo com a pesquisa Anual de Uso de Informática divulgada em abril de 2010 pela FGV, o Brasil possui 72 milhões de computadores em uso e deverá atingir a marca de 140 milhões até 2014, o que representará praticamente o dobro do número existente atualmente. Caso a projeção se concretize, o país contará com dois PCs para cada três habitantes, ante o patamar atual de cerca de dois para cada cinco.

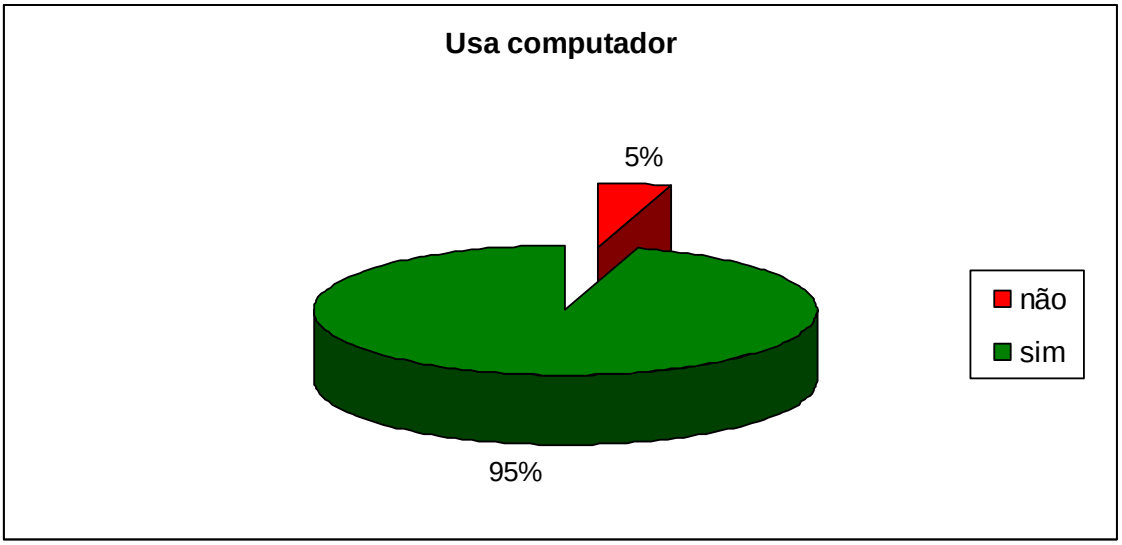
A pesquisa aponta que serão vendidos nos próximos quatro anos praticamente o mesmo volume de computadores dos últimos 30 anos. Essa expansão será puxada pelo crescimento de máquinas voltadas ao uso doméstico, em razão do aumento de renda, sobretudo da classe C, mas também pelo avanço da informatização das pequenas e médias empresas.

Nos Estados Unidos existe praticamente o mesmo número de pessoas e de computadores em uso. A previsão da FGV é de que o Brasil atinja a marca de 100 milhões de máquinas em 2012, quando, na média, haverá um computador para cada duas pessoas. A pesquisa também aponta que o Brasil foi um dos poucos países a não registrar queda nas vendas em 2009, ano que ainda sofria reflexos da crise econômica deflagrada em 2008. Em 2009, foram vendidas 12,2 milhões de máquinas, o mesmo volume do ano anterior.

O cenário presente nesta foto, realizada na casa do Entrevistado 1, resume o que vimos na maior parte das moradias dos estudantes. A casa fica em um bairro periférico, é muito simples, os móveis são velhos, mas ainda assim, muitos dos alunos têm computadores conectados à internet.

Figura 6: Foto do Entrevistado 1 com o computador em sua casa

Gráfico 40: Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que usa computador – 2008



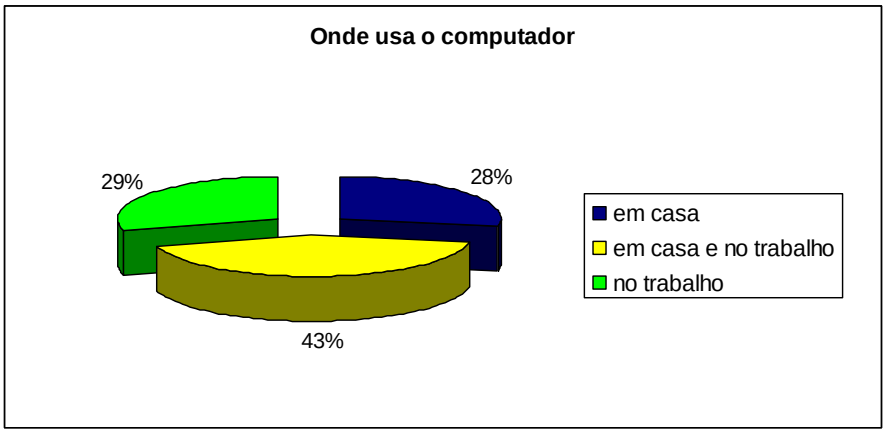
Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Em relação ao local de uso da internet, o Gráfico 41 aponta que 28% dos alunos utilizam apenas em casa e 43% o fazem tanto em casa quanto no local de trabalho. Na pesquisa qualitativa apareceu também a figura da *lan*

house como um local utilizado pelos alunos, até mesmo por alguns que têm computador em casa, mas não estão conectados à internet.

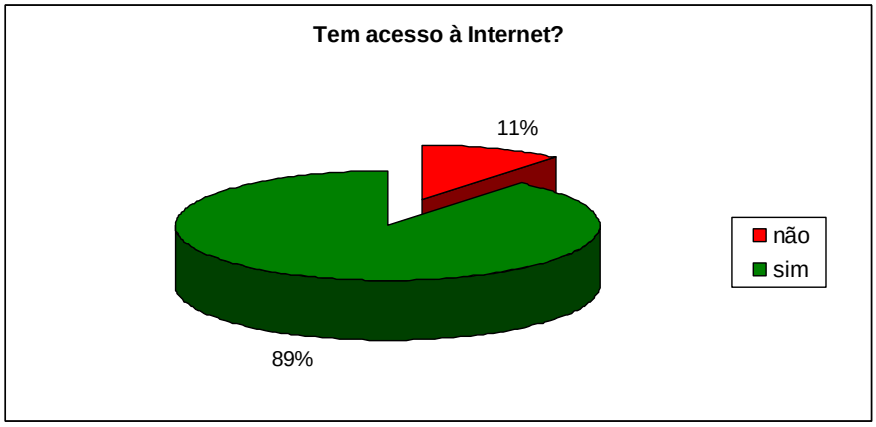
De acordo com o Ibope, o país possui 108 mil *lan houses*. No entanto, o mesmo instituto aponta que houve uma queda no acesso à internet por *lan houses* ao mesmo tempo em que o número de brasileiros da faixa C e D está conseguindo comprar computadores e acessa a internet de suas casas. Algumas *lan houses* só estão conseguindo sobreviver sediando campeonatos profissionais de determinados *games*. A decadência do modelo tradicional de *lan houses* é reflexo de uma mudança econômica no país (como já discutido neste trabalho) somada a um barateamento e facilidade de crédito para a compra de computadores, fatores que, juntos, estão mudando profundamente a forma de o brasileiro se comportar *online*.

Gráfico 41: Onde os alunos da UniRadial-Estácio usam computador – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Gráfico 42: Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que tem acesso à internet – 2008



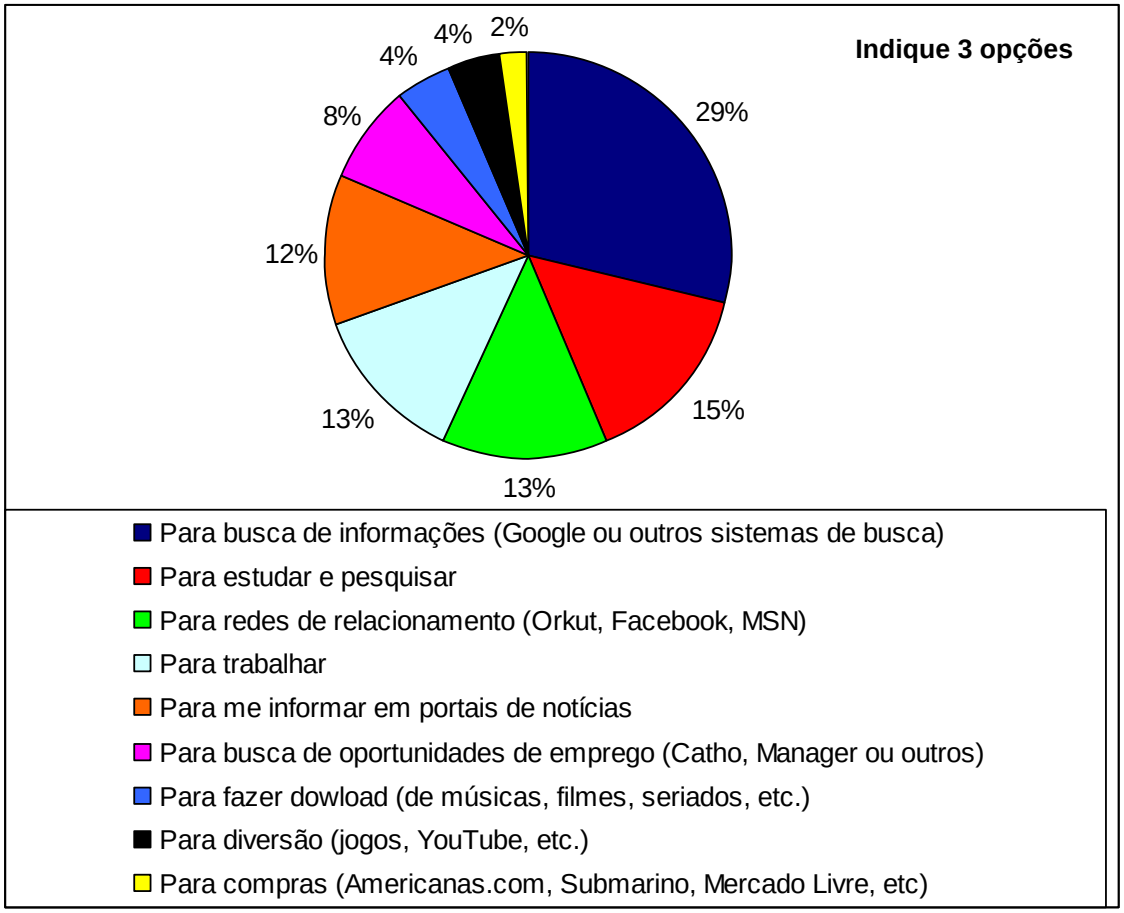
Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Ao serem questionados para que utilizavam a internet, tendo a chance de escolher três opções simultaneamente, a maioria dos estudantes pesquisados (29%) afirma que utiliza a *web* para busca de informações. Esse dado se complementa com os levantados no Gráfico 44, pois quando perguntamos sobre quais os portais que mais utilizam para a navegação, metade dos estudantes responderam Google. O segundo motivo mais citado foi estudo e pesquisa (15%), seguido do uso para redes de relacionamento (13%), que fica empatado com a quantidade de alunos que usa a *web* para trabalhar (13%). Não é desprezível também o percentual de alunos que utiliza a internet para se manter informado em portais de notícias (12%).

É importante lembrar que o uso da internet é bastante vinculado à velocidade de acesso que o usuário possui. É praticamente impossível fazer *downloads* de arquivos mais pesados, como filmes, com uma velocidade baixa. Embora o acesso à banda larga esteja crescendo rápido no país, ela ainda é inacessível para boa parte da população, seja pelo preço ou pela cobertura das redes. Dos alunos entrevistados na pesquisa qualitativa, nenhum possuía banda larga em suas residências.

Segundo um estudo da consultoria IDC, feito a pedido da Cisco, companhia da área de redes e comunicações, o país fechou o primeiro semestre de 2009 com 10,965 milhões de acessos de banda larga, um crescimento de 25,6% ante o mesmo período de 2008. Mesmo assim, a maioria das conexões tinha menos de 1 megabit por segundo (Mbps) de velocidade, o que não é considerado banda larga pela União Internacional de Telecomunicações (UIT). Isso pode estar relacionado ao baixo índice de estudantes que afirmou usar a internet para fazer *downloads*, apenas 4%.

Gráfico 43: Finalidades de acesso de alunos da UniRadial-Estácio ao usar a internet – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Castells (2006) ressalta que apesar das contínuas tentativas de comercializar a internet e embora a rede tenha se transformado em um instrumento essencial para a atividade econômica, a grande massa de fluxos de informação na internet é de uso social e pessoal, não comercial. O autor argumenta que a internet é fundamentalmente um espaço social, cada vez mais amplo e diversificado a partir das tecnologias de acesso móvel a ela. Isso é evidente ao analisarmos o gráfico acima e também fica claro pelas entrevistas qualitativas. Como podemos observar no Gráfico 43, apenas 2% dos alunos utilizam a internet para compras, enquanto 13% usam a *web* para redes de relacionamento e 29% para busca de informações.

Comunicar é também tornar comum, estabelecer elementos de coesão e participação social e hoje muito disso é feito por meio das redes sociais e troca de e-mails via internet. Orozco Gómez (2006) declara que a socialidade é o

elemento que está sendo mais afetado com as determinações introduzidas pelas mudanças tecnológicas, entendendo-se socialidade como o “conjunto de negociações que os atores sociais realizam entre os referentes e os outros atores no processo comunicativo e de gestação de significados. (p. 87)”

Braga e Calazans (2001) ressaltam que todos os tipos de interacionalidade são relevantes, tanto para a Comunicação como para a Educação e não apenas a chamada “interatividade”. Os autores propõem até mesmo o neologismo “interacionalidade” para distinguir do já banalizado termo interatividade. De acordo com eles, a expressão “interacionalidade” refere-se à característica geral dos meios de comunicação de viabilizar algum tipo de interação: dialogal, homem/máquina, homem/produto (interpretação), pessoas entre si sobre produtos, interações diferidas e/ou difusas, abrangendo também interações face-a-face imbricadas a interações midiáticas. Segundo os autores, a situação de grupos e pessoas interagindo sobre produtos midiáticos, percebidos como disponibilidades sociais, é a característica mais relevante da sociedade midiatizada. (p. 29)

O argumento de Braga e Calazans (2001) é que ao se dotar de mediações tecnológicas para desenvolver as interações sociais, a sociedade não apenas acrescenta instrumentos que aceleram e diversificam sua comunicação, mas acaba por modificar seus próprios processos. Isso ocorre também devido ao grau de “penetrabilidade” do meio/processo de comunicação nos processos sociais, modificando-os em função de seus próprios modos operatórios. O advento do computador/internet e sua generalização modifica qualitativamente esta situação, levando a penetrabilidade a seu nível extremo. Isso leva a mudanças de percepção, que, por sua vez, induzem a outras experiências de construção do social por parte dos produtores e usuários.

Moraes (2006) reitera que as tecnologias facultam novas modalidades de memória, expressão e interação, além de alargar formas de sociabilidade e intervenção política (vide movimentos antiglobalização capitalista na internet), mas não podemos desconsiderar os domínios monopólicos de tecnologias e as competências distintas para lidar com elas, assim como as exclusões daí decorrentes. A internet, nesse sentido, é um poço de contradições. Estima-se que haja 200 milhões de páginas *web* à escolha do navegante. Isso significa que, na rede, é possível dizer o que se quer, quando quiser e a quem quiser

ouvir, portanto, o acesso à informação aumentou de forma espetacular. Mas, paradoxalmente, há um modelo de extrema concentração: 90% das buscas estão no Google, 80% dos navegadores de internet são propriedade da Microsoft e 90% dos vídeos postados moram no YouTube.

Com o advento e disseminação da internet, muito começou a se falar sobre o poder trocando de mãos, pois a interatividade faria com que os usuários também passassem a ser produtores de informação, além de selecionar e comandar processos e percursos, fazendo, ativamente, seu micro agir segundo seu controle. Canclini (2008) nos lembra, entretanto, que os navegantes da *web* são chamados de visitantes e "quem visita não dita as normas da casa." Ou seja, a possibilidade de intervenção dos internautas não altera fundamentalmente a centralização da organização da informação – mantida cada vez mais nas mãos de grandes grupos e corporações midiáticas – e a tomada de decisões.

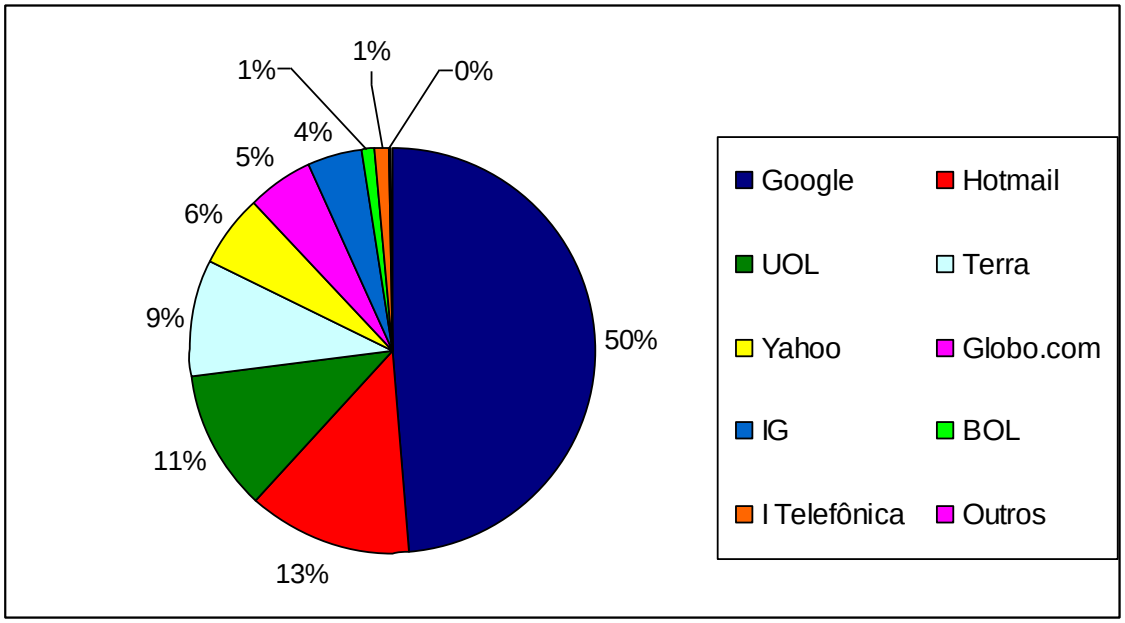
De acordo com Canclini (2008, p. 61), nas áreas mais mercantilizadas, a digitalização favorece a concentração de monopólios globais da produção e comercialização: "há uma década, as seis *majors* controlavam 90% do comércio mundial de música; agora são quatro." Essas megaempresas estão em pé de guerra com três movimentos que são crescentes e afetam seus negócios: a) o intercâmbio de músicas de pessoas a pessoa via *softwares* de compartilhamento de arquivos; b) a pirataria; e c) o crescimento de produtoras independentes. Desde que um estudante de 19 anos inventou, em 1999, o sistema Napster para compartilhar arquivos de música em formato MP3 com outros usuários da internet, muitos programas permitem o intercâmbio maciço de filmes, vídeos, músicas, *softwares* e publicações.

Mas ainda que os grandes grupos midiáticos estejam sendo desafiados pelo compartilhamento de arquivos e pela pirataria, estão longe de promover uma verdadeira descentralização da produção e distribuição de produtos culturais e midiáticos. Castells (2006) ressalta o caráter contraditório do processo de globalização e a diversidade das trajetórias tecnológicas e seus efeitos. Assim, em meio a uma das revoluções tecnológicas mais extraordinárias da história, a disparidade de conhecimento e capacidade científica se concentra cada vez mais em termos relativos, por países, por classes, por instituições e por organizações. E os efeitos desta revolução sobre

a qualidade de vida são apropriados fundamentalmente pelas grandes corporações e seus circuitos de distribuição.

Esta concentração em grandes grupos é perceptível quando analisamos os portais mais navegados pelos alunos, conforme ilustra o Gráfico 44, que demonstra que 50% dos alunos utilizam o Google, 11% o UOL e 9% o Terra.

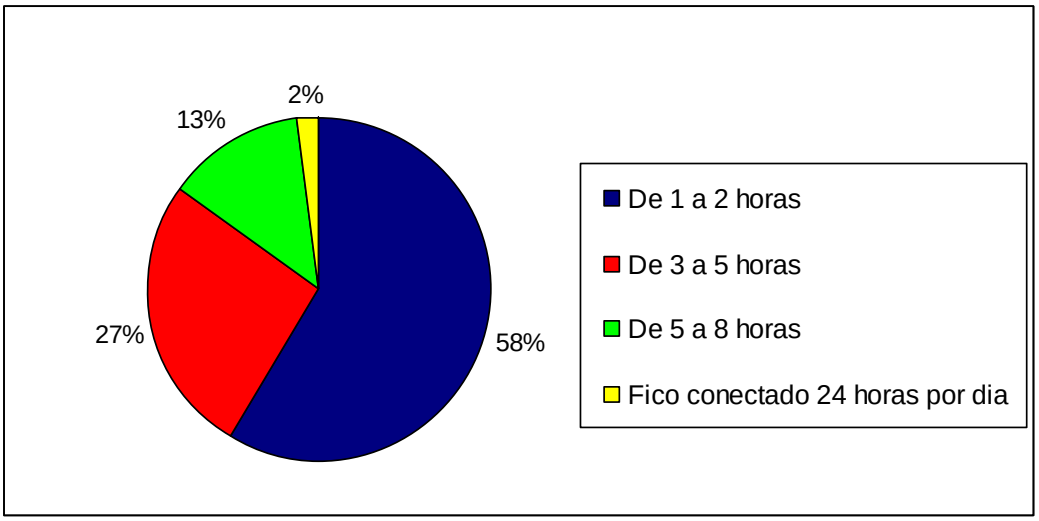
Gráfico 44: Portais nos quais os alunos da UniRadial-Estácio navegam na internet – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Apesar de a maioria desses estudantes trabalharem em período integral, é importante destacar quantas horas por dia afirmam dedicar à internet. Conforme é possível averiguar no Gráfico 45, 58% navegam de uma a duas horas por dia e 27% dos entrevistados chegam a passar de três a cinco horas por dia na *web*. Evidentemente, não se pode excluir a possibilidade de a internet ser usada aqui com fins profissionais e isso apareceu também nas entrevistas, mas essa talvez seja a diferença fundamental da internet para as demais mídias que a precederam. Nela, podemos trabalhar, ler e responder e-mails, trocar mensagens em redes sociais, buscar informações, assistir vídeos e ouvir músicas. Tudo praticamente ao mesmo tempo.

Gráfico 45: Tempo de navegação na internet, por dia, dos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Esse caráter convergente da internet também acentua o desafio que ela propõe aos ambientes escolares, juntamente com os demais meios, pois ela multiplica os espaços e circuitos de acesso aos conhecimentos e à formação cultural.

> Mesmo a educação formal mais aberta à incorporação de meios audiovisuais e informáticos oferece só uma parte dos conhecimentos e ocupa parcialmente as horas de aprendizado. Os jovens adquirem nas telas extra-curriculares uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento se combinam. (CANCLINI, 2008, p. 24)

Abaixo, seguem os depoimentos dos estudantes extraídos das entrevistas qualitativas sobre o uso que eles fazem da internet e da importância que ela tem em suas vidas:

> No mundo de hoje eu não viveria sem internet. Eu uso internet para tudo, não uso Twitter, mas eu tenho Orkut, MSN, e-mail. E eu uso internet pra tudo, acesso conta, pago conta. Eu uso pra pesquisa de produto, de serviço. Meu carro eu comprei pela internet. Jornal eu vejo na TV e na internet também. [...] A internet é muito importante. 99% dos trabalhos que eu faço pra faculdade são pesquisados na internet. A fonte de pesquisa é na internet. (Entrevista 2)

> Em casa ou eu estou baixando música, ou estou no Orkut, ou respondendo alguns e-mails, e-mails da faculdade. Às vezes eu fico pesquisando trabalho da faculdade na internet, basicamente esse tipo de ações. [...] Devido ao tempo, devido a pressa [eu uso mais a Internet para fazer pesquisas do que a biblioteca da faculdade], sim. Porque pra ter acesso à biblioteca, só quando eu

> estou na faculdade e como eu só vou pra faculdade à noite, pra eu ir na biblioteca pesquisar, fica difícil. Tem que ser correndo, no horário do intervalo ou no fim da aula e aí fica difícil. Então pra trabalho, mesmo, eu prefiro a internet. Eu sei que no conteúdo é difícil, se não achar tudo na internet, lógico que eu vou buscar um livro, mas acabo me resolvendo com a internet. Na maioria das vezes, internet. [...] (Minha vida sem internet seria) difícil, muito difícil, já que eu pesquiso muitos trabalhos na internet. Contato com o pessoal, só pela internet, difícil mesmo, eu ficaria muito isolado. [...] (Dos meus amigos) tem pessoa que mora em Interlagos, tem pessoa que mora em Embu Guaçu, Vila Sonia, então fica distante, mas a gente, por exemplo, na internet, a gente sempre dá um jeito de conversar sobre a vida, o trabalho. (Entrevista 1)
>
> [Uso para] ver e-mail, procurar emprego, eu tenho utilizado mais pra procurar emprego mesmo. Pra ver alguma coisa que me interessa e eu entro pra ver. Pesquisa e nem sempre da minha área. Orkut hoje nem tanto. [...] Eu tenho MSN, eu uso mais pra me comunicar com as minhas colegas. (Entrevista 3)
>
> (A internet é) importantíssima. Pra fazer pesquisa, desenvolver os trabalhos. Todos os trabalhos que os professores dão a gente encontra na internet, até quando não consegue acessar a internet é um Deus nos acuda, porque não dá. (Entrevista 5)
>
> Eu não vou dizer que é bom, é essencial. [...] A internet, hoje, é um meio de comunicação esplêndido, porque ela te quebra vários galhos. E, fora que eu e meus amigos temos um trabalho e tem que ser integrado, então, nosso meio de comunicação pela internet é muito bom. No meu caso, só tenho (acesso à internet) na faculdade. E de vez em quando eu vou para a *lan house*. Mas é mais do que perfeito. Se alguém tem uma dúvida, ele já manda um e-mail, se tiver alguém *online*, já te responde a pergunta e manda. Ou senão, mesmo pela internet, já vai buscando se tiver de fácil acesso. (Entrevista 7)
>
> A área onde eu moro a banda larga não chega. Então, ou é aquela via rádio ou via celular, que é muito caro. Eu já tive internet discada. Quando eu tinha, eu ficava bastante tempo na internet. Eu posso dizer que boa parte eu ficava por bobeira, mas, às vezes, para conversar com meus amigos, sites de relacionamentos. E também por questão de estudo. No caso, eu estou meio que tentando pegar inglês sozinho, baixando umas apostilas. E tem aqueles cursos *online* de inglês, gratuito. Eu ficava bastante tempo neles. [...] Ir para a lan house aprender inglês, realmente, é sem condições. Então, antes, quando eu tinha em casa, eu aproveitei até que bem. (Entrevista 7)
>
> Sou viciado em internet, praticamente todos os dias estou na internet. Eu pesquiso todos os meus trabalhos, quando aparece alguma coisa de interessante, que é o que eu estou estudando, eu procuro na internet pra ver além do que estou estudando. É um dos melhores meios de comunicação. Procuro ver e-mails, novas amizades. Orkut, blog, Facebook, Twitter, mais no Orkut. […] (Fico) umas quatro horas por dia, quando chego da faculdade, em torno de dez horas, costumo ficar das 10 até 2 da manhã. Quando não tenho nada pra fazer fora de casa eu fico na internet. [...] Como seria minha vida sem internet? Nossa, seria complicado, como antigamente, mais livro. (Entrevista 10)

Como podemos verificar, os depoimentos acima são bastante contundentes sobre a importância da internet na vida dos alunos (*eu não*

viveria sem internet; *ela é importantíssima*; *sou viciado em internet*; *é essencial*; *é um meio de comunicação esplêndido*). Quanto ao seu uso, há uma centralidade grande da internet como fonte de pesquisa e acesso à informação e ao conhecimento. Os depoimentos deixam claro que a internet passa a tomar o lugar que livros, enciclopédias e bibliotecas ocupavam no passado recente. O livro passa a ser uma segunda opção, a qual o aluno quase nunca recorre, pois a internet "resolve sua vida", "quebra vários galhos". Isso está claro nos trechos: *Todos os trabalhos que os professores dão a gente encontra na internet / 99% dos trabalhos que eu faço pra faculdade são pesquisados na internet. A fonte de pesquisa é na internet. / Então pra trabalho, mesmo, eu prefiro a internet. [...] se não achar tudo na internet, lógico que eu vou buscar um livro, mas acabo me resolvendo com a internet.* A mesma lógica aparece no depoimento: *Como seria minha vida sem internet? Nossa, seria complicado, como antigamente, mais livro*. Nesse sentido, seria interessante explorar como esta instituição de ensino em particular e faculdades e universidades em geral, estão capacitando seus estudantes a separar o joio do trigo no mar de informações disponível na internet. Esse é um tópico que iremos discutir no capítulo seguinte.

Os depoimentos também reiteram o papel importante de socialização da *web*, como podemos destacar nos trechos: *Contato com o pessoal, só pela internet, difícil mesmo, eu ficaria muito isolado (sem internet) / na internet, a gente sempre dá um jeito de conversar sobre a vida, o trabalho / eu e meus amigos temos um trabalho e tem que ser integrado, então, nosso meio de comunicação pela internet é muito bom / Procuro ver e-mails, novas amizades*. Praticamente todos os alunos entrevistados afirmam ter um círculo de amigos de fora da faculdade e também amizades construídas lá dentro. O contato via *web*, evidentemente, não substitui, para eles, os relacionamentos face-a-face, mas os e-mails, redes sociais e outras ferramentas da internet são bastante utilizadas como meios de socialização e comunicação.

Quando indagados sobre qual o meio de comunicação que mais utilizam para se manter informados, a Internet é usada pela maioria (46%), seguida da televisão (38%). O jornal é utilizado por 8% dos entrevistados e apenas 4% servem-se do rádio para se manter informados, conforme ilustra o Gráfico 46. Sendo assim, não podemos afirmar, como era uma das hipóteses iniciais desta

tese, que os estudantes estariam mergulhados em uma cultura oral-visual *em oposição* a uma cultura letrada, escrita. Até porque a internet subverte essa lógica e, nesse ponto, é difícil de ser categorizada, uma vez que ela combina textos, sons e imagens em um ambiente não linear, caracterizado pelo hipertexto. O que certamente acontece é que a *web* reconfigura a linguagem verbal, impondo uma outra forma de abordar suas estruturas. De acordo com Citelli (2006, p. 124), a internet:

> Representa outra maneira de organizar a experiência humana, configurando sociabilidades, comportamentos, impactando nos fluxos econômico-financeiros, no comércio, enfim, nas múltiplas e variadas instâncias que enformam a vida contemporânea. Seria estranho imaginar que operações de linguagem processadas no interior deste *agente reconfigurador das práticas sociais* tivessem perdido importância, se abastardado, ou mesmo mantido as estruturas e formas de manifestação semelhantes àquelas afeitas a tempos marcados pela hegemonia de outros instrumentos de produção (o bico de pena ou a máquina de escrever, por exemplo).

Martín-Barbero (2006) corrobora a visão ao afirmar que a convergência da globalização e da revolução tecnológica configura um novo ecossitema de linguagens e escritas. A internet, especialmente, é convertida em campo de batalha política entre a ordem/poder da letra e as oralidades e visualidades culturais.

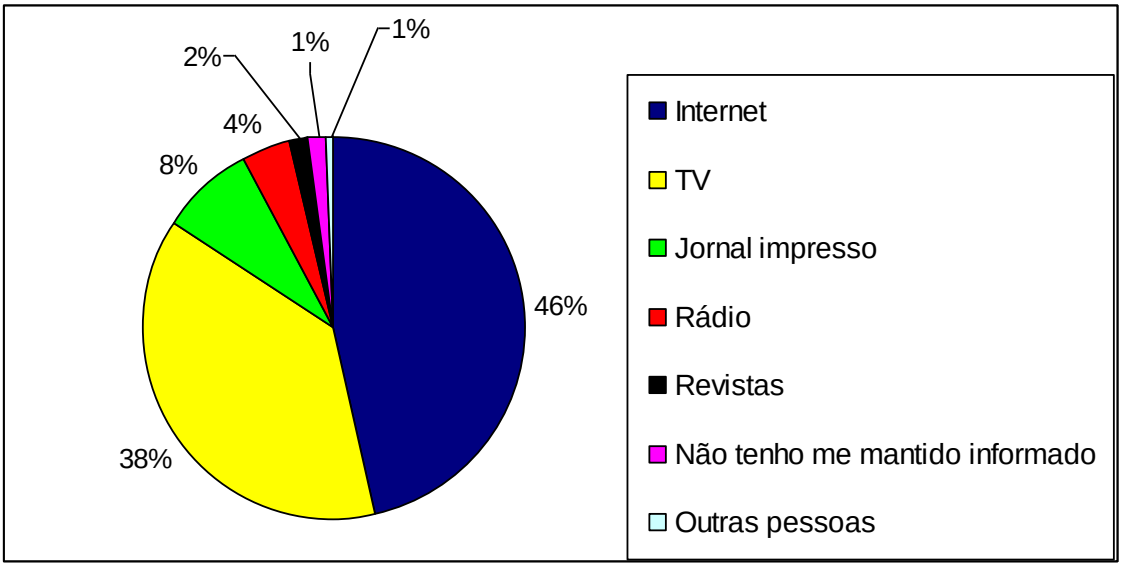
> Assim como o computador nos coloca diante de um novo tipo de tecnicidade, deparamo-nos, também, com um tipo de textualidade que não se esgota no computador, o texto eletrônico se desdobra numa multiplicidade de suportes e escritas que, da televisão ao videoclipe e da multimídia aos *videogames*, encontram uma complexa e crescente cumplicidade entre a oralidade e a visualidade dos mais jovens. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 74).

O autor destaca que é justamente nas novas gerações que essa cumplicidade opera mais fortemente, não porque os jovens não saibam ler ou leiam pouco, mas, sim, porque sua leitura já não tem o livro como eixo e centro da cultura, fato que também apareceu nas entrevistas qualitativas com os alunos da UniRadial-Estácio. Deste modo, “é a própria noção de leitura que

está em questão, obrigando-nos a pensar a desordem estética que as escritas eletrônicas e a experiência audiovisual introduzem.” (p. 74)

Citelli (2006, p. 136) também cita as “tensões e relações entre signos verbais e não verbais, tão importantes para o entendimento dos fluxos, cruzamentos, interpenetrações, interposições, ajustes e afastamentos de códigos e sistemas de linguagem que elaboram as significações nos ambientes mediáticos.” A internet é, por sua própria natureza, o meio por excelência daquilo que Citelli (2006) chama de *linguagens complexas*, um conceito que indica a hibridização de vários tipos de signos (imagens, cores, ambientes, movimentos, personagens, musicalidade, sons, palavras, textos), que se cruzam em uma mesma situação. De acordo com ele, a capacidade de os signos se retroalimentarem, cooperarem uns com os outros, resultando em determinados sentidos, é fundamental na comunicação contemporânea, que está ancorada por passagens e cruzamentos entre suportes, dispositivos técnicos, recursos digitais, linguagens.

Gráfico 46: Meio mais utilizado pelos alunos da UniRadial-Estácio para se manterem informados – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Nas entrevistas feitas com os estudantes, pedíamos que eles comparassem o uso e a importância da televisão e da internet em suas vidas. Alguns destacaram que a internet era de mais fácil acesso, pois estava

disponível também nas horas de trabalho, ao contrário da televisão. A maior parte revela que costumava assistir muito mais televisão do que hoje, quando o cotidiano está mais voltado para o uso da rede. Muitos destacaram a preferência pela *web* pela possibilidade de escolha do que ver e em que hora ver, ao contrário da televisão, na qual o telespectador precisa se ajustar à grade horária da emissora. Tal fato caracteriza uma preferência pelo descentramento e não linearidade da internet (ver o que quiser, a hora que quiser) em relação à televisão, cuja programação está dentro de uma lógica linear. A velocidade é outro ponto destacado, também relacionado à não-linearidade, presente neste trecho de depoimento: *na internet eu consigo informação mais rápido*. Há referências também à própria convergência de mídias possibilitada pela internet: *Se eu quiser alguma matéria, eu consigo baixar o vídeo. Eu posso assistir programa de televisão na internet. Internet já é um pacote completo se você tiver, realmente, a curiosidade de pesquisa*r. Abaixo, os depoimentos completos sobre o tema:

> TV eu não assisto muito, só no final de semana. Internet, aí é todo dia. Internet é mais interessante. A TV nem é tão importante assim, na internet eu consigo informação mais rápido. Eu estou sentada quase 12 horas por dia na frente do computador e acaba sendo mais importante. É o meio mais rápido que eu tenho. E de acesso mais fácil também. (Entrevista 6)

> Hoje é difícil eu assistir televisão, mas eu já assisti mais. Não tem muito o que passar, notícia eu prefiro ouvir ou ver na internet, onde você procura o que você quer ver e na televisão você assiste o que passa. [...] A internet é bem mais útil e importante pra mim hoje porque me dá um leque maior de opções. A TV é mais restrita, é sempre o mesmo tipo de programa, na internet você escolhe a programação. A internet é 100% mais importante. (Entrevista 3)

> Internet eu uso muito no meu trabalho, se for relacionada. Só a internet, mesmo, só na hora do meu almoço, mas na internet eu passo o dia inteiro, eu trabalho o dia inteiro *online*. Finais de semana, como eu ainda não tenho internet na minha casa, tem a lan house aqui do lado. Então quando eu preciso, vou na *lan house*, mas internet é mais durante a semana, que eu tenho mais fácil acesso. Eu uso muito a internet, tanto que eu fico sabendo alguma coisa que acontece na sociedade pela internet e não pela TV. Vejo jornal na internet. [...] A internet é mais fácil porque você vai lá e busca o que precisa e TV, não, é aquilo que está passando e pronto. A internet, se você quer saber alguma coisa que está acontecendo vai lá e busca. Se quer saber de algum filme no cinema, você vai lá e busca, alguma notícia, você vai lá e vê. Agora a TV, não, você liga e é o que está passando. [...] Agora quase não vejo mais TV. Quando eu não fazia faculdade, eu adorava uma novela. (Entrevista 4)

> Acho que os dois tem igual importância (TV e internet). Não gostaria de ficar nem sem a TV, nem sem internet. A TV é importante para comunicação,

> conhecimento, pra saber o que está acontecendo no mundo. A internet é mais como pesquisa mesmo. (Entrevista 5)
>
> Eu já assisti bastante (TV), hoje, não tanto. Se eu tivesse condições de pagar uma TV por assinatura, seria a Discovery, porque ela é muito bacana. É muito show. [...] (Mas) na internet você vai buscar o que você quer. A TV, você tem que esperar um programa, então, isso te atrasa um pouco. E como são raros os programas que prestam, pelo menos para a minha visão. Então, a internet, com certeza, disparado, muito melhor na minha vida, me ajuda bastante. É uma questão que se eu quiser alguma matéria, eu consigo baixar o vídeo. Eu posso assistir programa de televisão na internet. Internet já é um pacote completo se você tiver, realmente, a curiosidade de pesquisar. (Entrevista 7)
>
> Televisão, pra falar a verdade, não tenho tido tempo. Ultimamente não tenho assistido nenhum programa, só durante a semana, venho almoçar em casa e acabo assistindo algum programa de esporte, meia hora. À noite eu fico mais na internet, de final de semana, também internet. (Entrevista 10)
>
> (TV eu assisto) um pouquinho só. Internet, sempre. Procuro todo dia tá entrando na internet. [...], sábado é bastante tempo porque eu uso para pesquisar, fazer trabalho. Mas eu uso mais a internet por necessidade, porque eu prefiro a TV, eu gosto mais de TV. (Entrevista 9)
>
> Hoje em dia a internet está mais importante que a TV. Eu tenho mais acesso à internet que a TV. Antigamente quem diria isso? [...] (Na internet) você pega a informação que você quer na hora e a televisão é no momento que está passando e na internet se você quer uma informação de 10 anos atrás você procura e vê. (Entrevista 8)

Como é possível observar dos depoimentos acima, a Internet é bastante presente no trabalho, como ferramenta de pesquisa e acesso à informação e ao conhecimento, mas aparece muito citada também como algo que preenche "os finais de semana", tradicionalmente os dias dedicados ao lazer.

Uma das perguntas da pesquisa quantitativa pedia que os estudantes indicassem "suas três atividades preferidas para os momentos de lazer". 'Ficar com a família' foi a mais indicada (12%), seguida por 'ir ao cinema' (11%), 'viajar' (9%), que empatou com 'namorar' (9%) e 'praticar esportes' (8%). Assistir televisão, ouvir música e navegar na internet aparecem empatadas como atividades favoritas para 6% dos estudantes. Vale destacar que nem todas as atividades preferidas são, de fato, realizadas. Há impeditivos de tempo, assim como financeiros, por exemplo, para viagens nesse momento da vida dos estudantes. Pode parecer uma contradição a internet aparecer com o mesmo percentual que a televisão depois de ter visto os depoimentos dos alunos comparando as duas mídias, mas é importante considerar que a

pergunta aqui refere-se a atividades de lazer. É possível que a televisão já esteja tão incorporada à rotina dos alunos a ponto de não ser mais considerada "diversão" ou "atividade de lazer". Vale destacar também que, embora a maioria dos entrevistados tenha apontado que passa muito mais tempo na internet do que em frente à TV, vários afirmavam que isso acontecia também porque "não tinham mais tempo" para assistir televisão. Não podemos esquecer ainda as respostas relacionadas ao uso da internet (Gráfico 43): 29% dos alunos afirmaram que usam a internet para "busca de informações" e 15% "para estudar e pesquisar". Ainda que essas ações tomem bastante tempo, provavelmente não devem ser consideradas pelos próprios alunos como atividades de lazer.

Na verdade, a internet subverte as tradicionais fronteiras entre trabalho, lazer, socialização. Ela é, por sua própria natureza e amplitude, multimídia e multitarefa. Vejamos um exemplo hipotético: um usuário navega na internet por duas horas para uma pesquisa de natureza profissional. Nesse meio tempo, simultaneamente, ele também utiliza a *web* para ouvir música. Pode ainda, permanecer todo o período com sua caixa de e-mail aberta e, a pequenos intervalos, receber e responder e-mails, sejam profissionais, sejam pessoais. Entre esses e-mails, um deles pode ser de um amigo indicando um vídeo engraçado, postado no You-tube. O usuário assiste o vídeo, de cinco minutos, e retorna à sua atividade profissional. Outro e-mail, é de um colega da mesma empresa que está em uma cidade distinta e relata um problema profissional. Ele conecta-se os Skipe, faz uma videoconferência com o colega e, em 15 minutos, os dois chegam a uma resolução para a questão. Após isso, ele retorna à sua pesquisa. No final das contas, nessas duas horas, ele usou a internet para que? Ouvir música pode ser considerado diversão, mas ele fazia isso enquanto trabalhava, simultaneamente. Quais dos e-mails lidos e respondidos eram profissionais e quais eram pessoais? Quanto tempo foi dedicado a cada assunto? Como afirma Sodré (2007), um fator fortemente afetado pela configuração da sociedade midiatizada é a própria periodização da existência. Segundo o autor, há uma "indistinção entre tempos de atividade: o tempo do trabalho pode ser o mesmo da diversão ou da formação educacional" (p. 19). Enquanto as chamadas mídias tradicionais (TV, rádio e

veículos impressos) não permitem isso com tanta facilidade e frequência, na internet é praticamente impossível ser de outra forma.

Tabela 15: As atividades de lazer preferidas pelos alunos da UniRadial-Estácio – 2008

Indique 3 atividades de lazer	
Ficar com a família	12%
Ir ao cinema	11%
Viajar	9%
Namorar	9%
Ppraticar esportes	8%
Ler	7%
Ir a igreja / templo / centro	6%
Ouvir música	6%
Sair para dançar / ir a festas	6%
Descansar	6%
Assistir televisão	6%
Navegar na internet	6%
Ir a shows	3%
Ir ao teatro	2%
Ir a museus ou eventos culturais	1%
Atividades comunitárias / voluntárias	1%
Outra	1%

Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Entre os entrevistados, o lazer aparece bastante concentrado em atividades internas, feitas na própria residência, na casa do(a) namorado(a) ou de familiares. O depoimento do Entrevistado 1 aborda a questão da violência como motivo para ficar mais em casa nos finais de semana e o Entrevistado 9 fala das restrições orçamentárias, que acabam também impactando nos programas de lazer.

> Você sai pra balada, pra tentar se divertir, ver seu amigos e tal e você vê um cara lá que já bebeu todas, o cara já vem pra cima, eu evito esse tipo de confusão. Dá muita vontade de sair pra paquerar, mas de repente o cara que também está a fim da menina, o cara vem pra cima de você, por nada. Pra evitar esse tipo de situação, que eu sempre evitei, eu odeio discussão, odeio brigas, odeio isso aí, o que acontece: às vezes, eu nem saio por esse motivo. Canso de ver por aí o pessoal sair no braço, tomar um tiro, eu não quero esse tipo de coisa pra mim. Com tantos projetos futuros, eu vou pra balada amanhã à noite e de repente acontece uma coisa dessas... e aí? Onde foi toda minha vida? Então às vezes eu nem saio. (Entrevista 1)

> Acabo ficando mais [navegando na internet nos finais de semana], às vezes chega um feriado de segunda-feira, que aí fica sábado, domingo e segunda aí eu pego das 8 horas da noite até 2, 3 horas da manhã aí o tempo vai passando

que eu nem vejo, fico ouvindo música vejo uma coisa ou outra, baixando arquivos lá e o tempo vai passando. Às vezes você baixa o arquivo, mas quer ouvir, até você baixar o arquivo e até você ver, está passando um bom tempo, às vezes fica 2, 3, 4 horas na internet e nem vê, eu nem percebo. (Entrevista 1)

No tempo livre eu costumo sair e ir à casa da minha mãe. (Entrevista 2)

Quando a gente sai (ela e o marido), a gente vai mais pra shopping, cinema. Mas fim de semana é filme, vou lá à locadora alugo alguma coisa pra assistir e é isso. (Entrevista 4)

Leio, assisto filmes, que eu gosto muito. E durmo. [...] Eu quase não saio. (Entrevista 6)

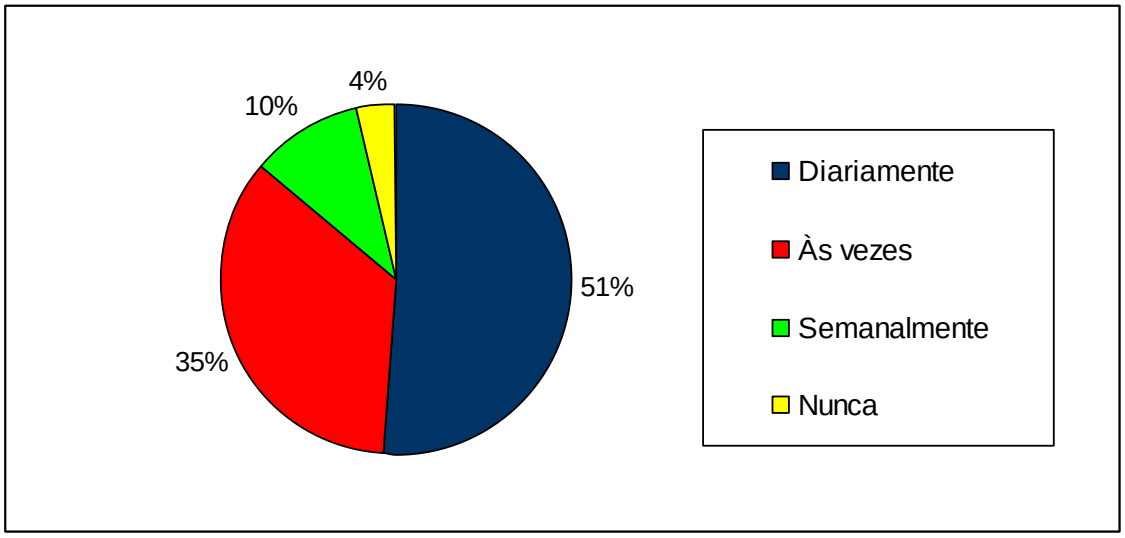
Geralmente, eu toco violão, eu gosto de ler livro de filosofia. Então, geralmente, eu leio Nietzsche. Então, ou eu leio, ou eu toco violão, ou eu saio, realmente, com os meus amigos. (Entrevista 7)

Ficar com a namorada, vou jantar na sogra. A gente assiste DVD. (Entrevista 8)

Quando tem um pouco de dinheiro, sobra alguma coisa..daí, eu procuro sair, me divertir. (Entrevista 9)

Vale destacar que a internet passa a ser importante local de busca de informações noticiosas também para esses alunos. Nada menos do que 51% afirmaram ler notícias na internet diariamente.

Gráfico 47: Percentual de alunos da UniRadial-Estácio que tem o hábito de ler notícias na internet – 2008

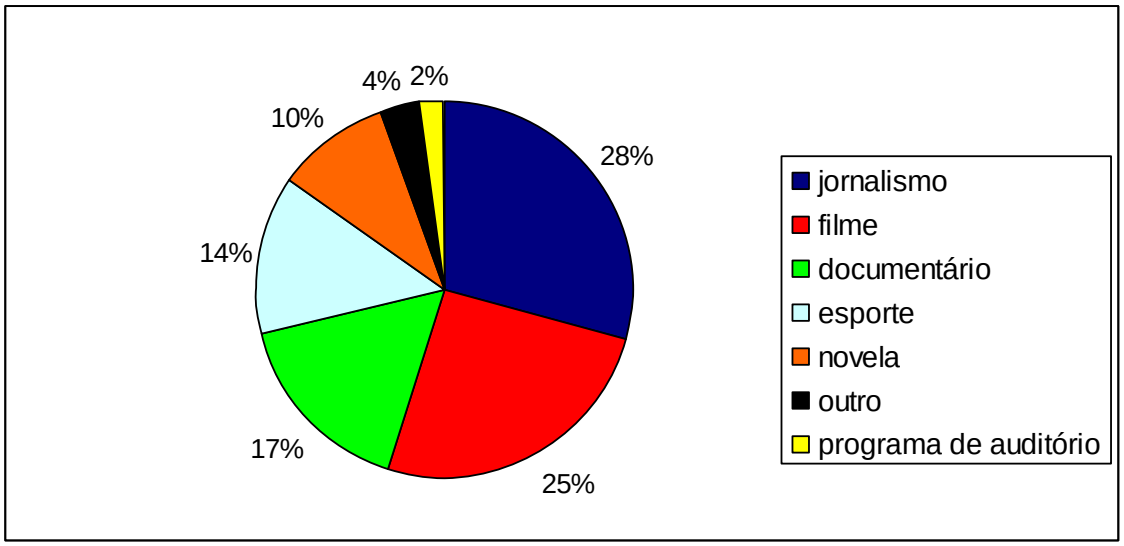


Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Em relação ao tipo de programação visto na TV, a pesquisa indicou que o jornalismo e filmes são os campeões de audiência, preferidos,

respectivamente, por 28% e 25% dos alunos. A pergunta nesse item era "Escolha três opções de programação que você prefere assistir pela televisão".

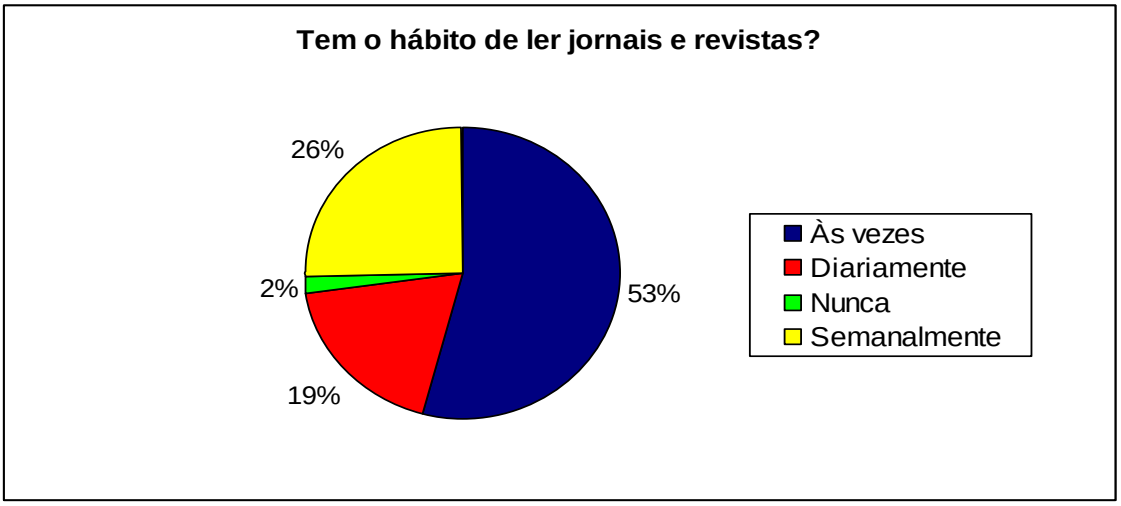
Gráfico 48: Tipo de programação preferida na TV pelos alunos da UniRadial-Estácio – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Em relação aos hábitos de leitura de jornais, revistas a pesquisa indicou que 53% dos alunos lêem ocasionalmente, 19% diariamente e 26% semanalmente. São índices de leitura de veículos impressos bastante altos, especialmente se considerarmos o perfil do aluno.

Gráfico 49: Frequência com que os alunos da UniRadial-Estácio lêem jornais e revistas – 2008

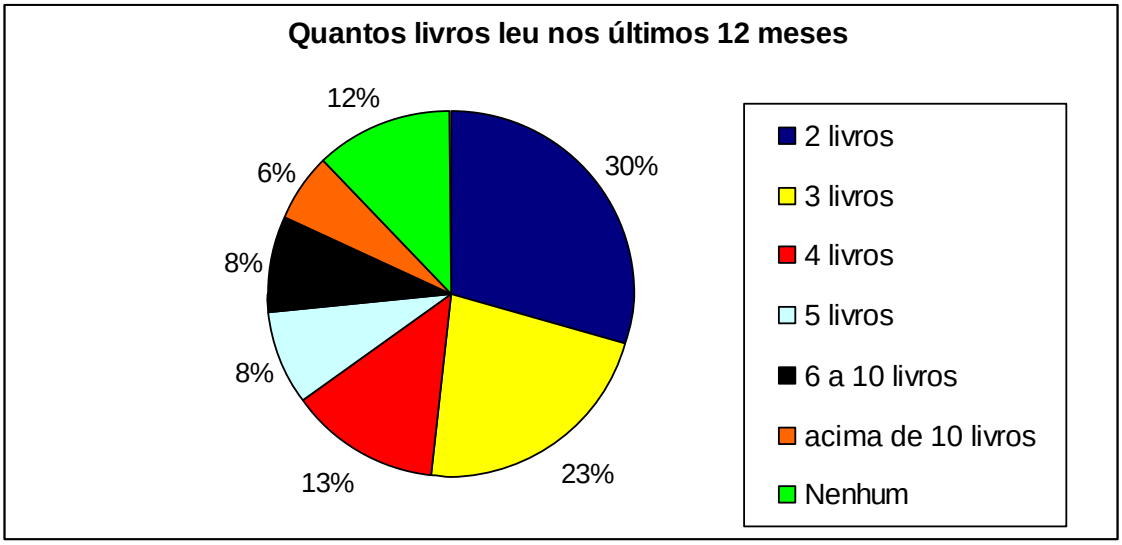


Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Em 2008, o Instituto Pró-Livro encomendou uma pesquisa realizada pelo Ibope e coordenada pelo Observatório do Livro e da Leitura. Com dados coletados em 2007 e divulgada em 2008, a pesquisa, intitulada “Retratos da Leitura no Brasil”, chegou ao indicador de leitura de 4,7 livros por habitante/ano no país (excluída a população com menos de 5 anos). No entanto, o número de livros indicados pela escola, o que inclui os didáticos, é de 3,4 livros lidos por habitante/ano. Sendo assim, desconsiderando aqueles indicados pela escola (didáticos, paradidáticos e livros que constam na lista de material solicitadas pelos professores ou instituições de ensino), o número de livros lidos no Brasil é de apenas 1,3 livros por habitante/ano. Essa é uma média nacional. Há diversas variações em função do índice de escolaridade, faixa etária, classe econômica e até mesmo local de residência. O estudo indica que a leitura cresce na proporção da escolaridade. Pessoas com rendimento familiar mais alto (em salários mínimos) também lêem mais do que aqueles que têm salários mais baixos. A leitura também evolui conforme o porte das cidades. Quanto maior a cidade, em termos de número de habitantes, maior também é o número de livros lidos por ano pela sua população.

Ao analisar os dados de leitura de livros dos alunos da UniRadial-Estácio (Gráfico 50) chegamos à conclusão que a maioria deles lê pouco (30% deles leu apenas dois livros no último ano e 23% leu três livros), mas levando em consideração a média nacional, podemos concluir que o índice de leitura de livros não é tão baixo. Na pesquisa do Instituto Pró-Livro, apenas 15% dos alunos do ensino superior eram leitores. O conceito de leitor utilizado pela pesquisa é de quem declarou ter lido pelo menos um livro nos últimos 3 meses. O não-leitor é quem declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, ainda que tenha lido ocasionalmente ou em outros meses do ano.

Gráfico 50: Quantos livros os alunos da UniRadial-Estácio leram nos últimos 12 meses – 2008



Fonte: Questionário sócio-econômico e cultural aplicado a 2.263 alunos em janeiro e fevereiro de 2008

Nas entrevistas qualitativas, três alunos mencionaram o gosto pela leitura, citando autores, conforme é possível observar nos depoimentos abaixo. Ainda assim, o entrevistado 1 declara seu gosto pela leitura, mas também expõe sua dificuldade com ela, provavelmente fruto de seu precário capital cultural (*eu peguei uma vez [o livro Dom Casmurro) e não consegui [ler], não gostei. De repente eu falei: vou ler esse livro, peguei ele pra ler, li todinho, gostei muito*):

> Há pouco tempo estava lendo um romance: Dom Casmurro. Eu gosto (de ler). As pessoas diziam que era uma leitura muito difícil, aí eu peguei uma vez e não consegui, não gostei. De repente eu falei: vou ler esse livro, peguei ele pra ler, li todinho, gostei muito, achei muito interessante a história e sempre eu tento ler algum livro, eu tento me focar [...] Às vezes eu pego emprestado, mas ali eu tenho a minha coleção de livros, uma coleção que eu fiz um tempo atrás, da Folha de S. Paulo: 20 livros dos 20 maiores autores brasileiros e eu fiz essa coleção. De um jeito ou de outro eu consigo um livro... (Entrevista 1)
>
> Eu gosto de ler livro de filosofia. Então, geralmente, eu leio Nietzsche (Entrevista 7)
>
> Eu tenho a assinatura da Época, Galileu, Superinteresante e Isto É. Eu leio bastante, eu gosto. Eu leio sobre tudo, mais curiosidades em geral, suspense. (Eu adoro) policial, eu gosto muito de mistério, como a Agatha Christie. (Entrevista 6)

Como se vê, embora a internet seja central na vida dos alunos, até mesmo por sua amplitude e convergência de distintas atividades, como já foi

dito, os meios impressos ainda cumprem um papel na vida dos estudantes. Muito se fala sobre a morte dos livros e dos jornais impressos com o advento da internet, mas o que percebemos, de fato, é uma reconfiguração das velhas mídias com as novas dentro do ecossistema comunicacional. Como afirmam Braga e Calazans (2001) a sociedade está ampliando e diversificando suas possibilidades de interação midiatizada desde a segunda metade do século XIX, através de novos procedimentos e tecnologias, que vão compondo, ao lado do livro e do jornal impresso (os dois principais processos midiáticos anteriores e já multiseculares) um conjunto crescentemente complexo.

Ou seja, o livro não está sendo "substituído" pelas novas mídias, mas, de qualquer forma, ele deixou de ser, como afirma Martín-Barbero, o único foco ordenador do conhecimento. Segundo o autor, há pelo menos meio século os conhecimentos e o imaginário contemporâneo não se organizam em torno de um eixo letrado. No entanto, conforme ressalta Canclini (2008), a escola ainda reluta em admitir a interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica.

> Vivemos num ambiente de informação que recobre e mistura vários saberes e formas muito diversas de aprender, ao mesmo tempo que se encontra fortemente descentrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege, organizado em torno da escola e do livro. (MARTÍN-BARBERO, 2006 p. 56)

De acordo com Braga e Calazans (2001), o livro tem sido a mediação fundamental para o processo de educação justamente porque ele se organizou voltado para dois objetivos básicos: o registro e a transmissão de conhecimentos e a expressão literária.

A escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do conhecimento, já que há uma variedade de conhecimentos e informações que circulam por outros canais, difusos, descentralizados. A complexidade cresce, como aponta Canclini (2008), com a convergência digital que torna possível uma integração multimídia que permite ver e ouvir, no celular, no *palm* ou no *smartphone*, áudio, imagens, textos escritos e transmissão de dados, tirar fotos e fazer vídeos, guardá-los, comunicar-se com outras pessoas e receber as novidades instantaneamente. O autor ressalta que os hábitos atuais dos leitores-espectadores-internautas, juntamente com a fusão de empresas que

antes produziam em separado cada tipo de mensagem, não permitem mais conceber como ilhas isoladas os textos, as imagens e sua digitalização.

Mas ainda que o livro tenha deixado de ser o "único foco ordenador do conhecimento", como afirma Martín-Barbero, os depoimentos dos alunos da UniRadial-Estácio deixam claro o hibridismo das mídias presente em suas vidas. Ao mesmo tempo em que recorrem quase que com exclusividade à internet para todo tipo de pesquisa que a faculdade, quando foram indagados se preferiam material impresso ou conteúdo *online* para estudar, a maioria afirma preferir o impresso. Cabe ressaltar que esse "impresso", entretanto, costuma ser um material apostilado ao invés de livros inteiros. O motivo mais alegado está relacionado à portabilidade, uma vez que nenhum deles possui *laptops* ou *netbooks*. E como seu tempo e espaço de estudo geralmente são indefinidos (no ônibus, no trabalho em pequenos intervalos ou na hora do almoço, na própria faculdade antes do início das aulas, etc.), a portabilidade do material de estudo é um fator muito importante para esses estudantes. Alguns alunos também mencionaram o fator dispersivo da internet, pois no computador "você acaba vendo outras coisas ao mesmo tempo". Somente um estudante afirmou preferir o conteúdo *online* por razões econômicas, pois assim não teria de gastar dinheiro comprando livros. Abaixo, as declarações deles sobre o assunto:

> [Prefiro] livros, apesar de não aprender tanto só lendo, você acompanha, você pode levar... Justamente por causa da viabilidade, de levar pra onde você quiser, você tira uma cópia, você pode emprestar, fazer uma anotaçãozinha alguma coisa, fazer os exercícios. Apesar da internet ser muito viável, muito utilizada, ainda vai passar muito tempo ainda pra substituir um livro, muito tempo ainda. O livro ainda é essencial. (Entrevista 1)

> [Prefiro] conteúdo *online*. Porque eu não preciso comprar livros, a apostila impressa eles disponibilizam a área de xérox da faculdade. E estando via *online* você não precisa pagar nada. (Entrevista 2)

> Eu prefiro impresso. Você consegue levar para os lugares, consegue discutir com outras pessoas sobre aquele assunto, é bem mais fácil. (Entrevista 4)

> Prefiro livros e apostilas, eu prefiro ler e resumir, fazer resumos manuais, eu geralmente imprimo tudo, eu acho melhor pegar, imprimir, ler, do que ficar só no computador, eu me atrapalho um pouco pra estudar, acho que força muito a vista, prefiro imprimir porque vou marcando, pontuando o que eu achei interessante, com caneta. Eu prefiro. (Entrevista 5)

> Eu prefiro material impresso porque muitas vezes você não consegue prestar a mesma atenção no computador. Porque no computador muitas vezes você não vai estar só vendo a aula, você vê outras coisas ao mesmo tempo. (Entrevista 6)

> Se eu pegar a matéria *online*, eu vou jogar para a impressão. Então, ela vai ficar impressa. Ler só se, realmente, for um texto muito pequeno, porque isso cansa a vista. Eu não sei se você tem contato direto com o computador, várias vezes ao dia. Eu trabalho no computador e a vista cansa muito. Então, eu prefiro pegar o material e imprimir na minha impressora. Fora que, quando você tem impresso, você pode ler em qualquer lugar. (Entrevista 7)

> Eu gosto de material impresso pra estudar. Porque (no computador) você dispersa muito, você se perde muito. E impresso você leva de um lugar para o outro. Muitas pessoas não têm o *notebook*. Se eu tivesse, era bom. O material impresso eu ando de ônibus e aí eu posso estar lendo. É mais fácil. (Entrevista 8)

> Prefiro apostilas mesmo. Costuma ser feita pelos professores, apostila impressa, eles mandam por e-mail, a gente vai lá e imprime. No computador não dá pra carregar. A apostila, pra onde eu vou, eu coloco na mochila, posso ficar lendo, acho mais interessante o impresso. (Entrevista 10)

Aparelhos como o iPad da Apple, que foi lançado em abril de 2010, e o Kindle, o leitor eletrônico da Amazon, têm a possibilidade de alterar o modo como lemos, ao transformar o papel em *bits* e ao trazer a possibilidade de incluir em livros *links*, músicas e imagens em movimento, além de permitirem a mesma portabilidade de um livro ou uma apostila. Isso significa que livros, jornais e revistas vão acabar? Vão mudar? Ou ambos? Ainda não há respostas definitivas para essas questões. Mas a indústria já começa a aproveitar a metamorfose tecnológica gerada pelos *e-readers*. Vivemos, hoje, no limiar de uma era pós-Gutenberg. Toda a tradicional estrutura do que se convencionou chamar de “mídia impressa” tem sido avidamente subvertida pelos novos meios de produção da era digital. O Kindle, o leitor eletrônico de livros, cuja primeira versão foi lançada em 2007 pela Amazon, pesa apenas 292 gramas, tem capacidade para armazenar 1,5 mil livros e conecta-se à internet por rede sem fio de terceira geração (3G), também usada por celulares. O aparelhinho conta com um acervo de mais de 420 mil livros nos Estados Unidos.

No final de 2009, pela primeira vez, a Amazon vendeu mais títulos em *bits* do que em papel. Segundo a Associação Americana de Editores, a venda de livros digitais somava US$ 20 milhões em 2003. Em 2009 alcançou US$ 350 milhões. Os *e-books* ainda representam uma fatia pequena do mercado

americano de livros, apenas entre 1% e 2% do total, mas suas vendas avançam a uma taxa de três dígitos ao ano.

A chegada do iPad, da Apple, promete revolucionar ainda mais esse novo mercado. Enquanto o Kindle é um aparelho especializado para ler textos, o iPad reproduz o que se chama de conteúdo multimídia, que combina sons, imagens (vídeos ou fotos) e textos. Tal característica o torna especialmente atraente para alimentar a interação do usuário com qualquer tipo de mensagem, o que inclui peças de publicidade ou livros didáticos. Isso significa que seu impacto na conversão da mídia para o formato digital pode ser maior do que o observado até agora com o Kindle. O impacto mais forte, porém, é esperado no campo dos livros didáticos. É nesse segmento que os recursos de interatividade, como a possibilidade de consultar mapas e fazer pesquisas *online*, pode mudar mais rapidamente o mercado.

Assim como tem número tímido de leitores de livros impressos, o Brasil também é infante em relação aos livros digitais. O país tem um mercado potencial para os *e-books* formado por 5 milhões de pessoas - entre 3 e 4% da quantidade total de leitores de livros convencionais. Desses consumidores, um terço lê diariamente livros em formato eletrônico. Outro terço o faz semanalmente e o restante lê pelo menos uma vez por mês. Os números foram revelados pela pesquisa “Os leitores brasileiros e o livro digital”, feita pelo Observatório do Livro e da Leitura sob encomenda da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e apresentada durante o 1º Congresso Internacional do Livro Digital, realizado em São Paulo entre os dias 29 e 31 de março de 2010. A maior parte desses leitores utiliza o computador para ler ou imprime livros distribuídos gratuitamente pela internet. A pesquisa revelou que existe resistência dos leitores brasileiros em pagar por um título digital mais do que 25% do valor pago atualmente por um livro impresso. E só o fazem se a publicação estiver associada ao oferecimento de recursos adicionais, como pesquisas aprofundadas sobre o tema central da obra, *links* ou recursos em vídeo, por exemplo.

Dois fatores impedem o crescimento dos livros digitais no Brasil: o preço elevado dos leitores eletrônicos e a escassa disponibilidade de títulos em português. No entanto já existem diversos projetos pelo mundo para o lançamento de *e-readers* a preços populares, o que poderá mudar o cenário

em países como o Brasil. A esperança das editoras e livrarias é de que o *e-book* ajude a resolver o que é visto como o principal problema do mercado editorial brasileiro: o pequeno número de leitores. A pesquisa do Instituto Pró-Livro, "Retratos da Leitura no Brasil", demonstrou que os baixos índices de leitura no país estão relacionados a uma questão cultural e não financeira. Entre os não leitores, apenas 7% deles disseram não ler por falta de dinheiro.

Não queremos reduzir a questão da leitura no país a um tecnicismo, como se o problema fosse de suporte. Mas pelas suas potencialidades, aparelhos como esses poderiam estimular um novo tipo de leitura realizada pelos alunos em ambientes escolares, já parecida com aquela que é feita na internet, na qual se misturam textos com imagens e sons, *links*, etc. Podemos observar pelos dados das pesquisas quantitativa e qualitativa realizada na UniRadial-Estácio que os alunos lêem pouco, especialmente livros.

São estudantes pertencentes às classes populares, marcados por uma cultura audiovisual, moldada especialmente pelo consumo de mídia televisiva e pela internet. É importante também lembrar o nível de escolaridade dos pais. Nas entrevistas realizadas nas casas dos estudantes, com exceção de dois alunos, observamos uma ausência de livros e de locais para armazená-los. Dos alunos entrevistados, não houve citação sobre frequência de leitura de livros, embora alguns deles tenham afirmado que gostam de ler livros.

Percebe-se que esse baixo índice de leitura tem também relação com as práticas de ensino vigentes na UniRadial-Estácio. Todos os entrevistados indicaram o mesmo padrão de relação com o curso, no qual o professor passa o conteúdo programático em formato de apostila ou em apresentações montadas, dando a entender que não há incentivo por parte da instituição de ensino para que sejam buscadas outras referências bibliográficas. As pesquisas para os trabalhos também restringem-se quase exclusivamente à internet, como foi visto nos depoimentos. A maior parte dos estudantes entrevistados afirmouu não frequentar a biblioteca da instituição.

Pelas declarações dos estudantes, percebe-se uma postura muito dependente da figura do professor, com pouca autonomia[26]. Como afirmam

[26] O conceito de "autonomia" adotado aqui é aquele denominado "autoformação" por Geneviéve Jacquinot (1999). A autora atribui-lhe as seguintes características: saber se situar em um projeto de aprendizagem; saber escolher (ou ao menos situar) seus instrumentos de formação; saber se observar

Braga e Calazans (2001), frequentemente, na escola, assume-se que o estudante estará autônomo "automaticamente" a partir do contato com a interatividade com o computador e as redes informáticas. A internet tem este potencial. Mas a construção da autonomia não se dará de forma automática pelo simples uso da tecnologia ou do uso das mídias. Aqui é preciso uma ação específica da instituição de ensino para auxiliar a construção progressiva desta autonomia, conforme analisaremos no capítulo seguinte.

Ao verificar os hábitos e consumo de mídia dos alunos neste capítulo percebemos que a televisão está perdendo espaço para a internet, até mesmo pela amplitude de tarefas possíveis de serem realizadas com o uso e apoio desta mídia (pesquisa acadêmica, leitura de jornais, busca de informações, troca de e-mails, participação em redes sociais, download de arquivos de músicas e/ou filmes, jogos, etc). Isso não quer dizer, entretanto, que a internet tenha simplesmente substituído os outros meios na vida dos estudantes. As velhas mídias vão se reconfigurando com as novas dentro de um ecossistema comunicacional cada vez mais complexo. Ele gera uma textualidade chamada por Martín-Barbero (1987) de *palimpsesto*, isto é, uma linguagem híbrida nas formas culturais, gêneros narrativos e códigos de linguagem, que se utiliza de suportes diversos, combinando texto, imagem e som.

> Quando se fala em palimpsesto há algo que vai além do hipertexto, pois não é apenas o aspecto tecnológico do instrumento com seus comandos, aplicativos e funções que está em questão. Mas sim suas dimensões técnicas em relação aos seus aspectos sintáticos e, sobretudo, semânticos. (OROFINO, 2005, p. 78)

À escola cabe ficar atenta a esse fenômeno e incorporar também em suas práticas essa complexidade imposta pela miscigenação dos textos impressos (sejam em livros ou em novos formatos, como os *e-books*) com as videotecnologias e as redes digitais. Como afirma Orofino (2005, p. 132), "a escola precisa de uma pedagogia que responda aos imperativos e requisitos do tempo histórico em se insere."

---

agindo; saber gerir o seu tempo; saber se avaliar; saber pedir ajuda; saber explicitar suas questões, suas perguntas; saber trabalhar com os outros e compartilhar seus saberes.

Capítulo 5

Práticas pedagógicas e o encontro entre Comunicação e Educação

Como já se verificou, os alunos que fizeram parte desta pesquisa são oriundos das classes populares, residem em áreas periféricas da região metropolitana de São Paulo, reconfiguram parte de sua identidade a partir de seu ingresso no ensino superior e do valor simbólico que tal fato tem para eles e suas famílias, especialmente por pertencerem à primeira geração, em seu âmbito familiar, que teve acesso a um curso superior. É também um estudante imerso na sociedade contemporânea, marcada pela forte presença da mídia. Sendo assim, ele consome veículos de comunicação impressa, lê livros, assiste televisão, mas principalmente e, sobretudo, utiliza a internet como meio de comunicação, socialização e veículo de acesso à informação e ao conhecimento. Portanto, mais do que mergulhado em uma cultura audiovisual, é um executor daquilo que Citelli (2006) chama de *linguagens complexas*, habituado a lidar com a descentralidade, fragmentação, volatilidade, interatividade, não-linearidade e diversidade de signos (verbais, imagéticos, sonoros) característicos do hipertexto e da internet (KOCH, 2003).

Acreditamos que esses fatos lançam enormes desafios para a instituição de ensino na qual Os alunos estão estudando, no sentido da sua formação acadêmica, social e cultural. Sendo assim, pretendemos neste capítulo final questionar de que forma os hábitos de consumo e uso de mídia dos estudantes rebate de alguma maneira nas práticas educativas vigentes na instituição em que estão matriculados. As questões a serem debatidas são: seu perfil cultural, social e midiático encontra ressonância nas atividades acadêmicas realizadas na UniRadial-Estácio? As relações entre a Comunicação e Educação podem permitir algum “ganho” para este aluno? Seria possível ou desejável a instituição de ensino reoganizar suas práticas lançando mão de recursos comunicacionais e midiáticos ou reavaliar o uso que já faz deles?

Theodor Adorno, em *Educação e Emancipação*, fala da importância de uma educação transformadora, que conscientize os sujeitos e lhes dê

condições de auto-reflexão, de exercer a crítica. O autor defende uma educação voltada para a conscientização e posterior emancipação do sujeito, e isto se daria pela reflexão que conduz à transformação. Para ele, a auto-realização acontece de forma dinâmica, dialética e interna.

Educação e Emancipação reúne quatro conferências redigidas pelo próprio Adorno, além de conversas com Helmut Becker e Gerd Kadelbach, produzidas em parceria com a Divisão de Educação e Cultura do Estado de Hessen, cuja série "Questões educacionais da atualidade" foram realizadas no período de 1959 a 1969.

O objetivo da educação, para Adorno, é evitar o retorno à barbárie, o que ele repete incansavelmente. O mundo burocrático, mercantil, competitivo, nos rodeia. Adorno utiliza a expressão "mundo administrado" para dar conta desta realidade.

Em seu artigo "Educação Após Auschwitz", Adorno reforça o papel "preventivo" da educação para evitar a barbárie. Em textos posteriores do mesmo livro, avança em suas reflexões para o tema da emancipação:

> A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia [de H. Becker], se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. (ADORNO, 1995, p. 141-142).

A emancipação, na perspectiva de Adorno, não se refere apenas ao indivíduo como entidade isolada, mas fundamentalmente como um ser social. Ela é pressuposto da democracia e se funda na formação da vontade particular de cada um, tal como ocorre nas instituições representativas. É preciso supor, para evitar um resultado irracional, que cada um possa se servir de seu próprio entendimento. A emancipação é a formação para a autonomia,

mas ela só pode ser bem sucedida se for um processo coletivo, já que na nossa sociedade a mudança individual não provoca necessariamente a mudança social, mas esta é precondição daquela. A educação deve contribuir, portanto, para o processo de formação e emancipação, colaborando para criar condições em que os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia.

Na obra de Adorno, estes aspectos se apresentam em diversas ocasiões, como no debate radiofônico "Educação – para quê?" publicado em *Educação e Emancipação*:

> Penso sobretudo em dois problemas difíceis que é preciso levar em conta quando se trata de emancipação. Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos é a ideologia dominante – hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria –, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão intensa sobre as pessoas que supera toda educação. [...] No referente ao segundo problema [...] emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade [...] A educação seria impotente se ignorasse a adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém seria questionável igualmente se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, em consequência do que a situação existente se impõe no que tem de pior. (ADORNO, 1995, p. 143)

O que Adorno nos coloca é que o mundo dos homens é organizado de determinada maneira e é preciso decifrar as condições e os condicionantes que causam seu modo de ser. A emancipação como "conscientização" é a reflexão racional pela qual o que parece ordem natural, "essencial" na sociedade cultural, decifra-se como ordem socialmente determinada em dadas condições da sociedade.

Sendo assim, a educação, para ser efetiva, deve se opor à sociedade material presente. A emancipação é elemento central da educação. Neste sentido, é preciso aplicar toda energia para que "a educação seja uma *educação para a contradição e para a resistência*" no existente, para se contradizer e resistir como modo de ir além do plano da reconstrução cultural. Por exemplo (...) "mostrando-se aos alunos as falsidades" presentes na vida da sociedade culturalmente construída e "despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente" (ADORNO, 1995, p. 181-183).

Braga e Calazans (2001) destacam que a educação tem uma missão paradoxal: por um lado, tem a função de sedimentar os conhecimentos e valores desenvolvidos na sociedade e assegurar sua manutenção no tempo, através de sua passagem às novas gerações. No entanto, é também agente de mudança, devendo voltar-se para a correção de injustiças, superação de desigualdades, crítica do estabelecido ou ainda simplesmente para a preparação para lidar com o “novo”.

Dalbosco (2008) aponta que o conceito de indústria cultural desenvolvido por Adorno hoje relaciona-se muito com o conceito de indústria educacional, que está na base do diagnóstico sobre o processo acelerado de privatização mercantil da educação superior no Brasil, já bastante discutido neste trabalho. O conceito de indústria cultural, embora esteja subentendido nos textos de Adorno e Horkheimer dos anos 1930, aparece, de forma sistemática, na *Dialética do Esclarecimento*. Com essa obra, os autores aspiram entender por que a humanidade, contrariando previsões otimistas de alguns iluministas modernos, em vez de progredir parece estar regredindo a uma nova fase de barbárie. Adorno e Horkheimer demonstram que a principal causa de tal regresso reside no monopólio exercido por uma racionalidade de tipo instrumental, que, ao assumir a lógica do capitalismo moderno, e sendo sofisticada pelo aparato tecnológico constantemente inovado por essa mesma lógica, invade todas as formas de vida, transformando suas produções culturais em valor de troca, com fins eminentemente ideológicos, comerciais e lucrativos. Com a expressão “indústria cultural”, Adorno e Horkeimer querem dar conta daquele amplo processo no qual a cultura é transformada em mercadoria no capitalismo tardio e comercializada em grande escala.

Portanto, o conceito de indústria cultural assume, de acordo com Adorno, uma dupla finalidade: ideológica, no sentido de exercer o controle social, submetendo os membros da sociedade aos interesses e ao modo de pensar dos grupos dominantes; e econômica, na medida em que a comercialização capitalista da cultura tornou-se uma poderosa fonte de lucro para grandes monopólios financeiros, considerando que a sociedade de massa permitiu a formação de um amplo mercado consumidor de bens culturais.

Dessa dupla finalidade, principalmente a função ideológica atribuída por Adorno ao conceito de indústria cultural foi alvo de muitas críticas, uma vez

que, verificou-se mais tarde, os interesses e experiências pessoais do público podem não coincidir necessariamente com os da indústria cultural. Adorno ignorou também a capacidade de ressignificação própria do público diante do consumo de determinado bem cultural. Finalmente, há que se ressaltar que o arcabouço teórico elaborado por Adorno tinha como contexto histórico a República de Weimar, o nazismo e fascismo. (DALBOSCO, 2008)

Do ponto de vista teórico, há anos não se fazem mais generalizações apocalípticas sobre a homogeneização do mundo e a total "manipulação" do público. Em contrapartida, também foram abandonadas as idealizações românticas que, no pólo oposto, viam cada pessoa mantendo uma relação única e de resistência por conta de uma subjetividade incondicional. A partir das contribuições de Martín-Barbero e outros foram redescobertas as inserções culturais dos receptores, que utilizam sua vivência, sua identidade cultural, como mediação para interpretar os produtos midiáticos.

No entanto, como Dalbosco (2008) afirma, essas objeções não invalidam o aspecto que forma o núcleo do conceito de Adorno, isto é, a finalidade econômica que o sustenta.

> Não só não houve perda de validade desse fenômeno, como a indústria cultural ampliou, gigantescamente, sua finalidade econômica para outros âmbitos da esfera cultural, âmbitos ainda pouco expressivos na época de Adorno. O fenômeno mais recente e que mostra a atualidade desse aspecto do conceito de indústria cultural é a mercantilização irracional e desenfreada da educação e, de modo especial, do ensino superior no Brasil, configurando o que se pode chamar, conceitualmente de indústria educacional. (DALBOSCO, 2008, p. 193)

De acordo com o autor, a indústria educacional denota a forma pela qual o capital invade a educação, apropriando-se de instituições de ensino, interferindo diretamente no processo formal de ensino-aprendizagem, submetendo o aspecto pedagógico às leis de mercado e, portanto, às suas leis de valor e lucro. Ou seja, escolas, faculdades, universidades, alunos e professores tornam-se parte do complexo empresarial dominado por grandes corporações privadas, as quais se transformam em verdadeiras agências comercializadoras do ensino, visando exclusivamente o lucro.

O que se verifica é a invasão da lógica econômico-mercantil no âmbito da educação, impondo sua forma de mercadoria ao processo pedagógico e transformando o ensino superior em negócio rentável. Com isso, processos formativo-educacionais são submetidos e absorvidos pela lógica econômico-lucrativa e o ensino é transformado em mercadoria.

Gruschka (2008) reitera o argumento, ao afirmar que a sistemática subsunção da Educação à Economia se sobrepõe às questões relativas ao ensino e à aprendizagem, uma vez que há um encolhimento do sentido acadêmico na pesquisa e na docência, graças à sua crescente mercadorização. De acordo com ele, há muitas práticas na escola e no nível superior demarcadas pela indústria cultural. Isso é visível nas metas e *slogans* de diversas instituições de ensino superior.

> Com tais procedimentos não vemos apenas o mimetismo dos empreendimentos econômicos, mas a transformação de seu conteúdo em mercadoria. Como mercadores da cultura, a tendência é eles se transformarem em empreendedores da *indústria cultural*. (GRUSCHKA, 2008, p. 175)

Nesse processo, estaria ocorrendo uma deformação interna da formação como conteúdo e processo, tanto no plano mais geral quanto na prática pedagógica diária da escola.

É importante deixar claro aqui que não podemos desconsiderar por completo o conceito de indústria cultural adorniano e sua aplicação ao universo escolar, mas isso não significa que estamos adotando a “concepção fatalista” frankfurtiana de encarar a homogeneização promovida pela indústria cultural, que coloca em pólos opostos a “alta cultura” e o popular, num ponto de vista bastante elitista. Martín-Barbero (1997) alinha-se à perspectiva gramsciana ao afirmar que o popular não é uma resistência intrínseca, espontânea, que o subalterno oporia ao hegemônico, mas tampouco se restringe à pura dominação e reprodução. O autor certamente dialoga com a discussão frankfurtiana envolvendo a indústria cultural, embora veja limites nessa perspectiva, que condenava os receptores a uma espécie de atrofia e conformismo impostos pelos meios de comunicação de massa, que anulavam a consciência. O que Martín-Barbero propõe é uma nova percepção sobre o popular, “enquanto trama, entrelaçamento de submissões e resistências,

impugnações e cumplicidades.” (p. 266), que pode se dar, inclusive, pelo consumo.

Como já apontamos em capítulo anterior, a educação superior em instituições privadas também se transformou em um bem de consumo para as classes populares. Além disso, já vimos que os alunos que consomem esses cursos estão inseridos em uma cultura multimídia, na qual a internet tem um papel bastante relevante em suas vidas. O que queremos discutir agora é, de que forma isso rebate nas práticas educativas vigentes na instituição de ensino em que eles estão estudando, considerando que esta instituição específica está claramente inserida dentro daquilo que Dalbosco (2008) chama de indústria educacional.

De acordo com Moran (2000) há hoje nas instituições de ensino superior dificuldade em ensinar e uma parte desta dificuldade se deve à manutenção no nível organizacional e interpessoal de formas de gerenciamento autoritário, aliada à existência de pessoas e instituições que não estão acompanhando profundamente as mudanças na educação, faculdades e universidades “que buscam o sucesso imediato, o lucro fácil, o *marketing* como estratégia principal”, com o predomínio de metodologias pouco criativas (p. 28). Um dos elementos cruciais da “mudança na educação” à qual Moran (2000) se refere é a construção do conhecimento na sociedade da informação, na qual é necessário integrar aos processos educacionais os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, notadamente o computador e a internet, já que, de acordo com o autor, a informação é processada de forma hipertextual.

Orozco Gómez (2006) destaca três principais mudanças educativas provocadas pelas mídias e novas tecnologias: A primeira é a mudança da aprendizagem por influência das telas. Segundo o autor, o que se aprende nelas acaba frequentemente sendo mais relevante do que aquilo que se aprende em instituições educativas formais. A segunda alteração está nas fontes legitimadoras das aprendizagens: antes, o livro é quem detinha a última palavra. Agora, a última imagem está na tela. A visão torna-se legitimadora do que passa por ela, sem se importar se isso é verídico, valioso, inteligível ou simplesmente banal, falso, manipulador ou distorcido. E finalmente a terceira mudança está relacionada ao deslocamento da autoridade: os alunos

questionam os saberes enciclopédicos dos professores, esvaziados de significado, diante da abundância representacional e policromática dos ecossitemas comunicativos. Estão sendo confrontados, então, tanto o saber-acervo estabelecido em bibliotecas e instituições quanto o saber-memória do professor e, claro, o livro.

O mesmo autor sustenta que as instituições educativas não compreendem a magnitude da mudança e insistem, teimosamente, em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Isso aparece em depoimentos de alunos da UniRadial-Estácio que foram entrevistados. O uso do e-mail entre alunos e professores, por exemplo, simplesmente substituiu as tradicionais pastas que eram deixadas nas copiadoras. Todos os alunos entrevistados afirmaram que os professores mandam textos e/ou apostilas para o grupo de e-mail da classe. Evidentemente, nada há de condenável nesta prática, ela apenas aponta um uso aquém das possibilidades da mídia utilizada. Abaixo, os depoimentos dos estudantes sobre o tema:

> A gente teve que criar, inclusive, um e-mail de classe porque todos os trabalhos e apostilas de classe é tudo passado por e-mail. Então não tem como você não ter acesso. Você tem que ter, você tem que acessar, usar a internet pra faculdade porque tudo é passado por e-mail. Eu acho muito bom, acho bem mais fácil. (Entrevista 4)

> Os professores mandam tudo por e-mail. Eu acho que facilita. É muito difícil alguém não ter acesso a e-mail ultimamente. É muito mais fácil assim, tem umas pessoas que falam que é muito mais fácil se deixar na xerox da faculdade, mas os próprios professores preferem mandar por e-mail. (Entrevista 6)

No que se refere à apropriação (ou não) das tecnologias pela escola, não podemos esperar que isso aconteça na mesma velocidade em que elas surgem e se consolidam em outros ambientes e contextos, como o doméstico ou o do mundo do trabalho. A escola, normalmente, é mais lenta nesses processos de assimilação. Orozco Gómez (2006) fala de uma “síndrome de recomposição”, mais do que apenas des-ordenamentos das agendas cotidianas dos atores sociais, à medida que eles vão se apropriando ou se acomodando às últimas tecnologias, que pode ser conceituado como “migração

digital”. De acordo com ele, esse processo pode se prolongar por extensos períodos.

> Cada vez mais setores vão sendo incorporados e, incorporando outras tecnologias, vão passando de um ambiente a outro, mas sem abandonar completamente o ponto de partida. Em todo esse trânsito, cheio de hibridações e motivado pelas mudanças tecnológicas, há de se destacar que os resultados não são imediatos, justamente porque não só o instrumental está envolvido neles, mas sobretudo o sociocultural, e no caso que nos interessa, também e especialmente, o perceptivo (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 85).

Os depoimentos dos alunos deixam claro que o uso da tecnologia na UniRadial-Estácio é bastante operacional, no qual o e-mail substitui a pasta do Xerox e os serviços *online* (notas, faltas, comunicados, boletos) substituem a secretaria. É claro que além disso, também são disponibilizados aos docentes *datashows*, TVs e DVDs para apresentações em algumas aulas, bem como o uso de laboratórios de informática nas disciplinas cujo objetivo pedagógico estiver relacionado ao uso de determinados *softwares*. Todos os computadores da instituição também são conectados à internet. Embora seja um uso meramente instrumental, os alunos apreciam as facilidades, como destaca o depoimento abaixo:

> Na faculdade a gente tem o portal universitário e você escolhe e você tem acesso a todo andamento de todas as disciplinas. E lá tem uma área que os professores podem colocar que a gente pode baixar apostilas, planilhas, plano de aula. Aí eles colocam no site e a gente vê. A gente baixa e tem o material em mãos. Eu acho bom, facilitou, economiza papel. (Entrevista 2)

No entanto, quando o uso da tecnologia e dos meios de comunicação está relacionado ao processo de ensino-aprendizagem, há queixas dos alunos como esta:

> [Falta] um *power point*, um vídeo a gente precisa ver, porque às vezes só pela teoria você não consegue assimilar. Você quer ver em vídeo o que o professor falou, falta um pouco isso. É só isso lousa, lousa, lousa, às vezes dá uma canseira. Você ali sentado, aquela sala enorme, o professor falando, é complicado. (Entrevista 3)

Braga e Calazans (2001) destacam que a escola sofre a concorrência e a atração dos processos midiáticos, encontrando dificuldades para se colocar

como espaço de maior relevância para a vida futura do aluno. Os alunos consideram enfadonhos os processos habituais da escola – reflexão, argumentação, estabelecimento de relações racionais entre fatos e entre conceitos, sistematizações amplas, memória histórica, processos cumulativos de longo prazo – quando comparados aos processos midiáticos: imagem, som, espetáculo, sedução, narratividade, singularização de conceitos em torno de ocorrências visualizáveis, redução do espaço argumentativo, atualização informativa exacerbada.

Além disso, a escola e a universidade têm horários fixos, turnos determinados, lugares certos. Em certa sentido, mantêm-se como redutos da instrução e da preservação da cultura e das tradições. Voltada ao passado e resistente a olhar todo o presente, a escola atual vê ameaçado seu futuro diante do sempre presente midiático-informático, inovador e sem horários, fato possível pelas mais recentes tecnologias da informação. A esse referencial pode-se ter acesso em qualquer momento e quase de qualquer lugar, não tendo de se fazer deslocamentos físicos.

Canclini (2008, p. 24) argumenta que os jovens hoje também aprendem a ler e a ser espectadores sendo telespectadores e internautas, no entanto, o autor afirma que a oferta maciça de informações disponível na internet não oferece critérios para selecionar e hierarquizar. São processos que o Google e o Yahoo não fazem, nem sequer garantem a confiabilidade da informação. Citelli (2008) corrobora, afirmando que o vasto e diversificado universo de escolhas proporcionado pelo hipertexto digital, torna imprescindível que o navegador desenvolva o discernimento:

> O desafio é escolher os temas, ampliar a pesquisa em torno deles, dispô-los em tópicos que conheçam progressão, circundar a ingenuidade legitimadora de materiais que por estarem na rede merecem acesso e abono. [...] O desenho de uma nova competência pragmática resulta do fato de ser imperativo recortar tópicos, agir com e sobre a linguagem, ordenar redes de sentido, formular recursos expressivos. (p. 133-134)

O autor destaca que a capacidade de discernir não é a mesma nos textos falados ou escritos ou no hipertexto, uma vez que este “facilita idas e vindas sem restrições hierárquicas, admitindo saltar de um a outro discurso,

proporcionando cortes e recortes" (CITELLI, 2008, p. 133). Sendo assim, ele exige que o navegador tenha habilidade para saber o que serve, o que é crível, pertinente, passível de inclusão numa determinada ordem textual que está sendo construída.

É preciso que haja a intencionalidade de procedimentos refletidos, elaborados e interpretativos, que possam ir além do uso meramente operacional dos recursos midiáticos. Fazer seleção de materiais em sites da Internet, por exemplo, é algo feito por quase todos os alunos atualmente. No entanto, essa é uma competência meramente operatória. A partir daí, seria necessário desenvolver nos estudantes a capacidade de interpretar o material selecionado e mais ainda relacionar este material, com pertinência, a uma situação-problema recortada pelo indivíduo no seu entorno social e interacional, ou seja, contextualizar aquela informação. O desafio da instituição de ensino, então, é auxiliar a transformar a informação em algo significativo, em conhecimento propriamente dito. Esse é o verdadeiro significado de aprender, inclusive na visão de Paulo Freire, um processo que, fundo, relaciona-se com a tomada de consciência e não com treinamento ou instrumentação, tendo como objetivo as transformações pessoais e sociais.

Sendo assim, o papel da instituição de ensino é ajudar a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do referencial dos estudantes. Embora, como já destacamos em capítulos anteriores, os alunos entrevistados neste trabalho utilizem com quase exclusividade a internet para realizar suas pesquisas acadêmicas, por seus depoimentos não parece haver um trabalho pedagógico na UniRadial-Estácio no sentido de desenvolver essa imprescindível capacidade de seleção e contextualização dentro da quantidade gigantesca de informações disponíveis na *web*. E ela não se desenvolve simplesmente em decorrência de se aprender operatoriamente a fazer seleções e percursos.

5.1. Internet e EAD na UniRadial-Estácio

Um outro desafio que se apresenta para as instituições de ensino como a UniRadial-Estácio é a educação a distância (EAD), uma das áreas de

interface entre a Comunicação e o Campo da Educação, em que se observa um desenvolvimento crescente nos últimos 50 anos e que viu nascer e crescer uma série de novas possibilidades com o advento e consolidação da internet.

Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente, embora possam estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a internet. Há diversas visões de EAD. O E, por exemplo pode caracterizar “ensino” ou “educação”. Na expressão “ensino a distância” a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância). Já palavra “educação”, mais abrangente, dá conta tanto do processo de ensino, cujo protagonista clássico é o professor, como também da aprendizagem, centrada no aluno. Hoje temos a educação presencial, semi-presencial (parte presencial/parte virtual ou a distância) e educação a distância (ou virtual). A presencial é a dos cursos regulares, em qualquer nível, onde professores e alunos se encontram sempre num local físico, chamado sala de aula. É o ensino convencional. A semi-presencial acontece em parte na sala de aula e outra parte a distância, através de tecnologias. A educação a distância pode ter ou não momentos presenciais, mas acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e ou no tempo, mas podendo estar juntos através de tecnologias de comunicação.

Na UniRadial-Estácio há uma série de disciplinas que estão sendo ministradas “virtualmente”, utilizando como suporte um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no qual os alunos têm acesso a vídeo-aulas (que são geradas de um estúdio do Rio de Janeiro para todas as unidades do Brasil pertencentes ao grupo educacional), páginas de textos e outros materiais, bem como fóruns de discussão.

A escola estabelecida historicamente é basicamente presencial. Ela tem se organizado socialmente em torno de alguns componentes “tradicionais”: o professor, a sala de aula, a escola, o livro. Braga e Calazans (2001, p. 71) destacam que a escola é um ambiente marcado pela presença física de alunos e professores, juntamente com os materiais utilizados e também por ser o espaço em que, fisicamente, ocorrem os processos e as relações pedagógicas principais. As atividades externas a esse ambiente (como trabalhos para serem realizados em casa) são referidas diretamente a ele e controladas a partir daí.

No entanto, atualmente, a educação – e especialmente o ensino superior – caminha para um sistema de ensino híbrido, com o uso de ambientes virtuais em conjunto com as aulas presenciais. Isso está ocorrendo tanto em IES particulares quanto públicas. Em março e abril de 2010, por exemplo, a Capes publicou um edital intitulado *Fomento ao Uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) nos Cursos de Graduação*, cujo objetivo é incentivar a integração e a convergência entre as modalidades de educação presencial e a distância nas instituições públicas de ensino superior federais e estaduais integrantes do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)[27]. O apoio consiste no fomento a projetos de uso das tecnologias de comunicação e informação nos cursos de graduação presenciais, para que desenvolvam parte de sua carga horária na modalidade a distância. Cada IES podia apresentar uma única proposta, que devia agregar o maior número de unidades de ensino, professores e alunos, e deveria conter um ou mais projetos, conforme a linha de financiamento desejada. O apoio podia ser solicitado para implantação de uma plataforma virtual de comunicação e aprendizagem, que devia ser de código aberto; oferta de disciplinas com uso de tecnologias de informação e comunicação para cursos de graduação presencial; produção de conteúdos educacionais e materiais didáticos baseados no uso de tecnologias de informação e comunicação voltadas para o ensino superior; capacitação e atualização de docentes e técnicos no uso de tecnologias de comunicação e

[27] A Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal. O Sistema UAB foi instituído pelo governo federal, por meio do Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006 para "o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País". Fomenta a modalidade de educação a distância nas instituições públicas, notadamente as universidades federais, bem como apóia pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior respaldadas em tecnologias de informação e comunicação. O governo do Estado de São Paulo tem outro projeto de ensino a distância, a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), com cursos de graduação ofertados pela Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual Paulista (Unesp) e a Universidade de Campinas (Unicamp). O programa estadual está sendo desenvolvido com tecnologias de informação e de comunicação, como internet e TV, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp), da Fundação do Desenvolvimento Administrativo Paulista (Fundap) e da Fundação Padre Anchieta (FPA).

informação voltadas para a gestão, o design, a produção e o uso de ferramentas para a educação a distância.

Uma das articulações mais evidentes entre a área de Comunicação e a Educação, como é sabido, refere-se ao uso de meios nos processos formais de ensino, presencial e a distância. Braga e Calazans (2001) afirmam que essa interface, ao trabalhar com materiais frequentemente trazidos ou produzidos fora da escola, passou a incluir em suas preocupações a dimensão cultural, ampliando o conceito de aprendizagem no sentido de que vida e conhecimento se interpelam. As atividades de educação a distância, igualmente envolvidas neste ângulo, intensificam esta percepção pela ampliação dos meios e dos públicos atingidos.

Os autores acreditam que ao trazer os meios para a sala de aula e ao gerar produtos e processos para Educação a distância, o sistema escolar lentamente vai desenvolvendo suas próprias competências para compreender a sociedade midiatizada e para interagir com ela – e, portanto, gera conhecimentos e processos que serão fornecidos aos seus estudantes. Desta forma, indiretamente, a escola também *educa para os meios*. Braga e Calazans (2001, p. 59) ressaltam, entretanto, que o desafio é maior do que simplesmente obter a inclusão de tais procedimentos na escola ou até mesmo "disciplinas" com este objetivo, mas sim de determinar, através de que processos, com que critérios e objetivos, a escola pode trabalhar tais questões de modo efetivamente útil e intelectualmente enriquecedor.

A EAD via internet traz uma série de novos questionamentos também para o docente. Ser professor *online* é um trabalho novo, passível de desafios específicos e algumas incertezas. O docente que se dedica a desenvolver práticas pedagógicas por meio de ambientes virtuais *online* enfrentará, sem dúvida, diversos desafios de ordem educacional e tecnológica. Nesses ambientes, ele assume novos papéis e funções, os quais apresentam semelhanças e diferenças em relação àqueles próprios da sala de aula convencional. No entanto, não é objetivo deste trabalho entrar nesta discussão; embora concordemos que ela seja pertinente, deve ser analisada sob outra circunstância e tratada em outro local. O foco de discussão aqui é o uso institucional das mídias no ambiente educacional, principalmente da internet,

que nesta instituição é utilizada para o ensino a distância de diversas disciplinas.

A educação a distância via internet não compreende apenas a organização de cursos, processos e sistemas que incluem (ou dependem essencialmente de) materiais disponibilizados por via midiática. Ela corresponde ao ingresso de atividades educacionais em espaços interacionais distintos daqueles habitualmente ativados em situações de predominância presencial. Nesse sentido, há um desafio cultural a ser vencido, uma vez que a sociedade tem, muito bem estabelecida, a "escola" (presencial), como espaço próprio do "educacional". E esse desafio só será superado na medida em que as pessoas sintam que o esforço de se engajar em tais interações *online* tenha valor tanto na dimensão humana quanto social, na medida em que as atividades sejam estimulantes e resultem em efetiva aprendizagem.

Não é o caso do que está ocorrendo na UniRadial-Estácio. Avaliando a familiaridade, uso e importância dada à internet pelo alunos da instituição já demonstrados em capítulos anteriores, era de se esperar que as aulas *online* seriam facilmente assimiladas e até mesmo apreciadas pelos estudantes. No entanto, nos depoimentos obtidos nas entrevistas, os alunos foram unânimes nas críticas a essas disciplinas. Praticamente todos eles afirmam odiar a aula virtual.

Há distintas razões apontadas por eles. Muitos estudantes afirmam que não gostam da aula *online* porque não conseguem tirar as dúvidas com o professor, como fazem na aula presencial (*eu prefiro presencial, aí você tem o professor ao vivo, falando com você, tirando dúvidas na hora, pode esclarecer tudo na hora. E aí a explicação é mais fácil, e sozinho a interpretação é mais difícil*). Conforme já destacamos, há pouca autonomia do aluno, que muito provavelmente se habituou, ao longo de toda sua trajetória escolar, ser conduzido passivamente pelas aulas expositivas dos professores. Braga e Calazans (2001) apontam que, em relação à didática nas situações de EAD, uma parte do direcionamento sobre os materiais educacionais deixa de pertencer ao professor e passa diretamente ao aprendiz. Isso corresponde a uma passagem da situação de aprendiz para a situação de *usuário*. Os autores destacam que esse usuário tem mais autonomia nesse processo, ainda que ela seja relativa, uma vez que o material preparado para as "aulas" a distância,

inevitavelmente carrega uma parte dos direcionamentos e proposições necessários para seu próprio uso. Isso quer dizer que os materiais educativos para o uso em situação midiatizada são mais diretivos, mesmo quando interativos, que os materiais educativos elaborados para o ambiente escolar face-a-face. Até porque, no contexto presencial, a figura do professor encarrega-se do direcionamento. Os autores dizem que uma total flexibilidade hipertextual, em que o estudante não seja apoiado em seus percursos e se limite a encaminhamentos erráticos, "pode até ser divertida, mas arrisca ser também dispersiva e resultar em parca aprendizagem." (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 85)

A crítica dos alunos às aulas virtuais também está relacionada ao fator da sociabilidade, que, de acordo com diversos estudantes, é fundamental para sua aprendizagem. Essa sociabilidade envolve tanto a relação professor-aluno, como também as relações aluno-aluno (*as apresentações das aulas são dinâmicas, mas nada que se compare ao professor explicando, fazendo atividade em sala ou alguma coisa, a presença humana, tirando dúvida de aluno, nada que se compare a isso / Tem fóruns ali, mas as pessoas não participam / O que eu mais gosto na faculdade é o relacionamento mesmo. Isso também eu sinto falta na aula online. É isolado, não tem contato com as pessoas*). E o ambiente virtual, pelo menos da forma em que é utilizado nesta instituição, não permite isso.

Um terceiro motivo apontado pelos estudantes como desmotivador da aula a distância é a dispersão provocada pelo próprio computador/internet (*ligo o computador e acabo, sei lá, desviando a atenção com música, aí eu não faço a aula*). A flexibilidade de horário e local que a aula virtual permite, em princípio algo vantajoso, é indicada também como um obstáculo pelo aluno, dada sua condição de vida difícil em relação ao tempo, locomoção, divisão do trabalho e estudo, conforme já visto em capítulo anterior (*se eu não vou pra faculdade fazer aula, eu vou pra casa, se eu estou em casa vou fazer o quê? Vou dormir mais cedo, pra aproveitar um pouco mais e aí acabo não fazendo a aula. Ou seja, se eu estivesse na faculdade, por mais que eu estivesse cansado, eu tinha uma aula presencial, eu tinha que estar ali*).

Também são apontadas como fator de resistência às aulas a distância as dificuldades de aprendizagem propriamente ditas (*via internet, você recebe*

o conteúdo, lê e às vezes você não consegue entender. Na leitura tem gente que tem dificuldade e aí fica por isso / Em todas as matérias eu tenho dificuldades e se tiver qualquer uma das aulas online como que será? / Presencial é melhor. Depende também da matéria, a online se for uma coisa que não precise de muito direcionamento, de muita explicação, tudo bem. Mas se for uma coisa como a minha, que precisa de cálculo... aí quem vai ensinar fazer os cálculos? / Eu acho que é uma matéria muito complexa para ser pela internet). O raciocínio é "se eu já não consigo aprender direito com o professor presente, como farei isso sozinho?" Moran (2000, p. 13), afirma que:

> Ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas também é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho, dentro do que está previsto para a maioria. A sociedade ensina. As instituições aprendem e ensinam. Os professores aprendem e ensinam. Sua personalidade e sua competência ajudam mais ou menos. Ensinar depende também do aluno querer aprender e <u>estar apto a aprender em determinado nível (depende da maturidade, da motivação e da competência adquirida)</u>. [grifo nosso]

Mas o que sublinha todas essas críticas é, fundamentalmente, o modelo do ensino a distância adotado pela instituição, calcado em uma racionalidade puramente econômica, que se traduz em uma centralidade monológica e unidirecional no processo de ensino-aprendizagem, fechando as possibilidades de um verdadeiro diálogo entre alunos e professores/instituição. A EAD parece ter sido estabelecida na UniRadial-Estácio de forma que seja possível ter ganhos de escala inimagináveis com as aulas presenciais. Afinal, um único professor de um estúdio do Rio de Janeiro consegue ministrar aulas para milhares de alunos espalhados pelo Brasil (*Toda nossa aula vem do Rio, porque a Estácio comprou a UniRadial. Às vezes a gente faz uma pergunta para o professor e ele demora muito tempo pra responder*). Os depoimentos dos estudantes revelam que o nível de interatividade é baixo justamente porque não há condições de atender com rapidez dúvidas ou questionamentos de tantos estudantes ao mesmo tempo. (*A faculdade coloca pra todas as faculdades do Brasil o mesmo conteúdo, aí a gente tem um professor, como se fosse um instrutor, ele entra lá e faz uma pergunta no fórum e tem que responder. E toda vez que você termina de responder uma pergunta ele vai*

dando sequência. Mas o fórum é complicado, ele não dá conta de responder, ele só faz assim: "OK, CONTINUE", mas e aí? O que é que a gente tem que desenvolver? Ele tem que focar, colocar se a gente tem que melhorar. / Dá para interagir, mas é um processo mais demorado, você manda a pergunta, tem que aguardar a resposta. / Você tem que passar a dúvida pro professor por e-mail, até ele responder demora um pouco, muitas pessoas perguntando demora pra tirar as dúvidas.) Não há, na verdade, uma relação dialógica. Citelli (2000, p. 130) aponta que a questão discursiva está fortemente relacionada à da política. De acordo com ele, o procedimento dialógico liga palavra e poder, discurso e lugar de sua constituição, direito ao exercício da linguagem e formação da cidadania.

Abaixo, os depoimentos completos dos alunos sobre as disciplinas *online* que corroboram os pontos levantados acima:

> Aula à distância é *online*, eu odeio. Porque você perde todo o contato com o professor, é diferente o professor lá, na hora você imagina uma coisa e já questiona, conversa com o colega do lado é uma coisa mais dinâmica ali. Na aula a distância, via internet, você recebe o conteúdo, lê e às vezes você não consegue entender. Na leitura tem gente que tem dificuldade e aí fica por isso, apesar de ter um fórum lá, você não vai se expressar do jeito que você quer falar... as apresentações das aulas são dinâmicas, mas nada que se compare ao professor explicando, fazendo atividade em sala ou alguma coisa, a presença humana, tirando dúvida de aluno, nada que se compare a isso. (Entrevista 1)
>
> Aula presencial eu prefiro mesmo porque há o compromisso dos alunos. Você tem uma aula presencial, você é obrigado a ir todo o santo dia, numa aula *online* cada um faz do seu modo, no final de semana, se você sair, pronto, não fez aula essa semana... se eu não vou pra faculdade fazer aula, eu vou pra casa, se eu estou em casa vou fazer o quê? Vou dormir mais cedo, pra aproveitar um pouco mais e aí acabo não fazendo a aula. Ou seja, se eu estivesse na faculdade, por mais que eu estivesse cansado, eu tinha uma aula presencial, eu tinha que estar ali, era um incentivo a mais, uma obrigação a mais. Se eu ficar em casa, ligo o computador acabo, sei lá, desviando a atenção com música, aí eu não faço a aula, então perde todo o foco, quebra toda uma previsão. (Entrevista 1)
>
> A aula a distância é menos produtiva, mais lenta... Tem fóruns ali, mas as pessoas não participam. A aula presencial é mais rápida, mais dinâmica. (Entrevista 1)
>
> A *online*, não sei. Eu prefiro a presencial. Na terça feira eu tenho a aula *online*, que eu não preciso ir à faculdade de terça. Mas eu prefiro presencial, aí você tem o professor ao vivo, falando com você, tirando dúvidas na hora, pode esclarecer tudo na hora. E aí a explicação é mais fácil, e sozinho a interpretação é mais difícil. Na hora, lá com o professor ,você pergunta e ele

responde e na internet, não... dá para interagir, mas é um processo mais demorado, você manda a pergunta, tem que aguardar a resposta. É um processo mais demorado. (Entrevista 2)

Da aula *online* a gente reclama muito. Toda nossa aula vem do Rio, porque a Estácio comprou a UniRadial. Às vezes a gente faz uma pergunta para o professor e ele demora muito tempo pra responder, eu acho que o maior problema está sendo a aula *online*. [...] A faculdade coloca pra todas as faculdades do Brasil o mesmo conteúdo, aí a gente tem um professor, como se fosse um instrutor, ele entra lá e faz uma pergunta no fórum e tem que responder. E toda vez que você termina de responder uma pergunta ele vai dando sequência. Mas o fórum é complicado, ele não dá conta de responder, ele só faz assim: OK, CONTINUE mas e aí? O que é que a gente tem que desenvolver? Ele tem que focar, colocar se a gente tem que melhorar. São questões bem complicadas. (Entrevista 3)

Prefiro [a aula presencial]. Eu achei que eu fosse preferir *online*, hoje eu vejo que não, porque tem muita coisa pra desenvolver, não tem a discussão com o professor, onde a gente aprende muito. Talvez se tivesse alguns encontros durante o mês seria interessante, mas só *online*, assim, não está agregando nada. (Entrevista 3)

O que eu mais gosto na faculdade é o relacionamento mesmo. Isso também eu sinto falta na aula *online*. É isolado, não tem contato com as pessoas. Isso de ser *online* é muito chato. Às vezes você quer trocar uma informação, ouvir uma historia que o professor conta e tem muitos casos, eles contam muitas histórias e falta isso. É muito bom ouvir essas histórias, você passa a conhecer e colocar no cotidiano e é como se fosse uma experiência sua. (Entrevista 3)

Por enquanto eu ainda não tenho aula *online*, mas eu já estou sabendo que no próximo semestre eu vou ter. É um pouco complicado porque, por exemplo, cálculos como você tem uma aula de cálculos *online*? É complicado, nem pessoalmente, que dirá *online*. (risos) Tem muita gente de idade, então é muito ruim. Em todas as matérias eu tenho dificuldades e se tiver qualquer uma das aulas *online* como que será? Eu acho que é uma perda de tempo, não vale a pena e infelizmente no próximo semestre eu vou ter e eu já estou muito preocupada com isso. Então, você perde. Você está pagando por aquilo pra ter. Se eu quisesse aula *online*, eu pagava pra ter aula *online*. [...] (Na aula presencial) você tem a dúvida, você tira ali na hora. A aula *online* é dado o material e você tem que correr atrás. Ali não, você tem o professor, se está com dúvida naquilo, ele já tira suas dúvidas, dá exemplos, esclarece melhor a sua dúvida, porque a minha dúvida não é igual a das outras pessoas. Então assim, o professor está ali, ele já explica, te dá exemplos, até você entender. Ele vai te explicar até você entender, na aula *online*, não. (Entrevista 4)

Tem uma matéria um pouco complicada e eles colocaram como aula virtual, não tem professor pra explicar. A sala toda foi mal, eu até que eu não fui tanto, mas não tinha ninguém pra explicar, tem que fazer cálculo. Tá tendo muita briga na sala por causa disso. [...] Presencial é melhor. Depende também da matéria, a *online* se for uma coisa que não precise de muito direcionamento, de muita explicação, tudo bem. Mas se for uma coisa como a minha, que precisa de cálculo... aí quem vai ensinar fazer os cálculos? (Entrevista 6)

Uma matéria que eu não gostei foi da aula *online*. Dá pra você estudar legal *online*, dá pra estudar legal, mas seria melhor com professor em sala de aula

> mesmo. (Porque) as pessoas aprendem brincando na sala de aula, você faz uma brincadeira aqui e sai um conhecimento ali. Numa sala são 45 alunos e com a pergunta dos outros eu satisfaço a minha, uma que eu nem tenha em mente eu posso utilizar ela. No conhecimento da outra pessoa eu posso absorver. (Entrevista 8)

> Eu acho que é uma matéria muito complexa para ser pela internet. Eu não gosto da aula *online*. (Entrevista 9)

> Prefiro a aula presencial. Na minha opinião prejudica um pouco porque se você tem alguma dúvida da vídeo-aula você tem que passar a dúvida pro professor por e-mail, até ele responder demora um pouco, muitas pessoas perguntando demora pra tirar as dúvidas. Na aula presencial você está ali conversando com o professor, se tiver alguma dúvida, já tira. Melhor o método antigo. (Entrevista 10)

Orozco Gómez (2006) destaca que em nossa vida cotidiana há uma crescente dependência da tecnologia, em particular, da midiática e digital. Essa dependência, no entanto, está sendo explorada e enquadrada não por razões de desenvolvimento humano, mas, sim, essencialmente, por razões mercantilistas. Segundo o autor, os valores de eficiência e competitividade mercantil sustentam ou direcionam muitos dos avanços tecnológicos contemporâneos. E várias instituições de ensino superior particulares, como a UniRadial-Estácio, apropriaram os valores mercantis também quando incorporaram em suas práticas o uso das tecnologias no ensino a distância. É perceptível que não há o compromisso com um ensino que tenha um diálogo crítico com as realidades comunicacionais e tecnológicas, preocupado em fazer o aluno aprender a aprender.

A temática acima relaciona-se com uma outra questão central do ensino superior brasileiro em relação às suas práticas pedagógicas, que é a tensão entre a centralização e a descentralização. O tema ganha relevância quando tratamos dos gigantes grupos educacionais, como é o caso da Estácio Participações. Assim como outras empresas, em outros ramos da economia, processos centralizados normalmente implicam em ganhos de escala significativos. A centralização implica em planejamento, padrões universais, garantia de padrões gerais para todos, intercambialidade de locais, pessoas e processos. Já a descentralização envolve deixar a iniciativa aos estabelecimentos, aos professores, aos espaços vivenciados e concretos de realização de aprendizagem. Evidentemente que grandes grupos educacionais

de perfil mercantil, como a Estácio Participações, tendem a trabalhar com processos centralizados, especialmente no que se refere às práticas relacionadas ao ensino a distância. Ocorre que, como afirmam Braga e Calazans (2001, p. 53), a realização da aprendizagem é sempre local – assim, é preciso abrir espaço para esse nível de realização, uma vez que qualquer projeto educativo se materializa em atividades localizadas, vivenciadas por sujeitos específicos, espacial e temporalmente situados. A inserção do ensino a distância, com processos centralizados, torna a questão ainda mais complexa, pois seria necessário encontrar uma forma de abrir espaço para um nível de atividades locais, mesmo nas disciplinas centralizadas, que são ministradas via *web*.

Os meios de comunicação, mesmo e sobretudo a internet, não se colocam como um acréscimo de procedimentos "a distância" ao lado de uma escola "tradicional". Muito menos como uma sistemática substitutiva que viesse a eliminar a escola presencial. O que parece mais provável de ocorrer é uma reestruturação geral da complexidade dos modos de interação social educacional, para desenvolver redes e sistemas com maior diversidade que o atual "sistema escolar", reconfigurando práticas presenciais e o entendimento de procedimentos centralizados e descentralizados.

Braga e Calazans (2001, p. 80) argumentam que a escola não se sustenta mais como "lugar" isolado, em afastamento do social:

> Em uma sociedade pré-midiatizada era possível e valorizável pensar a escola como um espaço intencionalmente afastado dos ritmos do mundo, no qual os mestres e os aprendizes tinham vagares e distanciamento para se informar, refletir, desenvolver processos intelectuais e práticos, *aprender*; e então voltar ao convívio social para ativar aí seus conhecimentos e processos.

Hoje, isso não é mais possível, não só porque os ritmos e a própria velocidade são outros, como também as informações estão em toda parte e é preciso buscá-las e praticá-las onde estão. Sendo assim, se é possível prever a manutenção do lugar-escola, deve-se imaginar também que este será crescentemente utilizado como um ponto geográfico de referência e convergência, e menos como espaço à parte ou como local exclusivo de irradiamento das aprendizagens necessárias. E a educação a distância pode

ser um dos processos através dos quais a escola venha a desenvolver maior proximidade com a vida prática nos espaços sociais.

Canclini (2008, p. 17) sustenta que as disputas entre correntes sociológicas sobre quanto influem a família, a escola, a mídia, os empreendimentos culturais comerciais e não comerciais, são hoje reformuladas porque todos esses atores mudaram sua capacidade de aproximar-nos ou distanciar-nos das experiências. “Condicionamentos parecidos não geram gostos nem comportamentos semelhantes em pessoas que se socializaram na leitura durante a época da televisão ou na da internet.”

No entanto, a correlação entre a familiaridade dos estudantes com a *web*, a inclusão de disciplinas *online* via internet e o processo de aprendizagem e estímulo dos estudantes não é um processo automático, como vimos aqui. Simplesmente inserir um conteúdo via *web*, dentro de uma lógica de mercado, não produz resultados efetivos em termos de aprendizagem, ainda que os alunos estejam altamente inseridos em uma cultura midiática, governada pela internet e pelo hipertexto.

Se a internet está se transformando no principal espaço de socialização e até mesmo de construção de identidade, ou do “estar no mundo”, é imprescindível que as instituições de ensino superior aprendam a gerar experiências que ao mesmo tempo *incluam* processos via *web*, mas mais do que isso, os façam relevantes do ponto de vista educacional. Evidentemente que o mesmo raciocínio vale para a inserção de qualquer meio de comunicação no ambiente escolar, não apenas da internet. De acordo com Braga e Calazans (2001), isso significa ir além do ensino de técnicas mediáticas e da análise crítica de produtos da mídia. Refere-se à incorporação, pela escola, de “lógicas” e procedimentos, em seu funcionamento cotidiano, coerentes com esses “novos processos”. Seria preciso interagir socialmente em termos de conhecimento, criação e saber-fazer.

O ideal é que as interações comunicativas de finalidade educativa sejam ao mesmo tempo flexíveis e produtivas, envolventes e abertas, bem dirigidas e favorecedoras de autonomia. Não parece ser o caso do uso da EAD e das tecnologias midiáticas em geral na UniRadial-Estácio.

Seria necessário que o ensino oferecido no cenário privado ultrapassasse a mera transmissão de conhecimento e contabilização de

lucros, caminhando para a formação de indivíduos capazes de participar ativamente da vida em sociedade. Considerando que ela é, até certo ponto, moldada pela presença da comunicação, e educação superior não pode se restringir à mera “formação profissional”, ditada pela lógica organizacional do capital. Cabe a qualquer instituição de ensino que esteja de fato preocupada com a formação de seus alunos, equipar os estudantes a compreender a realidade comunicacional que os cerca na sociedade contemporânea, na busca de uma prática democrática coletiva.

Não se trata de ignorar os diversos envolvimentos que as instituições de ensino superior têm com as lógicas organizativas do capital. Citelli (2000, p. 140) afirma que elas são ao mesmo tempo “objeto e fornecedora dos recursos humanos que servirão aos diferentes setores operacionais, estratégicos ou de gerenciamento das instituições públicas e privadas.”

Canclini (2008) questiona se seria possível que escolas e universidades renovadas, com professores competentes novas linguagens, ajudariam a discernir o valor da informação e dos espetáculos, passar da conectividade indistinta ao pensamento crítico. Provavelmente, sim. A questão é que dificilmente um passo dessa natureza será dado por uma instituição de ensino mergulhada na lógica da indústria educacional, como é o caso da UniRadial-Estácio.

Há muitas e variadas formas e experiências possíveis para aproximar a Comunicação e a Educação. Entretanto, como vimos pelos depoimentos dos estudantes, as tecnologias não são uma vara de condão que possam, magicamente, transformar os processos de ensino e aprendizagem, ainda que as mídias utilizadas sejam conhecidas, utilizadas e apreciadas pelos estudantes fora do ambiente escolar. Como afirma Orofino (2005, p. 118), as tecnologias podem transformar “as relações educativas enquanto atividade coadjuvante em um projeto político-pedagógico dialógico, problematizador e aberto para novos modos de representação.” Ficou evidente aqui, que elas pouco têm a contribuir quando o projeto político-pedagógico serve a uma lógica marcadamente mercantil, reprodutivista e não-dialógica.

Conclusão

Em um mundo fortemente marcado pelos meios de comunicação, o setor educacional também passa por desafios e mudanças profundas. No Brasil, especialmente nos últimos 15 anos, o ensino superior viveu um período de enorme expansão, sendo que a maior parte das matrículas estão concentradas em cursos noturnos oferecidos por instituições de ensino particulares.

O que vimos nas páginas anteriores é um estudo de caso com um universo de alunos de um Centro Universitário privado da cidade de São Paulo, pertencente a um dos maiores grupos educacionais (em termos de alunos matriculados) do Brasil: a UniRadial-Estácio. Essa análise se realizou dentro dos limites da perspectiva comunicação-cultura-educação. Ao analisar os dados referentes aos estudantes, chegamos à conclusão que são alunos oriundos das classes populares, pertencentes à primeira geração, em suas famílias, a ingressar no ensino superior. Concluímos que são estudantes com précario capital cultural, no conceito que Bourdieu dá ao termo.

Vimos, também, que o acesso à faculdade tem um valor simbólico altamente relevante para tais alunos e para seus familiares, exercendo um papel de agente reconfigurador de sua identidade e inserção social. Esse processo de reformulação identitária ocorre, ainda, dentro da lógica de uma sociedade de consumo, que não exclui o conceito de cidadania, mas o torna mais complexo.

A história, natureza, papel e estratégias da UniRadial-Estácio institucionalizam e legitimam também a relação aluno-faculdade dentro do âmbito de consumo, configurando o aluno como um estudante-consumidor-cliente, ainda que a tentativa de encaixar o conhecimento em uma lógica mercantil gere uma série de paradoxos, que não passam de todo despercebidos aos estudantes.

Em relação ao consumo de mídia, percebemos que os alunos são extremamente marcados pela internet, ainda que ela não substitua o uso dos demais meios de comunicação. Eles, de fato, vivenciam um ecossistema comunicacional onde as “velhas” mídias convivem com as “novas” reconfigurando-se e convergindo (ainda que não no sentido estrito),

frequentemente em um processo dialético. Justamente pelo papel relevante que a internet exerce na vida desses estudantes, não é possível afirmar, como partimos da hipótese inicial, que eles são marcados por uma cultura “apenas” audiovisual. Até porque a internet subverte essa lógica. Embora a *web* tenha, em muitos casos, dispositivos definidos por uma natureza imagética, ela converge, em um único artefato tecnológico (computador, celular, *palm top*) diferentes formas de expressar o pensamento e representar o conhecimento pela integração de linguagens verbais, icônicas, sonoras, visuais, textuais e hipertextuais.

Tais linguagens proporcionam novos modos de criar, pensar, comunicar, interagir, aprender e ensinar; da mesma forma, viabilizam o exercício do diálogo, a polifonia em relação à forma e ao conteúdo, e a reconstrução dos significados. É por isso que o educacional se coloca, diretamente, como uma questão central no desenvolvimento das novas interações da comunicação social. Braga e Calazans destacam que a cada invenção tecnológica, a sociedade atribui aos processos comunicacionais, desenvolvidos em torno da invenção, uma expectativa educacional, mas o advento do computador e da internet potencializaram esse fenômeno.

Verificamos que os vínculos da Comunicação e da Educação penetram os dois campos, solicitando reconsiderações em larga escala de suas práticas e conceitos. Concluímos que os hábitos e usos de mídia da comunidade dos estudantes pesquisados não é ignorado pela instituição de ensino, que já incorporou, de diversas formas, o uso da tecnologia e dos meios de comunicação em suas práticas pedagógicas. No entanto, essa incorporação se deu dentro de um contexto meramente operatório, instrumental ou então – especificamente quando tratamos das aulas a distância via *web* – dentro de uma lógica mercantil, tendo como objetivo um ganho econômico de escala. Sendo assim, embora os alunos estejam familiarizados com a internet, embora utilizem a *web* para todo e qualquer tipo de pesquisa acadêmica, embora socializem pelas redes sociais virtuais e por trocas de e-mails, há uma recusa muito forte da parte deles em relação às aulas virtuais *online*.

Tal fato demonstra que as relações do uso da tecnologia e/ou meio de comunicação dentro e fora do ambiente escolar não são nada mecânicas ou automáticas. Isto é, não é porque o estudante utiliza com frequência

determinada mídia, que sua mera inclusão no contexto educacional se fará eficaz. É preciso que o aluno veja valor e enxergue aprendizado nesse processo.

A construção da autonomia e do discernimento que o hipertexto exigem dos alunos atualmente não se dá de forma automática pelo simples uso da tecnologia ou do uso das mídias. Esse processo só ocorre a partir de uma ação intencional específica da instituição de ensino. Dada a prioridade mercantil em relação às ações pedagógicas, é visível que tal fato não ocorre na UniRadial-Estácio.

Sendo assim, percebemos que o grande desafio seria a elaboração de um projeto pedagógico que transformasse *a práxis da comunicação* em situações de aprendizagem significativa e na efetiva construção do conhecimento, já que a escola divide hoje a tarefa de socialização do conhecimento com outras instâncias comunicativas. Esta transformação não pode ser confundida com a utilização meramente instrumental e tecnicista de determinados suportes midiáticos ou tecnológicos no sistema educativo. Sua adoção, apenas, não resolve os problemas de ensino e aprendizagem. Se esses problemas nunca foram simples, os desafios que a sociedade contemporânea impõe os tornaram ainda mais complexos.

As instituições de ensino superior devem interagir com os campos de experiência onde hoje se processam as mudanças, mas superar a concepção instrumental dos meios e das tecnologias. Neste novo projeto algumas reflexões deveriam ser contempladas: as dimensões do tempo/espaço na relação educativa, dada as características da sociedade contemporânea; a necessidade da reformulação conceitual do que é educar nesta mesma sociedade; a revisão dos paradigmas que impedem a interdiscursividade; a configuração do novo *sensorium*, que impõe novas formas de ler, ouvir, ver e sentir o mundo na sua relação direta com o ato de aprender; a necessidade do desenvolvimento de um tipo de discernimento imprescindível ao lidar com o hipertexto e, principalmente, os objetivos de uma educação solidária e cidadã que emancipe os com ela envolvidos.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

APARICI, R. Ensino, Multimídia e Globalização. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (14): 56 a 67, jan./abr. 1999.

AUGÉ, M. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BACCEGA, M. A. O Gestor e o Campo da Comunicação. In: BACCEGA, M.A. (org.) **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

_____. A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos. **Revista USP** / Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. São Paulo: n. 48, dez./jan./fev., 2000-2001

BAUER, M. W.; GASKEL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

BECK, U. **O que é Globalização?:** equívocos do globalismo: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In MORAN, J. M.; MASETTO, M. T. e BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BOAVENTURA, E. (org.). **UFBA:** Trajetória de uma Universidade: 1946-1996. Salvador: EDUFBA, 1999.

BOUDON, R. **Métodos Quantitativos em Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. O capital social – notas provisórias. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRAGA, L. P. V. **Reuni ou Desuni?**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2007/06/15/296303286.asp>. Acesso em 02 out. 2008.

BRAGA, J. L. e CALAZANS, R. **Comunicação e educação:** questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores, internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

_____. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARNOY, M. **Mundialização e reforma na educação:** o que os planejadores devem saber. Brasília: UNESCO Brasil, IIPE, 2003.

CASTELLS, M. Inovação, Liberdade e Poder na Era da Informação. In MORAES, D. de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CASTRO, C. de M. **Crônicas de uma educação vacilante**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CASTRO, M. C. (org.) **A Sociedade Civil e o monitoramento das instituições financeiras multilaterais**. Brasília: Rede Brasil, 2005.

CASTRO, M. H. G. de. Políticas governamentais para o ensino superior, objetivos do PNE e o papel das IES privadas. In **III Fórum Nacional: ensino superior particular brasileiro:** os desafios da expansão do ensino superior: anais. Rio de Janeiro: Consultor, 2002.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Makron Books, 1985.

CHANANA, K. Between the Public and the Private: Indian Academics in Transition. In MEEK, V. L. e SUWANWELA, C. **Higher Education, Research, and Knowledge in the Ásia-Pacific Region**. NY: Palgrave-Macmillan, 2006.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CITELLI, A. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006

_____. (org.) **Outras Linguagens na Escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Comunicação e Educação:** A Linguagem em Movimento. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

COÊLHO, I. M. Educação superior: por uma outra avaliação. In DOURADO, L. F., CATANI, A. M. e OLIVEIRA, J. F. (orgs), **Políticas e gestão da educação superior:** transformações recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã, 2003.

CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã:** o ensino superior da Colônia à Era de Vargas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

_____. **Educação, Estado e Democracia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A Universidade Crítica**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1983

DALBOSCO, C. A. Problemas de Atualidade da Teoria Crítica? Indústria educacional hoje. In DURÃO, F. A.; ZUIN, A. e VAZ, A. F. (orgs.), **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DIAS SOBRINHO, J. Desafios da avaliação universitária na América Latina. In TRINDADE, H. e BLANQUER, J. M. (orgs.). **Os desafios da educação na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Avaliação da Educação Superior***.* São Paulo: Ed. Vozes, 2000.

_____. Educação Superior: flexibilização e regulação ou avaliação e sentido público. In DOURADO, L. F., CATANI, A. M. e OLIVEIRA, J. F. (orgs), **Políticas e gestão da educação superior:** transformações recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã, 2003.

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. e CATANI, A. M. Transformações recentes e debates atuais no campo da educação superior no Brasil. In DOURADO, L. F., CATANI, A. M. e OLIVEIRA, J. F. (orgs), **Políticas e gestão da educação superior:** transformações recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FRIEDMAN, J. Ser no Mundo: globalização e localização. In FEATHERSTONE, M. (org), **Cultura Global:** Nacionalismo, Globalização e Modernidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GEERTZ, C. A. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity***.* Cambridge: Polity Press, 1990.

GÓRZ, A. **O imaterial***:* conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

GRUPPI, L. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

GRUSCHKA, A. Escola, Didática e Indústria Cultural. In DURÃO, F. A.; ZUIN, A. e VAZ, A. F. (orgs.), **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HARVEY, D. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Blackwell Publishers, 1990.

HELD, D.; McGREW, A. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História***.* 6 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

IANNI, O. O Príncipe Eletrônico. In BACCEGA, M. A. (org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. Globalização: Novo Paradigma das Ciências Sociais. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP/IEA, vol. 8, 21, 1994.

JACQUINOT, G. Comment être à la hauter de nos drôles de machines, texto apresentado em **2èmes Rencontres Internationales Du Multimédia et de la Formation**, Actes du Cafoc de Bordeaux, 17 a 19 de novembro de 1999. Disponível em: http://educ.univ-paris8.fr/FORMAT_DOCT/SiteDEA99/Bordeaux_cafoc(GJ).htm

JAMESON, F. Globalização e Estratégia Política. In SADER, Emir (org.). **Contra Corrente:** o melhor da New Left Review em 2000. Rio de Janeiro: Record, 2001.

JÉQUIER, N. e DEDIJER, S. **Intelligence for economic devepoment**: an inquiry into the role of the knowledge industry. Oxford: Berg., 1987.

KELLNER, D. **Critical Theory, Marxism and Modernity**. Cambridge e Baltimore: Polity Press and John Hopkins University Press, 1989.

KERR, C. **Os Usos da Universidade:** Universidade em Questão. Brasília: Editora UnB, 2005.

KLEIN, N. **Sem Logo:** a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record, 2008.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003

KURZ, R. A ignorância da sociedade do conhecimento, **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 de janeiro de 2002.

LEMOS, A. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis:** processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*.* COMPÓS, Bauru, SP, junho de 2006.

_____. Cidade e Mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **MATRIZes** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP, n. 1, jul./dez, 2007.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática*.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001a, 5ª ed.

_____. O Campo da Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar, **Revista USP**, nº 48, 2001b.

MACHADO, N. J. **Conhecimento e Valor**. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **Epistemologia e Didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARIZ, T. F. REUNI: para onde caminha a universidade? **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes)**. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/news.php#5716>. Acesso em: 06 nov. 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. Novas visibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. In **MATRIZes** / Revista do Programa de Pós-Graduação em

Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP, n. 1, jul./dez, 2007.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da Comunicação no novo século. In MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

_____. Heredando el Futuro. Pensar la Educacion desde la Comunicación. **Nómadas**, n. 5. Bogotá: Fundación Universidad Central, 1996.

MATTELART, A. Para que "Nova Ordem Mundial da Informação"?. In MORAES, D. de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

McGREW, A. A Global Society?. In HALL, S. et al (org.) **Modernity:** an introduction to modern societies. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Exposição de motivos – **Anteprojeto do ensino superior**. Brasília: 28 jul. 2005. Disponível em <www.mecgov.br/reforma>. Acesso em: 20 out. 2006.

MORAES, D. de. A Tirania do Fugaz: Mercantilização Cultural e Saturação Midiática, In MORAES, D. de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In MORAN, J. M.; MASETTO, M. T. e BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORENO, M. A. Información, comunicación y tecnologia. **Signo y Pensamento**, UJ, Bogotá, n. 34, 1999.

MORIN, E. **O Pensar Complexo**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NUNES, E. **Desafio Estratégico da Política Pública**: O Ensino Superior Brasileiro, documento de trabalho nº 70, http://www.observatoriouniversitario.org.br , Julho 2007.

OROFINO, M. I. **Mídias e Mediação Escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez Editora e Instituto Paulo Freire, 2005.

OROZCO GÓMEZ, G. Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. **MATRIZes** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP, n. 1, jul./dez, 2007.

_____. Comunicação Social e Mudança Tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. In **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo: Moderna/CCA, n. 10, 1997.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

RISTOFF, D. I. Avaliação da Educação Superior: flexibilização e regulação. In DOURADO, L. F., CATANI, A. M. e OLIVEIRA, J. F. (orgs), **Políticas e gestão da**

educação superior: transformações recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã, 2003.

RUCH, R. S. **Higher Ed, Inc.:** The Rise of the For-Profit University. John's Hopkins Press, 2001.

SANTOS, B. de S. **A Universidade no Século XXI:** Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2005a.

_____. Os Processos da Globalização. In SANTOS, B. de S. (org.), **A Globalização e as Ciências Sociais**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005b.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SASTRE, E. F. Universidades particulares, negócios públicos. In SASTRE, E. F. (org.), **Encruzilhadas da Universidade Particular:** caminhos e possibilidades. Brasília: Universa, 2006.

SCHWARTZMAN, J.; SCHWARTZMAN, S. **O ensino superior privado como setor econômico**. 21 de agosto de 2002. Disponível em: <www.schwartzman.org.br/simon/pdf/suppriv.pdf>. Acesso em 07 set. 2006.

SCHWARTZMAN, S. Ensino Superior no Brasil: tradição e modernidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 8, dez./jan./fev. 1990-91.

SILVA, C. C.(org.), AZZI, D. e BOCK, R. Banco Mundial em foco: sua atuação na educação brasileira e na dos países que integram a Iniciativa Via Rápida na América Latina. In HADDAD, S. (org.). **Banco Muncial, OMC e FMI:** o impacto nas políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, C. C., GONZALEZ, M. e BRUGIER, Y. S. OMC em foco: a comercialização da educação na América Latina. In HADDAD, S. (org.). **Banco Muncial, OMC e FMI:** o impacto nas políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, I. de O. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In BACCEGA, M. A. (org.) **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. Um novo campo de trabalho. **Jornal da USP**, São Paulo, 4 de junho de 2001, p. 2.

_____. A Comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional. In LOPES, M. I. V. (org.), **Temas Contemporâneos em Comunicação**. São Paulo: Intercom, 1999.

_____. A Era da Informação: tecnologias da comunicação criam novas relações culturais e desafiam antigos e modernos educadores. **Tecnologia Educacional**, jul/out. 1993, p.11-48.

SODRÉ, M. Sobre a *episteme* comunicacional. **MATRIZes** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP, n. 1, jul./dez, 2007.

TRINDADE, H. As metáforas da crise: da ‘universidade em ruínas’ às ‘universidades na penumbra’ na América Latina. In **Universidades na Penumbra:** neoliberalismo e reestruturação universitária. São Paulo: Cortez, 2001.

UNESCO. **Tendências da Educação Superior para o Século XXI**. Brasília: UNESCO/CRUB/CAPES, 1999.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio D´Água, 1992.

WALKER, R. K e DA SILVA, F. A. B. Educação Superior Pública e Particular – excelência e equidade: o caso do Relatório Flexner (1910) na educação médica. In SASTRE, E. F. (org.), **Encruzilhadas da Universidade Particular:** caminhos e possibilidades. Brasília: Universa, 2006.

WILLIAMS E.; BIERNAZKI, S. J. Globalização da Comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): 46 a 65, set./dez. 2000.

WILLIAMS, R. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

YARZÁBAL, L. (2000). **La Educación Superior en América Latina:** Realidad y Perspectiva – publicado no site
www.minedu.cl/superior/mecesup/revista/doc/revista1D.pdf

Anexos

Anexo A
Questionário Pesquisa Quantitativa

I - INFORMAÇÕES GERAIS:

1. Idade:
a) menor de 18 anos
b) entre 18 e 21 anos
c) entre 22 e 25 anos
d) entre 26 e 30 anos
e) entre 31 e 40 anos
f) acima de 40 anos

2. Sexo:
a) masculino
b) feminino

3. Estado civil:
a) solteiro(a)
b) casado(a)
c) desquitado(a) / divorciado(a)
d) viúvo(a)

4. Tem filho(s)
a) não
b) sim, 1 filho(a)
c) sim, 2 filhos(as)
d) sim, 3 filhos(as)
e) sim, mais de 3 filhos(as)

5. Onde você reside?
a) zona sul
b) zona leste
c) zona oeste
d) zona norte
e) centro
f) Outra cidade

6. Você reside:
a) com os pais
b) com o cônjuge
c) com parentes
d) sozinho
e) em pensionato

7. Transporte que utiliza para ir para a UniRadial-Estácio
a) ônibus
b) metrô
c) trem
d) carro
e) moto
f) ônibus e metrô
g) metrô e trem
h) ônibus e trem
I) ônibus, trem e metrô

8 . Você exerce alguma atividade remunerada?
a) não
b) sim, mas se trata de trabalho eventual
c) sim, em “meio expediente” (até 20 horas semanais)
d) sim, em tempo semi-integral (de 21 a 32 horas semanais)
e) sim, em tempo integral (mais de 32 horas semanais)

9. Se você trabalha, em que condição o faz?
a) empregado, com carteira assinada
b) como autônomo
c) em negócio próprio

10. Qual sua participação na vida econômica familiar?
a) Não trabalho e meus gastos são financiados pela família ou por outras pessoas
b) Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família ou outras pessoas
c) Trabalho e sou responsável pelo meu próprio sustento, não recebendo ajuda financeira.
d) Trabalho e sou responsável pelo meu próprio sustento e contribuo parcialmente para o sustento da família ou de outra pessoa
e) Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família

11. Renda própria, em salários mínimos:
a) 1 a 3 salários mínimos
b) 4 a 6 salários mínimos
c) 7 a 9 salários mínimos
d) 10 a 12 salários mínimos
e) 13 a 15 salários mínimos
f) acima de 15 salários mínimos

12. Renda familiar, em salários mínimos:
a) 1 a 3 salários mínimos
b) 4 a 6 salários mínimos
c) 7 a 9 salários mínimos
d) 10 a 12 salários mínimos
e) 13 a 15 salários mínimos
f) 16 a 20 salários mínimos
g) acima de 20 salários mínimos

13. Como pretende se manter durante o curso?
a) trabalhando
b) com recursos dos meus pais ou familiares
c) bolsa de estudos ou financiamento estudantil
d) de outra maneira

14. Possui computador em casa?
a) não
b) sim

15. Tem acesso à internet?
a) não
b) sim

16. Você usa computador em:
a) casa
b) no trabalho
c) em casa e no trabalho
d) não usa

II ESCOLARIDADE PRÓPRIA E DA FAMÍLIA

17. Você cursou o Ensino Médio:
a) regular
b) profissionalizante
c) supletivo

18. Você cursou o Ensino Médio em escola:
a) pública
b) particular

19. Já iniciou algum curso superior?
a) não
b) sim, mas abandonei
c) sim, estou cursando
d) sim, já o concluí

20. Seu pai possui:
a) fundamental completo (antigo primário e ginásio)
b) fundamental incompleto
c) médio completo (antigo colegial)
d) médio incompleto
e) superior completo
f) superior incompleto

21. Sua mãe possui:
a) fundamental completo (antigo primário e ginásio)
b) fundamental incompleto
c) médio completo (antigo colegial)
d) médio incompleto
e) superior completo
f) superior incompleto

III PERFIL CULTURAL/CONSUMO DE MÍDIA

22. Qual o motivo predominante na escolha da carreira ou curso para o qual você está se inscrevendo em primeira opção?
a) necessidade de ter um diploma de curso superior
b) adquirir conhecimento
c) prestígio social da profissão
d) baixa concorrência pelas vagas
e) possibilidade de aumentar meu salário/obter uma promoção no trabalho
f) trabalha na área
g) área que pretende ou sonha trabalhar
h) outro

23. O que levou você a se decidir pela UniRadial-Estácio?
a) localização do campus
b) conteúdo do curso
c) valor das mensalidades
d) informações de amigos, colegas ou parentes sobre a qualidade do curso
e) outros

24. Indique suas três atividades preferidas para os momentos de lazer:
a) ir ao cinema
b) assistir televisão
c) ir ao teatro
d) ir a museus ou eventos culturais
e) ler

f) ir a shows
g) navegar na internet
h) ficar com a família
i) ir a igreja / templo / centro
j) sair para dançar / ir a festas
k) namorar
l) viajar
m) praticar esportes
n) ouvir música
o) atividades comunitárias / voluntárias
p) descansar
q) outra

25. Qual o meio que você mais utiliza para se manter informado sobre os acontecimentos atuais?
a) Jornal impresso
b) Televisão
c) Rádio
d) Revistas
e) Internet
f) outras pessoas
g) não tenho me mantido informado

26. Escolha 3 opções de programação você prefere assistir pela televisão
a) jornalismo
b) esporte
c) novela
d) documentário
e) filme
f) programa de auditório
g) outro

27. Escolha 2 opções de portais onde você mais navega na Internet
a) UOL
b) Terra
c) Google
d) Hotmail
e) Yahoo
f) Globo.com
g) IG
h) BOL
i) I Telefônica
j) Outros

28. Para que você utiliza a Internet (escolha 3 opções)
a) Para busca de informações (Google ou outros sistemas de busca)
b) Para redes de relacionamento (Orkut, MSN ou outros)
c) Para me informar em portais de notícias
d) Para fazer download (de músicas, filmes, seriados, etc)
e) Para estudar e pesquisar
f) Para trabalhar
g) Para busca de oportunidades de emprego (Catho, Manager ou outros)
h) Para diversão (jogos, YouTube, etc.)
i) Para compras (Americanas.com, Submarino, Mercado Livre, etc)

29. Quanto tempo por dia você navega na Internet?
a) de 1 a 2 horas
b) de 3 a 5 horas
c) de 6 a 8 horas
d) Fico conectado 24 horas por dia

30. Você tem o hábito de ler jornais e revistas?
a) diariamente
b) semanalmente
c) às vezes
d) nunca

31. Marque três opções de assuntos nos jornais/revistas que você lê:
a) política
b) economia/negócios
c) cultura
d) esportes
e) Notícias policiais

32. Você tem o hábito de ler notícias na Internet?
a) diariamente
b) semanalmente
c) às vezes
d) nunca

33. Quantos livros você leu nos últimos doze meses?
a) nenhum
b) 1 livro
c) 2 livros
d) 3 livros
e) 4 livros
f) 5 livros
g) 6 a 10 livros
h) acima de 10 livros

Anexo B
Transcrição das entrevistas em profundidade (pesquisa qualitativa)

ENTREVISTA 1
Curso: Logística
Campus: Santo Amaro

P: Eu queria que você começasse me falando do que você espera daqui a 5 anos na sua vida, como você espera que sua vida esteja?
R: Olha, como muita gente, eu espero que minha vida esteja parcialmente resolvida.

P: Em que área?
R: Ah, profissionalmente eu queria cursar alguns cursos superiores que me interessam, por exemplo, o sonho que eu sempre tive é ser engenheiro civil. Daqui cinco anos eu espero ao menos estar cursando engenharia civil ou qualquer outro curso que tenha renome, talvez como alternativa.

P: Mas você pensa em engenharia civil, como que é isso?
R: Eu sempre tive gosto, no caso pela matemática, eu sempre tive esse gosto. Como engenharia civil é uma área muito requisitada atualmente, então eu sei que como engenheiro civil eu me daria muito bem, seria um ótimo profissional.

P: Você fala em termos de mercado de trabalho?
R: De mercado de trabalho. É diferente de você ter qualquer outra profissão que não tenha tanto nome. Você ser o engenheiro civil, ser chamado de engenheiro civil, acarreta muita responsabilidade, então isso que faz dar o prazer de ser engenheiro civil, de ter essa profissão.

P: Deixa ver se entendi: você está dizendo que tem uma coisa que é o prestigio de você ser engenheiro e tem uma coisa que você acredita que no mercado arruma emprego com facilidade ou não?
R: Na verdade eu penso assim, com relação a emprego existem empregos e profissão, emprego é o que a gente trabalha, que vai viver mudando de emprego pra emprego, mas profissão é o que você quer ser na vida, o que você sempre sonhou, está sempre buscando.

P: Entendi.
R: Então o que eu quero ser, o meu sonho é ser engenheiro civil, mas o que eu trabalho são outras áreas quaisquer.

P: E no que você está trabalhando agora?
R: Atualmente eu sou professor de matemática.

P: Professor de matemática, onde?
R: Eu trabalho numa escola estadual chamada Joanna Spósito, ela fica na Casa Branca, aqui no Embu mesmo.

P: Quer dizer você já fez um curso superior?
R: Já. Saí do ensino médio já com esse pensamento porque quando eu estava no segundo, terceiro ano, eu não sabia o que eu queria, mas eu falei "quem sabe um dia eu não seja um engenheiro civil" porque uma vez eu vi uma reportagem do Oscar Niemayer e eu falei: meu, o Oscar Niemayer teve o centenário há pouco tempo e ele é um dos maiores engenheiros do Brasil (sic), talvez o maior, então tem renome, sim, tem um reconhecimento, então como eu gosto de matemática eu quero ser engenheiro civil ou qualquer área ligada à engenharia, eu sempre quis ser engenheiro. Aí já fiz matemática pensando.

P: Você fez faculdade de matemática, licenciatura?
R: Sim, pra ter certo conhecimento pra chegar à engenharia e não acabar reprovado ou desistir do curso, alguma coisa desse tipo.

P: E hoje você também está fazendo outro curso agora, na faculdade?
R: Sim estou fazendo logística.

P: Você pretende então fazer uma terceira faculdade, de engenharia?
R: Com certeza e mais. Eu sempre tive gosto pelo estudo, sempre, desde que eu nasci, eu sempre tive gosto. Quando eu comecei matemática eu falei: - vou fazer matemática eu quero fazer português porque não adianta eu ter só matemática. Eu quero fazer química e física e futuramente ser engenheiro ou se eu for engenheiro eu quero fazer mestrado pra dar aula na faculdade. Eu quero dar aula na faculdade.

P: De engenharia?
R: De engenharia, matemática algum curso aí.

P: Quer dizer, você tem um forte interesse pela carreira acadêmica?
R: Tenho, tenho. Já vem de histórico, como eu sou professor de matemática então vem agregando.

P: E que mais você imagina pra sua vida daqui a 5 anos tirando essa parte de estudos?
R: Ligado um pouco à parte profissional eu pretendo estar resolvido amorosamente, com esposa daqui a 5 anos.

P: Você hoje é solteiro?
R: Sim, sim, mas eu pensei o seguinte, como é que eu vou ter uma esposa se eu não consigo nem me sustentar? Primeira coisa eu tenho que resolver minha vida profissional. Então, a base de tudo que eu faço hoje é minha vida profissional, eu me dedico profundamente a isso. Então não adianta querer ter minha esposa se eu não vou ter minha própria casa, um carro ou alguma coisa realmente minha. Daqui a 5 anos, se tiver minha esposa, vou morar onde? com meus pais aqui?

P: Quantos anos você têm?
R: Eu tenho 22 anos, entendeu eu vou ficar na casa dela, na casa dos pais dela, vou morar de aluguel? Não é justo.

P: Então hoje ainda você não conhece essa pessoa, mas daqui a 5 anos você quer estar casado?
R: Eu pretendo.

P: E tudo pra você tem a ver com a engenharia, o centro disso é conseguir estar na profissão que você deseja?
R: É me dedico muito a isso. E mesmo porque também eu sou bem prestativo, então estou sempre querendo trabalhar, sempre querendo fazer alguma coisa.

P: Explica-me uma coisa: você fez matemática.
R: Sim durante 3 anos.

P: Três anos e leciona. Agora você faz logística.
R: Faço logística.

P: Que relação tem isso com engenharia, como você organizou isso?
R: Ah não, o que acontece eu fiz matemática porque eu queria pelo menos ter uma base pra fazer engenharia aí eu pensei o seguinte, só a matemática não vai ser suficiente. Como eu falei, você tem sua profissão e seu emprego. Então mesmo pelo emprego, eu preciso mais opção. Então fica só a matemática, de repente um dia eu não consigo dar aula, aí eu vou viver do que? Então eu tenho que ter uma segunda opção e aí em conversa com primo do meu pai ele me indicou, falou: - olha, faz logística porque é um curso bom. Logística é uma área muito ampla, está sendo usado no mundo inteiro com a globalização.

P: E a logística é uma área que você está estudando com qual intenção?
R: Como uma segunda opção.

P: Pra ter mais opção pra trabalho.
R: Isso, porque, na verdade, na questão da educação tem certa política do governo atual assim, que categoriza os professores.

P: Você é temporário ou é concursado?
R: Sou temporário.

P: Então você está naquela lista que talvez não fique com aula?
R: É que talvez não fique com aula, que está sempre perigando.

P: Então você sente certa insegurança?
R: Exatamente.

P: Aí você vai fazer logística e atuar nessa área até fazer engenharia?
R: É o que estou falando, eu estou na matemática de repente eu não consigo dar aula, mas como eu já estou fazendo logística, eu tenho conhecimento, eu posso trabalhar na área nem que seja alguma coisinha pequena. Enquanto trabalho, eu tenho que fazer cursinho pra futuramente fazer engenharia.

P: Entendi, então seria essa base, isso que você acredita que vai te dar condição pra fazer engenharia?
R: Qualquer coisa que eu converso sempre volto com a minha vida profissional, profissional e estudantil, sempre.

P: Mas mesmo assim, agora vamos imaginar que no futuro daqui a 5 anos você está cursando engenharia já conseguiu, como você imagina que vai estar sua vida social? Casado, que você falou que isso já estaria resolvido e sua vida social assim, seu relacionamento com as pessoas o que você acha que vai fazer?

R: Bom, quando eu era pequeno eu era uma pessoa muito tímida, quase não falava, quase não falava mesmo e aí depois que eu entrei na faculdade eu deslanchei a conversar, a falar bastante e tal. E desse meio tempo pra cá, eu fui me desenvolvendo, eu fui percebendo que conforme eu vou falando com os outros, as pessoas já me conhecem mais, então eu sou muito mais reconhecido pelo que eu faço, pelo que eu ajudo.

P: A sua vida social ganhou...
R: Ganhou muito mais prestigio, pessoas diferentes que eu conheço na faculdade mesmo. Na faculdade mesmo, eu adoro a faculdade por causa disso, porque eu conheço pessoas diferentes.

P: Então vamos imaginar que você já esta cursando engenharia como é que você imagina que vai ser sua vida social? Vamos pensar em passeios, viagens o que você vai fazer, o que você acha que vai querer curtir?
R: Olha, por exemplo, já tenho uma casa já tenho um carro e fazer viagens, conferencias, sei lá sempre fazendo alguma coisa porque as pessoas me requisitam é justamente esse ponto as pessoas me requisitam e se interessam pelo que eu tenho de conteúdo, pelo que eu sou.

P: Então você cursando engenharia vai se tornar uma pessoa mais conhecida mais popular e daí o que vai mudar na tua vida?
R: Nossa, vou ser uma pessoa bem mais feliz, eu acredito.

P: Sim, mas em termos concretos assim, de atividades o que você acha que vai mudar na tua vida?
R: Silencio.

P: A sua rotina hoje, o que você faz durante a semana?
R: Eu levanto cedo, vou pra escola, dou algumas aulas, depois vou pra faculdade. Final de semana eu tento descansar um pouco.

P: Final de semana você fica mais em casa ou faz o que?
R: De vez em quando eu saio, vou para um parque, eu vou ao cinema, saio, vou numa festa.

P: Vamos imaginar daqui a 5 anos você está fazendo engenharia, você vai estar cursando como é que você imagina que seria aí a rotina da semana final de semana?
R: Olha muito mais corrido, por exemplo, eu estaria fazendo estagio na área que talvez fosse remunerado e aí conciliar o emprego e o curso de engenharia. (toca telefone)

P: Então aí como você imagina final de semana?
R: Olha eu acredito que mudaria o meu estilo de vida.

P: Por exemplo?
R: Por exemplo, hoje enquanto estou só cursando logística e tal é balada, é festinha, alguma coisa. Daqui a alguns anos vou estar indo a teatro, umas atividades um pouco mais intelectuais, umas coisas mais focadas.

P: Entendi. O que você acha que vai ter contribuído pra essa mudança, vai ser mais o curso de engenharia ou também o curso de logística vai ter te ajudado a fazer essa mudança na vida?
R: Acho que atualmente a logística, mas como futuramente vou cursar engenharia então eu vou estar muito mais influenciado por isso.

P: E em termos assim, vamos pensar em projetos culturais.
R: Que tipo de projeto?

P: Você vai fazer engenharia, por exemplo, tem mais algum projeto nesse sentido de aprender coisas?
R: Então, por exemplo, no caso do curso de engenharia eu pensaria em projetos diferentes uma coisa um pouco mais dinâmica umas coisas diferentes, de criação mesmo, ser um pouco mais criativo.

P: Dentro do trabalho da engenharia mesmo?
R: Exatamente.

P: Ok, você falou dessas mudanças na tua vida social, na tua vida afetiva, na tua vida cultural, bem agora me lembrei de uma coisa, o que você pensa daqui a 5 anos em relação a bens?
R: Bom, na verdade, como qualquer outra pessoa, estou sempre buscando uma coisa melhor para o futuro: é ganhar mais, um emprego que você ganhe mais, você ter um carro, um carro de luxo, uma casa bonita, uma casa que você se sinta bem e tal. E aí você vai mudando sua vida, você se sente mais feliz, apesar de dizerem que dinheiro não traz felicidade, mas no fundo você acaba ficando mais feliz. Hoje, por exemplo, você quer sair num sábado, você quer sair, mas não tem porque o carro está quebrado ou não tem carro e aí dinheiro não traz felicidade, não traz, mas ajuda. Lógico. Facilita você pra locomoção também, por exemplo, você vai de um lugar pra outro vai pegar um ônibus é normal, mas o carro tem mais agilidade. Então realmente você ter um emprego melhor e conseguir bens pra você.

P: E o que você acha que vai contribuir pra você viabilizar todas essas mudanças na tua vida daqui a 5 anos? Se a gente pensar assim, em família, amigos é o que você estudar, enfim, o que você acha que vai te dar hoje condições pra que você consiga ter toda essa mudança de vida?
R: De certa forma unicamente, exclusivamente eu. Porque se eu não correr atrás do meu futuro nada vai ser concretizado, mas com relação a pessoas, pouquíssimos amigos, pessoas muito próximas, familiares mesmo.

P: Você partilha esse sonho?
R: Todo mundo que me conhece sabe que eu quero ser engenheiro, todo mundo sabe que eu quero fazer engenharia e quero fazer 2, 3, 4, 5 faculdades.

P: E a sua família te apóia?
R: Sim minha família e meu pai.

P: Como eles te apóiam?
R: Bom na verdade assim, por exemplo, eu saio acordo 05h30min da manhã, volto, vou pra faculdade e volto 11h30min da noite. Então quando eu chego em casa, eu chego e a janta já está pronta. Isso é um apoio. Eu quero descansar, mas meu irmão está escutando o som alto, aí meu pai vem e fala: - abaixa o som que seu irmão está descansando. Não é um incentivo direto, mas já ajuda.

P: Quem que mora aqui com você?
R: Minha família: meu pai e minha mãe, eu sou o mais velho e mais três irmãos.

P: Que idade tem seus irmãos?
R: Eu tenho 22, meu irmão tem 20 vai fazer 21. Minha irmã, que vai fazer 17 e a caçula, que vai fazer 13 e eu sou o mais velho.

P: Então você está valorizando assim, qualquer tipo de movimento que as pessoas fazem demonstrando respeito, te dando condição de continuar?
R: Com certeza.

P: E na base disso está estudar engenharia?
R: Sim. Uma ideia que eu tenho é às vezes as pessoas têm opiniões boas e opiniões ruins, ou seja, critica ou fala bem e normalmente eu tenho por principio se é pra criticar pra afundar a pessoa entra por um ouvido e sai por outro. Se vir falar mal de mim alguma coisa, entra por um ouvido e sai por outro. Agora, quando faz um critica construtiva aí eu abraço de todo coração.

P: Como é pra você o papel da universidade na sua vida?
R: Eu imagino como uma escola um pouco mais focada porque, por exemplo, eu fiz a matemática, eu fiz o mesmo conteúdo de uma faculdade. Você está ali focado, você esta ali pra aprender, é diferenciada, é como se fosse uma grande escola, uma escola mais focada.

P: E qual o papel que ela tem no contexto da tua vida e na vida das pessoas, a universidade?

R: Ela viabiliza, ela te ajuda a chegar no caminho que você quer. Eu acredito principalmente que esse papel, se você quer ser engenheiro você vai lá na faculdade, você escolhe, tem opções, lógico.

P: Então era isso que eu ia te perguntar você já está na sua segunda faculdade como é que você fez pra escolher não só o curso, mas o lugar que você ia estudar? Onde você fez matemática, onde você está fazendo logística?
R: Uniban, eu fiz matemática na Uniban Campo Limpo por uma questão de acesso, porque é mais perto, com certeza. E aí você escolhe o curso e falei: vou escolher matemática, eu já gostava mesmo, vou escolher matemática e aí por ser mais próxima e ter o curso eu acabei fazendo matemática na Uniban. E aí da logística, eu consegui uma bolsa porque a faculdade de matemática eu paguei, a faculdade foi paga, tudo direitinho e essa bolsa que eu tenho, eu não poderia ser formado, então eu meio que menti pra conseguir a bolsa porque, inclusive, só adiantando o que estou contando eu vi uma reportagem na televisão que o governo estava correndo atrás de um pessoal que já tinha faculdade por causa dessas bolsas porque é um programa de bolsas do governo e aí o que acontece, nessa reportagem saiu muito pessoal de classe alta, que tinha carro de luxo, que tinha não sei o que e que estava lá com a bolsa.

P: Você faz pelo plano do governo?
R: Isso.

P: É aquele plano bolsa da família?
R: Não, é o ProUni.

P: Ah! O ProUni.
R: É o ProUni e aí pelo próprio ProUni pessoas de classe alta, que tem carro, tem tudo, que estava lá com a bolsa apesar de eu ser errado, eu sei, eu não vou baixar a cabeça. Porque eu estou correndo atrás do meu futuro, não é porque eu já tenho uma faculdade que eu não vou ter essa, eu estou fazendo por um bem maior.

P: Mas você falou que quando você escolheu a Uniban para o curso de matemática era mais próximo da sua casa.
R: Mais próximo.

P: No caso da logística você está fazendo onde mesmo?
R: Na UniRadial, em Santo Amaro.

P: Você conseguiu o ProUni, mas quando você vai se inscrever no ProUni você escolhe a faculdade, tem varias outras que tem o ProUni também. Por que você escolheu a UniRadial?
R: Então, sabe o que acontece? Eu escolhi essa como primeira opção mesmo e na verdade eu escolhi desenho industrial voltado pra engenharia e a própria engenharia mesmo só que a minha pontuação não foi alta o suficiente pra conseguir esses cursos, mas como já tinham me falado, um primo do meu pai indicou logística então falei: vou tentar logística como segunda opção porque é um curso bom e já tenho pontuação suficiente pra isso.

P: Pela pontuação do Enem?
R: Pela pontuação do Enem e a bolsa, bolsa integral.

P: E você está estagiando?
R: Não estou estagiando.

P: Você dá aula de matemática, mas seu objetivo é atuar na outra área?
R: Exatamente.

P: Que área?
R: No caso da logística mesmo porque na verdade assim em questão profissional eu não tenho muitas funções. Eu comecei a dar aulas com 19 anos, então eu tenho pouca experiência diversas. Eu trabalhei numa mini produção de fitas, trabalhei em padaria, então eu trabalhei em muito poucas opções se eu não tivesse feito a faculdade eu estaria, por exemplo, sendo estoquista.

P: Isso que ia te perguntar, o que seria sua vida sem a universidade?
R: Nada, nada. Nada, assim, em termos, eu não teria muita opção de profissão. Eu estaria enfrentando o mercado de trabalho sem experiência. De repente a pessoa sem experiência em carteira é lógico que está tentando seu primeiro emprego.

P: Você falou, por exemplo, que seria estoquista.
R: É, não vou dizer funções descriminadas, mas funções que não requer nenhum conhecimento, só precisa do trabalho manual trabalho, repetitivo e não que eu seja contra, mas não gosto desse tipo de trabalho.

P: Me fala uma coisa, Anderson, como é a sua experiência na faculdade, como você vivencia isso, por que você tem um dia-a-dia em que acorda bem cedo, dá aula e depois, à noite, você vai pra faculdade.
R: Às vezes eu passo em casa, dependendo do dia, às vezes eu vou direto pra faculdade.

P: E o que é essa experiência da faculdade, quais os lugares que você frequenta por ali ou lá dentro mesmo? Como que é?
R: Então, quando eu fiz matemática, como era a primeira faculdade, ainda ficava meio tímido, com questão a localidades. Por exemplo, tinha aulas que eu era da turma do fundão e tinha aulas que a turma do fundão, apesar da bagunça, fazia que era uma beleza. O professor passava coisa na lousa e a gente fazia rapidinho, enquanto o pessoal que sentava na frente, que seria mais inteligente, coisa desse tipo, não conseguia fazer. Então, esse reconhecimento, apesar do lugar que sentava, era muito bom. Essa convivência que a gente tinha na faculdade eu gostava muito e é o que eu vivo na logística agora.

P: Você é bom aluno?
R: Com certeza, isso é fato.

P: Você tira notas altas?
R: Sempre, sempre. Não gosto de tirar nota baixa de jeito nenhum.

P: E fora da sala de aula, o que você faz na faculdade?
R: Por exemplo, na hora do intervalo, como é de lei, digamos assim, o pessoal sempre desce na hora do intervalo pra tomar um copo de cerveja, alguma coisa assim.

P: Têm vários botecos perto de toda faculdade.
R: É pra reunir o pessoal mesmo, pra conversar, inclusive, a questão do projeto educacional, o pessoal só conversa quando está rolando a cerveja porque quando esta a zero o pessoal não consegue conversar sobre projeto.

P: Aí reunião é depois de final de aula?
R: É, em intervalo ou algum outro horário, quando junta ali, o pessoal conversa e conversa bem, desenvolve bem. Então essa vivencia que a gente tem, que nem eu falei, na faculdade são pessoas diferentes, religiões diferentes, ideias diferentes, então isso faz você ter gosto pela coisa, faz você querer mais, querer conversar, discutir assuntos e vai rolando conversa cada vez mais.

P: E além da sala de aula, do barzinho que você vai lá em volta, lanchonete, que mais você faz na faculdade? Tem mais alguma coisa?
R: Não, acredito que não.

P: Biblioteca... eles costumam promover algum tipo de evento, de vez em quando ou não?
R: De vez em quando ela faz alguns eventos.

P: Fora do horário de aula?
R: Normalmente dentro das horas de aula pra ter mais acesso aos alunos.

P: Por exemplo, fora do horário de aula praticamente você não frequenta?

R: Não, não por causa do trabalho e final de semana descansar, acaba não tendo tanto, só indo pra aula mesmo.

P: Mas você sabe que acontecem coisas ligadas...
R: Sim sempre tem, tem divulgações, semana da ciência, sempre tem uns eventos assim.

P: E você acaba não indo?
R: É acabo não indo porque tenho que ficar na aula, mas no intervalo dou uma passada, uma olhada, você acaba entendendo um pouquinho mais. Na faculdade mesmo de vez em quando aparece não sei se é editora ou o que é, mas aparecem pessoas divulgando revistas de ciências, de tecnologia, diversos cursos e ali o pessoal promove, fica nos corredores e vai promovendo. Isso a gente acaba percebendo e vai dar uma olhada, vai interagindo.

P: E amigos, você tem amigos na faculdade?
R: Eu considero como amigos, mas às vezes a gente acaba só considerando como colega.

P: Você não convive tanto?
R: Não convivo tanto.

P: Seu grupo principal de amigos é de onde?
R: Eu considero muito o pessoal da matemática, mas devido à localidade, um é daqui outro dali e tal tem um pessoal que eu considero muito, mas devido a pouco contato a gente acaba não conversando muito.

P: E hoje em dia, esse curso que você está fazendo, como que é?
R: Ah hoje em dia o meu grupo, o meu grupinho ali, tem pessoa que mora em Interlagos, tem pessoa que mora em Embu Guaçu, Vila Sonia, então fica distante, mas a gente, por exemplo, na internet, a gente sempre dá um jeito de conversar sobre a vida, o trabalho.

P: Você usa bastante a internet?
R: Uso, uso bastante.

P: Mas sair no final de semana, se ver fora do horário de aula com o pessoal da faculdade acaba não tendo?
R: Não, não porque cada um tem o seu dia.

P: Aí o seu grupo principal, o que você considera o grupo principal de amigos é de fora da faculdade?
R: Eu tento me separar para os dois grupos.

P: O principal?
R: Principal? Acho que o da faculdade.

P: Da faculdade.
R: Da faculdade que é o que eu convivo mais. Pra sair às vezes eu tento me reservar. Assim amigo mesmo, que eu convivo dia-a-dia, e o pessoal da faculdade eu tento me separar bastante.

P: Os amigos seus que não são da faculdade, são aqui do bairro?
R: É, vizinhos, que eu convivo há muito tempo. Pessoal da escola, mesmo, que eu já tenho contato há um tempo, que são amigos meus, outros professores, então esse são amigos mesmo.

P: E a faculdade pra tua família, o que significa? Pra você significa mais alguma coisa?
R: Pra mim a faculdade é tudo. Assim, se você quer ser alguma coisa na vida, a faculdade é uma das primeiras opções.

P: E pra sua família você percebe como que é?
R: Então, eu acredito que seja uma questão individual. Cada pessoa tem a sua visão.

P: Pensando aqui no pai, na mãe, seus irmãos?
R: Então meus familiares acham muito interessantes a faculdade, uma coisa super interessante, mas devido às condições e tal acabam não fazendo o curso superior, mas demonstram incentivo.

P: Seus pais não fizeram?
R: Não.

P: E eles acham legal que você faça?
R: Sim, com certeza.

P: Não tão importante?
R: Eles acham super importante, inclusive, eu até pergunto se posso faltar e eles: - você vai faltar por que?

P: Têm orgulho de você?
R: Sim, com certeza. Dentre os meus familiares, em geral, sou um dos poucos que tem faculdade, então é supervalorizado.

P: E teus irmãos, como você percebe?
R: Então, como eu falei, é individual. Meu irmão, por exemplo, ele não vê muita coisa na faculdade, ele não tem muito interesse. Já a irmã do meio, ela demonstra um pouquinho, ela está no meio do caminho, ainda não sabe se vai ou se não vai e a caçula gosta muito de estudar, quer fazer faculdade também. Então é particular de cada pessoa, um aprova mais, outro aprova menos. Então todos da minha família têm um pouquinho de interesse.

P: O que você costuma fazer no seu tempo livre?
R: Olha, eu sempre procuro ler uma coisinha ou outra. Eu adoro futebol e assistir telejornal. Eu procuro me atualizar, me manter bem informado em relação a lazer, eu adoro ouvir musica.

P: Seu tempo de lazer é relativamente pequeno.
R: Sim.

P: Porque você acorda cedo, vai para o trabalho, depois vai para a faculdade, então o período de folga está mais restrito aos finais de semana. Normalmente você faz o que de sábado e domingo? Como é um final de semana típico seu?
R: Eu gosto de ouvir musica, mas não fico todo final de semana sempre ouvindo musica.

P: Você fica onde ouvindo?
R: No meu quarto, no computador. Fico ouvindo uns vídeos de musica.

P: No Youtube?
R: Isso, alguma coisa assim. Às vezes vou ao parque. Há pouco tempo eu fui no parque, lá no Villa Lobos. Gosto também de conviver um pouquinho mais com a família, ir ao cinema, ficar com o pessoal na balada pra se divertir, porque realmente precisa se divertir, esquecer um pouco dos problemas.

P: Que tipo de música você gosta?
R: Eu gosto de rock, mas eu sou bem eclético eu gosto de variar bastante. Gosto de rock clássico, eu gosto de rock atual, gosto de rock um pouco mais pesado, gosto de variar bastante.

P: Mas geralmente é rock?
R: Também não só rock, adoro forró universitário adoro, gosto de samba, um pagode.

P: E o que você gosta de ler?
R: Eu há pouco tempo estava lendo um romance: Dom Casmurro.

P: Você gosta?

R: Eu gosto. As pessoas diziam que era uma leitura muito difícil aí eu peguei uma vez e não consegui, não gostei. De repente eu falei: vou ler esse livro peguei ele pra ler, li todinho, gostei muito, achei muito interessante a historia e sempre eu tento ler algum livro, eu tento me focar...

P: Você compra o livro, você pega emprestado?
R: Às vezes eu pego emprestado, por exemplo, ali eu tenho a minha coleção de livros, uma coleção que eu fiz um tempo atrás, da Folha de São Paulo: 20 livros dos 20 maiores autores brasileiros e eu fiz essa coleção. De um jeito ou de outro eu consigo um livro...

P: Autores diversos?
R: Os 20 maiores autores brasileiros, não tenho um autor especifico.

P: E você vai lendo?
R: É, por exemplo, eu vejo um titulo "Macunaíma", então, vou ler esse livro aí. Começo a ler, começo a vivenciar aquela história e vou lendo.

P: Pelo que eu estou entendendo seus finais de semana são mais fechados: ou você lê ou escuta música ou está com sua família. É isso mesmo?
R: Isso, exatamente, eu procuro sempre pegar um pouquinho de cada coisa.

P: Você não sai, não paquera, não vai pra balada, nada?
R: Vou sim, mas do mesmo jeito que as mulheres reclamam que não fazem homem como antigamente eu também falo que não fazem mulheres como antigamente. (risos)

P: Ah é?
R: Sabe por que? É uma coisa muito séria, que eu penso. Você vai sair pra balada, você vai pra um barzinho. Primeiro no barzinho já está rolando um funk, letra de música que, sinceramente, eu odeio. Gosto muito do ritmo, eu danço, gosto de brincar, mas a letra da música eu odeio. Pra ouvir a música funk, ouvir a letra não dá, você esquece a letra e tenta dançar um pouquinho, mas a letra não dá e aí você sai pra balada, pra tentar se divertir, ver seu amigos e tal e você vê um cara lá que já bebeu todas, o cara já vem pra cima, eu evito esse tipo de confusão. Dá muita vontade de sair pra paquerar, mas de repente o cara que também está a fim da menina, o cara vem pra cima de você, por nada. Pra evitar esse tipo de situação, que eu sempre evitei, eu odeio discussão, odeio brigas, odeio isso aí, o que acontece: às vezes, eu nem saio por esse motivo. Canso de ver por aí o pessoal sair no braço, tomar um tiro, eu não quero esse tipo de coisa pra mim. Com tantos projetos futuros, eu vou pra balada amanhã à noite e de repente acontece uma coisa dessas... e aí? onde foi toda minha vida? Então às vezes eu nem saio. Questão de paquera, às vezes troca de olhar no meio da rua, na faculdade mesmo nas coisas que você convive mesmo por que...

P: Pessoas que você já conhece?
R: Exatamente, eu prefiro me relacionar dessa forma com pessoas que eu não conheço.

P: E televisão Anderson?
R: Assisto muito pouco. Ou assisto a um programa de comédia, de humor, ou assisto um telejornal. Ou você dá risada, uma coisa pra você descontrair, ou uma coisa mais séria.

P: Durante a semana você assiste?
R: Não.

P: Só fim de semana?
R: Só fim de semana.

P: E aí final de semana você assiste normalmente o que?
R: Olha, por exemplo, domingo de manhã eu gosto de programa de carro que passa de manhã na Globo. Eu gosto de assistir esse programa, corrida, futebol uma coisa ou outra eu acompanho assim, mas aí eu me reservo ao mesmo tempo estudar e ao mesmo tempo assistir, tento conciliar as duas coisas.

P: Entendi. Enquanto você está assistindo está fazendo outra coisa também?

R: Eu tento fazer alguma outra coisa. Às vezes quando a televisão está interessante acabo esquecendo a outra coisa.

P: Mas não tem aquele programa que você vê todo final de semana tem esse de carro e só?
R: Isso esse eu gosto de ver toda semana, às vezes eu não consigo, mas tento assistir todo final de semana.

P: Você falou em jornal, você gosta?
R: Gosto muito.

P: Quais você assiste?
R: Quando eu estou na escola, de manhã, às vezes eu não estou dando aula, aí eu ligo lá está passando o jornal da Rede Globo, jornal do SBT eu fico mudando, vou acompanhando as notícias, vendo o que acontece no mundo, o que está acontecendo em SP.

P: E internet, Anderson, computador você tem aqui na tua casa?
R: Tenho, tenho. Em casa ou eu estou baixando música, ou estou no Orkut, ou respondendo alguns e-mails, e-mails da faculdade.

P: Você tem internet aqui?
R: Tenho internet.

P: E você acessa só final de semana?
R: Em casa só final de semana. Na escola eu também tenho acesso, então estou sempre no computador. Quando não estou dando aula estou mexendo no computador.

P: Então aí você vai no Orkut, responde e-mail, baixa arquivos de música e que mais?
R: Ás vezes eu fico pesquisando trabalho da faculdade na internet basicamente esse tipo de ações.

P: Você falou que pesquisa trabalho pra faculdade na internet. Você usa mais a internet pra fazer pesquisa de trabalho do que, por exemplo, na biblioteca da faculdade?
R: Devido ao tempo, devido a pressa, sim. Porque pra ter acesso à biblioteca, só quando eu estou na faculdade e como eu só vou pra faculdade à noite, pra eu ir na biblioteca pesquisar, fica difícil. Tem que ser correndo, no horário do intervalo ou no fim da aula e aí fica difícil. Então pra trabalho mesmo eu prefiro a internet. Eu sei que no conteúdo é difícil, se não achar tudo na internet lógico que eu vou buscar um livro, mas acabo me resolvendo com a internet. Na maioria das vezes, internet.

P: Entendi. Quando você pesquisa na internet, que sites você usa?
R: Olha, site de pesquisa. Há pouco tempo eu fiz um trabalho de endomarketing, então fiz pesquisas em sites voltados ao assunto. Aí eu pesquiso vários sites diferentes pra comparar. Jogo o tema no Google e vou procurando. Acho os sites e vou vendo vários sites diferentes pra comparar se o assunto está certo, se está seguindo certa linha de raciocínio, eu vou buscando.

P: E os professores da faculdade, usam a internet?
R: Usam.

P: Vocês trocam e-mail com os professores?
R: Com certeza.

P: Eles botam lá musica ou trabalho?
R: No caso diversão acredito que não, mas com relação a atividades acadêmicas com certeza a gente troca e-mail com todo mundo da sala eu, por exemplo, eu tenho acesso ao e-mail coletivo que o representante é uma pessoa do meu grupo ali.

P: Você é o representante?
R: Não, o representante, ele é do meu grupinho, então quando não é ele quem mexe, sou eu. Então as únicas duas pessoas que têm acesso é o representante ou eu. Só nós dois temos acesso ao e-mail da sala, então a gente vai e divulga para o pessoal da sala, agilizando o

melhor possível, a gente tem todo esse acesso, conversa com as pessoas, vê se está entendendo a aula, tudo isso.

P: Só pra terminar esse bloco: jornal, revista e rádio. Pensando em jornal impresso agora, você já falou da TV.
R: Eu leio, na escola eu tenho acesso, eu leio de vez em quando, tenho acesso ao Diário de São Paulo na escola, mas não leio muito. Tenho acesso ao jornal, vejo uma matéria ou outra, aí eu tento ler. Revista também eu tenho acesso na escola, mas acabo não lendo tanto, são poucas revistas, eu leio pra me atualizar, tenho acesso, sim, leio de vez em quando. Se eu vejo uma matéria interessante, como a gente vai muito pela capa, se tem uma matéria interessante a gente vai lá, vê aquela matéria e acha outras mais interessantes e vai lendo.

P: Você lê notícias também na internet ou não?
R: Não, na internet não costumo ler, não. Porque eu já vejo a televisão, então acabo não vendo na internet.

P: E rádio?
R: Rádio eu gosto de escutar música, gosto de escutar música no rádio, difícil eu ouvir um jogo pelo rádio, ou notícias.

P: Agora você ouve música mais escutando rádio ou mais baixando música da internet?
R: Bom, como eu tenho pouco tempo de ouvir rádio, eu fico mais ouvindo músicas ou arquivos que já baixei, mas sempre que escuto um rádio assim as rádios que eu mais gosto, sempre escuto aquelas.

P: Por exemplo?
R: Eu gostava antigamente da 89 que é a Rádio Rock, mudou a gerência eu não gostei mais, mudei de estilo de música A Kiss FM também, a Alpha eu gosto, gosto muito da Alpha. A Alpha é muito boa. A 105 que é de rap eu gosto muito, Jovem Pan são várias assim.

P: Me conta um pouquinho agora da faculdade, como é que são as aulas? Como que o professor passa a matéria?
R: Na verdade, depende de cada professor. Cada professor tem sua dinâmica de dar aula, tem uns que é muito texto, dá explicação, muito texto. Têm outros que nem usam texto, têm outros nem passam isso na lousa. Tem um professor, de segunda-feira, que não passou conteúdo nenhum até agora. Ele só passou um filme no começo do semestre, deu uma certa direção pro pessoal, e dá-lhe apresentação.

P: Trabalho.
R: Trabalho de apresentação mesmo.

P: Seminário.
R: Seminário mesmo.

P: Seminário dos alunos.
R: Dos alunos, de todos os grupos, todos os projetos em si. Prepara ali, junta pesquisa e conteúdo e vai apresentar. É assim, se um grupo não fez, não vai ter apresentação. Se não tem apresentação, prejudica todos os outros, então tem essa dinâmica, ou você faz, ou você faz.

P: Esse é um tipo de aula que te agrada?
R: Agrada, inclusive, eu como líder do meu grupo, eu é que faço as apresentações. O gostoso que é exclusivo porque não vai o grupo inteiro lá na frente vai só um líder, vai o líder do grupo.

P: Entendi.
R: Vai lá e apresentar um pouco todo o trabalho dá uma aula assim, tem que apresentar uma dinâmica, faz você perder o medo de falar em público, essas coisas, mas é uma aula bem dinâmica. Outras aulas às vezes é conteúdo na lousa, uma coisa mais explicativa, uma atividade um pouquinho mais prática, aí vai variando um pouquinho. Aí tem outras aulas que é só conteúdo na lousa e atividades.

P: Desse estilo você também gosta?
R: De certa forma, porque querendo ou não a gente aprende na prática. Teoria é muito diferente da prática, daquilo ali prática é prática, teoria é teoria, aí deixa a desejar um pouquinho, mas não que seja uma aula péssima, uma aula ruim, tem a sua qualidade, sim.

P: Na sua avaliação, das aulas que você assiste ou já assistiu, quantas você diria que são bacanas?
R: 60% das aulas eu acho interessante porque eu tenho 5 matérias, uma pra cada dia da semana. Digamos assim, segunda, terça e quarta eu gosto dessas matérias, o professor vai lá explica, faz atividade inicial, interage com os alunos, tanto que é uma matéria mais vívida ali. Quinta-feira é uma aula à distância, que sinceramente, eu odeio.

P: Por quê?
R: Aula à distância é *online*, eu odeio.

P: Por quê?
R: Porque você perde todo o contato com o professor, é diferente o professor lá, na hora você imagina uma coisa e já questiona, conversa com o colega do lado é uma coisa mais dinâmica ali. Na aula à distância, via internet, você recebe o conteúdo, lê e às vezes você não consegue entender. Na leitura tem gente que tem dificuldade e aí fica por isso, apesar de ter um fórum lá, você não vai se expressar do jeito que você quer falar. Uma dinâmica bem melhor.

P: Como que é a matéria que você tem *online*?
R: Logística internacional.

P: Dá pra entender *online*?
R: Dá pra entender, o conteúdo da dinâmica, as apresentações das aulas são dinâmicas, mas nada que se compare ao professor explicando, fazendo atividade em sala ou alguma coisa, a presença humana, tirando dúvida de aluno, nada que se compare a isso. É boa sim, não vou tirar o mérito, mas não é.

P: Você prefere aula presencial.
R: Aula presencial eu prefiro mesmo porque há o compromisso dos alunos. Você tem uma aula presencial você é obrigado a ir todo o santo dia, numa aula *online* cada um faz do seu modo, no final de semana, se você sair, pronto, não fez aula essa semana,

P: Quando você diz, não faz na semana nem vai à faculdade.
R: Ou não vai nem na faculdade, nem faz aula em casa. Que nem na quinta-feira se eu não vou pra faculdade fazer aula, eu vou pra casa, se eu estou em casa vou fazer o que? Vou dormir mais cedo, pra aproveitar um pouco mais e aí acabo não fazendo a aula. Ou seja, se eu estivesse na faculdade, por mais que eu estivesse cansado, eu tinha uma aula presencial, eu tinha que estar ali, era um incentivo a mais, uma obrigação a mais. Se eu ficar em casa, ligo o computador acabo, sei lá, desviando a atenção com música, aí eu não faço a aula, então perde todo o foco, quebra toda uma previsão.

P: Você está dizendo que na aula *online* fica fácil de dispersar porque o computador está ali?
R: Fica, muito. O colega do lado ali, olha isso aqui, olha o e-mail que eu recebi, aí dispersa, dispersa muito.

P: Na aula *online* você faz na própria faculdade?
R: Na própria faculdade.

P: Entendi.
R: De vez em quando eu faço em casa, mas na faculdade dá a intenção de ir pra faculdade pra isso.

P: Entendi porque se você vem pra casa acaba não fazendo as atividades.
R: Exato, vou jantar, vou dormir mais cedo e acabo não fazendo.

P: Se a gente pudesse dizer assim, a aula *online* é mais? Completa com um adjetivo.
R: Na verdade ela é menos produtiva.

P: Ela é menos produtiva.
R: Ela é menos produtiva.

P: E tem assim ela é mais?
R: Um adjetivo positivo, uma coisa positiva.

P: Pode ser negativo também.
R: Eu a acho mais lenta.

P: Mais lenta.
R: Mais lenta com relação ao aprendizado.

P: No aprendizado ela é mais lenta. E aula presencial ela é mais?
R: Ela é mais rápida, ela é mais dinâmica.

P: Mais dinâmica.
R: Porque às vezes uma aula que você tem todo o esquema planejado por causa de uma dúzia de alunos você acaba aprendendo mais, com professor aprende mais. Sempre ouvi pessoas dizendo eu aprendo muito mais com você, do que você comigo. O convívio com vocês é extraordinário, então é diferente. É diferente da *online*. A *online* não tem tanto contato, é menos contato, então ela fica mais lenta com relação ao conteúdo dado.

P: E ela é menos a aula presencial?
R: Menos dinâmica.

P: A presencial?
R: Ah não a presencial eu acho ela menos chata, vamos dizer assim, menos chata.

P: Mais interessante.
R: Ela é mais interessante.

P: E como você faz pra estudar? Como que é o seu esquema de estudo?
R: Olha com relação a estudo ou eu aprendo na hora ou eu não aprendo mais. Ou aprendo na hora ou não aprendo mais.

P: Não estuda em casa?
R: Não consigo estudar em casa, dificilmente eu faço um trabalho.

P: E como é que você faz?
R: Está tudo na cabeça. Ou está na cabeça ou não está.

P: Você não escreve, não faz nada?
R: Não, lógico que eu escrevo, passo eu copio lição da lousa, uma coisa ou outra, faço uma anotação, mas ou aprendo ali na aula ou não aprendo mais. Dificilmente tiro uma dúvida com o colega do lado, alguma coisa do tipo.

P: Por exemplo, você tem trabalhos pra fazer ou não?
R: Tenho, tenho muitos trabalhos pra fazer.

P: E você faz?
R: Faço esses trabalhos, só que eu tento agilizar o máximo possível na cabeça, na semana que vem eu tenho que fazer isso, isso e isso, já deixo tudo esquematizado. Dia-a-dia, encaixo numa série de atividades.

P: E quando você tem esses trabalhos pra fazer, é no final de semana?
R: Final de semana. Semestre passado, por exemplo, eu tenho uma sexta matéria que chama Projeto Integrado. Esse Projeto Integrado se refere ao contexto interno de uma empresa,

diversos setores da empresa, o convívio da empresa e aí o projeto do semestre passado era descrever todo o ambiente organizacional e eu como líder do grupo tive que agilizar tudo isso. Sabendo que o meu grupo tinha 8 pessoas tive que organizar, era o responsável pelas informações e tal. No final das contas quem ficou responsável por todo projeto era eu, fora o pessoal que conseguiu as informações eu fui à única pessoa que digitou, que organizou, que recebeu as conclusões, que fez tudo. No final das contas perdi 5, 6 finais de semana seguidos só digitando, só fazendo trabalho. De sexta à noite a segunda de manhã só fazendo trabalho. Lógico que deu nota, o trabalho tirou 8 e meio, deu 50 páginas digitadas.

P: E quando você tem prova?
R: É o que eu te falo: ou aprendo na hora ou não aprendo mais.

P: Então você não estuda pra prova?
R: Não estudo pra prova. Não consigo estudar pra prova.

P: Nem assim no caminho, no ônibus?
R: Uma coisa ou outra porque acaba não dando tempo. O trabalho que tive essa semana que apresentar um trabalho, um seminário eu não tinha conseguido nem tempo pra fazer o trabalho.

P: Não tinha preparado nada.
R: Não tinha preparado nada, tudo em cima da hora, o pessoal também não colabora, não manda conclusão e aí ficou tudo em cima da hora, eu tive que ir vendo no ônibus tentando dar uma lida no trabalho, eu já entendia do assunto, mas dar uma lida, organizar os meus pensamentos pra apresentação.

P: Então, às vezes, quando você estuda pra prova é no ônibus?
R: Sim, por exemplo, hoje é sábado e amanhã tenho a prova do concurso da Prefeitura de São Paulo pra professores, quem disse que eu estudei? Não estudei nada. Tem duas apostilas enormes e eu não estudei.

P: E amanhã você vai fazer?
R: Amanhã é a prova às 7 horas da manhã.

P: E acaba dando certo?
R: De certa forma sim, já fiz outros concursos sem estudar e acabei não passando, lógico, mas eu vejo que eu tenho um bom entendimento do conteúdo, do que se trata, mesmo não estudando, ou seja, ou eu vivencio aquilo que aprendi na hora.

P: Nas aulas.
R: Nas aulas, alguma coisa ou então eu não consigo entender depois.

P: Deixa-me voltar só um pouquinho, você falou da disciplina *online* que tem. Como que é? É uma aula de um professor falando, é gravada ou vocês tem textos?
R: Não. Nas aulas é assim.

P: Que material tem na internet?
R: Tem um site próprio pra isso, da própria faculdade. Aí lá tem o tema da aula. Em cima disso tem uma pessoa que fala: - Agora vocês vão aprender isso e o objetivo é chegar a tal ponto -. O objetivo é aprender sobre a logística de determinado país. Aí depois tem uns slides, umas informações a mais, um questionário, uma dinâmica de perguntas e respostas no meio da aula.

P: Alguns exercícios?
R: Isso, uma coisa ou outra, por exemplo, caça-palavras, um preenche aqui, preenche ali e vai dinamizando e no final um questionário pouco mais direto pra você responder o que você entendeu da matéria, mas sei lá, eu acho pouco.

P: Se você tiver dúvidas tem um e-mail?

R: Tem, tem o fórum, tem discussões, só que como depende de um coletivo, você acaba não rendendo o suficiente, tem que ter alguém do outro lado, se não tem ninguém do outro lado, você vai fazer aula como?

P: O pessoal participa pouco, você quer dizer os outros alunos?
R: Participa muito pouco, falta de incentivo mesmo da faculdade.

P: Se tem discussões, está faltando o que então?
R: Tem fóruns ali, mas as pessoas não participam. Pra você fazer essa aula, prefiro ir dormir mais cedo. Aí você não vai conseguir fazer uma aula sozinho, você até vê o conteúdo, responde o questionário, faz aula, entende, é lógico, mas não tem toda uma dinâmica. Você só recebeu o conteúdo, não aumenta em nada, então acaba não rendendo tanto.

P: Mas assim, resumindo, a internet ela é importante nesse curso?
R: Com certeza, ajuda muito.

P: E na sua vida fora da faculdade? Como é que seria sua vida sem internet?
R: Difícil, muito difícil, já que eu pesquiso muitos trabalhos na internet. Contato com o pessoal, só pela internet, difícil mesmo, eu ficaria muito isolado.

P: Você usa bastante pra relacionamento? MSN, Orkut?
R: Sim, eu tento usar o máximo, o Orkut, por exemplo, eu tenho, mas não uso tanto, apesar de poder utilizar, não uso tanto. Há muito amigos lá, manda um olá e tudo bem.

P: O que você mais usa na internet?
R: Eu vario. Fico entre Orkut, só vendo recados, algumas vezes recado.

P: Responde?
R: Às vezes respondo e às vezes eu nem respondo e o e-mail mesmo.

P: E-mail mesmo.
R: É você fica trocando com o pessoal da faculdade.

P: Você usa o Twitter?
R: Não, Twitter não.

P: Você já conheceu gente pela internet?
R: Não, Aqueles chats eu não gosto muito.

P: Twitter você não usa?
R: Não uso.

P: Blog você usa? Você vai?
R: Eu já vi assim.

P: Você nunca teve um blog seu?
R: Não, sinceramente eu não sei como fazer um blog, ter um blog.

P: Os professores da faculdade têm blog deles ou não?
R: Não que eu sabia, não que tenha sido divulgado até hoje. Não tento tanto contato assim com os alunos. Eu falo que eu fico direto na internet com acesso de 20 minutos, só vejo se tem recado no Orkut e respondo os e-mails, depois não acesso mais. Nesses poucos tempos livres eu acesso a internet.

P: Entendi, cada brechinha que você tem você vai pro computador.
R: Dá a impressão que eu fico o dia inteiro na internet, mas não fico. De manhã eu vejo se tem recado no Orkut, não tem beleza, mas no finalzinho da tarde pode ser que tenha então eu vou lá e acesso de novo. Então esse meio tempo que eu tive de manhã e a tarde eu fiquei o dia inteiro na internet.

P: Se somar os intervalinhos que você vai pra internet você acha que dá quanto tempo por dia?
R: Acho que dá 1 hora ou 2.

P: Umas 2 horas por dia.
R: De 1 hora a 2 por dia, às vezes eu fico um tempo a mais

P: Final de semana você fica mais?
R: Acabo ficando mais, às vezes chega um feriado de segunda-feira, que aí fica sábado, domingo e segunda aí eu pego das 8 horas da noite até 2, 3 horas da manhã aí o tempo vai passando que eu nem vejo, fico ouvindo música vejo uma coisa ou outra, baixando arquivos lá e o tempo vai passando. Às vezes você baixa o arquivo, mas quer ouvir, até você baixar o arquivo e até você ver, está passando um bom tempo, às vezes fica 2, 3, 4 horas na internet e nem vê, eu nem percebo.

P: Você prefere livros e apostilas impressas ou conteúdo *online*?
R: Livros, apesar de não aprender tanto só lendo, você acompanha, você pode levar.

P: Por quê?
R: Justamente por causa da viabilidade, de levar pra onde você quiser, você tira uma cópia, você pode emprestar, fazer uma anotaçãozinha alguma coisa, fazer os exercícios. Apesar da internet ser muito viável, muito utilizada, ainda vai passar muito tempo ainda pra substituir um livro, muito tempo ainda. O livro ainda é essencial.

P: Você se reconhece você como aluno da faculdade? Você se identifica? Você acha que a faculdade tem a sua cara? Tem a ver com você?
R: Eu acho que não. Não me vejo vestindo a camisa da faculdade, sei lá de vestindo de certa forma.

P: Por que Anderson?
R: Por exemplo, como eu falei fiz Uniban, estou fazendo Radial num ano, depois posso ir pra USP.

P: Vamo falar sobre a experiência que vocês está vivendo agora, com a UniRadial. É a tua cara? Você se sente em casa? Você tem uma sensação assim: "É assim mesmo que eu queria, é desse jeito mesmo que eu imaginava, é assim que eu gosto, esse pessoal tem a minha cara, esse pessoal tem o meu jeito, fala a minha língua, esse é meu lugar?
R: Assim eu me identifico com o ambiente da faculdade sim, eu me identifico.

P: O ambiente? São as pessoas?
R: Exatamente, o próprio prédio ali mesmo, o acesso à biblioteca, acesso à internet da faculdade mesmo, os colegas. Eu sempre imaginei, mas não imaginei, por exemplo, estar nessa faculdade, nesse tempo, tal uma coisa meio centrada. Não me ligo a expectativas, mas o ambiente torna a faculdade pra mim.

P: Reacende.
R: Sim.

P: É aquilo que mais ou menos você queria?
R: Sim

P: Que você imaginava?
R: Sim.

P: Aquele tipo de prédio.
R: Exatamente.

P: A internet, aquelas pessoas, aquele espaço, aquelas propostas.
R: Sim.

P: Mais que a Uniban?

R: Sim, eu fiz a Uniban, eu fiz Matemática, me formei e agora o que vou fazer? Terminei de fazer e agora posso ter outras opções e agora? Eu fiz 3 anos, fiquei um 1 ano sem estudar, que foi o ano passado. Eu senti falta de uma conversa mais interessante, porque às vezes você quer conversar sobre alguma coisa, o pessoal (aponta para a rua) vinha conversar uma coisa totalmente desconexa, fofoca, uma coisa ou outra sem sentido. Por exemplo, uma coisa mais interessante ou aprender numa conversa e aí eu senti falta da faculdade.

P: Do ambiente, da convivência com as pessoas.
R: Com certeza.

P: Mas o que você falou no começo estudei na Uniban, agora estou na Radial, posso estudar depois em outra instituição. Você não tem, assim, um vinculo afetivo com aquele lugar? Uma ligação?
R: Não.

P: Não?
P: Não, vou lá pra estudar. Acaba rolando uma comunicação mais, assim, profunda com os professores, mas não que vire sei lá, uma amizade, ou alguma coisa desse tipo.

P: Você vai sentir saudades de lá também?
R: Sim com certeza, da convivência com o pessoal. Eu falei o número, a gama que a Radial pode oferecer um curso de logística aqui a Unip pode escolher um mesmo curso aqui, talvez até melhor, não sei. O fato de ter uma ligação forte com a faculdade, eu acho desnecessária, se uma oferece um curso e a outra também pode oferecer o mesmo curso, talvez até melhor, então por que eu me ligar só nessa faculdade? Como eu te falei não fica centrado só naquela coisa. Como eu disse o cara pode vir pra Radial ou ir pra outra, é indiferente.

P: O que você mais gosta de fazer na faculdade? Hoje nesse momento, o que você mais gosta?
R: A presença do meu pessoal, dos alunos dos colegas.

P: Fazendo o que juntos?
R: Conversando, discutindo as matérias, no caso ter uma conversa boba assim, sem sentido.

P: Conviver com eles?
R: O convívio, não que seja assim (incompreensível), mas é diferente você ter uma conversa com um pessoal que tem já uma opinião formada, tem um conteúdo, que tem embasamento no assunto, do que uma pessoa que nunca fez faculdade ou nem terminou os estudos, não excluindo o pessoal, mas tem muita gente assim. Eu sei que tem uma conversa diferente, ou às vezes é o contrário, já convivi com pessoas que não tinham muito estudo, mas tinha muita informação, você conversava muito com as pessoas, e tem colegas de faculdade que você conversa e não sai nada.

P: E com o que você, essas coisas que você faz. Tem alguma coisa que você faz por obrigação, que você não gosta de fazer, que você não se identifica?
R: No caso a aula à distância, essa eu faço por obrigação, eu tenho que fazer mesmo, por mim eu não faria.

P: Se você fosse Reitor por um dia na faculdade o que você modificaria?
R: Olha não pensei numa situação dessas, como Reitor da faculdade.

P: Se um dia puder pra mudar que se transformasse na faculdade que você ficasse apaixonado?
R: Como decisão ou como opção? Porque como Reitor a primeira coisa que eu faria é ver se os alunos estão satisfeitos.

P: Não, não é só um dia. Você não vai fazer tudo, você vai fazer o que você acha que é bacana.
R: Eu acho o poder uma coisa dinâmica, por exemplo, como é um dia só, olhar um projeto de cada curso. Chega lá no pátio ali, dinamiza o seu discurso pro restante da faculdade, mostra

pra todo mundo, não é só chega todo mundo vai cada um pra sua sala aprende e depois vai todo mundo embora. Mostra pro pessoal da faculdade que o seu curso vale a pena e o porquê daquele curso, aí você dinamiza.

P: Entendi como se a sua turma fosse fazer uma apresentação.
R: Exatamente.

P: Para a faculdade um trabalho de logística.
R: Do mesmo jeito que tem o trabalho dentro da própria sala.

P: Entendi
R: Que você não está ali, o colega da carteira, que conversa por conversar porque o cara está do seu lado você é obrigado a conversar com ele, mostra pra ele que você também é uma pessoa interessante, no caso mostra o seu curso, mostra a faculdade gente pensante, cabeças pensantes, que o seu curso está interessante.

P: Isso com o objetivo de?
R: Acho que de unir o pessoal mesmo, só não sei se é uma coisa conjugada, que às vezes tem tantas e tantas pessoas que você vê várias vezes que você reconhece e tal, mas passa e você não cumprimenta.

P: Não tem integração.
R: Não tem integração, não tem essa integração, então por um dia um projeto dinâmico, algumas coisas assim.

P: Integração e discurso.
R: Com certeza, alguma coisa de tecnologia, brinquedinho que funciona. Curso de tecnologia que fez um site diferente que a turma de tecnologia, fez algumas coisas assim, bem dinâmica mesmo, projeto que ali que está rolando mesmo, mostraria uma coisa mais dinâmica.

P: ok, Anderson, vamos agora tratar de outro assunto: como é que você divide seu salário? Como que é o seu orçamento?
R: Difícil, eu não tenho salário fixo, primeiro que eu não tenho salário fixo.

P: Porque você é professor substituto.
R: Exatamente, eu ganho por aula, então tem mês que vem muito, tem mês que vem pouco.

P: Mas você tem mais ou menos uma média.
R: Ganho uma média de 600 a 700 reais.

P: O que você faz com esse dinheiro?
R: Primeira coisa que eu faço, sempre eu agradeço a Deus, é separar o meu dízimo, está definido, eu sempre separo. Na verdade faz tempo que eu não dou, mas o valor acumulado de todos os meses está na minha cabeça, esse valor separado.

P: Você costuma ir a igreja?
R: Dificilmente, mas tem esse dízimo e agradeço a Deus por tudo o que eu tenho.

P: Qual a sua religião?
R: Todas.

P: Mas o dízimo é cristão.
R: É o seguinte, até uns 12 anos de idade eu ia na Deus é Amor, tem o dizimo. Como eu era pequeno, meus pais saíram da igreja e eu acabei saindo junto, mas os 12 anos que fiquei na igreja eu mantive.

P: Esse dízimo, quando você dá, é pra igreja Deus é Amor?
R: Que eu mantenho o vinculo, mas já fui à Católica, já fui a Batista, já fui na Graça de Deus, já fui em todas, Brasil pra Cristo, passei por muitas igrejas, como eu falei, pra não ficar focado numa coisa só.

P: Então a primeira coisa que você faz é separar o seu dízimo.
R: Separo o meu dízimo, aí o que eu faço? Eu tiro o dinheiro da condução, que é importante pra mim, tiro dinheiro, por exemplo, dinheiro pra alguma outra coisa que eu tenho que fazer, pagar uma conta, no caso ou um cartão de crédito meu mesmo eu separo ali porque eu sei que aquilo ali eu não posso deixar de pagar, lógico ,e aí o restante vai tudo pra contas.

P: Você ajuda aqui na sua casa?
R: Com certeza, em casa quem trabalha sou eu e minha mãe.

P: Vocês que sustentam a casa?
R: Nós dois sustentamos a casa, como a minha mãe está com dificuldade em receber, ela é diarista, então eu que estou mantendo a casa, eu que mantenho a casa, o pouco que eu tenho vai pagando as contas.

P: Nas contas é o que assim? Supermercado, luz.
R: Supermercado, uma questão de organização dividindo bem as finanças a gente tem ideia de fazer compras grandes pra um bom tempo, 2, 3 meses faz mercado de atacado mesmo, pra fazer compra grande mesmo, a gente economiza nos meses seguintes e tal pra poder organizar tudo direitinho, porque às vezes vai comprando de picadinho, picadinho aí foi o dinheiro todo e no final tem que comprar de novo e cadê o dinheiro? Não tem, então organiza direitinho ou não consegue.

P: Você tem comprado alguma coisa que não seja para as contas da casa, no momento?
R: Não, dificilmente eu consigo comprar um tênis pra mim.

P: Agora quando sobra uma graninha, por exemplo, um mês que você tenha dado mais aulas e tal, você compra o que pra você?
R: Dificilmente eu compro alguma coisa. Só quando eu realmente preciso mesmo, mas às vezes eu me reservo a sair, a gastar mesmo. Vou pra balada, vou gastar, vou pra tomar uma cerveja é 5, 10 reais aí vou gastando pouquinho, pouquinho. Se compro o tênis aperto um pouquinho vai no cartão de crédito, porque acabou o dinheiro, tudo bem eu me reservo a comprar alguma coisa só o necessário. Comprar por luxo, comprar porque gostou, dificilmente eu faço isso. Acho que nunca, raramente eu faço isso.

P: O que você gosta de comprar quando você faz isso?
R: Lógico que se sobrasse mais compraria uma camiseta bonita, compraria um outro tênis, uma outra calça, vestimentas.

P: Compraria mais roupas.
R: Lógico andar um pouquinho mais arrumado, alguma coisa.

P: Mais alguma coisa você pensaria em fazer?
R: Olha eu penso sinceramente em comprar, por exemplo, uma moto pra mim.

P: Uma moto.
R: Se tivesse a garantia de um dinheirinho sempre no final do mês eu daria a mensalidade de uma moto, compraria uma moto ou um carro, não sei, pra mim.

P: Mais alguma coisa?
R: Acho que não, sim eu compraria um videogame ou um computador melhor no caso já uniria várias áreas, então é uma coisa que eu compraria se tivesse um dinheiro a mais.

P: E com relação à faculdade? Tem mais um pouco ainda em relação às compras que a gente estava falando. Tem gente que fala que a gente é um pouco aquilo que a gente compra. Você concorda com essa afirmação?
R: De certa forma.

P: Você acha? Como, de que forma?
R: Que tipo de compras você fala? Compras de?

P: Não sei, tem gente que fala assim, por exemplo, se eu uso uma determinada roupa ou se eu tenho uma televisão de um determinado jeito, isso mostra também um pouco do que eu sou. Você acha que é assim?
R: Acho que sim, pelo menos a parte externa mostra bastante. Eu sou uma pessoa bem simples, então não sou muito ligado à marca, não sou do tipo de ficar fazendo propaganda pros outros de graça. Você compra um tênis da Nike, vai andar com a Nike pra cima, pra baixo.

P: Só pra ficar mostrando.
R: Um tênis da Nike, uma camiseta da Nike, uma coisa ou outra, eu não compro nada de marca. Um tênis um pouco mais de marca por questão de qualidade você acaba usando, mas roupas de marca dificilmente eu compro.

P: Não pode ser o contrario também, o fato de você comprar roupa que não é de marca não fala alguma coisa sobre quem você é?
R: Eu vejo que se torna um pouco indiferente, eu me julgo um pouco indiferente quanto a isso.

P: Entendi.
R: Compro uma roupa que não é de tão marca assim, pra mim me torna diferente, tantas e tantas marcas que tem da mesma vestimenta pra que você vai escolher entre tantas se você pode ter a mesma qualidade sem ter que pagar tão caro só porque é aquela marca? Eu me torno um pouco diferente.

P: Você estudou na Uniban, está estudando agora na UniRadial. São duas faculdade particulares, que cobram mensalidade. Você é bolsista, não paga mensalidade, provavelmente você tem vários amigos que têm que pagar mensalidade. Pensando um pouco em você e até na outra faculdade que você já fez e nos seus amigos que hoje estudam lá. Você acha que eles têm a sensação que estão comprando, que aquilo também é uma compra?
R: Não acredito, não. É uma questão de investimentos.

P: Investimento.
R: Eu acredito que é uma questão de investimento.

P: Qual a diferença?
R: Pagando ou não é uma questão de investimentos. Os valores são iguais, mas quem paga tem que dar mais valor porque está pagando, afinal está saindo do bolso, mas quem é bolsista tem que dar mais valor porque você tem uma bolsa coisa que o outro não tem, um é igual porque você paga e outro é igual também porque tem uma bolsa.

P: Está certo.
R: Então o incentivo tem que ser geral. Tem que estar incentivado porque você paga, e tem que estar incentivado porque você tem bolsa.

P: Mas você tem a sensação de que você está comprando a educação?
R: Sinceramente, com certeza eu já tive essa sensação, quando eu fiz Matemática eu vi pessoas que estavam fazendo o curso só por fazer, não iria querer dar aula e melhorar a educação no Brasil, por exemplo, fazia curso por fazer pra fazer trabalho em banco ou algo desse tipo. E me deparei com situações lamentáveis, uma pessoa na faculdade que não sabia fazer uma conta de multiplicação, simplesmente não sabia.

P: Queria entender um pouco a diferença. Você está dizendo assim, tem pessoas que vão lá pensando no mercado, só pensando em fazer e tal. E o que é diferente disso? È quando a pessoa faz a faculdade como?
R: Com o intuito focado no futuro. Chegar na faculdade e fazer, não adianta você chegar lá por nada, senão está tirando a vaga de uma pessoa que queria estar, tanto quanto uma outra.

P: Ou seja, essa pessoa que você fala, que está fazendo por fazer, não está interessada em ser realmente profissional, em aprender?
R: Exatamente.

P: E essas pessoas que você citou, imagino esse grupo querem aprender realmente, mas todos pagam a mensalidade da faculdade.
R: Todos pagam.

P: Será que nesse sentido a gente poderia dizer que todo mundo está comprando ou não?
R: Alguns compram mesmo, paga a mensalidade da faculdade, mas dá a impressão que está comprando o diploma mesmo.

P: Quando você diz comprar diploma você está querendo dizer que a que a pessoa não está aprendendo, é isso?
R: Ela não está aprendendo porque, por exemplo.

P: Mas e quando você está aprendendo, também não está comprando aquele aprendizado ou não?
R: É você paga pra receber o conteúdo, mas de certa forma você acaba comprando sim, mas não que você compre a educação. Você compre o conteúdo ou alguma coisa.

P: Vê se eu estou entendendo. Você está dizendo assim, um grupo de pessoas que não está nem aí, que elas não estão preocupadas com o que elas vão fazer pelo mundo, ou não vão fazer, em aprender em se desenvolver em sentido nenhum. Todos pagam, mas tem as pessoas que não, que elas estão preocupadas realmente em se formar, realmente em aprender.
R: Tem um objetivo.

P: Não só o projeto em cima do curso da faculdade.
R: Exatamente.

P: É isso?
R: É como se fizesse um grande projeto social, mas tem gente que está interessado nesse grande projeto social e tem gente que não, as pessoas estão interessadas em pagar o mundo melhorar de certa forma tanto a sua vida como a dos outros e tem gente que quer aprender e no futuro ganhar dinheiro e mais nada.

P: E pra você, como estudante, é legal, é legal é ok se você está lá interessado em melhorar a sua própria vida, melhorar a vida dos outros, melhorar o futuro de todo mundo e tal, você pagar pra aquilo?
R: De certa forma você está ali com tudo, está pagando, tentando melhorar o mundo, tentando melhorar a sua própria vida. Só que o outro que não quer, de certa forma, não quer nada com nada ele vai no mesmo mercado de trabalho que você e pode puxar seu tapete e você pode ser demitido.

P: Porque ele vai ter o mesmo diploma que você.
R: Mesmo diploma que você então tanto faz, vai puxar o tapete e não quer nem saber, entendeu? Vira certa competição só pra sei lá, por nada, quase nada.

P: Acho que é isso, você gostaria de dizer está sendo gravado. Você se incomoda que seu material seja utilizado em apresentação, em publicação mesmo sem você ser identificado?
R: Não, sem problema nenhum.

P: Sem problema nenhum. Mais alguma coisa que você gostaria de dizer?
R: Quem sabe uma filosofia. Uma coisa que eu sempre penso, já faz um tempo, que é como a gente dar valor a tudo o que a gente tem a nossa volta, questão de estudo, questão de família, de amigos e tudo tem que dar valor, senão você perde tudo.e como tudo, só dá valor depois que perde, o que é totalmente errado. Tem que valorizar. Tem que valorizar tudo.

Entrevistado: ENTREVISTA 2
Curso: Logística
Campus: Jabaquara

P: Bruno, eu queria que você me contasse quais são os seus planos pra daqui a cinco anos.
R: eu estou fazendo a faculdade de logística e acabo agora esse ano. Pretendo melhorar na minha vida profissional. E eu queria fazer outra faculdade, engenharia de produção. E daqui a cinco anos eu pretendo estar com minha casa própria, eu moro de aluguel. Uma vida financeira mais estabilizada.

P: Você quer fazer engenharia de produção porque motivo?
R: Porque eu já trabalho na área de produção, como programador de pcp. Eu já trabalho na área e eu queria me especializar, pra ter um cargo melhor.

P: E porque você esta fazendo logística antes de entrar direto em engenharia de produção?
R: Porque o curso de engenharia é o dobro do curso de logística. Eu preferi fazer logística antes pra ter um curso de especialização. Ai conseguir um salário melhor pra poder fazer curso de engenharia. Daqui a cinco anos eu pretendo já estar cursando a engenharia.

P: E daqui a cinco anos você acha que já vai estar na área profissional que você deseja ou onde você vai estar trabalhando, que tipo de área?
R: Eu já trabalho na área que eu quero crescer, que é a área de produção. Então eu pretendo continuar nessa área mesmo. É uma área que eu conheço, eu sou técnico em gestão de plástico, então eu quero continuar nessa área.

P: E que diferença teria hoje do lugar que você está? Seria a mesma área de hoje, no esmo cargo, no mesmo jeito?
R: Não.

P: Seria diferente?
R: Diferente.

P: Como assim?
R: Procurar um lugar que me dê uma chance, a empresa que eu trabalho, não vou dizer que é um lugar ruim, mas é que lá não tem perspexctiva de crescer lá dentro. A estrutura é enxuta e a empresa é pequena. Então ali eu não tenho muita perspectiva, eu tenho que estar numa empresa melhor.

P: Entendi, que cargo você quer estar?
R: Eu quero estar como gerente de produção.

P: E fazer engenharia é para chegar em que lugar dentro da empresa?
R: Começar como gerente e chegar a um diretor.

P: A sua vida cultural você já disse, você quer fazer engenharia e em termos de bens, o que você está pensando em adquirir ate daqui a cinco anos?
R: Ter a minha casa própria. Meu carro, eu tenho, mas é velho, eu quero um carro melhor.

P: Em termos da sua vida afetiva qual o seu projeto?
R: Estar com a minha esposa. A família esteja unida como está agora, mãe, pai e irmãos, minha filha. Ela fez cinco meses agora.

P: E mais alguma coisa de projeto na área da tua vida?
R: Na parte afetiva acho que só, né? Se der tudo certo a gente pretende ter outro filho.

P: Demora um pouquinho ainda...
R: é.

P: E em termos social, vida de relacionamento. Como que você imagina que ela seja daqui a cinco anos?
R: Eu espero que ela não seja monótona. Que eu não tenha que ficar em casa nos finais de semana, sair no domingo com minha esposa, jogar conversa fora, beber, visitar amigos na casa deles.

P: Aquela coisa chata que todo mundo quer fazer.
R: É.

P: Deixa eu te falar uma coisa. E pensando no presente, no hoje, o que seria a base pra você realizar todos esses projetos que você me disse agora?
R: Dinheiro. Eu preciso ter uma estabilidade financeira. É como eu te disse eu estou fazendo o curso de logística, que está ligado à área que eu trabalho também, não é em vão. Pra poder ter uma vida financeira melhor e pra poder fazer o curso de engenharia e consequentemente ter uma situação financeira melhor.

P: E o que você espera do curso de logística?
R: Eu espero que ele me abra portas pra eu ter a possibilidade de fazer meu curso de engenharia.

P: E você está na gerencia hoje de produção?
R: Não. Eu estou como analista de pcp.

P: E você tem uma pretensão de que o curso de logística te abra a porta para a gerência?
R: Com certeza.

P: Você entrou na faculdade, foi a primeira faculdade que você prestou pra entrar, primeiro curso? Conta um pouco da história.
R: Eu fiz um curso técnico no Senai. Eu sou técnico plástico. Eu fiz lá no Senai de São Bernardo do Campo. Dois anos de curso. E é o curso de técnico em plástico que me levou a fazer o curso de logística. E esse curso de técnico em plástico a gente aprende tudo em indústria, todo o segmento. E a gente fica apto a trabalhar em todas as áreas, vendas, compras, produção de plásticos. Então no caso eu tava fazendo o curso técnico, no segundo semestre de curso eu consegui estágio como programador de PCP (Planejamento e Controle da Produção). Foi aí que eu comecei a trabalhar nessa área. No segundo semestre, mas do curso técnico que eu consegui o estágio. E é a área que eu estou até hoje. Trabalhei na primeira empresa, que eu fiz estágio, depois trabalhei em outras, como estagiário também. E agora estou nessa empresa, como efetivo.

P: E faz muitos anos já que você fez esse caminho?
R: Faz uns seis anos.

P: E aí você decidiu a logística por quê?
R: Porque a área de PCP tem tudo a ver com logística. Ela é o ponto chave da empresa. O elo de ligação entre o cliente, vendas, compras e material acabado. Porque eu controlo, a minha função é receber o pedido que vem do cliente, analisar o pedido e ver se eu tenho material suficiente pra fornecer. Senão tem eu peço pro pessoal de compras pra providenciar. Terminou a matéria prima e o pedido eu vou programar a produção, em qual máquina que vai fazer. E eu tenho que controlar o estoque de produto acabado. Deixar tudo certo para o cliente. E se aparecer alguma emergência tem as peças guardadas lá. Então eu tenho que cuidar de todo o processo de fabricação, desde a entrada da matéria prima ate a entrega ao cliente. Tem que controlar isso.

P: E quando é uma empresa grande?
R: No meu caso só tem eu. Eu que cuido da parte de PCP da empresa. Numa multinacional, por exemplo, eu seria um supervisor de PCP. Aí tem os analistas e os assistentes.

P: Aí são vários?
R: É.

P: E quando você entrou no curso e começou cursar, você teve alguma surpresa, alguma descoberta, você foi tendo descobertas ou não? Pode ser negativa ou positiva, ao longo do curso?
R: Tive um monte de descobertas. Como que eu posso colocar isso pra você em palavras? Eu tive cálculos, por exemplo, cálculo de porcentagem de matéria prima.

P: Nisso está ajudando você?
R: Ajudando muito. À parte de comercialização e nota fiscal, ajuda você entender bastante como é que funciona o sistema produtivo.

P: Mais alguma coisa?
R: Não, acho que só isso.

P: E você percebe, Bruno, que alguma coisa mudou primeiro na sua vida e depois em você depois que você começou a fazer a faculdade?
R: Na minha vida... Mudou alguma coisa sim. Muitas coisas no meu ponto de vista mudaram. Por exemplo, quando eu não tinha faculdade, eu trabalhava tipo com aquela visão de cavalo, só enxerga pra frente. Não tinha muita visão espacial. Agora que eu tenho curso técnico e eu me preparei bastante para o mercado de trabalho, agora que eu estou terminando a faculdade, eu tenho uma visão mais ampla, eu não enxergo só aquilo que eu quero enxergar. E a minha profissão exige muito isso, eu não posso me focar só naquele objetivo. Eu tenho que me focar no objetivo das coisas que estão acontecendo em volta e isso mudou bastante em mim.

P: Tem que entender certinho qual é o papel do que está fazendo naquele momento pra outra coisa...
R: Porque uma coisa leva a outra, se eu tiver uma falha, se eu fizer alguma cosa errada, eu vou prejudicar o setor de matéria prima, eu vou prejudicar a expedição, e eu vou prejudicar o meu cliente.

P: E você nem notava quando não tinha estudado ainda.
R: Também porque eu não trabalhava nessa área ainda. Eu trabalhava num serviço mais comum, operador, como auxiliar. Depois da faculdade eu abri mais a mente.

P: O que significa pra você fazer a faculdade?
R: Significa ter um curso superior, ser formador de opinião. Se você tem o curso superior você tem que fazer por onde, as pessoas entenderem que aquilo fez a diferença na tua vida. E que você não é só mais um com diploma embaixo do braço. Tem muitos professores na faculdade que pregam isso, entendeu? Você tendo o curso superior na mão, você é um formador de opinião, uma pessoa que as pessoas vão te seguir. Eu tenho isso em mente.

P: É uma responsabilidade?
R: Sim.

P: Alguém que as pessoas vêem como um modelo, de certa maneira, um ponto de referência.
R: Um ponto de referência. Na empresa mesmo eu vejo os operadores de máquinas, que procuram melhorar e eu dou a maior força, incentivo. Perguntam pra mim sobre o curso, sobre a faculdade, eu falo, pego um panfleto e levo.

P: E você esta com quantos anos?
R: 26 agora.

P: E pra sua família o que significa você fazer a faculdade?
R: Pra minha família, como eu tenho uma filha, eu espero que ela possa fazer uma faculdade e que eu possa ajudar. Eu pretendo ajudar a minha esposa também, no ano que vem, a fazer uma faculdade. Ela está querendo fazer pedagogia.

P: Lá na faculdade, além da sala de aula, aonde que você vai?
R: O laboratório de informática e o bar do Vicente.

P: E você frequenta o bar pra que?
R: Pra jogar conversa fora. Tirar uma pouco o estresse a pressão da cabeça.

P: E o laboratório de informática porque você frequenta?
R: Porque como eu não tenho acesso à internet aqui em casa, eu uso no serviço e na faculdade.

P: E mais algum lugar que você frequenta na faculdade que não seja o laboratório de informática ou os bares?
R: Biblioteca.

P: E você vai lá pra que?
R: Porque geralmente a gente faz muito trabalho em grupo, então a gente se reúne lá na biblioteca, discute sobre o trabalho.

P: E você tem amigos na faculdade?
R: Vários.

P: E você conheceu eles como?
R: No dia a dia do curso, a gente faz trabalho em grupo. É mais nessa parte ai. E convivendo no dia a dia mesmo.

P: Você me diria que eles são seu principal grupo de amigos hoje em dia?
R: São.

P: Por que eles são o principal?
R: Porque a gente faz bastante coisa junto. A gente faz trabalho junto, vai um na casa do outro, acaba criando um laço mais forte.

P: E você vê eles fora do momento da aula?
R: Do eu grupo eu já fui na casa de alguns deles e eles já vieram na minha casa, já rolou um churrasco e coisas assim.

P: Me conta um pouco como são as aulas lá, como o professor dá a matéria, como que é?
R: O curso são cinco matérias por semestre então a gente tem um professor por dia. A gente tem um a cada dia. Cada um de uma matéria. E assim... Depende da matéria, cada professor tem seu jeito de dar aula, de passar a informação que ele está querendo passar, mas geralmente todos entendem bem do assunto que estão falando e tem uma boa didática pra passar a informação.

P: O que você chama de boa didática?
R: Explica bem a matéria. Eu não tenho problema de entender a matéria.

P: Qual horário que você estuda?
R: Eu estudo mais no trabalho, porque eu trabalho das sete e meia da manhã às cinco e dezoito da tarde. Então das cinco e dezoito até umas seis e quarenta da tarde, mais ou menos eu fico estudando lá na empresa mesmo.

P: Você gostaria de ter mais tempo pra estudar?
R: Eu gostaria.

P:...Pra estudar e fazer o que mais se você tivesse mais tempo?
R: No momento agora que eu estou vivendo eu gostaria de ter mais tempo pra ficar com a minha filha.

P: A internet é importante para o seu curso?
R: Ela é muito importante.

P: Por que ela é muito importante?
R: 99% dos trabalhos que eu faço pra faculdade são pesquisados na internet. A fonte de pesquisa é na internet.

P: Aonde que você pesquisa na internet?
R: Procuro bastante no Google. Mais ou menos por aí, eu pesquiso no google e entro nesses sites da vida por aí.

P: E você consulta sobre material de aula falta, nota, também na internet?

R: Também.

P: Como que os professores lá usam a internet?
R: Na faculdade a gente tem o portal universitário e você escolhe e você tem acesso a todo andamento de todas as disciplinas. E lá tem uma área que os professores podem colocar que a gente pode baixar apostilas, planilhas, plano de aula. Aí eles colocam no site e a gente vê. A gente baixa e tem o material em mãos.

P: E o que você acha disso?
R: Eu acho bom, facilitou, economiza papel. Você não fica com aquele monte de papel, o professor de direito passou todos os arquivos de todas as aulas dele. Então cada dia da aula dele você imprime e leva e você não tem que ficar carregando apostilas gigantes. Facilita a vida.

P: E os professores também usam a internet?
R: Usam.

P: Como é esse uso da internet?
R: Via e-mail, provas, notas, tira dúvidas das provas. No primeiro dia de aula passa um e-mail pra gente. Geralmente eles pegam o e-mail do representante da sala e ele fica incumbido de passar pra todos os outros. Se você tem uma pergunta pessoal pra fazer para o professor você passa pra o e-mail particular dele e ele responde.

P: Quando você falou do seu material todo vir on line e você não precisa carregar a apostila e ai você imprime?
R: Imprimo.

P: Você imprime aquilo que veio naquele momento...
R: Eu imprimo o que eu vou usar naquele momento.

P: Você prefere estudar livros e apostilas impressas ou conteúdo on line mesmo?
R: Conteúdo on line.

P: Por quê?
R: Porque eu não preciso comprar livros, a apostila impressa eles disponibilizam a área de xérox da faculdade. E estando via on line você não precisa pagar nada.

P: No caso você paga pra imprimir?
R: Quando eu estou no trabalho eu não pago.

P: A aula presencial ou on line, o que você me diz disso.
R: A on line, não sei. Eu prefiro a presencial. Na terça feira eu tenho a aula on line, que eu não preciso ir à faculdade de terça. Mas eu prefiro presencial, aí você tem o professor ao vivo, falando com você, tirando dúvidas na hora, pode esclarecer tudo na hora. E aí a explicação é mais fácil, e sozinho a interpretação é mais difícil. Na hora, lá com o professor ,você pergunta e ele responde e na Internet, não.

P: E você não tem como interagir?
R: Tem, mas é um processo mais demorado, você manda a pergunta, tem que aguardar a resposta. É um processo mais demorado.

P: Você se identifica com a sua faculdade? Sabe quando você vai num lugar e você olha e fala esse lugar é a minha cara? A faculdade é um lugar assim, você se identifica, ela teria que mudar alguma coisa pra ficar assim, pra poder parecer com você, parecer com o que você projetava de uma faculdade pra você estudar. Conta um pouco isso pra mim.
R: A faculdade em termos de estrutura física poderia ser melhor.

P: Por exemplo.
R: O espaço dela poderia ser maior.

P: O espaço físico?
R: O espaço físico dela eu acho pequeno, são dois prédios, mas os dois pequenos, as salas poderiam ser mais amplas. Tem muitos alunos por sala.

P: Quantos mais ou menos assim?
R: Cerca de 90 alunos. E a estrutura podia ser maior e melhor. No calor a gente sofre porque é muita gente junto.

P: Não tem ar condicionado?
R: Não. Tem ventilador e não dá pra refrigerar a sala inteira porque é muita gente. Algumas salas têm sistema de microfone, mas não são todas e aí os professores têm que gritar.

P: E o professor tem que ficar gritando?
R: É porque às vezes o pessoal do fundo não escuta o que ele está falando.

P: Que mais que você acha que poderia mudar pra ficar a tua cara?
R: Em geral, assim, eu gosto da faculdade. São esses detalhes, assim, que poderia ser melhor.

P: Mais alguma coisa?
R: Não, só isso mesmo.

P: Nada mais?
R: O espaço físico, o restante é bom, o atendimento é bom.

P: Os professores, a matéria?
R: Os professores explicam bem.

P: Poderia melhorar em alguma coisa?
R: Poderia tirar, no caso, a aula on line. Na verdade eu acho que não ajuda muito, não.

P: Qual a importância da universidade para aquele futuro que você descreveu pra mim?
R: No momento eu acho que é fundamental a faculdade. Pra minha vida profissional vai ser muito importante, muda o meu currículo. Já vai melhorar bastante, aí eu posso tentar degraus mais altos.

P: Você consegue imaginar a tua vida sem a universidade?
R: Não consigo.

P: O que você acha que seria diferente sem a universidade?
R: Ia ser muito diferente. Se eu não estivesse fazendo faculdade eu não ia... Já é difícil com faculdade, sem faculdade é mais difícil ainda. Quando eu terminei o 2º grau, eu não tive uma oportunidade de fazer uma faculdade ainda. Mas eu fiz o curso técnico, que era gratuito e eu tive que fazer uma prova, eu passei na prova numa relação de 15 alunos por vaga.

P: Pra fazer o técnico?
R: Pra fazer o técnico. É um curso muito procurado no Senai. É muito conceituado, muito bom, eu tive que fazer uma prova. Aí eu tive que fazer a prova e passei na prova. Então eu acho que se a pessoa não procurar estudar e melhorar na parte cultural fica complicado conseguir o que deseja.

P: Você consegue desenhar pra mim qual seria o seu trajeto profissional. Você já descreveu os cursos e o que você planeja, mas sem a faculdade e só o técnico como que seria o seu trajeto.
R: Só o curso técnico...

P: Sem a faculdade.
R: Eu ia procurar experiência na área. Porque com experiência e curso técnico ajuda bastante. Se eu tivesse experiência na área eu procuraria emprego como técnico em plástico mesmo, pra cuidar da parte de produção e os processos. E pra tentar fazer uma faculdade.

P: De qualquer maneira, porque pra chegar no cargo que você quer não tem como...

R: Não tem como.

P: Como analista nem pra gerente dá pra chegar?
R: Não.

P: Você poderia ser um ótimo analista, mas você ficaria nesse nível.
R: É.

P: O que você faz no seu tempo de lazer no seu tempo livre?
R: No tempo livre eu costumo sair e ir à casa da minha mãe.

P: Aqui não é a casa da sua mãe?
R: Não aqui moro eu, minha esposa, minha filha e minha sogra.

P: Então você costuma ir à casa da sua mãe.
R: Ou de amigos, parques, eu fui na represa de Guarapiranga.

P: E a TV como interfere na sua vida?
R: Eu assisto um pouquinho à noite na hora que eu chego da faculdade. Eu não perco o meu tempo assistindo televisão.

P: E quando você chega da faculdade o que você vê?
R: Geralmente quando eu chego da faculdade, acabou a novela e eu vejo mais a Globo mesmo, o jornal.

P: Você gosta de assistir?
R: Gosto.

P: E de final de semana? Por exemplo, o que você gosta de assistir na TV?
R: Eu não costumo assistir TV no final de semana, não. Mas às vezes, quando eu estou na casa da minha mãe, eu assisto Faustão, mas eu gosto muito de filme.

P: Que tipo de filme.
R: Suspense. É o que eu mais gosto e mais me identifico.

P: E como você usa a internet. Você já me explicou que você usa na faculdade e no trabalho. E assim internet pra e-mail, tweeter, facebook...
R: No mundo de hoje eu não viveria sem internet. Eu uso internet para tudo, não tenho tweeter. Eu tenho orkut, MSN, e-mail. E eu uso internet pra tudo, acesso conta, pago conta.

P: Então vamos fazer uma organização... Você usa pra pesquisa da faculdade, pra olhar notas, faltas, apostilas. Você usa pra assistir aula. Você usa pra pagar contas, e-mail, orkut, MSN. A internet é um passatempo também?
R: Também, mas eu uso mais pra pesquisa de produto, de serviço. Meu carro eu comprei pela internet. Eu sou apaixonado por carro antigo. Eu gosto muito mesmo. Ai eu quero reformar. Eu acesso coisas até que eu fiz nele, eu comprei pela internet. Mas eu procuro lugares mais seguros pra fazer compras. Eu observo muito se é um site seguro. Você paga pra eles e quando você recebe que libera. É mais seguro pra ambos os lados.

P: E os outros meios como revista, jornal, radio?
R: Nem revista e nem jornal.

P: Você vê jornal mais na TV?
R: Jornal é na TV e na internet também.

P: E tudo é à noite quando você vai pra faculdade?
R: E no serviço também.

P: E rádio?
R: Só ouço musica.

P: Quais rádios?
R: 89, jovem pan.

P: Pra terminar eu gostaria de saber um pouco dos seus hábitos de consumo. Como você divide seu salário?
R: Aluguel, cartão de crédito, transporte.

P: O que mais pesa no seu orçamento?
R: Cartão de crédito.

P: Uma aquisição que você tenha feito nos últimos tempos que seja importante?
R: Meu carro velho.

P: E você comprou porque esse carro?
R: Porque o preço estava bom e barato, o carro estava com os documentos em dia, o estado geral dele não está bom, mas o motor zerado e eu paguei mil e quinhentos reais nele.

P: Que carro é?
R: Um Passat. E eu pesquisei, um carro desse todo inteirinho não vale menos de doze mil reais.

P: O que você gostaria de comprar além da casa e do carro... Você quer uma casa porque?
R: Pra sair do aluguel. Ter a minha casa própria.

P: E o seu carro você trocaria por qual?
R: Meu carro eu não tenho intenção de trocar, eu gostaria de comprar um novo e deixar esse.

P: E qual o novo que você compraria?
R: Um palio, um celta.

P: Que importância esses bens têm para você?
R: Depende do ponto de vista. Eu não penso em ter bens só por status, mas sim por conforto também. Uma casa própria é uma necessidade, morando de aluguel você paga por uma coisa que não é sua. E carro é essencial pra quem tem filho pequeno.

P: Algumas pessoas dizem que você é aquilo que você tem, aquilo que você possui, aquilo que você compra. Você concorda?
R: Tem gente que parte de status, quer aparecer e compra sem nem poder. Eu vejo isso muito lá na firma que eu trabalho. Os caras compram carro financiado em 300 vezes, o cara trabalha 12 horas por dia pra poder pagar as prestações do carro, IPVA. Eu não quero entrar numa dívida. Aí pra ter eu prefiro meu carrinho velho e que me leva onde eu quero e pagar a vista e não ter dor de cabeça a vida inteira.

P: E a faculdade é um bem de consumo?
R: Eu acho que sim.

P: Como assim?
R: Porque conhecimento ninguém tira de você. Você pode sair da empresa hoje, mas o conhecimento você leva com você. Cada empresa que você passa você vai adquirindo conhecimento. Mas coisa que não acaba nunca. Então a faculdade é um bem que você leva pra vida inteira.

P: Mas é bem de consumo, como um carro que você compra ou tem diferença?
R: Tem diferença. Eu acho que é ate mais importante que o carro. O conhecimento ninguém tira de você e o carro pode ser roubado, você pode bater e o conhecimento ninguém tira de você. É uma coisa que vai ficar pra sempre na sua vida. Eu sempre estou buscando, eu não quero parar de estudar, eu estou sempre buscando, quero fazer outra faculdade, curso de inglês. Você tem um mercado mais livre com faculdade. Se você vai concorrer a uma vaga de emprego e se você tem uma faculdade e o outro também tem você tem que ter um diferencial

como o inglês. Outro trabalho que você teve, então tem que estar sempre aprimorando, aprimorar seus métodos, pra poder ter um diferencial no mercado de trabalho. Porque aí fora você tem que matar um leão por dia.

P: Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?
R: Eu quero deixar aqui é que a gente não deve parar nunca de procurar os nossos objetivos. Tem que ser perseverante naquilo que você quer. Tem que ir atrás e fazer alguma coisa e não ficar com os braços cruzados e não parar na metade. Muita gente reclama da vida e não faz nada pra mudar. Tem que correr atrás dos objetivos e fazer faculdade, cursos, tudo é valido pra melhorar. Mas senão quiser, sobra mais espaço pra gente.

Entrevistado: ENTREVISTA 3
Curso: Gestão em Recursos Humanos
Campus: Santo Amaro

P: Carolina deixa eu te perguntar, como que você vê a sua vida daqui a 5 anos? Quais são os seus projetos?
R: Quero estar casada, uma vida bem estruturada financeiramente. Formada, hoje eu pretendo fazer uma pós na área comercial. Quero trabalhar com recursos humanos, na área comercial.

P: Qual que é o curso que você faz na faculdade?
R: Gestão em RH. Eu pretendo também ter meu negócio próprio. Eu gosto dessas coisas, de autonomia, então eu pretendo também ter um negócio próprio.

P: Vamos por partes... você está em que ano na faculdade?
R: 2º semestre.

P: Você pretende terminar a tua faculdade de gestão em RH. E aí você vai fazer o que?
R: Eu pretendo fazer um curso de inglês. E ai a pós na área comercial, recursos humanos na área comercial.

P: Entendi, tem várias áreas?
R: Tem treinamento, atendimento ao cliente, todas essas coisas.

P: E aí você pretende ter um negócio também?
R: Isso. No início eu pretendo trabalhar e conciliar as duas coisas, mas quando eu estiver com as minhas próprias pernas eu pretendo ficar só com o meu negócio. Então, eu procuro autonomia. Porque eu não tenho muito o perfil de trabalhar em empresa, com aquela rotina.

P: E você tem ideia de qual tipo de negócio você gostaria?
R: Eu ainda estou pensando, eu não tenho uma ideia certa. As coisas mudam muito e ate lá eu pretendo ver como as coisas estão indo. Ter uma base, no início eu estou pretendendo ter uma empresa que trabalhasse com consultoria em RH. Eu tenho essa ideia, mas como eu estou estudando, mas não é uma coisa muito aceitável, as pessoas têm dificuldade de aceitar uma consultoria pequena. Então eu precisaria de muita experiência em consultoria grande e ter aquela carteira de clientes legais, pra poder abrir a minha. Não é uma coisa que eu vejo como uma coisa tão viável. No comercio, é um restaurante, uma loja de roupas, uma coisa assim.

P: E a formação te ajuda a gerenciar melhor o negócio ou não?
R: Sim, a parte estrutural no geral, mais a parte de recursos humanos. E por isso eu falo que eu quero me voltar mais pra área comercial. Trabalhar em equipe, fazer o treinamento em equipe, tipo uma coisa como a C&A, por exemplo, aí é voltado pra essa área de recursos humanos. Não com estrutura de contabilidade e essas coisas.

P: E você falou que pretende estar casada, você está namorando?
R: Eu vou ficar noiva e pretendo casar dentro de um ano e ter uma relação mais estruturada.

P: O que você chama de uma relação mais estruturada daqui a 5 anos?

R: Ter uma casa, um carro. Coisas conquistadas juntos. O casamento dentro dos 4 anos é mais concreto. E aí faz tudo junto. Aí as coisas são dos dois em conjunto.

P: Quando você falou em ter casa, ter carro, mais alguma coisa material que você queria ter, ou mais algum bem que você queira ter daqui a 5 anos.
R: Em 5 anos é isso mesmo, uma casa, um carro, talvez uma moto. Em 5 anos eu não vou ter uma casa maravilhosa, mas eu pretendo ter meu apartamento pra morar inicialmente. Não pretendo ter filhos. Então uma coisa que dê pra viver bem.

P: Nunca ter filhos?
R: Nunca ter, se acontecer eu recebo bem, lógico. Mas não é uma coisa que eu quero.

P: E na tua vida social, assim pensando namorado, família, daqui a 5 anos o que você acha que você vai fazer?
R: Como assim?

P: Daqui a 5 anos, que tipo de vida social você imagina que você terá, se você vai sair, pasear, viajar, enfim, nessa área como que você pensa que você pode estar?
R: Eu não sou pessoa de ter círculo de amigos grande. Eu tenho colegas de faculdade, de trabalho. Mas não amigos que eu saio. Meu relacionamento mesmo é com a família e com o namorado. Daqui a 5 anos eu penso em viajar muito e fazer muita coisa que eu ainda não fiz. Eu gosto de moto, eu pretendo viajar de moto. Tipo essas coisas assim, sabe? Pegar a estrada e curtir. Então daqui a 5 anos eu pretendo ter condições financeiras pra poder realizar isso. Pegar um final de semana prolongado e sair por aí, meio sem rumo e voltar. Mas eu penso em viajar é mais com família mesmo.

P: O que ou quem seria mais determinante como alicerce, como uma base, pra você adquirir essas coisas daqui a 5 anos. Pensando em amigos, família, faculdade, profissão. O que você considera?
R: É o trabalho, o principal. Quando eu conseguir trabalho eu já não vou ter a preocupação da mensalidade da faculdade por causa da bolsa e tudo. Esse é um dos meus objetivos. Quando eu conseguir o trabalho. Pra mim hoje é o trabalho o importante. Minha família graças a Deus é bem legal, a gente tem um bom relacionamento então é o trabalho.

P: E a importância da faculdade pra isso, para o seu trabalho, para o seu futuro? Qual é?
R: Eu vejo que é assim: é 100%. Mesmo que não seja na área de RH, só o fato de você chegar e falar que está cursando a faculdade, já... ah!!! Porque você está buscando crescimento. A faculdade vai me trazer um crescimento importante pra minha vida. Mesmo que não seja o conteúdo em si da faculdade, mas você aprende, você amadurece, você aprende a trabalhar em grupo, que é uma grande dificuldade. São coisas que você sabe que vai usar no seu cotidiano, mesmo que você não trabalhe naquela área de RH. E essa questão de eu abrir a empresa foi uma coisa que eu adquiri na faculdade. Essa visão de independência, ter uma coisa minha, não quero trabalhar com pessoas, enfim, foi na faculdade. Eu caí meio de pára-quedas na faculdade e aí eu comecei a gostar e a desenvolver essa ideia lá, durante o curso.

P: Quando você diz que caiu meio que de pára-quedas, como que é isso?
R: Porque eu prestei o ENEM, obtive boa nota e aí eu consegui a bolsa pra vários cursos pelo ProUni. Inicialmente eu pensei em fazer arquitetura, eu gosto dessa área de artes, de observar, desenvolver projetos. E aí também isso me dá autonomia, seria trabalhar por projeto, também coloquei comercio exterior e RH. Acabei entrando pra RH. E acabei em RH na Uniradial, e é assim é um curso que eu me identificava, mas não é a minha primeira opção. Então quando eu consegui, eu fui. Tem a bolsa, e aí eu tenho como sustentar. E eu gosto muito do curso, eu vi que tem tudo a ver comigo, que é importante, que RH hoje em dia é essencial, em tudo você usa. Eu aprendi usar, mas não era a minha primeira opção.

P: Mesmo não sendo a sua primeira opção, o que o curso acabou te mostrando, o que fez ir mudando de opinião a respeito dele.
R: Aprender a lidar com pessoas e eu sempre tive dificuldade de lidar com pessoas. Não é questão de relacionamento com pessoas e sim respeitar, pra mim era difícil respeitar opiniões, porque nem sempre é a mesma opinião que a sua. E eu aprendi a trabalhar em equipe, eu já

tinha passado por isso, mas eu era distante dessa ideia. Aí eu comecei a trabalhar em público, aí eu aprendi sobre empatia, a me colocar no lugar dos outros, respeitar opinião. Foi uma coisa que eu fui desenvolvendo, eu vinha crescendo em relação a isso, mas aí na faculdade isso me ajudou mais. A questão de respeitar opiniões mesmo que não seja a mesma que a sua, ter consciência de que as pessoas são complexas, não é um objeto que está lá parado, então tem que respeitar. A observar mais também, então eu observo mais, eu já vou montando a pessoa na minha cabeça, como que eu vou lidar com essa pessoa. Coisas que a faculdade me trouxe e isso que me deixou encantada. Antes eu não pensava em trabalhar com pessoas adultas, eu queria trabalhar com criança, porque apesar de tudo é fácil. Essa ideia veio com a faculdade. É legal trabalhar com pessoas, é complexo, é um desafio, mas você vence esses desafios. E isso traz pessoas legais e você aprende a lidar com elas.

P: E antes desse curso você já tinha entrado em faculdade?
R: Eu concluí o magistério e aí eu ia entrar e cursar pedagogia. No segundo semestre, eu não tive condições financeiras pra continuar e eu já fiz pedagogia meio que querendo trabalhar... Não assim... Eu queria trabalhar com os maiores, primeira a quarta ou eu queria trabalhar nessa área mesmo de recrutamento. Foi a área que me chamou atenção, mas que hoje não é mais. Então eu queria fazer pedagogia pra fazer essa área também, mas aí surgiu o curso de gestão em RH e aí a pedagogia não ficou tão importante assim. Aí por questões financeiras eu não pude continuar, fiquei um bom tempo parada sem fazer nada, até que eu consegui essa bolsa.

P: Quantos anos você tem?
R: 22.

P: Você consegue imaginar a sua vida como seria sem a faculdade?
R: Hoje tem dois aspectos: é mais difícil pra arrumar emprego pela questão do horário. A faculdade, por mais por mais que a gente ache bom, nem sempre é. Porque quando você não tem essa disponibilidade de horário, as empresas te olham meio assim... É engraçado porque eles querem que você estude, mas eles não querem que você precise deste tempo pra estudar. Isso é complicado. Pra eu continuar estudando eu não poderia estar trabalhando, eles querem exclusividade. Esse lado da faculdade é ruim, atrapalha um pouco. Em compensação eu conseguiria, mas não conseguiria bons empregos. Quando o emprego é bom, as pessoas que vão contratá-la querem ver que você se esforça, que você está se desenvolvendo, estudando. Eu teria um trabalho, mas não um bom trabalho.

P: Quer dizer que com a faculdade você se tornou mais especializada em alguma coisa, uma carreira mais definida?
R: É, e o crescimento pessoal, crescimento acadêmico. Eu acho que eu vou conseguir, sim, um bom emprego. Melhor do que se eu não tivesse estudando. Mas se eu for ver pelo lado que eu preciso trabalhar e preciso do dinheiro, isso atrapalha um pouco por causa da disponibilidade de horário.

P: E o que foi que te fez escolher essa faculdade?
R: Eu escolhi essa por questão da bolsa mesmo, eu tinha optado por outra, a Unip.

P: Nesse incentivo, nessa bolsa você escolhe tanto a faculdade como o curso?
R: Depende da pontuação você escolhe o curso e a faculdade. Tinham outras, mas a UniRadial pela proximidade. Onde tem o curso tinha a Uniradial, Uniban e a Taboão. Pra mim a Taboão fica contra mão. A Uniban é cara, a condução mais cara que pra UniRadial, então isso pra mim foi fundamental. Pra mim é próxima, menos de uma hora pra chegar lá e eu pago R$ 2,45 só e aí ajuda.

P: Onde você estuda?
R: Em Santo Amaro. O horário também, normalmente as faculdades vão ate às onze e lá sai as dez.

P: E o que significa pra você, em termos simbólicos, fazer uma faculdade?
R: Em que sentido?

P: O que significa?
R: Significa... oh... fazer pra mim uma faculdade, hoje é primeiro que eu estou realizando um sonho. Porque todo mundo sonha em estudar, fazer uma graduação. Eu acho que aumenta as minhas expectativas também, porque antes eu pensava em fazer a faculdade, ponto, parou. Agora, não, eu penso numa pós, me especializar.

P: E você começou pensar na pós quando, depois da faculdade?
R: Depois da faculdade.

P: Porque?
R: Porque eu vejo que quanto mais você se especializa, melhor você fica naquilo e vai melhor naquela área e abre mais portas. Quando você faz uma graduação se torna maior as oportunidades. É o ensino médio, faculdade, pós e ai aumenta as oportunidades. As minhas expectativas aumentaram a faculdade fez eu olhar um pouco mais para os lados. Quando você não estuda e não conhece as coisas você tem uma visão muito pra frente, muito restrita e isso mudou bastante.

P: E a sua família o que significa pra eles você fazer faculdade?
R: Desenvolvimento, quando você faz faculdade ela já remete a você arrumar um bom emprego. Arrumando um bom emprego você tem melhores condições financeiras. É uma coisa que traz a outra, faculdade, oportunidades de empregos melhores, ganhar melhor.

P: E em você mudou alguma coisa depois que você começou a fazer faculdade?
R: Eu acho que o crescimento pessoal. Profissional ainda não porque eu não estou em RH, mas crescimento pessoal, ver o mundo de outra forma. Nem tanto pelo dinheiro, mas você se sente bem dizendo que tem faculdade, uma pós. Eu corri atrás, eu estou procurando crescimento, você aprende a ver o mundo de um outro jeito. Eu fui apurando mais o meu gosto, se eu vejo uma coisa eu sei que não é bom. Eu sei que isso não é pra mim.

P: Você tem um exemplo pra me dar pensando em você?
R: Coisas que eu assistia antes...

P: Por exemplo?
R: Um programa?

P: É?
R: Pânico. Você começa a olhar e pensa: não é pra mim. Você estudou, está fazendo faculdade e vendo isso. Remete àquela coisa de pessoa que não tem muita cultura. Quem faz faculdade tem cultura então porque está assistindo isso? Eu já assisti e hoje não me sinto bem vendo aquilo, eu penso, pôxa eu podia estar lendo um livro e não vendo isso, que não vai me trazer coisa alguma.

P: Que mais você frequenta na faculdade, além da sala de aula?
R: Informática, laboratório, biblioteca. Eu não sei se é por causa do meu curso que eu frequento só isso ou se é a faculdade que tem só isso. Mas é isso. É o laboratório que a gente faz pesquisa, aulas on line, a biblioteca quando precisa de alguma coisa e não tem muito livro de leitura, então procuramos mais livros didáticos. Normalmente é assim nada de pesquisa, a gente ficou aquele período na faculdade então eu não tenho muito abertura pra ir lá, anotar e fazer. Pra fazer a gente tem que ir mais cedo e aí é um pouco complicado. Ainda mais quando é aula on line e ai a gente tem a sexta feira pra isso, mas o professor fala pra gente assistir na sexta feira, e ai pesquisa sobre a constituição, prova também on line. Mais essas coisas mesmo.

P: Cantina, lanchonete não sei como vocês chamam. Essas páreas mais sociais da faculdade você frequenta ou não?
R: Eu saio de casa e janto e aí eu vou pra faculdade. Então às vezes eu saio com as minhas colegas pra rua, e aí lá fora é que tem a pastelaria e tem as coisas e ai nós vamos pra lá. E ai a gente fica lá fora conversando. Mas dentro da faculdade em si a gente não costuma ficar.

P: Você tem amigo na faculdade?

R: Tenho.

P: Como que você conheceu?
R: No início do semestre passado nós começamos a conversar, eu estava meio perdida. Porque a sala era muito grande, aí nós fizemos amizade, mas aí separaram a sala, então algumas pessoas permaneceram na mesma sala e outras não. Aí outras a gente não teve mais contato e isso foi no primeiro semestre. Aí a gente fez outras amizades. Hoje eles juntaram as duas salas porque muita gente desistiu e aí separou a turma A e a turma B, mas as minhas colegas mesmo foi no primeiro semestre que a gente foi se aproximando e conversando, algumas pessoas a gente se identifica e outras nem tanto. Eu me dou superbem com elas. Apesar delas serem muito diferentes. Eu costumo falar pra elas que talvez fora da faculdade a gente não se desse muito bem, talvez a gente nem se conhecesse. Eu frequento um tipo de lugar e elas frequentam outro tipo. Talvez fora daquele ambiente a gente nem ia se conhecer.

P: Esse é seu principal grupo de amigos?
R: é. Que eu convivo todos os dias.

P: E você encontra com elas fora da faculdade?
R: Às vezes nós combinamos, mas duas delas trabalham de final de semana e as outras trabalham durante a semana, então é complicado. A gente não consegue estar numa sintonia. E a gente combinou de no final do ano sair, a gente tem que sair. Mas é uma questão de horário.

P: E como são as aulas na faculdade, conta pra mim, como que eles passam a matéria?
R: Depende muito de aula pra aula. Antes os professores eram mais comprometidos, mais legal, não sei se antes eles viam a gente como aluna porque era o início e agora eles vêem a gente como RH.

P: Quando você diz mais comprometido você fala do que?
R: De interagir mais, conversar mais, preparar mais a aula. Eu acho que tinha isso e não só dar a aula. Então isso é uma coisa que tinha no primeiro semestre e hoje já tem uma falta disso em 3 professores, são 4 matérias presenciais e 1 matéria on lines. A gente tem 3 presenciais e nós temos um professor que é comprometido e os outros dois deixa a desejar. Tanto que na quarta feira quando o rapaz veio pedir os dados pra mim, aí eu cheguei na faculdade e falaram que não tinha aula, eu voltei. E isso é complicado na faculdade, num ensino médio ainda tudo bem, mas pra eu ir ate lá é complicado. E é complicado porque é um professor por dia. Ai fizeram a comparação de professor muito comprometido, que não falta, quando falta remaneja a aula, só que os outros deixam a desejar em relação a ler livro na aula, porque o horário já é quando você está cansada. Ai você já chega numa aula parada, ai dá uma estressada. Então falta um pouco, a coisa de preparar a aula, ela ter mais dinamismo. Ser mais comprometido em não faltar, de trazer as provas quando a gente precisa. Porque a gente faz a prova e quer o retorno, não dá pra ficar esperando um mês pra ver a nota, a gente quer retorno e isso também falta da parte deles.

P: De um modo geral a maneira que eles passam a matéria, olhando assim pra proposta mais como um todo como você consideraria é bacana não é?
R: De uma forma geral eu acho que não. Porque falta isso mesmo de recursos.

P: Por exemplo, o que falta de recurso?
R: Um power point, um vídeo a gente precisa ver, porque às vezes só pela teoria às vezes você não consegue assimilar. Você quer ver em vídeo o que o professor falou, falta um pouco isso é só isso lousa, lousa, lousa, às vezes dá uma canseira. Você ali sentado, aquela sala enorme o professor falando é complicado. Falta isso um show, power point, teatro, um vídeo. Eu acho que depende muito do professor, antes, no primeiro semestre, tinha peça, tinha palestra, tinha tudo isso. E é assim aula muito parada, muito desanimada e são matérias que você vê que dá pra desenvolver, você vê que é falta de comprometimento mesmo. No geral podia ser melhor. Quando a gente olha em volta a gente vê o quanto os nossos colegas estão desanimados, estão desmotivadas, as grandes parte está desmotivada. A gente vê que é um problema mesmo do semestre e dos professores.

P: E vocês reclamam?
R: Entre nós, sim.

P: Mas não reclama com a faculdade?
R: Da aula on line a gente reclama muito, eu tento assimilar muito, mas se você fala muito, você percebe meio que o professor pega uma briga com você e não adianta muito. A gente reclama muito através do representante que vai toda semana pra reclamar. Pra falar que é complicado pra acessar a aula.

P: Por que?
R: Toda nossa aula vem do Rio, porque a Estácio comprou a UniRadial, então tudo vem do Rio, todos os nossos problemas são do Rio, essa passagem é muito demorada.

P: Você não faz a aula on line aqui porque?
R: Eu faço aqui normalmente, só que às vezes o site deles está com problemas e a gente não consegue acessar a aula, aí a gente tem que esperar, às vezes a nota, às vezes, a frequência. As notas, então, dão muito problema.

P: Demora muito?
R: Demora e às vezes a gente faz uma pergunta para o professor e ele demora muito tempo pra responder, eu acho que o maior problema está sendo a aula *online*. Tem nota baixa por causa da aula. Eu consegui conversar com o professor e aí consegui melhorar a minha nota, porque foi erro deles e eu não tenho que pagar pelo erro deles. Então é uma coisa realmente complicada.

P: Aula on line é o que, o professor coloca a matéria on line?
R: A faculdade coloca pra todas as faculdades do Brasil o mesmo conteúdo, aí a gente tem um professor, como se fosse um instrutor, ele entra lá e faz uma pergunta no fórum e tem que responder. E toda vez que você termina de responder uma pergunta ele vai dando sequência. Mas o fórum é complicado, ele não dá conta de responder, ele só faz assim OK CONTINUE mas e aí? O que é que a gente tem que desenvolver? Ele tem que focar, colocar se a gente tem que melhorar. São questões bem complicadas. Em relação à prova fica difícil dar porque são fórmulas on line. Essa questão de acessar, aí o site está com problema e você não consegue acessar. Tem muitos alunos que até hoje não conseguem acessar e aí pede pra outra pessoa aprendendo. É complicado, eu tenho uma amiga que pediu pra eu fazer as aulas dela na primeira parte desse semestre. Eu até fiz, mas agora fica difícil, ela não está aprendendo e eu já vi o conteúdo, fica complicado. Eles deviam rever essa questão. A gente já falou da aula ser presencial.

P: Os alunos podem assistir essa aula lá na faculdade?
R: Todos podem.

P: Então tem muito computador?
R: Tem, mas as pessoas não gostam de assistir, porque as pessoas têm que ir até lá na sexta feira só pra assistir, a aula dura 10 minutos. Não é como a aula comum, então as pessoas preferem fazer em casa ou na lan house. Mas aí nem todos os computadores aceitam, às vezes o site está com problema.

P: Essa sua colega que não consegue acessar porque ela não consegue?
R: O computador dela não aceita esse programa. E às vezes nem na faculdade entra.

P: Você prefere aula presencial então?
R: Prefiro. Eu achei que eu fosse preferir on line, hoje eu vejo que não, porque tem muita coisa pra desenvolver, não tem a discussão com o professor onde a gente aprende muito. Talvez se tivesse alguns encontros durante o mês de trigonometria seria interessante, mas só on line assim não está agregando nada.

P: Quanto tempo de estudo, como você faz pra estudar?
R: A maioria dos programas eu passo praticamente o dia inteiro estudando. Porque tem projetos e como eu não estou trabalhando, eu sou a única do grupo que faz os trabalhos. Eu

faço os projetos, eu passo o dia inteiro procurando, fazendo, formatando, aí junta a aula on line que eu faço também, aí tem os trabalhos da aula em si. Eu faço tudo, praticamente eu passo o dia inteiro estudando. Pra aí no sábado e domingo eu não estudar e ficar com o meu namorado.

P: Você considera o teu tempo de estudo hoje em dia suficiente?
R: Suficiente, se nós fossemos separar, nós, entre o grupo, eu acho que seria melhor. Acho que às vezes eu excedo um pouco. Várias vezes aconteceu de eu ficar a madrugada fazendo trabalho, por um pouco de falta de vontade do grupo. É complicado e eu fico numa posição meio assim. Eu não estou trabalhando, eu acabo abraçando todo mundo pra mim. Eu passo um pouco por isso.

P: A internet é importante para o seu curso?
R: Muito.

P: Por que?
R: Pra ver a aula on line se eu não tivesse internet ia ser muito difícil, a questão do projeto que precisa de muita pesquisa, se comunicar muito por e-mail. Então senão tivesse a internet, a lan house te dá um suporte, mas não é tudo que ela aceita. Eu já tentei abrir as coisas da faculdade na lan house, mas eles bloqueiam.

P: Os professores usam a internet?
R: Normalmente eles utilizam pra se comunicar. Eles mandam e-mail, o professor da aula on-line deve ter tempo livre porque ele estÁ sempre se correspondendo. Mas eu nunca vi o professor, deve ser do Rio ou alguma coisa assim. Mas na aula em si não utilizam muito, nessas coisas de mostrarem pra gente. Eles falam que trabalham muito e não têm tempo de acessar a internet, mesmo porque eles o jornal pra se atualizar e só.

P: Eles enviam material pela internet?
R: As apostilas sim, elas estão no site e aí a gente vai imprimir. Toda semana eles mandam o conteúdo pra gente. Mas uma outra professora colocou em outro site pra gente. Tem o site pra eles colocarem, mas nem todos colocaram, mas eles têm o material, mas nem todos colocam infelizmente.

P: O que você prefere: o material on line ou livro, material impresso?
R: Nesse caso eles colocam o material pra gente imprimir, porque eles falam que tem material didático de graça, mas eu mesmo não tenho impressora. Então é complicado, na faculdade é 0,20 centavos e aqui é 0,50, então acaba tendo uma apostila que nem tudo dela a gente utiliza. Eles têm que ver o que realmente é importante e a faculdade deveria vender a apostila, não o livro porque nem tudo a gente utiliza. E às vezes uma folha tem duas frases, quer dizer que é complicado. Eles têm que diminuir pra ficar melhor pra gente. Tem coisas aí que eu guardo, não utilizo e nem vou utilizar. É complicado, não tem nada que seja extremamente importante que eu vou guardar para o resto da minha vida. Antes eu tirava xerox de tudo, agora eu mesma dou uma diminuída.

P: Me diz uma coisa, você se vê como aluna da Uni Radial, ela é a sua cara, você se identifica com essa faculdade?
R: Não. Eu acho que nesse semestre não, eu não vejo como uma aluna da uni Radial, mas no outro semestre sim. Foi o que eu falei muda de semestre pra semestre.

P: O que mudou do semestre passado pra cá?
R: As pessoas estão meio bagunçadas. Eu acho até que pela questão da gripe (suína) foram muitas coisas. As aulas começaram tarde nesse semestre. Eles tiveram que antecipar o calendário, as aulas vão ter que acabar mais cedo. Eu acho que até os próprios professores ficaram perdidos. Eles têm dois meses pra fazer as coisas e aí, de repente, eles sabem que só têm um. Eles também ficam meio perdidos, isso gera um pouco de bagunça. Você se prepara pra prova daqui a duas semanas e aí chega e fala que é na semana que vem. Ai fica meio perdido. É falta de organização, mesmo, por isso eu ao me identifico na faculdade.

P: O que você mais gosta de fazer na faculdade?

R: Assistir as aulas de cargos e salários, eu me identifico muito. E bater papo com minhas colegas, a gente tem meia hora de intervalo aí a gente fica com as colegas. É a hora que eu me identifico e é mais nada. Às vezes tem uma palestra ou outra, às vezes não são interessantes e eu acabo não assistindo. O que eu mais gosto na faculdade é o relacionamento mesmo. Isso também eu sinto falta na aula on line. É isolado não tem contato com as pessoas. Isso de ser on line é muito chato. Às vezes você quer trocar uma informação, ouvir uma historia que o professor conta e tem muitos casos, eles contam muitas historias e falta isso. É muito bom ouvir essas historias, você passa a conhecer e colocar no cotidiano e é como se fosse uma experiência sua.

P: E o que você menos gosta na faculdade de fazer?
R: Ter que ir à faculdade e voltar, porque é cansativo.

P: Você leva quantas horas pra chegar lá?
R: Um hora, mais ou menos.

P: E pra voltar também?
R: Depende do ônibus. Eu desço da lotação e pego o ônibus. Eu desço no Taboão e tem um ônibus que me traz até a esquina e tem outro que deixa lá encima, mas pelo horário eu prefiro vir até aqui. Se eu perco o ônibus eu espero 30, 40 minutos e é complicado e cansativo. Ir pra faculdade em horário de pico é muito desgastante.

P: Que lugar de Santo Amaro é a UniRadial?
R: Ali no Largo 13, eu desço ali perto e vou andando. É muito complicado, bagunçado, pegar a linha de Santo Amaro é a pior coisa do mundo.

P: O que você faz do seu tempo livre?
R: Eu adoro assistir filme.

P: Que tipo de filme você gosta?
R: Filme mais pra criança, tipo Shrek. Às vezes eu assisto um filme mais antigo, gosto de comédia, mas é difícil encontrar um filme legal, tipo “Todo Mundo em Pânico”. Mas eu gosto mais pra criança mesmo, eu assisto todos, eu fico lembrando eu me divirto.

P: E que mais você gosta de fazer?
R: Eu gosto de conversar com a minha mãe, com meu namorado. Eu gosto de sair com meu namorado pra parque e ficar lá passeando. Cinema eu gosto, mas não tenho ido tanto. Shopping eu também não tenho ido tanto. Vou quando eu tenho dinheiro e uma finalidade. Eu não gosto de ir ao shopping e ficar lá rodando.

P: E aqui mora você, sua mãe e seu irmão?
R: É.

P: Como a TVinterfere na sua vida?
R: Então, hoje é difícil eu assistir televisão, mas eu já assisti mais. Não tem muito o que passar, notícia eu prefiro ouvir ou ver na internet, onde você procura o que você quer ver e na televisão você assiste o que passa. Às vezes eu assisto filme, seriado e essas coisas, mas nada de muita importância.

P: Que programa que você gosta?
R: Eu gosto de um seriado que passa na Record, chamado CSI, eu gosto bastante, mas eu gosto de TV mais a noite. A programação da tarde eu não gosto, novela eu não costumo assistir.

P: E a Internet você utiliza mais pra que?
R: Ver e-mail, procurar emprego, eu tenho utilizado mais pra procurar emprego mesmo. Pra ver alguma coisa que me interessa e eu entro pra ver. Pesquisa e nem sempre da minha área, orkut hoje nem tanto. É mais geral mesmo.

P: Tem orkut, tweeter você usa?

R: Não. Eu tenho MSN, eu uso mais pra me comunicar com as minhas colegas de trabalho. Orkut eu tinha, mas cancelei.

P: E baixar música, jogos, você gosta?
R: Música, sim e jogos eu nem sei baixar. No computador não tem os jogos que eu gosto. Mas tinha o Mário essas coisas mais infantis.

P: Comparando a importância da TV e da internet na tua vida?
R: A internet é bem mais útil e importante pra mim hoje. Porque me dá um leque maior de opções. A TV é mais restrita, é sempre o mesmo tipo de programa, na internet você escolhe a programação. A internet é 100% mais importante.

P: E jornal, revista ou rádio?
R: Rádio eu ouço bastante, principalmente no percurso da faculdade. Às vezes eu ouço a Band News pra dar uma atualizada, mas esse período de andar pela rua mesmo.

P: Tem alguma coisa que você adquiriu nos últimos tempos que você considera importante, material ou não material?
R: Eu mudei muito, e brigava muito, discutia muito, não tinha paciência de ouvir as pessoas e quando alguém chamava a minha atenção eu já ficava descontrolada. Eu não conseguia manter empregos por causa disso. Então se o meu chefe chegasse e chamasse a minha atenção, eu ficava meio assim e não queria mais. Isso foi uma coisa que mudou. Isso foi o principal porque prejudicava todo o resto, no amor eu brigava por causa disso, na família era por causa disso, na faculdade eu brigava por causa disso. Eu acho que foi fundamental pra tudo. Esse amadurecimento de saber que as coisas não são do jeito que eu quero, elas são como tem que ser. Se eu continuasse desse jeito que eu era, eu não tinha nada do que eu tenho hoje.

P: Você não tem salário e a faculdade é bolsa?
R: Isso.

P: E uma coisa que você dissesse ah! Isso eu gostaria de comprar?
R: Roupa, sapato, perfume e ia ao salão. Eu penso muito nisso. Eu sempre dei aula, e eu sempre fui muito vaidosa, roupa, sapato, salão coisas de vaidade mesmo.

P: Que importância tem os bens materiais?
R: Tem uma importância, eu vejo que a minha saúde é o mais importante. É muito ruim sem saúde porque você tem o dinheiro e não pode gastar. A minha boa convivência com as pessoas também. É muito ruim quando você chega em casa e sente fraqueza e começa a discutir. Um bom relacionamento com as pessoas é mais importante que os bens materiais e a saúde. Mas o bem material é importante porque é o que traz alegria também. É dinheiro você poder sair, gastar, comprar uma coisa que você quer e essas coisas.

P: E a faculdade também é um bem de consumo?
R: (ela fica pensando).

P: É a mesma coisa que você comprar um carro, comprar uma casa?
R: É importante sim. A mesma importância porque você tem essa opção de pessoas que não querem fazer faculdade, no meu caso eu não gasto com a mensalidade, mas gasto com condução, material. Tem o tempo também que você tem que se dedicar, entregar. É como se fosse um bem de consumo que nem todos conseguem dar o valor que deveria.

P: Que valor tem pra você o diploma?
R: É muito importante porque te remete a outras coisas, oportunidades, abrem muitas portas. Um carro te abre muitas portas em outro sentido. A faculdade te abre muitas portas pra você conseguir emprego. Talvez hoje eu arrume emprego de R$ 400, mas eu sei que eu estudando, desenvolvendo, eu logo vou pra R$ 2 mil, R$ 3 mil, se eu realmente buscar e aplicar isso na minha vida. Não é a questão de estar fazendo e ficar guardado, tem muitas pessoas que pensam assim. Tem gente que fala: “eu tenho ensino médio e ganho melhor que você”. Mas

isso hoje, talvez amanhã não. Essa é uma questão de oportunidade mesmo. Eu penso muito assim. Eu penso no meu diploma como um valor.

P: O que mais você gostaria de dizer para finalizar a entrevista?
R: Eu gostaria de falar assim, a faculdade não te traz uma coisa imediata, não é como um carro que você compra hoje e amanha você é o tal. Talvez demore anos, talvez demore meses, semanas, mas vai ter um retorno. A gente hoje está bem e amanha pode não estar. Então é importante estudar sim, é importante você ler, é importante você ouvir coisas que trazem crescimento. O ser humano tem que crescer, você não tem que estudar e continuar assistindo aquele programa sem conteúdo que você assistiu. Ouvindo aquela música sem conteúdo que você ouvia. As pessoas estão com uma pobreza espiritual e intelectual. As pessoas têm que buscar ler, ter um bom relacionamento com as pessoas. Isso é fundamental hoje em dia. Hoje as pessoas brigam, falam mal e isso faz mal. A gente tem que buscar o que faz a gente crescer e esse retorno não é imediato. Estudar sempre e trabalhar, ler. Ai talvez você tenha um retorno bem legal. A gente não tem que pensar no imediato e no hoje.

P: Obrigada, Carolina.

Entrevistada: ENTREVISTA 4
Curso: Gestão de Recursos Humanos
Campus: Santo Amaro

P: Claudia, você poderia dizer como é que você vê a sua vida daqui a cinco anos, como é que você planeja, projeta ela daqui a cinco anos?
R: Eu pretendo estar trabalhando numa área mais focada no que eu estou estudando, eu não vou falar que pretendo já estar formada porque eu vou estar formada no que eu estou fazendo agora, mas eu pretendo fazer outras coisas, estudar mais. Então, daqui a cinco anos eu ainda vou estar ralando muito, eu acho, mas eu acho que esteja melhor.

P: Você está se formando em que agora?
R: Estou fazendo RH.

P: E daqui a cinco anos você ainda pretende estar estudando esse assunto?
R: Sim, é porque como eu estou fazendo aquela faculdade de dois anos, o curso tecnólogo. Então eu pretendo terminar, talvez fazer uma pós-graduação, trabalhar na área e pagar uma faculdade de quatro anos, que o ensino é melhor.

P: Você trabalha na área atualmente ou não?
R: Eu sou auxiliar de seleção, então estou mais ou menos na área, mas não foge muito do assunto.

P: Então vamos pensar daqui a cinco anos você teria terminado esse curso, iria fazer uma pós em RH mesmo e você pretenderia estar atuando em que cargo, por exemplo?
R: Então, pelo curso que eu faço dá pra trabalhar como assistente de departamento de RH. Se você conseguir porque o mercado é muito competitivo, mas se você ralar bastante dá pra chegar num nível de assistente. Com a pós acho que dá pra chegar ao nível de assistente e a outra faculdade... eu não sei se eu vou quere fazer alguma coisa que eu gosto ou se eu vou querer continuar no padrão.

P: Como que é fazer o que você gosta e continuar no padrão?
R: Continuar na parte de RH, fazer administração, uma coisa assim, ou fazer o que eu gosto. Tem várias coisas, gostaria de me formar em Direito, é totalmente diferente daquilo que estou fazendo.

P: Quer dizer, essa formação você está mesmo focando na sua vida profissional?
R: Isso, a vida profissional e não o que eu realmente quero.

P: Entendi. Se você fosse fazer o que você gosta você citou advocacia, que mais?
R: Advocacia.

P: Que mais, por exemplo?
R: Não sei, eu estava comentando com meu marido que gosto muito de cozinhar, então gastronomia, mas só por hobby não pra mexer com isso, coisas totalmente diferentes.

P: Quer dizer, em termos da tua vida profissional seria isso. E a tua vida afetiva, como você acha que vai estar daqui a cinco anos?
R: Você pergunta como o que assim?

P: A vida afetiva.
R: Minha vida pessoal?

P: Isso, afetiva, de relacionamento?
R: Ah não sei, eu estou bem do jeito que eu estou. Não consigo pensar muito em filhos, essas coisas assim, ainda não estou pensando.

P: Não está pensando ainda.
R: Não sei daqui a cinco anos se começo a pensar em alguma coisa. Ainda não vou começar a pensar agora pra daqui a cinco anos.

P: Quer dizer, seria você continuar casada com seu marido e sua vida só.
R: Por enquanto só.

P: E em termos assim, da tua vida social os relacionamentos fora de dentro de casa como você acha que eles estarão daqui a cinco anos?
R: Ah eu quero estar em coisas sempre melhores, pessoas novas, família sempre crescendo, não sei, acho que sempre melhor. Quando o casamento é novo, isso leva a consequência de você ter amizades novas, relacionamentos novos.

P: E tem alguma coisa referente à vida social que você gostaria de estar fazendo de vez em quando que você não faça hoje em dia?
R: Não.

P: O que você faz normalmente assim, na tua vida social, passeia, viaja?
R: Então, agora pouca coisa. Agora que estou estudando, estou tentando focar nisso pra fazer uma coisa bem legal. Então, assim, quando sai é eu e meu marido, programa sempre a dois. Então sempre nós dois e a gente quase não sai muito.

P: E daqui a cinco anos?
R: Ah daqui a cinco anos já quero poder estar viajando bastante, conhecendo muitos lugares do Brasil.

P: Por exemplo?
R: Ah, não sei. Tem muitos lugares que eu quero conhecer, viajar muito, muito, muito. São Paulo é só pra viver e trabalhar. Agora curtir, eu quero todos os lugares. Daqui a cinco anos eu quero poder estar nessa estrutura de poder estar planejando uma viagem de um mês, dois meses.

P: E em relação a bens, o que você pretende ter daqui a cinco anos?
R: Daqui a cinco anos eu quero porque essa casa não é minha, própria, no meu nome. No caso, ela é da minha mãe. O terreno é meio a meio, mas a casa é da minha mãe. Então eu quero ter a minha casa própria. Graças a Deus, em bens assim, eu e meu marido não sente tanta falta, só a casa. Então assim, ter a minha casa, poder falar que é minha. Daqui a cinco anos eu quero ter a minha casa.

P: E o que você acha que hoje, no teu presente, pode te ajudar a conquistar isso? Pensando, assim, na família, na faculdade, nos amigos?
R: Ah, assim, eu e meu marido somos bem focados, isso que ajuda. Nossos mesmos pensamentos é trabalhar, é estudar. Ele também quer começar a estudar, se formar, trabalhar numa área legal, para que a gente possa conquistar nossos objetivos. Então, assim, nós dois

juntos conseguimos ter uma força pra gente traçar uma reta de conseguir aquele objetivo que a gente tem. Nos dois, graças a Deus, temos o mesmo objetivo.

P: Vocês dois trabalharem e irem conquistando a base seria só a luta profissional? O progresso profissional?
R: É.

P: E a faculdade, qual é o papel da faculdade, no seu entendimento, pra que você conquiste as coisas?
R: Então, na verdade é mais a questão do que o mercado pede. A concorrência acaba sendo muito grande, então você começa ter várias solicitações. Na verdade, o profissional é aquele que trabalha e se desenvolve na área e a faculdade, no cargo, ela interfere mesmo no diploma. A gente tem que fazer pra adquirir conhecimento, pra gente poder se especializar melhor na área, mas eu creio comigo que, dependendo da função, do cargo que você vai querer, é lógico, se você for querer alguma coisa que realmente existe um estudo, tudo bem, mas tem áreas que nem pede mesmo, só porque a concorrência é grande e o mercado tem que fazer suas seleções. Então nem tudo o estudo é 100% necessário.

P: Mas é uma exigência do mercado?
R: Com certeza, muito grande.

P: Deixa ver se eu estou entendendo. Você está querendo dizer que o mercado exige que você faça faculdade, mas não que você fique sabendo muito mais porque fez faculdade. É isso?
R: Aquilo que a gente faz na faculdade, a gente não usa no dia-a-dia, vamos dizer assim, dependendo da função, você não usa no dia-a-dia. É muito legal fazer, tanto que eu quero terminar e fazer outra porque, assim, é muito bom, é gostoso, você aprende muita coisa. Nossa, é um aprendizado enorme, só que você não usa aquilo no dia-a-dia.

P: Nem se você estiver no RH, você não usa?
R: É, então, no caso estou começando a faculdade agora. Então, assim, na seção do RH, eu não trabalho muito no RH, mas cada empresa tem um jeitinho de trabalhar e da forma que você trabalha você aprende o básico porque você vai aprender mesmo lá na empresa e cada empresa tem um sistema diferente do outro. Então, assim, às vezes você aprende na verdade na faculdade pra quem não conhece a área você vai adquirir conhecimento mais rápido de como a empresa funciona, mas lá na empresa é totalmente diferente.

P: Quer dizer, você acaba aprendendo mesmo quando você está no emprego?
R: É. Não adianta falar “eu sou formada e chego lá e sei fazer tudo”. É mentira, não existe isso. Lógico, a faculdade te dá o total conhecimento de como funciona uma empresa, então, pra quem não trabalha, não conhece, é muito legal, aprende muita coisa, eu estou adorando fazer.

P: E você entrou quando?
R: Eu entrei agora em julho. Primeiro semestre ainda.

P: Você consegue imaginar o que seria a sua vida sem a faculdade? Fazer de conta que você não entrou?
R: Ah, é um pouco complicado, porque como eu falei pra você, eu estou adorando, aprendi muita coisa. Eu não sei como seria, ia fazer falta tanto para o mercado, quanto para o pessoal. É muito bom fazer. Quem não faz, tem pessoas que falam assim: - ah não faria, não, porque estou trabalhado -, imagina é muito bom.

P: Por quê?
R: Ah não sei o aprendizado que você tem, você aprende tanta coisa que nem imagina que é aplicado, que exista, embora eu estou só no primeiro semestre, mas eu já aprendi muita coisa. Isso te valoriza muito, não só a questão profissional, mas a questão pessoal valoriza muito. Você começa a pensar melhor na vida, fica melhor no seu dia-a-dia, melhora no que você faz, as tuas atitudes, eu creio que melhora muito eu não sei o que seria sem a faculdade, tanto que já estou pensando em outras. Então eu gostei, estou gostando.

P: E você consegue imaginar assim, ao longo do curso o que vai mudar na tua vida? O que você vai mudar na sua cabeça na sua maneira de ser você consegue projetar isso?
R: Aí não.

P: Pelo que você entrou agora e está percebendo?
R: Silêncio.

P: Até o final do curso você acha que vai estar diferente na sua forma de ser, na sua forma de pensar, por exemplo, você falou em valorização, é uma valorização que só os outros adquirem por você ou você mesma por você?
R: Não, eu por mim mesma. Você vê muita coisa na faculdade, você está num ambiente ali onde tem tudo e você começa a aprender e a mudar por você mesma. A gente percebe atitudes que a gente faz no dia-a-dia e que não é legal, ou seja, pensa em mudar por esse motivo. Você começa a perceber as coisas que faz e tenta mudar um pouco sua maneira de falar, de agir, então você quer mudar o seu jeito de ser, sua forma de pensar.

P: Você tem um exemplo, não que você já tenha mudado, mas que você acha que vai acabar mudando ou até que tenha mudado?
R: Eu sou uma pessoa um pouco explosiva e no ambiente de trabalho isso não é legal. Então você quer mudar, precisa mudar. Eu sou explosiva e, de repente, no ambiente de trabalho não é legal, as pessoas não são obrigadas a conviver. Eu tenho um caso lá que a pessoa está fazendo psicologia e não tem nada a ver com a pessoa, porque a pessoa não merece aquele cargo de psicólogo. Psicólogo, sei lá, é uma pessoa calma, que está ali pra ajudar, orientar e tem gente que não dá para aquilo. E assim quando eu vejo que a pessoa coloca na cabeça eu quero mudar e mude senão não dá de outra forma, não tem como.

P: E o que isso tem a ver com a sua mudança com o fato de você ser explosiva? Você falou, por exemplo, eu já percebi que por estar fazendo faculdade eu não posso continuar sendo explosiva no trabalho.
R: Com certeza.

P: E aí?
R: Ah, não sei, a gente aprende que tem diversas formas de você enfrentar uma situação. A gente começa a ver que não precisa ser daquela forma, que você talvez fazendo de outro jeito consiga obter o mesmo resultado, de uma forma agradável pra todos. Então assim, a gente vai aprendendo que existem diversas formas de você tratar com o ser humano, que te ajude mais pra frente, hoje talvez (incompreensível), mas o problema vai sempre aparecer e você acaba complicando pra você mesma, faz mal pra própria pessoa.

P: Diga-me uma coisa, antes de você ir pra universidade você já tinha feito outro curso, curso técnico ou tentado outra faculdade?
R: Não, foi a primeira vez que eu tentei entrar e curso só profissionalizante, técnico, não.

P: Você tinha feito já o que?
R: Então, tudo na área de RH mesmo. Eu fiz um cursinho bem básico de contabilidade, de administração de pessoal e o outro meio de direito, mas é tudo da mesma área, mesmo. Era um pacote com os três cursos. Mas era curso rápido, bem rápido.

P: E a faculdade foi a primeira vez?
R: Foi a primeira vez. Quis fazer, vou fazer e fiz.

P: Por que você decidiu por esse curso? Quais foram às razões, os motivos?
R: Primeiro porque eu já trabalho um pouco na área. No caso esse primeiro semestre a gente não aprende tanta coisa, mas no próximo eu já sei que vai entrar folha de pagamento, essas coisas. Nos meus empregos anteriores eu trabalhei um pouquinho com isso, não era muita coisa, mas nesse daqui eu trabalho com seleção, seleção de pessoal, então assim eu sei que no próximo semestre eu vou aprender isso. Então, eu achei legal porque eu já estou na área, então pro meu crescimento talvez seja melhor. Embora eu estou na parte de seleção e eu queria sair um pouco dessa área e ir mais pra área de RH, contratação, admissão e demissão.

P: E essa faculdade, por que você essa faculdade?
R: Primeiro foi escolhido porque são apenas dois anos. Primeiro pensei em fazer psicologia, mas são cinco anos, psicologia. Eu estava indo casar e tudo e acabei optando por fazer essa pela duração dela, que são dois anos. Então foi esse motivo que eu escolhi essa de dois anos. Aí você consegue se qualificar, entra no mercado mais rápido e aí, com isso, depois você consegue pagar uma faculdade um pouco melhor. Creio eu que vou conseguir fazendo essa de dois anos. Ela é mais em conta. Aí o objetivo é concluir, arrumar um emprego com um salário apto pra você poder fazer uma faculdade melhor. Um curso melhor.

P: O que é um curso melhor pra você, Claudia?
R: Então porque assim, esses cursos agora de dois anos a gente sabe que é novo ainda. Não sei qual é a valorização dele no mercado. Então assim, lógico que é uma faculdade que você faz. Aí, no caso, estou fazendo RH, ele é só um departamento. Fazendo administração, que são quatro anos, abrange tudo. Então a gente sabe que quem faz o de quatro anos é bem mais conceituado do que o de dois anos, mas a gente consegue entrar no mercado com apenas esses dois anos. Entra e depois faz uma faculdade um pouco melhor, mais conceituada. Porque assim, é muito corrido esses dois anos, então se você não correr ali junto, passa batido e a de quatro anos, não, você tem um tempo ali de conhecer toda a história, é bastante blá-blá-blá, mas você interage melhor.

P: E depois que você começou a frequentar a faculdade, houve descobertas? Pensando no que você estava esperando versus o que está acontecendo, falando tanto de coisas positivas como negativas.
R: Ah, é um pouco recente agora a faculdade pra mim, então ainda não teve muita diferença na minha vida.

P: E pra sua família, o que significa você fazer faculdade?
R: Ai, olha, a minha família é muito grande. Então, assim, eu tenho um tio que está quase se formando em Direito. Nossa, está muito feliz! A minha família é muito grande e as únicas pessoas que faz (sic) faculdade é eu, minha irmã mais nova e meu tio. A minha família é muito grande, então a faculdade é uma coisa que está muito distante e não é bem assim. A gente começa a fazer e todo mundo pergunta, nossa, legal! Creio eu que eles vejam isso como uma coisa muito distante e não é isso, está tão fácil, tão perto de você conseguir fazer.

P: A sua irmã faz qual faculdade?
R: Ela faz administração, lá na Fundação (Santo André).

P: É em outra faculdade?
R: É outra faculdade.

P: Que lugares você frequenta na faculdade a não ser a sala de aula?
R: A parte de biblioteca é só o que eu frequento porque é muito corrido. É o que eu falei pra você, que a faculdade de dois anos acaba sendo muito corrida. Você fica 100% ali, correndo com a matéria, é totalmente diferente da de quatro anos, de quatro anos você tem tempo de fazer outras coisas. Ali não, é só a correria da sala mesmo. Um pouco a parte da biblioteca pra usufruir quando for necessário, mas poucas vezes eu fui pra lá.

P: Na biblioteca?
R: Na biblioteca.

P: E você visitou a biblioteca por que razão?
R: Pesquisas. Como eu trabalho, é um pouco corrido pra mim e às vezes tem que fazer um trabalho, alguma coisa. Aí chego um pouco mais cedo e vou pra biblioteca fazer pesquisa. Lá tem computador, internet à vontade.

P: E assim, lanchonete outras áreas da faculdade, você frequenta?
R: Às vezes na lanchonete, mas não é sempre que eu vou.

P: Você tem amigos na faculdade?
R: Tenho. Pouco tempo, mas já tenho, sim.

P: Como é que você conheceu essas pessoas?
R: Foi lá mesmo, no dia-a-dia do curso, você acaba conhecendo e acaba criando amizade. Vê todo dia, conversa todo dia, acaba fazendo uma amizade legal. Todo mundo ali está com o mesmo objetivo, então isso é muito legal, acaba ajudando. Se alguém tem alguma dificuldade, vai lá e ajuda, está todo mundo no mesmo objetivo, então é fácil quando todo mundo está com o mesmo pensamento que o seu, acaba se tornando mais fácil.

P: Esse grupo de amigos da faculdade as pessoas que você conheceu lá é o seu grupo principal de amigos?
R: Acaba se tornando porque é os que eu mais vejo, porque aqui na minha rua eu quase não tenho, porque eu não fico muito em casa, trabalho, final de semana na correria do dia-a-dia, saio com meu marido e acabo não ficando nem em casa. Aqui quase não converso com ninguém porque então acaba sendo assim, porque lá eu vejo todo dia, muitas vezes a gente se encontra finais de semana e fica o dia inteiro junto pra poder resolver alguma coisa, fazer trabalhos, então fica um pouco centralizado.

P: Você começou a namorar com que idade?
R: Eu tinha 15 anos.

P: Ah são nove anos já.
R: É.

P: E as aulas como é que são as aulas lá? Como os professores passam a matéria? Me conta um pouco.
R: Depende. Como são várias aulas... Tenho aula de financeiro e ela é justo de sexta-feira e é assim, é uma coisa que você não pode perder nunca. Então toda sexta-feira a sala está em peso lá no curso, mas é uma aula muito dinâmica, é muito legal, está todo mundo muito cansado, todo mundo chega do trabalho estressado e o professor se preocupa muito em deixar bem descontraído, é muito gostoso. Os professores passam a matéria e já faz aquela coisa em grupo pra você discutir, debater e você acaba aprendendo mais do que aquela coisa de caderninho. Então fica uma coisa mais dinâmica, o professor dá um tema pra gente discutir, é bem interessante.

P: Qual é o tempo que você tem pra estudar? Qual é o seu horário de estudo? É durante a semana, mais fim de semana, como você faz?
R: Bom, é bem complicado, pelo fato de trabalhar. Tem a hora da faculdade que é das sete às 22h30min horas, mas a gente chega um pouco mais cedo, dá pra estudar um pouquinho melhor. Saio do meu serviço 17h30min horas, então dá pra chegar na faculdade umas 18 horas. Das seis às sete dá pra eu estudar, fazer alguma coisa que tenho pra fazer e final de semana tenho que arrumar um tempinho. Às vezes tenho que fazer um trabalho, então é mais ou menos isso. Estudo durante a semana na faculdade antes de começar as aulas (das 6 às 7), depois tenho aula das 7 das seis às 10h30min h e final de semana tenho que arrumar um tempo.

P: Você gostaria de ter mais tempo pra estudar?
R: Seria muito bom. Na minha época de férias do serviço, por exemplo, eu ainda não tive essa parte boa, mas quando eu pegar eu quero ver se dá pra eu me dedicar bem mais. Vai ser muito melhor porque você vai ter um tempinho pra poder fazer melhor o trabalho. Já cheguei aqui da faculdade ficar até 3 horas da manhã fazendo trabalho, dormir um pouquinho e ir trabalhar. É muito corrido então se você tem um tempinho, por exemplo, tem gente que não trabalha então aproveite ao máximo porque você está pagando uma faculdade e se você puder estar estudando e tirando melhores notas é muito melhor.

P: A internet para o seu curso é importante, qual é a importância?Ajuda, não ajuda?
R: Ajuda bastante. Tudo que o professor dá um tema pra gente, você tem a internet pra ajudar pra pesquisar. Já teve casos que ele fala assim, a prova vai ser do caso tal, é uma empresa que fechou. Então você vai lá à internet, pesquisa sobre a empresa, porque ela fechou, desde quando ela estava atuando e qual foi a causa. Então é muito importante, você pesquisa sobre o tema e quando chega na prova você consegue um trabalho bem melhor.

P: Você usa pra pesquisa basicamente?
R: Pra pesquisa.

P: Outros assuntos da faculdade você chega a pesquisar na internet?
R: Não, só mesmo pra pesquisas.

P: Como os professores usam a internet? Manda e-mail, não manda?
R: Manda, sim. A gente teve que criar, inclusive, um e-mail de classe porque todos os trabalhos e apostilas de classe é tudo passado por e-mail. Então não tem como você não ter acesso. Você tem que ter, você tem que acessar, usar a internet pra faculdade porque tudo é passado por e-mail. Então você tem que ter, senão não tem jeito.

P: Eles enviam material também ou não?
R: Todo material, é tudo por e-mail. Material, dados dos trabalhos tudo, tudo, tudo. Informações você têm que ter o acesso e o hábito de ficar olhando, sempre ir lá dá uma olhadinha ver se o professor colocou alguma coisa.

P: Eles indicam locais pra vocês irem pesquisar ou vocês levantam?
R: Ah depende, porque, assim, eles fazem uma coisa de dinâmica. Divide em vários grupos a sala então, quando é dividido em grupos são trabalhos diferentes para cada grupo. Aí não, aí a gente tem que correr atrás, pesquisar, tem que se virar pra achar. Agora quando é uma coisa pra sala inteira, eles dão uma dica pra gente onde pode encontrar.

P: E o que você acha desse esquema dos professores passarem material por e-mail, enfim, você acha isso positivo, negativo?
R: Ah, eu acho, não sei se porque pra mim a internet é fácil, mas eu acho muito bom eu acho bem mais fácil. Porque às vezes tem aula que você tem uma vez por semana e se a gente não tiver uma forma de contato com eles, não tem como. Se a gente está com dúvida de alguma coisa, já manda o e-mail, dali 10 minutos ele já responde. É uma maravilha, eu já prefiro assim, você consegue ter um contato com eles, tem coisa que não dá pra esperar até a semana que vem. Então, só tem um caso de uma única professora que não tem e-mail e é muito ruim. Embora a nossa vantagem é que ela está na escola três vezes por semana então dá pra gente achá-la. Agora, se não tem e-mail, é complicado.

P: E você prefere o que, você prefere livros e apostilas impressos ou conteúdo *online*?
R: Eu prefiro impresso. Eles passam rápido, já tenho acesso ao material, mas prefiro o impresso, eu acho muito mais fácil você estar ali com ele, estudar com aquilo.

P: Por que você acha mais fácil?
R: Ah não sei, a leitura você consegue ler e dentro daquilo ali se você tiver com alguma dúvida (incompreensível), mas ele impresso é bem melhor. Você consegue levar para os lugares, consegue discutir com outras pessoas sobre aquele assunto, é bem mais fácil.

P: Você prefere, por exemplo, aula presencial ou aula, aliás, a impressão ela é paga por você como que é?
R: Por mim. É ou um imprime e todo mundo tira xérox ou cada um imprime o seu. É dessa forma, eles só passam. Depois, cada um com seu problema.

P: Você prefere aula presencial ou *online*?
R: Presencial. Por enquanto eu ainda não tenho aula *online*, mas eu já estou sabendo que no próximo semestre eu vou ter. É um pouco complicado porque, por exemplo, cálculos como você tem uma aula de cálculos *online*? É complicado, nem pessoalmente, que dirá *online*. (risos) Tem muita gente de idade, então é muito ruim. Em todas as matérias eu tenho dificuldades e se tiver qualquer uma das aulas *online* como que será? Eu acho que é uma perda de tempo, não vale a pena e infelizmente no próximo semestre eu vou ter e eu já estou muito preocupada com isso. Então, você perde. Você está pagando por aquilo pra ter. Se eu quisesse aula *online*, eu pagava pra ter aula *online*.

P: Quais são as vantagens da aula presencial em sua opinião?

R: Tudo. Você tem a dúvida, você tira ali na hora. A aula *online* é dado o material e você tem que correr atrás. Ali não, você tem o professor, se está com dúvida naquilo, ele já tira suas dúvidas, dá exemplos, esclarece melhor a sua dúvida, porque a minha dúvida não é igual a das outras pessoas. Então assim, o professor está ali, ele já explica, te dá exemplos, até você entender. Ele vai te explicar até você entender, na aula *online*, não. Você só tem aquilo e pronto. Eu acho perda de tempo total.

P: Você se identifica com a faculdade que você está fazendo? Sabe aquelas coisas que você diz assim, às vezes você vai num barzinho e diz: - nossa é a minha cara -, por isso e por aquilo?
R: Ai, gente, eu estou gostando muito, de tudo: a questão dos professores, as matérias, dos alunos eu estou gostando muito. Estou adorando, eu espero que o próximo semestre seja um pouco melhor porque agora ainda é muito blá-blá-blá, é o primeiro semestre, contando historinhas e tal e no próximo não, no próximo já é pauleira e naquilo eu quero então eu creio que seja a minha cara, sim.

P: Por enquanto é mais ou menos a sua cara?
R: Ainda é mais ou menos eu acho que no próximo semestre vai ficar.

P: Pra ficar a sua cara falta o que?
R: Ah aquilo que eu fui buscar realmente, o RH é contas, é folha de pagamento, admissão, demissão então assim, aquilo que eu fui buscar. O primeiro semestre não, o primeiro semestre é muito coisinha de você mesma, do pessoal, histórias da vida, até porque os cursos estão meio misturados, não tem só RH na minha sala.

P: Como misturado?
R: Tem RH, tem Logística, tem Marketing e tem financeiro.

P: É básico?
R: O primeiro módulo é básico para todos.

P: Aí cada um vai por seu curso?
R: Por isso que eu estou falando assim, que ainda não entrou na minha área porque tem os outros cursos. Então aquilo não é só pra mim, é o básico pra todo mundo que entra na faculdade aprende aquilo ali. Então eu espero no próximo semestre entrar mesmo naquilo que eu estou buscando.

P: O que você faz no seu tempo livre?
R: No tempo livre eu tenho a minha casa (risinhos), eu tenho a minha casa, tenho o meu marido e o tempo livre é 100% dele. A gente sai, procura se divertir um pouco, mudar de ambiente. A gente sai sempre, nós dois.

P: Vocês costumam ir aonde geralmente?
R: Ah a gente não vai muito pra barzinho, essas coisas, a gente vai mais pra shopping, cinema. Agora a gente não está saindo muito, ultimamente, mas é normalmente assim.

P: Qual é a tua relação com a TV?
R: Agora quase não assisto mais, mas ontem mesmo eu estava assistindo uma reportagem no Fantástico muito legal, mas quase não vejo mais TV. O tempo que estou em casa, estou sempre fazendo alguma coisa. É mais, assim ,jornalismo, coisas assim.

P: Esses são os programas que você mais gosta, jornalismo?
R: Ah quando eu não fazia faculdade eu adorava uma novela.

P: Gostava de uma novela.
R: Filme é muito bom, adoro filmes e agora na correria do dia-a-dia a única coisa que consigo ver é isso.

P: E no fim de semana?

R: Então, fim de semana é filme, vou lá à locadora alugo alguma coisa pra assistir e é isso. Não me prendo muito nos programas que passam no dia-a-dia.

P: Quantas horas por dia mais ou menos você assiste TV?
R: Por dia?

P: É.
R: Durante a semana, nada, praticamente. E final de semana é complicado eu falar pra você quanto eu assisto. Às vezes passa sábado e domingo eu não assisto nada. É complicado, se pegar assim direto, no fim de semana, 2 horas.

P: Agora a internet você já me falou que utiliza pra finalidade da escola para mais o que você usa a internet?
R: Então, internet eu uso muito no meu trabalho, se for relacionada. Só a internet, mesmo, só na hora do meu almoço, mas na internet eu passo o dia inteiro, eu trabalho o dia inteiro *online* e finais de semana, como eu ainda não tenho internet na minha casa, tem a lan house aqui do lado. Então quando eu preciso, vou na lan house, mas internet é mais durante a semana, que eu tenho mais fácil acesso. Eu uso muito a internet, tanto que eu fico sabendo alguma coisa que acontece na sociedade pela internet e não pela TV.

P: Você vê o jornal na internet?
R: Na internet.

P: E sites assim, de relacionamento tipo Orkut, Blogs, Twiter, Facebook, MSN essas coisas, você costuma seguir?
R: Não, não.

P: É mais e-mail?
R: É mais e-mail e pesquisa.

P: E a pesquisa profissional você faz também pela internet, no seu trabalho. A da escola, você faz mais na escola. E entretenimento, jogar, musica você...
R: Ah, música! Eu gosto muito de música! Eu vou ouvindo musica durante a viagem, mas só no período de ônibus. Eu vou de ônibus, então do trajeto de casa para o trabalho vou ouvindo musica, do trajeto trabalho pra escola vou ouvindo, do trajeto escola pra casa vou ouvindo. Eu gosto de música.

P: Você baixa a música da internet ou não?
R: Não.

P: Quantas horas de internet mais ou menos por semana, por dia?
R: Bom aí umas 3, 4 horas por dia não direto, mas aos picadinhos a gente consegue utilizar umas horas.

P: Se a gente comparar internet e TV?
R: A internet é mais fácil porque você vai lá e busca o que precisa e TV, não, é aquilo que está passando e pronto. A internet se você quer saber alguma coisa que está acontecendo vai lá e busca se quer saber de algum filme no cinema você vai lá e busca, alguma noticia você vai lá e vê. Agora a TV, não, você liga e é o que está passando.

P: Jornal, revista, rádio como que é na tua vida isso?
R: No caso a música é radio. Então, como eu não baixo música, também acabo ouvindo notícias via radio. Jornal eu não tenho muito acesso a jornal. Então fica só isso mesmo, só rádio.

P: Agora a gente vai falar um pouco de consumo e vai encerrar, basicamente pensando em áreas assim, como é que você divide o seu salário?
R: Pra minha sobrevivência?

P: É como você divide?

R: Bom, meu salário vai pra gente pagar algumas dívidas que a gente adquiriu e a faculdade e meu marido me ajuda muito porque só o meu salário não dá pra muita coisa. É basicamente isso: a faculdade, algumas coisas do dia-a-dia que você tem que comprar e algumas dívidas que a gente adquiriu.

P: O que mais pesa no seu orçamento?
R: Ah acho que no momento só mesmo a faculdade e tem algumas dívidas que a gente fez, assim, pra adquirir algumas coisas. Então, enquanto não acabar, não alivia, tem a dívida que a gente fez quando ele adquiriu o carro. A faculdade em si não me atrapalha tanto porque a empresa ajuda a pagar uma parte, então ela não pesa tanto.

P: Então são mais as dívidas?
R: É e as coisas do dia-a-dia.

P: Alguma coisa que você tenha adquirido de importante nos últimos tempos?
R: Ah foi os bens: o carro, a moto porque na verdade a gente tinha, mas decidimos trocar por melhores, tem a casa, que a gente adquiriu recentemente, vem muita coisa boa ultimamente. Não foi uma coisa só, foi o casamento, minha casa, trocar de moto, trocar de carro, então, graças a Deus, muitas coisas boas de uma vez só.

P: E por que você adquiriu o carro e a moto?
R: No caso a casa a gente já vem construindo há bastante tempo. Então a casa era uma coisa certa e o carro e a moto foram coisas que aconteceram assim, apareceram oportunidades boas e a gente acabou se atraindo por elas e ficando, mas na verdade porque teve uma oportunidade boa. Porque como a gente estava construindo nossa casa, a gente não estava pensando em trocar carro e moto agora, mas aí primeiro apareceu a oportunidade do carro no começo do ano, que foi muito boa e a gente trocou o carro. E agora, recentemente, foi a moto que a gente conseguiu trocar.

P: A importância dos bens pra você, você se identifica com o que você tem?
R: Ah, sim, é muito importante. Valoriza muito. A gente trabalha, a gente vê as pessoas trabalhando 10, 20 anos e não conseguem adquirir um bem, quando a gente quer uma coisa tem que lutar para conseguir, como morar num lugar melhor, num ambiente mais saudável.

P: Em que bairro você pensa?
R: Ah eu não quero ir muito longe, por causa da minha mãe. Só ir pra um bairro melhor, próximo daqui, bairros melhores.

P: Por exemplo?
R: Só indo ali pro Jardim Irene estava bom, que é aqui do lado.

P: O carro você quer trocar por qual, por exemplo?
R: Ah, mais novo. Eu queria um Stillo e ele queria um Golf mais novo.

P: E a faculdade, como é que você sente a faculdade, assim, no sentido de aquisição de um bem. Você acha que a faculdade é também um bem de consumo ou não? Como é pra você?
R: Ah eu tenho como mais um bem. É tipo pra mim vai ser um bem. Eu creio que seja assim que eu posso pensar. Eu acho que é como um bem. Tanto que pessoas vendem um carro pra poder fazer faculdade. É um bem que você adquiriu, muito grande, assim. Meu marido, eu não vejo a hora que ele começa a fazer a faculdade dele porque tudo que ele fizer de bom pra ele vai ser bom pra mim.

P: Você acha que a gente compra uma faculdade, um curso, como compra um carro, por exemplo?
R: Como comprar um carro e até melhor porque aquilo você sempre vai ter e ninguém tira de você e um carro não, você bate, acabou o carro ou, sei lá, roubam e não acha mais. E o estudo não, o estudo é uma coisa que ninguém vai tirar de você. É realmente é um bem muito melhor que um carro.

P: E você falou que o estudo te valoriza e o carro também valoriza, então nesse sentido que teria em comum com um bem de consumo?
R: Isso. Coisa assim de me deixar feliz de saber que eu tenho. Então saber que eu tenho uma faculdade pra mim é muito legal. Carro também eu sei que tenho o carro, nossa é muito bom. Não é todo mundo que tem a oportunidade de ter as duas coisas.

P: Quando você diz que te valoriza, você está querendo dizer o que?
R: Ah que me deixa feliz de saber que eu tenho e a faculdade no caso me valoriza muito como pessoa, como profissional e o carro como pessoa também. É muito bom saber que você tem, que você pode ter um bem pra te levar aonde você quiser.

P: E pra finalizar, depois de formada, com o seu diploma, o que você pretende fazer?
R: Ah eu quero me ingressar na área pra poder ganhar mais, sei lá, subir de cargo.

P: Você pretende ficar na mesma empresa?
R: Não. Quero sair porque lá não tem chance de crescimento. Lá eu sou auxiliar de seleção e vou viver 10 anos como auxiliar de seleção.

P: Mesmo com a faculdade?
R: Mesmo com a faculdade.

P: Por que não faria diferença lá?
R: Porque assim, seria diferente se deixassem você crescer, mas lá é dividido: tem a parte de seleção, que é onde eu trabalho, e tem uma outra unidade, que é a parte de RH. Pra você continuar ali, você teria que estar fazendo psicologia. Porque eu faço seleção todo dia, então, no caso, seria melhor eu estar fazendo psicologia pra continuar ali onde estou. Como eu estou fazendo RH no caso eu poderia ter a oportunidade de ir pra outra unidade e trabalhar com RH lá. Só que lá, não, a dona não tira a funcionária dela ali e jamais vai te colocar na outra unidade. Então, ali, assim...

P: Cada unidade é de um dono?
R: Eles são esposos, então cada um cuida do seu. Ali é 100% profissional e não tem uma oportunidade de você sair daquela unidade e ir pra outra, não tem. E a questão de crescimento é mínima porque as pessoas que estão ali já são velhas de casa e pra entrar lá agora, antes não precisa, mas agora você tem que ser formada em psicologia.

P: No departamento de pessoal?
R: Não, no departamento de pessoal eu não sei qual é o critério deles, mas agora pra seleção tem que estar cursando psicologia.

P: Faz parte de RH?
R: Faz parte de RH.

P: Você gostaria de falar mais alguma coisa, especialmente algo ligado a fazer uma faculdade ?
R: Olha seria legal falar assim pras pessoas que fazer faculdade não é tão distante, não é um sonho distante. Pode ser realizado e é muito legal, muito bom, te valoriza muito. E não só na questão profissional, mas pra você mesma assim estar fazendo uma faculdade é muito bom, não é difícil. Lógico tem que ter um pouquinho de força de vontade, quem trabalha é mais complicado ainda, mas não é um sonho distante. Quem quer, pode correr atrás que consegue.

P: Legal, muito obrigada.

Entrevistado: ENTREVISTA 5
Curso: Administração
Campus: Jabaquara

P: Eu queria começar te perguntando como que você se vê daqui a cinco anos? Como vai estar sua vida?

R: Difícil de falar, eu pretendo fazer um curso de pós quando eu terminar a faculdade, termino em 2011, depois de um ano quero fazer uma pós. Entrei na faculdade em 2007, estou no quinto semestre de administração. São quatro anos, vou terminar e fazer uma pós em 2012, futuramente comprar um apartamento, trocar de carro.

P: Você pretende comprar uma casa, um carro, fazer uma pós. E a sua vida profissional, você acha que vai estar como daqui a cinco anos?
R: Hoje eu trabalho na área de recursos humanos, trabalho especificamente com benefícios, vem crescendo bastante, está qualificada como responsabilidade social dentro das empresas, então eu acho legal, não pretendo mudar de área, gosto de recursos humanos, de benefícios, apesar de ser uma área complicada porque você está lidando direto como funcionário, mas não pretendo mudar, estou fazendo estágio há três meses pela associação comercial em RH também. Eu faço estagio até meio de maio, se eu não for efetivada, vou procurar um efetivo.

P: A área de benefícios diz respeito a que?
R: Convênio médico, odontológico, vale transporte, refeição, faço a compra pros funcionários.

P: Hoje você é estagiaria, daqui a cinco anos, você pretende estar colocada como no mercado?
R: Acho que na área de recursos humanos, como analista de benefícios, tem bem pouco, é uma área nova, está se criando uma nova área.

P: E sua vida afetiva, como você imagina?
R: Hoje eu namoro há dois anos, não tenho filhos, mas casar...

P: E daqui a cinco anos?
R: Daqui a cinco anos, não vou estar casada ainda, não sei quando vou casar, não tenho projeto.

P: A sua pós você quer fazer em que área?
R: Tem uns cursos legais voltados pra desenvolvimento sustentável nessa área.

P: O que você percebe que mudou na sua vida depois que você começou a fazer faculdade?
R: Mudou bastante, quando você fala que está fazendo faculdade às pessoas falam, que legal! A atitude é outra, é gostoso, é bom. As pessoas começam a te ver tanto na faculdade, quanto fora, vêem de forma diferente, ela trabalha, estuda, se esforça, com uma certa admiração.

P: E na sua vida, o que mudou, em qualquer aspecto?
R: Conhecimento, financeiro também muda bastante, você tem que passar a não comprar no momento porque a faculdade é prioridade. É gostoso estar na faculdade. Estou com 30 anos agora.

P: E você, o que mudou desde que começou a faculdade?
R: Eu sei que mudei, mas não consigo falar o que mudou. Muda porque você acaba valorizando outras coisas. Você acaba sendo mais exigente em todos os sentidos, você tem um conhecimento maior, você acaba vendo e procurando outras formas, lugares, se valoriza mais e acaba sendo mais exigente.

P: Você poderia dizer que houve em você uma mudança de valores?
R: Sim, houve uma mudança de valores. Coisas que pra você eram mais importantes, hoje não são.

P: Você pode dar um exemplo do que deixou de ser importante depois que você começou a faculdade?
R: Não vou lembrar. Não sei.

P: Antes de você entrar na faculdade, você já tinha entrado em outras?
R: Fiz outros cursos tanto pela empresa quanto aleatoriamente, já tinha começado faculdade, só que a parte financeira nunca dava certo, começava a faculdade e parava. É ruim começar e parar, mas agora vai!

P: E você fez algum curso técnico?
R: No colegial, eu fiz um curso técnico aqui em Diadema, de processamento, mas não gostei da área. Fiz na ETDA de São Bernardo administração e marketing, cursos de informática de adaptação mesmo.

P: Esse da ETDA durou quanto tempo?
R: Acho que seis meses.

P: Os cursos de faculdade que você entrou e parou, quais são?
R: Eu prestei o vestibular e nem comecei porque vi que não ia dar. Foi pra administração também.

P: O que te levou a prestar administração?
R: Eu queria administração em RH quando comecei, mas não queria focar só o RH, senão fica muito naquilo, só que as faculdades tinham curso de RH, que agora nem tem mais, era muito longe, então como eu trabalhava no RH, vou fazer meu curso de administração que vai abranger bem mais e depois se for o caso faço uma especialização, o curso é mais abrangente, focar só naquilo, já trabalho com isso o tempo todo. Agora nesse semestre nossas aulas são só financeiro. O que eu trabalho da parte financeira é pouco, a gente aprende bastante.

P: Você atua em RH há muito tempo?
R: Uns três anos, comecei agora por uma vaga que surgiu na associação, é por um tempo, eu quero um efetivo.

P: Em que área de RH você atuava antes?
R: Folha de pagamento, que era fundo de garantia, assistência e benefícios também.

P: Depois que você começou a fazer o curso você teve descobertas positivas ou negativas?
R: Teve, não sei como foi, mas teve coisas. De tudo, de professores, de alunos, de amigos, da matéria, coisas novas pra mim, aprendi bastante. Financeiro tudo, é muito difícil, tudo novo, utilizar a calculadora HP, eu não sabia utilizar, a gente usa pra tudo na faculdade e agora eu não consigo ficar sem.

P: É uma calculadora especial?
R: Faz calculo de investimentos, ela é bem difícil de mexer, mas é bem gostosa. Usa bastante na área financeira. De benefícios, não, porque são pagamentos de notas, é mais simples, mas na área financeira usa bastante, banco usa bastante.

P: Pra você o que significa fazer faculdade?
R: É um passo à frente, um diferencial, apesar de muita gente estar fazendo, mas é um passo à frente, é bom, é motivador. Elevou meu padrão de conceitos, de agregar valores mesmo. Ainda estou cursando, tá terminando, não tá dando, porque tem dia que é dureza.

P: E pra sua família, o que significa você fazer a faculdade?
R: Ah é bom sim, meu irmão começou e não terminou porque ficou desempregado, então eu que comecei e só eu que faço, minha irmã também não está fazendo, pra eles é excelente, eles gostam de falar – minha filha está fazendo.

P: O que você frequenta na faculdade?
R: A biblioteca, nós temos um projeto que vai todo o semestre, então eu fico na biblioteca que dá pra fazer os resumos.

P: E o laboratório?
R: O de informática, quando eu tenho que digitar os trabalhos. A cantina na hora do intervalo pra fazer um lanche rápido e a secretaria pra fazer algumas reclamações ou solicitações. Eu frequento todo o espaço da faculdade.

P: E você acha bacana esses espaços?

R: Eu acho necessário, fundamental. Acho que deveriam até ampliar um pouco mais a parte de tecnologia tem que melhorar bastante, eu acho a biblioteca bem fraquinha. O material deles, os livros até tem alguma coisa, mas usar a internet pra alguma coisa, eu acho bem fraco.

P: O que você acha fraco?
R: O espaço da biblioteca é bem pequeno, são computadores velhos, antigos, poderia melhorar bastante, poderia colocar mais computadores, a biblioteca da empresa que eu trabalho é melhor que a da faculdade. O acervo deles poderia melhorar mais, embora eu não pegue muito livro emprestado, mas eu acho que dá pra melhorar bastante.

P: Você tem amigos na faculdade?
R: Tenho do curso que eu faço e dos outros cursos.

P: Como você conhece alunos dos outros cursos?
R: Porque já moram em Diadema e você acha que já conhece de algum lugar, um amigo que já conhece e apresenta e aí vai criando um vínculo. Algumas amigas que começaram o curso junto e trocaram de curso, então você vai conhecendo outros amigos através dela.

P: Você diria que o grupo de amigos da faculdade é seu principal grupo de amigos hoje?
R: Não, só na faculdade. Eu tenho um grupo de amigos no trabalho que a gente faz tudo junto.

P: E na sua vida?
R: Mais as pessoas daqui mesmo, que a gente cresceu junto, a gente sai junto nos finais de semana.

P: Como são as aulas lá, como o professor passa a matéria?
R: De livros, trabalho? A maioria passa as apostilas por e-mail, a gente tem um e-mail da sala, eles passam as apostilas, a gente imprime, eles trabalham aquele assunto, desenvolvem um trabalho no final da aula, valendo um ponto, dois pontos, mais pra saber a opinião dos alunos, a maioria trabalha dessa forma. Tem outros que não, que disponibilizam a apostila mesmo, e vai em cima daquilo tirando duvidas.

P: E como você avalia?
R: Eu acho que com trabalho ajuda bastante, principalmente com várias perguntas pro grupo interagir, cada um tem uma opinião, vai acrescentando, acho que funciona.

P: E o seu tempo pra estudar?
R: Hoje eu tenho tempo pra estudar porque eu estou fazendo estágio, então eu tenho esse tempo pra estudar porque eu saio mais cedo do trabalho e chego uma hora e meia antes, fico lá, então eu consigo fazer, quando não, eu encontro no sábado com as meninas e fico até 3 horas da tarde fazendo trabalho integrado. Eu até prefiro que seja no sábado porque eu acho mais produtivo, na semana não é todo mundo que tem tempo, então eu acho mais produtivo.

P: Você considera suficiente o tempo que você tem pra estudar?
R: É porque eu estou fazendo estágio, senão realmente não é suficiente. Quem trabalha até as seis da tarde não tem tempo, não.

P: Pra você está dando bem?
R: Pra mim tá bom, quando eu tenho alguma coisa pra entregar eu consigo fazer antes pra entregar com antecedência. Nos finais de semana eu fico livre, só quando a gente marca de se encontrar no final de semana, aí é prioridade, caso contrário, eu fico livre.

P: A internet é importante no seu curso?
R: Importantíssimo. Pra fazer pesquisa, desenvolver os trabalhos. Todos os trabalhos que os professores dão a gente encontra na internet, até quando não consegue acessar a internet é um Deus nos acuda, porque não dá.

P: Os professores se comunicam com você por e-mail?
R: Eles mandam e-mail, tanto pelo e-mail da sala, quanto alguma duvida mais específica eles respondem pelo e-mail particular deles, ou na sala de aula mesmo. Os professores são muito

bons, são excelentes mesmo. Na faculdade a gente tem uns problemas, mas a parte didática é excelente.

P: Esse esquema deles mandarem por e-mail, internet, aceitar consulta por e-mail é uma coisa boa, como você avalia isso?
R: Eu acho bom porque conforme eles mandam por e-mail é melhor que deixar na Xerox da faculdade, às vezes não dá tempo. E por e-mail tem o dia todo pra imprimir, você sabe que tem um trabalho lá, se não imprimiu você chega na faculdade e tira Xerox, então você fica mais atualizado.

P: Você prefere livros, apostilas ou conteúdo on line?
R: Eu nunca fiz curso *online*. Tenho até curiosidade, mas prefiro livros e apostilas, eu prefiro ler e resumir, fazer resumos manuais, eu geralmente imprimo tudo, eu acho melhor pegar, imprimir, ler, do que ficar só no computador, eu me atrapalho um pouco pra estudar, acho que força muito a vista, prefiro imprimir porque vou marcando, pontuando o que eu achei interessante, com caneta. Eu prefiro.

P: Aula presencial ou *online*, o que você prefere?
R: Não tive aula *online* ainda, embora tenham alguns cursos que tem aula *online* na faculdade, mas não tive ainda, gostaria de ter aula *online*. Por curiosidade.

P: Mas te parece uma boa ideia?
R: Eu posso não gostar porque já vi outras salas, não acompanhei do começo ao fim, prefiro mil vezes a presencial porque acho que dá pra tirar mais dúvidas, trabalhar melhor a matéria, nesse semestre então, aula on line de financeiro, eu com certeza iria ter mais dificuldade, eu gosto do professor apagando, escrevendo, você questionando mais. Acho que dependendo da aula é complicado, difícil, prefiro a presencial.

P: Você se identifica com a sua faculdade? A sua faculdade tem a sua cara?
R: Quando era a Uniradial eu podia dizer isso, porque eu gostava, quando entrou a Estácio senti uma diferença. Não sei se é porque a Uniradial já está aqui há muitos anos, você tem afinidade, eu não sei. Agora com a Estácio o número de alunos cresceu demais, os problemas cresceram demais. Tudo aumentou. Inclusive as aulas on line entraram com a Estácio também. A Uniradial era minha cara, a Estácio... O bom foi que eles mantiveram os professores, isso foi bom.

P: Quais os problemas que surgiram?
R: Eu fiquei um semestre sem conseguir imprimir boleto de pagamento. Eles não queriam imprimir pra mim. Foi um problemão, eles não disponibilizavam pra mim na internet e não mandavam boleto. Ia chegar um momento que eu ia ter que pagar tudo. Pra resolver levava uma hora e mais de espera pra resolver um problema que era deles, não meu. Eles não têm estrutura pra aumentar tanto o número de alunos, eles alugaram o Colégio Santa Amália pra colocar alunos lá, o que ficou mais precário, porque eles não têm biblioteca, não têm nada. Foi onde a Estácio esteve longe demais, quando eu entrei era Uniradial, não tinha tantos alunos assim, mas a gente conseguia desenvolver. Veio a Estácio, invadiu. O sistema de segurança é muito ruim. Não tem segurança mais na faculdade, não tem catraca, entra quem quer, é muito ruim, não tenho carteirinha da faculdade, eles não fornecem. É ruim, você tem desconto com a carteirinha, mas não tem porque não tem sistema de controle de entrada e saída de alunos. Tinha na Uniradial um controle, tinha problemas, mas tinha, hoje a passagem é livre. Eu não tenho identificação, parece que eu não estudo lá. Quando era Uniradial eu tinha.

P: A Estácio é uma faculdade do Rio de Janeiro?
R: É, ela veio em 2008 pra cá. No segundo semestre de 2008 ela conseguiu matricular mais de mil alunos, eu chamo de invasão porque não tem estrutura pra isso. Quem entrou em 2007 ou anterior sentiu, quem entrou depois não sabe como era antes, então não sente.

P: E antes você se sentia a cara da faculdade, se identificava por quê?
R: Eu não sei dizer por que, estava perto, fácil de ir e vir, tinha um curso reconhecido pelo MEC há muitos anos, foi reconhecido como um dos dez melhores pelo Enade, então foi um dos motivos que me levou pra Radial. Era um curso que eu queria, faculdade que eu queria, fácil

acesso, o ônibus passa na porta da minha casa e da faculdade, e quando eu entrei foi um dos dez melhores pelo Enade, então foi um diferencial pra gente. Vou fazer um curso bom, perto de casa, a mensalidade dava pra cobrir, tá ótimo.

P: A mensalidade está quanto lá?
R: Hoje estou pagando R$ 390,00, com desconto, dá 10 ou 20%, então está tranquilo isso.

P: E no tempo livre, o que você costuma fazer?
R: Vou bastante no teatro com o meu namorado, cinema não fico muito. A gente faz parte de um motoclube em Diadema, sempre tem festa, a gente viaja, vai pra praia.

P: E como é sua utilização de internet?
R: Está sendo pouca, mais de final de semana porque não dá tempo.

P: Chega a ser uma atividade de lazer?
R: Chega sim.

P: Quais lugares que você costuma ir pra utilizar a internet?
R: Em casa mesmo. Costumo entrar no Orkut, e-mail, acesso blog, MSN, e-mail. Facebook e twitter ainda não.

P: E qual seu objetivo quando você entra nesses sites?
R: É colocar fotos que todo mundo quer ver, onde eu passo, eu fotografo. Estou sempre tirando foto, inclusive na terça-feira estava comentando com um amigo, ele disse: Poxa, você tirou um monte de fotos no aniversário e não colocou no Orkut? Calma gente, eu vou colocar, mas ainda não tive tempo, só atualizo de final de semana. Aí um entra e cadê as fotos?, é mais pra disponibilizar fotos.

P: Você faz pesquisa pra faculdade ou assuntos pessoais na internet?
R: Faço. Vários tipos de pesquisas, às vezes deu uma dúvida, vai lá e busca, até pra procurar um endereço, vai no Google maps, resolve tudo, é uma mão na roda.

P: E a TV?
R: Assisto pouca TV, gosto mais de rádio. Tenho uns programas preferidos, CQC, A Grande Família, que é meu preferido, jornais quando dá tempo também, novela não sou apegada, não dá tempo.

P: Qual jornal que você assiste?
R: Jornal Nacional, gosto também de ver algum seriado que tem e a A Grande Família.

P: Que horas você chega da faculdade?
R: Onze horas e saio as oito pra trabalhar.

P: E de final de semana, tem algum programa favorito?
R: Predileto não tem não, assisto Caldeirão do Huck. Gosto de CD, DVD, gosto muito de música, bastante.

P: TV e internet, qual das duas tem mais importância?
R: Eu não ficaria mais com internet, quando cai, dá problema é horrível, mesmo que eu não esteja usando, mas só de saber que está lá. A hora que eu quero vai funcionar, não sou muito apegada em internet, é mais quando eu preciso mesmo, vou lá e faço. Eu gosto mais de ficar conversando com amigos.

P: E se a gente pensar em importância na sua vida, qual dos dois é mais importante?
R: Acho que os dois tem igual importância. Não gostaria de ficar nem sem a TV, nem sem internet.

P: TV é importante para que?
R: Comunicação, conhecimento, TV é importante pra saber o que está acontecendo no mundo.

P: E internet?
R: Internet é mais como pesquisa mesmo.

P: E rádio, jornal e revista?
R: Assino a revista “Isto é Dinheiro”. Jornal eu não assino. Rádio eu ouço de manhã, gosto de escutar AM. Só fala de política, eu gosto de política, acho o maior barato, eu esqueci o nome da rádio sempre de manhã pra me arrumar, estou ouvindo o rádio sobre política pra ver o que acontece.

P: Você paga sua faculdade?
R: Pago.

P: Como você distribui o seu salário?
R: A prioridade é a faculdade, não posso ter outros gastos por causa disso.

P: Sua vida financeira mudou muito ou pouco com a faculdade?
R: Mudou muito. Às vezes tenho que abrir mão de sair, viajar, não dá, ainda mais fazendo estágio, não dá.

P: Essa condição de mudar de funcionária pra estagiária é um investimento que você está fazendo. Com que objetivo?
R: Eu fiquei desempregada não muito tempo, aí eu peguei esse estágio pra pagar as mensalidades, pra alguma coisa, um ano é um tempo bom pra isso, mais pra conseguir estudar mesmo, não dá pra ficar no estágio porque a bolsa auxilio é muito pouco. Tentar complementar é complicado. Até pelo horário também, eu trabalho seis horas, quando é semana de prova a gente pode sair três horas mais cedo. A lei do estágio mudou bastante, ela está beneficiando bastante o estagiário hoje em dia, lá eu tenho todos os benefícios que os funcionários têm, então vale a pena. Eu não acordo tão cedo, saio do trabalho 4:30 da tarde, dá tempo de estudar, se eu tiver que ir no médico, se eu tiver que vir pra casa é tranquilo, dá tempo. Estou aproveitando o momento. Em maio eu resolvo.

P: Tem alguma coisa que você tenha comprado nos últimos tempos de maior valor?
R: Meu carro, embora hoje ele esteja precisando de uma mecânica. Talvez por isso eu não tenha começado a faculdade antes, eu comprei o carro e não consegui manter os dois, acabei dando prioridade pro carro. Eu entrei na faculdade porque eu não tinha mais prestação do carro pra pagar.

P: Por que você comprou o carro?
R: Porque é uma delicia, o carro é necessário, faz muita falta. Ultimamente não estou usando pra nada, mais pra sair com as amigas. Durante a semana é mais complicado, eu trabalho no centro e é ruim ir de carro pro centro. Mais pra sair com as amigas, com a minha mãe, às vezes eu levo ela pro mercado.

P: O que você gostaria de adquirir?
R: Eu quero trocar de carro, quero comprar um apartamento legal, provavelmente em Diadema.

P: E você quer comprar o apartamento por quê?
R: Pra investimento mesmo, apesar de que eu tenho casa própria, mas pra ter uma coisa minha mesmo, futuramente. Estou namorando, talvez casar, pra ter o meu mesmo.

P: E o carro você quer trocar por quê?
R: Porque está na hora, pra ter um mais novo. Um modelo mais atual, ele está dando um pouco de problema.

P: Adquirir bens pra você é uma coisa importante?
R: É sinônimo de trabalho, de planejamento, de realizar isso. Você trabalha, vai fazer o que? Tem que ter um planejamento, comprar um apartamento, uma moto, acho que é importante, a gente tem que sonhar e realizar também. Um carro, um apartamento, realizei.

P: E você diz sinônimo de trabalho por quê?

R: Vontade mesmo, de querer e correr atrás, economizar, abrir mão de outras coisas e comprar o que você realmente quer, acho que isso é sinônimo de trabalho. Correr atrás também.

P: Como é a faculdade pensando nas coisas que você consome? Você compra a faculdade, não compra, é um bem de consumo?
R: Não é um bem de consumo, é busca de conhecimento mesmo. É uma coisa que você começa, é tão difícil de começar, e quando você começa você não quer parar mais. Aí você começa a pensar no próximo, no próximo, e encontra amigos que dizem que vão terminar e depois, o que vão fazer? Você vai buscando outras coisas, vai se sentindo mais importante, quer sempre melhorar. Não que seja um bem de consumo, mas traz uma satisfação pessoal, sim.

P: Que diferença tem de um bem de consumo?
R: Um bem de consumo você pode pegar, vender, negociar, trocar, o conhecimento ninguém tira de você, é uma conquista.

P: O que você espera com o diploma que você vai ter na mão?
R: Já valeu tanto a pena esse tempo todo, tanta gente que encontrei, amigos, acho que o diploma é só pra finalizar. Pra falar: “olha, parabéns, você terminou!”. É só pra finalizar mesmo, porque acho que depois de tudo que a gente aprendeu, acho que diploma nenhum vai ter importância. Pra finalizar, pra dizer que concluiu, uma documentação necessária.

P: Você gostaria de falar mais alguma coisa?
R: Pra faculdade eu diria que eles têm muita coisa pra melhorar ainda, acho que deveriam ligar pra isso, que pra eles pode não ser importante, mas pra gente é e eles não ligam. Pro sistema de educação, as coisas estão mudando bastante, não sei o que eu poderia deixar de recado. Pros alunos, acho que eles poderiam correr um pouco mais atrás, ser menos engessado, às vezes o professor não consegue terminar o trabalho, os alunos poderiam ser menos engessados e correr mais atrás

P: No sentido de dependência?
R: É são muito dependentes, tem muito aluno engessado.

P: Valeu, obrigada, foi muito bom.

Entrevistada: ENTREVISTA 6
Curso: Gestão de Recursos Humanos
Campus: Santo Amaro

P: Eu queria começar te perguntando como que você se vê daqui a 5 anos, na sua vida?
R: Eu me vejo num outro trabalho, porque o que eu faço hoje eu não gosto muito. Fazendo o que eu gosto e talvez ganhando um pouco mais.

P: E você faz o que?
R: Eu faço departamento pessoal, mas só de uma pessoa. Eu sou terceirizada pra fazer atendimento.

P: E você não gosta do que você faz?
R: Não, não gosto.

P: Como que é, conta pra mim?
R: Eu já trabalhava com departamento pessoal antes, mas eu trabalhava com a parte de calculo. É o que eu prefiro fazer. E lá eu só faço atendimento mesmo, atendo as pessoas, pego documentação, tiro dúvida e atendo o telefone.

P: E, daqui a 5 anos onde você se vê?
R: Aonde?? Exatamente eu não sei, mas fazer uma coisa que eu gosto, folha de pagamento, a parte de cálculo mesmo.

P: Você quer trabalhar no departamento pessoal e você já se vê trabalhando no departamento pessoal?
R: Isso. Voltar para o que já trabalhei antes.

P: E o que vai fazer com que você possa voltar para a área de departamento pessoal?
R: Hum, acho que é a experiência que eu tenho e a vontade de voltar. Eu já trabalhei 3, quase 4 anos com isso.

P: E é só a experiência que você tem, porque você falou em estudar mais?
R: Eu pretendo fazer inglês, eu já vi um monte de vagas que pedem inglês. Eu tô pensando em fazer depois que eu fizer a minha faculdade.

P: Você esta fazendo faculdade de que?
R: Gestão de RH.

P: Você esta na área. Quanto tempo dura teu curso?
R: São 2 anos. Eu já estou pensando no curso que eu vou fazer depois, se vou fazer pós, outro curso.

P: Entendi. E você acha que a faculdade, o curso que você está fazendo também vai ter ajudar a conquistar esse lugar no mercado de trabalho ou não?
R: No curso ainda não influência tanto...Ajuda, mas pelo menos nas vagas que eu tenho visto, não influencia tanto.

P: Como assim?
R: A maior parte das vagas para o departamento pessoal não exige o superior completo.

P: Não precisa da faculdade, não faz diferença?
R: Não. Quem tem é claro que é um pouco melhor, a maior parte exige o ensino médio completo.

P: Então o que faz você pensar que daqui 5 anos você vai estar lá é o fato de você ter gostado. Você vai batalhar, vai lutar pra voltar pra esse lugar. Você não está contando com esse diploma e com sua formação?
R: Não. Pra vaga de analista de DP, que eu faço hoje, não. Só se for pra alguma outra vaga, de encarregado, analista de RH. Mas pra departamento pessoal, não.

P: E esse curso que você pretende fazer depois da faculdade, tem a ver com o que você esta fazendo hoje?
R: Tem sim.

P: E porque você continuaria investindo em RH se não faz diferença pra você estar no mercado ocupando um cargo em RH?
R: Não faz pra DP, mas pra RH, faz. No cargo de analista não faz diferença, mas se for de encarregado, supervisor ou coisa assim, faz diferença.

P: E você tem esse projeto, de passar para o RH, de virar encarregada?
R: Na fase de RH completa acho que não, mas uma parte sim.

P: E o que você precisa fazer pra chegar nesse lugar, como encarregada, como supervisora?
R: Eu preciso continuar trabalhando, saindo dessa área que eu estou agora de atendimento porque aí eu não tenho muito contato com parte legal mesmo... Pra isso eu preciso estudar mais e ter mais experiência. Só que com o que eu faço hoje não dá. Porque eu só faço atendimento, então não tem nada que vai acrescentando, só algumas coisas que eu já sei, então não vai acrescentando mesmo.

P: E você acha que pode acontecer quando?
R: Um ano, um ano e meio.

P: Mas não depende de você terminar a faculdade?

R: Não. Depende de eu mudar de empresa.

P: E na vida afetiva como você imagina estar daqui a 5 anos?
R: Solteira. Continuo solteira.

P: Por quê?
R: Eu já fui noiva e não casei e não quero mais.

P: Quantos anos você tem?
R: 25.

P: Você desistiu pra vida toda?
R: É.

P: E como você imagina sua vida de solteira daqui a 5 anos?
R: Mais ou menos como é hoje. Ficar em casa no final de semana, sair pra fazer compra, assistir um filme de vez em quando.

P: Morando com seus pais...
R: É.

P: Trabalhando na área que você deseja?
R: Continuando...

P: E você se vê feliz?
R: Sim.

P: É o que você deseja?
R: É. Ainda mais por causa dos meus bichinhos, eu tenho 8 gatos.

P: E cachorro também?
R: É.

P: Quantos?
R: 3, mas os gatos são a minha vida.

P: Há quanto tempo você cria gato?
R: Tem 4 anos.

P: E tua intenção é continuar criando?
R: É. Eu vou pegando gato na rua.

P: E tua vida estudantil, você quer fazer pós, conta pra mim?
R: Eu pretendo fazer pós, alguma coisa relacionada a RH. Mas eu penso fazer alguma coisa de cálculo, matemática, números, mas ainda não sei exatamente.

P: E a pós, você sabe onde quer fazer?
R: Não, não sei. Quem sabe alguma coisa no Senac.

P: E daqui a 5 anos você consegue se imaginar adquirindo bens, você pretende isso? Daqui a 5 anos eu quero...
R: Não, não sei. Eu quero trocar de casa, mas a minha mãe não quer. Alguma coisa perto da civilização.

P: Você tem algum sonho de consumo?
R: Não. Eu só queria morar num lugar mais próximo, mais central.

P: Que bairro?
R: Santo Amaro. Uma coisa mais para o centro.

P: E se você morasse em Santo Amaro o que iria mudar na sua vida?
R: A facilidade das coisas, aqui é longe de tudo. Não tem perto um supermercado, empresa, faculdade, aqui é longe de tudo.

P: A tua vida social, relacionamentos, como você imagina que vai estar daqui a 5 anos?
R: Bem restrita. Eu trabalho e vou para a faculdade e lá eu conheço 5 pessoas e é muito. Então é mais as minhas amigas de criança que são 2 ou 3 e mais algumas que eu conheço de quando eu estava na outra empresa. E é daqui pra lá e é assim.

P: E daqui 5 anos como você imagina que vão estar seus relacionamentos?
R: Bem parecida, eu não sou muito de fazer amigos, sou bem desconfiada.

P: Uma pessoa mais reservada?
R: Bem reservada.

P: E você se sente bem assim?
R: É legal.

P: O que você acha que desempenharia um papel importante pra você fazer essas coisas, fazer uma pós, mudar de casa? Que coisas que você acha que contribuem pra você conseguir isso? Pensando em amigos, faculdade, família, eles têm um peso pra isso?
R: Tem, tudo tem um pouquinho. Tudo influencia um pouco. A faculdade influencia um pouco mais, mas os amigos e a família vão ajudando também. Acaba dando um apoio, um suporte para que você consiga fazer alguma coisa.

P: Como é esse suporte, esse apoio?
R: Eles vão te estimulando a continuar. Eu já tinha pensado em parar a faculdade umas duas ou três vezes. E aí a minha mãe falava, é curto, continua.

P: Qual o papel da universidade na tua vida?
R: Ela é mais um trampolim. Você sair de um lugar pra outro lugar. Pra mim ultimamente ela tem sido meio vaga. Não tá agregando muita coisa.

P: Conta pra mim o que está acontecendo?
R: Tem uma matéria um pouco complicada e eles colocaram como aula virtual, não tem professor pra explicar. A sala toda foi mal, eu até que eu não fui tanto, mas não tinha ninguém pra explicar, tem que fazer cálculo. Tá tendo muita briga na sala por causa disso. Tem uma matéria que só tem duas aulas por semana e uma outra também. E todo mundo está descontente por causa disso.

P: E você também?
R: Esse semestre eu esperava que tivesse mais conteúdo. Ficou uma semana sem aula por causa da gripe suína. E aí eles correram um pouco. Mas agora falta um mês e pouco pra terminar o semestre e não tem mais nada.

P: Você falou que tentou parar duas ou três vezes, conta pra mim como que foi?
R: Porque eu não estava contente com nada faculdade, emprego. Eu parei no emprego, depois a faculdade e depois que ia pensar no que fazer. Aí eu continuei porque minha mãe falou.

P: O fato de ter aula virtual, o fato de ter uma só aula na semana, o fato dos professores já terem terminado a matéria e está chovendo no molhado e ainda falta um mês e meio. São esses fatores que te fizeram desistir da faculdade ou não?
R: Isso também ajuda. Você acaba ficando... Perdendo interesse, fica repetitivo, cansativo. Você tenta aprender alguma coisa e não tem quem explica, eles acabam caindo no mesmo assunto.

P: E o que está te desestimulando, além disso?
R: Eu acho que essa é a parte mais difícil. É que também é cansativo trabalhar o dia todo e ir pra faculdade depois. Às vezes eu não chego na hora, só no intervalo. Isso também não ajuda muito.

P: E o que mais, Fernanda, que está te desestimulando sem ser isso que você citou?
R: Só isso mesmo.

P: Você consegue imaginar o seu futuro sem a universidade?
R: Não, agora não.

P: Vamos supor você entrou na universidade e o que você acha que seria diferente na sua vida sem a universidade?
R: Eu acho que seria... Não sei se diferente, eu acho que seria do jeito que está hoje. Do trabalho eu viria pra casa. Só seria um pouco mais difícil conseguir uma vaga melhor, uma oportunidade melhor.

P: Eu estou entendendo o seguinte: que pra você o fato da universidade te dar uma oportunidade de mercado melhor, pra você é muito pouco. Você queria mais da universidade. É isso?
R: É.

P: O que você queria a mais da universidade?
R: Eu acho que eles não dão suporte para os alunos na faculdade. Esses problemas que eu falei que ninguém consegue resolver, por isso as pessoas não se interessam tanto. É umas 50 pessoas na sala, na segunda-feira até que vai bastante gente, terça-feira não tem nem metade dessas pessoas na sala e na quarta tem um pouco menos ainda. E sem contar com as pessoas que vão desistindo durante o curso.

P: Mas pra você o fato de ter um diploma que te habilita a uma pós, que te habilita a um lugar melhor no mercado, mas você sentindo que não está aprendendo muita coisa, pra você não tem muito valor?
R: Não.

P: Você gostaria de estar aprendendo bastante, é isso mesmo?
R: É.

P: Então a única diferença sem a universidade é que você não conseguiria um lugar no mercado de trabalho?
R: É.

P: Mas em termos de conhecimento não está acrescentando nada para você?
R: Não, ainda mais nesse segundo semestre, não.

P: E o que você faz no seu tempo livre?
R: Leio, assisto filmes, que eu gosto muito. E durmo com meus gatos, eu durmo com uns 3 ou 4. Nunca os 8 domem comigo ao mesmo tempo.

P: E o que você gosta de ler?
R: Eu leio revista, livros.

P: Quais?
R: Eu tenho a assinatura da Época, Galileu, Superinteresante e Isto É. Eu leio bastante, eu gosto. Eu leio sobre tudo, mais curiosidades em geral, suspense.

P: A Isto É e a Época pra que é que você assina?
R: São mais pra saber da semana porque eu não assisto o jornal durante a semana. É pra ficar atualizada.

P: E quando você lê sua Época?
R: No domingo quando ela chega.

P: E que tipo de livro você gosta, você costuma ler?
R: Policial, eu gosto muito de mistério como a Agatha Christie.

P: E você gosta de filmes?
R: Bastante.

P: Assiste quantos por final de semana mais ou menos?
R: Quando eu não tenho trabalho da faculdade uns 3 ou 4. Eu já cheguei a assistir uma temporada de uma série inteira num final de semana.

P: E qual série?
R: Lost.

P: Qual o tipo de filme que você gosta?
R: Comédia, musical e desenho animado.

P: E TV, você gosta?
R: Eu não assisto tanto.

P: Quando você assiste TV, você assiste o que?
P: Eu assisto Fantástico, O Caldeirão do Huck. E às vezes eu assisto novela.

P: E durante a semana, você assiste TV?
R: Não, só no final de semana.

P: Mais algum programa?
R: Faustão e futebol. Eu comecei a gostar de futebol, assim do nada, agora eu assisto todo domingo.

P: E a sua relação com a internet?
R: Aí é todo dia.

P: Como que é?
R: É mais pra ver e-mails, a minha matéria, os exercícios, as apostilas, vêm tudo por e-mail. Ai eu tenho Orkut, twetter e é mais no final de semana.

P: Você trabalha direto com e-mail até por causa dos estudos e para se comunicar com as pessoas?
R: As pessoas é telefone mais, aí são os trabalhos e alguma compra que eu faço. Eu uso em casa de final de semana e durante a semana na empresa.

P: E você acessa o MSN?
R: De vez em quando. Final de semana.

P: Blog?
R: Eu tenho, mas não uso.

P: Twetter?
R: Eu fiz também, mas já faz um mês que eu não entro nele.

P: E o orkut?
R: No Orkut eu entro no final de semana. Pra ver se alguém deixou recado pra mim. Mas é difícil eu entrar.

P: Então vamos organizar. Você acaba usando a internet e qual o significado dela na tua vida?
R: Pra mim são compras e coisas da faculdade, aula virtual que tem uma vez por semana e eu assisto em casa.

P: Pra mais alguma coisa você usa a internet?
R: Não. Ah também no meu trabalho mesmo.

P: E o que você faz na internet no seu trabalho?

R: O sistema de recrutamento é pela internet, quando eu faço a admissão eu entro lá porque é na internet.

P: Música e jogos você baixa?
R: Até baixo música. Jogos, não.

P: Pesquisa de estudo?
R: Sempre.

P: E aonde você vai pra pesquisar?
R: Tudo no Google.

P: E pra obter informação apenas, pra ficar sabendo das coisas você costuma entrar na internet?
R: De vez em quando.

P: E aonde você vai?
R: No Uol, no IG.

P: Que tipo de pesquisa quando você quer informação?
R: Só pra informação eu olho as noticias na pagina principal. Se tiver uma coisa interessante eu clico e leio mesmo.

P: Se a gente pensar na importância da internet e na TV na sua vida o que você me diria, comparando...
R: Internet é mais interessante. A TV nem é tão importante assim, na internet eu consigo informação mais rápido. Eu estou sentada quase 12 horas por dia na frente do computador e acaba sendo mais importante.

P: Por quê?
R: Porque é o meio mais rápido que eu tenho. E de acesso mais fácil também.

P: E outros meios como revistas, rádios. Revista você já me contou?
R: Jornal impresso, não.

P: Rádio?
R: Eu ouço o dia inteiro, mas não tanto pra ouvir rádio, eu não consigo trabalhar sem música. Eu nem raciocínio sem esse barulho perto de mim.

P: E tem alguma coisa que você não está fazendo e que gostaria mais de fazer, como passatempo nas suas livres?
R: Sair mais que eu quase não saio.

P: Pra onde por exemplo?
R: Dançar, eu gosto de dançar.Ir ao parque, ver exposições.

P: E dançar você gosta aonde?
R: Antes eu dançava em casa mesmo. E eu ia no Cabral que fica no Tatuapé. A minha irmã não vem mais pra casa, as amigas dela casaram e a gente fica sozinha mesmo.

P: E essa trajetória até a faculdade, me conta um pouco, depois de terminar o ensino médio?
R: Eu terminei o ensino médio e tem 3 anos mais ou menos que eu fiquei em casa sem fazer nada. Aí fiz um curso de técnico em administração e quando eu terminei eu comecei a trabalhar. Aí trabalhando eu comecei a fazer a gestão em RH em outra faculdade. Só que era muito longe e eu fui só 5 meses.

P: Qual faculdade?
R: Faculdade Sumaré. Só que ela fica no Carrão. Eu saía daqui e trabalhava na Freguesia do Ó e depois eu ia para o Carrão.

P: E era em RH?
R: Era.

P: E aí você trancou?
R: Não, eu tive que parar porque eu não cheguei a completar o semestre. Ia começar as provas e eu não tinha tempo de estudar. Eu chegava em casa 2 horas da manhã e acordava às 4 horas.

P: E aí você resolveu fazer a UniRadial logo depois que você parou a Sumaré?
R: Não. A Sumaré eu parei no meio de 2006 e fui para a UniRadial em 2008. Eu não chegava direito em nenhuma aula.

P: A UniRadial fica onde?
R: Em Santo Amaro.

P: Quantas horas você leva daqui até o teu trabalho?
R: 40 minutos.

P: O que te levou a escolher esta faculdade?
R: Eu precisava de alguma faculdade próxima ao trabalho e fácil de voltar pra casa. E aí a Radial fica no caminho. Eu vou em vinte minutos e ela fica no caminho de volta pra casa. É mais prático.

P: Mais algum motivo além desse?
R: Não.

P: Depois que você começou a frequentar a faculdade as coisas te surpreenderam, era o que você imaginava?
R: O curso não, ele era o que esperava e no começo até um pouco mais e depois um pouco menos. E a faculdade eu acho que por causa das mudanças que estão tendo, ela está desorganizada.

P: Mas houve um tempo que você se sentiu mais satisfeita com a faculdade?
R: No primeiro semestre, sim. Eu não sei se era por causa da empolgação inicial. No começo eu estava mais satisfeita. No segundo tá assim... (faz sinal de negativo)

P: Das surpresas que você teve, você teve duas surpresas negativas.
R: É. Duas negativas na faculdade, uma foi essa falta de organização que esá agora e a outra foi essa aula virtual.

P: É uma surpresa negativa?
R: Negativa.

P: Por quê?
R: Porque é complicada a matéria, tem que ter alguém pra explicar, é cálculo. Você pede explicação pra quem?

P: Quantas matérias virtuais você tem?
R: Uma.

P: E surpresa positiva, você teve?
R: Não consigo lembrar de nada agora.

P: O que significa pra você e a sua família você fazer uma faculdade?
R: Desenvolvimento, pra minha mãe mais ainda.

P: Pra ela é o que?
R: Ela acha que pra você conseguir fazer alguma coisa você tem que estudar. Ela é pedagoga então ela acha que tem que estudar. Pra minha mãe é o principal.

P: E para o seu pai e seus irmãos?
R: Meu pai nem tanto, meu irmão é mais desleixado, começou a faculdade e parou. Minha irmã nunca falou nada sobre estudar.

P: E pra você quando eu perguntei se é importante fazer faculdade, você falou, desenvolvimento. Explica um pouco o que você está querendo dizer?
R: É o ato de conhecer mais sobre o assunto que você se interessa e fazer o que gosta. Poder talvez trabalhar com aquilo.

P: É uma oportunidade de aprender, conhecer e de conquistar. Seria isso?
R: Aprender, conhecer, conquistar vai de cada pessoa.

P: O que você faz na faculdade fora da sala de aula, você faz outras coisas? O que você aproveita do campus da faculdade?
R: Eu não faço nada. Fico lá fora e estudo.

P: Você não vai a lanchonete, biblioteca, não assiste palestras extras que a faculdade pode proporcionar?
R: Esse semestre eu assisti uma, mas eu acho que eu só assisti duas só. Biblioteca eu não fui ainda essa semana, a semana passada teve um trabalho que tinha que ser com livro, não pode ser internet. Lanchonete só de vez em quando.

P: Você vai assistir a sua aula e na hora do intervalo onde você fica?
R: Na frente da faculdade.

P: Com alguém, conversando?
R: Tem uma menina que eu fico conversando, ela fica sozinha também.

P: Por que você não fica, você se isola?
R: Pra sair daqueles papos que eu não gosto, eu saiu um pouco e depois eu volto.

P: Você tem amigos na faculdade?
R: Amigos, não. Eu tenho 3 pessoas que eu converso quase todos os dias, porque o trabalho tem que ser feito em grupo, então a gente conversa.

P: Vocês não saem juntos?
R: Não.

P: O seu grupo principal de amigos é aquele que você citou amigas de infância e família e as pessoas que trabalharam com você. Você se sente parte daquela faculdade, você se identifica, você tem a cara da UniRadial? Você sente assim, eu to num lugar que é pra mim, essa faculdade é a minha cara?
R: Não.

P: Não?
R: Não, eu nunca tinha pensado nisso e estou pensando agora, não. Não acho que combina comigo.

P: Como assim?
R: Eu não sei se por falta de orientação que eu falei agora, mas sei lá eu acho muito bagunçada. Ela é metódica.

P: E o que mais que ela não combina com você assim?
R: Eu pensei que era uma coisa maior. Eu imaginava uma coisa maior, coisas grandes. Uma faculdade uma coisa grande. São dois prédios pequenos.

P: Onde você mais se identifica na faculdade, que você mais se sente uma universitária quando você está lá?
R: Na sala de aula.

P: O que mais você gosta de fazer no teu curso, que mais você se identifica?
R: Nesse semestre de cargos e salários que é calculo. O outro semestre tinha departamento pessoal, que eu gosto de fazer. As aulas teóricas eu não gosto. As de cálculo combinam mais comigo.

P: E agora não tem mais?
R: Tenho só de cargos e salários. E agora faz mais ou menos um mês que começou fazer cálculo e no ultimo semestre eu sei que não vai ter.

P: Tem alguma coisa que você faz por obrigação na faculdade, mas que você não gosta de fazer?
R: Tem, Gestão de carreira.

P: Por que?
R: Ela é muito teórica e a professora é chata. É cansativo, repetitivo. Geralmente a aula dela é de sexta-feira, tem metade dos alunos e dos que estão lá, alguns dormem. A aula é maçante, a professora não ajuda muito.

P: E como são as aulas em geral, como os professores passam a matéria?
R: Num geral, até hoje, nos 3 semestres é bom. Não é ruim, não, tem um ou outro professor que é maçante, como essa que dá aula de sexta fera, mas geralmente nada que você fale que o professor não sabe o que ele está falando. São bons professores, mas o assunto que é cansativo. É muito teórico.

P: Como você faz pra estudar e quando que você estuda? Quanto tempo você tem pra estudar?
R: Não estudo. Uma coisa ou outra que eu não entendo aí às vezes eu pego a apostila e dou uma lida, mas não sou de estudar. Até falo pra minha mãe que quando eu preciso estudar é porque eu não estou conseguindo prestar atenção. Isso é quando eu não estou interessada. Aí na época de prova eu pego pra dar uma lida, alguma coisa que eu não lembro.

P: Que horário você estuda?
R: De noite.

P: Depois que você chega?
R: Durante a semana, não, só no final de semana.

P:Que horas você chega?
R: As 11h30min.

P: Você gostaria de ter mais tempo pra estudar?
R: Às vezes, dependendo... Pra estudar não, mas pra fazer trabalho, sim. Agora eu estou meio preguiçosa, antes eu acordava mais cedo e agora eu estou meio preguiçosa eu chego e vou dormir. Pra fazer trabalho seria bom ter mais tempo.

P: A internet ajuda o seu curso?
R: Ajuda, nas pesquisas. Algumas leis pra colocar no trabalho, eu procuro tudo na internet.

P: E encontra tudo?
R: Encontra.

P: E os professores como usam a internet na faculdade, eles mandam e-mails, enviam material como que é?
R: Eles mandam as apostilas todas por e-mail, alguns trabalhos eles também mandam por e-mail. Material pra trabalhos eles também mandam por e-mail. Tem um site também que às vezes eles colocam matéria. É um site da faculdade mesmo.

P: E o que você acha disso, gosta ou não gosta?

R: Eu acho que facilita. É muito difícil alguém não ter acesso a e-mail ultimamente. É muito mais fácil assim, tem umas pessoas que falam que é muito mais fácil se deixar na xerox da faculdade, mas os próprios professores preferem mandar por e-mail.

P: E você acha que facilita por quê?
R: Porque é o meio mais fácil que comprar livro, mesmo ir na xerox pegar. Se você não chega na hora na aula e não dá tempo de pegar, mas se você tem um lugar especifico que você pode você vai e imprime e aí não tem desculpa pra não ter.

P: E o que você prefere o conteúdo em apostila impressa ou *online*?
R: Impressa.

P: Você disse que via internet é mais prático, que você não precisa ir pegar a apostila pra xerocar e agora você falou que prefere o material impresso. Eu não estou entendendo.
R: Porque assim o material on line depende muito pra que você vai usar também. Mas muitas vezes você não consegue prestar a mesma atenção no computador, porque não está impresso. Porque no computador muitas vezes você não vai estar só vendo a aula, você vê outras coisas ao mesmo tempo.

P: Ou vendo apostilas...
R: E você também pode estar imprimindo e fazendo outras coisas, agora se está impresso, você não vai parar pra fazer outra coisa. Se for parar você vai realmente parar pra fazer. Você não vai ficar fazendo outras coisas ao mesmo tempo.

P: E aula presencial ou *online* o que você prefere, o que você fala sobre isso?
R: Presencial é melhor. Depende também da matéria, a *online* se for uma coisa que não precise de muito direcionamento, de muita explicação, tudo bem. Mas se for uma coisa como a minha, que precisa de cálculo... aí quem vai ensinar fazer os cálculos?

P: Que tipo de matéria seria bacana *online*, que você já teve ou que acha que poderia ser *online*?
R: Essa que é teórica e não precisa de muita explicação, e também uma de projeto que pode ser *online*. Um trabalho que a gente tem que fazer todo mês, que é *online*.

P: E a questão da atenção na hora que você vai assistir uma aula on line, é fácil dispersar?
R: É mais fácil, mas que nem a que a gente tem, não tem ninguém falando, é só ler.

P: se você pudesse decidir isso, aula presencial ou *online*, como é que você organizaria o curso?
R: Eu acho que eu deixaria *online* só mesmo a parte de projeto. E o restante das aulas eu faria todas presenciais.

P: Por essa questão da atenção?
R: Também.

P: Que mais?
R: É muito difícil, não é todo mundo que tem facilidade em tudo. O plano de carreira eu acho que lendo, só, tá tudo bem. Mas tem gente que já não acha tão fácil assim. Por isso mesmo *online* só a parte do projeto.

P: Entendi. Nesses últimos tempos agora desde que você começou a pagar a faculdade, mudou seu hábito de consumo. O fato de você estar fazendo faculdade?
R: Diminui. Não mudei completamente.

P: O que você diminuiu?
R: A quantidade de roupa, quantidade de sapatos, quantidade de filme. Quantidade de pizza que eu compro, antes era 2 ou 3 vezes por semana, agora é uma vez e olhe lá ou a cada 15 dias. Mas só diminuiu não mudou muito.

P: O que você gostaria de comprar mais que você não está comprando?

R: Eu continuo comprando, eu só aumentaria.

P: Mais pizza, mais filme, mais roupa, mais sapato, mais coisas assim?
R: É.

P: Mais lazer também? Ia dançar mais?
R: Não, acho que não. Só negócio de filme, mesmo. Cinema...

P: Qual a importância de adquirir bens pra você?
R: Pra mim é tudo. Eu sou consumista, eu gosto de comprar. Me sinto bem comprando, quando eu fico triste, eu vou fazer compras.

P: E faz bem pra você?
R: Faz bem, a última vez que eu saí pra comprar, eu queria comprar alguma coisa eu fui e comprei 6 pares de sapato. Eu entrei pra comprar um, mas aí foram 6 pares.

P: Quer dizer que é uma coisa bacana, uma coisa que você gosta. Os bens são roupa e sapato?
R: É.

P: Filme, CD, as revistas, livros também?
R: É.

P: Entendi. A faculdade, o que a gente compra quando faz uma faculdade, na sua opinião?
R: A gente compra um serviço, uma prestação de serviço pra você ter um novo nível de conhecimento.

P: Você acha que é uma coisa na vida da gente que a gente acaba comprando como a gente compra roupa, sapato, pizza, filme? A faculdade é mais uma coisa que a gente acaba comprando?
R: Acho que sim.

P: Como assim?
R: Tem muita gente que considera a faculdade só pelo diploma. Não se esforça muito e nem se preocupa com o conteúdo. Só quer o diploma.

P: E pra você como que é?
R: Eu comecei com a intenção de conhecimento, agora é mais o diploma.

P: O que aconteceu que mudou a tua expectativa?
R: Foi a coisa do conteúdo, as aulas que começaram a ficar cansativas, algumas coisas não eram o que eu esperava. Imaginava que fosse um pouco mais abrangente.

P: Se fosse pra você fazer uma mudança na tua faculdade, pra ela ficar mais interessante pra você, o que você faria?
R: Seria aumentar mesmo o conteúdo porque lá é muito parado, dar continuidade, mais conteúdo nas aulas. É um curso corrido, são só 2 anos, mas eu acho que está muito parado. Está faltando um pouco de conteúdo.

P: Em todas as matérias que você faz atualmente, que é o 3º período?
R: É.

P: Do curso de ...
R: Gestão de RH.

P: Eu agradeço muito a entrevista.

Entrevistado: ENTREVISTA 7, 21 anos
Curso: Logística

Campus: Santo André

P: Eu gostaria de começar perguntado o seguinte, como é que você se vê daqui a cinco anos?
R: Eu me vejo trabalhando na área que eu estudo, quando o assunto é emprego. Trabalhando já, realmente, na área de logística. Como eu já estou procurando estágio, talvez seja provável que eu já consiga. Eu me vejo morando sozinho. Realmente, eu me vejo na questão de ter minha casa própria, meu apartamento. Apartamento não, mas uma quitinete, pequeno, para mim. E quero, realmente, continuar estudando. Porque, realmente, ficar parado, hoje em dia, não dá certo. E como família, eu não pretendo estar junto a uma pessoa, por enquanto. Claro, nada é certo. Mas quando eu penso em família, eu penso de vinte e oito anos para cima. Adiante, eu pretendo continuar só buscando meus ideais. Que é na área financeira, primeiramente. Depois, correndo atrás de mais cursos, que é o que eu pretendo fazer. Realmente, só bem depois, quem sabe, me afirmar com família.

P: Entendi. Quer dizer, você pretende se colocar dentro da área que você está estudando, comprar um lugar para você morar sozinho e continuar estudando?
R: Isso.

P: E casar...Quantos anos você tem?
R: Eu tenho vinte e um.

P:Só daqui oito anos você pretende, mais ou menos, não é?
R: Chutando bem baixo, porque, realmente, eu queria bem para longe. Mas vai saber também. Não estamos aqui para descobrir o futuro, mas podemos imaginar, mais ou menos. A questão, quando envolve um casamento, é bem complicado. Quando você é uma pessoa que mantém um relacionamento oposto, ou igual, envolve muito dinheiro e muito tempo.

P: Como assim, envolve muito dinheiro? Para casar, você diz?
R: Vamos dizer o seguinte, eu sou um pai de família, pode ter aquele problema ...Problema, não. É que eu encaro como problema, agora. Aí, vem um filho, vem gasto, aluguel, luz, conta e telefone, com renda familiar, problemas com minha família também pode rolar. Então, tudo envolve uma bola e essa bola envolve muito dinheiro. E a partir do momento em que você mora sozinho, além de rolar um dinheiro maior, você consegue se controlar. Porque você sabe disso, você tem o controle total, porque é você. A partir do momento em que você envolve outra pessoa, os gastos estão não só em sua volta, mas em volta dela. E, se caso, essa pessoa não tiver uma condição, não estiver no momento empregada, você assume a dívida, porque ela é uma pessoa querida sua. E isso aí, vai rolar um dinheiro todo em cima.

P: Entendi.
R: No momento, o ideal não. Mas vai saber.

P: Você está namorando?
R: Não. Terminei já fazem uns oito meses. Também por esse lado, mas a distância complicou, realmente. Ela morava nessa região e ela andou se mudando para São Rafael.

P: Ela morava, aqui, perto?
R: Morava, aqui, perto. Aí, ela se mudou há seis meses para São Rafael, ficamos esses seis meses. Ela também tem o tempo igual o meu. Primeiro, vamos conquistar o que nossas ambições permitem. Não vou dizer que a gente vá voltar, mas, depois, quem sabe. Mas, primeiro, vamos batalhar para ver se a gente consegue ter o nosso lugar no mercado.

P: E São Rafael é muito longe, então?
R: Não é muito, muito longe.

P: É um bairro?
R: É uma cidade.

P: É uma cidade fora daqui?

R: É. Não chega a ser tão longe, mas atrapalha. É complicado. E fora que tanto eu, quanto ela, a gente trabalha para pagar a faculdade, então, o dinheiro, praticamente, não sobra.

P: Entendi.
R: Não é uma coisa fácil de ter.

P: O que você acredita que possa ter contribuído para essas conquistas, se a gente pensar em família, amigos, faculdade, o ambiente de trabalho, o que você acha que vai contribuir para ajudar a conquistar esse futuro que você descreveu para mim?
R: Eu creio que um pouco de tudo. Para mim, primeiro, seria a família. Ela não foi o caso de uma família que cria o filho para si próprio. Ela, realmente, me criou um pouco mais com os braços abertos. Ela me criou, realmente, para o mundo. Eu agradeço muito por isso, porque, realmente, meu pai e minha mãe tiveram uma ideia muito bacana que é de não me apontar caminho, me dar leque ao invés disso. Nunca tive problema de falar para o meu pai: Quero fazer isso....- E ele dizer não. Ele sempre me deu uma segunda visão: Você pode fazer isso, mas, e isso, o que você acha legal?- E isso é bem bacana. É, realmente, eles me ajudam bastante. Quando, aqui, estão, me incentivam. Quanto a questão financeira, eu acho que é uma coisa minha, eu pretendo não mexer com minha família. Eu sei que o meu pai é uma pessoa batalhadora, minha mãe também. Até que a parte financeira na minha casa não é ruim, porém, é contado. Então, eu procuro não explorar isso do meu pai e da minha mãe. No caso, eu trabalho, geralmente, para pagar minha faculdade e ajudar numa despesa, caso sobre alguma coisa. Vamos supor, conta de telefone, luz, conta de água.

P: Entendi.
R: Em questão das minhas amizades, é claro que eu não generalizo. Tem aquelas que são, realmente, amizades e tem aqueles que são colegas. Elas estão ali só para acompanhar, enquanto nós temos esse contato físico.

P: É verdade.
R: Meus amigos mesmo, o que eu levo para mim, os que eu levo em consideração, eles são muito bacanas. Além de serem, praticamente, irmãos. Os amigos que eu tenho não é só uma boa convivência, nós temos um ato bacana. A gente, realmente, conversa. Se a gente tem um violão, então, vira aquela roda. Então, todo mundo tem uma amizade que avança para os laços fortes. A gente tem essa amizade, sonhos, esperança, brincadeira. Então, minhas amizades me dão bastante força, na questão de pegar no futuro, procurar o que eu quero, achar onde eu tenho que me podar, onde eu tenho que banhar minhas ideias. Então, assim, eles são, realmente, importantes para mim.

P: Vocês trocam ideias a respeito dessas coisas.
R: Um, especialmente, é quase um filósofo, aquele cara é demais. O apelido dele é “Tifu”. Ele é um cara muito bacana, então, a gente, realmente, discute sobre temas que não são todos os amigos que podem discutir. Vamos dizer que a gente discute sobre o mundo. Agora, no trabalho, como você diz...

P: A contribuição da faculdade, em si, para você conquistar esse futuro.
R: O meu trabalho em si, não é uma coisa que, realmente, me motiva.

P: O que você está fazendo, agora?
R: Eu era analista de sistema e analista de Help Desk. Eu quebrava um dois de vez em quando. Então, não era uma coisa que, realmente, eu gostasse disso. Eu vou falar a verdade, eu fazia, porque, realmente, me rendia um dinheiro para eu fazer o que eu acho que me dou bem. Porém, a área onde eu trabalhei, era bacana em alguns pontos. Como a área era Call Center, na sua cabeça já vem stress. Porque o Call Center já é um local de se resolver problema, então, você tem um clima stressado. A questão é que envolve muito dinheiro. Eu era analista de sistemas de call center da Visa Net, daquelas empresas que passam os cartões. Então, os clientes ficam muito stressados. Então, realmente, a gente tem que arrumar o sistema deles, arrumar a máquina e também deixar eles calmos. Então, é um stress muito grande que roda em torno. Mas uma coisa que eu aprendi bastante lá, e acho que vou levar para sempre, é o trabalho em equipe.

P: Agora, o curso que você está fazendo, que relação ele tem com esse futuro que você imagina?
R: Olha, logística. Não loja, porque é o que todo mundo imagina. O que eu imagino que vá expandir daqui, mais ou menos, cinco, seis anos, é que a área logística, é muito pouco explorada no Brasil. Principalmente, porque o nosso presidente investiu muito em rodovias e não em trilho ferroviário, não em meios aquáticos. Então, no momento, a logística é... Vamos supor que tem cinco empresas, vamos dizer de pneu, então, geralmente, as cinco empresas têm os mesmos fornecedores. Tipo assim, eu tenho cinco empresas de pneus, todas elas compram de fornecedores os pneus. Então, quando ela foca um cliente, ela vai ter que jogar um preço na tabela, igual o da outra. E aí, que entra a logística. Se você tiver um esquema logístico bom, é o único diferencial que a empresa, hoje, pode ter.

P: Por que, qual o resultado que a logística traz?
R: Ela impacta em, praticamente, todo o serviço da empresa. Vamos dizer assim: Eu tenho uma empresa. Para eu montar o meu produto, eu tenho que ter uma logística de transporte até o meu fornecedor.

P: Entendi.
R: Pegar todo aquele material, em menor, melhor tempo, maior qualidade e que aquilo não tenha avarias até o local onde ela vai ser...

P: Comercializada.
R: Mas aí é que está. A logística não é só isso. Porque a partir de o momento em que eu vou ao cliente, pego esse material, esse material fica armazenado. Eu tenho que fazer a entrada, a saída, tenho que fazer a transformação. E, depois, quando o meu produto estiver pronto, eu tenho que fazer uma logística externa de novo para levar até o cliente, com tempo para que eles armazenem em estoque para que aquilo não haja falha nem no meu sistema, nem nos fornecedores, nem nos meus clientes. Então, é o que mais dá diferença agora, ultimamente. É por isso que o Brasil está começando a investir, nesse momento, em logística. Porque a logística no Brasil era muito fraca.

P: Às vezes, o produto, aqui, era bom, mas o sistema era ruim. Então, ele acaba chegando com dificuldade ao consumidor final, é isso?
R: Isso.

P: Aí, ele vai chegar em bom estado, vai chegar mais rápido...
R: Isso mesmo. E a questão de cortes de custos, porque a maioria dos custos estão, realmente, na questão da logística.

P: Entendi.
R: Então, desde que contrata o sistema de logística, corta 25% dos gastos.

P: O que significa concorrer muito melhor no mercado.
R: Isso. Se você paga menos no produto que você fornece, você pode vender por menos e sair diferente dos seus concorrentes.

P: Entendi.
R: Então, a gente acredita que, no momento, é um mercado, realmente, promissor. Pelo que as estatísticas mostram, daqui cinco, seis anos, vai explodir o mercado em logística.

P: Entendi. Concluindo, dos planos que você me descreveu no futuro, qual o papel, então, da faculdade que você está fazendo?
R: Sim. No caso, a faculdade, eu acho uma questão muitíssimo importante. Por mais que, hoje em dia, um curso de faculdade não é como antigamente. Porque, hoje, realmente, praticamente, todos podem fazer uma faculdade. Porém, é a minha porta de entrada. É onde eu posso correr, realmente, progredir numa área. Você entra com o estudo, porque se você não tiver o diploma, independente de você saber ou não, infelizmente, ninguém quer saber. Você tem que mostrar o que você fez, o que você sabe por um papel. Que eu acho isso muito ignorante, mas não estou aqui para modelar ninguém. Então, a pessoa fazendo o curso, realmente, é muito bom. Eu não vou mentir, mesmo que eu soubesse o que eu aprendo iria ser

maravilhoso, mas isso me desenvolve melhor o pensamento e me atribui em vários outros campos. Como eu já tinha dito, não é só isso. É que se, realmente, eu quero me tornar um profissional, alguém que tenha um poder aquisitivo no futuro, não é só essa faculdade que vai poder me sustentar. Eu vou ter que fazer outros cursos.

P: Por exemplo?
R: O que envolve muito a logística. Logística, como eu já tinha dito, o Brasil começou a abraçar ela agora. Então, todos os termos, todas as mentes que ficaram envolvidas na logística, são todas exteriores. Então, um curso que eu, realmente, preciso fazer, é inglês. Não só para logística, como para tudo. Inglês, realmente, é muito importante. E me especializar, não só fazer faculdade. Antigamente, o nível de um profissional era ter uma faculdade, hoje, não. Hoje, tem que ter uma pós, ou algo elevado a uma pós. Porque a faculdade, hoje em dia, é como se fosse um segundo grau, porque tem muita gente para concorrer. Se você, realmente, é uma pessoa destacada, você tem que ter algo superior, não só um terceiro grau.

P: Entendi. E aí, você pensou em pós do quê? No quê?
R: Eu pensei em três. Só que, no caso, uma delas, eu preciso do inglês primeiro. Pós em logística, realmente, pós em mercado exterior, comércio exterior. E, a outra, seria não fora, mas o mais próximo que é a Administração. Não é fora da logística, porém, o mais próximo disso que eu estou fazendo.

P: Entendi.
R: Porque, realmente, como a gente tem que pensar num geral, num globo, a administração faz parte da logística. Então, realmente, se caso após da logística seja complicado para mim, a administração abrange tudo. Aí, já fica bem mais fácil para eu arrumar outro emprego, caso não aconteça isso, que eu espero. E está planejado da logística explodir mesmo.

P: Entendi. Então, quer dizer, a princípio, você vai tentar conquistar essas coisas com o curso de logística. E, depois, voltar a uma pós. Ou, imediatamente, depois da faculdade, você pretende começar uma pós?
R: Eu vou falar bem a verdade, eu vou fazer logística e inglês, primeiro. Eu acho que até lá vai ter, pelo menos, uma faísca se, realmente, vai acontecer isso no mercado. Se, realmente, acontecer, eu, sem sombra de dúvida, vou fazer comércio exterior. Porque metade da malha logística, ou do dinheiro que roda, está na importação e exportação. E é o que, realmente, mais pode desenvolver a área de logística. Agora, se, realmente, não tiver essa explosão, mas se eu tiver bem empregado na área de logística, eu vou fazer uma pós de logística ou administração. Porque eu também não vou morrer na área.

P: Entendi. E você termina a logística quando?
R: Eu termino logística o ano que vem. Porém, eu quero fazer extensão, porque tem um programa, eu não lembro o nome, mas é um programa que te dá uma leve noção do que você fazer uma pós. Porque a graduação não é uma coisa assim: Oh, meu Deus.- Mas a pós-graduação é uma coisa que, realmente, é mais complicado, porque ela envolve termos técnicos. É uma coisa que eu, realmente, não tenho, porque eu não trabalho na área de logística. Obviamente, eu entendo, eu me interesso, porém, eu não efetuo.

P: Até esse momento.
R: Até esse momento. Então, eu pretendo fazer essa prorrogação para ver o que a gente vai fazer, realmente, nessa área. Ou senão, se der certo e eu arrumar um estágio de logística, muito melhor. Eu já tenho de onde tirar o conhecimento técnico.

P: Você consegue imaginar o que seria o seu futuro sem a universidade, o que seria diferente?
R: Para falar bem a realidade, sem a faculdade, eu não teria muito leque de escolha. Eu teria que abraçar qualquer coisa que aparecesse no mercado. Não que seja uma coisa negativa ser lojista, ser atendente, ou alguma coisa do gênero, mas não é uma coisa que eu vou poder ter algum poder aquisitivo, ou ter abrangência no meu conhecimento. Tudo te dá uma tese, porém, a partir do momento em que você se fecha e não quer fazer um desenvolvimento na sua cabeça...Porque faculdade, para mim, é isso. Você não está aprendendo a fazer algo só profissional, você também está abrindo sua cabeça para novas ideias, para dúvidas suas e de seus colegas. Então, talvez, eu não tivesse esse pensamento que eu tenho, hoje. Ou senão,

poderia estar em maus lençóis, hoje. Mas eu creio que a faculdade me faria muita falta sim, tanto na área profissional, como pessoal. A faculdade me ajuda muito. Se eu for um jovem sem estudo, eu estaria fazendo alguma coisa de errada, com certeza. E se eu tivesse um capital e não investisse num estudo, eu não posso dizer que eu sim, mas, provavelmente, eu estaria gastando com algum tipo de jogo, bebida, brincadeira, passeio. É importante? Tudo isso é importante. Porém, é legal você também ter um compromisso. Principalmente, a faculdade, porque você também tem um compromisso financeiro.

P: Entendi. O que você identifica que tenha mudado na sua vida com a faculdade?
R: Mudou o meu pensamento, porque eu acho que você entra com o dinheiro seu e faz um curso que te agrada, isso te dá um bem muito grande, porque você vê que é uma luta sua. Também mudou a minha visão profissional. Antes de eu fazer o curso de logística, eu achava que era tudo as mil maravilhas no mercado de trabalho. Eu imaginava mesmo que você entrava numa empresa, colocava uma roupa social e você iria ser bem tratado, iria ter uma visão bacana. E eles me mostram uma verdade muito crua lá. Você pode ser um cara que tenha vários cursos, vários diplomas, mas se você é um cara que, realmente, não tem essa ginga, você não segue na área de logística. Realmente, é uma lição. Você tem que subir na prancha, saber surfar, senão você cai. E foi o que eles me mostraram. Até agora, eu estou conseguindo levar bem esse barco na área da faculdade, vamos ver quando entrar na área de trabalho. É uma questão de agrado que eu vejo na cara dos meus pais. Não vou dizer todos, mas a grande maioria, não pensa nos estudos. Eu vejo uma satisfação na cara dos meus pais, porque eles sabem: “Ele está estudando com o dinheiro dele, nem é com o meu dinheiro. Ele procurou”. Isso é uma satisfação que eu vejo estampada no rosto deles, eu não preciso nem perguntar. E se eles também não sentem, eu não sei, mas eles transmitem isso para mim. Isso é uma satisfação tanto para mim, quanto para os meus irmãos que também estão estudando, também estão no mesmo caminho. Porque eu acho que eles também têm um pouco dessa visão também. Quando a gente começa a estudar e quando a gente vê que a sua família te dá força e que ele se sente bem com isso, te dá muito mais energia. Mesmo quando você está cansado, ou não, te ajuda de uma certa forma.

P: E, em você, o que mudou depois da faculdade?
R: Em mim, eu fiquei um pouco mais sério, realmente, eu era um cara muito brincalhão, muito desleixado com a vida. Mas, depois da faculdade, eu vi que não é tudo bonitinho assim. Então, eu passei a ser um pouco mais sério.

P: Amadurece.
R: Eu não sei...

P: Você passou a ver alguma coisa em você, se ver diferente?
R: Eu era muito desligado da vida, eu era cabeludo, barbudo.

P: Entendi.
R: Eu sempre fui envolvido por rock’n roll, muito rebeldia. Eu não era, eu ainda gosto de rock’n roll. Mas antes, eu, realmente, defendia a bandeira. Era todo aquele traje.

P: Uma tribo?
R: Isso. Tinha todo aquele perfil que te dava bastante força. Então, realmente, rolou muito disso. Eu comecei a enxergar um pouco antes da faculdade, pelos meus ideais, trajado daquela maneira eu não conseguiria. Então, foi aí que eu entendi o sistema. E, realmente, rebeldia não é tudo. A rebeldia, apesar de ter um lado bacana, você querer voltar, mas não adianta você querer voltar se você não conhece o sistema. Não adianta essa coisa de luta, levantar a bandeira, eu defendia algo que eu não conhecia. Teve uns movimentos bacanas, movimentos legais e teve movimentos muito idiotas.

P: E aí, você entendeu que não bastava se rebelar. O que precisava mais, que depois que você entrou na faculdade você percebeu que era importante?
R: Para você, realmente, impactar o sistema, ou impactar cabeça, você tem que ter um nome, uma imagem. Você tem que ter algo o bastante para que essa pessoa não te enxergue como um idiota, um cara revoltado, alguém que vai pegar uma guitarra e atacar na cabeça de alguém. Você tem que ter um nome bastante coerente, um cara que tenha, realmente, uma

ideia a frente. Um cara que não quer agredir o sistema, ele quer transmitir a mensagem que o sistema transmite e passar para as pessoas que, talvez, não consigam enxergar, se é positivo ou negativo. Não quero mais fazer parte da guerra, ou fazer parte da briga. Eu penso assim: Será que, dessa maneira, vale a pena brigar? Foi dessa maneira que eu enxerguei. Não adianta eu dar a minha cara a tapa, sendo que várias pessoas estão atrás informando para as pessoas coisas erradas e coisas certas. Porque elas, realmente, são a cabeça. Eu era apenas uma peça. Eu não quero ser apenas uma peça do Lego, eu quero montar o Lego. Eu quero ajudar outras pessoas a enxergar isso também.

P: A sua trajetória como que foi? É o primeiro curso que você entrou, como é que foi?
R: Não. Essa mente minha, esse pensamento, não foi somente depois da faculdade. Como eu havia te falado, o meu pai era um cara que me dava muito leque. Tipo assim: Jean, tem esse caminho, esse, esse e aquele.- Eu falava assim: Pai, e se eu fazer aquilo?- Naquele esquema ele me dava vários leques. Ele me indicava o que ele achava coerente. Então, eu fiz, sim, vários cursos. Eu fiz Oficina de jornalismo, eu fiz montagem de micro, informática completa, auxiliar administrativo, curso de violão. Teve uma oficina, aqui, de curso de violão e eu adoro música. Fora esses cursos, antes da faculdade, eu já tenho um currículo bacana em questão de alguns cursos. Mas, realmente, não o bastante para o mercado, pelo que ele exige.

P: Mas, pensando na vida profissional: Você já tinha feito informática e já tinha feito oficina de jornalismo. E aí, você, depois, você decidiu fazer logística?
R: Depois que eu fiz o curso de auxiliar administração, eu vi que, realmente, a logística era uma coisa promissora.

P: Era mais promissora?
R: Era não, ela é promissora. Só que a questão vai ser muito mais se o Brasil, realmente, abraçar ela. Porque é o que dá mais dinheiro nas empresas, hoje em dia, então, realmente, é a logística. Então, eu juntei o útil ao agradável e comecei a me interessar por essa área, que é muito bacana.

P: E você entrou na logística por quê?
R: Eu fiz administração. Aí, na administração, ela abrange a área logística. Só que a área logística ela é explosiva, é uma coisa que não se dá para controlar, é muito do mercado. Então, você tem que ter um molejo nela. Eu falei: Acho que é isso, aqui, que eu quero. Porque além de não ser uma coisa parada, é uma coisa que você muda e você, realmente, busca aquilo. Então, isso me interessou muito, me impulsionou a ir atrás disso. Mas foi a partir da administração. Eu me interessei, primeiro, por administração.

P: Aí, você foi para a logística.
R: Isso.

P: Depois que você entrou no curso de logística, você descobriu...
R: Eu descobri que era um pouquinho mais do que eu imaginava. O que eu achava que era uma logística?- Um caminhão vai, um caminhão joga.

P: Entendi.
R: A partir do momento em que eu vi o que, realmente, era a logística...Porque a gente não tem conhecimento do que é uma logística. A gente pensa que é só pegar um caminhão, um cara busca e leva. Só que envolve uma administração muito grande, problemas monstruosos e grandiosos. Até, hoje, dói quando eu penso.

P: Entendi.
R: Porque a parte da armazenagem é muito complicada. A da estocagem, é tudo muito bem planejado, hoje.

P: É muito mais cheio de detalhes, não é?
R: Isso. E também, porque eu tenho um contato direto com o funcionário. Você, realmente, não vai ficar travado dentro de uma sala. Então, eu acho que você, realmente, tem contato. Você entende melhor o seu funcionário. Por mais que você seja uma carga gerencial, você pode ser mais humano. Não tem aquele ar de Deus numa sala, então, você, realmente, tem contato.

P: Entendi. O que significa para você, na sua vida, fazer faculdade? Para você e sua família? Você falou do orgulho dos seus pais. Agora, o que você acha que significa, o que representa?
R: Eu acho que bem crua essa parte, para o meu pai e para minha mãe, acho que é bem numa questão do sonho alcançado. Porque ela sabe que o filho dela não está fazendo nada de errado. Eu não sei, eu acho que seja isso. Agora, para mim, é uma satisfação muito grande, porque eu tenho quase certeza de que nesse caminho eu vou me dar bem. E posso proporcionar também esse orgulho que eu vejo no meu pai e na minha mãe. Realmente, é uma coisa que cresce o espírito.

P: Quando você fala em se dar bem é se dar bem financeiramente?
R: Também. A parte financeira é, realmente, importante, porque a gente luta para isso. O ser humano é o único animal que quer armazenar bem. Então, realmente, é muito bom você poder ter um poder aquisitivo. Mas a questão também é você poder ter um bom nome. Você ser reconhecido, não só como um moleque bacana, mas ser reconhecido assim: "O cara brigou, o cara lutou. O Cara chegou lá e alcançou. E a família dele é uma família de bem. O cara é um cara de bem."

P: Respeitabilidade, admiração.
R: Tudo isso é muito importante. Por mais que muitos digam que não, é o que todos buscam. Não todos, eu não posso abranger tudo.

P: Me fale um pouquinho da tua vida na faculdade, agora. O que você frequenta na faculdade? Que lugares você frequenta lá?
R: Na faculdade, eu, geralmente, fico mais na área de informática. Eu não tenho internet em casa, então, eu preciso ter um convívio com a internet, ver meus e-mails, responsabilidades. Mas, geralmente, eu não tenho muito contato com as outras matérias. Sendo que eu vou para a faculdade, fico um pouco no pátio com os amigos. Ou é sala, ou é informática. É contato com pessoas.

P: Biblioteca você frequenta, eventos que a faculdade promova?
R: Sim.

P: Lanchonetes?
R: Lanchonetes não, porque eu tenho um probleminha de estômago e tenho que evitar algumas coisinhas. Eu vou muito pouco mesmo, porque, realmente, me faz muito mal. Eventualmente, eu vou no Fnatran, que é um evento de logística que envolve caminhos novos, ideias novas, que é feito de quatro em quatro anos, aqui, no Brasil. Vai ser, agora, dia vinte e oito. Vou lá, porque, realmente, é interessante e porque eu vou ter que fazer um trabalho sobre isso. Mas eu vou também, porque ele é muito bacana. E, geralmente, a gente faz bastante resenha de livros que eles mandam fazer. Mas a biblioteca, em si, eu não tenho o hábito de ir lá. Só, realmente, quando eu preciso. Porque a logística, é meio complicado de você estudar a logística. Quando você pega a logística para estudar, ela é massiva. Então, você tenta tirar aquilo com o seu professor, com o complemento das apostilas dele. São coisas práticas e ficam bem bacanas. A partir do momento em que você pega um livro para estudar sobre a logística... Se eu ler quinze páginas, a cabeça já começa a doer, eu já começo a ficar nervoso. Mas eu prefiro prestar atenção nas aulas e na apostila deles, porque, realmente, já são bem filtradas e são bem lógicas. Você não precisa rodar tanto. Eu prefiro já entrar na parte mais lógica da coisa.

P: Então, você acaba frequentando a sala de aula e informática, principalmente?
R: Principalmente.

P: E você tem amigos na faculdade?
R: Tenho. Amigos eu tenho bastante. Eu acho que essa questão de amigos, eu não posso dizer que são muitos, mas toda a musicalidade que uma pessoa tem, chama colegas e chama amigos. Amigos, em si, eu não tenho muitos. Mas colegas eu tenho bastante. Eu acho que amigos dão para contar no dedo. Eu acho que eu devo ter uns cinco amigos na faculdade e nem todos são da minha sala de aula. Eu tenho dois amigos de lá, realmente. Tenho dois que eu conhecia antes da faculdade. E tenho um amigo de outra sala que eu conheci lá. Porque

você tem essa sensação quando a pessoa, realmente, se preocupa com você. Ou quando ela quer o seu bem. E isso, eu sinto neles dois, dentro da sala de aula. Eu converso com a sala inteira, porém, eles são colegas. Eu acho que a partir do momento em que você chama de amigos, eu acho que você quer para levar na sua casa, apresentar para a sua família. Você tem um sentimento por ela. Colegas, não. Colegas você tem que ter um bom convívio com ele para que ele possa te passar uma coisa positiva e você para ele. É mais para passeio, dar um rolezinho, se divertir. A partir do momento em que a pessoa vem na sua casa e você já não acha ela sua amiga, eu acho meio que uma intromissão. Eu não gosto.

P: E esses três da faculdade que você falou, são o seu grupo de amizades principal, hoje em dia?
R: Não.

P: Não?
R: Não. Porém, eles vem na minha casa, mas o meu grupo principal foi o do meu trabalho. E eles estão até hoje. Foi muito engraçado como tudo aconteceu, porque a gente era muito oposto mesmo. Eu posso deduzir que somos em oito, os firme mesmo. E, na época, eu era roqueiro e eles eram rapers. Então, a gente tinha uma certa briga, uma certa guerra entre nós. Só que, com o tempo, a gente foi conversando, fomos vendo as minhas ideias e as deles e a gente viu que a gente está no mesmo barco. E a gente criou um laço muito forte. Minha mãe chama eles de filho, eles vem, aqui, comem, dormem.

P: Entendi.
R: Então, a minha casa fica um pouco cheia. Ainda bem que a casa é grande e dá para acomodar todo mundo. Eles vem mesmo, a gente brinca. E, realmente, a gente não se dava bem de jeito nenhum. Só depois que a gente começou a ter esse amadurecimento. A gente perguntou o porquê disso. A gente falou: “Vamos colocar as armas no chão”. Aí, a gente começou a se entender. E, hoje, eles são mais que amigos. Eu posso dizer que eles são irmãos, porque, hoje, eles me dão muita força, eu dou força para eles. Nós ficamos muito juntos. Antes de você chegar, os dois estavam aqui. Eles foram embora, porque ficaram com medo de você. (Risos).

P: Como é que são as aulas na faculdade? Como que o professor passa a matéria, como que é?
R: Essa parte eu acho bacana da faculdade.

P: Por que, como que é?
R: Todos os professores são atuantes no mercado, então, isso te dá uma força muito grande. A faculdade onde eu estudo, o que ocorre? Eu tenho aula cinco dias por semana. Não sei se todos, mas a grande parte trabalha em empresas conceituadas que já tem a área de logística bem desenvolvida. Eles já pegam o conceito internacional e aplicam, aqui, no Brasil. Por mais que nossa malha rodoviária seja muito fraca, eles conseguem desenvolver um trabalho até que bacana. E ter bastante capital positivo rodando. Como é o caso de um professor meu que trabalha na GM. Ele foi promovido várias vezes, porque ele conseguiu dar um lucro de mais de treze milhões. Então, você vê que, realmente, rende dinheiro se você souber como administrar a logística.

P: Entendi.
R: Ele ensina bastante a gente.

P: Como que você faz para estudar? Quanto tempo você consegue estudar, como que é?
R: A parte de estudar, eu tenho um bom tempo para estudar. A questão do meu trabalho ser só seis horas por dia, já ajuda bastante. Essa matéria, a logística em si, não é uma matéria que tome tanto seu tempo assim. Ela, realmente, não entra no passado, como português. Então, a coisa é mais atualizada. Eu estudo sim, ainda tenho tempo para me divertir e ela não me suga tanto tempo. Eles me fornecem essa possibilidade. Eu também não preciso me dedicar tanto a minha família, porque eles estão bem estruturados.

P: Você estuda todos os dias da semana, só em véspera de prova, só de final de semana, como que é a tua rotina?

R: Todos os dias da semana não, porque senão eu não iria aguentar. Mas, geralmente, eu pego para estudar de quinze em quinze dias. A partir de o momento em que eu estou na faculdade, eu já estou estudando. Só que estudar em casa, é só, realmente, algo muito importante e que eu sinto que eu tenho dúvida. Se eu achar que eu não tenho dúvida, eu não vou pegar no livro, porque eu estou confiante disso. Agora, se eu tiver, realmente, algum tipo de dúvida, eu já corro para o livro.

P: Quando você diz que estuda na faculdade, você diz aula, não é?
R: Assistir aula.

P: Que é o estudo.
R: É. Para mim, o estudo diário é a aula. Porém, a partir do momento em que tem uma atividade de trabalho, ou feira que eu observe que eu tenho que parar. Alguma coisa que não é uma coisa espontânea, então, eu dou uma lidinha, procuro relembrar a matéria para que eu tenha um desenvolvimento mais amplo.

P: Você considera o tempo que você tem para estudar suficiente?
R: Eu considero suficiente.

P: Qual é a importância da internet no seu curso?
R: Eu posso dizer que não só no meu curso, mas em todos. A internet, hoje, é um meio de comunicação esplêndido, porque ela te quebra vários galhos. E, fora que eu e meus amigos temos um trabalho e tem que ser integrado, então, nosso meio de comunicação pela internet é muito bom. Manda para o e-mail, se precisar marcar, a gente mantém a comunicação. No meu caso, só tenho na faculdade. E de vez em quando eu vou para a *lan house*. Mas é mais do que perfeito. Se alguém tem uma dúvida, ele já manda um e-mail, se tiver alguém *online*, já te responde a pergunta e manda. Ou senão, mesmo pela internet, já vai buscando se tiver de fácil acesso.

P: Aquelas consultas?
R: Consultas, informações, tira dúvidas com professor *online*. Então, realmente, é essencial. Eu não vou dizer que é bom, é essencial.

P: Como é que os professores usam a internet?
R: O que demonstra para a gente, tem consultas *online*...

P: Mas assim, como que é entre vocês e os professores, como que ela é usada?
R: A questão entre nós e os professores é que eles mandam apostilas pelo e-mail. É só baixar e levar para a aula para a gente não perder tempo escrevendo. Então, nós já levamos o material pronto. Para chegar lá, ele explicar, passa todo o conhecimento dele para nós e já com a matéria em nossas mãos. Assim, a gente não perde tempo copiando da lousa. Ou então, ele leva um retroprojetor e passa lá mesmo, ou então, ele já manda para imprimir. A questão da escrita é muito importante, mas ela perde tempo quando o assunto é faculdade. Se você perde tempo copiando para estudar, é bem melhor a apostila. Todo mundo vai lendo, é rápido, prático.

P: E vocês trocam e-mails também com os professores?
R: Não, diretamente, com os professores, mas podemos também. Mas não procuramos fazer isso, porque nós sabemos que eles trabalham e dão aula. Normalmente, a gente pode mandar o e-mail, mas vai demorar para voltar. Tem professor *online*, mas a gente pergunta e ele não responde a nossa pergunta. Porém, a melhor coisa é você perguntar para o seu professor. Mas se você, realmente, achar que não é aquilo, pára e conversa com o professor. Se você mandar a perguntar por e-mail, vai demorar um pouquinho para chegar. Porque, como eles trabalham também, fica um pouco complicado. A gente tem essa noção de que eles não são só professores, eles também atuam no mercado.

P: Me diz uma coisa, tem algum aspecto que não é positivo nesse uso da internet, no curso, ou não?
R: No curso, eu acredito que não. No curso, eu acredito que são só pontos positivos. Só uma coisa que as pessoas deveriam pensar bem antes de colocar, que é o bloqueio anti pop up.

Porque tem muitos e-mails, muitas páginas da internet que esconde o pop up. Mas isso é uma questão de configuração do micro, dependendo onde você está. Então, as pessoas têm que se atentar a isso, porque nem tudo é página direta. Tem pop up e eles bloqueiam isso.

P: Você prefere livros e apostilas impressas ou conteúdo *online*?
R: Essa é uma questão que dá para pensar nos dois. Se eu pegar a matéria *online*, eu vou jogar para a impressão. Então, ela vai ficar impressa. Ler só se, realmente, for um texto muito pequeno, porque isso cansa a vista. Eu não sei se você tem contato direto com o computador, várias vezes ao dia. Eu trabalho no computador e a vista cansa muito. Então, eu prefiro pegar o material e imprimir na minha impressora.

P: Entendi.
R: No caso, a gente tem um acesso sim pela internet, só que eu não leio, diretamente, no micro. Eu imprimo ela. Então, a primeira alternativa e a segunda também.

P: Quanto você prefere o conteúdo *online*?
R: Eles me mandam *online*.

P: Mas você prefere imprimir também.
R: Eu prefiro.

P: Por quê? Por causa da questão dos olhos?
R: A questão do cansaço.

P: Cansaço, ficar muito tempo sentado no computador.
R: E fora que, quando você tem impresso, você pode ler em qualquer lugar.

P: Aula presencial ou *online*? O que você tem a dizer sobre isso?
R: Eu não tenho a aula *online*. Essa matéria eu tenho que agradecer, porque, realmente, não me parece ser tão boa. Mas eu não tenho, não posso dizer como ela é. Mas a aula presencial é ótima. A aula *online* eu não posso dizer, porque eu nunca tive.

P: O que te leva a pensar que pode não ser tão boa?
R: Como a aula é *online*, parece longe de alcance. O professor vai estar *online* no monitor, mas eu tenho certeza de que eu não vou expressar todas as minhas dúvidas para ele, porque eu sei que vão ter outros também perguntando. Se eu tiver olhando, pessoalmente, no olho dele, eu acho que eu conseguiria extrair melhor a questão. É muito mais viva, muito mais intensa quando você tem uma pessoa para poder conversar, uma pessoa para esclarecer suas dúvidas. É muito melhor do que pelo computador. Isso é uma visão minha, eu não posso abranger ninguém.

P: Você se identifica com sua faculdade? Assim, você veste a camisa, ela é a tua cara? Ela tem tua cara em termos dos ambientes, das atividades que tem, dos professores que tem, das pessoas que frequentam, do que você imaginava? Ela é parte do que você se identifica e você se sente parte dela?
R: A faculdade, quando eu pensei em fazer faculdade, eu imaginava que era um monstro de sete cabeças, uma coisa de outro mundo. E também eu tinha a noção por filme, novela, era a noção que eu tinha. Então, era completamente diferente. Ainda mais a área que eu estou estudando. Por quê? Logística não é, geralmente, a área que jovens costumam estudar. Então, na minha sala, tem pessoas de 30 para cima. Na minha sala, eu sou o mais novo de vinte anos. Então, você tem já um choque de mentes, ideias, assuntos. Então, realmente, esse foi o choque maior que eu tive. O restante, a estrutura, os professores, eu não tomei um choque tão grande. A gente fala que a idade não influencia muito, mas influencia, sim, quando a questão é aprendizagem. Porque eles têm dúvidas que você vê, hoje, que uma pessoa não teria dúvida pela informática. E eu tenho dúvida do que eles não têm.

P: Sim. Mas eu digo, assim,,todas essas coisas que você vive lá dentro, você se reconhece? É a sua cara? Ou não?
R: Sim. Eu gosto da faculdade, eu acho que ....Não digo que ela possa parecer comigo, mas eu creio que...

P: No que ela não parece com você?
R: Eu acho que a estrutura não é ruim, mas eu acho muito fraca pelo marketing que ela tem dentro da televisão, pelo nome que ela está pegando. Eu sou da UniRadial, que é da Estácio. A Estácio é a maior instituição de ensino superior do Brasil. Então, quando você vê a maior, a melhor, você pensa numa coisa de que você vai entrar lá e vai estar tudo perfeitinho, bonitinho, as cadeiras vão ser modernas, confortáveis. Mas não é tudo assim. Mas também, não é ruim. Não que ela seja ruim de estrutura, mas eu esperava uma coisa melhor.

P: E o que você mudaria para ela ficar mais a tua cara?
R: Modernidade.

P: Por exemplo, o que você poderia fazer para ela ficar com uma cara mais moderna?
R: Design..

P: Design do quê?
R: Do interior.

P: Das salas?
R: Das salas. E tem outra questão, o colégio não é só uma universidade, ele, realmente, é um colégio. A UniRadial, ela comprou metade do colégio Arbos e instalou nós lá. Então, também temos contato com criança.

P: Isso você não teria, não teria contato com criança?
R: Não teria.

P: Então, seu eu entendi, você acha que a estrutura física da faculdade não é adequada, é isso?
R: Eu acho que um conjunto, tudo. Uma faculdade, eu creio que teria que ter cores mais claras. E a questão de conforto das cadeiras. Eu prefiro mesas, não cadeiras. Cadeiras com braço, isso me deixa desconfortável. Isso eu mudaria, com certeza. E a questão das crianças também. A criança está no momento de desenvolver, quer brincar, zoar, dependendo da pessoa, isso irrita. Pode estragar o dia da pessoa. O meu não, mas eu já vi pessoas ficando muito nervosa com as crianças ali. Então, isso, realmente, irrita.

P: O que você mais gosta de fazer na faculdade?
R: O que eu mais gosto na faculdade são as discussões práticas que nós temos. Porque os professores, além de serem muito bem humorados, dão umas visões muito interessantes. Vou dizer um caso que eu acho engraçado: O professor Marcos, ele foi o professor mais maluco e mais legal que eu já tive. Porque ele, realmente, ensina de uma forma diferente. Eu nunca vi ninguém bater na lousa e começar a gritar: Meu nome é Marcos, quero todo mundo quieto.- Nós ficávamos assustados, morríamos de vergonha. Depois, a gente viu que a maneira dele dar aula é interessante. Se ele fosse uma pessoa quieta, séria e falasse em voz baixa, em certos momentos, a aula de logística não é interessante, então, ele puxa isso na quebra de voz. Porque a matéria dele, realmente, é massiva, porque é meio de transporte. Então, ele altera a voz e prende a nossa atenção nele.

P: Entendi. Essa é a aula mais legal?
R: Essa é a aula mais bacana que eu já tive. Não tenho mais aula com ele, porque eu estou em outro semestre, mas foi a aula mais bacana que eu tive. Eu acho que sim, eles são muito bons em chamar nossa atenção.

P: E o que você menos gosta de fazer na faculdade?
R: Resenha de apostila. Nós temos que ter cinquenta horas PAC (Programa de Atividades Complementares), horas adicionais. Então, nem tudo está envolvido em logística. Então, às vezes, eu tenho que ler um livro de auto-ajuda para fazer uma resenha e eu não gosto de livro de auto-ajuda. Não que eu não precise, mas eu não gosto. Então, eu faço por obrigação. Apesar deu fazer resenhas, mas eu faço nas coxas, porque é uma coisa que não me dá prazer.

P: O que você faz no seu tempo livre?

R: Geralmente, eu toco violão, eu gosto de ler livro de filosofia. Então, geralmente, eu leio Nietzsche. Então, ou eu leio, ou eu toco violão, ou eu saio, realmente, com os meus amigos. É sempre muito legal sair com eles. Além deles serem muito engraçados, a gente discute, a gente brinca. É violão, leitura e animação.

P: Com os amigos você faz, normalmente, o quê?
R: Normalmente, eu vou para bar de rock, bar de blues. A gente conversa, a gente bebe um pouquinho para trocar uma ideia. Parques, também passeios para fora do estado. A gente tem um convívio bacana e com os amigos é, realmente, para você extravasar um pouco.

P: E a TV, você assiste?
R: Eu já assisti bastante, hoje, não tanto.

P: Hoje, por que não?
R: Tanto na época que eu curtia o movimento rock, eu já era contra, porque a TV te mantém presa para que você não perceba que o programa é você. É meio complexo, mas eu não assisto mais. Eu prefiro assistir o canal Cultura, eu gosto muito.

P: Sei.
R: Ele não é só uma questão de desenho para criança, ele, realmente, flui. Agora, está passando todo domingo, geralmente, oito horas, passa trechos do Discovery Channel. E é muito bom. Se eu tivesse condições de pagar uma TV por assinatura, seria a Discovery, porque ela é muito bacana. É muito show. E eu também tenho muita curiosidade, sou muito curioso.

P: E você assiste quanto tempo de TV?
R: Uma hora e meia, duas horas.

P: Nessas duas horas, você falou do canal Cultura. Mais algum programa, mais alguma coisa?
R: Não vou mentir, sempre quem está envolvido com música, ouve MTV. Passa umas coisas bacanas, umas músicas bacanas. Mas, geralmente, é mais Cultura mesmo.

P: E nos finais de semana, você assiste mais tempo?
R: Final de semana, eu estou em casa, mas também não estou. Normalmente, eu tenho meus amigos, então, a gente não fica em casa. A gente fica conversando, a gente sai, pega um violão, toca. Então, televisão, realmente, de final de semana, eu só vou assistir se eu tiver cansado de tocar violão, se os meus amigos não tiverem e se o meu pai estiver cansado de jogar dominó. Mas é bem difícil.

P: E aí, assiste o quê?
R: Se tiver eu e meu pai, a gente assiste Discovery Channel. Se tiver eu e minha mãe, ela é a dona do controle, ela faz o que ela quiser. Ela vai assistir esses negócios de Faustão, Gugu, esses negócios mais populares. Mas o meu pai também gosta de Discovery Channel, ele acha bastante legal porque passam matérias, realmente, muito legais.

P: Quanto tempo você fica na internet todos os dias?
R: Diariamente, eu não posso te dizer. Eu já tive, onde eu moro, uma discada, mas a área onde eu moro a banda larga não chega.

P: Teria que ser discada mesmo.
R: É. Então, ou é aquela via rádio ou via celular, que é muito caro.

P: Via rádio, ou via celular.
R: São todas muito salgadas. Além disso, se você pegar o seu celular, agora, provavelmente, não vai ter sinal. Aqui, é uma área de manancial, é muito complicado.

P: Entendi.
R: Tanto para a banda larga, como para wireless. Mas, no caso, realmente, quando eu tinha, eu ficava bastante tempo na internet. Eu posso dizer que boa parte eu ficava por bobeira, mas, às vezes, para conversar com meus amigos, sites de relacionamentos. E também por questão

de estudo. No caso, eu estou meio que tentando pegar inglês sozinho baixando umas apostilas. E tem aqueles cursos *online* de inglês, gratuito. Eu ficava bastante tempo neles.

P: Entendi.
R: Só que eu só fiquei com a internet um mês, então, não consegui observar tanta coisa.

P: Aqui, nessa casa?
R: É, na minha casa. E ir para a lan house aprender inglês, realmente, é sem condições. Então, antes, quando eu tinha em casa, eu aproveitei até que bem.

P: Você fazia as aulas de inglês, você...
R: Entrava no site de relacionamento com meus amigos, mantinha contato com meus amigos.

P: Qual site?
R: Tanto e-mail, quanto Orkut também. E-mail, Orkut e MSN.

P: Aí, você fazia pesquisa para a escola, estudava inglês, MSN e o Orkut. Agora, hoje em dia, durante a semana, você fica quanto tempo na internet?
R: Uma hora e meia.

P: E, na escola, você não pode acessar o Orkut, MSN, nada?
R: Só e-mail. Tem alguns sites que eu não posso acessar, porque ele bloqueia.

P: Quais sites?
R: Se eu não me engano...

P: MSN?
R: Site de inglês. MSN e Orkut é bloqueado. Eu acho que também não tem que deixar, porque senão vai virar uma festa lá. Você vai pesquisar alguma coisa e vai ter um monte de gente lá...

P: Quer dizer que lá, você acessa...
R: E-mail, pesquisa.

P: Em que sites?
R: Pesquisa no Google, porque, realmente, ele abrange bastante coisas. Mas, quando a questão é logística, tem um site específico, ele abrange bastante a área que a gente quer.

P: E, final de semana, você vai para a internet ou não?
R: Mais difícil.

P: É por que você está em casa, não é?
R: É porque eu estou em casa.

P: Se a gente for comparar internet e TV, qual tem mais importância na sua vida?
R: Internet. Porque a internet você vai buscar o que você quer. A TV, você tem que esperar um programa, então, isso te atrasa um pouco. E como são raros programas que prestam, pelo menos para a minha visão. Então, a internet, com certeza, disparado, muito melhor na minha vida, me ajuda bastante. É uma questão que se eu quiser alguma matéria, eu consigo baixar o vídeo. Eu posso assistir programa de televisão na internet. Internet já é um pacote completo se você tiver, realmente, a curiosidade de pesquisar.

P: E jornal, revista e rádio?
R: Revista eu não cheguei a assinar, mas o meu colega assina e de vez em quando, eu pego para ler. Rádio eu não escuto. Geralmente, eu tenho o MP3, coloco as músicas que eu gosto. E não são noticiadas, são músicas. Então, TV, rádio, não. Agora, revista, sim.

P: E jornal?
R: É raríssimo eu ler jornal. Geralmente, eu nem compro. Se tiver alguém lendo e me der, eu vou ler. Mas se eu tiver que entrar na banca e comprar, eu não compro.

P: Agora, a gente vai falar um pouco dos seus hábitos de consumo.
R: Como assim, no geral?

P: É, no geral.
R: A importância do consumo em si, eu penso em coisas de primeira importância. Geralmente, eu não gosto muito de....o consumo tem muito a questão do merchandise. A pessoa tem condições de comprar três sapatos, mas ela vai comprar um só, porque ela acha bonito. Então, o consumo é meio complicado se dizer na questão geral.

P: Se a gente for pensar em no consumo que você tem, a grana que você tem, como é que você divide isso?
R: Eu, antigamente, quando eu ganhava melhor, eu dividia entre meus estudos, meus amigos e minha casa. Quando tinha internet, eu ajudava pagar a conta do telefone. Hoje, é mais tudo de cada. Está meio difícil a questão de sair com os amigos. E uma questão que é muito minha, é que eu não sou muito fixado em marca, roupa. Tanto que até minha mãe briga comigo, porque eu tenho roupa de dez anos atrás e não jogo fora. Eu sou muito mão de vaca. Essa parte eu não sou apegado.

P: O que mais pesa no seu orçamento?
R: A faculdade. É R$ 350,00 por mês, então, é uma facada legal para o bolso. Ainda mais para pessoas jovens que ainda não tem uma carreira fixa.

P: Você adquiriu algum bem de consumo nos últimos tempos?
R: Sim. O meu computador e a minha guitarra.

P: O computador por quê?
R: Porque eu, realmente, necessitei. Quando eu comprei ele, eu comprei no intuito de ter a internet. Mas não deu para ficar muito tempo. Mas assim, ele é muito importante para mim. Eu vou na lan house, mas eu não imprimo lá. Porque senão sai muito caro para mim. Então, eu baixo tudo, coloco no pen drive, trago para a casa e imprimo, aqui, em casa. E sai muito mais barato.

P: E a guitarra?
R: A guitarra foi por vontade. Quando você entra nesse ramo, não dá para fugir. Eu tenho dois violões e uma guitarra. A guitarra foi meio que um exagero meu. A minha guitarra não é convencional, eu mandei fazer o corpo dela. Não vou mentir, foi caro. Acho que a coisa mais cara que eu fiz até hoje, foi a guitarra. O resto é tudo muito simples. Eu acho que duas coisas que eu investi, meu computador e minha guitarra. Fora outros eletrodomésticos, tipo, celular, MP3. Então, são coisas de pequeno porte.

P: Das coisas que você citou, a sua identificação com elas, como que é?
R: Computador, necessidade, faculdade. Guitarra, prazer meu. Celular, também necessidade. E o MP3 prazer, porque a música está rolando ali e eu me sinto muito bem.

P: E coisas que você gostaria de comprar? Que você tem na sua mira: a hora em que eu tiver dinheiro, eu vou comprar?
R: Primeiramente, minha casa. Eu não quero ser um cara luxuoso, nem nada, eu só quero ter um teto. No caso, pode ser uma quitinete, não precisa ser nada grandiosa. E como eu sou uma pessoa jovem, vou trabalhar e estudar, uma casa não é uma opção boa. Tem que ser um apartamento. Se eu pretendo ficar sozinho um tempo, ficar fora de casa um tempo, uma casa pode ser roubada. Então, o apartamento é mais seguro.

P: Entendi.
R: Seria a minha casa. O resto é tudo secundário. Primeiro, casa. Depois os móveis, com certeza. E, depois, um meio de locomoção. Não precisa ser nada grandioso, só um carrinho, uma motinho magrinha. Só para eu ter condições, porque o ônibus, às vezes, deixa a gente na mão.

P: Você acha que a faculdade também é um produto de consumo que a gente está comprando, ou não? Como é que você me falaria sobre isso?

R: A faculdade, eu vejo como necessidade, mas também vejo como meio de consumo. Nós estamos aprendendo, mas estamos pagando nosso diploma. Você aprender ou não, isso é uma coisa que só o seu diploma vai mostrar. O aprendizado você não está comprando. É que tem os dois lados da moeda, na verdade. Você tem que ir, porque você vai aprender, vai agregar alguma coisa. Mas você também está comprando o diploma, que é o que vai interessar quando você for ingressar num emprego.

P: Deixa eu ver se eu entendi. Não quero por nada na sua cabeça, você só me diz se eu estou repetindo o que você falou. De qualquer maneira, quando você vai para a faculdade, você tem que pagar por um diploma.
R: Sim.

P: Agora, se você vai ficar com competência, habilitado, querendo saber, isso é uma coisa tua.
R: Com certeza, porque não é um diploma que vai tornar você profissional. Você pagou aquilo ali. A minha, até hoje, não tem, mas tem faculdades em que você pode pagar uma DP e fazer uma prova para estudar. Então, ela está, realmente, vendendo o diploma. Você fez o trabalho, você não foi bem nas suas notas, você está de DP, você teria que cursar seis meses para fazer a prova final. Não. Tem faculdades em que você paga os seis meses para fazer em um mês. Então, você vê que é meio vendido. Toma que é seu. Então, eu vejo que você está comprando mesmo.

P: E você acha que essa comercialização do estudo, do curso, através de um custo que ele tem, acaba transformando a faculdade num bem de consumo também?
R: Sim. Em certa parte, sim.

P: Se fosse gratuito, você acha que a percepção, a sensação seria outra?
R: Eu acho que sim. Tudo vai depender. Se for gratuito é complicado de entrar, você vai ter vários estágios, uma batalha, eu acho que tudo tem um gosto quando é difícil e você consegue. Agora, se for parecido com uma escola, a faculdade não vai ser mais nada, porque não vai ser um diferencial.

P: Como que ela ficaria parecida com uma escola, o que poderia tornar ela parecida com o ensino médio, com o resto?
R: Eu creio que a partir do momento que pessoas entram, não por querer se tornar um profissional, abrir a cabeça, entram porque pai e mãe pedem, é o que acontece na escola, pessoas vão lá, estudam matérias que não interessam. Elas estão lá, o professor está jogando coisas na cabeça dela, se ela aprendeu ou não, é uma prova que vai decidir isso. Se a pessoa não tiver bem naquele dia, por mais que ela saiba, ela não vai se dar bem na prova. Então, eu penso que pode acontecer isso na faculdade também. No meu caso, eu entrei numa faculdade muito fácil, apesar de não precisar pagar nada, é um meio diferente, você só entra na faculdade e estuda o curso que você quer. Você escolheu um curso que você acha que você vai se dar bem, ou que seu pai acha que você vai se dar bem. Você vai fazer o melhor que você pode, ou senão nem vai saber.

P: Mas eu te perguntei outra coisa. O que transforma ela em bem de consumo é o fato dela ser paga? Se ela não fosse paga, você diria: Não, é uma outra coisa. Não é bem de consumo, porque eu não tenho que ficar pagando por ela. É por aí, ou não?
R: Eu acho que sim.

P: Teria isso?
R: Teria.

P: Pode não ter, eu posso ter entendido tudo errado
R: Não. é como eu disse antes, você paga o diploma. Você paga todo mês e faz uma prova final. Então, realmente, você está pagando o diploma. Não é o caso de você ser bom, ser persistente. Você vai pagar, porque o cara não quer te segurar, ele adianta tudo em dia e desocupa a vaga de um que vai pagar mensal.

P: Obrigada, viu? Foi muito legal.
R: Obrigado você.

Entrevistado: ENTREVISTA 8
Curso: Logística
Campus: Santo André

P: Como você vê a sua vida daqui a 5 anos?
R: Daqui a 5 anos eu vejo a minha vida bem objetiva. Vejo um crescimento bem grande. Eu procuro me emprenhar num serviço todos os dias. Pra no futuro ter algo certo. Eu que construí, ter a minha casa própria. Daqui a 5 anos minha casa própria, meu carro, minha moto. Meu curso na faculdade terminado e procurar uma especialização. Trabalhando e estudando, ter um algo a mais pra estudar, um curso a mais.

P: Daqui a 5 anos você acha que você terá quantos cursos?
R: Daqui a 5 anos, se Deus quiser, um curso que eu quero ter que é um objetivo da minha vida, que é o inglês. Quero falar o inglês fluente. Eu falo só um pouco e daqui a 5 anos eu quero falar fluente o meu inglês.

P: Algum outro curso que você quer ter daqui a 5 anos?
R: Aprimorar minha logística, fazer uma pós depois e eu gosto de logística que é uma coisa mais empresarial e eu gosto do pesado, que é mexer com fermentaria, plano mecânico. Tipo leitura de interpretação de desenho, curso de medição. Eu gosto tanto de uma área como de outra.

P: Tanto pra trabalhar num escritório como trabalhar na linha de frente mesmo?
R: eu não vejo uma barreira, tanto um como o outro. Posso ajudar tanto o chefe como o faxineiro. Em lugar nenhum eu fazia hora extra, mas onde eu trabalho agora pode me chamar que eu vou mesmo. Eu não ganho muito, mas eu gosto.

P: O que você está fazendo hoje em dia?
R: Inspeção de qualidade. Inspeciono peças de carro pra saber quais são boas e quais são ruins. Peças plásticas pra carro.

P: E na sua vida afetiva, qual o seu projeto pra daqui a 5 anos?
R: Casar, mas pra casar eu e a minha namorada só daqui a 5 anos não dá. Tem que estudar bastante e pra isso tem que injetar dinheiro na faculdade. E pra se dar bem no futuro você tem que fazer bastante curso. O salário é para estudar e pagar a moto, mas daqui a 5 anos o dinheiro acaba e não dá e aí casar não dá.

P: Então você tem que escolher ou você investe na profissão ou você casa?
R: Se eu casar daqui a 5 anos como vai ser daqui a 10 anos? Aí eu não vou ter um futuro planejado. Eu posso primeiro estudar e depois eu posso casar e deslancho a minha vida, e ir crescendo mais e mais.

P: E o que você quer construir antes de casar?
R: Um emprego fixo, pra minha vida inteira, minha casa que antes de casar, pra casar sem dívida. Meu irmão pensou assim e deu certo.

P: Ter usa casa, emprego bom. E hoje o que pode colaborar pra que você conquiste tudo isso no futuro? Se a gente pensar nos amigos, nos estudos, na família, na namorada no seu caso. Como você pensa isso?
R: Incentivo, vai lá faz esse curso que vai dar certo. Meu chefe me incentiva bastante, eu estou quase virando um líder e estou há dois meses lá. Ele incentiva não só eu, como todo mundo. Incentivo ajuda bastante no crescimento. Incentivo e oportunidade de trabalho.

P: E o peso da família? Tem importância pra você realizar esses projetos que você me relatou?
R: A família é muito importante. Dezenove anos é a minha vida e quem me apoiou nesses 19 anos foi a família. Foi um apoio total. Quando estou no horário de serviço minha família está pensando em mim, quando eu vou sair eles estão me ligando perguntando se eu vou à faculdade hoje. Daqui a 5 ou 10 anos a minha família que me ajudou. Esse é o peso total.

P: E o papel da faculdade para o seu futuro?
R: A faculdade é muito bom, já falei pra muitas pessoas. Porque eu estava no colégio não tinha um pensamento aberto e agora na faculdade é mais aberto. Antes de eu cursar a logística na faculdade eu pensava de um jeito na firma, eu falava ah vou fazer meu serviço de funcionário e pronto. Agora na faculdade eu estou tendo um outro pensamento, não sei se por causa do curso ou pela convivência das pessoas. O pensamento das outras pessoas, você se aprimora mais, vai sabendo mais. Então com a faculdade, eu entrei nesse serviço agora. Eu falei pra minha namorada, eu coloquei objetivo na minha vida, eu não vou ser mais um lá dentro. Nem que não seja nessa firma, eu posso mudar de firma. Eu já fui fazer entrevistas em outras pra conhecer e quando eu saí todas lembraram de mim. Graças a Deus, ninguém tem o que reclamar de mim.

P: E o que mudou na maneira de você ver o teu trabalho depois que você foi fazer a faculdade?
R: mudou bastante porque é outro pensamento.

P: Como que você pensava antes?
R: Antes eu pensava, vou trabalhar pra sair, pra comprar roupa, meu carro, pra balada. Eu saía bastante e hoje eu não saio mais. Agora na faculdade eu vou batalhar, tentar ser um encarregado, ganhar um pouco mais e comprar meu carro, minha casa. Pensar no futuro.

P: Porque a faculdade trouxe um peso na responsabilidade, é assim que você pensa?
R: Trouxe um pesinho a mais, um pesinho até gostoso. A faculdade não é aquelas coisas, você tem que se esforçar. Se você pensar “ah estou pagando e vou passar”, não é assim, não. As faculdades poderiam ser um pouco melhor.

P: Mas de qualquer maneira parece que você começou a pensar no futuro depois da faculdade?
R: Eu comecei.

P: Começou a imaginar um futuro.
R: É.

P: Você consegue imaginar a tua vida sem a faculdade?
R: eu acho que eu estaria trabalhando, recebendo o mesmo salário, com mais dívida e à noite ficaria andando na rua aí, ir à sorveteria e indo à casa de amigos. Se eu não tivesse na faculdade com certeza eu estaria no inglês.

P: E como ia ser seu futuro?
R: É uma garantia de futuro mesmo. Eu trabalho numa empresa de terceirizados, nem o líder, que eu estou tentado virar, não ganha bem. O bem que eu estou falando é pra fazer os cursos mesmo e começando a ajuntar pra comprar a minha casa. Pra dar a entrada e ter uma empresa estabilizada. Eu até pensei em empregos no exterior, intercâmbio.

P: E em que área que você pensa nesse emprego bacana que você quer?
R: eu estou pesquisando na área de logística, que tem um bom retorno e qualidade, também que eu trabalho nessa área e é pra se pensar. Um outro que abriria as minhas portas, seria trabalhar fora do Brasil.

P: Só pra gente recapitular pra o próximo bloco. O que você acha que mudou na sua vida e em você depois que você está na faculdade?
R: Não mudou muita coisa, só o pensamento no futuro. Vai melhorando a responsabilidade que eu já tinha, mas antes eu ia muito pra balada, eu só nunca usei droga, cerveja eu bebia e agora eu parei de beber. Mas nunca fumei e nem droga, mudou só o pensamento mesmo.

P: Foi esse pensamento de planejar um futuro pra você?
R: é. Antes eu pensava: “pra que um engenheiro vai construir uma bacia que só vai ficar pronta daqui a 90 anos e ele não vai estar aí pra ver?”, agora, não, ele constrói e não importa se vai ver ou não. Mas aí vai ter toda uma evolução.

P: O fato de você ter começado a planejar o teu futuro, o que mudou em você? Pode falar de sensações, de opiniões a teu respeito.
R: Uma sensação gostosa, as pessoas começam a prestar mais atenção em mim, entende? Muita gente focar em mim, lá na firma eu sou o terceiro e eu gosto. Eu só procuro distribuir o serviço, como perguntar se precisa de ajuda.

P: Como foi a sua entrada na faculdade, você fez cursos antes, como que foi?
R: Eu estudava no colégio e comecei a trabalhar no almoxarifado na Valisere. É enorme, muito bom lá. E seu Henrique, que é meu ex-chefe... aí eu comecei a trabalhar assim, eu achei legal trabalhar com estoque, essas coisas. E o seu Henrique me indicou logística e a partir daí eu pensei: "um dia eu vou fazer". Aí eu passei pra outra área e fui fazer a faculdade de logística. E é um serviço que você foca no serviço.

P: E pra sua família, o que significa você fazer uma faculdade?
R: No começo eles falavam que não vai dar certo. Hoje em dia eu já estou acostumado.

P: E porque não ia dar certo?
R: Porque eu tinha que correr muito. Hoje em dia ela liga pra mim e fala se eu fui à faculdade hoje.

P: Você mora em duas casas, como que é isso?
R: Quando eu gosto de bagunça ,eu gosto de bagunça, mas quando eu gosto de silêncio, eu gosto de silencio. E como começou a ficar corrido pra mim, eu comecei a gostar mais de silêncio. E aqui pra mim, como é a casa da minha avó, vem um monte de gente: são os tios, sobrinhos e aí fica corrido. O computador fica na sala e todo mundo conversando, eu não consigo entrar na internet e pensar. E lá na minha tia era casa de aluguel e estava reformando, meu irmão mora na casa do fundo e eu fico na casa da frente sozinho, então é mais tranquilo. A minha tia mora aqui com a minha avó.

P: Então aqui é o lugar que a família se reúne e lá é o teu irmão e você com o quarto separado. E cadê a tua família? A tua mãe?
R: Eu não moro com a minha mãe, minha mãe e meu pai são separados, minha mãe tem problema com dependência química. Sempre nós apoiamos ela a se tratar, sempre, mas tem uma hora que você realmente quer pensar em você. Meu pai é separado e mora aqui perto. Ele trabalhava no Guarujá e agora ele esta aqui e vai ver o que faz daqui pra frente.

P: Pensando no campus, quais os lugares que você frequenta ali, além das aulas?
R: A biblioteca pra acessar e-mail, muitas coisas não dá pra saber, aí eu vou pra saber. Somos em grupos e um passa a informação pro outro. Em casa não dá tempo de acessar. E também pegar livros pra pesquisa. E a cantina também eu vou bastante.

P: Você tem amigos lá na faculdade?
R: Uma meia dúzia de pessoas.

P: Como você conheceu esse pessoal?
R: Lá mesmo. Um eu já conhecia no colégio e aí ele falou que também ia fazer logística. Amigo de infância e mora perto aí de casa. E o resto eu conheci tudo na própria faculdade.

P: É o seu principal grupo de amigos hoje em dia ou não?
R: Não. Amigos de infância. Seriam os de infância.

P: E porque não os amigos da faculdade?
R: Porque é algo mais técnico, mais de serviço. Vamos dizer que é uma empresa lá dentro e os amigos são mais objetivos. São ótimos amigos, mas que não frequentam minha casa. Digamos que a faculdade é uma empresa e lá a gente tem uns amigos.

P: E como são as aulas lá na faculdade?
R: Aulas bem específicas, agora no segundo semestre. Tem professores que vão levar a gente direto na empresa. Pra ver como que é o processo, ver o processo rolando, fazer os cálculos,

os pedidos de compra. Levar mais pra prática mesmo. Hoje mesmo a aula vai ser no Anhembi, quem quiser vai até lá e vai fazer um relatório sobre o que de novo em logística e entrega na aula que vem e ganha nota. Uma aula diferente.

P: E os outros professores que vocês têm, como dão a matéria?
R: Uma matéria que eu não gostei foi da aula *online*. Do nada, assim, fala que vai ter aula *online*. Dá pra você estudar legal *online*, dá pra estudar legal, mas seria melhor com professor em sala de aula mesmo.

P: Por que você acha isso?
R: As pessoas aprendem brincando na sala de aula, você faz uma brincadeira aqui e sai um conhecimento ali.

P: E o que você acha que está faltando na aula *online*?
R: Numa sala são 45 alunos e com a pergunta dos outros eu satisfaço a minha, uma que eu nem tenha em mente eu posso utilizar ela. No conhecimento da outra pessoa eu posso absorver.

P: Mais algum aspecto da aula *online* que você não gosta?
R: Não, só isso mesmo. O resto o conteúdo é bem especifico, os vídeos *online*.

P: E as aulas presenciais, como você avalia as aulas que você tem?
R: são professores bem profissionais, ninguém é criança. Eles vem falar com a gente quando não está bom, todo mundo adulto e olha na cara mesmo.

P: E o tempo que você estuda, qual que é teu horário, teu esquema com estudo.
R: das 19 da noite às 22, 22h30, 23h depende do professor, está bem.

P: O teu tempo de estudo fora da aula, você estuda?
R: às vezes eu estudo quando chego do serviço. Trabalho das 6 da manha às 2 horas e aí eu vou dar uma olhada no que foi na aula.

P: E nos finais de semana?
R: agora eu comecei a trabalhar até às 6 da tarde. Eu não reclamo, não, eu acho legal.

P: E você gostaria de ter mais tempo pra estudar ou está bom assim?
R: eu gostaria que o dia tivesse 48 horas pra ter mais tempo pra fazer mais coisas.

P: E pra estudar também?
R: estudar, outros cursos.

P: Que outros cursos, fora o inglês que você falou?
R: eu quero fazer liderança, um curso de liderança. De ISO também, que são coisas muito caras.

P: Onde eles acontecem, esses cursos?
R: o de ISO na avenida paulista e o de liderança também tem. E indo pra área pesada, um curso de torno mecânico.

P: Você gostaria de trabalhar nessa área?
R: gostaria, sim, de inspetor de peças.

P: Mas só na inspeção.
R: É.

P: Você não chegou a fazer peças?
R: não. Só curso de desenho e trigonometria.

P: E você gostaria?
R: eu gostaria, sim.

P: Me fala uma coisa: a internet ajuda no teu curso?
R: Ajuda.

P: Como que ela ajuda?
R: em pesquisas e trocas de informações. Quando não dá tempo de pegar na escola a gente transfere e-mail de um para o outro. Buscar uma imagem é para o trabalho.

P: Você fica bastante na internet?
R: quando a internet tá ruim eu pergunto para os colegas de classe o que eu faço.

P: Vocês fazem o trabalho cada um de um lugar e vai dividindo pela internet?
R: isso. De 40 pessoas é para fazer grupos de 10 pessoas e aí a gente troca às informações.

P: E aí manda e-mail?
R: manda. A gente tem o site que é próprio da sala, e os professores mandam tudo por e-mail, cada um tem seu acesso, colhe as informações e estuda. É bem especifico.

P: E a sua aula on line, que dia que é?
R: sexta feira de manhã. No caso, quando eu vou a faculdade, eu vou buscar a minha namorada, então eu tenho que ficar lá. Aí eu vou pra biblioteca e já faço a aula *online*. Quando eu não vou, eu faço em casa.

P: Você prefere livros e conteúdos *online* ou impresso? Ter livros e apostilas ou conteúdo *online* pra estudar?
R: aula presencial e material apostilas e on line também. Hoje a gente tem todos. Eu prefiro com o professor mesmo. Eu gosto de material impresso pra estudar.

P: E porque você prefere impresso que na tela do computador?
R: porque você dispersa muito, você se perde muito. E impresso você leva de um lugar para o outro. Muitas pessoas não têm o notebook. Se eu tivesse, era bom. O material impresso eu ando de ônibus e aí eu posso estar lendo. É mais fácil.

P: A tua faculdade tem a tua cara? A que você está fazendo?
R: não muito, seria mais assim, uma empresa procura bastante seu funcionário, a faculdade não procura muito seu aluno pra dar um conteúdo, estudar. Mas eu acho que não.

P: O que você acha que falta pra ela ficar a sua cara?
R: se interessar mais pelos alunos, passar mais informações. E o no semestre que vem vamos ter *online*, se programem... Entendeu. Seria dar uma notificação pra você, mês que vem aula *online*. A gente não se policia, mas eles deveriam fazer isso. Chega lá e se eles não falam que amanha não vai ter aula, todo mundo vai, correto? Aula, você vai pra aula e eles falem que no mês que vem a aula é *online*, se programem. Mostrar um interesse maior.

P: Tem mais alguma coisa que a faculdade podia fazer pra mostrar que eles estão se importando?
R: quando eu entrei o contato não foi a minha cara. É um contato só pra todo o curso. Então seria vai ser tanto, o calor data, inicia data, não tem um contato maior.

P: Faltou cuidado com esse contato. Você sente falta de cuidado em tudo?
R: isso.

P: E no tempo livre, o que você costuma fazer hoje em dia?
R: ficar com a namorada, vou jantar na sogra. A gente assiste DVD.

P: E o que você faz pra descansar?
R: seria sair pra praia, nem muito com a família inteira. Mas eu e minha namorada, ir pra praia, eu e minha namorada, pra descansar.

P: E como é a sua relação com a TV?

R: pouca. TV é na hora que eu vou tomar café na firma.

P: E que horas que é?
R: às seis da manhã, cinco e meia eu estou assistindo jornal lá ate as quinze para as seis.

P: E à noite?
R: não dá tempo.

P: E finais de semana?
R: não assisto, ultimamente não.

P: Você fica na casa da namorada...
R: assistindo DVD.

P: E na internet, você me disse que na faculdade você consulta. Você assiste aula *online* e outras coisas como blog, Orkut, twetter, você usa essas coisas?
R: Orkut não, mais é MSN, eu uso bastante pra conversar com o pessoal de Minas. Mais barato que telefone. Troco e-mail.

P: E o tweeter, blog...
R: não.

P: E pesquisa pra faculdade, você costuma fazer?
R: Google.

P: Você costuma fazer?
R: Google acadêmico são outras pesquisas que outras faculdades já fizeram e anexam na internet. Lá em cima, no Google, tem a seta MAIS e aí você vê o trabalho que você quer e da área que você quer.

P: E pesquisa pessoal também?
R: Preço, celular, câmera, eu entro pra saber o preço. Antes de comprar eu entro pra saber de preço.

P: Você costuma baixar música, jogar?
R: jogo, não. Música, raramente. Eu tenho bastante no celular, mas escuto de vez em quando, que eu peguei de amigas e baixei.

P: Comparando a importância na tua vida da internet e da TV o que você teria a me dizer?
R: hoje em dia a internet está mais importante que a TV. Eu tenho mais acesso à internet que a TV. Antigamente quem diria isso?

P: E o que a internet te dá mais que a TV?
R: Informação na hora. Você pega a informação que você quer na hora e a televisão é no momento que está passando e na internet se você quer uma informação de 10 anos atrás você procura e vê.

P: E jornal, revista e rádio?
R: não leio nem jornal, nem revista e nem rádio.

P: Você tem uma preocupação de se informar?
R: hoje em dia o que está acontecendo no momento, você consegue saber por software, qualquer coisa está logo na internet. Sempre na faculdade os professores são atualizados e passam.

P: Você não assiste nenhum jornal durante o dia?
R: não.

P: Me fala uma coisa, em relação ao seu ganho, como você divide o que você ganha?

R: Eu recebo R$ 730,00. R$ 330,00 são pra faculdade, R$ 200,00 pra prestação da moto. Sobra R$ 200,00. Pra manutenção da moto e combustível, você coloca aí R$ 100,00. Aí foi.

P: Quer dizer que teu maior investimento no momento é a faculdade?
R: É a faculdade. E se não fosse a moto, eu investiria em outro curso. O mais objetivo agora seria o curso de liderança, que é de um mês.

P: O que você adquiriu que você considera importante nos últimos tempos?
R: A moto, eu posso falar que é minha. É com ela que eu alimento o resto, porque se não fosse ela eu não tinha como pagar a condução pra ir à faculdade. Ela é o foco, isso é uma parte da cadeia.

P: E o que você gostaria de comprar?
R: Carro. Nesse tempo de chuva tá difícil.

P: Mais algum motivo que você gostaria de comprar um carro?
R: Conforto. A moto você vai pra faculdade e você se molha todo. Esses dias aí atrás eu não fui por causa da chuva e de ônibus demora muito. Eu tenho que voltar rápido pra dormir, eu acordo 4 e meia.

P: A importância pra você de ter bens, como é que é?
R: Eu tenho muito pouco, de bens mesmo eu só tenho a moto, eu consegui.

P: Mas não é pela quantidade que tem. Eu quero saber o que significa pra você ter bens?
R: no caso eu acho que é investimento e conforto.

P: É importante pra você?
R: conquistas, eu vou lá e eu posso. Eu trabalhei e suei pra isso.

P: Se eu dissesse assim... Você é aquilo que você compra, você é aquilo que você tem, como é essa frase pra você?
R: Eu concordo. Cada um faz pelo seu. Se é uma pessoa que fica na rua e fica usando droga, ela vive nessa pelo resto da vida. Hoje os bandidos estão aí e vivem nessa vida e ficam nessa miséria. Se eu sou aquilo que eu tenho e que eu compro é porque eu batalhei. Eu sou uma pessoa com futuro e com muitos bens eu sou aquilo que eu tenho, eu sou uma pessoa muito rica então eu sou aquilo que eu tenho. Eu penso nisso.

P: A faculdade é uma coisa que você também compra?
R: Eu compro conhecimento.

P: Você compra mais alguma coisa quando você paga faculdade, quando você faz a faculdade?
R: Compra conhecimento, opções, eu não estou comprando um curso de logística pra atuar nessa área. Eu estou comprando um novo modo de pensar.

P: Como assim?
R: outro modo de pensar. Quando você não estuda, você fica em casa e não tem o pensamento aberto, conhecimento com outras pessoas, você não tem o conhecimento aberto. O Lula não tem conhecimento, então ele tem que viajar e estar lá presente, pra você mostrar isso. É diferente.

P: Então a faculdade abriu o seu pensamento?
R: abre.

P: Mudou você?
R: abriu.

P: Como abriu, você falou que mudou seu modo de pensar, mais alguma coisa?
R: é isso mesmo. Específico isso mesmo. Pensar no que eu posso fazer.

P: É diferente de comprar um carro, uma moto?
R: Na verdade eu estudo pra isso, né? Eu gosto e batalho na faculdade pensando no meu carro e na minha moto. Entre você bater o carro ou a moto eu prefiro ficar com a faculdade, porque o carro bate, eu prefiro largar o carro e continuar estudando.

P: Porque a faculdade vai trazer o bem que você quer?
R: Com certeza. O carro vai estragar, a faculdade também porque eu tenho que fazer especialização e estudando sempre.

P: E quando você entrou você imaginava o que do curso que você ia fazer na faculdade?
R: Como assim?

P: Ele foi o que você imaginava ou no curso você esta tendo descobertas?
R: Descobertas, não é aquela escola de ensino médio. É outro curso, outra coisa.

P: A diferença para o ensino médio é que você mudou?
R: É.

P: É isso?
R: Eu mudei.

P: E essa coisa que você tem de não querer parar nunca, era uma coisa que você tinha como projeto antes de entrar na faculdade?
R: Não só pela faculdade, mas pelos todos cursos. Eu sempre gostei de aprender a mexer em computador, vou aprender a mexer com carro, depois aprender mexer com outra coisa. Eu sempre busco conhecimento.

P: Você sempre gostou?
R: É.

P: Tá certo, você quer deixar algum recado a respeito da tua faculdade?
R: Deixar registrado é que seria ótimo pra todo mundo se todo mundo se empenhasse, pensar não agora, nem na velhice porque a pessoa pode morrer agora. Mas pensar no futuro, planejar o futuro para os filhos. Seria mesmo pensar no futuro. Se todo mundo se especializar não haverá miséria. E também oportunidade, tem, mas tem que batalhar. De dezembro até agosto eu fiquei desempregado, isso em 2008. Eu fui procurar emprego todos os dias. Uma vez eu saí daqui de manhã e cheguei às 6 horas da tarde procurando. O pessoal da faculdade dava um apoio, eu estava na faculdade. Eu trabalhei como motoboy nessa época, desempregado. É sofrimento, mesmo. Eu procurava emprego e não achava, não era falta de procurar, era falta de oportunidade.

P: Você está na área de logística?
R: Sim. Faço inspeção de qualidade. E aí sim eu vou pra logística, enquanto isso eu faço inspeção.

P: E lá tem a ver com a área?
R: tem a ver.

P: Mais alguma coisa?
R: Não e obrigado.

P: Eu que tenho que agradecer.

Entrevistado: ENTREVISTA 9
Curso: Logística
Campus:

P: Daqui a cinco anos, como é que você se vê?

R: Assim, eu pretendo continuar os estudos. Agora eu começo num dilema: não sei se eu faço outro curso, né? Por exemplo, um bacharelado em administração ou se eu faço pós em logística, né? Mas dentro de cinco anos eu já quero estar bem encaminhado financeiramente, socialmente, entendeu? Eu tenho uma perspectiva de vida, uma melhora.

P: E o que seria uma melhora em cinco anos, o que você acha que?
R: Financeira.

P: Financeira.
R: Principalmente financeira.

P: Mas você quer o que, financeiramente falando?
R: Eu quero ter minha casa.

P: Você quer ter a sua casa?
R: Quitada, é o primeiro, é o básico. Depois carro, constituir família, essas coisas.

P: Tá, mas daqui cinco anos você já quer tudo?
R: É, no máximo cinco anos eu já quero ter a minha casa quitada.

P: E a vida afetiva, o que você espera?
R: Bom né? Sou solteiro e não sei falar de vida afetiva, é complicado.

P: Mas o que você imagina, o que você almeja?
R: É, por exemplo, estar casado, é aquilo que eu te falei, estar constituindo família.

P: Estar construindo uma família. E na vida profissional?
R: Assim, terminar a faculdade para dar uma alavancada na minha vida profissional, né? E eu tenho que estudar mais, para tentar alavanca mais ainda, essa é a meta.

P: E na vida cultural, como que você pensa?
R: É a pós-graduação, né? Tudo que agrega, assim porque a única coisa que ninguém leva de você é o seu conhecimento. É a única que você tem que ter: mais nível, o conhecimento.

P: Conhecimento?
R: E em várias áreas, se puder.

P: E você acha que essas conquistas você atribui a quem: a sua família, a faculdade, curso?
R: Família também.

P: A família por quê?
R: Porque, assim, é eu venho de família pobre, humilde e se eu estou aqui hoje é porque eles incentivaram, apoiaram. Eu tive uma base familiar muito boa, oportunidades de sair do eixo não foram poucas, mas graças a minha família eu continuei ali, faço uma faculdade hoje, já é um orgulho para eles.

P: E a faculdade você acha que a faculdade contribui para essas suas conquistas?
R: Com certeza, com certeza.

P: Em que aspecto?
R: Bom, primeiro no aspecto do conhecimento. Aí você fala: “qual conhecimento?” Em tudo porque você vem na faculdade e você aprende não só na aula, você aprende em matéria de vida, você se relaciona assim bem com as pessoas mais velhas, pessoa que têm mais bagagem de vida, você não vem na faculdade para buscar um conhecimento literário, você vem para buscar um conhecimento familiar, é como eu posso dizer.

P: Um conhecimento de vida?
R: Um conhecimento de vida também. Certeza, com certeza. Problemas que você passa tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional muitas pessoas que fazem faculdade já passaram, então, sempre tem uma coisa boa para estar te falando, para falar para mim, um conhecimento

para estar dividindo, entendeu? Aquilo que você absorve, que te agrega, que você já está mais ou menos preparado para poder administrar, tanto da vida profissional, quanto da vida cultural, na vida pessoal.

P: ok. E os seus amigos, qual é o papel dos seus amigos no seu desenvolvimento?
R: Amigos. Amigo é, me deixa ver... amigos, amigo de verdade assim a gente tem pouco. Assim, os poucos que a gente tem, eles contribuem, eles incentivam, eles falam: “olha, não sai, continua, se forma, estuda mais, faz aquilo que eu não fiz, aprenda com os meus erros...”

P: E no trabalho, o ambiente de trabalho sua profissão, o que você acha que contribui para você?
R: Também é mais a vivência né? É mais a experiência, troca de experiências.

P: Você trabalha com o que?
R: Eu trabalho em almoxarifado.

P: Em relação ao papel da faculdade, qual você acha que é o aspecto mais importante? Que papel ela tem na sua vida?
R: Contribui na formação de um cidadão né, tanto no aspecto cultural, que envolve a faculdade como fora também, os professores também enfatizam.

P: Pensando na parte de lazer, no final de semana, o que você costuma fazer?
R: Ah, assim, quando tem um pouco de dinheiro, sobra alguma coisa..daí, eu procuro sair, me divertir.

P: Mas mesmo sem dinheiro, no final de semana você costuma fazer o que?
R: Vou ver uns amigos, antes eu jogava bola, mas agora eu não posso porque eu rompi um ligamento no braço. Qualquer confronto com o braço é bem capaz dele sair do lugar. Daí, vou ver os amigos, jogar bola, vou com os amigos num churrasco, alguma coisa assim, sair para paquerar.

P: Você assiste televisão?
R: Um pouquinho só.

P:Quanto tempo por dia, em média?
R: Minha filha, se eu falar para você que eu ultimamente só assisto o futebol e jornal. Quando tem tempo de assistir o Fantástico, ver algumas notícias do que acontece, sabe assim, tá inteirado.

P: E internet?
R: Internet, sempre.

P: Todo dia?
R: Procuro todo dia tá entrando na internet.

P: Você tem internet onde?
R: Em casa.

P: E no trabalho, você tem acesso?
R: É bem restrito. Eu direciono mais em casa.

P: Na faculdade tem?
R: Na faculdade quando tem algum trabalho atrasado, a gente costuma dar uma lida, mas não procuro para ficar acessando mídia na faculdade, não.

P: Quanto tempo você acha que você acaba ficando na internet?
R: Em média, assim, sábado é bastante tempo porque eu uso para pesquisar, fazer trabalho.

P: Você pesquisa onde, quando você tem que pesquisar alguma coisa?
R: Sr. Google.

P: Google?
R: Não tem como. Bom, na minha área eu costumo ver um pouco sobre os sites de logística, empresas.

P: E no geral, o que você vê? Normalmente, quando você entra na internet o que você vai lá procurar, qual tipo de site?
R: Além do Google, logística, procuro o site do Senac para ver os cursos lá.

P: E-mail, essas coisas você vê?
R: Também.

P: E twitter, orkut?
R: Tenho Orkut, mas eu mal vejo.

P: E blog?Você acessa?
R: Não. É raro.

P: O que você utiliza mais: internet ou TV?
R: Por necessidade hoje internet, mas eu prefiro TV.

P: Você gosta mais de TV?
R: Eu gosto mais de TV.

P: Você lê jornal, revista, ouve rádio?
R: Leio. Leio revista.

P: Qual revista você lê?
R: Tecno Logística, que eu ganho do trabalho.

P: Você lê mais alguma?
R: Hoje não. Eu lia Super Interessante, eu era assinante.

P: E jornal?
R: Jornal de vez em quando eu leio.

P: Qual você lê, quando lê?
R: O Estado.

P: Com qual frequência?
R: Mais ou menos uma vez por semana.

P: Rádio, você ouve?
R: Ouço.

P: Que rádio você ouve?
R: Transamérica, Energia.

P: Você está em qual ano?
R: Tô no terceiro semestre.

P: Você teve alguma descoberta na faculdade? Você acha que você descobriu alguma coisa neste curso?
R: Esse mundo universitário o quanto é interessante, o quanto é bom, se eu soubesse tinha vindo antes, não teria perdido tempo. É um mundo diferente daquilo que eu convivia.

P: O que ele te traz de novo? O mundo universitário?
R: Ah, expectativas, né?

P: Expectativa? Melhorias?

R: É, melhorias.

P: O que significa para você fazer uma faculdade?
R: Ter mais conhecimento, né? Sair da zona de conforto.

P: E para sua família?O que significa você estar na faculdade?
R: Vitória. Vitória.

P: Por quais razões?
R: Oh, a minha família basicamente trabalha em um segmento só, que é lanchonete e padaria. Então, ter alguém saindo, ter alguém na família se formando, ampliando os horizontes, até acaba motivando o que vem depois.

P: A estudar também?
R: É, a estudar.

P:Em relação ao campus, qual local você frequenta dentro da faculdade? O que você costuma fazer?
R: Sala de aula, laboratório, lanchonete.

P: Você usa a biblioteca?
R: Hum. Poderia usar mais, uso pouco. Como eu tenho muito amigo que é formado, trabalha nesta área, que eu acabei fazendo amizade. Entendeu? Então, eles têm muito conteúdo, então eu uso pouco.

P: Fora do seu horário de aula, você usa o espaço da faculdade?
R: Usava quando eu não tinha internet. Agora, como tenho internet em casa, eu concentro tudo em casa.

P: Quando você não tinha você fazia como?
R: Eu ia na faculdade pesquisar.

P: Ia mais cedo?
R: Ia no sábado e ia mais cedo.

P: O que você acha do ambiente, você se sente confortável na faculdade?
R: Sinto. Com certeza.

P: Tem amigos?
R: Tenho. Fiz grandes amigos.

P: Como você conheceu?
R: Aqui mesmo, conversando, se identificando.

P: É o seu grupo principal de amigos, este da faculdade hoje?
R: Sim. É.

P: É o grupo que você mais sai, o principal?
R: Não digo que o grupo que mais sai, porque grande parte é casada. Entendeu? Mas a gente se encontra bastante. Faz churrasco, divertimento.

P:Tem alguma matéria que você não gosta?
R:Eu ainda não peguei nenhuma matéria, por sorte, né? Eu encaro também como obrigação: você ter que fazer os trabalhos da faculdade. Se for o caso até trocar pelo seu lazer, aí se tem que pensar além. Porque tem que fazer, tem que aprender, mais pra frente eu vou precisar, vai me ajudar. Entendeu? Aí você encara como uma obrigação.

P: Como são as aulas? Como os professores passam a matéria?

R:Os professores são bem pacientes e assim, por exemplo, o curso é modulado. Eu vou me basear pelo primeiro semestre, que eu estava há sete anos sem estudar. Você tem que ficar parando toda hora pra perguntar, eles param, explicam tudo direitinho.

P: E a metodologia? O jeito de dar aula? Você gosta?
R: De alguns professores. Tem professores que a gente gosta da matéria, mas o modo no qual ela é aplicada são poucos professores que se sobressaem.

P: Qual você acha que é a melhor forma de dar aula? Aplicar a matéria para você?
R:Tem que ser dinâmico e divertido também. Levar a coisa mais para o lado da diversão. Por que assim, eu li um livro uma vez que o ser humano absorve aquilo que é engraçado ou ridículo. Então, tem alguns professores neste semestre que tentam passar desta forma. Eu conversei com eles (professores) sobre o livro e eles falaram que é assim mesmo. Não fica aquela coisa maçante, é assim, assim, assim.

P: Como você faz para estudar? Quanto tempo você estuda? Onde você estuda?
R: Em casa. Procuro estudar sempre aos sábados na parte da manhã. Todo sábado.

P: Sábado? Como você estuda?
R: Dou uma lida no caderno, até duas ou três horas da tarde.

P: Que horas você começa, mais ou menos?
R: Nove ou dez horas

P: Você gostaria de ter mais tempo para estudar? Falta tempo ou você acha que está bom?
R: No final de semana não falta, não falta! Porque diversão mesmo para poder levar a faculdade a sério. Falta no meio da semana.

P: No meio da semana você acha que te falta tempo?
R: É porque assim: o interessante seria o professor passar uma matéria nova, você já estar ali, lendo. Tendo um pouco mais de tempo, ou no outro dia. Entendeu? Daí, você sai do trabalho, vem estuda, dá um alivio em casa, aí o sono bate. Daí, no outro dia você já tem que fazer outra coisa, já começa a acumular.

P: Já fica cansado?
R: Já. Já acumula. Dá um cansaço. Eu não sou um cara que pega as coisas tão fácil.

P: Não?
R: Depois que eu aprendo tudo bem, mas eu tenho que estudar.

P: A internet para o eu curso, ajuda? Você faz muita coisa pela internet para faculdade?
R: A gente tem uma aula *online*.

P: Tem uma aula *online*? Como é isso?
R: A faculdade nos isentou de aulas às quintas-feiras para você ter tempo de fazer a IAP que é o nome que chama. Minha única critica é que assim, que eu acho que é uma matéria muito complexa.

P: Você acha que é complexa?
R: É, para ser pela internet.

P: Você gosta desta aula *online*?
R: Não.

P: Não gosta?
R: Não.

P: O que você acha que falta? O que você não gosta?

R: Eu acho que ela deveria ser introduzida aos poucos. Pesquisa lá, o professor passa na aula, pesquisa lá. Ah, fizeram aquele tal exercício que eu vi na internet? E dando aos poucos, não pegar lá e falar que tem que fazer aquele negócio.

P: Fica mais difícil?
R: Fica. Fica mais cansativo. Você não tem só um trabalho, você tem que fazer mais esta disciplina da internet.

P: Daí você faz em casa?
R: Faço em casa.

P: Você fala com os professores pela internet, e-mail?
R: Não.

P: Não tem e-mail dos professores?
R: Tem o e-mail da sala que o professor coloca lá, mas eu particularmente não tiro dúvida com professor nenhum por e-mail.

P: Você recebe material ou envia pela internet, como apostila?
R: Eu recebo. Eles me enviam pelo e-mail da classe.

P: O que você acha?
R: Ah. É bacana, mais fácil. Você só imprime.

P: Você imprime ou lê no computador?
R: Eu imprimo.

P:Por quê?
R:Porque assim, geralmente eles pedem para trazer na sala.

P:ok, agora eu gostaria de mudar um pouco de assunto. Como você divide o seu salário?
R: A faculdade é uns 60% ou 70% das minhas contas, hoje.

P: E o resto?
R: Divido entre uma coisa ou outra.

P:Coisa para você ou você ajuda em casa?
R:Ajudo em casa, procuro ajudar com o pouco que tenho.

P:O que mais pesa no seu orçamento hoje?
R:É a faculdade.

P:O que adquiriu de importante nos últimos tempos? O que você comprou de importante? A última coisa grande que você comprou?
R:O computador.

P:Faz quanto tempo?
R:Vai fazer um ano.

P: O que você gostaria de comprar no futuro de importante?
R: Uma casa, um carro.

P: Qual a importância que os bens tem para você? Qual a Importância de ter um computador, uma casa?
R: O computador por causa da comodidade de não ter que ficar gastando dinheiro com Lan House, não ficar dependendo de ninguém.

P: E a casa?
R: A casa é um sonho, acho que o maior de qualquer pessoa. Ter a sua casa. Ter a sua independência. Acho que você começa a conseguir a sua independência quando você tem a

sua casa, mesmo que ela seja alugada, sem falar que traz uma maturidade maior, uma responsabilidade maior, mais neste sentido.

P: Em relação à faculdade, você sente que você compra a educação?
R: Sim, claro.

P: Compra? Como é isso?
R: Você paga para ter aula. Aí, você fala: você pode estudar por você mesmo, mas não é a mesma coisa.

P: Você acha que é igual uma mercadoria, igual ao computador?
R; Essa pergunta é boa, hein! Acho que é uma troca. Você paga o espaço, usa para aprender, não que você compra totalmente o conhecimento. Você usa o espaço, a professora..o resto ...é correr atrás

P: Aí é o conhecimento?
R: Porque assim, não sei se você já fez faculdade, escola te dá no máximo 30%, os outros 70% tem que correr atrás (em relação ao conhecimento)

P: Eu queria saber o que você espera com o eu diploma? O que você pretende?
R: Olha, diploma ajuda no currículo, mas tem que tomar cuidado. Não pode só se limitar a ele. Ele abre outras oportunidades.

P: Você acha que o cara que tem faculdade tem outras oportunidades?
R: Um novo emprego, uma oportunidade melhor. Te dá mais segurança para procurar emprego porque até então, você trabalha para se formar. Depois que você se forma, você tenta coisa melhor. Você fala: “agora eu tô formado, isso não dá para mim.”

P: Você quer continuar estudando? Você tinha me dito lá no começo, né? Você quer fazer outra faculdade?
R: Ou uma pós, mas hoje está mais para uma outra faculdade, como te falei..se eu soubesse...eu teria feito antes, não teria demorado tanto, não teria perdido tanto tempo da minha vida.

P: Sem estudar?
R: Sim.

P: Você acha que o estudo acrescentou bastante coisa na sua vida?
R: Com certeza.

P: ok, valeu, muito obrigada.

Entrevistado: ENTREVISTA 10
Curso: Administração
Campus: Jabaquara

P: Eu queria começar te perguntando como que você se vê daqui a 5 anos ?
R: Estou procurando estudar, espero, com a faculdade que eu estou fazendo, me encontrar no mercado de trabalho, espero trabalhar na área administrativa de alguma empresa privada ou algum órgão público, como funcionário público, ter estabilidade.

P: a sua vida afetiva, você se vê como daqui a 5 anos?
R: Ah, não sei, estou com 20 anos agora, estou pensando na minha família, em melhorar meu futuro pra melhoria da minha família também.

P: Como é essa melhoria da sua família?
R: Eu tendo um serviço melhor, vou poder ajudar mais minha família, vou ajudar meus pais a saírem daqui pra um lugar mais apropriado.

P: E sua vida afetiva, como você acha que vai estar? Namorando, solteiro?
R: É meio complicado conversar sobre isso, espero encontrar alguém. Não sei se vou estar namorando, se não vou estar

P: Quero saber dos seus planos e projetos, você consegue imaginar?
R: Quero estar realizado profissionalmente em primeiro lugar, ter meu dinheiro pra poder ter minha casa, meu carro.

P: Mais alguma coisa você quer comprar?
R: De material, mesmo, eu praticamente tenho tudo que eu quero, menos o meu carro e minha própria casa. Um dia eu espero formar minha família, ter uns dois filhos, ter minha própria casa, voltar a me apaixonar de novo. Estou meio abalado.

P: Por que você está abalado?
R: Problemas pessoais, primeiro eu entrei na faculdade, eu fiquei muito pra baixo, isso influenciou muito no meu relacionamento e acabou terminando. Estou meio abalado porque eu achei que ia dar tudo certo, que a gente ia voltar, mas ficou só pior. A gente namorava há quatro anos, desde que eu tinha 16. Terminou pra valer, entre idas e vindas, terminou pra valer. Ainda não sei, não quero acreditar que pode dar certo de novo.

P: Em termos da sua vida cultural, como você acha que vai estar daqui a cinco anos?
R: Meu desenvolvimento cultural? Deixa eu pensar. Estou pensando em quando terminar minha faculdade de administração, tentar fazer MBA em Gestão Empresarial, mas ainda não tenho muita certeza, porque não sei se administração é a área que eu me encaixo mesmo, mas ao longo dessa caminhada eu vou ver se eu gosto mesmo dessa área ou se eu procuro alguma outra coisa pra mim.

P: Aí você faria outro curso?
R: É. Procuraria outra área.

P: Quais são suas sensações com o seu curso?
R: Eu entrei mais em administração porque não encontrei a área realmente do meu perfil, escolhi administração porque é uma área que tem vários locais que você pode trabalhar, tem mais oportunidades de trabalho, por isso entrei em administração, pra ver se eu gosto da área, se é o certo pra mim.

P: Em termos de vida social, amigos, o que você pensa estar fazendo em cinco anos?
R: Essa parte é bem melhor. Eu estou muito bem de amigos, estou rodeado de pessoas maravilhosas, tanto de amigos quanto de trabalho também, sempre me dei muito bem com as pessoas com quem trabalhei. Daqui a cinco anos quero conhecer pessoas novas, que podem influenciar no meu futuro, tanto na minha carreira profissional e na minha vida pessoal. Tenho um sonho de fazer a minha sociedade e ser sócio dos meus amigos.

P: Em termos de lazer, você pensa em fazer alguma coisa diferente do que você faz hoje?
R: Pretendo viajar bem, se eu conseguir me estabilizar, um trabalho que supra minhas necessidades, pretendo viajar muito. Aproveitar meus finais de semana, minhas férias.

P: E pra onde você pretende ir?
R: Quero conhecer o Nordeste, Fernando de Noronha, as praias da Paraíba, claro que tenho meu sonho de ir pra Europa, quero estudar na Europa, ainda não sei o que, mas quero estudar na Itália, queria muito conhecer lá.

P: Pra você se posicionar, ter seu carro, sua casa, estudar, o que no seu presente pode contribuir pra você conseguir essas coisas? Pensando em família, amigos, faculdade.
R: Esforço mesmo, eu me esforço, procuro me dar bem com as outras pessoas, sou comunicativo, procuro passar o que eu aprendo para as outras pessoas, no meu serviço eu procuro aplicar o que eu aprendo, se isso dá melhoria pra mim, acho que é isso.

P: A família é importante pra isso?

R: A família é a base de tudo, sem a família, não dá pra ir em lugar nenhum, eles também são os que me ajudam a pagar meus estudos, são as pessoas que me ouvem nas melhores e piores horas.

P: E os seus amigos, dão alguma colaboração?
R: Como conselheiros, estão junto comigo em qualquer necessidade, se eu tenho algum problema eles estão do meu lado pra dar um ombro.

P: E a faculdade, qual a importância que tem a faculdade pro seu futuro?
R: Porque hoje em dia a maioria dos lugares costuma pedir nível superior e não tem como você disputar um cargo maior se você não tem nível superior, sem a faculdade, você não consegue encontrar um emprego de grande porte.

P: Você consegue imaginar como seria seu futuro sem a faculdade?
R: Não, tem que ver agora, mas eu acho que se eu for pelos meus esforços, acho que consigo me dar bem, pela minha experiência profissional, acho que conseguiria me dar bem no mercado de trabalho mesmo sem ter o comprovante de nível superior.

P: Sem a faculdade, que profissão que você acabaria tendo?
R: Hoje em dia eu sou office boy, estou querendo uma promoção pra virar auxiliar do departamento que eu estou. Estou me encaixando na empresa. Sem a faculdade, acho que talvez pudesse me encaixar como encarregado de algum departamento lá dentro, pelo meu esforço, não por nível superior.

P: Antes de entrar na faculdade, como foi o processo?
R: Quando eu acabei o colegial, fiquei parado um ano e trabalhando, recebi a proposta do vestibular, isso não estava nos meus planos agora porque eu não estava com um salário que desse pra pagar a faculdade e minhas dívidas, mas apareceu a oportunidade, entrei e deu certo.

P: Foi a primeira coisa que você tentou depois do colegial, você não fez nenhum outro curso?
R: Não.

P: O que significa pra você, pra sua família você estar fazendo uma faculdade?
R: É muito bom, estudar sempre é bom, posso expandir meus conhecimentos.

P: E o que seus pais acham de você fazer a faculdade?
R: Eles estão mais orgulhosos. Eu pretendo com o meu esforço alcançar meu sucesso profissional e a faculdade é o que vai estar ajudando nisso.

P: Você acha que na percepção deles o seu futuro mudou depois que você foi fazer faculdade?
R: Eu entrei agora, primeiro semestre, não teve nenhuma mudança, é mais pro futuro, meus pais pensam assim também.

P: O que te levou a escolher essa faculdade?
R: Ela ser mais próxima de mim.

P: Você entrou esperando o que desse curso, Walter? Quais eram as suas expectativas em relação a esse curso?
R: Quando entrei fiquei pensando se era muito complexo, fiquei bem ansioso, entrei porque eu quero ir. Acho que com a faculdade vou conseguir ganhar estabilidade no mercado de trabalho, entrei mais porque na faculdade você conhece pessoas novas, novas amizades.

P: E no curso, você teve alguma expectativa? O que você pensava que era?
R: Não tenho um conceito formado.

P: Mas está sendo como você esperava?
R: Está bem complexo, mas eu já esperava. Administração é planejamento, organização, já esperava isso, precisa de administração pra você gerenciar uma empresa, eu já esperava isso. Antes de entrar em administração eu já pesquisava pra saber como era a área.

P: E na faculdade, você já fez descobertas, positivas, negativas, coisas que você não tinha imaginado, ou não?
R: É bem diferente do que eu imaginava, eu vi como meu serviço é bagunçado, porque eles explicam bem como administrar uma empresa, a parte de motivação de funcionários eu vejo que é bem diferente uma empresa da outra, é totalmente diferente.

P: E você percebeu que a empresa que você trabalha é bagunçada?
R: Não bagunçada, não é ao pé da letra, tem uma administração diferente, o modelo de administração da empresa não é à risca. Não é o que eu aprendi.

P: Que locais que você frequenta na faculdade?
R: A sala de aula, o pátio, a lanchonete. Fico mais tempo na sala de aula, mesmo.

P: E biblioteca, laboratório de informática?
R: Como eu comecei agora, não procurei outros locais da faculdade, não sou muito chegado em leitura, por isso nunca fui na biblioteca, mas vou ser obrigado a ir lá. Normalmente fico dentro da sala mesmo, na lanchonete.

P: Você tem amigos na faculdade?
R: Tenho, pessoas novas, interessantes que eu conheci agora e pessoas que eu já conhecia, já tinha estudado junto.

P: E você quando você diz interessante, é em que sentido?
R: Pessoas inteligentes, que tem cabeça pensando no futuro, que bate com o que eu espero pra mim. É legal porque você vê que as pessoas têm o mesmo pensamento que você, com o que as pessoas te passam, é positivo, é melhor pra você.

P: Esse grupo de amigos da faculdade é o seu principal grupo de amigos?
R: É, como o que eu estou fazendo no momento é trabalhar e estudar, é o principal grupo mesmo. Pessoas que estão mais próximas.

P: São pessoas com quem você sai, que frequentam a sua casa? O que pra você quer dizer principal grupo de amigos?
R: As pessoas que no momento estão mais presentes, as que eu mais vejo, eu tenho amigos que no momento não estão podendo ficar comigo, mas eu tenho. Mas eles não frequentam minha casa e sair comigo, não.

P: Como são as aulas lá?
R: Depende dos professores, muda muito com os professores, cada um tem seu jeito de explicar, muda muito. Lá na faculdade eles procuram explicar bem, tirar as dúvidas dos alunos, são bons professores.

P: Normalmente como é passada a matéria?
R: Colocada na lousa, tem a apostila que eles enviam por e-mail, ou deixam na Xerox da faculdade, tem livro que eles propõem pra gente pegar na biblioteca pra estudar, ou mesmo o que é dado na aula.

P: E o que você acha desse esquema de ensino?
R: Diferente do colégio, mas acho legal. Eu acho interessante essa parte de aprender mais conversando do que escrever o dia inteiro, acho importante essa parte de debate, te deixa mais apto a conversar com as pessoas.

P: Como você faz pra estudar? Em que horários, onde você estuda?
R: Olha, meu tempo de estudo mesmo é o da faculdade. Eu trabalho o dia inteiro, chega no final de semana é raro eu pegar alguma coisa que estou estudando. Fora a faculdade, faço curso de dança de salão. Estou há um ano e pouco, sou bolsista profissional. Faço na Liberdade, eu adoro.

P: Como que é? Como você se envolveu com dança?

R: Sempre gostei, tem uma prima minha que é assistente de um dos professores da academia e ela me indicou, me incentivou, eu não tinha tempo antes, eu arrumei tempo e me dei bem, me apeguei e acabei ficando, quando eu entrei acabei indo mais pro meu lazer, agora acabou virando uma coisa mais profissional.

P: Você já está dando aula?
R: Depende, eu não tenho certificado pra dar aula, sou mais personal, um aluno paga e eu vou lá dar aula. Faço o dia inteiro. Começa às duas horas e saio de lá 10 horas da noite, tem muitas pessoas, você conhece muitas pessoas novas.

P: Então você acaba estudando na aula, porque no final de semana você se dedica à dança. E quando tem prova, como você faz?
R: Eu procuro estudar no horário de almoço, no tempo que eu tenho quando eu saio do serviço, antes da faculdade, ou tenho que não ir na dança pra pegar o dia pra estudar.

P: E você acha suficiente o tempo que você tem pra estudar, gostaria de ter mais?
R: É um pouco estressante. Fico muito carregado, tem que se esforçar, nada é fácil, tem que se esforçar pra estudar.

P: A internet ajuda no seu curso?
R: Sou viciado em internet, praticamente todos os dias estou na internet. Eu pesquiso todos os meus trabalhos, quando aparece alguma coisa de interessante, que é o que eu estou estudando, eu procuro na internet pra ver além do que estou estudando. É um dos melhores meios de comunicação.

P: O que você faz na internet?
R: Procuro ver e-mails, novas amizades.

P: Onde você procura novas amizades?
R: Orkut, blog, Facebook, Twiter, mais no Orkut.

P: Você consegue imaginar como seria sua vida sem internet?
R: Nossa, seria complicado, como antigamente, mais livro.

P: E os professores, usam a internet?
R: Usam. Eles passam os trabalhos por e-mail, procuram passar os sites pra pesquisa. A matéria eles procuram tirar alguma fonte na internet.

P: E o que você acha desse esquema de passar material pela internet?
R: Eu acho interessante, sempre você vai saber que tem o material que você vai poder pegar, você vai procurar pessoalmente acaba perdendo, agora se está no e-mail você pega quando quiser, achei bom o método.

P: Você prefere livros, apostilas impressas ou conteúdo *online*?
R: Prefiro apostilas mesmo. Costuma ser feita pelos professores, apostila impressa, eles mandam por e-mail, a gente vai lá e imprime.

P: Por que você prefere impressa?
R: Porque é o conteúdo da aula, a gente mesmo vai lá e imprime. É uma coisa pronta. No computador não dá pra carregar. A apostila, pra onde eu vou, eu coloco na mochila, posso ficar lendo, acho mais interessante o impresso.

P: Aula presencial ou *online*? Você tem aula *online*?
R: Tem uma que é uma vídeo aula. Quando a pessoa não pode, não tem como ir na faculdade, eles disponibilizam a vídeo-aula. Tem aula normalmente e eles disponibilizam a aula no site.

P: Qual você prefere, a aula presencial ou vídeo-aula?
R: A aula presencial. Na minha opinião prejudica um pouco porque se você tem alguma dúvida da vídeo-aula você tem que passar a duvida pro professor por e-mail, até ele responder demora um pouco, muitas pessoas perguntando demora pra tirar as dúvidas.

P: E a aula presencial, o que tem de bacana nela?
R: Você está ali conversando com o professor, se tiver alguma dúvida, já tira. Melhor o método antigo.

P: No seu tempo de lazer, o que você costuma fazer?
R: Dançar, sair com amigos, adorava jogar bola, mas não estou tendo tempo. Sair de balada com os amigos, só.

P: Você costuma sair todo final de semana?
R: A maioria.

P: E a dança também todo final de semana.
R: Todo final de semana, até feriado às vezes, hoje eu vou pra academia pra festa de fim de ano.

P: Quanto tempo você costuma ficar por dia na internet?
R: Umas quatro horas por dia, quando chego da faculdade, em torno de dez horas. Costumo ficar das 10 até 2 da manhã.

P: Visitando site de relacionamento, Facebook, Orkut e fazendo pesquisa da faculdade?
R: Tudo isso, no mesmo dia.

P: E de final de semana, quanto tempo você costuma ficar?
R: Quando não tenho nada pra fazer, das duas da tarde até as sete da noite. Quando não tenho nada pra fazer fora de casa eu fico na internet.

P: E a TV?
R: Televisão pra falar a verdade não tenho tido tempo, não, só pra videogame. Ultimamente não tenho assistido nenhum programa, só durante a semana, venho almoçar em casa e acabo assistindo algum programa de esporte, meia hora. À noite eu fico mais na internet, de final de semana, também internet.

P: E jornal, revista e radio?
R: Jornal às vezes no meu serviço, algum órgão público que eu vou, pego um jornal e vou lendo. Revista não vejo, rádio também não costumo ouvir.

P: Como é você como consumidor, você gosta de comprar?
R: Coisas materiais tenho tudo que quero ter, costumo comprar mais roupa, camiseta. Não tenho comprado muito agora. O dinheiro não está dando, mas eu gosto, é bom ter coisas novas.

P: Você gasta seu salário basicamente com que?
R: Faculdade, alguma necessidade dentro de casa, uma parte pra sair.

P: A maior parte do salário vai pra que?
R: Pro pagamento da faculdade, é um pouco difícil, mas se é pro meu futuro, eu sei que vai ter retorno, então fico tranquilo com isso.

P: Tem alguma coisa de maior valor que você adquiriu nos últimos tempos?
R: Não, de maior valor não.

P: O que você gostaria de comprar?
R: Se eu tivesse dinheiro compraria um carro, um básico que tenha quatro rodas, um Gol. Acho legal, eu gosto dele, o Gol novo. É um carro simples. Se fosse pra ter um sonho de consumo, teria um Stilo, completo. Rodas, teto solar, som.

P: Obter bens, ter coisas, é importante pra você?
R: Eu acho. Se você quer mesmo ter, não pode passar vontade, poder suprir suas necessidades, ter tudo que você quer.

P: E quando você diz que tem tudo que quer, do que você está falando?
R: Do meu vídeo game, da minha bicicleta. O computador, tenho tudo na minha casa, geladeira, televisão, não me falta nada.

P: A sua faculdade é um bem de consumo, como você vê sua faculdade?
R: É um bem, mais uma coisa que eu estou pagando.

P: E você conseguiria me dizer que diferença tem a faculdade em relação a um outro bem seu, por exemplo, seu computador, sua bike. É mais ou menos a mesma coisa ou tem diferença?
R: É muito diferente, a faculdade é o estudo que vai ser o meu futuro, minha bicicleta, o computador, não. Não vão me fazer falta. Pelo menos no momento, não. A faculdade vai fazer parte do meu futuro, é o meu melhor bem.

P: É uma coisa que você acredita que poderá mudar a sua vida?
R: Poderá não, vai mudar a minha vida.

P: Você percebe que alguma coisa em você já mudou depois que você entrou?
R: Estou me sentindo mais maduro, estou aprendendo as coisas mais a fundo, aprendendo coisas novas, que me deixam mais satisfeito.

P: O seu pensamento, sua maneira de ser mudou alguma coisa depois que você entrou na faculdade?
R: Nada é tão fácil, as coisas são mais complicadas.

P: E você perceber que as coisas são mais complicadas, o que fez você sentir?
R: Que eu tenho que me esforçar mais ainda. É complicado.

P: Te deu a certeza de que você tem que lutar muito, mas isso ficou uma coisa pesada ou você está animado?
R: Me deixa animado, você sabe que vai lutar, mas isso vai ser melhor pra você, não tem porque ficar abalado, é uma coisa complexa, mas vai te deixar mais animado porque você sabe que é seu futuro, sua melhoria pra você e sua família, você tem que lutar a cada dia pra sua melhoria. Se você quer seu objetivo, tem que estudar, manter seus objetivos, estudar, não deixar nada pra depois. O seu futuro começa sempre do agora, do presente, se você quer ser alguém, tem que começar agora.

P: Obrigada.